



JULIEN DE LUCCA

*Ahimnat*

OS AMORES DA MORTE

 GUTENBERG

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

JULIEN DE LUCCA

# Ahmnat

OS AMORES DA MORTE



GUTENBERG

*Dedicado a todos aqueles que alimentaram minha paixão por  
contar histórias.  
Agradecimentos especiais a Geisa Rodrigues Guimarães, Luzileine  
Tremura  
e Rafael Campos*



# PRÓLOGO



– *Você deve imaginar que eu tive, realmente,* uma vida perturbada, envolta em caos, sofrimento e tristeza. Sem contar aquela criança que eu carregava comigo. E aquele outro menino sobrenatural, que aparecia aleatoriamente em meus sonhos e, por vezes seguidas, em algum lugar por onde eu andava. Uma figura dócil, fantasmagórica e também assustadora. Meu coração palpitava e parecia parar quando eu o via. Entrava em breves crises de desespero ao conscientemente ler seus lábios formando a palavra “mãe”. As lágrimas já deslizavam de meus olhos quando sua imagem se embaralhava novamente na multidão. Eu não aguentava mais. Era muita angústia para uma pessoa só.

– Entendo. Mas eu achei que essas imagens, essas assombrações do garoto, somente haviam começado depois de você ter tomado seu caminho – completou o rapaz.

– Não. As imagens, ou representações ou o que quer que fossem as aparições da criança, começaram logo após aquela tentativa frustrada de uma desgraça carnal na fonte, pelos soldados, como lhe falei. Foi naquela mesma noite, ou melhor, logo no início da madrugada, que recebi aquela visita. Lembro-me bem das planícies verde e rosa ao redor de meu lar tornando-se sombrias e opacas. Foi aquela visita que fez de mim o que sou hoje.

– Acho que você ainda não me contou sobre essa visita. Era o Diabo, Deus? Desculpe, me expressei mal. Não quero dizer que Deus é um, ou o próprio, Diabo, quero saber se essa visita era Deus ou o Diabo. Meu conhecimento sobre religião foi jogado pela janela quando conheci você – disse ele sorrindo, antes de continuar. – Quem a visitou, afinal? Acho que você não chegou nessa parte. Na verdade, semana passada mal começamos a conversar sobre isso.

– Não falei sobre a visita? Perdoe-me, querido. Talvez seja porque eu tenha isso tão vivo em minha mente, que me parece que todos já sabem. Pode também ter sido porque fico extasiada quando consigo vir visitá-lo com tempo, e da última vez realmente tive de

interromper o encontro subitamente. Recebi um chamado que não pude ignorar.

– Não tem problema, – disse o rapaz, fazendo um gesto para que continuasse. Ajeitou os cabelos caídos sobre a testa, cruzando as pernas – prefiro que conte quando puder.

– Hoje eu posso. Só achei que já tivesse contado essa parte. E devo confessar que, mesmo que esteja marcado a ferro em minha alma, não me lembro mais de tantos detalhes assim. Faz muito tempo – disse ela, perdendo-se por um momento em memórias distantes.

– Imagino. Afinal, como você disse, foi o que a tornou o que você é hoje.

– Parece-me que todos já sabem essa história... É estranho saber que posso tocar todas as vidas, mesmo sendo hoje o antônimo do que se conhece por vida em si – ela chacoalhou a cabeça e piscou os olhos, dirigindo-se a ele novamente. – Mas, voltando ao assunto, a visita que recebi era uma personificação de um poder maior, uma criatura que se dizia emissário de algo divino. Não sei ao certo se realmente esse ser serve ao Diabo ou a Deus mesmo. Nem nunca soube. Posso dizer apenas que sempre o chamei, naquele tempo e até hoje, de Maldito.

– Maldito?





O MALDITO

Ela tinha um rosto tão lindo! A pele suave e quase perfeita. Meu desejo era ficar com ela, todo o tempo. Em seus braços sentir aquele calor que se sente por alguém que o protege, como se envolvida por uma muralha macia. Ela me olhava com seus cintilantes olhos azuis como se quisesse me hipnotizar. Não sei se a intenção era essa, mas conseguia. E eu, paralisada e sorrindo, retribuía o olhar, extasiada com a força gentil a qual ela impunha sobre mim. Eu podia me espreguiçar e chorar e me mexer, mas não tirava os olhos dela. Adorava brincar com suas mechas negras, que escorriam por seus ombros finos, emaranhando minhas mãos nelas e puxando-a para perto de mim. Nem quando vinha o sono mais profundo eu conseguia empurrar a imagem daquele rosto perfeito para muito longe.

Ah! E seu leite. Era a própria força vital dos deuses – de todos eles – em forma fluida. Um líquido tão extasiante para mim, vindo de seu próprio corpo. Eu bebia de seu corpo! Esse pensamento me encantava.

Com o passar dos meses, eu a via com mais clareza, sempre pronta para mim. Sempre pronta a atender cada desejo meu. Pronta a atender meu chamado de lágrimas, gritos ou o que quer que eles fossem. E ela me trazia bonecas de pano e doces. E me vestia com os panos brancos de linho característicos de minha região. Eu era sua discípula mais querida, e ela, minha deusa.

Com o tempo, minhas cordas vocais foram ficando mais resistentes e coordenadas. Então eu pude, finalmente, pronunciar minha primeira palavra: Mãe.

Sorri com ela.

Apesar de existirem outras poucas pessoas em minha vida infantil, a única que me chamava a atenção era minha mãe. Era como se o que eu sentisse por ela fosse uma espécie de atração tão forte, que chegava a ser física.

Muito criança ainda, ela me sentava na janela de nosso lar, à beira da cidade, e contava flores para mim. Nosso lar era próximo a uma imensa paisagem verde, próximo à margem leste do Nilo, toda

florida de rosa e prata, como se algum dos deuses tivesse feito aquilo tudo só para nós. O brilho do céu se refletia nos olhos dela, e neles eu via meu rosto sorrindo. Da janela ela me mostrava os soldados do faraó, bronzeados, elegantes e armados, sempre prontos para defender seu povo, reluzindo em dourado sob o sol do Egito. Marchando, elegantes e honrados. Assim eu pensava.

Tive uma infância boa, não posso dizer o contrário. Muitos risos e vagas memórias confortáveis. Infelizmente os acontecimentos dos anos seguintes macularam essas imagens, tornando-as em um borrão triste que prefiro esquecer.

Quando completei meus dez anos, passei a compreender que as pessoas diziam – nunca na minha frente, claro – que eu era muito mimada. Minha mãe sempre discordava e, para não me deixar chateada, mimava-me ainda mais.

Em nosso lar vivíamos eu, minha mãe e dois irmãos mais velhos, que trabalhavam o dia inteiro nos campos do faraó para trazer comida para nós, tal como minha mãe dizia que havia feito meu pai até o dia de sua morte. Uma doença, minha mãe esquivava-se. Seu pai faleceu por uma doença.

Mas, no início de minha adolescência, quando comecei a dar minhas voltas sozinha pela cidade, passei a ouvir boatos sobre meu pai ter fugido com outra mulher, esposa de uma figura importante da realeza. E, condenado por esse ato, teria sido morto perante o sacerdote, assim abandonando minha mãe e deixando-a grávida de mim. Eram minha mãe e seus dois outros filhos relegados à própria sorte.

Nunca confirmei tais boatos. Para falar a verdade, nunca me interessei em procurar saber exatamente o que aconteceu, sempre acatei o que minha mãe falava e deixava de lado o rumor difuso que ecoava pela cidade. Apenas estou comentando do jeito que me lembro. Inclusive a noite em que voltei para o lar e perguntei a ela sobre esses boatos:

- Querida, minha mãe, como foi mesmo que perdi meu pai?
- Eu já lhe disse, minha adorada. Você sabe como foi.

– Não exatamente. A senhora apenas diz que uma doença o levou. Que doença foi essa? Que chaga tão horrível caiu sobre meu pai? E por que os bravos soldados não fizeram nada? As pessoas da cidade comentam coisas sobre ele. Comentam que ele...

Minha mãe me olhou triste, e eu juro ter visto seus deliciosos olhos azuis encherem-se de lágrimas. Ela me pediu que sentasse a seu lado, e assim o fiz. Subi na cama e pousei a cabeça sobre seu colo. Seus olhos admiravam o vazio quando se dispôs a falar.

– Filha, existem dentro de nós doenças inerentes, que despontam com o tempo. A pior e mais traiçoeira delas é o amor, e suas sequelas.

– Mas o amor não é bom? Eu a amo, minha querida mãe, e a senhora me ama também. O amor traz conforto e paz e vontade de viver.

– Você tem razão, minha filha. Mas me diga: você gostaria que eu dividisse meu amor por você com seus irmãos?

Meus irmãos, naquele tempo, já eram homens e trabalhavam, como já disse. Haviam até sido promovidos a soldados do faraó recentemente. No entanto, por diversas vezes, eu os via e ouvia brigar com minha mãe. Eles diziam que ela não tinha capacidade de fazer nada além de se trancar no lar e fazer filhos. Eles a xingavam de nomes que prefiro não recordar e jogavam algumas moedas sobre a mesa para que comprasse alimento para ela e para mim. Depois, voltavam apenas em horas da noite alta, quando eu já estava dormindo. Não gostavam de minha mãe. Nem de mim.

– É claro que não! Mesmo porque eles não merecem a grandiosidade de seu amor.

– Pois bem, minha filha. O amor é o sentimento mais egoísta que existe, como você pode perceber. Por amor, as pessoas fazem coisas que as tornam felizes e complacentes, entretanto também fazem coisas que podem deixar outras tristes e deprimidas, como seu pai me deixou. Sim, os boatos que você ouve na vila são reais. Seu pai me deixou por outra mulher. Ele me amou em algumas noites, e nós então desposamos. Eu era jovem e ingênua. Dois meses após nossa união, tão inesperadamente quanto quando me encontrou, fiquei

grávida de você. Dias mais tarde, quando achei que fôssemos ser uma família feliz novamente, eu soube que ele havia sido condenado à morte pelo sacerdote, por ter cometido a infração da desonra.

– Desonra?

– É quando um homem desposado possui a mulher de outro homem.

– Mas e meus irmãos? Achei que eles...

– Não, não são filhos de seu pai. Mantive um relacionamento com outro homem por cerca de quatro anos. Dessa união vieram seus irmãos. Esse homem morreu misteriosamente, pouco antes de eu conhecer seu pai. Por causa disso, seus irmãos me tratam assim. Eles e o povo da região me acusam de ter envenenado o homem para viver com seu pai. E me chamam de nomes perversos por ele ter desaparecido também. Mas, apesar de eu ter pensado em acabar com minha vida por vezes seguidas, eu penso em você. E continuo meu árduo caminho.

– Mas como vou eu saber então, querida mãe, quando devo me apaixonar por alguém? As outras mulheres dizem que eu...

– Esqueça o que elas dizem. Você não precisa de amigas nesta região. E, quanto a se apaixonar, você não saberá, amada filha. Como lhe falei, o amor é uma doença que já existe em você. Existe em todos nós. Quando chegar a hora, ele acontecerá, e você não terá como impedi-lo. É como a morte. Está em todos nós. Quando chegada a hora, ela acontece, fria e inevitável.

Aquelas palavras foram guardadas em um templo sagrado dentro de mim, junto ao medo pavoroso de ser envenenada pelo tal amor. Mas por saber que, de uma família infeliz, eu era a pessoa verdadeiramente amada e querida, não me choquei. Não me importava saber que meus irmãos não eram exatamente meus irmãos e que meu pai nada mais era que um andarilho; que minha amada mãe era recebida com asco pelos habitantes locais. Isso seria traumatizante para qualquer garota, mas não para mim. Eu tinha meu lar. Eu tinha minha adorada mãe e tinha toda minha vida junto a ela pela frente! Bastou-me sorrir e beijar-lhe a fronte para encerrarmos a discussão.

Infelizmente as coisas pioraram bastante.

Os anos subsequentes foram, cada vez mais, levando minha amada mãe à loucura. Não fosse meu amor por ela e o dela por mim, acho que a teria perdido antes mesmo de minha maioridade. Foi quando a vida mudou. Foi quando eles vieram. Foi quando ele veio.

Aos vinte anos, mesmo sendo já uma mulher formada, a única pessoa pela qual eu sentia algum afeto, carinho e amor, continuava sendo minha mãe. Na cidade, sempre movimentada de dia, sempre calada à noite, ninguém me queria por perto. A filha da mulher macabra, me chamavam. Por isso ser culpa de minha mãe, e por amá-la, passei a não gostar de ninguém. Fui chamada de nomes horríveis e de mulher de vários soldados, filha de escória. Os homens se aproximavam de mim por pensarem que eu lhes daria meu corpo facilmente. Bolinavam-me e faziam elogios vulgares. Passei a odiar os homens. A repugnar as mulheres.

Houve então uma noite, a mais fria do ano, quando, deitada ao lado de minha mãe, ouvi o baque surdo da porta. Estávamos abraçadas na cama, entrelaçadas com afeto, como se o mundo lá fora fosse somente um lugar lúgubre e estranho cercado nossa ilha de felicidade. Deixei-a dormindo. Esgueirei-me para fora do quarto. Trajando somente um vestido fino de linho, fui, em passos suaves, em direção à porta. Ouvi o barulho de soldados, então me prontifiquei a abrir, temendo que algo grave tivesse acontecido.

Eram, sim, soldados! Meu irmão, o mais velho, cambaleava, bêbado como um porco e cercado por dois de seus amigos mais deploráveis. Ele me agarrou pelo braço, sem dizer uma palavra, e tampou-me a boca, usando seus métodos de luta. Um suspiro rápido foi tudo o que consegui pronunciar. Puxou-me para fora num tranco, com o qual achei que me arrancaria o braço. Seus amigos seguraram minhas pernas, firmemente, com a força de feras famintas. Arrastaram-me pelas ruas escuras, apertando-me com mais força conforme eu me debatia, tentando me livrar das garras agressoras. Sentia seus braços duros me machucando, suas mãos

ásperas arranhando minha pele morena e tocando minhas partes íntimas sem pudor algum.

Risadas baixas, contidas pelo vento noturno, uivando e dançando por entre as ruas. Tentava me soltar e gritar, mas não havia meios. O esforço feminino era inútil contra os fortes soldados do faraó. Eu vou provar para vocês que tenho a coragem! Ela não é minha irmã mesmo!, murmurou sádico meu irmão, passando-me para os braços dos outros homens. Seus punhos cerrados ao redor de meus pulsos e tornozelos eram como grilhões de ferro em brasa.

Chegamos à Fonte de Osíris, que jorrava uma água límpida e fria, em uma diminuta praça circular, na periferia da cidade. O barulho da água jorrando abafava meus gritos roucos. Eu não conseguia mais me mexer, e em pouco tempo, nem gritar. Atingi a exaustão. Senti então meu vestido rasgar. Meus músculos desfaleceram quando entendi o que estava se passando. Meu irmão apostara com os amigos que teria coragem de me violentar. De penetrar-me como fazia com as mulheres da rua, com as escravas do albergue. Afastaram minhas pernas, enquanto meu irmão se despiu de sua saia branca e sua armadura inferior. Eu sentia as gotas de suor dos homens pingarem em meu corpo imaculado como um ácido fétido. Eles apalpavam minha carne e murmuravam promiscuidades sobre mim. O cheiro deles era forte e repelente. Eles cuspiam em mim enquanto tocavam cada centímetro do que um dia fora uma menina inocente.

Eu não me debatia mais. Era inútil. Tentei me distrair com o reflexo da luz da lua na água cristalina da fonte ao ser forçadamente dobrada de braços sobre a mureta. Sentia meus olhos encharcando-se de lágrimas conforme a água respingava em todos nós. Chorava sem produzir som algum, intumescida pela repulsa àquele ato vil. Virei o rosto e desisti da fonte, apertando os olhos, tentando me livrar da angústia com a imagem de minha mãe. Mas a única coisa que pensava era no desejo profundo de que eles não existissem. Que aquilo fosse somente um pesadelo irreal. Os homens me beijavam o rosto e arranhavam meus seios, lambendo a pele de minhas costas como se fosse uma regalia barata. Eu queria que eles

fossem embora. Meu irmão mordida e lambia furiosamente minha intimidade. Eu queria que eles morressem. Os três me batiam de vez em quando, querendo me ouvir gemer de dor. E eu apenas desejava que eles morressem.

Meu irmão agarrou minha cintura, expelindo um uivo vitorioso pela boca ao encostar sua intimidade onde bem almejava. Ao movimentar-se com força, tentando me invadir, escutei um forte estalo, como se algo sólido tivesse sido partido ao meio, em um só golpe. Como se um tronco de carvalho se dobrasse em um ângulo não compatível com sua integridade. Abri os olhos, assustada com o barulho, girando o corpo ainda a tempo de vê-lo à minha frente, envergando furiosamente para trás de forma grotesca e inumana. Parecia que sua coluna havia se partido violentamente. Lembro-me perfeitamente de seu rosto espantado, olhos esbugalhados e boquiaberto, soltando apenas um breve gemido de dor. Os outros homens, de tão bêbados, não entenderam e riram ao vê-lo cair para trás, retorcido. Diziam que sabiam que ele não conseguiria. Um deles, aproveitando-se da situação, jogou-se sobre mim, fazendo com que minha nuca fosse de encontro à pedra rígida. Agora é minha vez! No entanto, ele foi deliberadamente arremessado para trás, por uma força invisível e poderosa. Os deuses estão me ajudando! Era a força de meu amado Osíris protegendo minha carne imaculada! Eu não me mexi e acho que cheguei a sorrir. Virei o rosto para a lua e tentei ver o reflexo de minha mãe nela. Agradei a ela por ter rezado por mim. Agradei a Osíris por me proteger, a Amon-Rá por iluminar meu caminho na noite escura.

Outro barulho horrível! Surdo e doloroso. O mesmo soldado que havia se aventurado sobre mim teve o pescoço quebrado de maneira selvagem e sóbria, torcido para o lado. Seu sangue quente e alcoolizado banhou meu corpo – hoje eu descreveria tal cena como um batismo macabro. O último homem, em pânico instantâneo ao entender os acontecimentos a seu redor, tentou correr, desesperado. Não conseguiu alcançar vinte metros quando suas pernas ergueram-se velozes do chão, fazendo seu corpo rodopiar e sua cabeça se

espatifar na rocha do solo. Um brinquedo de pano nas mãos de um artista cruel.

Reinou o silêncio. Mesmo o barulho da água corrente da fonte parecia abafado e longínquo. Larguei meu corpo, sem forças, deitei-me no chão e fechei os olhos, esperando a permissão dos deuses para me levantar. Talvez esperasse ser erguida gentilmente pela força invisível, envolta em seus braços imortais e protetores. Mas não foi isso o que aconteceu.

– Abra seus olhos, jovem mulher – ouvi uma voz muito grave, forte e vibrante. Um som metálico e retumbante a ecoar no fundo de minha mente. Abri meus olhos. Uma figura alta, alada, se punha de pé à minha frente. Apenas uma silhueta marcante, estendendo-se gigantesca frente ao círculo brilhante da lua, fitando-me com seus olhos de fogo branco. Parecia um ser feito de sombras, enrolado em uma veste de névoa negra. Pousou silencioso na minha frente.

– Você está livre para ir. Eles não mais a incomodarão. Nunca mais.

Sem mover um músculo e engolindo parte de minhas lágrimas, tentei em vão enxergá-lo melhor. Aquela figura sombria incomodava meus sentidos de uma forma que não conseguia descrever. Fui acometida por uma sensação de perigo. Aquilo não fazia sentido. Onde está Osíris? Seria uma personificação encarnada? Seria...

– Não... não sou personificação desses seus deuses – interveio a criatura. – Não sou um deles. Eu sou único. Ah! Você quer saber meu nome, não quer? Eu sinto suas vontades. Eu sinto seu ódio pelo mundo. Homens e mulheres são apenas empecilhos para sua sórdida vida feliz; em seu teatro frágil com sua mãe. Pois bem, meu nome não é importante, chame-me como quiser. Saiba apenas que meu labor é deixar o mundo como ele é, realizando a vontade superior. E tenho acompanhado sua existência, garota. Sua importante existência. Portanto, agora cobrarei o preço de sua castidade e de sua vida.

– O que você quer? – perguntei friamente, quase desmaiando de medo. – Se você quer minha castidade ou o que resta de amor no

meu coração, então me mate, pois de mim só terá ódio e asco, criatura maldita.

Ele riu. Gargalhou à noite como um lobo feroz. Porém não pude ouvir sua voz ecoar entre as paredes das estreitas ruas que levavam à praça. Era como se ele estivesse rindo só para mim. Ou de mim.

– Você irá morrer a seu tempo. Por enquanto, meu preço é o seu ventre. Necessito de uma mulher casta e de coração vazio como o seu para criar uma criança pura – disse ele, movendo-se sob a capa de sombras. Não conseguia fixar meus olhos nele, e aquela sensação de incerteza me incomodava muito.

– Meu coração não é vazio! – respondi revoltada, sem também ouvir o eco de minha voz, como se estivéssemos dentro de uma bolha ou de uma caverna apertada de onde nenhum som saísse. – Ele transborda de amor por minha mãe, minha amada mãe.

– Sim, você a ama. Por hora você a ama. Mas eu li as páginas que Destino escreveu para ela. Por isso considero você perfeita. Você possui o amor mais puro e será o medo mais pertinente perante o mundo.

Eu ia perguntar-lhe irada quem ele era, se era servo de Amon ou Osíris ou de quem quer que fosse, procurando uma razão lógica para tudo aquilo, mas ele se antecipou:

– Eu!? Eu sou um ser superior. Sirvo aquele que dita soberano. Necessito de você. Destino já escreveu que será a mãe de um filho. Não há como desviar de seu caminho.

– O que você está dizendo? – perguntei aflita, sentindo meu queixo tremer, anunciando a vontade louca de chorar. – Não quero nada disso! Deixe-me em paz! Saia daqui! Deixe-me em paz!

Apertei os olhos e gritei para que fosse embora. O silêncio noturno veio uma vez mais, e percebi que ele não mais estava ali. Aquele ser maldito não mais me importunava com suas ameaças e seus avisos sombrios. Ergui com dificuldade meu corpo dolorido e corri para casa. Corri para minha mãe.

Não contei nada a ela. Joguei fora o que havia sobrado de minhas vestes; ainda estava muito perturbada com os fatos daquela noite, com as imagens aterrorizantes que dominavam minha mente. Lavei

como pude as manchas e marcas resultantes daquele encontro bizarro e voltei para dentro de casa. Mantendo-me calada, aprisionando o pânico em meu peito e escondendo novamente meus sentimentos do mundo, deitei-me nua, fingindo que tremia por causa do frio. Minha amada mãe me abraçou e balbuciou sonolenta algo sobre eu estar gélida. Não respondi. Dormimos abraçadas.

No dia seguinte veio a notícia da qual eu já tinha ciência. A versão que as pessoas davam sobre a minha tragédia era que havia acontecido um ataque brutal. *Provavelmente por causa do dinheiro ou do poder*, diziam eles. O faraó organizou uma busca severa para achar o culpado do ataque. Inocentes sucumbiram a mortes dolorosas, horríveis, para acalmar o povo e conter a ira daqueles que governavam a cidade, enquanto eu permaneci calada. Sem remorso pelas mortes inocentes, pois elas protegiam minha mãe de um fardo insuportável.

Entretanto, dentro de meu lar, minha adorada caiu em profunda depressão, pondo-se a chorar e a sofrer por dias seguidos. Apesar de ser infinitamente torturante vê-la naquele estado, nem assim tive coragem de contar-lhe o que havia realmente acontecido. Eu não tinha esse direito. Sentia-me culpada, de certa forma. Afinal, eu desejei que eles morressem. *Eu desejei! Eu desejei que eles morressem!*

O tempo parecia ter sido estendido a uma eternidade. Meu outro irmão, passando por tudo aquilo, tomou consciência de seus atos rudes e começou a cuidar de nós. Digo, cuidar de minha mãe. Passou a pelo menos respeitar minha mãe. A tratá-la como se trata uma mãe. Conseguiu a permissão para deixar a perigosa vida de soldado, e passou a ficar mais tempo junto a nós.

Tornamo-nos uma família feliz, então? Não. Minha mãe voltou a amar meu irmão como um filho que retorna depois de uma longa jornada, e agora, como o único filho homem. Ele trabalhava em dobro, de volta aos campos, para nos alimentar; e todos sentiram pena dele. Pena daquele infeliz homem que perdera um irmão e agora trabalhava para sustentar sua família sofrida. Dó. Ele conquistou a todos com dó. Não por atos bravos e corajosos, mas

por pena! *Que tipo de ser humano se faz feliz espalhando um sentimento assim?* Que tipo de homem ele era? Tive raiva dele. Ele havia roubado o completo amor de minha mãe! *Ele roubou meus cintilantes olhos azuis!*

Para piorar ainda mais a situação, como eu já deveria esperar, inexplicavelmente fiquei grávida. Mesmo negligenciando os fortes enjoos, as alterações de humor e o exponencial aumento da sensibilidade, minha nova condição tornou-se óbvia com as incontestáveis mudanças em meu corpo. Não havia mais como esconder a barriga aparente nem de mim mesma. Quatro meses após minha desgraça na fonte, tive plena certeza de que carregava dentro de mim a cria sobrenatural daquele monstro de sombras.

E minha mãe também soube. Não havia meios de esconder.

Era uma noite muito escura, com ventos gelados deslizando pelos campos e pelas frestas. Estávamos todos perto de uma fonte de calor, vendo a madeira queimar, quando, sem dizer nada, retirei o manto que me envolvia e mostrei a eles. Meu irmão, enrolado em outro manto, baixou a cabeça e pôs a mão no rosto, murmurando palavras de desgosto. Minha mãe me olhou assustada. Seus olhos tornaram-se tão opacos, perderam o brilho! Não mais cintilavam. Ela me perguntou quem era o pai. Eu não pude dizer que fora "contaminada por um ser maldito". Então, achando que fazia a coisa certa, eu disse: *Osíris*.

E ela me bateu.

Até hoje escuto o som de sua palma estalando em meu rosto. Ela me xingou ainda enquanto eu caía no chão, esparramando meu corpo no assoalho, vertendo lágrimas repentinas e gritando de imediato para que ela parasse, implorando perdão. Seus olhos estavam vermelhos, irritados, e vê-la naquele estado foi minha penitência maior. Eu acabara de ferir a única pessoa que um dia chegou a me amar. Ela abriu a porta e saiu ao relento, a correr pelos campos e embrenhar-se nas ruas de pedra ao longe. Senti-me como se acabasse de arremessar contra a parede um cálice da bebida mais cara.

Meu irmão se levantou, falando comigo em voz alta, autoritária, como se ainda fosse um soldado de renome e acusasse um desertor:

– Era só o que nos faltava. Eu trabalho o dia todo e mal consigo alimentar três bocas! Agora terei de alimentar quatro! Sua falta de responsabilidade e sua falta de amor com sua mãe me enjoam! Você não gosta de ninguém! Você n...

– Cale-se! – gritei, ainda largada no chão, aos prantos, voltando-me para ele. – Você passou sua vida me repugnando e humilhando minha mãe! Só porque seu irmão pestilento se partiu em dois você começou a trabalhar e levar uma vida decente! Sabe o que é isso? Sabe que sentimento é esse? Medo, desgraçado! Medo! Você não passa de um covarde cheio de culpa que teve medo de continuar a levar a vida como queria! Queria ver se você não pudesse andar! Queria ver você ter de implorar por comida! Iria rastejar o resto da vida como o verme que você é! Você merece sofrer!

Ele jogou para o lado o cobertor que esquentava seus ombros, tomado pela raiva. O ódio dele por mim fluía em suas veias a ponto de perder a razão e investir contra mim. Ele veio rápido, de punhos fechados, rosnando. Levantei-me também, assustada com a selvageria com a qual ele vinha para cima de meu corpo. Dei com as costas na parede, acuada, e, quando ele chegou bem perto, olhei fundo em seus olhos, além da camada de raiva, além do ódio, e suspirei:

– Sofra...

Imediatamente ouvi a gargalhada do Maldito. Meu irmão foi arremessado para trás, dando com as costas na beirada de tijolos da parede. O som foi horrível. A mistura da gargalhada insana do Maldito com os gemidos secos de meu irmão em profunda dor traziam a mim uma nova sensação. Algo como felicidade, agonia e desespero mesclados em um sentimento. Vingança, talvez? Orgulho cruel ou prazer doentio. A risada continuava. Meu irmão virou-se de lado, lacrimejando, gemendo e rastejando, tentando apalpar as costas para aplacar a dor pontiaguda. Seu sangue escorria corrente e lavava o chão de nosso lar. E de minha alma. A risada cessou. Os espasmos dele não.

Assisti a cada minuto de seu sofrimento, chocada pelo fato de sentir algum prazer em vê-lo estremecer em espasmos intermitentes. Deslizei as costas pela parede e sentei-me calada no chão. Ele tentava dizer algo, mas não conseguia. Esticava o braço para mim, com a mão espalmada, implorando ajuda. Eu, de certa forma, apenas o admirava. *Um lindo verme em minha casa.*

Minha mãe entrou na casa após algumas horas. Ao se deparar com ele jogado no chão, inconsciente e ensanguentado, gritou, perguntando atormentada o que havia acontecido. Eu não pronunciei nenhuma palavra sequer. Sentia-me uma praga passeando pelo mundo, só com o intuito de fazer os outros sofrerem. *Seria esta minha missão?* Estática, levei a mão direita à boca, comprimindo meus lábios. Meus olhos fixos no ferimento de meu irmão. Minha adorada mãe não disse nada, apenas ergueu-o nos braços, com muito esforço, e, colocando-o sobre a mesa, lhe fez um curativo. Foi tudo muito rápido. Ou eu entrei em estado de choque e não vi quase nada. Não sei. A memória desse tempo é vaga demais. A única coisa de que me lembro é de minha mãe entrando, ele gemendo, seus espasmos, sua tentativa de me alcançar e o curativo já pronto. Minha mãe sentando-o em uma cadeira, forçando-o a beber água.

Ergui-me subitamente e saí para a rua, correndo contra a fina garoa noturna que agora banhava minha cidade. Meus pés descalços reclamando da poeira úmida do solo. Lágrimas inconsequentes, vertendo de meus olhos, se perdiam na chuva. Eu queria gritar, explodir. Pensava em minha mãe. No quanto já fomos amigas, mulheres, cúmplices. Minhas pernas se mexiam por conta própria, em veloz fúria contra a força do vento. Não queria nem podia mais parar. Como se algo me propelisse a correr para sempre. Eu pensei em me ferir, me jogar no chão, me desvirginar com uma farpa de madeira, tudo para não ter aquele bebê.

Foi então que vi, pela primeira vez, uma criança, por volta de seus cinco anos, de cabelos castanhos, olhar inocente, vestindo apenas o típico pano branco enrolado no corpinho delicado, sob a chuva. Parei

de correr e me aproximei dela, caminhando suavemente para não assustá-la. Eu me senti estranhamente atraída por ela.

Era uma doçura, sentada perto de uma árvore, de cabeça baixa, brincando com a grama. Um menino, um menino lindo, de olhos verdes-escuros, muito parecidos com os meus, de pele bem branca e macia, que sorria levemente, com um ar triste. Voltou o rosto para mim e disse:

– Não me deixe nas mãos dele, mamãe. Não deixe que ele me leve.

Estremeci. Parei de caminhar em sua direção, automaticamente dando passos para trás. Espalmei a mão direita na frente do meu corpo. A esquerda fez seu caminho até minha boca, entreaberta, em pânico. Fechei os olhos e caí para trás, sentada na grama impossibilitada de dizer qualquer coisa. Meu ventre doía muito. Parecia que eu ia dar à luz naquele momento.

– Abra os olhos, mamãe. Abra – ouvi a voz da criança.

– Desapareça! Você não é meu filho! Você não é nada! – disse em desespero. Meu coração desejava rasgar meu peito, se jogar para fora do meu corpo.

– Calma, querida. Sou eu, meu amor. É só um sonho. É só um sonho – disse minha mãe, balançando meu corpo.

Abri os olhos. Estava jogada no meio da planície florida, agora banhada pela luz calorosa da manhã. Minha mãe estava à minha frente. Disse que eu havia passado a noite na relva e estava tendo pesadelos. Pediu-me desculpas por ter me tratado mal quando soube da notícia, ajudando-me a levantar. Passamos a caminhar então, sob o céu maravilhosamente azul, uma ao lado da outra, de mãos dadas. Eu não estava conseguindo coordenar meus pensamentos, tudo parecia fora de lugar, bom demais para que eu pudesse acreditar. Imagine-se numa noite fria, escura, chuvosa, tendo alucinações com uma criança que diz ser seu filho que ainda não nasceu e, de repente, ser acordada por sua mãe, que voltou a lhe tratar com carinho, como se nada tivesse acontecido.

– Venha, quero lhe mostrar uma coisa – disse ela.

– Claro, mamãe – respondi, apertando sua mão contra a minha, beijando-lhe o rosto e sorrindo feliz.

Caminhamos tranquilamente pela grama verde, sem conversarmos, apenas deliciando-nos com a sensação de termos uma à outra. Beijeí minha mãe durante o percurso por diversas vezes. Ela sorria lindamente, e eu me embriaguei em seus olhos uma vez mais. Seus cintilantes olhos azuis.

Chegamos a um jardim alto e muito bem organizado, com estátuas de pedra lapidada em estilo único, ladeando as árvores e os caminhos a serem percorridos. Eu estava extasiada por demais com a paisagem, com o olhar de minha mãe coberto pelo reflexo do céu, e não percebi onde estávamos.

– Pronto, adorada – disse minha mãe –, aqui estamos. O portão para a tranquilidade.

– Como assim? – perguntei sorrindo.

– Olhe a sua volta.

Percebi que estávamos em uma espécie de cemitério. Sob meus pés uma lápide lúgubre indicava o nome de meu irmão mais velho. Ao lado, outra lápide com um nome masculino. Do outro lado, mais outra, bem mais nova que as demais, com o nome de minha mãe.

– O que significa isso? – perguntei assustada, sentindo meu sorriso ser apagado por um grito estridente vindo de meu coração.

– Aqui, como eu disse, é o portão para a tranquilidade. Então, fique tranquila – empurrou-me para trás, fazendo-me perder o equilíbrio e ir ao chão. Agarrei a grama, sentindo a adrenalina subir em minhas veias.

Ela me fitou por alguns segundos e, com uma voz rouca, tenebrosa, perguntou-me:

– Você gosta de mim, não gosta? Adora meus olhos, não adora? Você venera meus olhos, não venera?! Pois bem... Fique com eles! – levou rapidamente as mãos ao rosto e arrancou os próprios olhos! Atirou-os sobre meu corpo trêmulo. Comecei a gritar, tremendo muito, e cheguei a puxar meus cabelos em pânico. Aquela cena era mais do que eu conseguia suportar. O mundo escureceu, e com o ensurdecido barulho de um trovão a chuva me atingiu ardente, a

paisagem tornou-se mórbida, e ela então disse, com a voz da criatura maldita:

– O filho que você espera é meu, não seu! Quer queira, quer não! Não me faça maltratá-la de novo. Seus pensamentos a traem e assim traem a mim! Não me obrigue a usar coerção para que você tenha esta criança!

O corpo de minha falsa mãe então explodiu numa nuvem escura, ampliando-se diante de meus olhos incrédulos, tomando a forma assustadora da criatura.

– Seu desgraçado! Como ousa usar minha mãe para me atingir?! Eu nunca terei esta criança maldita! Maldita como você!

Eu estava aos berros, chorando alucinada novamente e sofrendo em demasia. Do mais belo conto de fadas tudo havia se transformado em puro caos. Eu queria estar sozinha num lago de cristal, eu queria estar junto à minha mãe, eu queria estar morta, eu queria estar em mil lugares ao mesmo tempo. E nenhum deles incluía a presença daquele ser sombrio.

– Mulher! – continuou ele. – Você não pode fazer nada contra mim! Eu usei a imagem de sua mãe e posso fazer muito pior se você insistir na ideia de não ter este filho.

Pensei na única coisa em que uma pessoa completamente desesperada pensaria. Ele arregalou seus olhos fúlgidos e respirou profundamente. A paisagem se transformou ao meu redor. Voltou a ser a planície sóbria da qual eu nunca tinha saído, sob uma fina garoa. Ele estava lá, na mesma forma sombria, mas menos impressionante, como eu o havia visto pela primeira vez. Pareceu-me inquieto e disse, calmamente e de forma educada como nunca tinha feito:

– Você não pode cometer suicídio.

– Você lê minha mente, não? Pois leia meus lábios agora, desgraçado: Vá para o Reino dos Mortos! Eu posso fazer o que quiser com meu corpo – gritei, sorrindo sordidamente. – É simples! Você manipulou os sentimentos de meu irmão! Foi você que intoxicou o amor de minha mãe! Foi você, maldito, que destruiu

minha vida! E – falei rindo –, já que agora não tenho mais nada a que me apegar, vou me matar sim.

– Não faça isso – disse, esticando a mão negra em minha direção, querendo me ajudar a levantar. Aceitei, perturbada, percebendo que naquele momento eu tinha o controle da situação e não havia mais nada a perder.

Coloquei-me em pé e disse-lhe que, se ele quisesse a criança, eu a teria, mas ele não poderia mais interferir em minha vida. E deveria me dar algo em troca, para que eu tivesse um motivo para viver. Ele respondeu:

– Saiba, mulher, sou um ser muito poderoso. Venho de onde vêm os teus deuses. O que posso lhe dar em troca é um favor divino, digamos assim. Peça o que quiser.

– No momento não me ocorre nada, Maldito. Vou aceitar; contudo, deixarei o favor em aberto. Um dia talvez eu encontre algo que possa apaziguar todo este pesadelo.

– Concordo e selo nosso acordo – disse ele, respeitoso, como se estivesse sorrindo sob sua máscara de sombras. – Eu lhe darei a oportunidade de viver por si só e, em qualquer momento, atenderei a um pedido seu. O que me intriga, porém, é o fato de eu já ter atendido a todos os seus desejos inconscientes... O que mais você quer?

– Você não deve atender a meus desejos – disse, nervosa. – Eu não *quero* que você atenda a meus desejos. Apenas atenda a meu desejo quando eu pronunciá-lo, em alto e bom som, chamando por você para realizá-lo. Faça isso, e eu terei seu filho.

– Pois bem. Mas já lhe adianto: vão acontecer coisas em sua vida que não dependem de mim. Destino escreve a vida das pessoas. A morte vem cumprir seu papel inevitável, pois esta é a lei inerente da vida. O caos se recicla de forma crescente nas entranhas da humanidade. O mundo não é uma cama de rosas. E... bem... você é diferente.

– Não me importa. Só não mais me apareça até eu chamá-lo. Ou eu termino com minha vida mais rápido do que você possa reagir.

– Prometa-me então que, mesmo nas horas mais difíceis, você se manterá intacta. Após o nascimento da criança, eu realizarei sua vontade.

Selamos o acordo. Ele se lançou para o alto e esvaneceu no ar denso da noite. Vacilante, fui para casa, encarar o resto daquela onerosa experiência.

Logo ao entrar, avistei minha mãe chorando ao colo de meu irmão. Ele estava desmaiado, ou dormindo. Ela se virou para mim e perguntou o que tinha acontecido realmente. Sua voz era calma porém flébil. Apenas respondi que não sabia, que ele havia me atacado e fora arremessado para trás. Sem eu ao menos tocá-lo.

– Que maldição caiu sobre nós, minha filha? Qual deus está a se vingar de nós? – perguntou minha mãe, em prantos. – O que fizeram com você?

– Eu não sei, minha adorada mãe. Mas a vida continua. Vou lutar para sermos novamente uma família... feliz.

E ela me apunhalou:

– Não, filha. Não seremos mais. Seu irmão não está mais podendo se mover direito. Não sei por quê. Teremos de arranjar um jeito para nos sustentarmos. O que restou desta família ainda vai sofrer as consequências da raiva dos deuses. Não tenho mais a esperança de olhar para a frente e ver o sol se erguendo no horizonte. Felicidade é uma palavra que se perdeu na agonia da vida.

O tempo fez seu papel. Minha mãe passava quase o dia todo cuidando de meu irmão. Eu não servia mais para nada, arrastando-me pelas ruas, física e emocionalmente abalada. *Quem iria querer uma mulher grávida?* Passamos fome diversas vezes. Sonhava constantemente com a criança, ou a via em algum canto. Estática, brincando, sorrindo, chorando. Sempre com o rosto angelical e o olhar macabro. Ia ao mercado da cidade, sempre quieta e cabisbaixa, para comprar algo para meu irmão comer, com as poucas moedas que conseguíamos de esmola, e lá estava ele. O menino sombrio no meio da multidão. Dobrando uma esquina, numa janela entreaberta, em todo lugar.

Eu sofri demais, dia a dia. Hora a hora. Sentia um ódio profundo por aquela miséria e por todos que a fomentavam. Não gostava de ninguém, ninguém gostava de mim. Sentia raiva daquelas imagens mórbidas da criança. Pensei em me matar algumas vezes. Mesmo assim o Maldito não apareceu. Ele cumpria sua parte do acordo. Eu fui compelida a cumprir a minha. Pensei em pedir àquele ser uma riqueza incontável, uma vida decente... Mas resolvi esperar. Uma família pobre que de repente fica rica iria atrair muita atenção do faraó e de seus soldados. Só iria piorar as coisas.

Minha vida se decompôs em cinzas. Sem minha única companheira, levei a gravidez sozinha. O povo da região me odiava mortalmente. Diziam os boatos que eu era cruel e vil. Que havia matado meus irmãos. Que eu estava possuída por algo não natural. Que eu era o mal encarnado num corpo mortal.

– Por que você não vai arranjar dinheiro em vez de ficar aí parada como uma planta? – gritou minha mãe, que aparentemente envelhecera muito nos últimos meses. Achei que ela estivesse doente, mas sempre que eu tentava me aproximar, alcançar um décimo da intimidade que tínhamos, ela me xingava, me amaldiçoava e não me dizia mais nada. – Carregue esta sua barriga imunda para longe daqui e vá trazer-nos comida!

Eu ia. Saía pela porta choramingando, como era de costume ultimamente. Era abordada por alguns homens porcos e malcheirosos enquanto esmolava alguns trocados. Ouvia desaforos e ameaças. Fui indagada pelos soldados algumas vezes. Comprava migalhas com as moedas e as levava para casa, para que minha mãe não brigasse mais comigo. Pensava em me matar. *Não!* Erguia a cabeça, com meu coração uivando para a lua me levar. Sentia a morte rondando. Via morte em cada canto, cada beco mergulhado na penumbra.

Cheguei ao ponto de conversar com a criança um dia. Não me lembro sobre o que foi. Mas conversei com ela por bastante tempo, fingindo que ela era real e que eu era sua mãe. Minha memória dessa época é falha, devo reiterar; portanto pode ter sido um sonho

ou uma alucinação mesclada aos piores dias de minha existência. Não sei. Não me lembro. Não quero me lembrar.

E essa história toda teve o final esperado.

Num final de tarde de primavera, coincidentemente meu aniversário de vinte e um anos, ao chegar em casa esperançosa de que eles se lembrariam, tive um choque. Meu irmão estava no chão, rindo como um tolo, com o rosto cheio de lágrimas. Seus dentes reluziam à luz das velas sobre a mesa. As gotas translúcidas em seu rosto desciam contornando suas feridas. Marcas da solidão, escorrendo por seu peito, desviando de seus pelos, manchando a saia branca usada pelos homens daquela época. Coloquei a pouca comida sobre a mesa. Lembro-me de ter reparado que o céu estava sem estrelas naquele princípio de noite. Perguntei-lhe o que tinha acontecido, e ele, infelizmente, confirmou minha suspeita:

– Hehehe... está feliz? Conseguiu o que queria, desgraçada. Conseguiu, criatura hedionda.

– Conseguiu o quê? – perguntei aflita.

– Mamãe... morreu! – soluçou.

Meu mundo desabou.

Meus cintilantes olhos azuis se fecharam para sempre. A morte chegara finalmente. Gritei um “não” tão rouco e abafado, que mal pude ouvir. Minha vista ficou embaçada perante o impacto da notícia avassaladora, transbordando o pequeno e frágil refúgio que era meu corpo. Minha alma se contorceu selvagememente e desmaiei.

– Basta! Isso não vai mais continuar!

Acordei com os gritos de um homem que, a minha frente, segurava uma tocha e um cetro. Era o sacerdote do faraó. Percebi-me amarrada na cadeira onde ficava meu irmão, cercada por pessoas desconhecidas, dentro de meu lar. Lá fora, brilhavam as tochas de outros habitantes dali. A meu lado, o sacerdote grande, gordo e careca proferia suas palavras de desgosto contra mim, misturadas a trechos de uma escritura sagrada, com a veemência de um profeta.

– Você não vai mais fazer mal ao povo desta cidade, mulher profana! Agora vai queimar para se juntar a seu mestre de desgraça

divina! O nascimento da criança em seu ventre será o nascimento da própria praga que assolará a comunidade! – gritava alguém.

Acho que cheguei a pensar em implorar por minha vida, mas, já que todos desejavam me ver morrer, por que continuaria eu vivendo? Todos queriam minha morte, inclusive meu irmão, que ainda ria em lágrimas, completamente fora de si, em meio a outros que o carregavam.

As tochas baixaram. Havia espalhado óleo inflamável por todo meu lar. Fecharam-no e atearam fogo nele. As paredes de tijolos feitos da lama do Nilo, misturados com palha e secos ao sol, começaram a se partir com o calor intenso. A balbúrdia do lado de fora era tremenda. A gritaria aumentava enquanto aumentavam as chamas. Meus pés começaram a arder. Senti uma contração. As paredes flamejaram. Senti meu filho vindo. À minha volta só havia fogo e destruição, tão espontâneos quanto as dores da vida vindo dentro de mim. Meu filho me chamando. Era como se eu estivesse vivendo meu inferno particular. A dor veio retumbante. O líquido escorreu de mim. Não conseguia distinguir o que doía mais: as queimaduras no corpo ou o parto. As cordas que me prendiam se partiram com o fogo. Minhas mãos, cobertas de bolhas ardentes, trouxeram-me até o chão, pois não me aguentava em pé. Meus tecidos já se partiam quando senti outra enorme dor. Tentava me manter viva a qualquer custo, passando a mão no líquido que escorria de mim, numa tentativa desesperada e sem sucesso de aliviar a dor. Tudo era dor. O povo lá fora gritava por morte. Desfalecia lentamente... outra dor. Meu filho quer vir. Eu prometi.

Dei à luz.

De olhos entreabertos, vi a figura borrada e negra do Maldito erguê-lo nos braços e aconchegá-lo no colo. Não conseguia falar mais nada. Tudo era dor. Onde estavam meus cintilantes olhos azuis agora? *Mamãe, vou me juntar a você*, pensei.

– Você cumpriu sua parte do trato, mulher – disse o Maldito. – Eu cumprirei a minha. Deseje agora ou morra em paz.

O fogo já me levava nos braços. A balbúrdia lá fora chegava em seu auge. O pai de meu filho fitava-me. O povo gritava por morte.

Morte eles queriam. Então morte eu lhes daria. Juntei minhas forças e pronunciei meu desejo, em alto e bom som.

– Maldito... torne-me morte.

Há meses não ouvia sua gargalhada. Só que desta vez eu gostei de ouvi-la. Deliciei-me em sua gargalhada alucinada e sorri. A dor imediatamente cessou. E meu lar sucumbiu em chamas comigo dentro dele.

Recobrei minha consciência e minha força quase imediatamente. Abri os olhos assustada, inspirando todo ar que eu conseguia, movendo os dedos das mãos, sentindo-me saudável e revigorada. Levantei-me, em meio à madeira ainda queimando, dobrando meus joelhos sem qualquer dificuldade. Eu não me sentia mais suja, nem lambuzada, mas meu corpo estava coberto de chamas, fogo vivo, braços do incêndio que ardia ao meu redor, envolvendo minha pele. O fogo tomou forma, moldando-se sobre mim em uma veste longa de labaredas. Elas não queimavam minha carne, e eu sentia somente seu poder destruidor.

Abri caminho por entre as vigas da fogueira profana com minhas próprias mãos, empurrando os escombros como se fossem de papel. Meus músculos tremeram, e as chamas ao meu redor foram se apagando, tornando-se brasas, que, então, escorreram fluidas por meu corpo, moldando-se em um suave tecido negro-carvão, sem luz, sem reflexo, somente a lembrança de algo que se queimara. Olhei para trás e vi um corpo queimado, retorcido, largado no chão, entre as cinzas do meu lar. Meu corpo. Caminhei sobre essas cinzas ardentes como se fossem a grama úmida de orvalho das planícies floridas de minha infância. A estrutura em chamas... era tão leve. E eu sorria! Sorria deliciosamente como não o fazia havia meses! Eu me sentia muito bem!

Horas devem ter se passado, não sei. Só sei que me dirigi à planície noturna e admirei suas flores, sua brisa, toda sua luminosidade, toda sua vitalidade, como nunca havia percebido antes. Eu havia morrido, isso era certeza. Mas as coisas ocorriam de outra forma. De uma forma como eu jamais imaginara! *Mamãe? A senhora também viu isso quando morreu?*

Era noite, noite alta, mas tudo me parecia tão claro e belo! Agachei-me na relva e toquei suas folhas. Pareciam feitas de seda! Seda cara, digna apenas dos faraós!

Ao tocar as folhas, algo me assustou um pouco... minha pele. Era de uma palidez impressionante. Naquele tempo as pessoas eram morenas, de pele quase dourada. Todo o povo do Egito tinha a pele assim. Mas minha pele possuía o brilho suave da lua cheia. Ouvei passos. *Soldados!* Quatro homens caminhavam em minha direção e mesmo longe percebi de alguma forma que eles discutiam algo sobre comida. Certo medo me abateu. O que eles pensariam ao ver uma mulher solitária, muito pálida, trajando roupas que talvez nem as mulheres do faraó ousariam vestir? Eles se aproximavam cada vez mais, e eu me defendi de imediato, como um animal acuado:

– Antes de perguntarem algo, eu gostaria de dizer que...

– Eles não podem ouvi-la – disse uma voz masculina, serena. – Tampouco vê-la. Não se preocupe.

Olhei para trás, deparando-me com um homem de tez igualmente pálida, de traços rudes e semblante sério. Ele era alto, ombros bem largos e queixo quadrado, trajando uma veste diferente de tudo o que eu já havia visto. Fitava-me de forma fria, mas mesmo assim eu sentia conforto vindo dele. Uma sensação de proteção antiga, sincera. Algo me dizia para continuar a ouvi-lo. Sem nem ao menos mover os lábios, ele prosseguiu:

– A realização de seu desejo por aquele que chama de Maldito é o início do fim de minha função – ele deu um breve sorriso. – As pessoas do mundo me chamam de Morte. Qual é seu nome?

Sem pronunciar uma palavra, respondi:

– Ahmnat.



*À medida que ela contava sua história,* o jovem homem parecia mais e mais maravilhado. Sentado a sua frente, com uma mão segurando o queixo fino, a outra apoiada gentilmente sobre o braço da confortável cadeira. Ele se parecia muito com ela. O jeito de agir, de pensar, enfim... era um ser humano fabuloso. Seus olhos verdes brilhavam a cada palavra que ela proferia. Desde que

soubera a verdade sobre ela, sobre a menina pela qual se interessara, seu fascínio por Morte crescia e pensava em como tinha sorte de estar ali, ouvindo suas experiências.

– Você é uma mulher fascinante – disse o rapaz, tentando ser o mais romântico que podia. – Eu poderia morrer por você.

– Não, não poderia. – respondeu Morte, severa. – Se você morresse, eu ou um de meus anjos viria buscá-lo e levá-lo ao Limbo, onde você aguardaria seu julgamento. Aí então você estaria destinado ao céu ou ao inferno, dois lugares nos quais eu não tenho a permissão de entrar livremente. Ou seja, se você morrer, eu não poderei mais vê-lo nem você a mim. Continue vivendo. Até a hora de meu retiro, onde estarei, assim espero, junto a você. Não se preocupe.

– Mas, Ahmnat, você é a mulher mais perfeita que conheço. Não aguento passar meus dias longe de você! E quando durmo e não sonho contigo, acordo enlouquecido! Nos conhecemos de forma tão especial. Nunca achei, por exemplo, que alguém cairia naquela minha cantada...

– Ah! Foi um bom flerte, meu amor – sorriu Morte. – Mas acalme-se, nós ainda ficaremos juntos. De todos esses anos que vivi, ou melhor, que existi, a principal lição que aprendi é: aproveite todos os seus momentos, pois eles são únicos, jamais serão iguais, jamais os desperdice. Cada detalhe da vida é digno de lembrança.

– Sim, mas... e depois? E quando você tiver de ir embora? No lugar para onde você vai existe a possibilidade de você continuar me vendo?

– Não sei o que vai acontecer ou para onde vou... só sei que é uma outra vida, como antes de mim, Morte me disse. Ainda há tempo para continuar minha história. Você quer aproveitar seu momento ou prefere discutir nosso futuro incerto? Que eu imagino nem ser tão incerto assim. Afinal, eu adoro você.

– Como assim? Você sabe o que vai acontecer com você?

– Eu não sei ao certo, mas, do jeito que meu sentimento por você preenche meu corpo, eu posso imaginar. Na verdade eu até espero que este pensamento sobre meu futuro venha a acontecer. Mas para

isso eu preciso continuar a contar. Já passamos por tanta coisa juntos, e isso tudo mal é a superfície do que podemos viver ainda. Você é o primeiro mortal a me ouvir falar deste jeito informal sobre tudo o que aconteceu comigo. Tive até o trabalho de lhe explicar a pronúncia de meu nome! Isso é muito mais do que todos os outros tiveram – disse Morte, sorrindo.

– É... eu sei. Demorei um pouco para entender – respondeu o rapaz, sem graça. – Mas, convenhamos, seu nome é totalmente incomum.

– “Am-nat” – disse ela baixinho, gesticulando com os dedos conforme especificava as sílabas. – Não é nada difícil.

– Colocando desse jeito não é. Mas por que a gente está falando sobre isso? Eu já aprendi! Nunca mais errei depois que você me explicou direito.

– É verdade, nunca mais errou – disse ela num tom jocoso. – Então pare de me interromper, pois estou tentando lhe contar uma história longa.

– Claro, Senhora-das-Trevas! Desculpe-me interrompê-la. Continue. – brincou ele.

– Há muito o que dizer. Bom, onde eu parei?





Ο ΦΑΡΑΪ

**M**orte, como ele se autointitulou, pediu-me para caminhar com ele e, assim eu o fiz. Passamos a andar na planície florida, lado a lado. Sem mover os lábios para pronunciar as palavras, eu disse:

– O além-vida de todos é assim? Onde tudo é belo e perfeito?

– Vejo que você será uma ótima sucessora. Já aprendeu a se comunicar sem dizer nada. Telepatia costuma incomodar os mortais.

– É como se eu soubesse. O Maldito também lia minha mente. Acreditei então que era só pensar nas sentenças que você as ouviria.

– Seu discernimento lhe serve bem. No entanto, está enganada sobre a morte ser bela para todos. Não é bem assim. Deus iluminou seu caminho na morte, talvez como compensação por seu sofrimento em vida. Deus sabe que o sofrimento é prova de respeito e também o melhor professor. Algumas pessoas não possuem essa iluminação. Quando morrem, dificilmente aceitam a situação, o que força meus anjos, os infalíveis Anjos da Morte, a levarem a alma à força. Isso geralmente é muito trágico e doloroso. Além disso, seu acordo com esse a quem chama de Maldito me fez vir pessoalmente aqui, fato que raramente acontece.

– Como assim Deus iluminou meu caminho? Qual Deus o fez?

– Não tenho intenção de decepcioná-la, porém só há um Deus. Aquele que fez o mundo, que teceu o céu e modelou os homens.

– Qual é o nome deste Deus? – perguntei curiosa.

– Não há um nome específico. Ele é chamado por vários nomes e possui vários outros apelidos, por assim dizer. O Criador, o Pai, o Todo-Poderoso... Se Ele possui um nome próprio, não o conheço e acredito que somente uma criatura tenha tal informação.

– Quem? Eu gostaria de saber.

– O primeiro filho dele, Estrela-da-Manhã. Aquele que discordou do jeito como ele agia, com imperfeição, com relação à própria criação e diz tentar melhorá-la. Seu principal oponente, o Demônio. Como alguns de vocês mortais o chamam.

– O Demônio, servo de Anúbis, regente do mundo dos mortos, é filho de Deus?! – perguntei pasma. – Acho que não estou

entendendo mais nada. E o Maldito nessa história, quem é ele? Por que nunca consegui ver seu rosto?

– Não há Anúbis ou mundo dos mortos, Ahmnat – respondeu Morte com ar de impaciência. – Só existe um Deus e seu filho como forças opostas no mundo. E esse que você chama de Maldito é um de seus, digamos assim, subordinados, como o iniciado serve ao sacerdote e este serve ao faraó. Ele é...

– Um escravo divino? Um iniciado nas artes ocultas? Um deus menor?

– Não, ele não é nada disso. Ele é um arcanjo superior. Um dos arcanjos superiores que servem a Deus, disseminando Sua voz entre aqueles que devem ouvi-la. Mas não me pergunte como ou por que ele é um arcanjo, pois isso eu não posso responder. Não estou escondendo nada de você. Só não sei exatamente como funciona. Aconselho a não tirar conclusões precipitadas.

– Está bem... mas... vou vê-los algum dia? Deus ou o Demônio?

Ele apenas esboçou a sombra de um sorriso, torcendo o rosto muito brevemente, como se sorrir o ferisse. Frio como era, continuou a caminhar pela planície. Não me dispus a continuar com minhas perguntas ingênuas e – por mais estranho que possa parecer – mortais.

Olhei-o por um longo instante, caminhando, tentando curiosamente marcar seu rosto, para lembrar-me dele quando tudo isso acabasse.

– Isso vai acabar, realmente, mas você vai se recordar de mim – disse ele, em uma voz rouca e simples. – Por muito tempo você poderá recordar de mim.

– Gosto de quando você lê meus pensamentos... me poupa palavras. E gosto de silêncio. Mas o que você quer dizer quando afirma que vou me lembrar muito de você? Você vai me visitar no mundo para onde eu vou?

– Sinceramente – respondeu sem falar nada –, não. Eu, em pouco tempo, vou para algum outro lugar, talvez até outro tempo. E você, minha querida, terá um interessante trabalho pela frente. Deixe-me explicar. Vamos nos sentar ali.

Olhava para ele, enquanto ouvia com a mente suas palavras. Quando virei o rosto para a frente, percebi que estávamos em um lugar sem fronteiras, sem nada, apenas com duas cadeiras forradas de pano negro, viradas de frente uma para a outra. Era como se fosse um lugar inteiramente branco e prateado, sem bordas, sem limites, com aqueles dois assentos próximos, sem um foco de luz definido, sem sombras. Entretanto, nós ainda caminhávamos sobre algo sólido, como um chão branco. Comecei a ficar terrivelmente incomodada, sem saber se eu poderia dar o próximo passo.

– Não tente entender este lugar – ele disse rudemente. – Fará você cair. Apenas caminhe e sente-se na cadeira.

– Morte, se é que eu posso lhe chamar assim, onde estamos?

– Num ponto do lugar que os mortais chamam de Limbo. É o lugar entre o Céu e o Inferno onde residem as almas dos mortais que ainda estão em julgamento – disse enquanto nos sentávamos. – Aqui também residem as almas em transição, que trocam o Paraíso pelo reino dos mortos ou este pelo céu.

– Mas quem é que iria trocar o Paraíso pelo mar de sombra e dor?

– Não é exatamente assim. Como em uma vida comum, as pessoas escolhem que caminho devem seguir. O Firmamento é um lugar onde existem diversas leis e regras para uma vida tranquila e simples. O outro lado, o Inferno, é onde se aposta no livre-arbítrio.

– Então o Inferno é melhor?

Ele ficou sério, sisudo, e respondeu:

– Imagine se todos do mundo pudessem fazer o que quisessem? O caos já teria tomado a Terra há muito tempo. Algumas pessoas necessitam de regras e ordem. É o princípio básico da civilização. Mesmo após a morte, a alma pode ir para onde quiser.

– Mas, então, que julgamento foi este que você comentou?

– Quando uma pessoa morre, meus anjos, e futuramente os seus...

– Como assim meus anjos?! – perguntei assustada e intrigada. – O que quer dizer com isso?

– Deixe-me terminar. Meus anjos trazem a alma dessa pessoa para cá para que seja julgada. Ajudam a alma a se conformar com a

situação. Aqui não há emoção, não há amor nem ódio, só há julgamento. A alma não encontra nada aqui. Ela apenas verá uma das entidades, como eu, por exemplo, e aguardará seu julgamento, que consiste em chegar ao ponto da Decisão. Ou a pessoa é liberada para escolher entre o Céu ou o Inferno ou ela volta para o mundo mortal, para pagar algumas dívidas ou acertar negócios pendentes, reencarnada.

– Ela reencarna em uma nova vida, num novo nascimento? – ele concordou com a cabeça. – Então como ela sabe quais negócios ainda deve resolver, se não se lembra de sua vida anterior?

– Pergunta interessante, cuja resposta é simples. Ela sempre sabe. Isso é algo que fica marcado no inconsciente da pessoa. Ela não sabe conscientemente, mas caminhará no decorrer de seus dias seguindo um padrão. Não saberá por que está trilhando aquele caminho, mas o estará fazendo.

– Eu sou uma dessas almas que voltou para negócios pendentes?

– Não, você é de outro tipo. Os mestres possuem o poder de criar vidas. Quando o fazem, a nova alma é imposta sobre um corpo mortal. Então, Destino escreve a vida dessa pessoa aleatoriamente.

– Ou seja, nós não temos liberdade para sermos o que quisermos?

– Sim, existe tal liberdade. As almas nunca são criadas igualmente pelos dois mestres, Deus ou o Diabo – um prevalece. E sempre um deles coloca um pouco de sua própria essência na alma, ou seja, ela tende a pender para algum dos lados. Destino serve como a jogada da sorte, criando os fatores pelos quais a alma será julgada. Ele cria a vida comum, colocando os obstáculos necessários para que a pessoa aprenda com seus erros e termine por escolher um lado. Algumas pessoas não sobrevivem a esses obstáculos e precisam começar uma nova vida, como eu lhe disse. Negócios pendentes.

– E por que Destino quis me trazer para cá? Por que ele quis que eu sofresse tanto?

– Eu gostaria que você perguntasse isso a ele, quando encontrá-lo. Estou desviando por demais de meu assunto principal e não tenho tempo para isso. Você gostaria de acrescentar alguma outra pergunta?

– Milhões delas! – eu estava perdida, completamente confusa, querendo saber de tudo mesmo tendo consciência de que era muita informação para mim e que ele não iria me falar.

– Não fique confusa, muito menos ansiosa. As respostas virão com o tempo. E tempo é algo com que você não tem que se preocupar.

– Você parece saber muito sobre o que vai acontecer comigo... Diga-me, então, sendo esta minha última pergunta. E inclua em sua resposta também o porquê de eu estar aqui. Estou sendo julgada neste momento?

– Você não está sendo julgada. Está aqui pois se tornará uma entidade. Somente as entidades podem penetrar a barreira do Limbo. Nem os mestres conseguem fazê-lo. Aqui é um lugar perfeitamente neutro, onde não há regras nem livre-arbítrio. É um conceito difícil de entender. Mas deixe-me contar uma breve história – ele continuou. – O que os mortais chamam de além-vida é onde nós, entidades, vivemos – Imagine desta forma: existe o Céu, o Paraíso, onde vive Deus, seus anjos e as almas que para lá escolheram ir, sob autorização divina. Como no universo tudo é equilibrado, existe o que você conhece como o Reino dos Mortos, ou Inferno, onde vive o Diabo, seus demônios e anjos caídos e as almas que não gostam de regras e desejam praticar o livre-arbítrio a qualquer custo. Existe então, entre esses dois lugares, alguns outros. O Limbo, onde estamos; o Plano Astral, que é a barreira entre a vida e o além-vida; e o Canal, algo como um rio que nasce tanto no Inferno quanto no Céu, se cruza em águas revoltas e segue para “desaguar” em algum lugar que eu também adoraria saber onde fica. As entidades são almas que desempenham funções no jogo entre o céu e o inferno, entre seus mestres. Como exemplo, minha função é coordenar as almas através do Plano Astral e deixá-las aqui no Limbo para serem julgadas. Isso eu faço com a ajuda de meus anjos, pelos quais são enviados o meu pedido. Caos, como outro exemplo de entidade, tem a função de revirar as consequências dos atos humanos, adicionando um elemento randômico nessas provas mortais.

– E como você faz isso? – perguntei intrigada. – Várias pessoas morrem ao mesmo tempo no mundo. Como é possível estar em todos os lugares no mesmo instante?

– É muito mais fácil do que você imagina. Eu posso tocar todas as almas da Terra ao mesmo tempo. Já é certo que as pessoas morram um dia, portanto, mesmo antes de nascer fisicamente, a alma já pode sentir meu toque, ou melhor, eu sinto seu toque. Quando alguém morre, eu sinto a falta desse toque e envio um anjo. Dependendo da pessoa, e de minha vontade, eu vou pessoalmente.

– Mas como você lida com aquelas pessoas que não querem acompanhá-lo?

– Um dos dons que possuo sendo Morte é estar apto a sentir as almas que toco e controlar a vida em si. Assim, eu posso saber qual é o maior desejo ou sonho de uma pessoa. Se alguém que adora mulheres e ouro morre, posso convencê-lo enviando um anjo que toma a forma de uma linda mortal cercada de relíquias. Posso ser aquilo que as pessoas sempre desejaram, minha aprendiz. Posso ser o que quer que o mortal venha a adorar. Como uma ilusão catalisadora. Isso sem dúvida facilita a aceitação. Mas, mesmo assim, existem pessoas que desacreditam ou, ainda, pessoas que não merecem tal atenção. Para elas, o uso da força é então necessário.

– E onde eu entro nisso tudo? Vou ficar aqui no Limbo até escolher para onde quero ir?

– Não. Você não é uma alma comum. Você fez um pedido, lembra? Você pediu para tornar-se Morte.

– Você está querendo dizer que estou prestes a me tornar a Morte? Ser “você”? Ocupar seu lugar? – Ele respondeu afirmativamente. – Mas eu só queria morrer pacificamente. Foi isso o que pedi ao Maldito! Tornar-me a morte, ao morrer em paz!

– Conscientemente sim. Entretanto, seu desejo subconsciente de se tornar tudo o que a vida queria de você e tudo o que a rodeava e sua falta absoluta de sentimentos fizeram que você, com seu pedido, se tornasse a pessoa perfeita para assumir o papel, agora que meu tempo está acabando. Isso chamou a atenção dos mestres, que a

escolheram então. Eu deixarei este cargo, e você assumirá em pouco tempo. Alguns dias terrenos.

– Isso é uma coisa que me intriga. Se aqui no Limbo não é permitido ter sentimentos, como eu estou aqui, já que sinto ódio por todos os que me feriram?

– Seu ódio é passageiro e não é um sentimento que chega a incomodá-la. Você sabe muito bem lidar com emoções fortes e escondê-las. E também, como uma entidade aspirante, pode se dar ao luxo de ter pequenos sentimentos aqui – ele respirou fundo, e percebi que ele lia minha mente enquanto imaginava o quanto eu ia adorar ser a Morte. Sentir as almas das pessoas, ser onisciente. Então veio a ideia de quanto iria durar, já que ele mencionou que seu tempo estava acabando. – Geralmente – ele continuou –, uma entidade existe por cerca de dois a quatro mil anos terrenos. Algumas existem por mais tempo, dada a dificuldade de encontrar alguém que preencha os requisitos, como lhe expliquei anteriormente.

– Quando então vou assumir este cargo? Quais serão os dons que possuirei?

– Vejo que você está um pouco ansiosa. Em breve, cara aprendiz, em breve. Os dons você os descobrirá com suas vontades. Basta querer.

– Quer dizer que eu poderei fazer...

– Não – interrompeu-me. – Existem limites, os quais você descobrirá com o tempo. Você tocará todas as almas, lembra? Terá todos os mortais em suas mãos.

– Bom, apesar de as perguntas estarem fluindo rapidamente em minha mente, como você deve perceber, eu me calarei e deixarei que seus milênios de existência me mostrem tais ensinamentos.

– Você realmente é imprevisível. Destino deve estar muito ansioso para lhe falar. Afinal de contas, você desviou, em vida, das palavras que ele impôs a você. Você escapou, digamos assim, de sua pena.

– O que devo fazer, então?

– Primeiro, vamos livrá-la desse ódio que preenche seu corpo.

Ele se levantou da cadeira e esticou gentilmente a mão para me ajudar a levantar. Passamos a caminhar para longe das cadeiras, que eram meu único ponto de referência naquele lugar.

– Romper a barreira entre o Limbo e o mundo mortal é muito fácil – disse ele com tom de instrutor. – Faça-o. Leve-nos para sua cidade.

Olhei para o infinito branco. Não sei exatamente o que fiz, mas foi como se eu simplesmente soubesse fazê-lo. Aquela planície etérea, sem limites, abriu-se como uma poça d'água se abre ao jogarmos uma pedra em seu centro. Em movimentos fluidos um portal se abriu, e através dele brilhava o sol de minha cidade natal.

Maravilhada com a situação, caminhei suavemente, cruzando o portal e pisando com minhas novas botas de pano negro, que marcavam o solo da grama verde-clara. Morte me seguiu até a metade do portal.

– Faça o que for necessário, Ahmnat. Ao retornar para o Limbo, conversaremos. E lembre-se, basta desejar.

O portal então foi cerrado, revelando novamente o mundo atrás dele. Passei a andar em direção à cidade, pensando em como eu iria lidar com as vidas de todos.

Meus passos não mais marcavam a grama, como se meu corpo não pesasse. Uma sensação muito estranha percorreu-o, revelando uma realidade exata. Eu estava morta. Havia morrido queimada dentro de minha própria casa, acusada de ser uma criatura nefasta. Respirei fundo.

As ruas da cidade estavam estranhamente cheias; normalmente pela manhã apenas os camponeses passavam por ali. As pessoas saíam de suas casas e corriam para a praça central, desviando-se de mim como que inconscientemente – elas não podiam me ver. Segui então curiosa para a praça também, fluindo com a multidão.

Uma decapitação.

Armado no centro da praça, o palanque, cercado por guardas do faraó e envolto por pessoas gritando por justiça, sustentava o tronco curvado onde se deitaria a vítima. A multidão gritava enlouquecida por justiça em meio aos boatos sobre traição. As gotas de suor

escorriam nos rostos das pessoas que aguardavam a execução e pingavam em suas roupas como lágrimas, como gotas de sangue mancham guerreiros vencidos. Os guardas, corpulentos como estátuas de bronze, impediam aqueles que tentavam se aproximar do palanque com chutes e golpes de lança. Peças intransponíveis no reino do faraó.

*Quem estaria sendo executado?* Por que tanto alvoroço em uma execução? Seria algum ladrão famoso? Eu desejei curiosa saber quem seria a vítima e me arrependi de imediato. Um golpe de vozes invadiu minha mente de forma tão violenta, que quase desfaleci. Foi como se mil pessoas gritassem e reclamassem ao mesmo tempo em meus ouvidos. Vozes de agonia. Escapou-me um grito fino e estridente quando levei as mãos à cabeça e meu corpo dobrou-se, imerso em dor. Parem com isso!, eu gritei. E a dor cessou junto com as vozes. Respirei profundamente, aliviada. *Vamos tentar então com uma pessoa de cada vez*, pensei. Mas não tive a oportunidade.

Os gritos aumentaram! Avistei no palanque o sacerdote do faraó, acompanhado de mais dois guardas e o carrasco, carregando o machado afiado, exibindo os músculos rijos e o rosto frio. Mais dois pupilos do sacerdote vinham atrás, carregando nos braços o pobre infeliz que ia ser executado. Para minha surpresa e, acho, meu deleite, era meu irmão.

– Aquele que rouba do povo, rouba do faraó! – bradou o sacerdote. – Aquele que trai o povo, trai ao faraó! Morte então! Para mostrar a Rá e aos deuses que somos uma nação poderosa e justa! Executor, prepare o machado! – e virando-se novamente para o povo. – Se alguém aqui tem algo a dizer em clemência a este ladrão infeliz, que diga agora!

Um momento perfeito para uma entrada triunfal. Fiz-me aparecer. Desejei que me vissem ali, estática em meio ao povo, e gritei:

– Seus deuses não existem! – as pessoas se calaram subitamente, e olhando-me assustadas abriram uma roda a minha volta. – Seus pecados fluem agora em minhas mãos! – passei a caminhar para o palanque, com as pessoas se afastando conforme eu andava. O rosto do sacerdote tornou-se sério e rude. Quem ousava gritar

contra os deuses? Quem era a estrangeira pálida perante as pessoas de pele dourada? – Suas lágrimas não serão suficientes para saciar minha sede!

– Como ousas, mulher arrogante? – falou o sacerdote ensandecido, apontando para mim. – Serás queimada no fogo de Anúbis por essas palavras! Guardas! Peguem-na!

Mal ele acabara sua frase, eu falei, abrindo os braços e sorrindo:

– Já fui queimada, meu bom sacerdote! Lembra-se da garota grávida? Lembra-se da feiticeira maligna que impregnou seu povo?

E ele me reconheceu. Seus olhos brilharam em pavor absoluto, tornando-se esferas polidas de cristal cinzento. Murmurou algo como “não pode ser possível”, mas eu não ouvi. Baixei os braços quando passou a falar.

– Você está morta! – gritou. – Isso não é possível! Você foi purificada há três dias! Ninguém sobreviveria ao incêndio da purificação! Volte para o mar de sombra que é seu lugar, demônio! Volte...

Aquilo havia me cansado. Interrompendo-o, com as pessoas já em começo de alvoroço e pânico ao meu redor, falei diretamente em seu consciente, sem pronunciar palavra alguma:

– Você desejou minha morte. Minha morte você conseguiu. Eu apenas desejo sua dor. Muita dor.

Ele arregalou os olhos, espalmou a mão e tentou gritar. Senti sua carne vibrar com a força de meu desejo. O corpo do homem foi arremessado de cima do palanque, caindo a meus pés. A poeira levantou-se com o cheiro do sangue que espirrou de suas palmas, rosto e joelhos, rasgados com a força do impacto. As pessoas correram para longe em tumulto. Fui cercada de guardas imediatamente, mas nenhum deles teve coragem de me atacar. O sacerdote passou a chorar, implorando clemência. Citou alguns deuses egípcios; não me recordo quais foram, mas também não é importante.

– Ajoelhe-se, meu bom homem – pedi educadamente, olhando-o se humilhar. – Ajoelhe-se frente a mim.

Ele se ajoelhou, sofrendo com a dor nos joelhos, limpando na vestimenta escura a sujeira da terra mesclada com sangue em suas mãos, rangendo os dentes de medo e tentando olhar para meu rosto. Mais guardas se aproximaram, com a mesma coragem do resto, ficando a alguns passos de mim.

– Oh! Demônio... – choramingou o sacerdote. – Oh! Dama de negro que agora me tem a seus pés! Eu apenas sirvo ao faraó! Não sou digno de ter sua atenção! Ele é que dita meus fazeres! Deixe-me ir! Deixe-me viver.

– Lindas palavras, meu bom homem – disse, mostrando minha frieza e minha indiferença, sem nenhum tom irônico. – Porém apenas meu ódio existe agora. Todos desta cidade tomaram de mim o amor que eu sentia pela vida. Tomaram minha mãe. Minha compaixão morreu junto com seus cintilantes olhos azuis. Eu vou matá-lo agora. Na verdade, vou matar todos aqui.

Com um único desejo apontado para a cidade que me rodeava, abri meus braços, espalmando as mãos, ergui a cabeça para trás e, cerrando os olhos, gritei, mantendo a última sílaba com toda a força de minha nova voz sobrenatural:

– Queimem!

E o fogo se fez. Explosões de chamas abrindo-se em círculos concêntricos do meu corpo. Partindo de mim, os anéis flamejantes se fizeram presentes e se expandiram. Ouvi todos os gritos das pessoas em meio às chamas que faziam sucumbir seus corpos frágeis. Seus frágeis corpos mortais. Casas, ruas, habitantes de uma civilização poderosa, agora incineravam a meu favor. Queimem desgraçados! Gritem por suas vidas! Sejam vocês os primeiros a sentir meu poder, a ajoelhar em dor diante de mim!

Ao abrir os olhos me vi em meio a um delicioso festival piromaníaco. Tudo a meu redor queimava solenemente à luz do astro brilhante. As pessoas se retorciam, decompondo-se em meu ninho de labaredas. As casas exalavam fumaça negra, anunciando aos céus como eu me sentia. A cidade inteira, juntamente com seus componentes e habitantes, ardia à minha vontade. As ruas

tornaram-se passarelas do inferno. Isso sim era meu inferno particular.

A única pessoa da plebe que poupei dessa vingança doce foi meu irmão, que jazia desfalecido no palanque em início de incêndio. Em passos suaves, deliciando-me com os gritos opacos de homens, mulheres e crianças queimando, segui para o topo do palanque, agachando-me ao lado do homem que tornou as coisas realmente difíceis para mim. O verdadeiro culpado pelo afastamento e pela insanidade de meus cintilantes olhos azuis. Ele tinha muita fome. Eu podia sentir. Provavelmente teria roubado para se alimentar, ao ficar sozinho no mundo. Talvez eu tenha sentido dó dele por certo tempo. Cerca de alguns segundos.

– Eu sabia que você voltaria, minha irmã. – balbuciou ele, sem abrir os olhos, jogado no chão de mãos atadas. – Você sempre foi muito insistente... Ah! Você sempre foi um demônio, não?

– Não, meu irmão... nem sempre – comecei a acariciar-lhe os cabelos.

– Você voltou para me levar contigo, não?

– Engana-se novamente, meu querido irmão. Vim para me vingar. Mas aproveitarei a oportunidade para enviar-lhe para um lugar onde você será livre.

– Você não tem raiva de mim? – disse ele tentando sorrir. – Você não vai me matar?

– Não. Eu não.

Levantei-me. O odor adocicado da carne humana carbonizada me fez lembrar dos momentos de minha infância que foram subitamente destruídos por pessoas como aquelas. Tive vontade de rir, mas a tristeza espremida em meu coração me forçou a permitir uma lágrima. Invisível. Mas ainda uma lágrima.

Eles chegaram pontuais, os Anjos da Morte. Materializaram-se dezenas deles, lindos, impecáveis. Trajados com túnicas negras de um pano muito fino e trabalhado. Sem expressar emoção alguma, foram levando as pessoas nos braços para os diversos portais destinados ao Limbo, que mais tarde seria chamado de Purgatório pelos católicos. A voz mental de Morte me chamou. Virei em sua

direção. Ele estava estático, parado em meio ao fogo, entre seus anjos ocupados, com o mesmo semblante sério e frio, de braços cruzados sobre o peito forte.

– Cara aprendiz, sente-se melhor agora?

– Sinto-me mais vazia, se é isso o que deseja saber.

– O que será deste mortal que um dia chamou de irmão?

– Mesmo tendo terminada minha vida mortal, ele ainda é meu irmão – respondi de forma rude.

– Muito bem. E o que deseja fazer com ele?

– Não vou mais macular minha família, Morte. Gostaria que você o levasse pessoalmente. Onde ele pudesse ser livre. Livre-arbítrio... o Inferno, talvez?

– Ele precisa estar morto para isso. A transição de um ser vivo para o além-vida é uma viagem realmente dolorosa. Acho que mais do que qualquer um pode suportar.

– Ótimo. Assim deve ser feito então. Você pode carregá-lo para mim?

Morte concordou com a cabeça, com um triste olhar no rosto. Tomou meu irmão nos braços e partiu. Disse mentalmente que me encontraria no Limbo quando eu tivesse terminado.

Os anjos haviam cumprido seu trabalho de modo eficaz. As almas estavam libertas da carne. Nada mais restava para mim naquela cidade. Tudo o que um dia me feriu jazia então em cinzas e memórias recém-passadas.

Ao descer do palanque, em passos imperceptíveis, senti um olhar. Virei-me a fitá-lo diretamente. Ele estava parado no centro das escadarias na colina, as que levavam ao palácio e à vila dos nobres. O próprio faraó, sozinho, me admirando. Eu sentia suas emoções correrem por suas veias. Eu o sentia! Não era ódio, nem medo, nem raiva. Era apenas amor. Ele me amava, naquele momento. Talvez por meu poder, talvez por meu semblante, noturno, pálido e belo, sob a luz pesada do sol, num lugar onde todos tinham a pele bronzeada.

Estranho saber, depois de tanto tempo, que alguém realmente te ama, principalmente naquele momento – eu realmente sentia isso.

Sorri orgulhosa, arrogante e me fiz desaparecer de seus olhos, vendo seus lábios formarem a frase: *Não vá!*

– Você teria um minuto para mim, senhorita? – perguntaram-me de repente, enquanto eu caminhava para longe da cidade, pelos campos vazios.

Virei o rosto. Um homem muito jovem, um garoto que apresentava ter no máximo dezesseis anos de idade, vestido de modo casual, segurando uma pena com as duas mãos, olhava para mim. Imediatamente tentei ler sua mente, saber quem ele era. Em vão.

– Ler a mente das pessoas é muito feio, senhorita. Principalmente quando elas não querem que você a leia.

– Quem é você?

– Meus amigos me chamam de Destino. Na verdade todos me chamam de Destino – sorriu, meneando a cabeça e olhando para cima com desdém. – É sem dúvida um prazer conhecê-la.

– Foi você então que escreveu minha trágica vida, não?

– Fui. Mas você conseguiu desviar-se das minhas linhas... e acabou de estragar um longo trabalho, matando todas aquelas pessoas.

Desejei o caminho de volta para o Limbo, e, fluido, o portal abriu-se. Atravessei-o calmamente, dando uma última olhada, bem ao longe, para o faraó imóvel, triste, cercado agora por seus soldados em pânico, ao verem a cidade em chamas com suas famílias dentro dela. Ele estava jogado nos degraus, sentindo-se completamente desamparado.

– Sim, tenho um minuto para você – disse para Destino. E apontando para o portal, continuei. – Podemos?

Atravessamos o portal.

Entramos no local branco e sem conteúdo. Desta vez não havia onde se sentar e, na verdade, estranhei um pouco a situação. Milhares de dúvidas invadiram minha mente. Eu havia morrido, oras! Esse pensamento passou a pulsar pesadamente, junto com meus batimentos cardíacos. E se eu tinha batimentos, teria eu um coração? Onde estaria Morte com seus ensinamentos? Como eu iria

sobreviver sozinha? O pânico começou a se elevar em mim, quando Destino interrompeu:

– Ei! Calma! Assim você explode! Não vá estragar tudo o que eu fiz de novo!

– Nota-se desde já que você só se importa com seu trabalho, não?  
– eu disse, irritada com seu egocentrismo.

– Eu levo meu trabalho a sério, só isso – respondeu arrogantemente. – E pelo visto percebo que vai ser difícil conviver com você.

– Pois você terá uns pares de milênios para se acostumar.

– Vamos ser amigos, pode ser? Senão terei de dificultar as coisas para você.

– Não me ameace. Ou eu...

– Ou você o quê? Vai me queimar? Vai me matar? – ele riu brevemente. – Esqueça, garota! Entidades não podem fazer nada contra entidades! E se você tentar, eu perceberei e a deixarei ocupada por séculos! Posso não fazer nada contra você diretamente, afinal nosso poder não se aplica a nossos iguais, mas como você tocará todas as vidas da Terra, eu tornarei o mundo um lugar trágico de se trabalhar. Os sentimentos de almas sofridas vão pesar muito em sua onisciência, em sua sensibilidade! Seus sentimentos serão sua ruína!

– Eu não sinto nada. Não tenho compaixão ou amor pelo mundo. São apenas almas, não?

– Eu vi como você adorou o sentimento do faraó.

– Gostar é uma coisa. Sentir reciprocamente é outra. Não me ameace.

– Eu reescrevi a vida do faraó assim que você se tornou o que é.

– E o que sou? – indaguei um pouco confusa.

– Isso vai ser complicado... – disse ele, fazendo graça de minha pergunta, passando a mão na cabeça. – Você é Morte, surda! Não ouviu nada que ele lhe disse?

– Ele ainda é Morte. Não me passou os dons. Não me explicou nada! – o pânico voltou. A sensação de que eu teria que aprender

tudo sozinha era aterradora. Sentia-me perdida, desamparada e órfã.

– Desamparada? – disse ele ironicamente, fingindo sentir pena de mim. – Coitada! Perdida no mundo das trevas em meio aos espíritos maus! Você é patética. Não sei por que me interessei por você. Acredito agora que foi sorte sua, e não incompetência minha.

– Saia da minha frente! – gritei raivosa, olhando-o cabisbaixa.

Ele riu mais uma vez e se fez desaparecer, sua imagem se distorcendo e mesclando com o fundo branco. Sentei-me no chão, se é que se podia chamar onde eu pisava de chão, a ponto de enlouquecer, e Morte se aproximou. Senti sua aproximação. Percebi que minha sensibilidade sobrenatural estava rapidamente aumentando. Ele olhava fixamente para mim. Calmamente, com sua voz mental, ordenou que eu me restabelecesse. Pus-me de pé, acalmei-me. Severo, ele continuou:

– Destino é um garoto. Foi escolhido por possuir uma criatividade fora do normal. Foi escolhido em termos que desconheço. Você terá de conviver com ele durante toda sua existência! Se cada vez que ele provocar você ficar nesse estado, então é melhor desistir de seu...

– Eu não vou desistir. Já passei por diversas situações em vida. Não é depois dela que vou desistir!

– Ahmnat – disse ele com o semblante muito triste. Beijou-me a testa, segurando meu rosto com as duas mãos. Ele me parecia naquele momento um homem preocupado, aflito. Como se ele sentisse todas as mágoas que eu senti em vida, junto comigo –, confio em você. Sou um dos que selecionam uma nova pessoa para assumir meu cargo. Escolhi você, além de motivos extras, por ter sido muito forte. Você será Morte em breve. Com certeza muito melhor que eu fui. Portanto, não se preocupe. Você é maravilhosa.

Sorri. Um último sorriso. Jurei a mim mesma, então, jamais sorrir novamente. Jamais chorar novamente. Seguiria as regras explícitas do Limbo. Sem sentimentos. Sem emoções. Respirei fundo, de olhos fechados, e simplesmente esvaziei meu coração. Voltei a olhá-lo. Ele continuou, como um paciente sábio, a me explicar alguns assuntos

pendentes. Naquela hora, estava tão decidida a ser algo diferente do que eu havia sido, que nem sequer pude imaginar que quebraria todas aquelas promessas.

Onisciência. Acho que deve ser algo muito difícil para o ser humano conceber – sua magnitude, sua importância e seu perigo. Imagens fluindo como a correnteza dos rios mais selvagens. Como sangue arterial, vivo, brilhante e infinito, sendo pulsado para dentro da mente tão rápido, que parece, a princípio, que se está em um pesadelo do qual não se consegue acordar. Vozes. Um turbilhão de sons ininteligíveis ferindo seus ouvidos como se esta fosse a intenção do dom. Muito mais alto e mais diversificado que um concerto de rock dos dias de hoje. Começamos aos poucos. Um, cinco, dez mortais. As imagens de seus olhos, as lembranças de suas vidas, enfim, tudo. Não foi preciso treinamento muito extenso. Ampliei minha “visão” ao mundo em poucos dias, e era necessária apenas uma fração de segundo para que eu focasse esse poder em uma pessoa ou área.

O tempo se tornara algo irrelevante. Os dias e as noites se alternavam como dançarinas graciosas, em movimentos sutis e simples. Eu não sentia mais cansaço, não tinha por que dormir ou, ainda, me alimentar. Apenas estava no mundo para me tornar, em pouco tempo, parte dele.

Morte me ensinou então a comandar os anjos. Os Anjos da Morte.

Completamente o oposto do que eu imaginava, tudo era muito simples – talvez por minha consciência estar sendo levada naquele momento a um patamar mais elevado. Não sei explicar o porquê, mas, assim como rapidamente assimilei o monoteísmo sem qualquer contestação, tudo aquilo fazia sentido para mim. Bastava acreditar em algo, desejar realmente algo, e ele se materializava. Aqueles anjos não possuíam alma. Foram criados pelos poderes superiores para servir às entidades. Morte explicou-me que cada entidade escolhia as formas visuais de seus servidores. Ele escolhera anjos pois havia sido muito espiritual em vida, e rapidamente passou a apreciar a forma dos filhos do Supremo. Não ousei perguntar-lhe sobre como essa vida seria. Minha mente estava ocupada demais em

aprender e em manter-me sã. E já que a imagem de anjos me agradava, não discuti sobre como mudar a forma de meus futuros servos.

Enfim, em cerca de duas semanas de ensinamentos contínuos, eu estava quase pronta. Quase pronta para tornar-me algo que eu nem sonhava ser. Aprendi a ver através dos olhos e das memórias humanas, ouvir através de seus ouvidos, controlar os anjos, mover-me na velocidade de um pensamento, ouvir e falar com a mente, distorcer a realidade do mundo físico, entre outras habilidades. E gostei daquilo tudo.

Estávamos no topo de uma alta colina, lado a lado, ao final da tarde, assistindo ao sol se pôr no horizonte, iluminando a imponência do conjunto monumental de Gizé, onde se encontram as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos. Foi quando me pareceu que tudo o que eu já havia visto durante minha existência mortal necessitava ser visto de novo. Tudo tinha mais brilho e cor que antes. Talvez porque minha alma tivesse se tornado opaca com minha passagem para o chamado além-vida. Minhas decepções quanto às crenças que cultuei durante todos os meus dias devem ter me mostrado que o mundo era muito mais que um conjunto de deuses e estátuas sagradas de gatos. Morte me mostrou o quanto o mundo era lindo.

– Ele criou o mundo com perfeição – eu disse, sem tirar os olhos da paisagem magnífica do Médio Império egípcio, de minha cidade, agora reconstituindo-se de meu ódio.

– Perfeição é uma palavra forte – comentou Morte. – Não O considero perfeito. Acho que Ele possui algumas falhas. Assim como seu amado Osíris, filho dos deuses Geb e Nut, se não me engano, deveria ter falhas também, estou certo?

– Sim. Sua maior falha é não existir. Osíris, deus da vegetação, morreu para mim.

– Você se sente mal com isso?

– Não. Eu não. Mas, se ele morreu para mim, morrerá para o mundo também.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ele, olhando para mim com a testa franzida.

– Você não pode mais ler minha mente, pelo que estou percebendo – disse sem mudar a expressão séria do rosto, mas demonstrando o quanto adorei dizer aquilo.

Ele se voltou para a belíssima paisagem e continuou.

– Você é uma excelente aluna.

– E quando meus ensinamentos estarão completos?

– Quando eu me for – falou com um timbre amargo e longínquo. – Isto eu não poderei lhe ensinar, a lidar com os sentimentos das almas humanas. Quando eu me for e você ocupar meu lugar, você automaticamente passará a sentir tudo o que todos os humanos da Terra sentem, ao mesmo tempo. E, acredite, é um choque.

– Como assim sentir tudo o que...

– Sentir tudo – interrompeu-me. – Como já disse, você tocará todas as almas. Saberá, ou melhor, sentirá o que cada uma delas sente. Contudo, quando se passa, de repente, a senti-las, a mistura de emoções vem de uma só vez, como as vozes e as imagens de sua onisciência. Talvez você consiga separá-las e controlá-las logo. Mas lidar com sentimentos é muito mais difícil que lidar com imagens e sons. Sentimentos não são audíveis ou visíveis.

– Meu coração está limpo de emoções pois assim eu o quis. Eu saberei. Não se preocupe – disse, tentando demonstrar segurança.

– Então, adeus – disse ele sem tirar os olhos da paisagem, após um breve momento de reflexão.

Não tenho certeza, mas parecia que ele estava sendo avisado mentalmente de que seu tempo havia se esgotado. Ou ele via alguém invisível aos meus olhos. Percebi, por mais estranho que possa parecer, que ele gostava de mim. Não arrisco afirmar que era paixão ou algo do tipo, mas ele estava triste por ter de partir. Seu adeus foi súbito e sem preliminares. Ele não queria prolongar um momento amargo. Nem eu.

– Adeus – disse eu, de forma insensível.

Virou-se de costas para a paisagem, ainda do meu lado, e passou a caminhar. Não virei os olhos para vê-lo partir. Certo medo do

futuro me impediu. Afinal, um dia eu caminharia também, para outra existência. Seus passos foram ficando distantes; ele parou de se mover e disse:

– A propósito, meu nome é Hrokel.

O silêncio veio então me abraçar.

A noite caiu. Com ela, o mundo como eu o conhecia.

O barulho de trovões reverberou no céu. Nuvens negras cobriram cada estrela que cintilava no espaço. As distantes dunas no horizonte anunciaram a chegada de uma raivosa tempestade. Relâmpagos rasgaram minha realidade. O vento soprou com força destruidora. Comecei a arfar. Minha alma gritava, revolta pela liberdade, como se o eco de seus gritos estivessem refletindo no mundo o que eu sentia.

Veio a tempestade.

As gotas gélidas da água caindo pareciam me ferir. Eram dolorosas como se estivesse chovendo lâminas pontiagudas. Abri meus braços, de olhos cerrados, desfrutando o momento. A dor era minha bênção, meu batismo, pode-se dizer. É claro que, naquele tempo, eu não sabia o que era um batismo, mas agora posso descrevê-lo assim. Meu corpo dolorido parecia ter sido entregue nas mãos de Deus, ou do Diabo. Um calor insuportável percorreu minha carne, partindo do chão e subindo aos meus olhos. Eu queimava por dentro!

A única coisa que escutava era o barulho ensurdecido da chuva e de seus trovões, acompanhando em ondas o batimento de meu coração. Dor.

Amor, ódio, saudade, raiva, desejo, ansiedade, alegria, tristeza, angústia. Sentimentos diversos adentraram meu corpo. Violaram meu corpo, preenchendo minha pele, fluindo em minhas veias, dilacerando minha alma. Não existem palavras na terra que possam descrever a sensação de sentir, de repente, todos os sentimentos do mundo. Mesclados a minha recém-adquirida onisciência, os seres humanos, homens e mulheres que viviam suas vidas inocentes, se tornaram meus. E gritei em volume de liberdade.

A selvagem tempestade cessou com o estampido rápido e muito alto de um relâmpago, anunciando minha posse. Eu, Ahmnat. Eu,

Morte.

Ao abrir os olhos, sobre a arenosa colina onde estava, vi uma paisagem da qual me recordarei para sempre. Até onde minha vista sobrenatural alcançava, centenas de milhares de anjos, trajados com belíssimas túnicas negras, de pele muito alva e reluzente, com seus cabelos negros dançando ao vento noturno, ajoelhavam-se para mim, saudando-me. Suas asas de longas penas pretas estavam recolhidas. Pareciam elegantes pássaros de mármore e estavam a meu serviço. Os maravilhosos Anjos da Morte. *Meus anjos.*

As vozes e suas súplicas de dúvida. As almas recém-libertas da carne. Os recém-mortos. Eu sabia o que devia ser feito. Inspirei profundamente. A garota egípcia, mimada e sofrida, a virgem de cabelos negros e pele dourada que viveu às margens do Tebas e do Nilo não mais existia. Tornara-se uma agradável memória para mim. Eu, Morte.

– Voem agora, meus lindos anjos. Ajudem aqueles que estão cheios de dúvida e horror. Ajudem as novas almas libertas a me aceitarem. Mudem de forma se preciso! Tornem-se desejos e sonhos! Tornem-se aquilo que as pessoas não podem recusar! Tornem-se meus deuses particulares! Voem! Voem!

Acho que não é necessário descrever o quanto adorei ouvir suas asas se abrindo e vê-los dissiparem-se pelo ar, através do Plano Astral, para carregar aqueles que não mais podiam sentir meu toque. Foi maravilhoso.

Hrokel estava certo. Era muito mais fácil do que eu imaginava. Bastava enviar um anjo ao local onde deixava de sentir a pessoa, coordená-lo através do Plano Astral e habilitar sua entrada no Limbo. Certamente isso envolvia dar-lhes as ordens necessárias para tornarem-se os desejos mortais, para facilitar certas aceitações à morte, como ele havia me explicado. Ou ainda arrastar à força aqueles que fossem ignorantes o suficiente para insistir em ficar.

Passei alguns poucos meses me acostumando a isso. Para mim o tempo agora fluía deliciosamente. Como disse, era fácil fazer a transição, mas era trabalhoso. Quando me apresentava pessoalmente a uma nova alma liberta, tentava sempre ser o mais

simpática e prestativa possível, fazendo com que os medos da pessoa ficassem para trás, fazendo com que ela se sentisse, no mínimo, confortável. Esta é basicamente minha função: instruir. Instruir novas almas ao outro lado da vida, com o auxílio de meus absolutamente fabulosos anjos.

Numa nublada tarde de outono, época das grandes colheitas, admirava os escravos trabalhando nos campos quando Destino apareceu, com seu sorriso sórdido e seu humor doentio.

– Olá! Mais calma? – disse ele. – Podemos conversar agora?

– O que quer, garoto? – respondi, sem olhá-lo no rosto, de braços cruzados nas costas em meio à plantação de algodão, onde estavam os tais escravos. – Achei que não gostasse de vir à Terra.

– Primeiro, eu não sou um garoto. E até gosto de vir à Terra. Mas felizmente não preciso ficar vindo aqui para escrever minhas vidas. Fico mais sossegado no Limbo. Vim até aqui hoje porque estava com saudades.

– E eu não tenho ido ao Limbo por medo de me encontrar com você.

– Você não precisa ter medo de mim! – disse em tom de consolo.

– Não vou fazer mal a você.

– Eu não tenho medo de você. Tenho medo de encontrá-lo, é diferente. Pois sempre que isso acontece me sinto péssima.

– Eu a deixo deprimida? Triste? Por você saber que apenas faz o trabalho de tirar almas do mundo enquanto eu faço o trabalho tão mais nobre de traçar os caminhos humanos?

– Não. Longe disso. É porque você... me enoja – eu quis sorrir, mas jurei nunca mais fazê-lo.

Ele ficou irritadíssimo. Eu percebi. E percebi que ele se conteve, o que só aumentou minha vontade de sorrir.

– Teremos de ser oponentes pelo resto de nossa existência? Não podemos esquecer nossas diferenças e sermos entidades decentes?

– A criança aqui não sou eu.

– Olhe, eu já era Destino antes de você nascer, certo?

– O que só confirma que você é pior do que eu imaginava.

Eu estava me divertindo com aquilo. Eu não tinha sentimentos perceptíveis, era fria como a chuva que me banhou anos atrás, quando me tornei o que sou. Ele não podia fazer nada contra mim, não foi isso o que ele mesmo disse? Que entidades não podem fazer nada contra outras? Eu estava completamente segura.

– Ahmnat, e se...

– Essa garota está morta! – voltei-me para ele bruscamente e elevei a voz, muito rispidamente, interrompendo-o. – Ela morreu queimada ao dar à luz dentro de um casebre em pedaços. Chame-me de Morte.

Ele arregalou seus olhos, assustado com minha reação. Depois, continuou, um pouco mais temeroso.

– Morte, não se altere. Sinceramente, vim aqui hoje para propor-lhe um desafio. Até hoje ninguém conseguiu desviar sua vida tão bruscamente de minha escritura, digo, nenhuma das pessoas conseguiu desviar sua vida de forma tão radical quanto você conseguiu. Você me venceu! Sabe o que isso significa?

– Que você é incompetente? – respondi sarcasticamente.

– Pare de me agredir, por favor.

– Desculpe. Prossiga.

– Significa que você me deve uma segunda chance.

– Você quer escrever minha existência como Morte? Não seja ridículo.

– Não! O que eu quero é fazer-lhe um desafio, como já disse. Aceita?

– Que desafio? Em quais termos?

– Simples. Quando comecei a escrever sobre a garota que morreu queimada – adorei, ele começava a mostrar um pouco de respeito sobre minhas normas –, eu desejei que ela fosse muito emotiva. Ela foi. Sendo assim, quero ver até onde vai meu poder. A garota levou essa emotividade para o além-vida ou será que tudo o que eu escrevi, tudo o que eu criei morreu queimado junto com ela?

– E como você pretende fazer isso?

– Criarei dez vidas mortais. Se você se apaixonar por qualquer uma delas, eu venço, e você retorna à Terra como mortal,

permitindo-me então reescrever sua vida.

– Caso contrário?

– Se você não se apaixonar por meus mortais, eu deixo de ser Destino e retorno ao mundo como mortal, permitindo a você o prazer de vir pessoalmente me buscar quando eu morrer.

Sem pensar nas consequências futuras daquilo tudo e confiando no meu juramento de nunca mais sentir qualquer emoção intensa, aceitei prontamente.

– Ótimo! – disse ele, estendendo-me a palma para selarmos nosso acordo.

Toquei a palma de sua mão com a minha, selando o desafio e, ironicamente, meu destino.

Destino se foi. Em uma questão de minutos, senti então a primeira vida a fazer parte de nossa aposta. Puro como as águas sagradas do Nilo, senti algo que posso definir como amor. Puro amor.

Desde os tempos em que o abrigo mais seguro da face da Terra eram os braços morenos e calorosos de minha mãe, eu não sentia algo tão profundo e sincero. Sem querer ser repetitiva, mas, como já disse, por tocar todas as vidas, por sentir todas as almas humanas envoltas em meu vestido e em minha própria alma, se é que eu ainda tenho uma, naquele momento identifiquei imediatamente a fonte de tanto amor. O faraó de minha antiga cidade. O líder supremo do povo ao qual eu pertenci. O poderoso Ahatza.

Demorei alguns dias para me acostumar ao sentimento sem deixar transparecer o quanto aquilo me deixava encantada. Era tão bom saber e sentir, mais do que ninguém, o que era ser amada novamente! Aquilo me preenchia. Tinha certo medo... não, não exatamente medo, mas certo receio de me aproximar fisicamente dele. Eu o adorei em tempos passados. Ele era mais que um homem poderoso. Ele era o mensageiro dos deuses, de meu adorado Osíris. Memórias tolas de uma garota inocente.

O sol se refletia, em seu crepúsculo divino, nos adornos em ouro do palácio imperial. A sensação de estar na escadaria principal de um lugar no qual eu jamais imaginara pisar era aterradora. Afinal, eu era filha de uma camponesa que vivia em uma área bem simples de

uma cidade egípcia! Em vida, é certo que nunca poria meus pés no palácio sagrado! Toda sua magnitude, naquele dia, era ainda mais bela e sutil do que tudo o que eu já havia encontrado neste mundo e em seus reflexos paralelos! Eu, Ahmnat, a filha feiticeira de uma camponesa suja e de irmãos corrompidos pelo mundo, estava perante o palácio real, pronta para dialogar com o senhor supremo daquelas terras! E ele me amava! Sentia por mim algo que eu só havia sentido por minha mãe. Lembro-me claramente de ter sorrido sem querer e quebrado meu juramento idiota.

Mesmo invisível aos olhos mortais, caminhei delicada e lentamente, como se ainda fosse uma. Adentrei os muros altos e concisos do palácio como se passeasse nas planícies gramadas de outrora. Minha atenção estava voltada aos desenhos magníficos de hieróglifos e passagens divinas gravados nas paredes do palácio, e, a cada passo, mais maravilhada eu ficava. Não conseguia, de forma alguma, subtrair de meu rosto a expressão de alegria que desenhava em minha pele seus traços inocentes. Parei somente quando dei contra as pesadas portas do saguão do trono.

O que aconteceu nos momentos seguintes selou meu acordo com Destino até hoje. Ao adentrar etérea o saguão, meus olhos testemunharam um homem solitário, triste e desejando algo que jamais teria. Desejando a mim.

Sentado em seu trono magnífico, cercado por ouro e glória, iluminado apenas pela pira flamejante que ardia no centro do salão, Ahatza, estático, tinha a alma contorcendo-se de amor por uma mulher que havia destruído grande parte de sua cidade havia alguns meses, por uma dama pálida como a lua, trajando um vestido negro. Fiz-me visível a alguns passos de seu retiro, perante a pira. Ele ergueu vagarosamente a cabeça e fitou-me nos olhos.

– Oh! O que fiz para merecer tanta agonia? – balbuciou o faraó. – Minha dor toma conta de minha mente e me traz delírios agora.

– Seus olhos não o traem Ahatza – eu disse, num tom muito baixo. – Sou eu. Sua amada.

O coração do faraó começou a bater desenfreadamente. Ele se pôs de pé, sem retirar seus olhos dos meus. Sua ansiedade era tão

imensa, que seu corpo mal podia contê-la. Ele fez menção de caminhar até mim, mas não permiti.

– Fique onde está, faraó. Não se aproxime.

– Por que os deuses me tratam dessa forma? – disse ele, tristemente. – Trazem-me a feiticeira divina e não permitem que eu a admire de perto.

– Os deuses estão furiosos com você, Ahatza. Você permite, em seu império, que fatos horríveis aconteçam. Mata em nome deles. Banha-se em seus nomes e sua glória.

– Impossível. Meu povo me adora. Os deuses são adorados por mim. Amon-Rá ilumina minhas terras com esplendor.

– Os deuses estão morrendo, meu faraó. Vim aqui para informá-lo.

– Deuses não morrem! – disse elevando a voz, indignado com minha afirmação. – Caso contrário, por que se intitulariam deuses?

– Meu lorde, Osíris, seu deus da vegetação, foi destituído de seu posto. Foi destruído. O filho de Gueb morreu. Passou a controlar as almas das pessoas que partem deste mundo. Osíris, o grande deus da vegetação, é agora Osíris, o deus dos mortos.

Minha adoração fútil a um deus inexistente havia sido então apagada, com uma nova lenda.

– Não me conte mais nada, feiticeira negra. Isso já é o bastante. Que assim seja. Osíris, deus dos mortos. Mandarei construir um enorme templo dedicado a ele, às margens do mais formoso rio. Um templo à morte. – Eu sorri sutilmente enquanto ele se virou de supetão e desenhou sua vontade em um papiro novo. – Pronto! Agora tenho um pedido a fazer-lhe.

– Não posso ficar com você. Não posso ser sua companheira. Vou embora em alguns instantes para nunca mais vê-lo. Sua mente é aberta a mim. Não faça perguntas tolas.

Ele ficou estarecido. Seus olhos se abriram como uma flor na primavera. Ficou calado por um longo momento e perguntou:

– Quem é você, que toma conta de meu coração? Daria a própria vida para saber quem é você, dama da escuridão. Não entendo o que sinto, mas sei que me tortura. Diga-me ao menos quem é!

– Eu, meu doce e frágil Ahatza, sou Morte.

Seu coração palpitou forte. Ele se calou e recuou um pouco. O amor avassalador que ele sentia por mim cada vez mais me incomodava. Eu sentia todo o fervor de sua alma, desejando-me. Cada centímetro de meu corpo, de minha pele. Um sentimento parasita, preso forçadamente em seu peito, fazendo-o sofrer, fazendo-o ter uma vontade incontável de chorar, sem nunca realmente poder se ver livre para apaziguar seu coração. Sem nunca realmente poder se banhar em prantos. E aquilo o consumia de uma forma doentia e poética. Ele sofria por uma mulher que jamais teria nos braços. Tive vontade de beijá-lo. Mas não seria pior? Somente intensificaria tudo aquilo e aumentaria suas esperanças. Eu não era uma sádica, afinal. Se eu lhe beijasse apenas uma vez, certamente estaria condenando-o a mais sofrimento. Mas sentir todo aquele amor tão puro, real e sublime, fazia minhas mãos tremerem, meu peito inflar-se de orgulho e compaixão. O que eu poderia fazer? Como havia tempos não acontecia, me senti confusa. Terrivelmente confusa.

– Veio me levar então? – disse ele de repente, projetando-se para abraçar-me em desespero. Um gesto que eu não havia previsto, por estar perdida em meus próprios sentimentos. Assustei-me como uma mortal o faria. Dei um passo rápido para trás e bradei como imperatriz:

– Afaste-se, faraó! – Ele imediatamente caiu de joelhos, com a cabeça baixa e as mãos cobrindo o rosto. – Jamais tente tocar em mim novamente! Não vim aqui para levá-lo. Vim à sua casa para satisfazer seu desejo mortal de me ver. Para satisfazer a paixão impossível que cultivava em seu coração! Como pode me adorar? Eu queimeei até as cinzas grande parte de seu reino por vingança! Por uma vingança tola e doentia. Como pode me amar assim, de forma tão desesperada? É um faraó! Pode ter a mulher mais bela de seu reino! Pode ter...

Ele ergueu a cabeça lentamente, baixando as mãos, mostrando-me as lágrimas que escorriam delicadas de seus olhos. Entrei em um breve estado de depressão por vê-lo assim.

Destino, como você pôde ser tão cruel? – pensei. – Como pode fazer uma pessoa sofrer tanto por causa de um pacto idiota? Você deveria escrever a vida das pessoas aleatoriamente! Não de acordo com seu humor! Como pode fazer isso!?

– De que adianta, meu amor – balbuciou soluçando o líder do Egito, vencido pelo mais antagônico de todos os sentimentos –, beijar lábios de mulheres que não me fariam um homem completo? De que adianta ser poderoso, se não tenho a mulher que amo? De que adianta você satisfazer minha vontade de vê-la, se não posso tocá-la? Amon-Rá deve existir como um ser cruel. Como você pôde...

Tossiu. Repetidas vezes, engasgando com a própria saliva, chorando como uma criança. Inspirou profundamente e, como um último lamento, proferiu:

– Como você pôde acreditar que me dando o inconcebível prazer de vê-la eu iria saciar a vontade que tenho de torná-la minha esposa? De tê-la a meu lado em meus dias mais belos? De colocá-la num trono dourado e amá-la tanto, que você jamais conseguiria descer dele. Amo você profundamente, minha vida, meu sol, minha morte.

Aquilo agia em mim como ácido. Corroía minha alma selvagemmente. Perdi-me mais uma vez em meus sentimentos, tentando controlá-los, escondê-los. Queria pegá-lo nos braços, tocar seus lábios, ficar com ele pelo resto da vida. Achei que fosse explodir. Mas eu ainda não havia passado por tudo. O pior ainda estava escondido.

– Ahatza, levante-se – murmurei, controlando minha voz para não deixar uma gota de sentimento ultrapassar as devidas barreiras. – Levante-se, faraó.

Parecia que ele não me ouvia. Não moveu um músculo para se levantar. E por mais que eu quisesse agarrá-lo pelos braços, levantá-lo e acalmar seu coração enlouquecido, não me movi. Continuei a sofrer silenciosamente, junto com ele, estática a sua frente. As luzes sibilantes da pira ardendo no centro do salão se refletiam em seu corpo dourado fazendo-o parecer a mais bela estátua já esculpida. Eu ouvia essa estátua chorar. Sentia sua profunda agonia. Eu tremia

com cada lágrima sua se chocando pesarosamente na pedra polida do chão do palácio. Seu desespero estava tomando proporções absurdas.

– Ahatza! – gritei. – Ordeno que se levante!

Ele se pôs de pé, novamente de forma repentina, e sem que eu previsse correu a sentar-se em seu trono, sorrindo ensandecido, como um louco, levando uma das mãos à boca e mordendo os dedos. Concentrei-me em sua mente, mas todo aquele amor que vinha de sua alma refletia-se na minha, turvando meu poder, deixando-me literalmente em pânico.

– Guardas! – ele gritou, sendo obedecido imediatamente. Quatro homens armados invadiram a sala em estrondosos passos. Correram em minha direção, parando aterrorizados quando me fiz desaparecer de seus olhos. O que estava acontecendo comigo?! Eu quis gritar.

– Morte! – continuou meu amor em gritos de paixão doentia, levantando-se de seu trono e tomando uma espada da mão de um de seus guardas. – Compreendo sua recusa para meu trono dourado! Amon-Rá não lhe permitiu! A culpa de toda minha desgraça não é sua! Que assim seja! Vou obrigá-lo pessoalmente a satisfazer o único desejo de seu maior devoto!

Ele ergueu a espada. Eu gritei para todos ouvirem.

– Ahatza, não!

Com a mão espalmada a minha frente, desejei, através de meus poderes, estilhaçar sua espada, poupar-lhe a vida. Ele estava prestes a morrer de forma hedionda, por um amor que lhe fora imposto por vil criatura.

Fui arremessada para trás, como se por uma força da natureza. Como se atingida por poderoso relâmpago. Na verdade, talvez eu realmente tenha sido.

Perfurou meus ouvidos a gargalhada. Alta. Muito alta. Como se viesse de encontro a mim tal quais os trovões vão às nuvens. O Maldito estava na sala. Lembro-me de ter batido as costas nas pesadas portas do saguão no mesmo instante em que o golpe suicida do faraó fora desferido.

A dor. A imagem que me acompanhou por séculos. Meu belíssimo faraó banhando-se nas lágrimas vermelhas que agora jorravam de seu peito, maculado pelo metal frio da espada dirigida pelas próprias mãos.

E parado perante a pira flamejante, em sua tétrica silhueta negra que permeou minha vida mortal, o Maldito gargalhava como um animal. Como um bicho.

Em meio aos risos frenéticos, falou raivoso, sarcástico:

– Quem é você para interferir nas vidas mortais!? Quem deu a você o direito de se achar dona das almas e da razão? Está aqui para cumprir um trabalho, não? Pois o cumpra!

– Sofro de um mal do qual jamais terá ciência, ó cruel demônio! – gritei.

– Sofre por um sentimento mortal. É visível. Quase a ponto de se tornar palpável! Sua brincadeira com Destino selará sua existência! Continuará como Morte, tolerarei tal erro por ter concebido uma criança pura. Foi seu último, lembre-se disso. Posso fazê-la sofrer mais agora do que fiz em sua vida humana.

Tentei manifestar uma defesa, sem proferir palavra alguma. Fui interrompida.

– Não. Nenhum tipo de sentimento é tolerado. Nenhum. Faça seu trabalho. Destino não saberá disto.

Se eu senti raiva? Ódio? Remorso? Claro. Mas compreendi. Senti a dor profunda da perda, como sentem os mortais ao perderem um grande amor. Porém eu podia senti-lo de forma a quase tocá-lo. Senti todo o amor que Ahatza poderia ter sentido por alguém. Eu desejava esquartejar Destino se pudesse fazê-lo. Quis chorar. Quis gritar. Mas compreendi.

Ergui-me, recobrando minha razão. A densa névoa que permeava minhas veias, turvando-me a razão, subitamente não mais existia. *Venham. Venham, meus maravilhosos anjos. Há aqui uma alma sofrida, pronta para ser julgada.*

O Maldito se fora sem que eu percebesse. Mas nem pensei nele naquele momento. Caminhei de cabeça erguida e coração partido pelos salões que me levaram ao trono. Guardas, sacerdotes,

nobres... Pessoas desesperadas correndo de um lado para o outro gritando a morte de seu supremo faraó – meu príncipe intangível de pele dourada, agora sendo cuidadosamente levado nos braços por um anjo de asas negras. Retirei-me para as planícies desertas. Sentindo culpa. Sentindo a falta da alma do faraó em minha onisciência sensitiva. Sentindo a falta de seu toque imponente.

Deixei meu pensamento fluir, com o calor dos ventos áridos a atingir meu rosto. Minha pele. Minha penitência.

Então percebi o que Hrokel disse sobre suprimir sentimentos. Como uma gota de chuva caindo despercebida no começo de uma tempestade, me senti limpa, pura. Mas não me senti bem. Não posso afirmar que me senti mal, também. Foi estranho, pois não sentia mais nada. Acho que o Maldito teve algo a ver com isso. *Quem é você, Maldito?* – sussurrei. – *O servo divino único que deixou minhas crenças à revelia do vento? Ou aquele vilão que invoca seus poderes para desafiá-lo? Um arcanjo sádico cumprindo as ordens de seus senhores?* Deitei-me na areia, deixando os sopros da natureza usá-la para cobrir partes do meu corpo. Fechei os olhos, tentando descansar um pouco e refletir. Sabia que não necessitava de descanso, mas mesmo assim algo me compelia a agir como uma...

– Mortal. Como uma mortal alienada dos fatos que a cercam – uma sombria voz feminina falou comigo. Direto em minha mente.

Levantei-me num salto e virei o rosto para ver uma mulher alta, magra, com a pele um pouco mais rosada que a minha, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo. Seus cabelos eram muito vermelhos, cheios, repicados a ponto de cair sobre sua testa como se não fizessem parte de sua cabeça. Olhos marcantes, de um tom púrpura azulado. Ela me observava com seu semblante sábio e antigo. Caminhou lentamente até mim, em seu vestido longo azul-marinho, roxo, vermelho... sim, ele parecia mudar de cor por conta própria. Era sem mangas, com cortes que lembravam uma cortina rasgada e um pouco suja.

– Quem é você? – indaguei curiosa, telepaticamente. – De onde você veio?

– Me perdoe, mas você age muito como tola mortal... abra seus olhos, Ahmnat.

– Quantas vezes vou ter de dizer que essa garota...

– Tornou-se Morte! – interrompeu-me rispidamente. – Não venha me convencer de seus orgulhos humanos! Pare de agir como uma humana dotada de poderes divinos! Você é Morte! E Morte deve ser!

– E quem é você para me dar sermões? Quem ousa falar assim comigo?

– Está vendo a confusão causada por sua visita? Está sentindo a mágoa, o desejo e as ambições das pessoas nesta cidade, sabendo que seu supremo líder está morto? Sabe quantas pessoas vão ser horrivelmente executadas para assumirem em falso a culpa do assassinato do faraó? Sabe quantos passarão fome, quantos vão sentir-se perdidos em meio à confusão? Quantos serão aqueles que roubarão, agora que a atenção está voltada para a consequência perfeita de sua infame brincadeira com Destino? Tudo isso, trabalho meu.

– Ele não foi assassinado, Destino o fez cometer suicídio!

– É claro que ele foi assassinado! – gritou. – Ou você acha que as pessoas vão saber que ele se matou? O nome da família é importante demais para ser manchado por um líder fraco, que não teve nem sequer coragem de viver, deixando-se levar por uma entidade leviana, que fez uma aposta com outra que, por sua vez, faz um trabalho miserável!

– Você é completamente louca! Saia da minha frente ou...

– Eu vim aqui para ajudá-la, Ahmnat.

– Não é o que me parece! Poderia pelo menos ter se apresentado!

– Meu nome é Vidhora. Eu sou Caos.

Isso mudava muita coisa. Senti que ela falava a verdade. Senti que suas intenções eram boas. Sem motivo aparente, senti. Ela queria me ajudar.

– Não bem sem motivo aparente, minha querida – disse ela.

– Como você faz isso? Como lê minha mente? Entidades não têm poderes sobre entidades.

– Você acha que consegue cuidar de seus anjos enquanto aprende?

– Sim, tenho certeza. Mas você não respondeu minha pergunta.

– Acalme-se, garota... você tem muito o que aprender ainda. E por falar em aprender, você estará muito ocupada até o próximo milênio.



– *E me diga uma coisa – pediu o rapaz*, dobrando-se para frente, curioso –, só existem entidades, digamos assim, ruins? Do tipo Caos, Morte etc.?

– Eu perguntei exatamente isso para Vidhora. Ela me respondeu como vou lhe contar a seguir. Controle sua ansiedade, garoto!

– Ei! Sou mais velho que você, respeite-me – brincou.

– Só do lado de fora, querido. Vocês não costumam dizer que o que importa é a beleza interior? – riu Morte.

A ansiedade humana do rapaz era algo excitante para ela. Morte se acostumara a não se preocupar com o tempo, por ter tido uma existência tão longa. Só então ela passou a compartilhar um pouco dessa ansiedade, crescendo exponencialmente dentro dela. Sua existência estava para acabar, e ela sabia que não ia acabar bem. Ele fez sinal para que ela continuasse.





O SENHOR  
DO ORIENTE

Você se importa se me chamar de Morte? – perguntei sutilmente, enquanto andava ao seu lado em uma colina banhada pela luz do sol, muito longe do Egito, onde o frio cortante era algo comum.

– Não. Mas me chame pelo meu nome. Eu prefiro.

– Sim. Vidhora.

Andávamos como duas mortais comuns, porém sem permitir que seres humanos nos vissem. Caos, ou Vidhora como ela preferia, havia nos transportado para uma distante e gélida montanha ao centro do Oriente. Dizia ser o lugar mais alto do mundo e seu preferido. Dali, ela dizia, dava para ver o mundo todo, tendo-se onisciência, claro. Admirando-a cuidadosamente, percebi que, apesar do vestido em trapos e da incômoda falta de cuidados pessoais, era uma mulher belíssima. Sábia. Parecia existir havia séculos.

– Exato. Existo há muito mais tempo que você possa imaginar – disse ela, com um leve sorriso nos lábios.

– Como faz isso? – perguntei intrigada, sorrindo de forma tola.

– Rara. Rara é a alma que preenche os requisitos para tornar-se o que sou hoje. Enquanto fazer o trabalho de Morte requer uma alma pura e sem sentimentos pesados, se é que assim posso chamá-los, ser Caos requer uma alma completamente difusa, trêmula e inconstante. Podemos dizer que, enquanto o cargo de Morte cicla em cerca de dois até, no máximo, quatro mil anos, o de Caos cicla de cinco a sete mil. Sou muito antiga. Tudo o que aprendi devo aos mestres.

– Deus e o Demônio?

– Sim. Mas não Os encare como o Bem e o Mal. Eles são idênticos. Só depende de como se enxerga. Deus permite o sofrimento, mas criou a vida. O Demônio, como o chama, pune as almas que não aceitam o conceito da eternidade, mas criou o prazer, para a vida não ser apenas um campo de treinamento sofrido, criado por Deus. Quanto a sua pergunta, para não nos desviarmos do tópico principal, nosso poder é ilimitado. Quanto mais você o usa,

mais ele se fortalece. Geralmente as entidades nem tentam usar seu poder umas contra as outras, já que para nós é fácil perceber quando isso acontece e lutar de volta. Você, por exemplo, poderia tentar acabar comigo. Mas seu desejo teria de ser algo extremamente forte, extremamente cheio de ódio para que sua tentativa fosse bem-sucedida. Porém eu perceberia e lutaria contra. Como se isso não bastasse, você teria de fazer isso no Limbo, para que eu fosse realmente destruída, só que no Limbo não são permitidos sentimentos.

Fui assolada imediatamente pela ideia de ter minha existência como Morte controlada, pré-escrita por Destino. Extravasei meus sentimentos de raiva e medo.

– Não faça isso, querida!

– Vidhora, e se...

– Você perceberia. Não se preocupe. Destino raramente sai do Limbo.

– E como ele pode saber o que eu sinto, para ter controle sobre nosso pacto?

– Através de seus anjos. Eles são uma extensão de sua onisciência sensitiva. Cada vez que levam uma alma ao Limbo, Destino pode pressentir.

– E o que acontece se uma entidade entrar no Limbo com a alma cheia de sentimentos?

– Terá um encontro nada agradável com os criadores, creio eu – respondeu-me sem tirar os olhos do maravilhoso azul do céu.

Sentei-me na encosta, sobre a neve fofa que cobria como um cobertor o topo da montanha onde estávamos. Vidhora continuou em pé, logo atrás de mim, paciente com minhas questões. Calei-me por alguns instantes. De onde estávamos, o horizonte não mais parecia uma linha, mas sim uma linda parábola, desenhando a curvatura da obra-prima de Deus. As nuvens na imensidão do céu me faziam imaginar o quão belo devia ser o Paraíso. O reino de Deus. O Deus único e onipotente que aprendi rapidamente a adorar. Como o Demônio podia competir com tanta beleza? Como podia, inclusive, tornar-se inimigo de alguém que criara tamanha

maravilha? Algo me dizia que Vidhora ia responder sem que eu a perguntasse diretamente.

– Hrokel tinha razão. Você aprende muito rápido. Percebeu que eu lia sua mente. Mas cuidado. Não tente ler a mente de uma entidade sem antes ter a certeza de que será furtiva o suficiente. Eu permiti que você percebesse nesse caso. Quanto a sua indagação, não Os encare como inimigos, mas adversários. Pontos de vista diferenciados. Podemos dizer que, em escalas divinas, eles também possuem um pacto, como você e Destino, um querendo provar que é superior ao outro. Quando essa comprovação acontecer, será o fim do mundo como o conhecemos. Chamam de armagedom a suposta batalha final entre Deus e o Demônio. Mas acredito que isso demorará muito a acontecer, se é que vai acontecer um dia. Eles são muito parecidos. E também...

– Vão nos dar muito trabalho – sorri inocentemente.

– Sim – Caos sorriu também, de forma alegre. – Muito trabalho. E como eu dizia, Deus criou o mundo com perfeição, sim. Mas encare o mundo como uma mesa de jogos. Aqui, almas humanas são treinadas e conhecem tanto o toque de Deus como o do Demônio. Quando ela, a alma, realiza tudo, conhecendo bem os dois lados, ela tem a opção de escolher um deles, como Hrokel lhe disse. Quando não...

– Voltam para aprender mais – completei. – Entendo. Desculpando-me pelas inúmeras perguntas que tenho e antes que eu continue, me diga: por que está tão disposta a me ajudar?

Ela sorriu deliciosamente. Agachou e me abraçou pelas costas, beijando-me levemente a nuca.

– Por que você, minha estrela tardia, é Morte. Sendo assim, dependo de você para um trabalho perfeito, dependo de você para apaziguar o que faço. E ainda, quem sabe um dia você não fique forte o suficiente para exercer seu poder sobre outras entidades? E se realmente esse dia chegar, você será uma das mais poderosas. Sendo assim, prefiro que me adore. Prefiro adorá-la. Você é maravilhosa. Destino é um tolo manipulador. Hrokel sofreu nas mãos dele.

– O que aconteceu?

– O mesmo. Ele se apaixonou perdidamente por uma jovem mortal que teve o poder de conceber um filho extremamente puro, e, então, morreu queimada.

Fiquei sem palavras. O que senti foi totalmente inusitado para mim. Não que eu nunca o tivesse sentido, mas nunca com tamanha intensidade: medo. Por alguns segundos duvidei que pudesse vencer Destino.

– Não gosto dele também. Mas tenho plena certeza de que você pode vencê-lo. Triunfar onde Hrokel falhou.

– Mas, Caos... desculpe, Vidhora, se nem você que é tão antiga e experiente e poderosa...

– Em meu poder não está incluso o dom de dominar as vidas. No seu sim.

– Entendo. Mas não existem entidades tais como Vida, Ordem, enfim, entidades que não sejam incumbidas de trazer e criar somente o sofrimento humano?

– Quando Deus criou o mundo, minha bela camponesa, criou-se o sofrimento. Sem motivo aparente, apenas para, digamos, treinar almas. O Demônio discordou desse pensamento e questionou a Deus. Deus jamais pode ser questionado sobre suas ações. Expulsou-o do Paraíso e deu-lhe poder suficiente para mudar o mundo, para que ele provasse que através do prazer se podia obter almas perfeitas. Então vieram as alternações, os sentimentos. Você somente pode saber se algo é bom se conhecer o mal, e vice-versa. Nós entidades fomos criadas para equilibrar a equação e, ironicamente, sinto-me até mal falando isso – disse sorrindo –, ordenar os fatos. Você deveria conhecer os dois lados antes de continuar como Morte. Vai entender muito melhor o equilíbrio perfeito das situações. Vai tornar-se neutra. E a neutralidade é um dos aspectos mais positivos que seu trabalho pode exigir. Hrokel pedia para o lado de Deus. Por isso foi facilmente destruído por Destino.

– Por quanto tempo Hrokel foi Morte?

– Não mais que mil anos, se não me engano. Não tive muito contato com ele. Ele não costumava falar nada sobre si e gostava de sua privacidade absoluta. Creio que ele devia rezar e acreditar que se tivesse fé no Criador estaria salvo de qualquer trapaça. Como eu disse, nunca é bom pender para um lado só no além-vida.

– Mas como vou conhecer os dois lados? Como posso adentrar os portões do Paraíso querendo falar com Deus? Ou, ainda, como poderei caminhar através dos portões do Inferno se nem imagino onde ele fica? Falando a verdade, eu não sei como adentrar nenhum deles! Mal sei ir para o Limbo, mal conheço todo o potencial de meu poder lá.

– Suas dúvidas serão respondidas por eles mesmos.

– O que quer dizer?

– Eles, obviamente, já sabem de seu pacto com Destino. Estão a observá-la.

– Como assim?! – entrei em pânico.

Vidhora sorriu como se tivesse perante si uma criança indefesa longe dos pais. Pensando bem... tinha.

– Querida – continuou a Senhora do Caos –, seus sentimentos são uma constante ameaça à sua existência. Venha. Venha aprender a suprimi-los.

– Os sentimentos são como as alças de uma arca dourada, cheia de relíquias valiosas – ela dizia. – Basta alguém saber onde estão essas alças para abrir sua alma e tirar de dentro dela tudo o que você tem de valioso. A melhor parte de toda minha existência – continuou serena e prestativa – é saber que ainda tenho minhas memórias de todos esses anos.

Vidhora. Caos. Ela continuou, desde nosso primeiro encontro, a meu lado. Sem sair de perto de mim por décadas. Para nós, entidades, o mundo é um lugar pequeno e, no entanto, cheio de detalhes maravilhosos, os quais jamais poderia sequer ter imaginado quando era mortal. Os dias para nós são curtos, porém enriquecidos com a graça da Criação. Ela me ensinou muito. Como suprimir sentimentos leves, como utilizar meu poder para conhecer detalhes ínfimos de onde quer que eu estivesse e até como expandir minha

onisciência a um novo patamar. Infelizmente não tenho tanto tempo assim para contar detalhes do século que passei com Vidhora. Posso apenas afirmar que foram anos fabulosos e muito, muito instrutivos. Entrarei em detalhes em outra ocasião, quando o tempo não for tão escasso.

Continuando. Caminhamos através dos mais diversos lugares do planeta. Ouvia sempre com atenção suas palavras banhadas em sabedoria. Bom, quase sempre. Por vezes minha atenção se perdia nas maravilhas da Criação. Desde as florestas tropicais que pintavam continentes dos mais variados tons de verde até incomparáveis savanas selvagens onde os homens caçavam para sua sobrevivência com todo o vigor de seus corpos negros, suando sob o sol ditador no azul do céu, passando por oceanos intermináveis, além de outros diferentes, mas não menos belos, lugares de geografias diversas.

– O resto você aprenderá sozinha, minha bela dama – ela dizia.

Obviamente, nesse tempo, jamais perdi o controle ou esqueci meus afazeres. Podia ser uma entidade nova e cheia de dúvidas, mas sempre fui responsável. Ela também dirigia constantemente suas explosões de discórdia, confusão e, literalmente, caos.

Algo que por vezes me assustava um pouco era a ênfase que ela colocava em seu trabalho e a força com a qual este se realizava. Seu poder era invejável. Não conseguia entender muito bem como ela criava a ordem a partir do caos, ou como desmantelava a ordem em segundos com pequenas inserções estratégicas de inveja ou remorso. Ela tinha uma proficiência admirável na visão do futuro, tendo praticamente certeza da reação dos mortais a sensações diversas. Bastava ampliar uma emoção em uma pessoa-chave, e a reação em cadeia gerava conflitos intensos, batalhas épicas e ramificações extensas na história humana. Talento, ela dizia.

Para mim, aqueles diversos anos que andamos lado a lado foram como momentos de intenso prazer: curtos e inesquecíveis.

No dia em que nos despedimos de nossa cumplicidade absoluta, ela disse:

– Você é uma das mais adoráveis pessoas que conheci, Ahmnat.

– Cuidado, minha doce senhora – disse sorrindo. – Você pode ser expulsa se me adorar muito.

– Eu a amo, Ahmnat. Espero que possamos nos ver mais brevemente que imaginamos. É raro encontrarmos outras entidades, mas espero que não seja este o nosso caso.

Sorri, deixando seu sentimento verdadeiro tocar meu corpo. Senti-me querida, como havia muito tempo não sentia. Armazenei, se posso dizer assim, seu carinho dentro de mim, em um lugar inviolável, no fundo de minha alma.

– Eu a beijaria agora, se fosse seguro – disse Caos, com as mãos abraçando o próprio corpo.

– Se fosse seguro? – perguntei intrigada, sem tirar o sorriso confortante dos lábios.

– Você já beijou alguém, Morte?

Fiquei sem graça, posso até dizer encabulada, com a questão. Deixei-me expressar. Afinal de contas eu era uma mulher que, em aproximadamente duzentos anos, nunca tinha beijado ninguém. Na verdade nem havia pensado mais naquilo.

– Vejo que não. Achei que não. Nem em sua vida mortal nem depois. Imagine então todos os sentimentos transmitidos por um beijo, amor, medo, desejo, ansiedade, multiplicados por seu poder. Um beijo que invocaria todos esses sentimentos acumulados de todas as almas humanas as quais você toca, das almas daqueles que podem sentir o que quiserem, quando quiserem. Um beijo adoravelmente assustador.

– Vou sentir sua falta, Caos – disse, inspirando fundo o ar gélido do Oriente.

– Você fala como se...

– ...você fosse embora e nunca mais fosse voltar – interrompi-a e continuei. – Mas, você não sabe dizer por que, estão surgindo muitos afazeres no mundo que, por maior que seja seu poder, necessitam de você pessoalmente. Assim que a sobrecarga baixar, você terá o maior prazer de voltar a me ver, se possível.

– Seu aprendizado chega a me espantar, Morte! Eu a saúdo mais uma vez. Ler a mente de entidades é uma prática fascinante. Quase

não percebi. Pratique com cuidado, minha querida.

Sorrindo, com o corpo um pouco virado de lado mas sem tirar os olhos dela, repousei as mãos em meus ombros, cruzando os braços sobre meu peito, e despedi-me:

– Adeus, Caos. Não vá arranjar confusão.

Ela sorriu e respondeu no mesmo tom irônico:

– Adeus, Morte. Não deixe de viver a vida.

Desapareceu, deixando seu perfume suave de folhas secas de eucalipto para ser carregado pela brisa.

Lembro-me de ter sentido uma solidão incontrolável quando ela partiu. Uma solidão que me acompanhou por cerca de dez segundos. Eu era Morte. Deveria agir como tal.

Por volta de cinco ou seis séculos depois de nossa separação, eu me encontrava atarefada o bastante na Europa Oriental, quando senti o toque de Destino em minha vida. Paixão. Oh! Sentimento incômodo. Um arrepio humano me subiu a espinha. Um novo desafio. Destino... esperava que você tivesse desistido.

Contudo, dessa vez eu estava muito mais preparada para enfrentar meu novo amor do que antes. Eu já havia visto muita coisa e havia aprendido muito. Mas Destino sabia o que estava fazendo quando propôs o pacto. Eu abominava e temia o amor, pois, em minha vida mortal no Egito, amor foi algo oblíquo e cruel para mim. Quando achei que fosse tê-lo só para mim, ele se desvaneceu como neve ao sol. Mas eu estava preparada. Sim... acho que estava. Destino queria me desorientar. Sendo assim, por que não o desorientar também?

Assim que senti a alma de meu novo admirador, sorri com a crueldade de Destino. Ele era oriental. Vivia no planalto gelado, palco para grande parte de meu aprendizado com Vidhora. Os lugares cobertos de branco onde existi ao lado de minha amiga, minha confidente. Os rios congelados, as árvores brancas, as pessoas de pele alaranjada e de olhos puxados. Destino, seu desgraçado!

Quando deixei meus pés tocarem o solo do lugar onde se encontrava meu novo admirador, senti-me estranha, por saber que

havia acabado de mandar diversos anjos para lá recolher as centenas de corpos estirados na neve. Na neve vermelha.

Ele era o único homem a permanecer em pé. Estático e imponente como a estátua de um dragão oriental. Soberano. Empunhava ainda sua espada lavada com o sangue quente de dezenas de inimigos, que agora repousavam tranquilos nos braços de meus anjos, numa viagem ao outro lado. Ele olhava para o céu como se esperasse que um raio o atingisse entre os olhos. Não... Ele me esperava. De alguma forma ele sabia que eu viria. *Como? Informação. Eu preciso de informação. E rápido.*

Respirando fundo e cerrando os olhos lentamente, atirei-me ao ar de braços abertos, chegando rapidamente ao chão algumas dezenas de metros adiante. Os ventos aumentaram sua força em resposta à minha súplica. *Mortais! Vocês não podem esconder seus pensamentos de mim. Vocês não são uma barreira. Nada pode libertá-los do meu desejo!* E novamente o céu implodiu sobre mim, sem sair do lugar.

É extremamente difícil descrever o poder da onisciência. Algo parecido seria uma sequência líquida de imagens, sons, sentimentos e sensações vindas com a fúria de uma tempestade oceânica. Desesperador, desconfortável e delirante... Maravilhoso!

Aqueles orientais, desde antes de eu me tornar uma entidade, eram politeístas, venerando deuses liderados pelo Senhor das Alturas, Shang Di. Também davam extremo valor a seus antepassados. Acreditavam que, para receber atenção de seus, acho que posso dizer, "supostos" deuses, deveriam fazer sacrifícios a eles. Era exatamente o significado daquele festival mórbido estendido na neve. Um convite à minha pessoa. Patético. Já de princípio perdi um pouco da emoção do primeiro encontro com esse meu novo amor, uma vez que ele adorava a diversos deuses, e eu sabia que havia apenas um. E mais, o valor que seus antepassados tinham para ele não significava nada para mim. Ele mantinha sentimentos por pessoas que *eu* ordenei que fossem levadas. Destino, você me decepcionou, querido.

Voltei a pousar meus pés na neve banhada de sangue. Passei a, vagorosamente, caminhar em direção a Tsun. Sim, este era seu nome. Tsun Chou. Porém, antes que eu aparecesse para ele e começássemos um diálogo que, eu tinha a absoluta certeza, não acabaria bem, resolvi dar as cartas na minha disputa com Destino.

Estávamos num tempo e num espaço em que se regia o que eles chamavam de Dinastia Tang, a qual assentou as bases da civilização chinesa. O atual monarca, o tirano Siang Tang, mantinha-se no poder graças a seu governo de sangue e medo. E Tsun Chou queria sua cabeça.

– Sacrifícios! Morte! A terra de seus antepassados banhada pelo sangue de seus inimigos! – gritei com a voz mais grave e sombria que consegui produzir para que Tsun escutasse e sentisse os ventos gelados convergirem todos para cima de si. – Quem ousa perturbar o repouso do Senhor Supremo? – acrescentei.

Ele entrou em pânico, sem mover um músculo ou sair do lugar. Apenas deixou cair a espada que segurava. Demorou cerca de vinte segundos para que rapidamente se ajoelhasse no chão e se pusesse a rezar.

– Pare de rezar, tolo ignorante! – continuei, com a voz já assumindo um tom de raiva. – Você já possui a atenção desejada. Fale...

– Senhora dos ventos, obrigado. Obrigado por ficar a meu lado. Obrigado por me dar forças para sobrepujar meus inimigos. Obrigado.

– Acredito que você não tenha perdido centenas de homens de sua armada e executado outras centenas de pessoas para me elogiar ou agradecer. Diga-me o que quer ou vai se encontrar com seu exército novamente.

– Não! – disse ele erguendo o rosto, mas ainda ajoelhado. – Perdoa-me... Eu tenho um pedido a fazer.

– Eu o ajudarei a derrotar Siang Tang. Por um preço... – sendo sua mente e seus sentimentos um livro aberto para mim, eu li.

– Senhora que lê meus pensamentos, sabe então que não sou um homem puro, não sei se tenho o direito de pedir que...

– Basta! – eu estava desfrutando daquela situação como um poeta desfruta de sua tristeza. – Tang está no território das províncias de Henan. Se você conseguir chegar até lá, com o que possui no corpo e sem o auxílio de ninguém, eu o ajudarei.

Ele não pronunciou mais nenhuma palavra sequer. Abaixou a cabeça por alguns segundos e se ergueu da neve, voltando a empunhar sua espada. Começou a caminhar sozinho, sentido-se triste e desejando ardentemente me ver. Pensei em me mostrar para ele, para ver a expressão de esperança em seu rosto dar forças a suas pernas. Para sentir seu coração bombear seu sangue com mais vigor. Ele jamais chegaria ao destino estabelecido por mim andando e, ainda, sofrendo de um amor estranho que ele não conseguia entender. Ele e seu clã seminômade não se embrenharam naquela batalha no planalto para pedir ajuda. Ele fez aquilo para me impressionar. Mas não teve coragem de dizer isso para mim. Só pediu que eu o ajudasse a derrubar o imperador Tang em respeito ao que havia dito para seus irmãos, amigos e soldados do clã. *Meus seguidores! Mais uma batalha nos aguarda. Mais um passo na direção do império! Um exército do tirano Siang está desprotegido próximo ao planalto. Vamos derrotá-los!* Mal sabia seu exército que estava lutando contra bárbaros comuns, que nem sequer sabiam quem era o monarca Siang Tang.

*Vou ajudá-lo, meu amor. Admiro sua força e sua honra – pensei. – Admiro o mundo exótico e selvagem onde vivem seus dias cinzentos. Eu, Ahmnat, o tornarei o Senhor do Oriente – e soterrei este pensamento em algum lugar em mim.*

Tsun seguiu pouco mais de trezentos metros quando *alguém* resolveu pôr o pé para fora do Limbo para me tirar do sério.

– Você não pode fazer isso! Não pode influenciar as decisões humanas! – me virei para vê-lo, jovial como sempre, com seu rosto de garoto mimado, portando a expressão enraivecida de um adulto. – Os criadores vão saber disso!

– Destino. Que bom vê-lo novamente.

– Não seja sarcástica, Morte. Eu posso provar-lhe o quão difícil é cuidar de milhões de almas problemáticas ao mesmo tempo.

– Já chega dessas ameaças vãs! – perdi a paciência. – Os criadores já sabem disso! E se eu ainda existo para ter que ouvir suas ridículas conclusões é porque eles perceberam que não influenciei nada! Tsun Chou já tinha em mente derrubar o imperador! Já era uma decisão formada! Ele só está indo preencher seu destino... que você escreveu, imbecil.

Ele começou a respirar fundo, raivoso, tentando em vão reprimir o sentimento. *Entidades não podem ter sentimentos, não é, Destino?* Mas então me ocorreu um pensamento preocupante. Ele ia ter que descarregar toda aquela raiva em alguém. Pena que percebi aquilo tarde demais.

Senti minhas costas se abrindo rapidamente quando uma rocha gelada se ergueu pontiaguda do chão e atravessou meu corpo, rasgando minha pele, perfurando minha carne, me erguendo empalada do chão. Quando me dei conta do que tinha acontecido, outras duas rochas perfuraram meus braços, e uma terceira atingiu meu crânio, transformando o mundo em profundo breu. Acredito que outras pedras afiadas continuaram a me apunhalar, mas a dor e o desespero me impediam de sentir algo mais, de pensar, de reagir. O barulho das pedras se movendo e de minha carne rasgando junto com o vestido negro começou a soar como uma marcha rítmica, que até lembrava o batimento de um coração.

– Você subestima meu poder, Morte – disse ele, agora complacente, aliviado. – Talvez nós tenhamos que resolver nosso problema antes do tempo. Mas, por enquanto, vou voltar para meus afazeres, saciado por ter visto você sofrer.

Escutei o portal se abrindo, seu riso baixo e cruel, seus passos na neve. Senti sua partida, os primeiros flocos de neve caindo sobre mim, um par de lágrimas escorrendo em meu rosto. Eu ainda estava consciente, mas ferida! Eu podia ser ferida? *Vidhora, minha querida! Onde está você agora? Por que não me disse isso?*

Acredito ter ficado assim por horas. Incontáveis horas. Talvez se eu tivesse me esforçado, desejado sair dali, usado algum poder inerente em minha alma, teria conseguido me livrar das rochas e curar meus ferimentos. Talvez. Porém aquilo não havia sido um

desastre natural. Eu nem sabia que o mundo físico podia me ferir. Destino, assim como eu, tinha o poder de alterar a realidade. O que eu não sabia era que nosso poder agiria neste mundo insólito e enevoado do qual eu fazia parte.

Entreguei-me à dor. Eu não perderia a consciência. Eu não desmaiaria por causa dessa dor. Eu a sentia cada vez mais intensa. E cada vez que eu tentava me mexer, era em vão, e a dor ria de mim. Gargalhava em um tom irônico e perverso. Cheguei a sentir falta do Maldito, de quando as pessoas me ameaçavam e ele também vinha gargalhando quebrar seus ossos frágeis e tornar suas vidas insuportáveis. *Mas isso era quando você precisava de um filho, não é, Lorde das Trevas? Ah! Dor...*

– Sim, dor, eu começo a entendê-la. Sim, você não é tão perversa. Pare de rir. Não tem graça. Você tem seu limite, não é? Você já o atingiu, não é? Inconcebível para os padrões humanos suportar uma dor desta magnitude, mas não para uma entidade. Porém chegamos ao ponto que você não consegue ultrapassar. Você não pode ser maior que isso. Então você não é tão ruim assim. Achei que você fosse aumentar até eu desistir de estar onde estou. De ser quem sou. Mas aí está você, tentando com todas as suas forças romper minha razão. Bate paranoica neste receptáculo mórbido esperando que ele se quebre e aceite a derrota? Desista, querida. Eu já me acostumei.

Então nós fizemos as pazes.

E nos tornamos inseparáveis amigas.

Comecei a gostar de estar ali. Pode até parecer um pensamento masoquista, gostar de sofrer. Mas aquilo apenas havia me provado que a dor física também possui limites. Limites que eu acabara de ultrapassar. *Todos nós possuímos limites, Destino. Um dia ultrapassarei os seus também.*

Quando menos esperava, me separaram dela. Da dor. As rochas que me abraçavam deixaram-se levar por forças maiores, recolhendo-se novamente ao solo branco, onde trincaram e se despedaçaram em milhares de cacos. Os traços de violência em meu corpo regeneraram-se em grande velocidade. Meu vestido foi

reconstituído, e minha visão foi-me concedida novamente. Não, não fui eu quem desejou aquilo.

Permaneci deitada por alguns minutos, olhando para as estrelas do céu noturno, imaginando meus lindos anjos voando solenes em movimentos circulares no céu, sentindo a neve nos dedos, sentindo a neve beijando friamente minha nuca. Quem quer que houvesse me ajudado ainda estava presente, eu podia sentir, esperando pacientemente meu delírio ir embora e meu bom senso me obrigar a levantar. Mas não o deixei esperando muito, logo me pus de pé para vê-lo – ele vestia um traje branco maravilhosamente detalhado.

Ele estava bem longe, a cerca de pouco mais de um quilômetro, mas, com a visão de uma entidade, era como observar uma pessoa a um passo de distância. Seu rosto, sem dúvida, tornou-se mais uma das inúmeras imagens as quais jamais esquecerei. O mais belo homem que eu já vira. Impecável. Com suas indescritivelmente belas asas de penas brancas que ondulavam gentilmente, brotando de suas costas. Perfeito. Se fosse um mortal, certamente seria adorado como o filho de um deus. Ninguém era tão belo. Fitava-me como uma estátua de mármore viva. Imóvel mas com um insuperável ar de serenidade e respeito. Um rosto a ser temido. Um rosto a ser amado. Teria ficado observando seus detalhes por horas, se ele não tivesse interrompido meu momento de admiração com sua voz de veludo, direto em minha mente:

– Criou-se o mundo em horas distantes, com o esmero necessário para tal. Criaram-se os seres e todo o firmamento. Criaram-se as entidades para ligar tudo isso e, quem sabe, vice-versa. Sendo assim, senhora que me traz aqui, pergunto-lhe como pôde condenar a própria alma? Como pôde permitir e alimentar irresponsabilidade alheia? Tens a dúvida ou a certeza em sua mão?

Um anjo. Um anjo vindo dos céus. Não como os meus, seres espelhados nos servos divinos, mas um Anjo de Deus. Ajoelhei-me em respeito e respondi no mesmo tom, mentalmente.

– O que é o certo sem o errado, meu caro? O que é a razão sem a alucinação? Dúvida ou certeza não possuo, mas confio no que sinto.

– Admiro seu modo de pensar, e deixo claro meu gosto por pessoas fortes. Venho hoje lhe dar um pouco de graça, assim como Caos lhe deu. Sou aquele que leva a luz, sou o Filho da Aurora.

– Tome a palavra, então. E que esta seja contínua. Tens total atenção à graça oferecida.

– Escute minhas palavras, senhora. Escute minhas palavras e viverá eterna. Sofra quando nobre o for, pois sofrer é para aqueles que não desejam minha companhia.

Minhas pálpebras ergueram-se em espanto. Minhas mãos tremeram como se fossem dotadas de vida própria. Senti cada batida do coração implorando para explodir de dentro do meu peito. Eu tinha diante de mim não somente um anjo, mas o primeiro assecla do Divino. Aquele que trouxe a luz ao mundo, criando assim sua primeira sombra. *Ahmnat, mantenha-se ajoelhada. Admire a perfeição da obra de Deus. Ahmnat, contemple a presença exuberante do Demônio.*

– Mitos e nomes e apelidos infantis! – esbravejou, agora com palavras audíveis. Bem audíveis, por sinal, já que ele continuava a pouco mais de um quilômetro de mim. – Morte! Morte! A menina que lidera os anjos viris! Tenho um nome e adoro ouvi-lo, assim como sei que você sente amor e adora senti-lo!

Calei-me, temerosa com o que poderia acontecer. Ele sabia de meu pacto, palpava meus sentimentos. Sentia como se sua mão estivesse atravessada em meu peito.

– Como não haveria de saber? Parte de você nasceu de minhas mãos! Como pode desejar me trair?! Frustram-me suas vontades, seus desejos mortais!

Eu tinha que me defender. Respirei fundo e levantei, falando alto também.

– Se Deus permite que isso aconteça, se lhe deu poder para gritar como um bebê histérico, deixe-O como ser supremo e perfeito! Pois já soube que anjos são criados à Sua imagem e semelhança!

Ele se calou, erguendo as sobrancelhas levemente em sinal de espanto, como se jamais esperasse ouvir aquilo. Um sutil sorriso, quase imperceptível porém sincero, rasgou seu semblante

desconcertado, e com cerca de dois passos estava logo à minha frente. Livrou-se do tom cortês e sucumbiu ao luxo da informalidade, voltando a exibir uma expressão séria e confiante.

– Você não é tudo o que dizem, Morte. Você é mais. Lembro-me perfeitamente de minha primeira conversa com Hrokel, quando ele fez o mesmo pacto que você. Ele ficou ouvindo-me por horas intermináveis e ao final ainda indagou-me se eu desejava que ele desistisse. Gostava dele, mas ele pecava em severos aspectos, os quais você completa de forma inigualável.

– Agradeço seus elogios, Filho da Aurora.

– Lúcifer! – disse em voz mortal, num tom comum. – Lúcifer! Apaixonado por sua criação! Ahmnat, a Morte.

Eu não sorri. Permaneci inerte perante ele.

– Então Lúcifer, meu criador. Aguardo pacientemente sua graça prometida.

– Caminhemos, Morte, caminhemos.

Seguimos andando pela planície gelada do leste. Destrambelhei a fazer minhas perguntas infantis:

– Lisonjeia-me uma conversa direta com aquele que se opõe a Deus.

– Jamais isso poderia acontecer, criança! Ele é meu Pai! Ele é nosso pai! Eu O admiro com a força completa de toda minha alma. Não sou Seu oponente.

– Peço desculpas, Filho da Aurora... Lúcifer. Mas não são essas as palavras que me acostumei a ouvir.

– Discordo, sim. Oponho-me, não. Acredito certamente que Sua criação é algo de imensurável valia; no entanto, Ele a trata como uma experiência sem fundamento.

– Como pode dizer isso das tão belas formas que o cercam? – indaguei perturbada pelo jeito como ele falava do mundo.

– Não. Não vejo falhas no mundo! A beleza que cerca este mundo é, sem dúvida, um trabalho impecável. Eu falo em baixo tom dos seres humanos.

– Como ousa? – brevemente, perdi o respeito. Consertei-me logo então. – Digo, como pode falar em baixo tom do mais belo e

complexo dos seres?

– A resposta é simples, minha querida: com tristeza. Vejo da seguinte forma: seres humanos, criados à imagem e semelhança do Divino, como nós, anjos, deveriam, a meu ver, ser felizes e contentes, como é suposto que nós vivamos. Porém Ele criou o sofrimento, sentimento que permeia todas as almas, como você bem deve saber. Ele lhes dá a dádiva do livre-arbítrio, no entanto os pune severamente quando não cumprem seus papéis na vida. Questiono isso. Humanos são apenas uma experiência? Até quando durará? Saberá Ele o que está fazendo?

– Acredito, meu Senhor, que, conforme o tempo corre, chegarão também as respostas para tais dúvidas.

Ele balançou a cabeça sutilmente e continuou:

– Por isso a admiro, Ahmnat. Você é algo tão belo desde o princípio, quando lhe criamos. Quando pedimos para Destino torná-la especial.

– Hrokel me disse e Destino confirmou que eu fugi de sua desgraçada pena. Como pode dizer então que fui criada para ser o que sou?

– Não disse que foi criada para isso. Disse que foi criada para ser especial. Para viver o amor, para viver o ódio, para viver o nada e, mesmo então, sentir-se bem com isso.

– Tolero, não me sinto bem.

– Sua tolerância, seu ódio, sua vontade de ser lembrada, sua paixão pelo pecado do amor... Isso a tornou especial. Ao criar uma entidade para acrescer à experiência divina detalhes relevantes, eu e Ele investimos um pouco de poder, se podemos chamar assim, e criamos seres com dons especiais. Como lhe disseram, as almas possuem livre-arbítrio até para escolher entre Céu e Inferno. Eu, Príncipe do Inferno, prego sempre este livre-arbítrio, que Ele dá e, no entanto, pune seus maiores usuários.

– Lúcifer... – percebi que ele gostou, de forma muito discreta, quando pronunciei seu nome – Possuo milhões de questões sem respostas que...

– Infeliz e ironicamente, a vida não é de todo justa. Vim aqui a você para falar sobre dois assuntos: primeiramente, sobre essa sua aposta com Destino. Nada no mundo pode ajudá-la. Nada no Limbo pode lhe oferecer uma vantagem. Apenas Ahmnat pode reagir e vencer. Seja forte. Seja perseverante. Guarde suas emoções em lugares tão profundos de sua alma, que até mesmo você tenha dificuldade de retirá-las depois. Ame todos aqueles que for necessário amar. Odeie aqueles que for necessário odiar. Não sinta nada ao penetrar o Limbo. Respeite as regras do jogo impostas pelo Divino.

– Desculpe-me a questão e a desconfiança, mas por que também veio me ajudar?

– Há algum tempo, ajudei Destino a vencer a mesma aposta. Hrokel não possuía a metade do talento e da paixão pelos sentimentos humanos que você possui. Eu adoro os seres humanos. Eu existo para lhes dar prazer. Prazer em suas vidas, emoções fortes. Eu me oponho ao Pai para provar-lhe que o caminho do prazer é muito mais frutífero que o do sofrimento. As pessoas não precisam sangrar e distribuir lágrimas para admirarem sua obra, quando festas, sexo e bebedeira seriam mais adequados. Veja! Uma espetacular primavera! Vamos rezar de joelhos penitentes? Não! Faremos uma festa! – disse ele em tom irônico com toda a pompa que lhe cabia. – Entende?

– Sim, entendo. Continue então, meu Senhor – respondi, pensativa com o que acabara de ouvir.

– Pois bem – continuou –, além de sua aposta, gostaria que soubesse de algo que Caos não lhe falou: entidades possuem, de certa forma, poder ilimitado mesmo. Use a criatividade para transformar suas habilidades como Morte em algo além do usual. Basta desejar. Mas não apenas falar e pensar no desejo em si. Digo, desejar mesmo! Acreditar! Distorcer a realidade com a sufocante força de sua vontade! É muito mais fácil proferir um desejo ou uma crença do que realmente acreditar no que se propõe. Você pode realizar qualquer coisa, teoricamente. Basta acreditar que pode fazê-lo. Ainda insisto em dizer que você pode realmente manipular suas

habilidades. Se você tem o poder sobre uma vida, se esta vida é ligada a você, pode então simplesmente cortar o elo e matar a pessoa; porém, da mesma forma, você pode fortalecer esse elo, revitalizando-a, por exemplo.

– Agradeço a luz recebida. Acredito que deva partir agora.

– Sim, seus instintos não a traem. Devo. Como você, minha onisciência me compele a atender chamados importantes.

– Uma belíssima entrada, meu Senhor. Antes que me esqueça de dizer, ou que descubra que não voltarei a vê-lo.

– Voltará, minha querida. Sim. Ainda nos veremos novamente.

– Então, enquanto durar a eternidade, meus sinceros votos de gratidão absoluta pelas palavras proferidas. Espero que Deus o acompanhe em sua jornada.

– Acredite em mim, Morte, Ele vai me acompanhar – disse, antes de começar a caminhar e desaparecer sóbria e instantaneamente de minha visão.

Sorri. Senti-me bem. O Inferno deve, então, ser um lugar admirável, pensei, caminhando sobre o vale gelado, sobre os quinze centímetros de neve que cobriam a grama. Enquanto caminhava, pensava sobre as situações que me ocorriam no momento, sobre meus diversos tutores que me auxiliavam nessa investida contra Destino, sobre ele também possuir tutores para investir contra mim... ou estaria só, acompanhado somente de sua arrogância e sua infantilidade? Seria mesmo eu, Ahmnat, tão especial para até mesmo o Demônio, Lúcifer, vir até mim, elogiar-me pessoalmente?

Senti uma alma se despregar de meu toque onisciente. Comum. Usual. Senti a mesma alma voltar a tocar minha sensibilidade. Incomum. Passei a focar minha atenção nessa sensação estranha, concentrando-me somente nessa alma que ficava indo e vindo. Literalmente, entre a vida e a morte, sem sucumbir. Estaria ela lutando contra meus anjos? Seria mais um desafio bobo de Destino contra mim? Ergui-me ao ar como uma pluma negra em um tornado gélido. *Eu quero essa alma para mim, meus anjos! Libertem-na de quaisquer investidas forçadas. Vou pessoalmente cuidar desse humano teimoso.*

Navegar no tempo-espaço com a velocidade de um pensamento é algo indescritível. Uma sensação enjoativa e orgástica, se assim posso dizer, a de se ter um poder insuperável. A sensação de... acabei fugindo do assunto. Deixe-me voltar. Atravessei milhas de distância até um continente ocidental. Chovia muito. Foi a primeira sensação que tive claramente: chuva. Tenho uma atração romântica pela chuva. Vejo-a como algo mágico, sublime. Fui obrigada a permitir que as gotas frias e refrescantes tocassem meu corpo. Adoro me molhar na chuva. É como se eu fosse a razão da melancolia do mundo. É como se eu fosse aquela que causa o sofrimento, como se eu decidisse quando alguém vai ou não terminar sua vida na Terra. Posso acabar deliberadamente com a vida de alguém? Posso. Mas tenho certa ética a seguir, e esse também não é um poder exclusivo. Vidhora, ou mesmo Destino, podem fazer algo do gênero; de formas distintas, mas com resultados idênticos.

Enfim, encontrei-me em meio a uma floresta densa, de mata exuberantemente verde, com uma cabana de madeira bêbada sobre a lama. A chuva batendo em seu telhado lembrava um padrasto severo espancando um pobre garoto indefeso. A alma teimosa agora exalava medo. Medo do desconhecido. Medo do outro lado. Talvez por isso se agarrava tanto à vida. Não havia ninguém por perto. Materializei-me fora da cabana. *Chuva deliciosa que me beija o corpo todo, não pare de cair. Você me excita.*

Caminhei suavemente até a porta do local. Fiz-me em estado etéreo por alguns segundos para atravessá-la sem nela tocar. Isso causa impacto severo nos corações humanos. Fiz isso inúmeras vezes no tempo que passei com Vidhora. Aliás, diversas situações se deram nessa época. Gostaria de ter disponível hoje um centésimo do tempo que tive com ela para lhe contar tudo o que passamos juntas, mas não tenho.

Atravessei a porta.

– Eu sei o que veio fazer aqui, desgraçada. Pois desista! Deixe-me! Você não tem força contra mim! Sinto sua presença e a repudio.

Materializei-me novamente. Da mobília rústica desprendia um cheiro forte de madeira não trabalhada. Na cama, o humano, muito idoso, trajando pouco mais que uma tanga de pano, tendo convulsões febris originadas de uma doença mundana, tremia, balbuciava e suave. Seu sentimento de medo só não era maior que a força da vontade que tinha de continuar sofrendo naquela cama. Seus olhos alvos e opacos se agitavam nas pálpebras bambas, nas próprias órbitas. Caminhei fisicamente até seu lado. Ele passou a gritar, babando e cuspiendo, tentando refrear o medo e impor seu ódio:

– Eu não vou embora! Eu aprendi demais! Por isso vocês querem me levar! Eu sei quem vocês são! *Cof cof!* Eu vou ficar! Eu sei como lutar contra vocês! Não me levem por saber demais!

– Você não será levado por isso, senhor – disse-lhe mentalmente, fazendo-o escutar minha voz absolutamente calma e confortadora, na língua dele. – O senhor deve reconhecer que este mundo já não mais tem o que lhe oferecer. O senhor está cego, frágil e vulnerável. Depende dos de sua tribo para caminhar e sobreviver.

Ele se acalmou subitamente, como se não esperasse ouvir uma voz feminina, delicada e plausível. Começou a derramar lágrimas cristalinas, como se estivesse então pedindo um favor. Sua mente era forte. Seus pensamentos enevoados. Era difícil ler sua memória e sua vontade. Tanto que levei pouco mais de um segundo para conseguir. Ele pensava em ficar com os seus. Seu amor pela família, pela tribo... Era muito ríspido mas conciso. Possuía controle quase absoluto sobre sua alma, provavelmente conseguia sair do corpo sob estado de transe, o que explicava sua constante transição entre o mundo dos vivos e o meu. Ele me pedia, mesmo sem saber quem ou o que eu era, para ficar. Sem ele, os outros se perderiam, ou ainda lutariam até derramarem rios de sangue pela chefia de seu povo. Vasculhando mais a fundo sua mente turva, presenciei algumas de suas diversas glórias e meditações e a sempre constante sensação de ser respeitado e temido. Ele havia sido um grande guerreiro, um sábio mestre e um apaixonado amante de muitas mulheres. Naquele

dia, cego e doente, implorava-me para não o levar. Implorava para eu não fazer meu trabalho. Eu tinha um problema com apostas.

– Sábio homem, farei uma pergunta a você. Se me responder corretamente, virei buscá-lo somente daqui a muitas luas. Você então terá tempo para escolher seu sucessor, beijar seus entes queridos e preparar-se para a passagem deste mundo. Se errar, eu o levarei daqui neste exato instante. Sou líder das criaturas de asas negras que lhe importunaram. Sou aquela que responde para teus deuses e os desafia. Não resistirá a mim como resistiu aos meus.

Tossindo e chorando baixinho, ele se ergueu, utilizando seus últimos resquícios de força, e se recostou na cama, sentado, com as mãos nos joelhos. Respirando com dificuldade e olhando para o vazio permitido pela cegueira, respondeu-me:

– Senhora, o inocente só dorme pois acredita que acordará na manhã seguinte. Obrigado por permitir que eu seja agora o inocente espreitado pelo predador.

– Olhe para mim, senhor. Olhe para mim – disse em palavras claras. – Que seus olhos lhe permitam contemplar os meus.

Cruzei as mãos na frente de meu corpo e fechei os olhos. Basta desejar não, Lúcifer? Desejar realmente. Desejar mais uma fagulha de força vital para este pobre ser.

Como um arrepio súbito em meus ossos, vindo de partes profundas de meu corpo, meu poder fluiu, e a vida dobrou-se à minha vontade. Uma rajada forte de vento frio invadiu selvagemmente a cabana, tirando coisas do lugar, trazendo com ela um pouco de compaixão. *Morte, você está se contradizendo, garota.* O vento quase palpável rodeou o velho como uma mãe carrega seu bebê. Parecia erguê-lo no colo da natureza e amamentá-lo com a seiva da vida, erradicando sua doença, suprimindo-lhe a dor e gradualmente dando a seus olhos um castanho vivo e jovial. Ele gemeu e sentiu fisicamente as mudanças, sentiu um vigor jovem correndo pelo corpo. Ele parou de suar e parou de chorar. Senti seu coração quase parar de bater, de êxtase e susto, e de ansiedade. Quase me frustra, o humano. Sentou-se na cama, então sem esforço, e olhou para suas coisas. Sei que ele as admirava novamente, depois do longo

tempo que passou sem enxergar. Infelizmente, eu não dispunha de diversas horas para esperá-lo se acostumar. Mentalmente, chamei-lhe a atenção, fazendo seus olhos cruzarem os meus em olhares sinuosos. Sem desviar o olhar, ele ergueu seu corpo idoso da cama, caminhou até mim e, respeitosamente, ajoelhou-se perante a Morte.

– Senhor – disse, sem delongas –, sou, a vastidão repentina que permeia o mundo. Sou aquele que desde sempre esteve por entre os povos. Sou um espetáculo natural de insaciável beleza e incontrolável periculosidade. Maior e mais grandioso que qualquer civilização. Quem sou eu?

Ele fechou os olhos por um breve instante, apoiando as palmas das mãos no chão e o corpo por cima delas, reverenciando-me da forma antiga. Levantou o rosto então e sem abrir os olhos desprendeceu-se em pensamentos. Palpitou-me no peito o coração ao perceber a velocidade de seu raciocínio, a enxurrada de imagens e nomes que corria como uma cachoeira selvagem em sua mente, procurando por uma resposta. Sua mente trabalhava demasiadamente rápido, não para uma entidade, claro, mas jamais sentira um humano com tamanha capacidade de aprofundar-se nas próprias memórias e conhecimentos. De repente abriu os olhos – e eu posso jurar que senti uma adorável e arrogante vontade de sorrir emanando dele – e disse:

– És o oceano, minha senhora. És o belo oceano.

Ele não tinha como saber. Jamais vira o oceano com os mesmos olhos que se tornaram opacos com o tempo. Teria ele lido minha mente? Impossível. Mas todos os meus pensamentos só demonstravam que eu havia sido vencida, e procuravam por uma desculpa plausível para minha fácil derrota.

– Senhor Venherei, o senhor venceu. – E desapareci perante seus olhos com um suave sorriso no rosto.

O frio extremo atingiu-me a pele assim que adentrei o mundo físico novamente, no alto de uma montanha coberta pela neve macia, nas distantes terras do Oriente. Cercada por formações rochosas de diversos tipos, tamanhos e formas, que me traziam a pesarosa lembrança do ataque de Destino contra mim, caminhei até

o começo da ribanceira que levava a um vale inóspito e perigoso, próximo a um belo espelho branco formado pelo congelamento de lagos. Na trilha sombria e ameaçadora que se abria entre as pedras e outros perigos naturais, beirando a depressão e o desespero, caminhava meu humano determinado. Carregava consigo sua espada maculada pelo sangue de diversos inimigos e sua armadura cheia de falhas abertas aos golpes das lanças oponentes. Carregava também a tristeza no rosto, a falta de esperança nas costas e o amor no coração, ilógico e irrefreável, por alguém que ele não conseguia entender o que era.

Prestando sempre atenção nas sensações oniscientes de meus anjos e meus lindos mortais a serem transportados ao Limbo, resolvi dedicar um pouco mais de meu tempo a Tsun Chou, caminhando ao lado dele no decorrer de sua viagem impossível.

Caminhava em estado etéreo, invisível a seus olhos, mas sempre atenta a seus sentimentos e pensamentos. Nos primeiros dias, o clima foi por demais complacente com sua jornada, tornando-se até suportável nas manhãs de sol e ameno o bastante nas noites, sem congelá-lo. Atravessou solitário as colinas, embrenhou-se nas matas espessas e perigosas. Caçou seu alimento como um animal que age por instinto de preservação. Dormia em cavernas e alcovas, ou abrigos simples construídos pelas próprias mãos, ou, ainda, quando nada a sua volta era seguro ou confortável o suficiente, ao relento. Sempre a seu lado, passei a sentir germinar em mim uma forte admiração por sua bravura cega, viajando apenas com a certeza da palavra de alguém que ele não viu, e nem sequer possuía a certeza de que existia. Em seus pensamentos eu mergulhava de vez em quando, sentindo-os vagar apenas na determinação de chegar à província de Tang, raras vezes, em uma mulher que fora assassinada e de continuar respirando. A admiração foi se tornando mais e mais intensa. Como poderia este mortal tolo, com a máscara de uma missão nobre e um desejo de vingança realizar uma viagem como esta? Era inconcebível. Todos os mortais, sem exceção, possuem algo que os impede de deliberadamente ameaçarem a própria vida. Mesmo suicidas temem a morte e o sofrimento precedente a ela. Ele

fazia aquilo por mim. Pela minha vontade unida a seus outros sentimentos. Sua paixão por mim era algo que com certeza poucos mortais suportariam. Ahatza, meu nobre faraó, venceu o medo da morte quando se apaixonou por ela, tirando a própria vida. Ele não conseguiria viver sabendo que não poderia me tocar. Ele possuía um tenro respeito pelos deuses de seu panteão, mas trairia a confiança de todos eles para viver dez segundos a meu lado.

*Sufrimento. Destino aplica o sofrimento como se estivesse lidando com animais irracionais. Os mortais são brinquedos para ele. Será que ele não percebe que lidar com sentimentos assim é puramente cruel e sem sentido? Fazer pessoas se autodestruírem apenas para vencer uma aposta tola?*

A cinco dias de seu destino, Tsun começou a desacreditar no sucesso. Olhou para uma montanha muito alta, na época chamada de a Colina dos Túmulos, que se impunha solene entre o homem e seu objetivo. O inverno tornou-se mais rígido naquela tarde, como se a montanha o desafiasse, humilhando-o, com os ventos gritando em seus ouvidos juras de que ele jamais conseguiria. Estava adoecendo também. Com os golpes de vento nas montanhas brancas, forçadamente havia respirado pó de gelo, fatal se não fosse tratado logo.

Como se alguém o empurrasse para frente, compelido por uma vontade além de sua compreensão, se pôs a trespassar seu último desafio. Não havia trilhas a serem seguidas naquela montanha. Não havia indicações ou atalhos. Quanto mais ele subia, mais a montanha parecia exercer sua desaprovação sobre ele. Mesmo assim, forçou sua vontade contra a neve, contra as rochas, o gelo e as alturas. Em sua primeira noite lá, chegou a desmaiar por uma hora. Ao acordar, seu único pensamento foi de que havia perdido tempo precioso. Manteve-se em pé e caminhou. No segundo dia, após caminhar arduamente com neve até a metade das pernas, seu corpo rendeu-se à dor. Já havia escalado grande parte da insuperável montanha quando balbuciou algo e, com alguns tropeços, caiu de bruços. Como se tomado por um medo incontrolável da desaprovação, da falha, tentou, desesperado, se

levantar – conseguiu apenas ficar de joelhos. Então ele soube que jamais conseguiria. Olhou para cima, para o restante de sua caminhada insensata e viu que ali padeceria. Seria mais um a fazer jus ao nome dado para tão perigosa travessia. A Colina dos Túmulos seria seu ponto final. Respirando com extrema dificuldade, já muito doente, cerrou os punhos e usou do restante de sua força para gritar “Não!” bem alto, libertar as lágrimas contidas nos olhos e desfalecer novamente no berço gelado que eu o fizera atravessar.

Sem saber ao certo se por forças naturais ou por seus gritos, uma avalanche começou a se formar em sua direção: o golpe final da montanha contra meu lindo mortal, que por um amor inconsciente veio morrer a meus pés.

Atrás da avalanche de neve e rochas que fazia seu caminho até nós, barulhenta e revolta, um Anjo da Morte pousou suavemente, esperando a fatalidade inevitável. Olhou então para mim, como que estranhando minha presença junto ao corpo de Tsun e pedindo permissão para levá-lo. Delicada, neguei, balançando levemente a cabeça. Ele se jogou ao ar batendo suas maravilhosas asas negras e desapareceu entre as nuvens.

Tornei-me material e me pus frente ao corpo do guerreiro vencido, caminhando paciente, entre ele e a branca onda feroz que galgava urrando em sua direção. Ergui o rosto, abri vagarosamente os braços e disse em voz alta:

– Artifícios indestrutíveis deste mundo tão belo! Elementos que agora ameaçam a vida deste nobre ser! – e elevando ainda mais a voz – Forças mortais da natureza! Não ousem me tocar!!

Como uma redoma impenetrável, meu desejo se fez ao meu redor, partiu a avalanche em duas, forçando-a a desviar-se de mim e da frágil criatura aos meus pés e gerando uma espécie de calor resistente e puro, que derretia a neve à minha volta, bloqueava e partia as rochas que a acompanhavam, forçando a natureza a desviar ao redor de nossos corpos, dobrando-se a nossa volta, correndo violenta, protestando ensurdecidora... e vencida.

Quando o perigo já era parte do passado, ajoelhei-me para Tsun, tocando seu rosto e levantando seu queixo. Meu pobre e inocente

mortal. Enfrentou tanto para chegar até aqui. Desafiou o mais difícil oponente – a natureza – para provar para mim que me ama de verdade, que nutre um amor incompreensível e maior do que qualquer mortal pode suportar. *Destino exagera às vezes, não? Pois então, meu adorável ser humano, meu amor, ponha-se de pé agora, e mova-se!*

Larguei-o, deixando seu rosto experimentar mais uma vez o gosto da neve. Dei dois passos para trás, me negando a levá-lo desta vida. Por mais que ele já estivesse pronto para partir, eu tinha uma aposta para vencer e uma criatura para provocar. Destino, excelente tentativa, mas agora ele é meu.

Com uma forte tossida, Tsun recobrou os sentidos. Esforçou-se para colocar-se de pé, estranhando muito a neve lapidada ao redor de seu corpo. Acreditou por alguns instantes estar sonhando ou delirando. Ou, ainda, estar morto. Esperei que virasse o rosto para mim e permiti que contemplasse minha forma por pouco mais que um instante para, em seguida, me tornar novamente etérea, invisível a seus olhos. Ele estava confuso e desorientado, respirando normalmente, sentindo seus músculos rijos e fortes uma vez mais. Sim, a Colina dos Túmulos ainda era um desafio, porém agora ele estava... como posso dizer? Rejuvenescido pelo meu poder.

Para apaziguar um pouco sua dúvida, senão torná-la maior, fiz que me ouvisse:

– Nobre guerreiro. – E ele imediatamente fixou os olhos no vazio, como se pudesse, ou tentasse, me enxergar novamente. – Sua vida lhe foi poupada. Faça bom uso dela e cumpra seu dever. Não se permita agradecer, pois sua vida ainda terá um fim.

Ele somente balançou a cabeça afirmativamente, cruzando os punhos cerrados na frente do peito, se pondo a caminhar em seguida, como se meu toque o fizesse entender a situação, apesar de eu ter certeza absoluta de que ele não entendia. Mas algo mexeu comigo. Não posso nem descrever perfeitamente os últimos três dias da viagem, trilhados na montanha até então fatal; parecia uma simples caminhada numa planície límpida. Tsun foi tomado por um vigor que mesmo eu, sentindo o que ele sentia, absorvendo suas

sensações, não conseguia compreender. Parecia-me que ele havia assimilado totalmente que sua vida lhe fora poupada como um favor, que não importava o que ele fizesse, nada lhe aconteceria. Se a temerosa Colina dos Túmulos não pôde detê-lo, nada poderia. Era como se ele compreendesse que Morte estava a seu lado. Escalou as partes mais íngremes como se subisse em uma cerca baixa, atravessou espessas camadas de neve gélida como se andasse contra a correnteza de um raso córrego tropical. Nada mais podia impedi-lo de chegar a seu real oponente.

Quando desceu a última encosta, avistou ao longe o território das províncias de Henan e, assim, a cidade do monarca Siang Tang, gargalhou e blasfemou breves frases a seus deuses. Sentia-se invencível.

Instantes antes de se pôr perante os portões de ferro da cidade almejada, gritou, quase sorrindo, para o nada:

– Rainha do Gelo, aqui estou! Humilhado com seu poder e absolutamente grato pela sua ajuda. Estou a passos de meu destino final. O que devo fazer agora?

Partindo do princípio de que ele já tinha ciência da minha existência, respondi, calma e serena, em uma voz audível para lhe dar ainda mais esperança.

– Como prometido, meu nobre guerreiro, eu lhe darei seu prêmio, em troca das vidas de todos aqueles que servem ao monarca inimigo. Tome sua espada em mãos, Tsun Chou! E mate todos eles!

Imediatamente, retirou sua espada da bainha, ainda manchada pelo sangue daqueles que cruzaram seu caminho em momentos incertos. Segurou-a firme na mão direita e com a esquerda tirou da cintura um punhal, comprido e afiado, geralmente usado para rituais sagrados. Talvez para ele aquele fosse um momento especial; para mim, era o começo de uma boa briga.

Ficou ajoelhado, de braços abertos e olhos fechados por alguns instantes e divagou por alguns minutos em pensamentos incoerentes. Consegui captar algumas imagens de sua família assassinada e desejos límpidos de vingança. Aquilo era melhor do que eu poderia imaginar. Ergueu-se do chão e, com passos firmes e

confiantes, como se soubesse que eu jamais o deixaria perecer após tanta luta, dirigiu-se à cidade.

A cidade era cercada por grandes muros. Sobre eles, arqueiros treinados e, ainda, os guardas de elite do monarca. Quando os dois que guardavam a entrada da cidade viram Tsun Chou caminhando com armas em punho em sua direção, imediatamente tomaram seus glaios e suas espadas e correram para impedi-lo. *Meu querido, espero que você entenda o que está para acontecer* – pensei, antes de tentar um movimento ousado. – *Agora sinte. Limpe sua mente de quaisquer pensamentos seus e deixe-a pronta para receber os deles.*

Lendo a mente dos guardas, comecei a enviar meus pensamentos para a mente de Tsun, que a princípio pareceu confuso, mas em instantes entendeu o que acontecia. *Lute como a natureza, meu príncipe. Lute como nunca o fez na vida.* Fiquei um tanto impressionada com a velocidade com que ele compreendeu que, de forma desconhecida, conseguia perceber o que cada um de seus inimigos pensava e, assim, prever seus movimentos. Isso tornava a luta por demais desleal. Mas quem se importa?

Ao chegarem à distância de combate corpo a corpo, o primeiro guarda ergueu seu gladio e brandiu-o no ar, mirando a cabeça de Tsun. O outro atacou o flanco direito do guerreiro com sua espada afiada. Movendo-se como o ar, Tsun bloqueou o primeiro golpe acertando sua espada no cabo do gladio, partindo-o ao meio, e enterrou seu punhal até o cabo no rosto do guarda. Largou o punhal e girou o corpo para não ser atingido pelo segundo golpe, deixando sua espada atravessar o curto espaço entre a cabeça do segundo guarda e o resto de seu corpo, separando os dois. Retirou o punhal sem dizer uma palavra e adentrou a cidade, tornando-se alvo dos arqueiros. Flechas dificultavam o avanço certo do guerreiro, que até chegou a desviar das primeiras investidas com as imagens que eu lhe enviava, porém as próximas o atingiram, acabando ali com sua ofensiva. Sendo assim, tive de interferir, concentrando-me e atravessando as almas dos arqueiros com meu poder, arrancando-as forçadamente de seus invólucros mortais. Sem ferimentos, porém envoltos em uma sensação de dor indescritível, tombaram um a um.

Na rua principal da cidade, a mesma que levava ao palácio de Tang, quatro soldados a cavalo reuniram-se, armados com espadas e reverências de fidelidade ao monarca, e investiram contra meu amado. Tsun desviou do primeiro com um movimento rápido e golpeou-o no peito, fazendo-o tombar no chão com um ferimento mortal. O segundo não entendeu exatamente o que havia acontecido quando suas costas foram rasgadas pouco acima da cintura pela espada de Chou. Morreu em dúvida. Os outros também foram mal-sucedidos e cavalgaram mais alguns metros ainda antes de desmontarem e atacarem-no a pé. Um golpe de baixo para cima eliminou a ameaça de um guarda, abrindo sua carne da virilha até o ombro esquerdo. O outro conseguiu aparar o golpe da selvagem lâmina de Tsun com sua espada, contudo se esqueceu do punhal na outra mão de Chou, que naquele momento já era violentamente introduzido em seu ventre.

Para cada corpo que caía sem vida, para cada alma que se desprendia daquela existência, um dos meus anjos aparecia, em suas formas maravilhosas, para levá-las ao Limbo. Mais de setenta anjos vieram até o rastro de Chou, até ele colocar seus pés dentro do palácio, banhado no sangue de seus inimigos, ileso de ferimentos, com a mente focada em um só homem. Mais dois guardas o atacaram, mais dois anjos apareceram. Fez seu rio de sangue pelos impecáveis corredores do palácio até ter o prazer solene de abrir com um chute as portas do salão de Siang Tang após retalhar os vigias treinados postados diante delas.

O salão era revestido de panos púrpuras com fios de ouro, imponente em mármore e granito escuro, arredondado na altura da cúpula e sustentado por fortes colunas de pedra lapidada e pintada. Desenhos e ideogramas preenchiavam as paredes com imagens e histórias das conquistas do monarca. Tang estava de pé, perplexo com as notícias que já haviam chegado aos seus ouvidos. Uma armadura polida cobria seu corpo, refletindo as luzes do ambiente com graça e leveza. A seu lado, uma jovem mulher de longos cabelos negros, concisos em uma trança escorrida em suas costas,

segurava uma belíssima espada curva com as duas mãos, fitando séria o invasor. Era Ly Fong Yu, a guarda-costas pessoal de Siang.

Não pronunciou uma palavra sequer, o monarca, e ela atacou silenciosa. Cada uma de suas investidas meu amado foi capaz de defender. Ela golpeava em movimentos circulares, exibindo técnica invejável. Mesmo tendo seus pensamentos focados nos dela, Tsun não conseguia desferir um golpe mortal sobre sua combatente. Sua perícia com a espada era algo admirável, mesmo para mim. Assistia à sua honra cega pelo monarca, moldada em um ódio por alguém que ela não conhecia, expressa em movimentos perfeitos, absurdamente precisos. Afinal, ela lutava contra alguém que sabia de seus movimentos, alguém que sabia o que ela faria a seguir, onde ela iria golpear. Mudando de pensamento no último instante, ela atingiu Tsun no braço esquerdo, fazendo com que ele involuntariamente soltasse o punhal e se afastasse um pouco, começando a duvidar de que conseguiria vencê-la. *Improvisação. Excelente! Destino, você deveria tê-la escolhido para ser minha nova paixão. Ela é fantástica.* Por sua determinação e sua habilidade, meu amor por Tsun Chou tornou-se algo suportável. Não mais aquela paixão irresistível imposta por Destino, mas algo real, ou seja, superável.

Ela não moveu um músculo de seu rosto, nem quando atingiu o invasor nas costas e retornou à posição de defesa. Permaneceu séria e irresistível. Chou percebeu isso. Ou, talvez, meus sentimentos por ela tenham escapado de meu controle e, como eu estava constantemente enviando pensamentos para ele, esses sentimentos de pura admiração tenham permeado sua mente e seu corpo. Ele ficou um pouco desnortado com aquela sensação que forçava a entrada em seu corpo e passou a tentar barrar os pensamentos que eu enviava. Sendo assim, parei de enviá-los. Confuso e ansioso para derrubar o oponente mais fantástico que já havia enfrentado, deixou-se levar pela emoção e atacou-a deliberadamente uma última vez. Ela se defendeu com sua sintonia perfeita de movimentos e feriu-o gravemente no peito, próximo ao ombro direito, imobilizando

seu braço e derrubando-o no chão. Ia seguir com o golpe de misericórdia quando o monarca, sorrindo intocado, disse:

– Pare! Deixe-me dizer algumas palavras antes de enviar este infeliz para os braços de seu pai, no além-vida. – Ela parou e retornou à sua estância de ataque.

Tang desceu de seu palanque e aproximou-se de Chou, que não conseguia se levantar, sangrando muito e atormentado por emoções e pensamentos confusos. Por culpa minha ele a adorava e não conseguiu lutar com ela. Não conseguiu vencê-la. Por isso se punia internamente e se xingava. Deixou que as sensações e os pensamentos confusos anuviassem sua mente e o separassem de seu real foco. Acredito que deve ter pensado que eu o traíra, que eu o fizera chegar até ali somente para perecer em humilhação, para lhe dar o sabor da vitória e retirá-lo quando estava prestes a tê-la nas mãos.

O imponente Tang se deliciava com o que estava acontecendo. Pôs-se de costas para sua guardiã e pisou no ferimento de seu oponente, fazendo-o gemer de dor. Eu teria sentido pena dele se, por experiência própria, não soubesse que a dor tem limites. *Então aguente, meu querido. Seja homem para isso.*

Enquanto seu agressor se mostrava superior a Chou, dizendo palavras que o feriam ainda mais, realmente reduzindo-o a um pobre escravo, aproveitei a situação para ter um pouco mais de conhecimento sobre todos naquele salão.

Libertando meu poder sobre aquelas almas simples, vasculhei rapidamente suas vidas. Vasculhei seus sentimentos e transformei suas mentes em linhas claras prontas para serem lidas. Resumindo todo o conhecimento que obtive, Tsun Chou foi um garoto de família rica, que, por traição ríspida de Tang, fora executada, acusada de conspiração contra seu reino. Chou viajava quando o fato foi consumado e quase foi preso ao voltar à cidade. Seu ódio por Tang tomou seu coração e assim jurou um dia matá-lo e tomar sua dinastia para que não acontecessem tragédias semelhantes.

Tang era apenas um homem de sorte, que, através de contatos com as pessoas certas e uma ambição além da compreensão de

muitos, pagou pelo assassinato de seu pai e tomou-lhe o poder. Reinou durante anos sobre o sangue de qualquer um que cruzasse seu caminho.

A vida de Ly Fong Yu me deixou um tanto consternada. Ela tinha Tang como pai, como um homem sábio que a amava e que tinha lhe dado tudo na vida. Na verdade, a família de Ly fora também assassinada a mando de Tang quando ela tinha apenas três anos. Ele a pegou e criou como filha, dizendo que aqueles que serviam à família Chou haviam sido os responsáveis pela morte de seus pais. No entanto, as famílias de Ly e Chou se davam muito bem naquela época, e, constantemente, o pai de Tsun e o pai de Ly negociavam e bebiam como amigos. Ambas as famílias cresciam muito em prestígio e ameaçavam a estabilidade de Tang no poder da província. Precisavam ser eliminadas. Ly havia sido treinada desde muito pequena pelos melhores mestres daquele tempo e era movida pelo respeito e pelo amor a Tang, pelo ódio a Chou, pelo desejo de uma vingança que não sabia ao certo qual era.

*Vejamos o que ela acha da verdade, pensei comigo.*

Fiz com que ela me ouvisse em sua mente, mensagens claras em sua própria língua:

– Ly... Não se assuste – ela não mudou de expressão, mas sentiu-se incomodada com minha voz em sua cabeça. Menti para confortá-la um pouco. – Sou porta-voz de Shang Di, o Senhor das Alturas. – Ela focou sua atenção em minhas palavras. – Tang não lhe tem como filha. Sua família não foi executada pelos Chou. Feche seus olhos, e lhe mostrarei a verdade.

Ela fez como lhe foi pedido, fechando os olhos vagarosamente. Enviei-lhe as cenas vistas por seus próprios olhos quando criança, imagens as quais era muito nova para entender ou guardar. Mostrei os assassinos enviados por Tang cravando suas espadas diversas vezes nos corpos de seus pais, com Siang ao fundo dando as ordens. Mostrei cenas de seu pai conversando amigavelmente com o pai de Tsun. Enviei a ela mais outras cenas que provavam o que ela não queria acreditar, que mostravam a verdade.

Ly não acreditou naquilo facilmente, apesar de sentir em seu coração que tudo era verdade. O mundo se tornou para ela uma tumba. E tudo a sua volta passou a não fazer mais sentido. Aquilo a feriu muito mais fundo que qualquer espada. Quando abriu os olhos deixou deslizar uma ou duas lágrimas. Apertou o cabo de sua espada com muita força, como se quisesse se penitenciar. Ergueu-a acima da cabeça e pronunciou o primeiro nome de seu mestre, contradizendo as tradições, esquecendo o que significava respeito.

Siang Tang virou seu rosto para ela. A última cena gravada em sua mente foi o brilho selvagem nos olhos de sua pupila. O ódio. A revolta. O transtorno. A espada da bela guerreira se moveu como um raio, de cima a baixo, encontrando o rosto do traidor no caminho, marcando-o com toda a dor que ela sentia, entregando sua alma para mim.

O monarca desmoronou de seu posto inatingível para sangrar ao chão. Tsun continuou imóvel embebido em dor. Ly, com as mãos trêmulas, permitiu que a espada escorregasse e caísse, criando um eco sombrio pelo saguão. Caminhou até seu antigo inimigo e ajudou-o a se levantar, imediatamente gritando para que viesse ajuda. Quando alguns dos servos do monarca apareceram e o avistaram caído, obedeceram-na, já que ela sempre fora a segunda no comando. Eles ajudaram meu querido a caminhar, bambo, para receber tratamento em alguma das infinitas dependências do palácio.

– Vamos nos ver em breve, meu amor – disse tranquila, direto na mente dele... e na dela.

O invencível Siang levantou-se então, bruscamente, gritando enraivecido. Puxou sua espada como se estivesse pronto para enfrentar o mundo. Ao ver algumas pessoas se aproximando, seus servos, deu-lhes uma ordem explícita para caçar os traidores – mas foi ignorado. Indignado, repetiu a ordem, somente para ser ignorado mais uma vez. Inspirou profundamente, balbuciando palavras inconformadas, deixando a raiva transparecer em seu semblante. Foi quando percebeu que estava em pé sobre o próprio corpo. Virou-se

novamente e viu algo que não esperava. Algo muito mais assustador que perceber seu corpo desfigurado no chão. Eu.

– Olá, mortal – eu disse, com toda a calma possível.

– Quem é você?! O que aconteceu comigo? – revoltou-se novamente.

– Acalme-se. Você agora pertence a um mundo onde nenhum de seus inimigos pode lhe ferir. Você está agora num mundo onde sua única preocupação sou eu.

– Eu... – largou a espada que acreditava segurar e olhou para as próprias mãos e para seu corpo no chão. Ergueu a cabeça para me olhar – ...estou morto?

– Sim. E está perante a portadora de sua alma.

– E onde estão os Deuses? E onde está o castelo de Shang Di? – perguntou-me inconformado.

– Shang Di não existe. – Dois de meus anjos surgiram atrás dele a meu comando. – Seus deuses não o terão nos braços, e ninguém o terá na memória, com exceção das escrituras. – Neste momento, meus anjos o agarraram pelos braços, e ele começou a se debater e gritar. – Eu poderia fazer de sua passagem algo mais fácil e menos doloroso de suportar. Porém não o farei. Não por você ter sido em vida um homem cruel e ambicioso, pois não me importo com isso. Mas por você se impor entre mim e um mortal que amo. Azar, talvez. Mas assim eu quero que seja feito.

– E quem é você?! – gritou, se colocando no limiar do desespero.

– Eu sou Morte – afirmei séria, e gesticulei para meus anjos. – Levem-no daqui.

O grande e recém-falecido monarca esperneou, gritou, protestou. Mesmo ao longe ainda podia ouvi-lo, inconformado.

Eu realmente não me importava com a relação bem versus mal, com o que era cruel ou não. Mas sempre achei que certas coisas merecem a devida punição. Uma pessoa que mata outras vinte por prazer, aos meus olhos, sempre foi tão normal quanto uma que passa a vida ajudando os pobres. Ambas têm desejos a serem saciados, e se o Criador não faz nada a respeito, Ele deve ter excelentes motivos. Fiz Dele o meu julgamento.



O MESSIAS

**A**lguns meses depois, celebrou-se o começo de uma nova época. Começava a Dinastia Chou, que ficou também conhecida mais tarde como Dinastia Zhou. Tsun entrou em contato com seu clã seminômade do noroeste e juntos fundaram a belíssima dinastia, estabelecendo a capital em Hao.

A primavera já se fazia visível numa tarde em que Tsun se encontrava solitário em seu salão, divagando sobre seus sentimentos por mim, por Ly e por seu vasto reino. No começo, foi fácil para mim ter de lidar com o meu amor, quando ele estava extremamente atarefado, cuidando das consequências de sua vitória. Mas à medida que ele se concentrava mais e mais em mim ia ficando mais difícil. Eu não queria outro banho de sangue em vão sob meu nome – ou pelo menos um que não fosse causado por mim – então fui vê-lo. Parei no meio do imenso hall, agora sob seu comando. Fiz-me visível, e ele se ergueu de imediato, em espanto, logo se ajoelhando de cabeça baixa aos meus pés.

– Levante-se, meu amor – disse fazendo um gesto cordial com a mão direita. – Você não deve se rebaixar a mim.

Ele se levantou e olhou-me diretamente nos olhos, não encontrando palavras para me dirigir. Pensava no que poderia me dizer para expressar o quanto era agradecido e o quanto me queria a seu lado.

– Não poderei ficar a seu lado, meu lindo mortal. Cumpri minha parte em nosso acordo. Transformei você no homem poderoso do Oriente. Vim aqui hoje para estabelecer minha recompensa.

– Peça o que quiser, minha senhora – finalmente disse algo. – Farei qualquer coisa que estiver a meu alcance; e ordenarei de imediato que seja realizado o que não estiver.

– Quero que pare de pensar em mim. – Ele me olhou como se eu tivesse pedido o impossível. – Seus pensamentos colidem com seu coração. Você acredita me adorar, mas na verdade adora outra pessoa.

– Sim, senhora – disse ele, baixando a cabeça momentaneamente.  
– Adoro e admiro inconsequentemente ambas. No entanto, me culpo por não adorar somente a senhora.

– Eu o culpo por adorar a mim. Pense, meu querido: quem você realmente prefere? Alguém insólito e inconstante que estará com você pouquíssimas vezes em anos ou alguém que estará sempre a seu lado? Quero que feche os olhos e sinta. Navegue por entre seus sentimentos agora. Separe e julgue essas sensações que o alucinam.

Quando ele fechou os olhos, transmiti a ele tudo o que senti por Ly Fong. Toda minha admiração por ela, todo aquele princípio de paixão. Fechei meus olhos, focando toda a minha atenção em Tsun. Senti a luta da emoção contra a razão. Não foi fácil, durou alguns minutos. Livrar-se da paixão ilógica imposta por Destino e se ater a sentimentos reais foi como superar limites. Felizmente, ele não conseguiu deixar de me amar, nem eu de amá-lo, porém senti uma severa redução no impacto do sentimento sobre nós. Ele venceu. A luta, o jogo de vontades resultou no desvencilho do amor ilógico, restando somente o amor real por Ly Fong e a admiração verdadeira sobre aquela que o tinha ajudado. Quanto a mim, senti que ele estaria atarefado demais com sua nova vida e não iria importuná-lo. Sorri. Eu não estava mais lá quando ele abriu os olhos e gritou o nome de sua futura esposa.

Talvez eu não devesse subestimar a força mortal para lidar com emoções e sentimentos. Percebi que os mortais podem moldá-los da forma que quiserem, transformando-os em outros, mutando sensações abstratas em reais. Transformando o modo com que veem o mundo. *Os seres humanos são maravilhosos nesse aspecto, não é verdade, Lúcifer?*

Destino me deu alguns séculos de sossego, um sossego tenso. Sabia que um dia o amor implacável de algum mortal recairia sobre minha alma. Mas acabei esquecendo a ideia e a aposta e me concentrei fielmente em minhas tarefas no além-vida. Aliás, há que constar, retornei à Terra para pessoalmente buscar o velho Venherei em sua cabana na mata. Dessa vez ele já me esperava e me recebeu com um sorriso, como se tivéssemos marcado o dia e se

pudesse me ver. Logo quando entrei em sua cabana, encontrei-o sozinho, trajando roupas nobres – parecia esperar por alguma celebração. Perguntei a ele se estava pronto e lhe estendi a mão. Ele a tomou suavemente sem dizer nada e caminhou comigo através do portal ao Limbo. Em nossa breve despedida, ele me elogiou diversas vezes e me surpreendeu de forma aterradora, dizendo meu nome antes de partir para ser julgado. No fim, fiquei lisonjeada com sua atitude, e esse episódio veio a confirmar o valor das forças mortais e minha admiração por elas. Nunca mais o vi. Tenho certeza de que aquele mortal não retornou ao mundo dos vivos. Ele já sabia demais.

Vaguei pelo mundo assistindo aos diversos feitos humanos, aprendi mais sobre eles, entendi mais os pensamentos e as motivações mortais. Tentei absorver o máximo que pude antes de mais uma vez perceber o incômodo e adorável toque do amor intenso. Estaria preparada para quando, pela terceira vez, Destino tentasse novamente me vencer e reescrever minha vida. Continuei, obviamente, a ir ao Limbo de tempos em tempos para gerenciar meus anjos de perto e levar almas a julgamento, e assim era obrigada a manter enterrados os sentimentos que tinha em algum lugar dentro de mim.

O tempo passou... Vieram os mercadores fenícios no Mediterrâneo, a civilização Olmeca e sua chamada cultura “madre” do México, os primeiros jogos olímpicos na Grécia, o nascimento de Roma, as primeiras moedas de metal na China, as leis de Dracon em Atenas, todas as sete maravilhas do mundo, a República Romana, a Grande Muralha da China. Criações fascinantes dos mortais. Meus doces mortais.



– *Desculpe-me interrompê-la novamente*, Ahmnat – disse ele, com sua voz doce.

Cada vez que ele pronunciava seu nome, Ahmnat sentia por dentro um calor há muito esquecido. Ela o amava mais do que podia disfarçar, mesmo sabendo das consequências.

– Lembre-se do tempo, meu amor – disse ela. – Minha existência está acabando por sua causa. Tenho que terminar de narrar para você toda a minha experiência para que possamos pensar em algo e decidir o melhor a ser feito. Mas... continue.

– Não diga isso! – reclamou o rapaz. – Não diga que ameço sua existência. Sinto-me perdidamente culpado. Odeio-me por imaginar que tudo o que sinto por você é algo que me foi imposto por Destino.

– Não. Destino não lhe impôs este amor. Ele descobriu logo que se o amor fosse imposto eu conseguiria um jeito de me livrar dele. Destino é um idiota previsível. Seu amor é real. Não se esqueça do jeito que nos conhecemos! Aquilo foi bem real! Não sei como Destino fez isso, nem sei se ele realmente fez algo. O que sei é que adoro você. E desejo terminar minha narrativa. Pergunte-me então.

– Está bem. Vou tentar me controlar. Eu ia perguntar se você, nessa época, já sabia como lidar perfeitamente com os sentimentos dos mortais e se nada realmente importante aconteceu entre os anos de Tsun e seu próximo amor.

– Aconteceram, sim, alguns fatos relevantes nesses anos, meu querido. Na verdade muitas ocorrências tiveram influência direta minha, como a criação da Estátua de Zeus e do Farol de Alexandria, ou ainda as invasões que levaram a Grande Muralha a ser erguida. Contudo, são fatos que me tomariam tempo demais para serem contados. E insisto em dizer que tempo nós não temos. E quanto ao começo de sua pergunta, sim, naquele tempo eu já tinha excelente controle sobre as emoções humanas e já portava diversos sentimentos meus enterrados fundo em minha alma. Sentimentos que um dia se tornariam insuportáveis.

– Quando eles se tornaram insuportáveis? Achei que você os controlava, como Vidhora a ensinou.

– Ela me ensinou muito após as experiências com Ahatza e mais ainda quando nos vimos novamente. E eu treinei muito nos vários séculos que se passaram entre Ahatza e Tsun. Porém, usando as palavras dela, “como a dor, a alma também possui limites”.

– E quando isso aconteceu?

– Que bom, meu amor, que agora me pede para continuar.



Há uma interessante passagem em minha vida, digna de ser narrada. Ocorreu em meados da civilização Maia, num centro cerimonial cercado por bosques tropicais. Eu estava fazendo meu trabalho em outra parte do mundo, na Hispânia Romana, na praça central de uma cidade da qual não me lembro o nome, quando senti uma dor pontiaguda no peito. Pensei em Destino imediatamente. Ele havia sido o único a investir contra mim até então, tornando-se assim meu principal suspeito. Recompus-me e lidei com a dor da forma usual. Outra dor idêntica me fez perder a concentração e dobrar-me ao solo, apoiando-me sobre as mãos para manter o equilíbrio. Beirando a perda da razão, tentei desdobrar minha onisciência ao mundo para descobrir o foco daquele ataque. Um terceiro golpe extremamente doloroso me impediu de continuar e acabei por cair, sentindo a pedra fria tocar meu rosto. A sensação de perda veio à tona, fulminante. Lembrei-me de minha mãe, de seus cintilantes olhos azuis. A sensação era a mesma de perder um ente muito querido – o vazio por dentro. O mundo parecia não ter mais brilho nem cor. As fontes de luz iam e vinham em seus focos de claridade. Ou estava eu delirando? Lembrei-me dos meus mortais e fiz como eles. Transformei tudo aquilo em ódio. Uma raiva tangível se fez presente no mundo real. Ao me erguer gritando, uma onda de energia fez o chão e as construções de pedra ao meu redor vibrarem e trincarem violentamente; as plantas murcharam de instantâneo, as flores tornaram-se marrons e caíram; quatro pessoas que por ali passavam tiveram suas vidas dolorosa e subitamente terminadas. Estendi meu poder em ira! *Que o mundo se dobre aos meus pés! Onde está esse covarde oponente? Apareça e então disputaremos nosso espaço.*

Minha força me trouxe uma resposta rápida e pesarosa: eram meus anjos. Três deles destruídos. Identifiquei na velocidade de um pensamento o local, e, antes que eu mesma pudesse perceber, eu estava lá, dentro do templo de pedra, na América Central. Encontrei-me num saguão escuro e extenso, com apenas algumas tochas a

iluminar os entalhes nas paredes de pedra. O centro era um pouco mais alto do que o resto da sala, com um altar de rocha natural, todo desenhado com símbolos ininteligíveis; nele, um corpo humano deitado, sem vida. Ao redor do mórbido altar, quatro pessoas trajando vestes comemorativas para aquela época e lugar rezavam e entoavam cânticos para o corpo morto. Cantavam frases sobre "o retorno ao mundo" e algo sobre "poder infinito do homem mais poderoso vindo do Sol". Eles estavam trazendo o desgraçado de volta à vida.

Numa das pontas desse saguão, um homem velho mas de grande porte, com músculos bem definidos, cabelos castanho-escuros, com o corpo coberto por desenhos e símbolos, caminhava em direção ao centro sem que os outros o notassem. Ele caminhava em forma etérea.

Interferi imediatamente:

– Pois bem, se minha atenção era o que almejava, você a tem agora. Quero uma explicação sobre o que está acontecendo antes de levá-lo de volta.

– Não há explicações, Morte – disse o homem, com grande segurança em suas palavras. Fiquei pouco impressionada por ele saber quem eu era. – Eu sou Lahach, o poderoso. Passei desta vida, deixei minha carne e fui levado ainda semiconsciente pelos seus servos. Você não tem poder sobre mim agora. E quando eu retornar ao meu corpo, vou reger supremo. Meu século de vida mortal nada será comparado ao que ainda vou viver.

– Lahach, poderia eu perguntar como você conseguiu sair do Limbo e aprender tanto em tão pouco tempo?

– Ah! A dúvida lhe corrói os ossos, não? Você não acreditava que um mortal pudesse destruir seus servos e retornar de seu toque sublime. Seu poder é ínfimo perante o meu, Morte!

– Vamos verificar isso.

Estendi os braços com as palmas das mãos abertas e descarreguei nele todo o meu ódio como uma força invisível concisa. O impacto atingiu-o no tórax, arremessando-o alguns metros para trás, e suas costas chocaram-se contra a parede. Mesmo assim, ele caiu em pé e

começou a rir. Murmurou algo como “garota tola” em seu dialeto e ergueu furiosamente a mão ao ar. Falou palavras sem sentido para mim e fechou fortemente o punho como se apertasse algo. Senti então meu coração se contrair em uma dor indescritível. Perturbada e ameaçada, acreditei que os que entoavam os cânticos eram os que mantinham aquela alma perversa na Terra. Empurrei-o com minha telecinesia mais uma vez, lançando-o contra a parede novamente e deixando que o peso das enormes pedras ao redor fizessem o resto. Meu poder manifestou-se no mundo dos vivos de forma irracional e severa, arrancou as rochas lapidadas das paredes, atirando-as contra os corpos frágeis dos homens que cantavam. Eles mal reagiram ao impacto, logo tombaram esmagados.

– Tola! Você é uma criança tola! – Lahach se levantou do chão como se nada tivesse acontecido. – Nada vivo, nada morto, nada existente pode me parar, Morte! Sei tudo sobre seu poder. Sei como não ser atingido por ele.

– Muito bem – cruzei os braços –, conte-me o que sabe. Já que tentar brigar com você não vai levar a nada, diga-me como posso ajudá-lo. Ou servi-lo.

– Ah! Servir-me. Então percebe a grandeza de meu poder! Sim! Você pode me servir, Morte! Você é a senhora das almas deste mundo. Diga-me como ele está.

– Achei que seu poder pudesse lhe dizer isso – eu disse, calma e impassível. – Afinal, é um poder insuperável, incomensurável, muito maior que o meu.

Ele levou a mão direita para trás da nuca com uma expressão de revolta e passou-a rapidamente para a frente do corpo, esticando-a. Uma onda de força me atingiu no rosto. Cambaleei, zonza e machucada, e caí no chão como uma árvore atingida por um relâmpago. Porém, levantei-me, ainda imperturbável, e novamente cruzei os braços. Minha voz então saiu de minha boca:

– Perdoe-me, Mestre Lahach. Não quis caçar de seu poder, muito maior que o meu. Desculpe-me por não saber lidar com uma alma que retorna poderosa como você. Nem sei o que é você. Por favor, peço humildemente que clareie minha mente.

– Sou um novo poder, Morte – disse ele, direto em minha mente.  
– Retornei ao mundo após todos esses anos para reinar. Para ser um deus vivo no mundo. É o que eu mereço.

– Desculpe-me, meu senhor, mas era um mortal então? Um mortal que retornou? Como isso é possível? E como é possível alguém de tamanho poder lidar contra entidades como eu? Não consigo entender. Como escapaste do Limbo?

– Explicarei uma única vez, Morte. Não escapei simplesmente do Limbo. Escapei da Transição quando matei seus anjos! Sou algo superior, inclusive a você, pois agora já morri. Foi assim que me foi explicado. Não existem entidades que possam me ferir. Eu lutei contra a possessão da minha vontade, mantive minha mente sã para não ser deturpada pela presença de seus servos! Nós vivemos no mesmo mundo agora, somos feitos do mesmo material. Não sou mais alvo de quem controla a morte. Eu tenho o poder por já não mais ser mortal. Entende?

– Entendi perfeitamente. Obrigada.

Ergui os braços, expandindo minha onisciência ao redor do templo de pedra, procurando por seres vivos, procurando por energia vital. *Centelha de vida que revira a carne, dobre-se a mim! Dobre-se ao poder da morte!* Num redemoinho de força, encontrei diversas pessoas próximas ao local onde me encontrava. Senti-as todas. Matei-as todas. *Não! Não se aproximem, meus anjos! Eu as quero para mim!*

Lahach ia reagir quando sentiu uma batida fraca no peito. Olhou para baixo. Olhou ao redor. Sentiu outra e outra na sequência. Então viu uma espécie de névoa sólida, de tom verde claro, que rodopiava ao redor de seu corpo e se fixava em sua pele. Quando as fracas batidas em seu peito ganharam ritmo natural, ele olhou tenso para mim. Seu coração batia, e ele percebeu que não mais estava de pé, mas deitado no altar de pedra. Ele possuía energia vital no corpo novamente.

Ergui meu braço lentamente enquanto ele se punha em pé e me fitava, severo. Senti o gosto de seu medo em minha boca, e fui lentamente saboreando-o. Abri minha mão.

Ele foi impelido para trás e trincou rochas com as costas ao bater violentamente na parede de pedra, dessa vez manchando a rocha de vermelho, até conhecer intimamente o solo áspero e rígido. Caminhei até seu corpo quebrado. Olhei para baixo, com a calma de sempre, e cruzei meus braços atrás das costas.

– Eu não somente controlo a morte, Lahach. Eu sou ela. Sendo assim, controlo também energia vital. Como essa que pus em seu corpo para ressuscitá-lo, em quantidade suficiente para durar um milênio. Se era a eternidade o que você almejava, pelo menos uma parte dela você conseguiu. Bem-vindo de volta ao mundo dos vivos.

Ele não estava em condições de dizer nada. Tinha os pulmões rompidos pelo impacto na parede, estava sufocado pela dor e respirava com dificuldade. Caminhei para longe dele, atravessando etérea as paredes do templo, parando soberana na grande escada que se dirigia ao alto. No planalto que cercava o lugar, diversas pessoas choravam e se indagavam sobre o que teria acontecido. *Por que tantas pessoas simplesmente tombaram sem vida? Os deuses devem saber a resposta! Sim, vamos subir! Vamos até o templo! Os deuses... sempre os deuses!*

Quando estavam a poucos degraus de mim, apareci para eles. Alguns gritaram, outros acharam que eu fosse uma deusa, outros ainda desceram correndo em pânico.

– Este é um lugar proibido! – gritei, na língua deles. – Nenhum de vocês deve adentrar este templo. Vocês devem abandonar esta terra! Pois quando eu retornar, todos vão morrer!

Comecei a descer as escadas, e as pessoas se afastavam depressa, saindo de meu caminho. Quando cheguei ao chão, trouxe o templo comigo. A terra tremeu sob meu comando. Em meio aos gritos e ao pânico generalizado, um barulho imenso emanou das rochas que se torciam e quebravam, estilhaçando em dezenas de pedaços e erguendo colunas de poeira e nuvens de terra que se somavam numa névoa espessa e escura, dando-me a cobertura que eu precisava para desaparecer.

Belíssimo, um anjo apareceu sobre os escombros. Passei a mensagem para ele e propaguei-a para todos os outros:

– Meus queridos, existe vida dentro deste templo, sim. Uma vida que está quase para terminar e pronta para ser levada. Mas ele não deve morrer. Ele não deve ser levado. Permitam que toda a energia vital em conflito dentro desse corpo se mantenha revolta por mil anos. Ele permanecerá sempre consciente, beirando a loucura, soterrado nestas pedras. Se algum mortal se aproximar destes escombros, encerrem sua existência por quaisquer meios que desejarem. Sempre deverá existir um anjo guardando este local. Voltarei pessoalmente daqui a um milênio.

Com um simples pensamento, rasguei o tecido da realidade e abri o portal para o Limbo. Destino, meu querido, vamos conversar.

Com todos os meus sentimentos escondidos, atravessei a barreira da vida e da morte, cruzando o vazio. Dirigi-me em forma astral para o local onde Destino se encontrava. É difícil descrever a movimentação e os locais que existem num mundo etéreo como o Limbo. Nada é exato. É um mundo criado por sensações e lembranças de memórias mortais. Um lugar feito da imaginação de cada um. Um lugar altamente mutável, insólito e surreal. Meu verdadeiro lar. Ali eu encontrava paz e serenidade como raramente encontrava na Terra.

– Olá, Destino – disse, adentrando sua imensa biblioteca, abarrotada de livros até o topo das inúmeras e colossais estantes.

– Olá, Morte. Que surpresa! – disse. Largou a pena e, virando-se na cadeira para olhar para mim, afastou-se brevemente do mogno polido de sua escrivaninha. – Quais seriam, fico imaginando, as ameaças que resguarda para mim nesta visita não marcada?

– Não vim ameaçá-lo, Destino. Depois do que sofri por provocá-lo, percebi que você realmente possui poder maior que o meu. Jamais vou desafiá-lo ou deixá-lo raivoso novamente. Até peço-lhe perdão pelas palavras proferidas anteriormente.

– Morte – disse ele, levantando-se da cadeira, juntando as mãos na frente do peito juvenil –, eu acreditaria em você em outra ocasião. Estou certo de que você cresce em poder a cada dia. Estou certo também de que planeja uma vingança sórdida contra mim. Desista. Hrokel tentou e acabou tendo que nos deixar.

– É você quem está fazendo ameaças, Destino. Vim apenas para obter informações. Quem é Lahach?

– Como vou saber, minha querida? – disse ele, num tom irônico e desrespeitoso. – Achei que você fosse a Senhora das Almas. Use seu poder, garota. Vamos, você consegue.

– Eu tentei, Destino. Não funcionou. Ainda pior, ele investiu contra mim. Era uma alma revolta solta na Terra. Ele sabia quem eu era e queria governar o mundo como um deus. Tinha suas memórias mortais intactas e tinha consciência de tudo o que uma alma é capaz de realizar. Sem contar o poder absurdo que ele comportava em suas ações. Uma alma totalmente ativa. Eu apenas gostaria de saber se você sabe algo a respeito dele.

– Interessante, Morte. Pois, por mais que me agrada a ideia de ele ter investido contra você, eu realmente não sei quem ele é ou foi. Mas isso, é claro, para mim é uma questão de segundos.

Ele se levantou da cadeira e se dirigiu ao centro de granito e mármore de sua biblioteca. Abriu os braços e falou com uma voz pesada, grave, uma voz que não era sua. Disse por duas vezes: “Lahach, venha para mim. Destino o chama!”. E um livro grosso de páginas amareladas despreendeu-se de uma prateleira, vindo a pousar suavemente em uma pequena mesa de madeira avermelhada à sua frente.



– *Quero, antes de mais nada, dizer que todas* nós, entidades, temos nosso lugar no Limbo. Digo, temos um espaço para criarmos, conforme a imaginação mandar, um lugar nosso. Pode-se dizer, como vocês, que está “incluso no pacote”.

Ele sorriu e se ajeitou na cadeira. Hesitou um pouco em perguntá-la algo, mas percebeu que ela estava apta a responder-lhe, então continuou:

– Como assim, “incluso no pacote”? Quer dizer que vocês entidades podem escolher um lugar no Limbo para viverem?

– Não exatamente – continuou Morte. – Nós não escolhemos, nós criamos. Temos o poder de criar um ambiente no Limbo que nos

agrade. O poder de moldar o nada em algo. Destino, por exemplo, já havia há muito criado o dele. Eu ainda não. Talvez, até aquele momento, eu não sentisse a necessidade de ter um lugar somente meu, seja na Terra, seja no Limbo. Por mais que o Limbo me trouxesse uma paz não usual, eu adorava caminhar na Terra, em seus infinitos lugares exóticos e inabitados. Lugares que o tempo faz mudar, muda-se o clima, muda-se a geografia; e isso os faz sempre atraentes. Eu percorria o mundo todo e, depois de terminado, percorria novamente, pois tudo era novo e diferente.

– Poderei um dia ver seu santuário no Limbo?

– Creio que sim. Vamos ter de tomar diversos cuidados, mas estou certa de que podemos dar um jeito. Teoricamente, mortais não podem entrar no Limbo a não ser que estejam indo a julgamento, ou seja, mortos. A experiência de arrastar um corpo vivo para o Limbo é até bem dolorosa. Meu lugar – continuou – eu construí por volta do ano 1400, de acordo com o calendário de vocês. Foi uma época que testou minhas habilidades até seus limites. O mundo passou por períodos de guerras e miséria, e muitos sucumbiram à própria áspera índole. O meu santuário de veludo negro foi o resultado de minha tristeza e solidão após *a mensageira*.

– Entendo. Enfim, acredito que então chegaremos em breve nesse ponto da história – sorriu novamente. – Você estava dizendo que Destino invocou a história de Lahach. Por favor, continue.



– Aqui está, Morte – disse Destino, orgulhoso de seu poder e de sua biblioteca, folheando algumas páginas do livro da vida de Lahach, em uma velocidade muito além da capacidade de um mortal. – Lahach. Agora me lembro dele – continuou. – Foi um homem santo de seu povo. Um xamã, se preferir. Era o líder de uma grande comunidade no Ocidente. Na verdade, era o líder perfeito. As pessoas o admiravam; as pessoas o temiam. Um homem exemplar. Forte, belo, criativo...

– ...e cruel – completei. – Ele me disse que havia fugido da Transição. Como isso é possível? Por um acaso seria uma história escrita por você?

– Não, Morte. Infelizmente não. Assim como você, as pessoas às vezes – raramente, mas às vezes – escapam do poder de minha pena. De qualquer maneira, você disse que ele escapou da Transição. Ou seja, o que quer que ele tenha feito para escapar foi além da vida. Depois que uma pessoa morre, a responsabilidade não é mais minha, e sim sua.

– Vou aceitar isso por ora, meu caro. Talvez realmente você seja inocente nessa situação toda. No entanto, alguém facilitou a escapada de Lahach e o instruiu sobre mim e sobre como me ferir.

– Entendo, Morte. E após ser atacada você pretendia refugiar-se sob a sombra de um ente querido? Sua mãe, talvez?

Uma força estranha e dolorosa caiu sobre mim como se tentasse me arrancar à força dali. Baixei a cabeça, quase perdendo o equilíbrio, e me concentrei profundamente para me manter ali. Eu costumava, vez ou outra, pensar em minha mãe, porém já não fazia isso há alguns anos. Quando Destino a mencionou, não pude evitar o pensamento e a emoção trazida por ele. *No Limbo não há emoção, Morte. Só há julgamento. Concentre-se!*

Mediante uma tremenda força de vontade, usando o que havia aprendido, soterrei o sentimento e endireitei-me em pé. Destino riu sórdido. Em seu rosto, a pior expressão de desdém, como se falasse com uma menina indefesa. Deu-me as costas, voltando a se sentar para escrever.

– Você aprendeu bastante, Morte – disse sem olhar para mim. – Mas, quase dois mil anos depois de sua passagem, você continua a ter emoções. Triste. Esperava mais de você.

Apesar da vontade de esquartejá-lo ali mesmo, eu sabia que nada ia acontecer onde estávamos. Eu tinha certeza de que meu poder ali seria inútil, principalmente em sua biblioteca, seu santuário pessoal. Então me mantive inocente e guardei um pouco mais de ódio para depois:

– Perdoe-me por não atender suas expectativas, Destino. Também me perdoe por incomodá-lo com minhas trivialidades e meus medos. Você é uma entidade bem mais antiga e experiente que eu. Com licença.

Ao me retirar de sua biblioteca, não pude deixar de tentar ler seus pensamentos. Não arrisquei uma leitura profunda, mas pela primeira vez investi contra uma entidade, em sua própria casa. Pude captar alguns pensamentos superficiais – nada coeso, na verdade – que giravam em torno de orgulho, dúvida e complacência. Tomei aquilo muito bem. Ele estava realmente imaginando que eu havia me colocado em meu lugar e me rebaixado ao Mestre da História. Ele achava que possuía certo poder sobre mim, mesmo depois de tanto tempo aprendendo e me adaptando.

Deixei o Limbo e fui vagar em um vasto deserto da parte central do planeta. Eu precisava sentir algo. Já havia muito tempo que meu coração se tornara um vazio proibido, solitário e frio. Quando Destino mencionou minha mãe, me fez pensar nela novamente. Deitei-me nas areias quentes, transgredindo a forma intangível e materializando-me. Passei minhas pálidas mãos pela encosta da duna, sentindo a textura da areia que corria sob meus dedos finos, permitindo que fossem agredidos pelo calor resguardado do sol. Libertei as memórias de meu passado obscuro, dos fatos incríveis que aconteceram em minha vida mortal. A vida no Egito; os pesadelos juvenis; a risada selvagem do Maldito; meus cintilantes olhos azuis. *Onde estariam eles agora?* Ocorreu-me algo que, não sei como, ainda não havia passado pela minha cabeça. Hrokel foi Morte antes de mim. Ele levou minha mãe para o Limbo, ou um de seus anjos o fez. Mas como ele devia estar vigiando minha vida trágica, acredito que ele mesmo o tenha feito.

Infelizmente eu ainda não sabia, naquela época, o que acontecia com os mortais após o Julgamento. Eu sabia que eles poderiam transcender ou retornar ao mundo para mais aprendizado, sem memória alguma. *Será que ela voltou? Será que eu reconheceria sua alma se estivesse próxima o suficiente?* Quanto tempo demorava para uma alma retornar ou, ainda, quanto tempo demorava o julgamento de uma alma eram informações sobre as quais eu não tinha conhecimento.

Fiquei deitada por diversas horas, sentindo o calor mortal do Sol me trazer memórias da vida humana e de tudo aquilo que um dia

ousei querer esquecer. Por mais trágica e insuportável que uma vida possa ter sido, ela sempre fica marcada em algum lugar profundo nos mortais. Na verdade, penso que fica marcada em cada um de nós, mortais ou não. Eu fui uma mortal. Eu lembro o que era viver. Pensei, deitada solitária na areia, sobre o quão cruel era a retirada da memória de uma pessoa que voltava do Julgamento para mais aprendizado no mundo. O que seria de mim se não tivesse passado por tudo aquilo e não soubesse de tudo o que passei? Mesmo assim, me tornei Morte e não aprendi tudo. *Não tenho consciência de tudo! Ou será que tenho? Será que já vivi muitas vidas? Será que já fui diversas pessoas em vida e agora que nada mais me falta eu posso ser Morte?*

– Na verdade não, minha adorada entidade. Você é um caso único que não pode ser usado para comparações – disse a voz charmosa de Lúcifer, num tom perfeitamente audível e humano. – Você ainda continuará, acredito, a aprender de tudo. Porém, por conta própria, sem nossa influência ou das entidades ao seu redor.

Sem abrir os olhos e sem fazer menção de me levantar, respondi, também em voz alta, num tom terno e alegre:

– Estrela-da-Manhã! Ficou com ciúme de ser o Sol minha única fonte de luz e inspiração?

– Em parte, querida, mas vim na verdade congratulá-la – respondeu.

Estranhei a afirmação. Espreguicei-me como se estivesse cansada e agi como uma mortal que acabara de acordar. Respirei fundo, colocando-me

de pé na frente dele. Abri os olhos levemente para contemplar o rosto maravilhoso do anjo, em toda sua graça altiva. Seus cabelos dourados estavam soltos, e brincavam com os golpes de vento. Olhei profundamente em seus olhos negros, perguntando:

– Congratular-me de quê? Afinal, já tenho certa consciência de minhas ações e de meus poderes, o que me permite afirmar que não fiz nada que chamasse a atenção daquele que se opõe ao poder do Deus Único. – Então me ocorreu o pensamento de Lahach; ele poderia ter sido instruído por Lúcifer para me provocar. – Ou talvez...

você, e falto abertamente com o respeito, em um momento de infantilidade, tenha instruído Lahach em seus modos e poderes para me testar. Para me ensinar que os mortais podem ser grandiosos. Para provar para si mesmo que os mortais são muito mais do que aparentam e que alguns deles, simples criaturas desenhadas para existir, podem fazer o papel de Deus e de messias entre os homens. E, se assim for, Ele na verdade não precisa existir. Ele criou o mundo, e agora o mundo pertence aos mortais, que, como dizem as lendas, são aprendizes que superaram o próprio mestre. Fim do jogo, você ganha um ponto e prova sua teoria.

Ele ficou estupefato com minhas palavras, já que claramente não as esperava, e seu rosto ganhou um leve tom de espanto. Isso só confirmou minha suspeita. Lembro-me de que ele quis falar algo em sua defesa ou sobre o assunto, mas, novamente faltando com o respeito, talvez por me sentir pressionada demais, talvez por ter sido um teste ridículo, continuei a falar:

– Contudo, meu maravilhoso soberano, você acredita realmente que Ele possa ter criado tudo isto simplesmente para brincar de vontades com você? Para realizar a experiência da criação por pura diversão e falta do que fazer? Acredito, amado, que tanto eu, que fui humana tola à procura de algum significado para as tragédias do mundo e hoje sou a responsável por grande parte delas, quanto você, que é o único anjo que consegue enxergar coerentemente as falhas ocorridas, mas que faz delas a razão para toda sua rebeldia por ser apenas uma criação e não o criador, somos apenas instrumentos da vontade Dele, da enorme incoerência da vontade Divina.

– Terminou? – perguntou Lúcifer, claramente irritado.

– Eu poderia continuar por horas. O episódio Lahach me deixou severamente consternada. Sem contar o fato de que alguns dos meus anjos morreram, e isso me fez sentir uma nova dor e até encontrar um novo significado para senti-la. Não tomo lados em sua disputa com Ele, pois minha própria disputa me ocupa o bastante. Simplesmente digo que achei seu pequeno teste desnecessário, fútil.

– Não entendo realmente a razão da sua revolta, Morte. Adoraria dar-lhe um tapa na cara agora, mas acredito que já esteja esperando isso. Porém vim até você, com toda minha boa vontade, para ensinar-lhe mais, para passar mais tempo a seu lado como de certa forma havia prometido – ele se virou de costas, respirando pesadamente e cruzando os punhos cerrados atrás das costas. Então, voltou-se, olhando friamente para mim. – E em sua arrogância, condena-me por um teste e, sim, toma o lado de meu soberano, de nosso soberano, mesmo sabendo que Ele não tem o mínimo respeito por você ou por qualquer mortal no mundo.

– Você não possui o menor respeito nem por si mesmo, Estrelada-Manhã! – disse, em tom de compaixão. – Você é apenas um anjo que queria ser mortal para sonhar ser anjo. Condena-se em sua própria forma por saber que, mesmo que saia vitorioso, Ele é maior que você. Ele lhe deu a vida, e você existe apenas porque Ele o quer, porque Ele permite. A obrigação de servi-lo, de um jeito ou de outro, é o que torna sua vida insuportável. Você nunca se perguntou se sua procura por uma provação pode ser obra Dele próprio? Essa sua busca por uma forma de mostrar a Deus que as almas podem ser aperfeiçoadas através de outros métodos além do sofrimento pode trazer-lhe, talvez, uma resposta já conhecida, a de que o melhor método é de fato o sofrimento. Eu aprendi sofrendo e aprendi bem, Lúcifer, meu amado. Talvez você esteja buscando sua própria humilhação.

Ele inspirou fundo. Olhou para mim como se fosse acabar com minha existência ali mesmo, sem dor, sem demora, nem lembranças ou remorso. Eu apenas deixaria de existir, e tudo se acertaria. Mas não. Minha destruição seria uma libertação de toda minha dor, e atingir-me com golpes era algo muito baixo para alguém majestoso como ele. Até hoje me arrependo das palavras que lhe disse aquele dia, pois ele fez algo que eu jamais esqueceria. Sádico demais até para um anjo aborrecido.

– Muito bem, Morte – disse ele, sem exhibir nenhum traço de revolta ou desconforto com relação às minhas palavras. Na verdade, seu rosto se tornou algo tão frio, tão inexpressivo, que uma

sensação alarmante me percorreu a pele. – Vim para mostrar-lhe algo que você adoraria ver, mas não vou mais. E, pensando bem, acho que você não percebe o que fiz para você nem quais são meus reais interesses no mundo. Você acha que sou uma criança mimada que apenas quer expor um ideal para ser aceita de volta nos braços da mãe. Não sou eu quem deseja isso. Também está muito enganada quanto ao fato de minha existência estar correlacionada à vontade divina. Eu não existo porque Ele permite ou porque o quer. Existo porque posso.

Um pesar me fechou os olhos pouco antes de Lúcifer terminar sua fala. Eu o tratara como um garoto que fez alguma molecagem, como um garoto sem rumo, mesmo sem ter certeza de seus motivos secretos – que talvez até o Criador desconheça. Uma tristeza embrulhada em medo para presente me foi entregue sem que eu tivesse a oportunidade de recusar. Senti-me zozza, permeada por uma tristeza inóspita que agora me invadia sem permissão. Estava me sentindo como alguém que acabara de passar horas chorando sobre o corpo de um ente querido. Não consigo dizer ao certo, mas, pouco antes de desfalecer por mal-estar extraordinário, acredito que o tenha ouvido dizer:

– Já que você deseja ter-me como um inimigo descartável, que assim seja. O que vai acontecer não deverá ser comentado ou mesmo reclamado. Considere isso como uma advertência, Morte. Não serei tão carinhoso da próxima vez.

Ao acordar, eu estava novamente só. Não sabia o que havia ocorrido e, no entanto, tinha a certeza de que não era nada agradável. Caminhei deprimida por algumas horas pelo deserto, banhado de branco pela lua. Apesar de já existir como Morte havia muito tempo, eu ainda não estava acostumada aos fatos alheios à minha vontade. Eu realmente era uma Morte muito dedicada, digamos assim, conduzia meus anjos com derradeira perícia, levando as almas do mundo com o mínimo de dor e sofrimento possível; suprimia meus sentimentos mais íntimos e controlava sensações, emoções e forças nos mortais com grande proficiência. Mas, ao se tratar de dialogar com outras entidades, seres de poder tão amplo

ou ainda maior que o meu, eu era mesmo uma garota frágil. Naquela noite senti muito a falta de alguém para conversar, de ter alguém do lado para observar, para dizer algo sem esperar resposta. Pensei em minha mãe mortal, mesmo fazendo cerca de quase vinte séculos desde a última vez que pude contemplar seus olhos e seu rosto, suas mãos acariciando meus cabelos. Seu sorriso... Como me fazia falta um sorriso sincero! Eu já havia esquecido o que era a alegria e tinha de me contentar com as sensações e vidas alheias para não enlouquecer.

Por diversos dias, contentei-me em deixar meu poder sensitivo se estender até uma pessoa de sentimentos fortes, de vivência à flor da pele, e ir até ela só para ficar observando, sentindo o que ela sentia, como que uma parasita de suas sensações. Infelizmente eu já deveria saber que um sentimento nunca é tão completo quando não é seu. Eu precisava muito de companhia, mas sabia que não ia tê-la.

Essa época um tanto depressiva me fez pensar em muitas coisas. Talvez aquelas sensações tenham influenciado muito do que sou hoje. Aqueles poucos dias entre meu primeiro desentendimento com Lúcifer e a chegada de meu novo amor me tornaram mais fria do que nunca. Retirei-me por muito tempo dos meus afazeres pessoais, deixando os mortais aproveitarem uma vida um pouco mais. Fiquei longe de meus medos, de meus anjos, de meus queridos mortais. Não sei se já cheguei a comentar, mas nem tudo é finito. A solidão não possui barreiras e cada vez fica pior. A única forma que encontrei de coexistir com ela foi me conformando. *Eu sou solitária. Sempre serei. Eu sou Morte. Deveria agir como tal.*

Escolhi uma ampla planície gelada no extremo norte da Europa como palco para o que eu desejava declarar. Todo o processo ia levar mais de um dia completo, e eu não queria ser incomodada pela luz da manhã. Estávamos naquela época em que o Ártico fica no escuro durante aproximadamente seis meses, então eu tinha escuridão e conforto de sobra. Convoquei meus anjos, todos eles, que vieram de imediato, se materializando para me servir e ajoelhando a meus pés em sinal de serventia. Foi quando percebi o castigo imposto sobre mim. *Lúcifer, como você foi cruel, meu anjo. É*

irônico como o vassalo nunca acha que merece tanto castigo de seu senhor. Não foi à toa que me senti mal e triste ao final de nosso diálogo. *Meus anjos estão ligados a mim, agora e sempre. Lúcifer, eu realmente merecia isto?*

Centenas de milhares de anjos. Todos com o rosto deformado. Ele os distorcera miseravelmente. Cada um de uma maneira, e todos assombrosos. Aberrações com corpos impecáveis e asas maravilhosas. *Eles eram tão lindos, meu amo! Por que fizeste isso com sua pobre filha?* Lá estavam, encobrindo o gelo com suas penas pretas. Seus semblantes destruídos, seus olhares vazios e complacentes. Lúcifer esculpira um milhão de faces em dor.

Minha tristeza era tanta, que não reagi. Não gritei, não me movi, não tive vontade de chorar. Não matei ninguém para exaurir minha raiva. Conformei-me com a situação mais rápido que poderia ter imaginado. Minha única reação foi pedir, com a voz mais condolente possível, que todos, sem exceção, olhassem para mim.

Fitei cada rosto. Guardei na memória cada face maculada pelo poder de um anjo infeliz. Permaneci no gelo por dias, embrenhada na escuridão do solstício de inverno do Hemisfério Norte, lamentando o ocorrido, sem poder fazer absolutamente nada a respeito. Na verdade, não cheguei a arriscar o uso do meu poder para torná-los belos novamente. Talvez por respeito à Estrela-da-Manhã, talvez por medo da falha ou simplesmente por ter a certeza de que não conseguiria deixá-los como antes. Quando meus olhos percorreram as últimas linhas denegridas da face do último anjo, lamentei pela última vez e gritei em voz alta para todos:

– Ouçam-me agora, meus fiéis e adorados anjos! Ouçam a voz da Morte! A calma que mantenho reside em sua falta de orgulho, em sua falta de vaidade. Possuo a certeza de que não se importam com seus rostos, pois sei que vocês vivem apenas para servir-me. Sei que nem verdadeiros anjos vocês são, mas apenas imagens semelhantes aos filhos primogênitos de Deus, copiadas em homenagem ao Divino. Vocês não se importam de terem suas identidades estripadas da própria pele. Pois eu me importo! Prometo-lhes vingança, seja ela quando ou como for. Mas temos nossos deveres, e eles não podem

ser interrompidos por quem quer que seja, Deus ou Diabo. Trouxe vocês aqui para que me ouvissem ordenar em voz mortal que as almas que não aceitarem de maneira alguma a própria morte devem ser deixadas de lado. Não deve haver luta, eu cuidarei delas pessoalmente. Pois assim será evitada a destruição de mais de vocês, mesmo sabendo que vocês não conhecem a dor. Graças ao fato ocorrido e propagado por um filho de Deus, eu modifiquei meu intuito. Até que eu os convoque novamente ou comande-os de outra forma, nenhuma alma deve residir no mundo quando eu desejar que ela se vá. Custe o que custar. Se algum de vocês se encontrar em dificuldade com qualquer tipo de ser que tenha sido ordenado a ir para o Limbo, matem-no como bem desejarem. Se não conseguirem, convoquem auxílio, o meu ou o de seus iguais. Matem à vontade, mesmo que todos vocês sejam necessários para eliminar um desgraçado da superfície deste mundo. Sendo os próprios filhos de Deus criaturas ignorantes, sádicas e insensíveis, nós podemos nos dar o mesmo direito, não? Não percam mais tempo com explicações e tentativas de aliviar o sofrimento da Transição! Matem antes do momento final se necessário! Arranquem suas almas à força se preciso for, mas façam-no sem remorso. Assim deseje Morte!

Eles fizeram uma grande reverência, inclinando a cabeça em aceitação absoluta.

– Voem meus lindos, voem – disse, magoada com a arte do Diabo.

Eles alçaram voo em direção à bruma espessa que cobria a noite. Eu fiquei acompanhada do vento frio que ameaçava em vão me ferir.

Alguns pensamentos me vieram naquele momento. Acredito que tenha sido exatamente ali que pensei sobre o alcance do poder do Criador. Até que ponto Deus influía na vida terrena? E na existência de entidades como eu?

Aliás, lembro-me agora de que, muitos anos mais tarde, no final do século XIX, um artista belga chamado James Ensor pintou uma tela retratando rostos cobertos por máscaras bizarras ao lado da morte – *As máscaras e a morte*. Recordo do exato momento em que vi pela primeira vez o quadro; era uma fase em que eu sorvia a

maior quantidade possível de criações humanas. Ele me fez lembrar instantaneamente da atrocidade de Lúcifer.

Mas estou me desviando do assunto. Isso não tem mais importância. Meus anjos mudaram desde o incidente, mudaram até de forma certa vez. No entanto, eu ainda os vejo como meus anjos perfeitos, e assim sempre verei. Principalmente depois que realmente assumi o quão poderosa eu era.

Admirei o vazio do oblíquo infinito por horas, até sentir uma presença. Senti que algo ou alguém de grande poder se aproximava. Examinando um pouco mais a sensação, apurando meus sentimentos, descobri quem era, mesmo que seu poder não me permitisse vê-lo. Eu já havia figurado como seria nosso reencontro, se voltasse a ocorrer, porém minha reação foi muito diferente do que eu havia previsto. Não senti o medo nem a ansiedade que atingem os mortais quando estão em perigo. Apenas respirei fundo, virei-me na direção da estranha sensação e proferi palavras audíveis:

– Achei que nunca mais fosse vê-lo. Posso arriscar dizer que senti certa saudade.

– Devo chamar-te de Morte agora? – disse ele enquanto aparecia sombrio, de costas para a lua como sempre, com sua silhueta negra e misteriosa, envolta em sombras que escondiam seu rosto e ocultavam sua forma. – Ou Ahmnat seria mais apropriado para a situação?

– Pronuncie o que desejar. Afinal, sabendo seu nome ou não, você sempre será o Maldito para mim, mesmo que este nome já não me traga mais ódio ou desejos de maldições não discursados.

– Pois que sua vontade seja novamente feita, Dama dos Mortos. Afinal, agora és uma entidade de muitos séculos. Uma entidade de respeito. Vim para informá-la sobre algo que está prestes a acontecer. Um evento importante.

– E por que se preocuparia comigo, Maldito? Para mim, você foi o emissário das más notícias, o mensageiro do Diabo.

– Não, Dama. Como você mesma viu, o Diabo não precisa de mensageiros. Ele fala por si. Vim por ser a voz do Divino. Vim trazer-lhe um recado Dele.

– Quer dizer que eu vou finalmente conhecer o Criador? – uma animosidade tola me percorreu o corpo. Algo imediatamente controlado, mas não contido, acabando por transparecer. – Vou conhecer o Deus Único?

– Sinto decepcioná-la, garota egípcia. Não vai estar perante Ele, mas perante aquele que possuiu seu sangue, aquele que a transformou no que é hoje.

Um arrepio pavoroso deslizou pela minha coluna. Fiquei sem palavras por alguns instantes e levei a mão à boca como se para impedir de escapar-me dos lábios um grito de espanto.

– Vou ver meu... meu filho? – murmurei temerosa.

– Não. Vai ver aquele que já foi seu filho.

– Não entendo. Peço-lhe, por favor, que me explique.

– Ele é filho de Deus. Ele possuiu muitas mães e viveu muitas vidas em muitos lugares. Ele conhece as vontades dos homens e agora está pronto para difundir a palavra e a vontade de Deus entre eles.

– Quer dizer que eu fui uma das portadoras de uma alma que está sendo “preparada” para se tornar o filho do Criador?

– Se isso faz com que você entenda... sim. Foi. Agora ele está pronto, e pela última vez uma mulher vai gerá-lo naturalmente, assim como você fez. Ele possui o conhecimento máximo entre os homens e vai se tornar o emissário. O Messias.

– Então, Deus realmente precisa de um messias entre os homens? – perguntei, lembrando de minha conversa com Lúcifer.

– Considero insolente de sua parte o uso da palavra “precisa”. Ele não precisa de nada. Ele tem tudo. Ele é tudo. Se fizer parte de Seu desejo que os mortais saibam sobre Sua existência, finalizando suas imaginativas teorias politeístas, assim deve ser feito, pois assim Ele *deseja*. Assim como Ele deseja que você presencie o nascimento da criança, que novamente foi carregada no ventre de uma virgem e está pronta para vir ao mundo e modificá-lo, dando novo significado às religiões já existentes.

– Maldito – disse respeitosamente, apesar do uso do apelido –, minha maior aproximação da palavra do Criador é por meio de sua voz. Aceito-a como se fosse a Dele. Presenciarei, então, os primeiros instantes desse humano no mundo. Assim que a centelha de sua alma atingir minha onisciência sensitiva, do lado dele estarei.

– Agradeço sua compreensão, Morte. Já sabia de sua decisão. Vou deixá-la agora como a encontrei: sempre só e mergulhada em pensamentos.

– Agradeço, Maldito. Porém gostaria de fazer-lhe uma pergunta antes de ir.

– Sim, eu sei. Pergunte-me, mas seja breve.

– Alguma outra entidade carregou essa alma, essa criança? – não sabia ao certo a razão da pergunta, aparentemente ignorante, mas acredito que havia certo orgulho implícito, por já esperar a resposta que ia receber.

– Não, Morte. Foi a única. Mas estou certo de que já sabia disso.

– Sim. Não sei como, mas já sabia.

– Pois fique em paz novamente. E, caso não voltemos a nos encontrar, foi um prazer conhecê-la – assim, desvaneceu no ar em meio a uma breve névoa que passava, carregada pela brisa frígida do Ártico.

Afoguei minha vontade de contemplar o Filho de Deus antes de seu nascimento. Resguardei-me ao máximo para não encontrar a mãe de tal criança. Passou por minha mente que a avó da criança, a mãe da portadora da alma, pudesse ser minha própria mãe, reencarnada para gerar a filha pura que futuramente geraria o Messias. Mesmo assim, mantive minha mente focada em meu trabalho, para não cair em devaneios inúteis.

Na noite do nascimento premeditado, uma sensação muito forte veio me abraçar. Senti a alma tocar minha sensibilidade, forte e poderosa, intensa em demasia. Como geralmente acontece, senti a alma pouco antes de seu nascimento físico. E fui vê-la tomar a forma de uma criança, sem dúvida, divina.

O vento úmido e frio do inverno rodeava a cidade, batendo portas e janelas, fazendo com que os transeuntes se resguardassem em

seus lares, procurando se aquecer. A portadora da criança, uma garota pobre, vinha sentada sobre um jumento puxado por seu marido pelas ruas quase desérticas da cidade conhecida como Belém, situada na Cisjordânia, próximo a Jerusalém. Caminhei ao lado deles por algumas horas, acompanhando-os e absorvendo cada vez mais a extraordinária força propagada pela alma da criança que aquela moça carregava no ventre. Pediram abrigo em algumas residências locais até finalmente encontrarem alguém que abrisse as portas. Não havia vagas na casa, restou-lhes ficar junto aos animais na estrebaria. O marido fechou as portas e alojou sua mulher em uma pilha de feno, fazendo o possível para que ela se sentisse confortável. Mas ela gemia com as dores das contrações; sentia-se muito mal, sofrendo de náuseas comuns em mulheres prestes a dar à luz.

*Ao menos ela não dará à luz no interior de uma residência em chamas – pensei.*

Em meio aos gritos e ao subsequente desmaio da genitora, nasceu uma criança iluminada. O Filho de Deus. Como testemunhas, apenas seu marido, os animais que dividiam o abrigo e eu, Morte.

Nos meses que se seguiram, eu os acompanhava sempre que possível, protegendo-os, observando-os. Talvez por sentir algo especial pela criança ou talvez por poder compartilhar o amor real e incondicional de uma mãe por sua cria.

Veio então o dia em que eu senti a ira, o medo e a covardia de um rei que, por causa de uma profecia, acreditava que o Messias, o Filho de Deus, viria ao mundo para tomar-lhe o trono. Eu não tinha ciência dessa profecia nem de quem a havia propagado, mas sabia que realmente existiam pessoas no mundo com dons e poderes acima da média dos mortais, como o velho Venherei, que certamente teriam pressentido o nascimento da criança iluminada.

O rei, exibindo seu poder para ocultar dos olhos mortais o próprio medo, ordenou que matassem todas as crianças com menos de dois anos nascidas em Belém. Quando aqueles que o serviam se aproximaram da cidade, à noite, aproveitei para adentrar o local

onde a mãe do predestinado e seu marido dormiam e me fiz material.

Meu poder fluiu através da penumbra noturna, impedindo as sombras de me tocar e convergindo as fontes de luz para minha forma apenas, fazendo com que permeassem minha figura, tornando meu vestido impecavelmente branco. Gostaria de ter visto o resultado dessa pequena distorção da realidade sob uma ótica mortal, mas os olhos de espanto compensaram. Numa voz audível, porém vibrante, acordei o homem:

– Acorde, bom homem. Eles vêm para separá-lo do filho de sua mulher. São assassinos sem piedade. Você deve fugir.

Ele acordou um tanto assustado e ofegante e cruzou seu olhar com o meu. Admirou-me dos pés à cabeça, desnorteado pela visão aterradora e magnífica tal como jamais havia apreciado. Eu, então, repeti o que dissera.

– És um anjo? És um anjo a me guiar? – disse ele, finalmente, abismado com o brilho de minha figura dentro de um cômodo tão escuro.

– Sim. Sou aquela que lhe traz o aviso da morte. Vá agora, ou seu filho se encontrará em meus braços em poucos minutos. – E desapareci, contendo meu poder. As sombras libertas. As luzes em seu lugar.

Ele se levantou rapidamente, chamou por sua mulher tomando nos braços o Iluminado. Juntou os trapos e as poucas coisas que carregavam e partiram em fuga, para longe da matança que estava para ocorrer. Fiquei para trás nessa viagem, pois sabia que teria muito trabalho a fazer. E tive.

Dezenas de crianças foram perversamente assassinadas num banho de sangue ilógico, cruel e belo. Dezenas de anjos voavam com os pequenos mortais nos braços em meio aos gritos e às tochas. Em meio ao desespero. O caos daquele genocídio covarde foi tão intenso, que exigiu muito de minha dedicação como Morte. *Vidhora, querida, você está por perto?*

O casal fugiu para o Egito. Meu doce e memorável Egito. Moraram naquelas terras por alguns anos; ou melhor, moramos naquelas

terras, já que saí de perto deles raras e breves vezes. Estar perto da criança fazia com que eu me lembrasse muito de uma infância carinhosa que um dia vivenciei, antes dos fatos trágicos. O casal temia outra investida furiosa do rei e não voltaria para Israel enquanto ele vivesse. O pavor da morte estava transtornando suas vidas pacatas e preenchia seus corações com uma angústia pessimista.

Fui compelida a fazer uma visita ao assassino soberano.

Ele estava em seus aposentos luxuosos, cercado de belíssimos homens e mulheres, e se deleitava numa orgia particular quando o encontrei. As mulheres lambiam seu corpo obeso como se sentissem algum prazer naquilo. Ele comia e bebia e abusava da sexualidade de todas no recinto. As belíssimas jovens não notaram quando ele subitamente parou de respirar, ao sentir meu poder comprimindo-lhe a garganta. Quando finalmente notaram, gritaram desesperadas ao verem o homem se debater. E se divertiram com sua asfixia. Ele tossia, tentava inspirar, tentava entender o porquê. Suficientemente entediada com aquilo, resolvi acabar com sua agonia e, assim que ele tombou para o lado e desdobrou-se de seu corpo, ordenei aos anjos que levassem a todos na sala.

De volta a sua terra natal, o casal passou a morar na Galileia, onde criou seu filho especial, alheio aos fatos que futuramente iam ocorrer. O Filho de Deus teve uma infância comum, cresceu sadio, brincando e comportando-se como um garoto normal.

Em seu aniversário de oito anos, Jesus, seu nome mortal, recebeu uma visita importante. Eu estava a seu lado, em seu quarto, quando o Maldito apareceu.

– Você ficou do lado dele todos estes anos, Morte – observou, em toda sua imponência claramente superior. – Percebe realmente que ele é o Filho do Senhor.

– Sim. Não somente percebo, como também sinto. Mas você tem realmente certeza de que ele possui o conhecimento dos homens? Ele sabe que é Filho de Deus?

– Deveria saber. Ele deveria se recordar de suas vidas no mundo dos vivos. Mas parece que a perda de lembranças atingiu-o também,

como qualquer mortal renascido. Ele deverá ser levado.

– Levado? Vai retirá-lo dos braços daqueles que o amam para tutelá-lo novamente?

– Sim. Isso deve ser feito. Ele deve ser o Messias e o propagador da palavra Divina. Ele deve partir em uma longa peregrinação. Deve ser lembrado de sua identidade verdadeira e deve compreender o significado da Criação, para que possa explicá-lo aos homens. Ele terá doze seguidores e será o ser supremo na Terra.

– Que seja feita sua vontade, Maldito. Ao que me parece, Deus se importa mais com seu filho forjado do que com seus fantoches mortais. Não ficarei para apreciar as lágrimas daqueles que o perderão. Adeus. Faz hoje jus ao apelido que por mim lhe foi colocado.

Temendo uma represália de mesma altura que a de Lúcifer, desapareci daquele quarto o mais rápido que pude, deixando-o. Fui para a cidade de Cartago, respirar o ar das colinas da costa setentrional da África, assistir à multidão se maravilhar com os artigos oferecidos pelos mercadores nos imensos portos que a cada hora despejavam itens exóticos e pessoas diversas.

Vaguei entre vida e além-vida, entre mundo e Limbo por volta de um quarto de século. Foi quando encontrei o Iluminado, ou melhor, foi quando Ele me chamou, numa voz pacata em minha mente:

– Ahmnat. Aquela que um dia me carregou em seu ventre. Aquela que já foi minha senhora num momento obscuro. Venha a mim, pois desejo falar-lhe pessoalmente.

Estranhamente, eu não sentia o toque de sua alma, mas sabia onde ele se encontrava, perambulando próximo às terras de sua origem. Incomodava-me

a ideia de me encontrar com um homem já não mais humano – se é que um dia o fora. Mas não havia como recusar. Atravessei a distância que nos separava com um passo sobrenatural, como adorava fazer.

Ele estava sentado sobre uma rocha, trajando uma túnica simples e sem nenhum adorno, segurando um cajado na mão esquerda. Seus cabelos negros deslizavam até seus ombros. A barba espessa e

longa alcançava o centro de seu peito franzino. Tinha a aparência de um mortal comum, mas eu tinha a certeza de que isso ele não era. O clima árido e a poeira a nosso redor davam ao local um quê de mistério e nostalgia. Sem dizer nada, sentei-me ao lado dele. Ele pôs sua mão direita sobre meu joelho cordialmente.

– É bom revê-la – disse sem olhar para mim.

– Eu diria o mesmo, se soubesse que você podia me ver em sua infância.

– Eu não podia. Porém voltei para o mundo mortal com todas as minhas lembranças. Lembro-me dos dias que me carregou no ventre e do ódio desmotivado que sentia por mim. Você não queria que eu nascesse, lembra-se?

– Sim, lembro-me. Realmente se sua existência fosse dependente de minha vontade, você não estaria presente. Noto que você não é mortal. Imagino que nenhum corpo humano pudesse ser capaz de suportar o poder do Filho do Divino.

– Dou-lhe razão. Por tal fato a perdoe por seus erros. Como percebeu, não sou mesmo mortal, apesar da aparência. Passarei por mortal para reinar entre os homens e impor a palavra divina.

– Devo-lhe respeito por ser Filho do Criador. Mas recuso-me a aceitar seu perdão, afinal, este não lhe foi requisitado. Não me arrependo de nada do que fiz. Arrependo-me do que não cheguei a realizar, pois a dúvida me corrói mais que a falha. Aborrece-me o fato de o Criador, supremo e poderoso, permitir que Seus filhos homens comentam injustiça e que sejam influenciados por alguém de poder superior. Mas quem sou eu para julgar? Sou apenas Morte. Não quero permear sua mente com dúvidas sobre sua missão, se assim posso chamá-la. Faça o que deve ser feito.

Ele ficou em silêncio. Ergueu-se e caminhou alguns passos. Contra todas as minhas expectativas, concordou:

– A coerência de suas palavras é aceitável, Ahmnat. Vou me tornar mortal em poucos dias, para saborear a dor, o sofrimento, a mágoa e todos esses sentimentos a que a senhora dá valor nos homens. Passarei por todo o processo da vida. Provarei que mesmo

num corpo de cristal frágil, ainda sou o Filho do Criador. Não conversaremos novamente. Adeus.

Ele cumpriu sua palavra, e em poucos dias o toque de sua alma voltou a me perturbar. Por meios desconhecidos, talvez por vontade própria, ele voltou a ser mortal e até permitiu que eu tivesse controle sobre sua alma. Jamais me envolveria em qualquer tipo de investida contra ele, mas alguém deveria aprender uma lição valorosa, e ele seria o instrumento perfeito para fazer com que todos me dessem ouvido e prestassem respeito a mim. Dois mil anos servindo como Morte, acatando ordens e colhendo conselhos... *Cansei*. Ia agir da minha maneira até que minha hora chegasse ao fim – ou até que dessem um fim à minha hora.

Destino me ajudou muito nesta aplicação prática da minha vontade, em sua mais estúpida tentativa de incumbir um mortal de me amar.

Ele provavelmente imaginou ou percebeu – ou ainda foi informado – que o Filho de Deus voltara à forma humana e que agora pregava a palavra de Deus aos homens. Ele havia recrutado e instruído doze homens, seus apóstolos, para seguirem e divulgarem o Evangelho por toda a Terra. Eles andavam de cidade em cidade, pregando, ensinando, exemplificando. Através do poder divino oculto nas palavras de Jesus, acolheram inúmeros seguidores e pessoas que passaram a vê-lo da forma correta, como o filho do Deus Único.

Seus ensinamentos morais eram diretos e objetivos, conduzindo a certeza da existência do Reino de Deus até o âmago dos homens, difundindo a bondade ignorante, a vitória pela penitência e outros pensamentos dos quais eu discordava completamente. Até hoje penso que se alguém lhe proporciona qualquer tipo de malefício, ou você se mantém quieto e procura não mais receber tal ofensa ou assassina o bastardo antes que ele possa lhe pedir desculpas. Não me darei ao trabalho de discursar sobre isso ou sobre a teoria de só se conquistar algo pelo sofrimento. Irrita-me e não tenho tempo.

Continuando...

Utilizando sua parcela de poder divino, passou a realizar uns poucos feitos – ínfimos para qualquer entidade de respeito, milagres

aos olhos dos anuviados mortais que o seguiam. Curava doentes, fazia paralíticos andarem e cegos voltarem a enxergar, sempre insistindo no fato de que a cura física não é nada comparada à cura da alma, que deve ser pura para adentrar o Reino de Deus. Eu não sabia que almas precisavam ser curadas. Além do mais, elas tinham que passar por tudo no mundo, como eu já havia sido informada; ou seja, mesmo que numa vida você faça tudo de bom, como mandavam os ensinamentos do Filho de Deus, você seria obrigado a retornar para ser um infeliz em sua próxima encarnação. Charlatanice funcional.

Amor! Oh! Que bom que me invade as veias e me entorpece a mente! Já estava exausta de sentir apenas o poder da alma forjada que se pôs no mundo sem ser convidada. Amor que brevemente me abraça, supera todos os sentimentos que nunca pude ter como uma humana medíocre. *Obrigada, Destino! Se não fosse esta apenas uma tentativa de rir da minha derrota, eu abraçaria este amor, beijaria seus lábios e me intoxicaria com seu sexo pela primeira vez em toda minha existência milenar!* Ironicamente, valeria a pena morrer por ele. *Você não poderia ser mais perfeito, Destino! Ou eu deveria dizer mais estúpido?* Meu amor, um dos apóstolos do Iluminado! Um seguidor recrutado por ele para ser o propagador de sua palavra cai agora na graça da paixão incógnita pela minha figura! Saiba que ele vai morrer em dor, arrependimento, descontentamento, depressão e mágoa. Sobre ele recairá minha ira. *Com ele, provarei que não sou uma garota tola. E sinto pena da pobre alma que tentar me impedir.*

Cantarolando em minha mente uma música suave que havia escutado no norte da Europa, atravessei insólita as paredes de pedra que guardavam meu novo apaixonado. Ele dormia inquieto em seu casebre, lutava para que seus pensamentos parassem de apunhalá-lo. Fiz-me presente. Moldei minha imagem para parecer um pouco mais humana, já que minha forma real pode amedrontar as mentes frágeis. Ajoelhei-me no chão sujo para acariciar-lhe a fronte, enxugar o suor frio que deslizava em seu rosto.

Naquele tempo, o Filho de Deus já era uma figura pública, conhecida por lutar em prol de um "bem" maior, criticando os

escribas e fariseus, que eram as pessoas religiosas da época, conheciam a palavra de Deus, mas não a praticavam. Os grandes nomes do alto clero já o tinham como um homem perigoso, e foi exatamente disso que me aproveitei.

– Olá, meu lindo Judas. Levante-se. Tenho uma surpresa para você. –

disse ao meu sonolento amor, que acordou assustado com a imagem fantasmagórica da dama trajando negro à sua frente.

Ele se recostou na cama e esfregou os olhos. Sorri, leviana, e continuei:

– Não se assuste. Sou um presente do sumo sacerdote a você, a prova de que você segue o homem errado. Jesus não é Filho de Deus, não é o Messias. Ele o engana.

– Não entendo. Meu coração sempre me foi prova suficiente – disse ele, se defendendo e lutando para não me cobiçar mais que o permitido. –

Amo o Messias. Ele é meu pastor, meu guardião.

– Você tem certeza? – Ele abaixou a cabeça, pensativo. – Procure saber quem você ama mais. A mim, que posso vir a ser sua esposa, comparsa e amante, ou ao homem que mente descaradamente a todos vocês? Você mesmo sabe que Simão, chamado de Pedro, irmão de André, possui dúvidas quanto à legitimidade de seu mestre.

– Suas palavras trazem conflito à minha mente, senhora. Não sei o que pensar. Nem sei seu nome! Nunca a vi antes, apenas em sonho. No sonho mais belo que já tive.

*Destino!* – pensei. – *Você exhibe minha imagem para os outros em sonhos?! É assim então que consegue o amor intenso? Brincando com o subconsciente? Bom saber. Como será que você faz isso? Tenha a certeza de que muito em breve eu também o farei.*

– Pois agora está me vendo, meu lindo, meu príncipe. E serei sua se desmascarar aquele que mente – disse, me fazendo parecer o mais inocente possível. – Ele deve sucumbir. Ele jamais nos deixaria ficar juntos. Você sabe disso.

– Sim. Isso é verdade. Ele é severo por demais. Mas o que posso fazer para obter o direito de tê-la? Quais dificuldades devo superar para chegar a seus braços?

– Nenhuma dificuldade, belo homem. Deve apenas falar a verdade. Você conhece aqueles que possuem poder, sabe daqueles que o odeiam, que o temem. Conspire. Traia-o.

– Não posso fazer isso!

Seus sentimentos rodopiavam num furacão de emoções conflitantes, e minha presença física só tornava as coisas piores. Ele sabia, no fundo, que seu amor absoluto por mim não era real e sentia que o amor pelo Iluminado era algo muito além da compreensão humana. Mas minha vontade somada à força do poder de Destino – que enchera a alma do pobre homem com um sentimento falso – era algo realmente insuperável. Pelo menos assim acreditei até conhecer, muito tempo depois, uma mulher que chamei de “a mensageira”.

– Não conseguirei simplesmente deixar de lado todo o amor e todo o conhecimento que me foi passado por ele! – continuou a negar para si mesmo e para mim. – Fui acolhido como um filho!

– E tratado como um ignorante – intervi. – Vocês não sabem de nada, não entendem a Criação! Vocês não têm lugar no Reino de Deus se pecarem! Isso é ser tratado como filho? Parece-me mais que você vive seus dias sob uma figura paterna intangível que o observa a todo momento dizendo: “Não faça isso! Não ame! Não seja você mesmo! Ouse discordar, e vou castigá-lo!”. Isso não é ser filho! Isso não é sentir amor! É medo! Pense! Sinta! Afinal, não sou a mulher de seus sonhos? Não sou aquela que você ama realmente?

Ele estava a ponto de chorar de desespero e balançava a cabeça negativamente em consequência de suas dúvidas. E eu fingia ser uma mortal, que ele supunha amar. Gemendo, começou a verter lágrimas e soluçou, expelindo pela boca todas as dúvidas que seu coração acumulava:

– Quem é você? De onde surgiu? Como sabe que a amo tanto? Como sabe sobre mim? Você invade minha morada para destruir meus conceitos e atormentar minha cabeça! Saia daqui! Saia daqui!

– gritou, numa tentativa alucinada de conseguir um momento de reflexão solitária. O amor que ele tinha pelo Filho do Criador era realmente de se admirar.

– Vou sair, Judas, meu amor. Mas saiba que você não me verá novamente se continuar a levar essa vida. Fale com os escribas. Fale com os sacerdotes. Fale que Jesus se julga algo que não é e que vai acabar com todos eles, que os templos terrenos sucumbirão à força de seu sempre crescente poder! Traia-o! Traia-o, e serei sua! – Dei as costas e saí caminhando pela porta de madeira, para então me fazer invisível.

Ele não dormiu. E mesmo se tivesse tentado não teria conseguido. Chorou e se lamentou por horas, alucinado, inventou desculpas e justificativas para sua falha comigo. Inventou desculpas e justificativas para sua falha com Jesus. Tentava entender que sentimento bizarro era aquele que destruía, como ácido, sua mente. Trinta e duas moedas de prata foram então suficientes para que ele fizesse sua escolha.

O sol raiou novamente em Jerusalém. Uma grande reunião foi organizada. Uma grande ceia, que seria descrita em tantos livros da História Antiga. O Iluminado, cercado por seus doze seguidores, entre outros, abençoou o pão e o vinho e anunciou que, quando repetissem aquele ato, o fariam em memória dele. Eucaristia. Todos ouviram e assimilaram seus ensinamentos mais uma vez, menos meu querido apaixonado, perdido no próprio labirinto de pensamentos controversos. O Filho de Deus percebeu que algo estava errado, mas se manteve calmo, acreditando que nada poderia atingi-lo. Chegou até a comentar que seria traído e preso por seus inimigos, mas que nada faria contra eles, pois eles não sabiam o que faziam. Ele era realmente perspicaz, percebeu que Judas sentia algo mais forte que o carinho por ele. Mas nada fez a respeito.

Ele foi traído por meu amor e capturado alguns dias depois.

Judas recebeu um punhado de moedas de prata para declarar ao sumo sacerdote judeu, Caifás, tudo aquilo que eu havia dito. Mentiras sobre o Filho de Deus que lhe pesaram no coração quando viu com os próprios olhos os soldados levando seu mestre. Ao ser

arrastado para longe, Jesus fixou o olhar no rosto de Judas, que por sua vez desviou o seu, atormentado pelo próprio feito. Não descreverei todo o sofrimento que Jesus passou ao ser torturado e condenado à morte por crucificação no Gólgota, como era chamada a colina onde os crânios dos executados se amontoavam pelo chão. Afinal, isso consta na avassaladora maioria de escrituras religiosas.

O traidor arrependido se retirou, atormentado, para o deserto e passou algumas noites gritando pelo seu Anjo de Negro, pela mulher que, na verdade, jamais seria dele. Por mim. Mentirosa e sórdida, com meus propósitos inconsequentes. Na terceira noite fui vê-lo e me livrar dele. Encontrei-o faminto e torto, dormindo sob a sombra de uma árvore sem folhas. Uma corda de enforcamento fora montada no galho mais alto, mas faltava-lhe coragem para tirar a própria vida. Faltava-lhe uma resposta para tudo o que ocorrera tão rapidamente em sua vida patética.

Fiz-me visível.

– Acorde, criatura imunda! – gritei enfurecida. – Levante-se, mortal fraco!

Ele acordou, fitando diretamente meus olhos. Ajoelhado, veio abraçar-me as pernas, resmungando palavras de ódio e amor misturadas com lágrimas inconstantes.

– Maldita! Você me fez feri-lo! Eles vão machucá-lo! Vão matá-lo! Que penitência nefasta fez-me passar! Como poderemos ficar juntos se, apesar de amá-la com todo meu coração, eu a odeio a ponto de não conseguir esquecê-la!?

Antes que ele pudesse me tocar com suas mãos sujas e seu corpo malcheiroso, num gesto arremessei-o contra a árvore. O estampido de suas costas contra o tronco fez com que ele se calasse. Com a mão espalmada direcionada a ele e sem nunca tocá-lo, arrastei-o em pé até um galho resistente da árvore. Sua apreensão era visível quando enrolei firme a corda ao redor de seu pescoço, fazendo movimentos circulares com meus dedos.

Ele gritou. Não entendia meus motivos. Gemeu, chorou e finalmente juntou forças para pronunciar palavras inteligíveis:

– Pare! Por que faz isso comigo? Não fiz o que você desejava? – balbuciou. – Eu o traí em seu nome! Sou seu príncipe!

– Cale-se, ou lhe arrancarei o maxilar – ele ficou quieto, lutando para não se desequilibrar do galho em que se apoiava. – Melhor assim. Para não deixá-lo morrer com pensamentos conflitantes, vou desperdiçar algumas palavras contigo. Nunca morra em dúvida, faz mal para a Transição.

Ele ia dizer algo, mas faltou-lhe ânimo.

– Eu sou Morte. Você foi apenas um instrumento em minhas mãos para derrotar o Filho de Deus e impor a justiça no mundo dos homens. Minha justiça. – Li sua mente e, antes que ele falasse, respondi: – Sim. Ele era realmente o Filho de Deus. E você o traiu. Você traiu o Filho do Criador, o Iluminado, por um punhado de moedas e pela ilusão do amor a uma mulher. Sinta-se mal como quiser. Não me importo.

Ele fechou os olhos e chorou baixinho. Muito mais amplo que seu amor por mim e que seu amor por Jesus foi seu arrependimento pela traição. Os poucos segundos em que ele experimentou a sensação foram suficientes para que eu sorrisse internamente, sem sentir pena daquele pobre ser. Senti que seu remorso humano esmagava o sentimento imposto por Destino. A sensação da paixão em minha onisciência diminuiu muito, despencou inquieta a um nível normal, o que permitiu a mim ignorá-la por completo. Com um gesto simples, parti o galho onde ele se apoiava. O barulho da corda tensionando foi como uma nota grave tirada de um instrumento meticulosamente afinado. Dei as costas ao corpo dependurado e ordenei que um anjo viesse buscá-lo.



– *Deixe-me fazer uma pergunta rápida* – interveio seu amado. – Pelo que eu havia entendido, o amor de uma pessoa terrena por você lhe trazia boas lembranças, e você passava a sentir amor pelo mortal também, certo?

– Quer saber como eu pude ignorar o amor que ele sentia por mim? Como pude simplesmente tratá-lo como um ninguém e usá-lo

sem o menor remorso se ele me amava tanto? – respondeu Morte, já sabendo aonde ele queria chegar. – Como já comentei, descobri que Destino impunha esse amor com sonhos. Ele penetrava os sonhos de um mortal com minha imagem, bela, exótica, sensual, fazendo os pobres de espírito se apaixonarem por algo que eles não conheciam. Isso acontece muito ainda hoje. Acredito que mesmo antes de me conhecer, você deve ter sonhado com uma bela moça e, quando acordou, passou o dia inteiro pensando nela, mesmo sabendo que tudo fora somente um agradável sonho.

– Realmente. Isso já me ocorreu algumas vezes. E por que os “pobres de espírito”?

– Repare que Destino havia até então plantado tais sonhos apaixonantes em pessoas que duvidavam de suas habilidades. Ahatza havia me visto queimar metade de sua cidade; Tsun Chou matou diversas pessoas para chamar minha atenção e desejava matar um homem inatingível, mesmo tendo a certeza de que jamais conseguiria; e Judas amava outra pessoa, mas era solitário, frequentemente tinha dúvidas quanto à veracidade dos fatos que lhe foram apresentados por Jesus. Sendo assim, pessoas sem muito controle sobre suas emoções eram os alvos preferidos de Destino. Elas nunca saberiam ao certo se o amor imposto por ele era natural ou não. Por outro lado, eu sabia que esses amores não eram naturais. Na época do episódio com Judas, eu estava enfurecida por diversos acontecimentos e já sabia muito bem como controlar minhas emoções. O ódio que eu sentia, meu desejo de vingança e a vontade de realizar algo de grande efeito sobre os outros seres poderosos que eu conhecia foram maiores que meu amor pelo pobre mortal.

– Entendo. Você já controlava muito bem suas emoções, sabia lidar com o toque da paixão quando ela surgia.

– Exatamente. Depois do ocorrido com Judas, Destino até mudou sua tática. Ele percebeu que impor o amor através de sonhos já não causava tanto efeito em mim quanto nos mortais. Era, digamos, um desperdício de tinta.

– Sem dúvida! – disse ele sorrindo. – E antes que continue, mais uma rápida pergunta: você realmente gostava de usar seu poder para atacar os outros, não? Ou você punha fogo nelas ou arrancava suas almas à força ou as jogava longe com sua telecinesia. Como você sabia que a hora delas tinha chegado?

– Eu raramente utilizava meu poder de alterar a realidade para ferir os outros propositalmente. Desde sempre no mundo, a velhice, um acidente ou mesmo uma doença podem acabar com a vida de alguém. Raras vezes, porém, a pessoa dribla a chegada de sua hora – que, a propósito, não é determinada por mim –, e então, sentindo isso, tenho que fazer algo a respeito. No entanto, me faltava um pouco de criatividade para ferir ou punir alguém ou ainda tirar do mundo uma pessoa que passou do tempo. Normalmente, eu causava um acidente simples ou uma comum parada cardíaca. Isso mudou um pouco quando reencontrei Vidhora. Quanto a atacar os mortais, sim, sempre gostei da sensação de poder.

– Estou ansioso para que chegue logo nesta parte.

– Controle um pouco essa ansiedade, querido, vou lhe contar tudo. É importante que você saiba de toda minha história.



Fui para a cela úmida e malcheirosa onde se encontrava o Filho de Deus. Encontrei-o sangrando, chicoteado, com a barba embebida no sangue que escorria de seus lábios feridos. Ele estava largado no chão de pedra como um mendigo, esquecido e abandonado por aqueles que supostamente o amavam. Fiquei observando-o por horas. Absorvia seu fluxo ininterrupto de pensamentos como se sorvesse o ar ao meu redor. Banhei-me nas imagens de esperança, ódio, amor, solidão, felicidade, abandono, saudade, entre outras, que fluíam em sua mente como um córrego selvagem. Ele sabia da existência de Deus.

Ele teve momentos de indecisão, balbuciou palavras sem sentido e repetiu para si mesmo que “eles não sabiam o que estavam fazendo”, como uma tentativa de se acalmar, de colocar um pingô de razão naquele louco mar de incerteza.

Na noite anterior à sua execução, quando os sinos tocaram a meia-noite, ele se ergueu e se ajoelhou, como se recebesse uma mensagem divina. Fiquei um pouco aflita, achando que algo inesperado fosse acontecer – que ele fosse desaparecer dali ou que fosse resgatado por alguma força superior. Mas não. Ele somente se ajoelhou e estendeu as mãos para o céu. Fechou os olhos e gritou:

– Pai! Por que me abandonaste?!

Eu me senti vitoriosa e apareci para ele, com as mãos cruzadas na frente do corpo, no canto mais sombrio da cela.

– Pelo visto agora sabe o que é ser humano – disse, malvada e adorando me sentir assim. – Agora conhece o sofrimento que é pregado por seu Pai.

– Você está enganada! – disse ele severamente, virando-se para mim como se pronto para uma batalha corpo a corpo. – Você é apenas uma peça no grande esquema da Criação. Não é nada além de uma escrava da própria ignorância. Restrinja-se ao seu trabalho e deixe-me morrer em paz.

– E se eu puder salvá-lo? E se eu for sua única chance de escapar deste buraco com vida?

Ele pensou por alguns instantes. *Oh! Dúvida mesquinha, não, meu querido?*

– Você não faria isso – disse ele baixinho, esperando uma resposta agradável. – Você não me tiraria daqui. Seu orgulho supera o sofrimento de um homem.

– Você pode estar certo disso. Eu apenas desejava saber se você aceitaria. Agora já sei que sim. E sei que o que sente é medo. Medo de mim. Medo da Morte.

Ele não falou nada. Continuou de cabeça baixa.

– Você será crucificado. A pior morte inventada pelo homem. Aqueles que o amam vão esquecê-lo. Você foi enviado para reinar, mas foi traído por um dos seus – e tenho certeza de que havia previsto isso em seus sonhos e de que percebeu as emoções de Judas na última ceia, usando de seu poderzinho secreto. Pois agora morrerá em vão. Morrerá por um povo que simplesmente vai apagá-lo da memória como se apagam as pegadas sob o vento do deserto.

Sua única certeza é que, quando não restarem mais forças em seu corpo, quando seus músculos estiverem finos e partidos, quando os rostos dos homens se tornarem manchas ocultas na névoa ébria que envolve sua mente, o único ser entre você e a liberdade eterna serei eu. Adeus, Jesus, rei dos homens. Vejo você no além-vida.

Ri como há muito não fazia ao cruzar o espaço até o Gólgota, dissolvendo-me perante o Iluminado e reaparecendo etérea no topo do morro. As preparações para as execuções daquele dia estavam bem avançadas. Tudo estava a um passo da conclusão. Sempre achei interessante o costume mortal da Antiguidade de tornar uma execução algo público e festivo, saciar a curiosidade mórbida dos homens de assistirem a outro ser despedaçado. Isso é uma característica exclusiva do ser humano, esse apreço pelo bizarro, pelo prazer de saber que não é com você aquilo que está acontecendo.

Milhares de pessoas. Todos atentos. Todos comentando. O que teria acontecido? Só porque ele insistira na ideia de ser o verdadeiro e único Filho de Deus perante o sumo sacerdote? Sim. Simples. Eu estava, por mais cruel que pareça, adorando tudo aquilo. Diversos homens, e até mulheres, foram crucificados naquela manhã. Mas ele foi o último, a apoteose do evento. Apareceu escoltado por guardas, sangrando sob sua coroa de espinhos e carregando a pesada cruz na qual seria pregado. A execução de sua sentença ocorreu muito próxima ao que contam os livros de história. Não há muito o que acrescentar, exceto o fato de eu estar lá, sempre presente, invisível e fria.

*Finalmente, Ahmnat, você terá sua vingança, e os poderosos saberão do que você é capaz – pensei.*

Cruel. Muito cruel. Ergueram o pobre coitado na cruz sem a menor piedade. Eu teria sentido pena dele em outra ocasião. Ele repetiu baixinho sua frase predileta, de que eles não sabiam o que faziam. Lá permaneceu durante toda a tarde. Lá permaneceu vivo até todos irem embora, sustentado pelos enormes pregos de metal que atravessavam seus pulsos e pés, cortando sua carne, maculando irreparavelmente sua figura desnuda.

No cair da noite, já quase inconsciente, ele balbuciou alguma coisa. Cheguei perto o bastante para ouvi-lo, e ele repetiu:

– Estou pronto para morrer. Pode me levar. Eu sei que está aí.

– Sim – respondi. – Estive aqui todo o tempo. Mas não sei se quero levá-lo agora. Acho que quero sentir seu sofrimento por mais algumas horas.

Ele abriu os olhos vagarosamente, virou o rosto em minha direção e me fitou com desdém. No entanto, eu ainda estava invisível. Ele podia me ver! Aprofundou seu olhar no meu e começou a rir. Baixinho a princípio e então com mais vigor, até gritar com toda a força que lhe restava nos pulmões. Dei dois passos para trás; fui derrubada de minha superioridade quando foquei meus sentidos em todas as direções e não encontrei nada, somente a alma do Iluminado à minha frente, e seu crescente poder. E ele disse, em perfeita voz alta:

– Não estou falando com você, Morte! – E escutei ao fundo a inconfundível gargalhada do Maldito.

Fui tomada por incontrolável ansiedade. Como quando se está com medo que algo inevitável finalmente chegue e você não sabe como agir; como quando os mortais sabem que vão ser assassinados ou assim esperam. Meu coração disparou furioso, era como se bombeasse jatos de adrenalina em meu sangue. Olhei para todos os lados. Quando me virei de novo, o Iluminado estava em pé à minha frente, com sua cabeça coroada por uma brilhante luz branca. Seu corpo ainda jazia pregado na cruz. A seu lado estava o Maldito, em sua silhueta esparsa, ofuscada pelo brilho que emanava do Filho do Criador. Em meu desespero egoísta, perdi a calma.

– O que está acontecendo aqui!? Exijo uma explicação!

– Permita-me, Morte – disse o Maldito. – Deixe-me responder com uma pergunta: você realmente achou, em algum momento, que tinha o controle da situação?

– Eu... – tentei, mas não consegui dizer nada.

– Sendo eu a voz do Divino, trago-lhe um recado Dele.

– Que recado? – murmurei, assustada e temerosa, mas usando de ironia como mecanismo de defesa. – Que vou ser destruída agora? Que vou ser punida pela intangível figura paterna?

– Que você fez um trabalho impecável – o Iluminado sorriu para mim. – Parabéns.

– Como assim? Eu fiz com que ele fosse traído, espancado, torturado e morto! Eu acabei com a existência dele na Terra! Ele veio para ser o Rei dos Homens, e eu finalizei bruscamente esse reinado!

– Não. Você apenas fez com que ele começasse – disse Jesus, com uma voz calma, como um avô que tenta passar um sermão delicado numa criança. – Talvez – olhou para o céu noturno –, nem Ele teria feito melhor. Obrigado.

– Como pode ser possível?! – me aprofundei no desespero, gritando como uma mortal, como a mortal que eu fora havia cerca de dois mil anos. – Como pude ter sido viciosamente usada por vocês, por Ele, por quem quer que seja, sem ao menos perceber? Como sabiam que eu ia fazer isso?!

Ele sorriu mais uma vez, como se estivesse tentando explicar algo para uma pessoa estúpida. Talvez fosse isso mesmo.

– Tente entender, Morte – disse o Iluminado –, Ele não é o criador de tudo. Ele é tudo. E enquanto você brinca com sua onisciência, Ele faz uso de Sua onipotência. O mundo gira em torno Dele. Todos os que por aí andam, todos os que por aí sentem são parte dele. E o mundo passará a acreditar nisso, ou pelo menos boa parte dele, agora que você covardemente usou uma pobre alma para me matar.

– Vamos, meu senhor – disse o Maldito, pondo a mão sobre seu ombro. – O Criador o espera.

Eu não tinha nada para dizer. Havia sido vencida, estava desacreditada, destruída. Mas o golpe de misericórdia veio com a última frase dele:

– Preciso ir agora, Morte. E daqui a três dias voltarei para completar seu feito, para completar meu caminho. Peço-lhe que não fique remoendo isso. Não fique consternada. Não guardo mágoa nenhuma de sua covardia nem de seu desejo exibicionista. Eu a

perdo. Você não sabe o que fez. – E desapareceu num brilho rápido de luz branca.

Eu quis chorar... Quis? Não sei ao certo. Estava me sentindo um lixo. Enganada. Chutada. Usada. Uma prostituta que não recebe ao final de seu trabalho. Lúcifer piorou ainda mais tudo isso, quando apareceu rindo para mim, rindo de mim, quase imediatamente após o desaparecimento deles.

– Há, há, há! Aplausos para a semeadora de dor e sofrimento em escala divina! – disse ele rindo, batendo palmas como um bufão. – Aplausos para Morte e seu plano maléfico de vingança!

– Você sabia de tudo isso? – perguntei revoltada, sem olhar para ele. – Você teve parte nisso tudo?

– Claro, querida. – Ficou sério de repente, transformando seu rosto no mármore imóvel costumeiro. No lindo mármore imóvel. – Eu dei a você os motivos, lembra-se? Eu provi o corpo mortal dele. Eu coloquei todas as tentações no caminho dele. Pode-se dizer que fui o treinador, e ele, meu maior campeão – um humano que venceu a tudo e a todos e seguiu seu caminho em direção ao Reino de Deus.

– Mas... Lúcifer – disse calmamente –, acredito que me deva uma explicação.

– Não lhe devo nada, Morte. Mas, sim, darei a você um pouco de minha infinita bondade. Conversei com o Criador. E como foi bom! Já havia se passado tantos anos desde nossa última conversa frente a frente. Como foi bom ser acolhido mais uma vez sob Sua luz confortante! Ele me pediu um favor que eu não poderia recusar. Pediu-me para dar a você, Morte, um motivo para se revoltar contra Seu filho, contra o Iluminado. Eu dei. E tudo ocorreu como ele previra. Você realmente se revoltou e investiu contra ele, mesmo que indiretamente. E agora o mundo seguirá os passos dele, afinal, o Filho de Deus morreu pelos homens que amava. Ensinou-os através do sofrimento.

– Como pode ser possível? Não entendo! Nossa briga foi por minha causa! Foi tão natural! E como você pôde deixar que Ele ensinasse os mortais através do sofrimento se é exatamente aquilo

que você mais odeia!? Você se opõe ao ensinamento através da dor e da fuga dos caminhos do prazer!

– Eu tive meus motivos. Você nunca esteve no Paraíso, minha cara entidade. Eu já. Eu nasci lá. E de lá fui expulso. Eu faria qualquer coisa para galgar novamente os degraus dourados da Escadaria, para deitar-me em Alfheim em meio às Lumininfas, para viver como eu vivia.

– Até mesmo trair a si próprio?

– Você não sabe de nada, Morte. Sua ignorância me irrita. Achei que você fosse espetacular, mas estava enganado. Você é a pior de todas as entidades.

Perdi completamente o juízo:

– Então por que vocês não acabam logo com isso?! Se todas as outras entidades são melhores que eu, por que eu continuo a existir? Já faz um par de milênios que existo, e agora me vêm com tantas provações e desafios! Deixem-me em paz ou acabem logo com esta minha existência miserável!

– Isso pode ser providenciado – disse ele, mais frio do que eu jamais presenciara. – É o que deseja?

Não era. Eu não queria simplesmente desaparecer, sumir... morrer. Eu tinha medo da morte. O que era irônico ao extremo, mas verdadeiro. Claro que eu sabia que já estava morta, mas acho que posso explicar essa sensação como o medo do fim. Medo do desconhecido. Os humanos temem a morte por não saber o que acontece depois. Era assim que eu me sentia, tinha medo da destruição. Sentia-me como uma criança novamente, talvez. Inocente, ameaçada, depois de fazer uma proposta que nunca achou que seria aceita. Um blefe descoberto. Eu tive certeza então de que eles se importavam mais com os mortais do que com aqueles que os serviam. O Maldito me poupou quando expus minha tendência suicida perante tanta mágoa. Lúcifer não seria tão complacente. Desabei.

– Não. Não é – disse, chorosa. – Você é meu criador também, Estrela-da-Manhã. Eu o respeito. Achei um dia que fosse meu amigo,

meu aliado. Conviverei com essa decepção também, em meio a tantas outras. Perdoe-me por tudo.

– Eu a perdoo, Morte. Certamente a perdoo. Vou refazer o rosto de seus servos como humilde prova de meu perdão.

– Não é necessário – disse, estendendo-lhe a mão. – Deixe-os assim para que eu me lembre de que nunca devo interferir nos assuntos divinos.

– Justo o suficiente – disse ele, balançando a cabeça positivamente. – Quero que entenda que não a quero mal, Morte. Mas não interfira nem julgue ou condene minhas ações ou as do Criador. Jamais.

– Vou me lembrar disso, Estrela-da-Manhã. Agora, se não se importa, gostaria de ficar um pouco sozinha.

– Como sempre ficou e como sempre ficará. Adeus, Morte. Até algum outro momento.

Lembro-me claramente de ter desperdiçado meu tempo com lágrimas assim que ele se foi. Prometi que seria a última vez que chorava. Não me lembro de todas as vezes que derramei lágrimas, mas me lembro muito claramente daquela vez. A última vez. Prometi novamente. Chorei baixinho, sentada no solo maculado do Gólgota, desamparada. Desaguei minha tristeza, desvencilhei-me do ódio, libertei-me da ansiedade, deixei o desespero caminhar para longe de mim. Eu não choraria novamente. Mais uma promessa que não consegui cumprir...

Estava amanhecendo quando finalmente resolvi me levantar e pôr as coisas em ordem. Havia anjos parados e almas vagando pelo mundo. Muitos necessitavam de auxílio para a Transição. Havia negócios não resolvidos. Com meu poder, controlei tudo em poucas horas, enviando meus distorcidos vassallos aos locais apropriados.

Chamei um deles, que, ao longe, surgiu soberano, exibindo a esplêndida envergadura das asas negras, os músculos bem definidos e a pele livre de marcas. Pousou na minha frente e fez uma reverência. Recolheu as asas, ficando em posição de sentido a alguns passos de mim. Seu rosto deformado incomodou-me por poucos segundos, mas projetei nele a lembrança do lindo semblante

que eu havia conhecido. Abracei-o. Ordenei que me abraçasse também. Confortei-me em seus braços fortes, de forma quase erótica. Apertei seu tórax contra meu peito, pressionando meus seios contra seus músculos impassíveis. Beijei-lhe suavemente o pescoço e arranhei superficialmente suas costas. Um desejo de possuí-lo fez o sangue ferver em minhas veias. *Por que não? Por que não posso tê-lo como amante?* Soltei-o. Afastei-me. Ao vê-lo parado, sem expressão, sem sentimento, sem vontade e sem desejo, entendi por quê.

– Vá, meu amor. Alce aos céus e tome-o como seu domínio. Busque aqueles que precisam ir. Eu o liberto de minha vontade.

Fiquei assistindo a ele subir veloz aos céus num espetáculo único. Passei a mão na cabeça, ajeitando meus cabelos. Respirei fundo.

Eu ainda tinha muito trabalho pela frente.



A MENSAGEIRA



– *Posso interferir rapidamente?* – *perguntou* aquele que era a razão do problema de Ahmnat, impecável em sua simplicidade.

– Claro. Sempre que quiser – disse ela.

– Por que você não permitiu que Lúcifer devolvesse a identidade de seus anjos, que ele refizesse seus rostos? Recuso-me a acreditar que você simplesmente aceitou isso como punição por ter interferido em seus assuntos!

– Você me conhece bem, meu querido – disse ela, sorrindo sutilmente. – É por isso que eu o amo. Realmente eu não havia aceitado a punição. Eu pedi para o Diabo deixá-los como estavam para que eu jamais me esquecesse do que ele fez. Talvez fosse passar muito tempo até eu ter poder suficiente para enfrentá-lo, se é que um dia isso viesse a ocorrer. Eu não queria me esquecer.

– Entendo – disse ele num breve sorriso.

– Até gostaria de colocar que, sim, eu estava mesmo muito entristecida e deprimida. Porém estava conformada com o fato de eles serem muito mais poderosos que eu. O que poderia uma serva fazer? – Ele a olhou, em dúvida. – Sim, uma serva. Era isso o que eu era. Uma serva dos poderes superiores. Não havia nada que eu pudesse fazer contra eles.

Ou havia?



Por diversas noites vaguei pelo mundo buscando algum tipo de conforto. Procurando por algum lugar onde eu pudesse sentir a paz e a tranquilidade há muito perdidas. Em vão... Nada no planeta poderia me trazer paz quando dentro de mim os sentimentos estavam dispersos e em constante conflito. Além do desejo de vingança, entre outras vontades inalcançáveis, estava meu anseio humano por uma relação física. Eu queria uma pessoa para me satisfazer. Queria um beijo real, queria sentir a pele de alguém na minha e me envolver numa orgia sexual para extravasar a mente,

como faziam e ainda fazem os mortais. Em dois mil anos de existência, jamais havia pensado nisso, pois acreditava que podia viver sem, mas quando se é oprimido do jeito que fui, a necessidade de uma companhia física se torna urgente e visceral. Como podem ter me tornado Morte se eu não sabia nada sobre tantos assuntos? Dúvidas malditas, sensações traiçoeiras me acompanharam por mais de quarenta anos.

Como sempre acontecia comigo, por sorte ou por estarem talvez testando meus limites, quando achei que não poderia mais continuar, aconteceu algo que me deu novo fôlego para seguir minha jornada.

Transtornada pelas intrincadas sensações e desejos que haviam se elevado a um nível insuportável nas últimas décadas, eu finalmente sucumbi. Eu estava no topo da construção mais alta de uma cidade italiana situada na Campânia, e lá maldisse o nome do Diabo, sem que os mortais pudessem ouvir.

– Lúcifer! Criatura nefasta e podre! Se pode me ouvir, venha aqui agora para acabarmos logo com isso! Tenho certeza de que foi você que infligiu esses pensamentos irracionais em mim! É inverossímil que depois de mais de dois milênios eu sofra com desejos mortais, com esses desejos de luxúria inventados por você! Se quis provar que pode deturpar uma mente sã e degradar sua vida, você conseguiu. Venha então, cretino, e acabe logo comigo.

Do lugar em que eu estava, via lá embaixo uma avenida que se abria larga. De seu extremo, onde seu curso convergia para o leste, surgiu uma mulher que andava calmamente, destacando-se entre as poucas pessoas ao seu redor, olhando lá de longe para mim. Diretamente para mim. Era uma mulher de pele pálida, quase azulada, cabelos louros, muito claros e lisos, que deslizavam pelas costas até a cintura, um olhar vago, esbranquiçado, um vestido cinzento imaculado que parecia ter sido tecido naquela mesma hora. Uma mulher de beleza admirável, com pouco mais de trinta anos. Talvez quarenta. Bela demais para uma mortal. Sublime demais para um anjo. Uma entidade.

Caminhei até o beiral da edificação e larguei-me ao vento. Pousei meus pés suavemente nas pedras largas da avenida, sem produzir som algum. Fiquei ali parada, esperando que ela viesse até mim. Tão bela. Chegava a ferir os olhos. Seu vestido parecia estar em uma realidade paralela, não se dobrava ao vento quente do verão nem se movimentava à medida que ela caminhava. Não muito próxima estava quando sua mente se conectou à minha:

– Tão longo é o tempo que caminho sobre o mundo. Tão longa é minha existência. Porém jamais cheguei a escutar tamanha desventura de viver. Principalmente proferidas por uma entidade. Morte, creio eu.

– Claro. Todos sabem quem sou – respondi também em silêncio. – Sou a única que nunca sabe de nada. Espero que se apresente.

– A senhorita está realmente num péssimo estado mental – disse, e sua voz era macia, como se acariciasse minha face. – Mesmo assim sinto que resguarda para si um poder incomensurável, retido dentro de você por muito tempo. Não consigo ler sua mente! Nem mesmo superficialmente. Impressionante, senhorita, impressionante. Resguarda para si tantas emoções e pensamentos, que estes se tornaram impervios a todos os que a rodeiam. Sou a entidade mais antiga que existe. Posso ler a mente de qualquer outra, menos a sua.

– Devo tomar isso como um convite para tentar ler a sua? – perguntei, um pouco orgulhosa. – Devo ficar lisonjeada, mesmo sem saber se é verdade?

– Oh! Sim. Deve. Nunca precisei mentir em toda minha existência. Falo e faço o que desejo. Sinta-se, sim, lisonjeada! Jamais presenciei uma entidade com poder tão grande. Talvez até maior que o meu! Deve ser a senhorita o poder revoltado que todos temem.

– Agora, senhora – respondi no mesmo tom cordial que ela usava –, devo discordar. Todos me usam, me ferem, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

– Então o prazer em conhecê-la, senhorita, é grandioso! Sorte a minha vagar em sua direção nesta noite de tantos feitos. Sou eu tão antiga e tão complacente, que vivo à beira do esquecimento. Poucos

sabem que ainda existo, e entre estes quase ninguém se lembra. Tornei-me parte inseparável do mundo. Meu trabalho é tão importante e indispensável, que é comum demais para ser notado. Eu sou Era.

– Era? Você é o tempo? – perguntei curiosa. – Você controla o tempo?

– Não, senhorita. O tempo é controlado pelo Criador. Eu sou aquela que conta e descreve sua passagem. Sou aquela que está ligada a tudo, a todos.

– Não entendo. Você é responsável por tudo o que envelhece? Responsável por aplicar o tempo sobre tudo?

– Sim. Seria essa uma resumida descrição de meu labor.

– Curioso. Como você mesma disse, eu acreditava que isso fosse natural.

– Percebe? Tudo, vivo ou não, sofre as consequências de minha vontade. Sou aquela que envelhece o homem, corrói as pedras, move as cordilheiras, faz as árvores crescerem... e tudo o mais em que o tempo reflete de forma contínua e irrefreável.

– Como pode dizer então que meu poder se compara ao seu? Parece-me

que é a mais poderosa entidade que existe! Deve estar ligada a tudo, objeto ou pessoa, para que possa agir sobre eles quando quiser. Isso vai além de simples onisciência.

– Sim. Meu poder pode ser revelado como uma fagulha da onipotência Divina. Mas não se espante, senhorita, quando eu disser que todas as entidades possuem pelo menos dois dos três poderes da Divindade Superior, de uma forma ou de outra.

– Não há como não me espantar, Era. Posso chamá-la assim?

– Certamente – disse ela, piscando brevemente em sinal de aprovação. –

Pode me chamar de senhorita também, se preferir.

– Como estava dizendo, não há como não me espantar, Era. Ao que me consta, eu possuo uma forma de onisciência, sim, mas nada parecido com os outros poderes Supremos, como disse.

– Impossível, acredite em mim. Todas nós possuímos dois deles. Agora, se permitir atravessar a barreira que se impõe severa entre mim e seus conhecimentos, posso ajudá-la a descobrir.

– Jamais permitiria isso – respondi, suspirando. – Porém... envolvida nas circunstâncias atuais, vou permitir. Vasculhe, Era. Aceito sua boa vontade com toda minha alma. Procure respostas para as dúvidas que tanto me machucam.

Ela respeitosamente esticou as mãos abertas em minha direção, aproximando-as muito do meu rosto, mas sem me tocar. Percebi claramente que ela se esforçava para fazer aquilo, enquanto eu podia invadir mentes e memórias de qualquer lugar do mundo. Ela não possuía a onisciência. Fechei os olhos e deixei jorrar o rio de imagens e sons e fatos e sensações que fizeram de mim o que eu era. Desde a lembrança delicada e inesquecível do semblante puro de minha mãe, até as últimas brigas e tortuosas sensações impostas pelo Diabo.

Meu corpo vibrava enquanto Era sorvia aquilo tudo como a noite que abraça o mundo. Sem mover nem sequer um músculo, ela simplesmente entendia e às vezes até produzia um suave murmúrio ao vagar pelas mais dolorosas partes de minha existência. Abri-me completamente a ela, mesmo que parecesse um ato descuidado e inocente demais para mim. Era como se eu sentisse o sangue correr mais rápido nas veias e perfurar as extremidades de meu corpo, atirando-se para fora. Meus dedos brincavam, tamborilando ao lado de meu corpo, com a força com que aquelas imagens eram dissipadas para fora e jogadas para dentro da mais poderosa entidade que existia. Veio assim o silêncio e a calma depois de tempestuosa história. Não havia mais o que contar, o que mostrar. Abri meus olhos junto com ela, que, baixando as mãos, disse em sua voz de veludo:

– Se ainda me restassem lágrimas no corpo eu as derramaria agora. Sua tristeza parece-me supérflua diante do que já viveu. Saúdo-lhe, Morte. Entidades não foram feitas para suportar tudo o que você já suportou.

– Não entendo muito sobre entidades. Nada alheio à minha condição como uma delas. Se possuir algum tempo disponível entre suas tarefas, gostaria de uma explicação mais detalhada.

– Tempo não me aflige. Vê aquela montanha de dois cumes? – perguntou, apontando para uma grande formação rochosa de mais de mil metros de altura que se impunha opressora sobre a cidade. – Vamos para lá, senhorita, conversar.

Na velocidade do pensamento, cruzamos o espaço entre o ar pacato da cidade e a paisagem indescritível do topo da montanha.

– A paisagem aqui é tão linda, não? – observou ela.

– Sim. Mas não mais consigo apreciar a beleza da criação divina nem as maravilhas criadas pelos mortais. Não consigo mais apreciar as minúcias que elas trazem, os detalhes mais ínfimos e as extenuantes sutilezas que tornam este mundo um lugar tão maravilhoso.

– Eu a entendo, Morte. Nada no mundo pode ser apreciado sem que a senhorita aprecie a si mesma. Com essa sensação que reside em seu íntimo, de que a senhorita não é boa o suficiente e que todos a seu redor são mais fortes que você, jamais será o mundo o mesmo esplêndido lugar de antes, quando Morte era poderosa e sabia que o era.

– Não me recordo de aplicar uma regra para meus atos. Agia por instinto, principalmente, e ainda o faço.

– E é aí, senhorita, que reside seu erro. Quando conheceu as forças maiores e outras peripécias randômicas germinadas ao longo de sua vida, deixou de acreditar em si própria. Passou a pensar antes de agir. São exatamente esses pensamentos conflitantes que serão sua sutil ruína, senhorita.

– De certa forma, eu concordo. Foi um grande abalo para minha autoestima – disse, baixando a cabeça. – Os fatos fugiram de meu controle, por assim dizer.

– Sim, pois então darei a você uma lição que, tenho certeza, jamais esquecerá. Acredite em minhas palavras e assim será a entidade que deve ser.

– Estou atenta – respondi.

– Erga-se aos ventos comigo, Morte! Venha! Vamos saborear a noite como fazíamos quando jovens!

Ela subiu aos céus num voo gracioso, espiralando como se dançasse uma canção alegre. Juntei-me a ela em toda sua graça e esplendor, sentindo o ar deslizar por mim, brincando com meu vestido como se ele possuísse vida própria.

– Morte! – continuou Era. – Uma palavra que faz tremer as almas mortais! Respire e perceba. Ninguém no mundo teme o Caos, o Tempo, o Destino, nem mesmo a própria vida, mas eles temem você! Temem a única entidade que possui plena autorização de eliminar aquilo que julga não ser de valia para o mundo. Pense em todos aqueles que rezam para evitar seu olhar. Perceba que a própria natureza está a sua mercê, bela senhorita. Sinta todos os que se apavoram perante o simples pensamento de encarar a majestosa deusa do submundo, o ato final desta existência para outra, aquela que porta o poder recluso de dois mil anos de existência. Entenda, minha linda companheira de tantos dias devotados ao grande Criador, entenda tudo isso. Compreenda quem é, senhorita, e o mundo não mais será o mesmo, daqui até a eternidade!

Essas palavras causaram mais impacto, talvez, do que Era poderia esperar. Senti novamente uma força, uma energia rugindo dentro de mim, uma sensação havia muito esquecida. Um grito ensurdecedor nascia em meu peito e abria caminho pela garganta, como um animal selvagem que acabara de desprender-se de seus grilhões. Quis fazer algo que nunca havia pensado fazer: testar os limites. Meus limites. Expandir minha onisciência a um nível jamais antes atingido. Sentir o mundo físico além de suas emoções. Sentir a terra, os rios, as árvores e tudo o mais que, de uma forma ou de outra, possuía vida.

– Faça o que a faz poderosa, senhorita! – bradou Era. – Mostre ao mundo que sua palavra é o ponto final. Mostre a todos que nada se põe contra sua vontade!

Estendi os braços impetuosa e libertei a fúria opressora que forçava as barreiras de meu corpo. Senti em minha alma a própria natureza se revolvendo

temerosa, quando os ventos aceleravam e rodopiavam, dobrando-se sob meu poder. Respirei o sangue derretido da terra quando fiz a rocha se partir. A terra tremeu. Gritei o mais alto que pude ao explodir o topo daquela montanha, despejando no mundo a mágoa da Morte na forma incandescente de um rio de lava flamejante. As nuvens de cinza venenosa e as toneladas de pedras atiradas sobre o mundo foram apenas uma consequência.

A montanha cuspiu sua coluna de pó negro aos céus além do alcance dos olhos, num impressionante espetáculo pirotécnico. Minha libertação despejou-se sobre a cidade, que jazia inocente a menos de dois quilômetros do sopé da montanha. Os habitantes corriam em pânico, gritando sem saber o que estava de fato ocorrendo. Muitos eu deixei partir. Muitos levei para serem julgados. *Morram, mortais. Morram sob o poder da minha vontade!*

Cada maciço fragmento de rocha que atingia aquela cidade, e até mesmo uma outra próxima, retumbava destruidor, esmagando construções, dilacerando vidas, exibindo a força da natureza aos olhos aterrorizados da população. O rubro e resplandecente rio de rocha derretida cortava as colinas e as ruas, desenhando seu caminho sem que nada pudesse segurá-lo, abrindo passagem por onde desejava correr.

Era, flutuando a meu lado, apenas assistia àquilo com um sutil brilho desfocado nos olhos, como uma professora que assiste ao êxito de seu melhor aluno. Passei a brincar com subsequentes explosões, degustando o poder de semear a destruição a partir da natureza, embasbacada com o que eu podia realmente realizar. Cada vez mais fazia a Terra sangrar, como vingança pelos pecados a mim infligidos. Por várias horas controlei as chamas, a fúria, o medo e os anjos que trouxe para levarem minhas vítimas.

Levei quase um dia completo para derrubar tudo o que desejava derrubar. Até que Era interveio, tocando meu ombro com a mão esquerda:

– Já chega, senhorita. Cinzas e lágrimas ainda cairão nesta região por vários dias. Vamos embora daqui. Já fez o suficiente para esvaziar o corpo de sentimentos perturbadores. Não deixe o luxo anuviar sua mente.

– Vamos, Era. Realmente me sinto melhor agora.

– Como presente para esta cidade que agora tanto sofreu, não vou interferir em sua existência por algum tempo. Preservarei diversos objetos e estruturas, que serão conservados e ocultos pelas futuras chuvas cinzentas. Que a lama e a lava molde os corpos mortais para que as almas que guardavam não caiam no esquecimento. Que esta cidade permaneça intocada pelo envelhecimento para que gerações futuras saibam o que aconteceu aqui. Venha comigo.

Era tomou minha mão, e nossos corpos etéreos se dissolveram na fumaça vulcânica. Reaparecemos sobre os campos de uma grande ilha no arquipélago malaio, a sudeste da Ásia, onde o Sol já despontava no horizonte. Caminhamos lado a lado pela areia da praia por alguns instantes, antes de minha voz cortar a quietude da manhã colorida.

– Interessante. Como sabia que eu teria poder para causar a erupção instantânea de um vulcão adormecido?

– Eu senti, senhorita. Como eu disse, todo esse tempo que vago pelo mundo me trouxe muita instrução. Todas nós entidades possuímos um pouco dos poderes Supremos, todas temos pelo menos um pouco da Grande Onisciência, necessária para desempenharmos nossas funções sobre a criação. Você, por exemplo, possui este dom em um nível infinitamente superior ao meu. Porém eu posso estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, parte da Grande Onipresença, necessária para que meu trabalho funcione, pois tudo no mundo envelhece constantemente. E o aspecto da Grande Onipotência que a senhorita realizou agora foi apenas parte de seu potencial. Os outros temem esse poder oculto que acabou de demonstrar.

– Quem são esses outros?

– Outras entidades e seres poderosos, como anjos e os servos de Lúcifer.

– De certa forma, eu entendo. Posso então controlar as forças naturais, como já havia controlado antes. Lembro-me, por exemplo, de parar a avalanche que derrotaria meu honrado Tsun. Mas só agora me dei conta da magnitude de tudo isso.

– Exatamente. Esse é o tipo de poder que os outros temem. Não precisa feri-los diretamente para impor sua palavra e seu respeito. Eles dependem dos mortais em diversos aspectos, e os mortais estão à mercê da senhorita.

– E quem controla os mortais controla os poderosos.

– Exato – disse, olhando para os céus como se pressentisse algo.

– Lembre-se de que seus poderes se dobram sob sua vontade. Sendo assim, sua vontade e sua resolução devem ser firmes e grandiosas. Se você estiver certa de si, poderá realizar feitos incríveis.

– Sim. Vou pensar nisso, com calma. Por vezes penso que não fui uma boa escolha para ser Morte. Sinto-me inexperiente, mesmo com tantos anos de prática.

– Isso jamais pode ser forjado dessa maneira, não é resistente o suficiente! Isso tem de ser feito para durar séculos! – protestou, completamente alheia a nossa conversa, ríspida e sem sentido.

– Hmm... o que você disse? – perguntei, erguendo as sobrancelhas.

– Perdoe-me, Morte. Não é nada com você. Às vezes a onipresença pode ser bem confusa – disse ela sorrindo, voltando a fazer sentido. – Ela às vezes me foge do controle. Já até causou situações bem incômodas.

– Sinto que seria melhor seguirmos nossos caminhos separadas então, Era – respondi alegre. – Existe algo mais que eu necessite saber?

– Necessite? Não. Nada que você necessite saber. A senhorita pode atravessar mais um punhado de séculos com o que aprendeu hoje. Mas deixarei um conselho: se um dia investir contra uma entidade ou algum outro ser de grande poder, não pare de atacar.

Não tenha piedade. Destrua-o ou certamente será por ele destruída. Já vi acontecer antes e não é algo belo. Pelo que me mostrou, Destino a atacou de forma leve para saborear sua derrota com tão pouco. Ele não será tão complacente se isso vier a se repetir.

– Acredite, não vou me envolver em disputas com entidades ou seres poderosos por um bom tempo.

– Às vezes os problemas vêm ao nosso encontro mesmo se não os procuramos. Esteja preparada. Seja Morte. – disse ela, parando de andar e se virando para mim.

– Serei eu mesma então – respondi.

– O tempo flui irrefreável, senhorita. Não podemos desperdiçá-lo com tolices adolescentes ou com medições de forças. Torne o mundo seu domínio, e todos a reverenciarão.

– Adeus, Senhora da Ruína – me despedi, num gesto formal. – Suas palavras ficarão guardadas comigo para sempre. Ajudou-me mais do que imagina, com tão poucas frases. Fez-me perceber que não sou mais a garota mortal que um dia fui. Fez-me perceber que, irrevogavelmente, eu morri naquele lar em chamas.

– Adeus, Senhorita das Almas. Espero que um dia voltemos a nos falar.

– Espero que isso não seja, como diria, necessário.

Ela fez uma curta reverência e seguimos caminhos opostos.

O mundo deu suas inúmeras voltas. Pessoas nasceram, pessoas morreram. Eu fiz meu trabalho. Existi. Vi o mundo mudar. Porém agora me sentia diferente. Não era mais uma criatura que no mundo vivia. Eu era parte dele. Sem mim não haveria julgamento. Não haveria aprendizado. Não haveria o girar da roda da eternidade. Até mesmo aqueles que procuravam me perturbar devem ter notado a radical mudança em mim. Deixaram-me em paz por mais de um milênio.

O alvorecer do Império Romano, as rotas de comércio chinesas, as primeiras invasões bárbaras, o início do Cristianismo com a vitória de Constantino I, o Grande, e sua subsequente expansão anos mais tarde. O terror de sangue e morte da alta Idade Média na Europa, o nascimento do Islã, a invasão muçulmana da Península Ibérica, a

vida de grandes personalidades da história como Carlos Magno e o quinto califa da dinastia abássidas de Bagdá, Harun al-Rachid, o primeiro livro impresso, as fantásticas expedições dos Vikings, o Império Bizantino, as Cruzadas na Europa e as conquistas do rei inglês Ricardo, Coração de Leão, o massacre da Peste Negra – que, diga-se de passagem, me deu muito trabalho –, o começo do Renascimento, as viagens de Zheng He... Acontecimentos memoráveis que até hoje enchem meu coração de alegria quando penso que tive a oportunidade de estar lá. Presenciei todos esses fatos, até causei alguns deles. Minha vontade sem dúvida é narrá-los todos, mas isso levaria incontáveis dias.

Situações muito interessantes se passaram comigo nesses áureos anos de paz em eu era apenas Morte, a entidade. Não encontrei anjos, demônios, nem ninguém que viesse me machucar ou humilhar. Porém, desde o momento em que me separei de Era, preparei-me cada vez mais para encontrar novos desafios, sem nunca esquecer da aposta que mantinha com Destino; mesmo que ele não viesse me perturbar, lembrava-me sempre dela. Se a estratégia dele era me fazer pensar que ele havia desistido, ele estava falhando. Em momento nenhum abracei a ideia de paz prolongada. Isso me tornou muito mais fria e insensível? Não necessariamente, mas posso afirmar que me tornei mais... alheia. Não me importava com os humanos. Eu era uma semideusa fazendo meu trabalho no mundo, e eles eram meus brinquedos. Esforçava-me ao máximo para variar o modo de tirar-lhes a vida – doenças, acidentes, assassinatos, brigas, guerras, desastres naturais. E não importa como eu fizesse, sempre haveria novas maneiras, novas formas de levar alguém para o Limbo (que, com o começo do Cristianismo foi chamado de Purgatório). Como eu disse, eles eram fantoches do meu teatrinho mórbido.

Confesso, porém, que alguns deles se destacavam e ganhavam minha atenção e meu respeito. Como exemplo, por volta do ano cristão de 102, alguns anos após meu encontro com Era, conheci uma mulher belíssima de nome Cecília Dácio, na cidade de Atenas, que na época pertencia ao Império Romano. Filha de pais cegos,

passou toda sua infância e juventude nas ruas, lutando pela sobrevivência até se tornar algo fora do comum. Quando a conheci, ela já era rica e morava em uma maravilhosa casa com muitos serventes e escravos. Conversamos muito enquanto tentava descobrir como era possível ela não viver e ainda assim caminhar pelo mundo. Sim, uma morta-viva. Uma criatura da noite, como ela mesma se denominava; uma vampira, como dizem hoje e como Bram Stoker immortalizou em sua obra-prima. Uma mulher que se alimentava do sangue de outros para prosseguir em sua existência eterna.

Eu soube então que, mesmo sendo uma poderosa e antiga entidade, ainda existiam e ainda existiriam muitas coisas no mundo para serem vistas e admiradas. Infelizmente, eu não sabia onde estavam outros como ela, pois não faziam parte da rede de minha onisciência. Eles já estavam mortos, afinal. Passamos algumas semanas juntas, como amigas joviais que brincam nos jardins da vida, fazendo piadas sobre a fragilidade humana e seus desejos de amor eterno. Depois de nossa despedida, nunca mais a encontrei. Talvez um dia, com mais tempo, eu conte detalhes sobre ela.

Seguindo pelo calendário mais comum, ainda no ano 900 d.C., voltei para libertar Lahach de sua prisão, como prometi. Ainda havia, conforme eu comandara, um anjo guardando o local, mas também diversas gerações futuras do povo daquela época. Conforme eu andava até a tumba do ex-opressor, eliminei todos no caminho. Aquela era uma terra maldita. Eles deveriam ter acreditado em mim. Matei todos que viviam naquelas aldeias como prova de que não estava brincando.

Lahach já havia morrido em sua mente quando cheguei. Perdera-se num redemoinho de loucura havia alguns séculos. Deixou-se levar sem nenhuma resistência.

Agosto de 1429 foi quando a conheci.

Eu já seguia havia alguns meses os passos de um padre numa pequena aldeia na região francesa de Barrois. Um homem fabuloso, que ajudava ao próximo como se realmente fosse um enviado divino. Acolhia em sua capela todos aqueles camponeses que

necessitavam de abrigo e proteção, em nome da fé e do amor a Deus. Em sua vida simples, com prazeres simples, adorava ver o pôr do sol enquanto sorvia uma taça de vinho novo, acompanhado de uma bandeja de pão picado embebido em azeite. Orava durante grande parte do dia, tentando alcançar uma ínfima parte do divino. Seu coração não continha mágoa, ganância ou qualquer outro sentimento vil, ao contrário dos grandes nomes da igreja daquela época. Ele era feito de fé, piedade, servidão e celibato. Aos sessenta e oito anos de vida, senti que seu momento chegara e decidi levá-lo para seu julgamento pessoalmente. Num fim de tarde, quando os aldeões já se abrigavam em suas casas, materializei-me no topo do monte onde sua igreja fora construída. Empurrei as pesadas portas de madeira, abrindo-as, e caminhei até o altar em meus passos inaudíveis. A brisa aconchegante brincava com meus cabelos negros, tornando-me uma figura um tanto assustadora. Ele estava preparando rotineiramente seu final de dia, quando ouviu o barulho das portas e veio ao salão. Ficou um pouco apreensivo ao me ver, pensando em demônios e coisas horríveis, mas foi gentil, perguntando-me como poderia me ajudar. Decidi conversar um pouco antes de contar a ele meu propósito.

– *Bonsoir, prêtre* – cumprimentei-o em sua língua natal, de forma calma, percebendo o quanto minha presença o incomodava. – Gostaria de conversar com o senhor sobre um assunto que não deve ser encarado de forma leviana.

– É uma... uma honra receber uma nobre da corte aqui – disse ele, gaguejando, sentindo seu coração bater cada vez mais rápido. – O que vossa senhoria deseja com um simples camponês de fé?

– Não se iluda pelas minhas vestes, padre. Não sou uma nobre da corte –

respondi, me aproximando dele até ficarmos frente a frente. – Olhe nos meus olhos. Você sabe quem eu sou.

– Eu não... – ele parou, como se estivesse hipnotizado pelo meu olhar vazio, e viu nele meu intuito.

Transmiti a ele uma sensação de segurança, de que era uma honra para ele ter-me ali. Afinal, ele poderia ter morrido de alguma

maneira tola e jamais saberia a verdade. Um momento de silêncio e reflexão aliviou sua ansiedade e através de imagens e sensações e sentimentos ele percebeu que sua hora chegara. Sentiu-se até lisonjeado com minha presença. Acalmou-se e sorriu, suspirando, como se tivesse orgulho de tudo o que realizou na vida.

– Quer falar algo, padre? – perguntei, numa voz calma e tranquila.

– Fique à vontade. Dirija-se a mim como se fosse uma de seu rebanho religioso.

– Obrigado. Obrigado. Realmente palavras me faltam, senhora. São tantas perguntas a fazer... tantas dúvidas sobre como proceder e sobre o que pensar...

– Restrinja-se às mais importantes, então. As outras serão respondidas do outro lado.

– Temos tempo? Ou deve levar-me agora? – perguntou apreensivo, como se esperando dor ou outro tipo de sofrimento em seu momento final.

Resolvi então desfrutar aquele momento com um ato um tanto ousado.

– Não temos muito, mas o suficiente para um pouco do vinho jovem que começava a despejar em sua taça. Seu esmero e, posso dizer, seu carinho para com ele me fez pensar em prová-lo.

– O que quer dizer? – perguntou, tombando a cabeça para o lado, desacreditado. – Deseja uma taça de vinho, senhora?

– Não tenho coragem de privá-lo de sua última taça de vinho e de seu pão molhado em azeite, meu bom senhor. Sendo assim, o acompanharei.

Ele sorriu de forma sincera, exibindo surpreendente contentamento. Lindo mortal. Mereceu toda a atenção que lhe foi presenteada. Fomos até a varanda na parte de trás da igreja, onde a bela vista do oeste era banhada pela luz rósea do fim do dia. Sentei-me ao lado dele na rústica mesa de madeira onde estavam a bandeja com os pedaços de pão e sua taça de vinho. Ele trouxe outra para mim. Bebeu da sua num só gole e a encheu novamente, espreguiçando-se na cadeira com aquele suspiro característico dos homens mortais. Ergui minha taça aos lábios e saboreei um

excelente vinho caseiro. Saboreei um minuto da vida mortal que eu não possuí. E senti falta daquilo, de experimentar as delícias culinárias criadas pelo homem. Imaginei quantos alimentos e bebidas já haviam sido criados e que eu, por não necessitar de refeições, havia ignorado por completo em todos esses milênios de minha existência.

– Então este é meu último pôr do sol? Sentirei saudade.

– Não pense dessa forma, padre. Imagine que ainda viverá para se recordar dele. É mais confortável assim.

– Fui um homem de fé durante toda a vida. Vou para o Céu, correto?

– Vai depender de você – respondi, com um sorriso quase sarcástico, após beber mais um gole do vinho. – A escolha será sua.

– Ah! Então já está decidido – riu. – Vou para o Paraíso.

– Então você verá os anjos e reconhecerá por completo a magia da Criação. Talvez você possa até presenciar a luz Dele.

– Não sei se, mesmo depois da vida que levei, estou pronto para encará-Lo.

É uma sensação estranha, . Como Ele é?

– Não tenho como responder. Nunca O vi.

– Vejo que então estarei um passo à sua frente, senhora – brincou.

Ele abriu um largo sorriso, e eu deixei que me escapasse um pequeno; então ficamos em silêncio. Todas as perguntas que rondavam sua mente foram apagadas, como se não quisesse estragar a surpresa. Porém, naquele instante, um calor, uma sensação de devoção absoluta atingiu-me o corpo. Uma pessoa havia adentrado a igreja e se posto perante o altar a gritar pelo padre. Dela emanava uma energia muito forte, como a de um anjo. Sua crença ultrapassava os limites da mente humana, era uma mistura de fé, inocência e desejo de vingança, e pensava em Deus como se Ele realmente estivesse a seu lado, ouvindo-a. O padre se levantou e olhou para mim. Fiz sinal com a cabeça para que ele fosse atender tal alma desesperada. Quando ele saiu, deixei a taça

na mesa e me desmaterializei, atravessando pedra e madeira para ver de perto tal devota.

Era uma garota loira, de brilhantes olhos verdes. Vestia as roupas simples dos aldeões e carregava um crucifixo no peito e outro entre os dedos finos. Possuía pouco mais de dezessete anos.

– Padre! Padre! Preciso me confessar! – gritou a garota.

– Mas você já se confessou essa manhã, minha querida! – respondeu o padre.

– Eu sei! Mas pequei e preciso me confessar! Não suporto viver com meus pecados!

– Muito bem, muito bem. Vamos.

Ele apoiou a mão no ombro da garota e levou-a ao confessionário. Não ouvi a conversa dos dois; naquele momento eu estava concentrada em obter informações sobre ela. Num instante sua vida veio a mim.

Filha de camponeses, sempre teve um amor incoerente pelo sagrado. Frequentava a igreja desde muito garota, sempre muito fiel à sua crença. Sua devoção se tornou ainda mais forte quando sua vila foi atacada por ingleses, que levaram a vida de sua irmã e de outros entes queridos. Em vez de se revoltar contra a desgraça, culpando a Deus, tentou entender o porquê do incidente. Tinha delírios constantes sobre estar realmente falando com o Divino e nutria em seu coração certo medo da tal intangível figura paterna que jurava estar observando-a constantemente. E soterrado fundo em sua alma, o desejo da vingança divina sobre aqueles que macularam seu lar, sua família. Emanava dela uma aura quase visível, brilhante, cheia de fé e santidade. Jamais vira um mortal com tamanha fé e crença no Divino. Ela era linda física e espiritualmente. Parecia ter a exata certeza que eu possuía da existência de Deus; talvez até mais, já que eu mesma nunca O tinha contemplado. Perfeita. Apaixonante em sua simplicidade e sua agonia. Jeanne era seu nome. Fiquei tão emocionada por estar perto dela, que quase me esqueci do real motivo de minha visita àquela igreja. Ela correu sorridente após sua confissão e passou por mim. Seu perfume penetrou meu corpo etéreo. Muito além de uma essência humana,

ela exalava flores silvestres. Nenhum humano poderia sentir tão delicado aroma. Sutil demais para eles.

O padre sentou-se num dos bancos e perguntou em voz alta:

– Ainda está por perto, senhora?

– Sim, estou – respondi ao sentar-me a seu lado, fazendo-me visível. Ele deu um pequeno salto para o lado, mas logo se recompôs. – Estava a observar a garota.

– Sim. Ela é especial – comentou. – Possui fé maior que a minha. É como se ela voltasse todos os dias para casa e se sentasse no colo de Deus.

– Percebi. Ela é quase divina em sua graça e sua simplicidade.

– Sim. Teve uma infância trágica. Mas suportou-a bem demais até. Chorou e se lamentou muito pouco. Como se soubesse dos planos do Senhor.

– Talvez ela saiba – retruquei. Ele me olhou com ares de dúvida. – Não me olhe assim, padre. Não subestime a capacidade humana de amar e transformar o mundo a sua volta. Eu vago no mundo há mais de três mil anos e ainda hoje fico surpresa com eventos especiais. Alguns humanos são especiais, criados para serem diferentes. Ela é um deles.

– Acredito que só vou saber dessas coisas quando for para seu mundo, senhora – disse ele, passando a mão na cabeça, nos poucos cabelos que restavam nela. – Quando eu me for, vou ter a oportunidade de caminhar livremente pela Terra?

– Não. Na verdade... não sei. Desconheço muito ainda do além-vida para os mortais. Já fui mortal um dia, mas sou um caso especial. Todos os outros vão para o Limbo, ou Purgatório, chame como quiser – disse, indiferente. – De lá vão para algum outro lugar que desconheço. Só posso dizer que têm a oportunidade de escolher entre o Céu e o Inferno ou, ainda, de retornarem à Terra para mais experiências. Mas já estou falando demais.

– Seria melhor que eu visse com meus próprios olhos, não? – ele sorriu. Senti certo pânico se formar dentro de seu peito. – Agora que é finalmente chegada minha hora, eu não sei como me sentir. Tenho medo. Uma ansiedade estranha.

– Pense desta forma, padre: eu poderia causar-lhe um acidente ou presenteá-lo com um ataque cardíaco. Talvez ainda um assassinato premeditado por um inglês sedento para esquartejar um padre francês. Mas também posso simplesmente retirá-lo de seu corpo mortal de forma indolor se o senhor estiver totalmente pronto para deixá-lo. O senhor está?

– Por mais que eu queira acreditar que sim, não posso dizê-lo de coração. Não, não estou pronto. Ainda sinto que posso ajudar mais algumas pessoas. Ainda quero ficar para me conformar com o pensamento de morrer.

– Pois bem, padre. Conforme-se. Voltarei outro dia – respondi.

Sua expressão de espanto por minha caridade foi interessante. Ele realmente não esperava que eu fosse deixá-lo viver mais. Ele se jogou de joelhos para me agradecer, com as mãos juntas na frente do peito, gaguejando:

– Oh! Obrigado! Obrigado, senhora! Obrigado por conceder-me meu pedido! Serei eternamente grato.

Então me levantei e desapareci da frente de seus olhos. Ele sorriu

–  
estava feliz. Fechou as portas da igreja e voltou para degustar seu bom vinho, assistindo à pitoresca paisagem. Esticou-se na cadeira, rindo baixinho, bebendo e comendo seus pedaços de pão com azeite. Engoliu-os como se fizesse a primeira refeição consciente de sua vida. Sentia-se iluminado, vivo, abençoado por Deus. Sentia-se muito bem. Um de meus anjos já estava próximo quando ele engasgou com o último pedaço de pão. Sufocou em sua dor até morrer.

Desci o monte passando as mãos nas flores que me rodeavam. O cheiro delas não se comparava com o da garota. Queria vê-la novamente. O desejo de possuir um mortal voltou a minha mente. Apaguei-o. Ou melhor, ignorei-o. Procurei por ela em todas as casas da aldeia, invadi a privacidade alheia, pois seu toque em minha onisciência tinha se tornado tão forte, que eu não conseguia distinguir sua exata localização.

Encontrei-a fazendo uma breve refeição. Fiquei próxima, sentindo aquele perfume inominável e admirando-a, assistindo àquele espetáculo humano de graça e inocência. E quanto mais eu a olhava, mais ela me intrigava. Ela possuía dentro de si, dormente, um ódio mortal. Ela mantinha uma fera interior deveras letal, mas domesticada como um pequeno animal de estimação. Seria necessária apenas uma faísca para incendiá-la por dentro e torná-la uma máquina assassina a serviço do Divino. Analisando seus sentimentos, era exatamente isso o que ela queria. Seus únicos desejos eram estar nos braços de Deus e assassinar milhares de ingleses.

– Minha querida – murmurei, falando sozinha –, vou presenteá-la com sangue e morte em nome do Senhor.

Procurei nas redondezas o campo mais belo, mais florido. Deitei-me lá, ignorando por completo meu trabalho por algumas horas. Não que eu estivesse com remorso por ter levado mais da metade da população da Europa com a Peste Negra, pois aquilo foram ordens superiores e não faz parte do que desejo contar. Eu queria paz por algumas horas, para tentar me sentir um pouco como ela – uma doce e apaixonante mortal. Eu queria beijá-la! *Não! Não é permitido.* Malditos sentimentos de amor. *Destino, se isso é obra sua, meus parabéns. Eu acho que a amo.*

Queria ter adormecido ali, se conseguisse... O dia raiou, e eu estava sob os primeiros feixes de luz, estirada na relva gelada da manhã. Como previ, ela correu subindo a encosta do monte para ir à igreja. Deu-se com alguns aldeões empurrando um carrinho de madeira que abrigava o corpo do padre, coberto por uma manta velha. Ela não chorou ao saber. Em vez disso, foi tomada por uma sensação de indiferença e pensou: Quem vai me absolver agora? Como me livrarei dos meus pecados?.

Correu para longe. Para mim. Para o campo cheio de lírios onde se deitou tristonha, quase no mesmo ponto onde eu me deitara. Dormiu e delirou novamente. Lembrei-me de como Destino fez para que seus mortais se apaixonassem por mim: invadindo seus sonhos. Sentei-me a seu lado, fechei os olhos e estendi minha consciência

para dentro dela. Penetrei gentilmente seus pensamentos, como o toque de um amante. Procurei na escuridão de sua inconsciência até tocar as imagens, os lapsos de vida aparente, o sonho.

Lá estava ela, sentada de branco em frente a um castelo impenetrável, cujas muralhas alcançavam as nuvens. Os enormes portões de aço polido barravam sua entrada ao reino de Deus. Um sonho maravilhoso mas frustrante. Suas sensações rodopiavam em torno de proibição ao Paraíso e a dúvida de que Deus se importava com ela. Logo em minha primeira tentativa de interferir em seu sonho tive sucesso. Fiz minha voz ecoar, masculina e retumbante, como se viesse de dentro dos portões:

– Veio você a mim novamente, Jeanne! Veio finalmente me escutar!

– Sim, meu Senhor – disse ela ajoelhando-se, de cabeça baixa, como se realmente esperasse ouvir a voz divina. – Sinto-me triste, cansada. Desejo realizar algo nobre em Teu nome. Desejo eliminar a ameaça.

– Então fique aqui e reze. Quando despertar, darei um sinal para que se dirija ao rei da França e lidere seu exército nesta guerra que tanto perdura. Eu a convoco, Jeanne! Seja minha mensageira! Leve a justiça Divina aos campos de batalha!

– Sim, meu Senhor!

Desvencilhei-me rapidamente de seu sono profundo. Ergui-me aos céus, levando minha mente ao calor da primeira batalha. Vasculhei as almas humanas procurando ansiedade, glória, coragem – sensações comuns numa luta até a morte. A poucos quilômetros dali encontrei o que queria. Um ataque inglês. Treze homens armados matavam e roubavam transeuntes franceses, incluindo o barão de uma família de alta classe. Permiti que os ladrões levassem todas as joias que encontraram. Mas não a espada forjada em ouro e aço, uma arma belíssima, digna de um rei. Digna de minha mensageira. Pousei suavemente próximo ao local do ataque, onde os ingleses vasculhavam a carruagem da nobre família como porcos num chiqueiro, querendo mais, gananciosos até suas últimas gotas de sangue. Andei até o corpo do barão estirado no chão, prestando

atenção naqueles que passavam por ele e maldiziam a França e sua população. Peguei a espada e, sem que eles percebessem, tornei-a etérea. Até vi o tal barão e suas filhas e seu cocheiro, andando de um lado para o outro, em pânico, tentando em vão impedir que eles continuassem com a pilhagem. Acho que eles ainda não tinham percebido o que acabara de acontecer. Uma das garotas me viu indo embora, voltando para minha amada adormecida. Sua atenção foi desviada quando quatro maravilhas aladas controladas por mim despontaram no céu. Quando voltou seus olhos para mim, eu não estava mais lá.

Pousei a espada ao lado de Jeanne. Sua lâmina brilhava refletindo o céu, como se cada raio solar convergisse para seu fio. Trabalho impecável de excelente ferreiro.

– Acorde, minha adorada – disse em voz alta, fazendo-a abrir seus olhos. Seus belíssimos olhos verdes.

Ela permaneceu algum tempo a olhar para o céu apenas, na mesma posição em que dormira. Então se levantou e olhou para o lado, ficou maravilhada com a espada que surgira do seu lado. Uma espada sagrada. Uma dádiva. O sinal.

Ergueu-a nas mãos. Balançou-a no ar, fazendo movimentos de combate, de ataque e defesa, como já presenciara os soldados fazerem. Segurou-a finalmente pelo cabo, deixando a lâmina pender e, pronunciando algumas orações, correu para sua aldeia a fim de arrumar seus poucos pertences. Ela tinha uma viagem a fazer.

Seu tio a conduziu em uma carroça simples, durante alguns dias tranquilos, até a cidade onde residia o regente Carlos VII, rei da França. O anunciador levou até o rei a mensagem de que uma emissária de Deus estava em suas portas e exigia falar-lhe. Ele riu. Depois se preocupou. Seria uma espiã inglesa enviada para matá-lo? Talvez. Não podia correr riscos. Mas e se realmente fosse um milagre enviado pelo Divino? Ele logo descobriria. Mandou seus homens ficarem a postos e se preparou para receber a visita inusitada. Com soldados fortemente armados à espreita, escondidos entre outros nobres da corte, concedeu a permissão da entrada da camponesa.

Ela entrou sozinha, coberta por um manto escuro, de cabeça baixa em sinal de respeito. Sem pedir informação para ninguém, dirigiu-se ao rei, sem mesmo nunca tê-lo visto, e se ajoelhou diante dele. Jogou para trás o capuz e disse sem delongas, exibindo a coragem de um soldado:

– Venho a ti, majestade, pois recebi uma missão do Senhor.

O rei, estranhando a visão de uma camponesa tão ousada e determinada, ajeitou-se em seu assento e balançou a mão, num gesto arrogante, para que ela continuasse.

– Dê-me um exército, um cavalo e uma armadura e eu lhe darei a França de volta.

Silêncio. Interrompido logo em seguida por uma onda de gargalhadas na corte inteira.

Ela respirou fundo, levantou-se e gritou:

– Vossa majestade ri da mensageira de Deus! Reza todo dia por um milagre, mas caça dele quando bate à sua porta! Caso deseje seu reino, suas terras, minhas terras, de volta a seu controle de direito, dê-me o que peço! Eu juro! Juro que os ingleses pagarão por tudo o que fizeram a nosso povo! Esta guerra que já se estende desde antes de eu nascer não pode mais continuar! Seja razoável! Pense! Eu fui enviada pelo único e Todo-Poderoso Deus pessoalmente, para evocar a Justiça Divina nos campos de batalha! Ouça-me ou não será perdoado!

Novamente, um silêncio tumular pairou no salão. Quem era essa camponesa insolente que falava assim com o rei? Começaram os comentários, sussurros, todos esperando a reação odiosa do regente. O que ele faria com ela? Uma simples indução mental de minha parte resolveu o problema. Seus soldados fizeram menção de capturá-la, mas um gesto do rei ordenou-os a parar. Ele se inclinou para frente, proferindo:

– Por alguma razão que desconheço, acredito em você – comentários aleatórios surgiram nos cantos da corte. – Ninguém senão a própria mensageira de Deus ousaria falar assim comigo, Carlos VII, rei da França! Nenhuma camponesa desejaria sofrer na

pele os horrores do campo de batalha, sentir a angústia da violência, como tanto você anseia. Diga-me, garota, qual é o seu nome?

– Jeanne, milorde – disse, quase que num suspiro. – Jeanne d’Arc.

– Muito bem, farei o que julgo certo – disse o rei, retornando a sua posição original. – Você terá o que deseja. Mas primeiro deverá passar por algumas provas propostas pela Santa Igreja. Se conseguir provar, de corpo e alma, que é realmente quem diz ser, você terá tudo o que requer. Acompanhe as aias, elas lhe mostrarão o caminho.

Mesmo na ausência dela, os nobres continuaram discutindo, proferindo suas dúvidas e maldizeres. O rei retirou-se para conversar com seus conselheiros. Em poucas horas aquele salão estava mais calmo que um cemitério.

O resto da semana ocorreu como desejei. Os testes de Jeanne foram simples, baseados em crenças e superstições da religião cristã. Ajudei-a no que foi necessário, sempre a seu lado, mesmo enquanto dormia. Pensei muito sobre sua devoção única. Ela era dirigida por algo muito além do meu poder, muito além do que proferi em seu sonho. Eu apenas a havia forçado a dar o primeiro passo, sua motivação era algo fora do alcance de minha compreensão. Havia amor dentro dela, mas não por mim. Amor por sua causa. Um amor absurdamente intenso, real, que se destacava de longe entre aqueles que tocavam minha onisciência.

E eu sentia em mim algo perturbador. Seria a paixão por ela, uma paixão natural? Eu não sabia dizer... Tão impecável era seu rosto de pele clara, desenhado por sua coragem, sua determinação apoiada em imagens de um delírio, tão solene era sua figura inocente, que agia como uma real emissária de Deus. Fiquei curiosa para saber o que Estrela-da-Manhã acharia dela. Pensei em procurá-lo, mas meu receio orgulhoso não permitiu. Mesmo com tudo o que Era havia me ensinado e com mais um milênio de fria experiência como Morte, ainda não estava pronta para olhar novamente nos olhos do Diabo.

Ela foi aprovada como real sentinela divina. As pessoas ficavam extasiadas com sua mera presença após a confirmação. E o mais interessante era que ela nunca duvidava de si, nunca se sentia

insegura em relação aos testes, a seu propósito no mundo. Eu sabia que, se não fosse por minha ajuda, induzindo e manipulando, ela jamais teria passado, mas ela tinha essa certeza de que passaria. Uma certeza inocente demais para ser compreendida. Se ela era a mensageira de Deus, se Ele mesmo falou com ela, por que não passaria?

Chegou radiante a manhã de sua provação. Armaram-na com uma boa armadura prateada, forneceram-lhe um cavalo resistente e o estandarte francês. Juntamente com alguns soldados que ainda duvidavam da frágil garota um pouco desengonçada dentro de suas vestes de guerra, ela liderou a cavalgada ao campo de batalha em Orleans. Um exército de quase cinco mil homens estaria lá a sua espera.

Muitos livros detalham em maior profundidade e amplitude a chegada dela à frente do exército, toda a descrença deles e sua falta de respeito. Assim como narram que havia na armada francesa muitos mercenários, o que provavelmente gerava tanta desorganização, falta de estratégia conjunta e patriotismo.

Obviamente, isso não a deteve. Quando as chacotas e piadas a seu respeito terminaram, com a mesma imponência que exibiu perante o rei, ela gritou na frente dos homens:

– Amanhã pela manhã vocês terão outra ideia a meu respeito! – apontou para as tropas, elevando sua voz aguda. – Eu aviso! Deus me enviou para acabar com a discórdia a Seu modo! Esta guerra será levada aos céus se necessário for! Na primeira hora da alvorada, Orleans será novamente de domínio francês! Durmam! Durmam agora! Descansem para contemplar o sangue inglês em nosso território.

Partiu para sua tenda sob o silêncio pasmo dos fortes homens. Deitou-se e adormeceu em segundos.

Naquela noite me sentei ao lado de seu corpo inerte, respirando calmamente como se o dia seguinte lhe guardasse um feliz passeio pelos bosques. Sua beleza e aquela inexplicável aura divina me inspiraram um ato ousado. Tornei-me material, pouco me

importando se seria vista. Suavemente acariciei seu rosto, passando meus dedos frios por seu semblante angelical. Corri os dedos por suas mechas loiras, afaguei seu ombro. Dobrei-me sobre ela, chegando com meus lábios muito próximos aos dela. Um beijo. Deliciar-me com um beijo apaixonado, um apenas, seria o suficiente para dar início à viciosa compulsão de tê-la por inteiro. Afastei-me, horrorizada pelo simples pensamento do que isso poderia causar.

Maldição! Eu a queria e não podia tê-la! Seria errado, irresponsável demais até para mim. Saí de sua tenda, deixando-a dormir em paz. Já imaginava como seria quando seus olhos inocentes dessem de frente com os horrores da batalha sangrenta. Horrores da batalha? Ela havia assistido ao assassinato dos pais e ao estupro da própria irmã! Quer mais horror do que isso? *Concentre-se, Morte! Concentre-se.*

Foi então que me ocorreu um pensamento gracioso, algo que poderia saciar as vontades humanas que ainda brincavam de ciranda dentro da minha cabeça. Avistei ao longe, nos limites do acampamento adormecido, uma sentinela francesa que bebia uma cerveja porca para se manter acordado. Fechei os olhos para me concentrar. Foquei meus pensamentos nele. Somente nele. Se eu podia sentir todas as suas sensações e ainda ler sua mente e induzi-lo a feitos diversos, por que não ir além? Por que não possuir seu corpo por completo, controlar suas ações, transformar sua realidade num sonho inalterável?

Ataquei seu pensamento de súbito, forçando minha vontade contra a dele. Senti seu desespero como um aperitivo para uma grande refeição. Senti sua pele como se fosse minha, o peso da armadura sobre os ombros, o gosto amargo da cerveja no fundo da boca, o mau cheiro do suor humano, de dias de trabalho na imundície de um campo de batalha. Tentei mover minha mão, a mão dele, levemente, acostumando-me com aquela sensação. Comecei a brincar com o corpo do homem como se ele fosse uma marionete. Levantei-me

da cadeira, andei um pouco, dei alguns saltos, somente por diversão, e então corri pelo campo, corri pelas lembranças da vida

mortal. Lembranças havia muito esquecidas num canto obscuro da minha memória. Quis gritar com ele, mas não consegui. Tentei mais uma vez – sem sucesso. Não havia meios de fazer sua voz ser proferida. Talvez meu controle mental o estivesse sufocando. Minha voz poderia ser ouvida, mas não a dele. Por mais ilógico que parecesse, pensei na possibilidade de a voz fazer parte da alma de cada um, uma expressão sonora da razão de ser. Voltei para a cadeira, colocando-me na posição original. Libertei-o. Ele então respirou pesadamente, puxando ar para dentro dos pulmões como se tivesse saído de um lago profundo no qual corria o risco de se afogar. Levantou-se e olhou para os lados assustado, espada em punho, como que acordando repentinamente de um pesadelo. Limpou o suor que brotava gélido da testa e sentou-se novamente.

Adorei aquilo. Adorei, digamos assim, “possuir” um corpo humano. Na verdade não passava de controle mental aliado a um foco conciso de minha onisciência, mas para mim não fazia diferença. Era um jeito de me sentir humana mais uma vez. E sem dúvida já tive milhares de ideias do que realizar com essa nova possibilidade de uso de meus dons como Morte. Eu poderia ser quem eu quisesse! Poderia ser uma amante carinhosa numa praça ao pôr do sol; uma prostituta belíssima que faz sexo por dinheiro com seis homens no mesmo dia; um homem apaixonado que usa a criatividade para encantar o coração de sua amada... Qualquer pessoa, qualquer um! Seria correto? Teria alguma entidade feito isso antes de mim? Eu poderia ser destruída por desobedecer alguma lei divina. Poderia? Ninguém nunca havia me falado de regra nenhuma, não me falaram se era proibido. Nem mesmo Estrela-da-Manhã, o Príncipe do Livre-Arbítrio. Não quis saber nem confabular mais. E o próximo que parasse seus afazeres no além-vida para me aborrecer ia ter uma surpresa ou duas.

Para marcar aquela noite que se tornaria tão nítida entre minhas lembranças, entrei no refeitório onde, materializada, sentei-me à mesa e me servi uma caneca de cerveja. Degustei um pedaço da carne boi fatiada, carregada de sal, mastiguei e engoli como reles mortal. Empurrei tudo aquilo com bons goles da horrível cerveja

amarga e ri sozinha com a ideia de futuramente ter vontade de fazer as necessidades básicas.

E me senti feliz, poderosa. Pela primeira vez em tanto tempo me senti Morte novamente. Minha maravilhosa aldeã-soldado dormia pacificamente em segurança; a guerra, eu tinha certeza de que seria vencida; havia uma refeição pobre e humana à minha frente e meu sonho acordado de que eu ia ter sensações vívidas na pele de outras pessoas nos dias que viriam.

Entrou um homem pela porta, no meio da madrugada. Olhou assustado para mim, vasculhando em sua memória por uma lembrança das nobres da corte. Não. Eu tinha algo diferente. Um ar exótico, como se mesmo sem querer eu demonstrasse que não era humana, por mais que tentasse. Ele estava bêbado o suficiente para não notar que minha pele era mais pálida que a de um cadáver, e meus olhos negros como um poço sem fim. Um sorriso machista rasgou-lhe os lábios que, confiantes, disseram:

– Boa noite, madame. Veio nos ajudar a vencer a guerra ou apenas entreter soldados honrados e batalhadores?

– Vim apenas ver meu amor, soldado – disse num suspiro, sem olhar para seu rosto, servindo-me de um pouco mais de cerveja. – Sugiro que restrinja sua curiosidade ao que sua filha está fazendo agora, longe de você. Ela é bastante despudorada, sabia?

Ele se sentiu desconfortável, e passou por sua cabeça que alguém poderia ter me contado aquilo ou que eu tivesse inventando.

– Como sabe que eu tenho uma filha, madame? Vejo que se interessa por minha vida então. Quer saber mais sobre ela?

– Interesse-me por todas as vidas, senhor Rouvon. Agora, deixe-me, por favor, estou no meio de uma refeição e não sei quando será a próxima.

Arrogante, sentou-se à mesa, apoiando seu elmo ao lado da minha caneca.

– Mas se sabe até meu nome, madame, não posso deixar de me aproximar e simplesmente ignorar o fato de uma mulher tão bela me conhecer. Já nos vimos? Talvez em alguma das cortes que frequento... Sou muito amigo do marquês de...

– A única corte que você frequenta, soldado, é a sala de seu prostíbulo preferido. Aquelas mulheres são o mais próximo de uma nobre que você vai chegar.

– Você me ofende e sabe coisas sobre mim, sobre minha família e meus costumes. Eu nem sequer sei seu nome. Diga-me, bela dama. Diga-me qual é.

Aproximou-se, inclinando-se um pouco sobre a mesa e fazendo menção de tocar minha mão. Afastei-a com um movimento brusco e finalmente olhei para ele. Olhei fundo nos olhos dele, fitei sua alma com meus olhos de íris totalmente negra, que não refletiam as luzes ao redor. Ele se afastou instantânea e instintivamente. Baixei os olhos novamente.

– Quem é você? Ordeno que me diga agora – bradou assustado, desembainhando a espada e espremendo seu cabo entre os dedos trêmulos como um animal amedrontado.

Não respondi.

– Uma bruxa! Uma bruxa que veio para corromper nossas esperanças e nosso coração! Dê-me uma excelente razão para não encerrar sua vida agora.

Levantei-me, erguendo meu rosto lentamente, lento demais para um humano. Aproximei-me dele, forçando-me contra seu pavor.

– Isso não será possível, soldado. Já estou morta.

Se existia espaço em sua mente para ampliar ainda mais seu pânico, ele foi preenchido. Tremeu com o calafrio estranho que lhe percorreu os ossos, cerrou os dentes e investiu sua espada contra mim. Deixei que me acertasse.

A lâmina fria atravessou-me o ombro, rasgando pano e carne, produzindo uma dor que, para mim, era ínfima. Ele não se deu ao trabalho de puxar de volta a espada, deixou-a alojada em meu corpo. Olhou ofegante para meu ferimento e então para meu rosto inerte, para meus olhos sem dor. Puxei a espada, sem deixar nenhuma gota do meu precioso sangue pingar no chão. Fechei meu ferimento sem me movimentar. Meu vestido e minha pele se refizeram intactos em segundos. Finquei a espada na madeira do assoalho num gesto brusco e continuei:

– Não me aborreça, soldado. Vá dormir.

O soldado murmurou algumas palavras sem sentido e disparou pela porta. Correu para seu leito ao ar livre. Atirou-se em suas cobertas, dizendo para si que aquilo não era real. Demorou para dormir, mas conseguiu com muito esforço esquecer o que seus olhos haviam presenciado – o olhar da Morte. Muito mais poético que assustador.

Dormiu um sono leve, febril, louco. Teve pesadelos.

Não quis que ele acordasse.

Mal havia clareado o céu, gritos ecoaram pelo ar:

– Levantem-se! Vamos! Devemos agir! Devemos agir! Acordem! Hoje é o dia de nossa glória! Agora é o momento de nossa retomada! – Jeanne andava apressada entre os homens, empurrando-os e removendo-lhes as cobertas, ansiosa pelo começo da batalha, motivada por sua fé certa, por seu extraordinário patriotismo e pela vontade divina.

Seus homens ergueram-se; comentavam entre si que o que ela desejava era loucura, dando de ombros para sua missão celestial. Mesmo assim, pegaram armas, trajaram armaduras e seguiram para uma formação desorganizada de combate.

Com o movimento das tropas francesas, as sentinelas inglesas acordaram seu exército. Enviaram comunicados a seus superiores de que os franceses se preparavam para um ataque.

– Eles estão loucos? Não têm a menor chance contra nós! – bradou um oficial inglês, vestindo suas roupas às pressas.

– Não sei ao certo, senhor, mas me parece que eles ganharam renovada liderança – respondeu a sentinela.

– Liderados? Quem viria até aqui para liderar um exército decadente contra nós?

– Não sei, senhor. Mas acredito que seja uma...

– Uma o quê?

– Uma mulher, senhor. Uma garota.

O oficial, embasbacado, deu uma gargalhada.

– Ah! Era só o que me faltava. Acabaram os homens da França, e agora eles mandam qualquer um para morrer em combate. Daqui a

pouco teremos bispos armados com colheres à nossa porta.

Jeanne, ao contrário do que imaginavam, tomou o estandarte francês nas mãos, gritou uma ordem de atenção aos homens sob seu comando e se pôs à frente da tropa.

– Ela é louca? – perguntou baixinho um soldado.

Olhou para o rosto de cada um, em silêncio. Fez um gesto para que ficassem no lugar e aproximou-se do portão inglês, já apinhado de oponentes que riam com a visão da aldeã vestida com roupas masculinas, portando uma bandeira insignificante e uma espada que quase raspava no chão. Respirou fundo o ar pesado. Sentiu a ansiedade mortal da véspera árdua de um combate – e então a esqueceu.

– Ouçam-me agora! – gritou. – Vocês não pertencem a este lugar! Voltem para suas casas! Peço, por favor, que evitem mais mortes desnecessárias. Estas terras são nossas, e é nosso o direito sobre elas! Retornem para suas casas!

Ouviu-se em uníssono uma gargalhada inglesa. Eles não acreditavam no que a garota proferia. Mas não demoraria até que não tivessem mais tempo de acreditar ou pensar a respeito.

– Este é meu último aviso! – gritou Jeanne, ainda mais aguda, porém um tom cruel envolvia suas palavras. – Voltem para suas casas em paz! Voltem, ou vou lavar as ruas de Orleans com o sangue de cada um de vocês!

Eu mesma fiquei surpresa com a mudança na voz dela; algo por demais sutil, mas perceptível para mim. Era como se ela, secretamente, estivesse sendo envolvida pelo ódio que até então estava guardado dentro de seu peito. A resposta de seus inimigos selou seus túmulos naquela manhã.

– Volte para o inferno, vadia!

Jeanne fechou os olhos e, mesmo sem nenhuma experiência, sacou sua espada e a ergueu no ar, fazendo retumbar um grito de glória no peito de cada um dos soldados. Incrédulos, sua opinião começava a mudar. Se ela era ou não uma mensageira divina, isso já não mais importava.

– Ataquem! Venham! Ataquem! – berrou ela aos seus. – Vamos derramar a luz divina por este campo e expurgar o mal que comina nosso povo!

Avançou contra o portão sob os gritos dos soldados franceses, já de armas em punho. Em sua certeza abençoada, ela sabia que tudo ficaria bem. Ela era uma mensageira divina afinal. Correu contra a morte certa como se soubesse que nada poderia afetá-la e que eu estava lá para garantir que nada perfurasse a pele macia de minha amada sagrada. Correu de encontro aos primeiros ataques, à primeira onda de flechas disparadas.

– Muito bem – murmurei baixinho –, vamos brincar.

Flechas inglesas voaram em sua direção, mas a natureza já não era mais um mistério para mim. Um forte e repentino vento as desviou, e elas atingiram somente partes protegidas das armaduras francesas. Uma arma de cerco do exército francês foi disparada de forma irresponsável e sem perícia. Teria sido inútil se eu não tivesse desviado mentalmente a pesada esfera de pedra que avançava em velocidade. O impacto no portão frontal foi certo, destruidor. Um tiro de muita sorte, disseram. Estraçalhado, o portão foi facilmente derrubado, permitindo a passagem dos diversos soldados que seguiam a estranha aldeã, armada como um deles e gritando exaltada à frente das tropas.

Alguns inimigos investiram contra ela, assustados com a fúria do ataque. Soldados franceses a protegeram, atravessando couro e carne com suas armas letais. Aos ingleses, permiti apenas que obtivessem um instante de sucesso contra meu amor, somente pela curiosidade de saber como ela se sentiria. Jeanne não sofreu nenhuma mudança de comportamento. Aquele espetáculo de sangue diante dela era apenas a consequência óbvia de suas ações, a terrível consequência de se desafiar a mensageira de Deus e seus soldados sagrados. Sentiu-se como o arauto da inevitabilidade. Sem medo, sem ansiedade, sem pensamentos pessimistas.

Mas ela não era um soldado treinado, jamais havia usado uma espada antes. Quando três soldados ingleses atacaram-na ao mesmo tempo, e sem que houvesse proteção de seus compatriotas,

fui obrigada a intervir. Forcei minha mente contra a dela. Tomei conta de seu corpo, de suas sensações. Vesti sua pele em mim. Forcei-a ao sonho incontrolável quando tomei sua alma para mim. Respirei seu ar. Senti seu pulso.

O barulho de milhares de pessoas gritando era ensurdecedor, intensificado pelo som de metal contra metal. Meus olhos viram os três combatentes que, com espada, lança e mangual, desejavam ver-me ensanguentada, estirada no chão sujo. Não pude captar seus pensamentos nem suas intenções por estar focada demais em Jeanne. Não tinha pensado nisso. Eu não conseguia usar toda a extensão de meus poderes enquanto dominava o corpo da bela donzela devota. Felizmente, era a própria Morte que segurava a espada.

Num movimento muito rápido, fazendo uso dos ágeis e resistentes músculos da jovem de dezessete anos, rasguei um deles com um golpe horizontal na altura do peito, girando o corpo e me esquivando dos golpes dos outros dois. Atravessei a lâmina em suas costas para garantir que ele não mais ameaçaria outra pessoa. Os espinhos da esfera de ferro do segundo soldado inglês passaram a poucos centímetros de meu rosto num novo ataque. Saltei para o lado para me esquivar da afiada lâmina do terceiro. Agarrei-o pela gola da armadura e puxei-o com força, fazendo-o perder o equilíbrio. Outro ataque do soldado armado com o mangual, que, errando o alvo, fez com que sua bola de ferro se alojasse no rosto de seu aliado, que usei como escudo e soltei ao chão para seus últimos momentos de vida. Agachei, e a corrente do mangual passou zunindo acima de minha cabeça, num grito feroz cheio de raiva. Avancei contra ele num salto, atravessando-lhe o queixo frágil com minha espada, exaurindo instantaneamente o sopro de vida daquele corpo.

Vi claramente os ingleses, aterrorizados, saltarem por cima de cercas, muros e janelas em uma tentativa de evitar suas mortes prematuras. Outros, após assistirem ao que fiz com seus companheiros, desviaram suas rotas de ataque para me evitar.

– Matem-nos todos! – gritei, fazendo minha voz ser ouvida através da garganta de Jeanne, sem me importar se iriam perceber. – Que

eles sirvam de exemplo! Hoje não faremos prisioneiros; em vez disso, escreveremos com seu sangue nossa carta de apresentação!

Notei que alguns soldados franceses perceberam a diferença na voz. Mas no calor da batalha isso não fazia diferença. É provavelmente apenas uma impressão errônea.

A palavra "misericórdia" nada significava naquela manhã. Minha espada mergulhou naqueles corpos em movimentos inesperados. Ataquei diversos deles, sem dizer palavra alguma, sem gritar, sem exibir fraqueza ou indecisão. Fui precisa, ágil, mortal. Fui eu mesma num corpo possuído.

Alguns oponentes conseguiram fugir, em pânico, daquele extermínio. Isso estava nos meus planos. Eles espalhariam a notícia e dariam início à fama da aldeã-soldado que liderou os franceses na batalha de Orleans. A mensageira de Deus. A mensageira da Morte.

Quando os inimigos remanescentes caíram sem vida, libertei de meu controle o corpo da garota. Assustada e respirando profundamente, como se acordando de supetão, largou a espada e tentou se localizar, tentou focar sua mente no que acabara de acontecer. No entanto, não se lembrava de absolutamente nada; não se lembrava que, aos olhos de seus aliados, ela fora a morte em pessoa.

– Vitória! Vitória! – gritaram os franceses. – Graças a Jeanne! Viva! Viva a mensageira de Deus! Viva nossa esperança em corpo de mulher! Viva a Donzela de Orleans!

Ela sorriu e não fez mais perguntas. Tudo fora tão rápido, afinal. O importante é que Deus a havia ajudado na guerra. Cumprira sua promessa. Sentiu-se mais devota, mais divina, mais iluminada. A mensageira. Sem questionar seus atos, sem pesar em seu coração.

Retirei-me dali. Alcei-me ao céu até obter uma boa distância da alegria dos soldados à custa de morte inglesa. Deixei-a sozinha em seu momento de glória para pensar um pouco. Pousei na relva de uma colina próxima, de onde se tinha uma visão distante mas clara do local da matança. Enviei as ordens necessárias para meus anjos limparem as novas almas desgarradas e encaminhá-las ao apropriado ponto de julgamento.

Parei para refletir um pouco sobre minha interferência no livre-arbítrio dos mortais. Teria eu realmente mudado o curso da história ou apenas feito o que era necessário? Teria eu realmente feito o que desejei ou fui novamente manipulada pelo Maldito, por Lúcifer, por Destino ou por quem quer que fosse? Depois do que me acontecera mais de mil anos antes, eu poderia duvidar de tudo. Afinal, em meus três mil e quatrocentos anos como morte, eu mal sabia como funcionava o mundo, como funcionava a vida em si.

Eu apenas sabia que os mortais viviam na Terra para aprender e, depois, deveriam ser levados ao Limbo para julgamento. Se ainda tinham mais para aprender sobre a maravilha da Criação, voltavam para o mundo, continuando o aprendizado; caso contrário, poderiam escolher para onde ir: Céu ou Inferno. Mas o que existe depois disso? A vida se resume a Terra, Limbo, Céu e Inferno? Quanto tempo uma alma fica nesses lugares? A eternidade? Ridículo! Eternidade é muito tempo. Nem eu teria aguentado todos esses milênios se não fosse por minhas obrigações como Morte, meus poderes e a capacidade amplificada de desfrutar da Criação como quiser. Nenhuma alma mortal poderia suportar ficar no mesmo lugar, onde quer que fosse.

Eu já não aguentava mais. Tive saudade de minha vida mortal; uma saudade forte de ser importante para outra pessoa, como fui para minha mãe. Como será que eu seria como humana novamente? Minha pele voltaria a ser dourada e áspera? Ou teria minha atual aparência um pouco fantasmagórica? Não havia resposta para minhas dúvidas.

Pensei em Jeanne novamente. Um amor impossível por uma mortal que nem sequer sabia da minha existência. Ela só pensava em si mesma como emissária divina. Tive até ciúmes de Deus. Fez-me falta a sensação do amor imposto por Destino nas pessoas. Pelo menos naquela época eu sentia que alguém na Terra era apaixonado por mim. É muito ruim não ter certeza sobre uma paixão que não deu certo. Perguntas como "E se tivesse sido diferente?" machucam mais do que deveriam. E se eu largasse de vez a aposta e aceitasse tornar-me humana novamente? Eu escaparia da pena de Destino

uma vez mais? Ou poderia lutar para ter minha adorada Jeanne ao meu lado? Ou, ainda, será que eu teria minha memória secular? Dúvidas. Minha existência se resumia a um monte de fatos interessantes dos quais não participei, enrolados em amores impossíveis que mais machucaram do que trouxeram prazer, enfeitados com um monte de dúvidas sem resposta.

Olhei para o lado. Como se colocasse a mão numa gélida tina de água, estendi o braço, e a realidade implodiu num espaço delimitado, em suaves ondas, dando lugar ao portal para o Limbo. Cheguei a me aproximar dele, mas não tive coragem de entrar. Não ia me dar por vencida. Não ainda. Num gesto, eliminei o portal e descii a colina.

Nas semanas seguintes, influenciei muito pouco a vida de Jeanne. Seu feito extraordinário na batalha aumentou vertiginosamente seu prestígio e a crença de que ela era mesmo mensageira de Deus. Sua coragem e sua determinação realizaram o milagre de erguer das cinzas o espírito abatido da França, num sopro cívico que se espalhou pelo povo. Mesmo entre os soldados inimigos a ideia de que ela era uma emissária do Divino foi disseminada, causando medo e aflição diante da simples pronúncia de seu nome.

E assim a famosa Donzela de Orleans ganhou prestígio, graças aos servos do Divino, respeito e admiração por parte de seus aliados. Ela fez parte de grandes eventos e conflitos e até levou o rei Carlos VII a ser coroado na catedral de Reims, como mandava a tradição da realeza francesa, em julho daquele ano.

Sua vida corria com nobreza e fartura, tudo era perfeito e completo. Mas havia um detalhe: o amor que eu sentia. Eu continuava apaixonada por uma humana que ignorava minha existência. Tudo o que eu fazia para impressioná-la, para fazê-la pensar na morte e ter a sensação de que esta estava mais próxima do que ela imaginava, era entendido como sinal de Deus!

Tentei diversas vezes. Até invadi seus sonhos novamente, para que ela soubesse que, mesmo sendo uma mensageira divina, eu estaria do lado dela. Ela continuava sonhando com o mesmo castelo que talvez, para ela, significasse o Paraíso, ainda de portas fechadas

por ela não ter cumprido sua missão. Apareci para ela certa noite, em seu sonho rotineiro. Surgi perante aqueles enormes portões em minha forma natural.

– Olá, mensageira – disse eu.

– Olá, Dama de Negro. Você é a guardiã dos portões do Paraíso?

– Não, Jeanne. Eu sou Morte. Sou aquela que recolhe o espólio de sua espada.

– Então acredito que não temos nada a conversar. Venho aqui para falar com Deus. Ele me deseja sempre alerta e sempre por perto.

– Você não teme, aldeã? – perguntei intrigada. – Você não teme que eu permaneça ao seu lado durante todas as horas do dia?

– Não. Por que deveria? Estou certa de que Deus jamais permitiria que você me levasse antes de minha missão estar cumprida.

– E se eu lhe dissesse que Deus não existe? – perguntei ofendida.

– Mesmo sendo quem sou, jamais O vi, jamais falei com Ele!

– Então, senhora Morte, estou num patamar mais alto. Mais próxima d'Ele do que você. Deixe-me a sós agora, não temos mais o que conversar!

Deixei-a. Retirei-me de seu sonho revoltada e magoada. Como ela podia ser tão arrogante? Tive vontade de acabar com a vida dela naquele mesmo instante e provar pessoalmente que sua permanência no mundo nada tinha a ver com sua missão fictícia, fruto de um delírio manipulado. Não importava o que eu fizesse ou deixasse de fazer, ela sempre estava certa de que Deus não permitiria que sua missão falhasse. Senti-me abandonada, trocada por uma fé infundada e vã. Sua devoção tão linda e apaixonante começava a me irritar. Resolvi mostrar para ela o quanto eu estava chateada.

Na batalha pela retomada de Paris, ajudei-a do mesmo modo, tomando o controle de seu corpo e brincando junto com as outras crianças. Matei diversos inimigos da França por simples entretenimento. No auge da luta, porém, abandonei seu corpo no meio do território inimigo. Ela chegou a brandir a espada algumas

vezes, mas sem nada atingir. Foi então severamente atingida no flanco direito por um machado bem afiado, caindo atordoada.

Acordou em uma enfermaria, sofrendo de grande dor, acompanhada somente por uma aia que dela cuidava. Mas nada ocorreu como eu esperava. Ela se pôs de pé e gritou para a mulher chamar o capitão da guarda. Como podiam tê-la tirado do campo de batalha? Que ousadia! Como podiam privá-la de exercer a Justiça Divina? Quem eram eles para julgar se ela estava ou não em condições de lutar?

Seu ferimento somente serviu para ampliar o sentimento patriótico do povo francês, mesmo com o fracasso na retomada de Paris.

Eu me senti sozinha, mais uma vez. Senti na pele a tristeza que de tempos em tempos me acompanhava. Amor não correspondido. Tão amplo, tão doloroso. Eu estava prestes a perder uma aposta tola – não por me entregar a um romance com um mortal, mas por um estúpido amor não correspondido. Você poderia ter sido menos malicioso, Destino.

Sentada na praça do mercado de Rouen, numa madrugada de janeiro de 1430, eu, Morte, me pus a choramingar baixinho.

Meu sentimento extrapolou a razão. Tornou-se físico, sob a forma de um líquido que brincava de desenhar sua rota trágica pelo meu rosto e terminava por se jogar ao chão, estalando em frágeis respingos. Então até Morte podia chorar, mesmo depois de ter prometido nunca mais fazê-lo, como uma menina adolescente. Doía demais. Machucava como o fogo que consumiu meu corpo mortal no Egito antigo. Como me livrar daquele amor que me feria a alma? Como poderia eu matá-la e livrar-me dela se a admirava tanto? Que lugar do mundo ofereceria conforto senão ao lado dela, mesmo que ela não sentisse absolutamente nada por mim?

– Nenhum lugar na Terra vai dá-la o conforto que deseja, minha querida.

Sua voz me penetrou como um beijo saudoso. Meus olhos ainda expurgavam as lágrimas do meu coração para a brisa noturna quando, como também não fazia havia tempos, sorri delicadamente.

– Sendo assim, que prazer posso ter nesta existência amaldiçoada? – perguntei, sem me mexer. – Se é que existe tal prazer...

– Claro que existe – ela respondeu, suave como sempre. – Basta saber onde e como procurar. Eu particularmente acredito que o que você precisa não é de fé ou devoção à Criação Divina, muito menos de alguém que a despreze.

– Você acredita, é? Então me diga: do que eu preciso?

– Não é simples? Você precisa de diversão carnal, física! Em outras palavras, uma boa noite de amor, bebida e violência.

Ri.

– Quanto à violência, isso é fácil. Digamos que matar é um dos meus pontos fortes. Já explorei a mente de tantos guerreiros, que foi quase como hobby que aprendi a perícia de ferir. Agora, como posso me envolver numa noite de amor, Senhora do Caos?

Levantei-me sorrindo, olhando diretamente em seus olhos, coloridos e brilhantes sob seu cabelo repicado e despenteado. Seu vestido rasgado, cheio de remendos e cortes, balançava gracioso. Ela veio até mim; seus lábios carnudos e deliciosos muito próximos dos meus.

– Você já sabe a resposta, Morte, minha querida. Você pelo menos deve imaginar.

– Como você soube que eu estava aqui? Como soube que eu estava triste a ponto de chorar?

– Pode-se dizer que uma das estrelas que fazem a aurora despertar contou-me.

– Então ele não é o desgraçado que eu imagino. Sei que você não viria aqui se percebesse que as intenções dele eram me ferir ainda mais.

– Ele não é a criatura cruel e sem escrúpulos que você imagina, Ahmnat. Ele apenas faz o que acha interessante. Ele, como eu e você, tem um propósito no mundo e o segue à risca. Não o culpe por seus atos passados. Ele fez o que deveria para ajudá-la a vencer a aposta. Ele fortaleceu você.

– Todos merecem uma segunda chance? É isso o que quer dizer?

– Não. Quero dizer que todos merecem a chance de tentar de novo. Ele teria vindo, mas não tinha a certeza de que você se manteria sã.

– Era só o que faltava, não? – disse com um sorriso sarcástico. – O Diabo tem medo de mim. O Príncipe das Trevas tem medo da Morte.

– Pois é, Morte. Por isso eu sempre disse para você agir como tal.

– Ao amor e à violência então, majestosa Senhora da Desordem!

– Vamos, pálida ameaça à vida humana. Vamos nos divertir.

Num piscar de olhos, estávamos em frente a um prostíbulo de alta classe na capital inglesa. Um lugar maravilhosamente decorado com veludo vermelho e móveis de exímia feitura. O salão principal, de teto alto, aconchegava nobres de vasta riqueza que, noite após noite, se banquetavam com as belíssimas cortesãs. Uma escada larga de madeira, coberta com um elaborado tecido oriental, levava para os cômodos os casais de amantes.

– Você sempre me fascina – disse. – Estive nesses últimos tempos matando ingleses das mais diversas formas, por diversão, e agora você me traz aqui para me divertir sendo um deles.

– Sim, achei que você fosse gostar. Dá uma certa ironia caótica aos eventos. Mas, antes, sou obrigada a perguntar: está pronta para isso?

– Claro que não! – respondi de imediato. – Como poderia estar pronta para algo que só conheço por teoria, sensação e observação? Talvez a pergunta certa seria se eu quero realmente fazer isso, e a resposta seria: oh! Sim, e como quero!

Ela riu e colocou um dos braços em volta da minha cintura.

– Então chegou seu momento. Que corpo deseja possuir? Um homem ou uma mulher?

– Uma mulher. Vamos começar pelo básico – sorri. – Digamos que como mulher eu vou saber melhor o que fazer. Ou não. Estou confusa. Sim, uma mulher.

– Muito bem então. E quem será a vítima de sua vontade reprimida?

– Depende. Você estará também no corpo de alguém, seja essa pessoa quem for?

Minha pergunta ousada a deixou um tanto constrangida e surpresa.

– Não esperava por isso, Morte. Mas sem dúvida é grande a tentação – disse ela, respirando profundamente e parando para pensar.

– Não é uma intimação, quero que entenda. Jamais gostaria de fazer isso sem seu total consentimento, ou melhor, sem ter certeza de que também tem vontade de fazer isso. Chega de amores não correspondidos por hoje.

– Muito bem então. Eu também quero. Possuirei um mortal para satisfazer os desejos que lhe embaralham a mente. E o corpo. Quem você quer que eu seja? O que acha daquele cavalheiro vestido de cinza escuro ali no canto, próximo ao candelabro?

– Não. Ele não é decente o suficiente. Além do mais, ele já fez coisas muito duvidosas na vida e possui valores morais incoerentes com seu comportamento. Sua hora não tarda a chegar. Acho até que terei de vir buscá-lo em breve.

– Incrível como você está ágil na leitura de mentes mortais, Ahmnat. Da última vez que nos vimos, você era uma garota indefesa.

– A garota indefesa teve uma ótima professora. O que acha daquela deliciosa jovem próxima à entrada? – perguntei, apontando para uma moça ruiva de beleza singular, com os cabelos não muito arrumados, que trajava um vestido azulado, apoiada no balcão da recepção.

– Ela faz você se lembrar de alguém? – perguntou irônica.

– Sim. De uma entidade maravilhosa. Uma entidade que precisa de lições de disciplina.

– Muito bem. Então exijo que possua aquela outra moça, ali no mezanino – apontou para uma mulher que sem dúvida se parecia comigo, de vestido e cabelos negros, pele bem pálida e olhar marcante.

– Então vamos?

– Depois de você, minha querida – ela disse, fazendo um gesto cordial.

Abracei a mente da garota com toda minha vontade, concentrando-me ao máximo para sentir absolutamente tudo o que ela sentia, infligindo minha mente sobre a dela com todo o meu poder. Não queria perder nada daquela noite que ficaria marcada tão vívida na minha memória.

Agarrei firme o metal dourado da grade do mezanino. Caminhei até a precipitação da escada e aguardei a maravilhosa senhorita de azul subir pacientemente cada degrau. Estendi-lhe a mão, cordialmente, para ajudá-la nos últimos passos.

– Olá senhorita, muito prazer. Meu nome é Ahmnat.

– Muito prazer, cortesã Ahmnat. Eu sou Vidhora – respondeu, dobrando-se em cumprimento. – Gostaria de me entreter esta noite com as maravilhas que seu corpo pode proporcionar?

– O prazer será meu, senhorita.

Mal tranquei a porta de um quarto muito bem decorado, com a cama envolta em lençóis de cetim, e Vidhora abraçou-me gentilmente pelas costas. Virei-me delicadamente, desfrutando seu toque gentil, e passei as mãos em seu rosto. Segurei-a pelo queixo e deixei-me levar no primeiro beijo da minha conturbada existência.

Não existem palavras no mundo para descrever a sensação daquele beijo. Nossos lábios se entrelaçaram de forma tão delicada, tão charmosa, tão sensual! Entrei em um estado de êxtase indescritível, num mundo de sonho e fantasia que parecia não ter limites. Por quase um minuto me perdi nos braços dela e desejei morrer ali mesmo. Teria valido a pena.

De repente, ela me afastou de um jeito brusco, respirando fundo e cambaleando para trás. Apoiou uma das mãos no baldaquim da cama e olhou para mim assustada.

– O que houve? – perguntei aflita. – O que aconteceu? Há algo errado?

Ela respirou fundo mais uma vez e baixou a cabeça. Correu os dedos entre os cabelos e se pôs ereta novamente, sorrindo.

– Por todas as almas do mundo! Não é à toa que até o Diabo tem medo de você!

– O que eu fiz? Não entendo o motivo de seu riso. Estava apenas atravessando um dos momentos mais perfeitos da minha vida.

– Você não fez nada de errado, Ahmnat. Você fez algo de humano. Porém, mesmo nesse corpo, mesmo longe de sua completa faculdade mental, você ainda exerce parte de seu poder. Eu também estava envolvida em seu beijo, que, diga-se de passagem, foi muito, muito bom, mas graças a uma fagulha de consciência eu consegui pará-lo.

– Mas, se você estava gostando também, por que pará-lo?

– Para manter essa existência, Morte. Para poder continuar existindo.

– Adoraria uma explicação – respondi, sentando-me na cama.

– Morte, como eu já havia comentado com você durante nossos anos juntas, você possui algo que nenhuma outra entidade possui: onisciência sensitiva. Eu, se desejar sentir o que uma pessoa sente, preciso apelar para o controle mental, único, sobre esta pessoa. Você já possui, naturalmente, as sensações de todas as criaturas vivas na Terra! Você é o ponto de convergência de todos os sentimentos do mundo! Se você desejar, pode se tornar um canal de todo o ódio, de todas as pessoas, e descarregá-lo num só golpe. Assim como você pode passar, através de um beijo apaixonado, a sensação de amor e prazer de todos aqueles que estão fazendo o mesmo no mundo! Você pode até estar acostumada a lidar com sentimentos, minha adorada, porém ninguém mais está! Um beijo seu pode sobrecarregar até o coração de um anjo! Um ataque furioso que se valha do ódio do mundo pode ferir até mesmo Lúcifer!

– Começo a me sentir ainda melhor – disse sorrindo, com uma expressão sórdida no rosto. – Não havia pensado ainda nesse uso para meu poder. Mas eu não estou aqui. Isso me intriga. Eu estou

ainda naquela sala, a seu lado. Somente tenho o controle sobre esta pessoa. Consigo sentir ainda um pouco do que me rodeia por lá.

– Porém, querida, sua mente está aqui. E mesmo focada, mesmo não tendo acesso à escala completa de seus poderes, ainda há um resquício. E esse resquício pode fazer mal. Eu jamais a beijaria como Morte. Seria um agonizante suicídio.

– Entendo, mas, veja bem, não é porque você sobreviveu a meu beijo, Caos, que escapará de meus abraços e minhas carícias pelo decorrer da noite.

– Estou contando com eles, Morte. Mas fique longe da minha boca.

– Não será fácil, espero que entenda. Mas prometo que tentarei conter a vontade de sugar para dentro de mim cada pedacinho de sua alma.

Puxei-a para os lençóis. Ela caiu sorrindo, maravilhosa, ao meu lado, desfazendo uma das amarras de meu vestido.



– *Poderia entrar em detalhes?* – *perguntou* curioso.

– Não – respondeu Morte sorrindo. – Não vou violar a memória daquela noite. Digamos que esta memória é egoísta. Jamais a dividirei com alguém, nem mesmo com você.

– Entenda. Sou apenas humano. Não tenho essa consciência universal da vida e da morte como vocês entidades têm. Então, saber detalhes sobre a noite íntima de duas mulheres maravilhosas é sempre interessante.

– Guarde seus desejos mortais. Talvez um dia eu lhe dê de presente um par de moças belas para sua diversão carnal. Talvez, ainda, eu esteja no controle de uma delas ou seja, de fato, uma delas.

– Isso seria, me valendo de um vocabulário usual, muito legal!! – disse, ajeitando-se na cadeira uma vez mais. – Seria um presente e tanto!

– Mesmo sem minha narração completa sobre nossa noite de luxúria, você deve imaginar o que ocorreu. Foi humano, sensual,

romântico, delicioso. Assista a um bom filme para ajudar na reconstrução dos fatos.

– Mas um filme não se aproximará nem um terço do que realmente vocês duas passaram juntas.

– Disso você pode ter certeza. Foi divino, por falta de adjetivo melhor.

– Então, mudando de assunto um pouco, me intriga muito o fato de o Demônio tê-la ajudado de uma hora para outra.

– Por quê? – Ela estranhou a pergunta.

– Ele deturpou seus anjos e a maltratou, e depois de mais de mil anos vem com isso de querer ser carinhoso com você? Não me parece muito justo.

– Você não entende como Estrela-da-Manhã age.

– Não, não entendo mesmo. Para mim ele é o Diabo, ora! Passei minha vida inteira acreditando que, se ele realmente existia, era um filho da puta.

– Ah! Por essa resposta eu não esperava. Quem disse que ele não é? – disse ela, rindo. – Você me impressiona, meu amor. Mas deixe-me continuar.



Após nossa noite juntas, eu e Vidhora retornamos a nossos corpos originais. Antes de qualquer coisa, antes mesmo de dizer para ela o quanto aquilo havia me feito bem, coloquei um ponto final na vida das beldades que serviram de hospedeiras da nossa diversão. Ninguém mais no mundo ia tocá-las. Elas foram nossas e não seriam de mais ninguém depois disso.

– Incrível – disse Caos. – Era exatamente o que eu ia pedir para você fazer, Morte.

– Eu sei, Vidhora – disse, olhando charmosa para ela. – Foi por isso que o fiz.

– Como soube? – perguntou assustada. – Você não...

– Sim, minha bela companheira, li sua mente sem que você percebesse. Mas apenas os pensamentos superficiais. Não arrisquei uma leitura mais profunda.

– Morte! – disse ela, levantando a voz. – Como ousa? Como ousa ser tão perfeita? Ah! Tenho orgulho de você, minha querida.

– Obrigada, Vidhora. Nada no mundo poderia ter me ajudado mais do que você. Nem mesmo em meu breve encontro com Era me senti tão poderosa e imbatível.

– Que bom que você a conheceu. Lembre-se bem dela, pois provavelmente não vai vê-la novamente. Tomo minha existência como exemplo: em todos os meus séculos de existência somente a vi duas vezes.

– Ela é realmente uma entidade reservada. Muito poderosa também.

– Não tenha dúvidas a esse respeito. Mas chega de pensar no mundo. Ainda há algo que desejo lhe mostrar. Algo que lhe trará a paz que você não encontra entre os mortais.

– Muito bem, para onde vamos?

– Para o Limbo. Como está seu amor pela garota mortal?

– Por incrível que pareça, Vidhora, você me mostrou o quanto não vale a pena sofrer por um amor não correspondido. Por mais que me faça uma torturante falta a simples presença dela, prefiro estar ao seu lado. Você amenizou por inteiro meu amor por uma mortal arrogante e egoísta. Ah! E louca, claro.

– Vamos então ao espaço que lhe foi reservado – disse rindo. – Abra o portal.

Já havia muito tempo que não me dirigia ao Limbo. Passei a me sentir desconfortável lá. Sentia-me como um convidado indesejado numa festa chique. Parecia que algo sempre tentava me puxar para fora. Vidhora apenas me olhou de canto de olho, reprovando meu descontrole emocional. Respirei fundo e joguei os sentimentos para longe, buscando imagens e memórias sóbrias. Algumas poucas que eu tinha.

Navegando pelas ondas astrais, calmamente e em silêncio seguimos para o espaço que, mesmo sem nunca ter usado, eu sabia que era meu, sentia que era meu. Foi instintivo encontrá-lo. E ele estava naquele momento exatamente como eu estava havia alguns anos: vazio e triste.

– Três milênios de existência e nem uma cadeira criada – disse minha companheira. – Vamos garota! Vamos transformar isto aqui num templo em sua adoração.

– É essa a intenção. Mas devo lembrá-la que não sei fazer isso. Sugiro que você me ajude inicialmente, já que sempre foi minha mentora nas situações mais difíceis.

– Como sempre estive, Morte, estou pronta e apta a ajudá-la. Principalmente por eu estar junto a você novamente por uma requisição pessoal de Estrela-da-Manhã; e ele deve ser respeitado. Senti-me quase lisonjeada. Mas vamos nos ater aos fatos: não posso fazer nada por você aqui. Este é seu santuário. Seus poderes são ampliados ao mesmo tempo que os meus são severamente reduzidos. Felizmente, não é mais difícil que controlar as forças mortais, muito pelo contrário. Vamos, deixe de inseguranças tolas e molde o Limbo como você molda o mundo físico.

Nada respondi. Olhei para frente e imaginei uma cadeira a alguns passos de onde estávamos. Desejei uma cadeira. Pouco a pouco, o vazio foi tomando forma, como uma rocha bruta antes do escultor, lapidando-se sob meu poder, tornando-se numa cadeira simples de madeira comum. Vidhora riu.

– Três mil anos de experiência e tudo o que ela me apresenta é uma cadeira sem-vergonha – disse ela. – Uma cadeira ainda mal-acabada.

Olhei para ela franzindo a testa, brincando de estar brava com o comentário sarcástico. Mas ela fez aquilo de propósito. Ela me conhecia mais do que eu a mim mesma e sabia ao certo o que era necessário para eu me mexer. Um desafio. Uma reprovação.

Meu vestido se expandiu em violentas ondas quando estendi os braços ao lado do corpo, de olhos fechados, compelindo meus dons a me servir! Sob meus pés, num estampido rápido, mármore negro começou a se espalhar em círculos, formando impecável assoalho, como um leque nas mãos de uma dançarina exótica. Inúmeras pilastras cilíndricas elevaram-se imponentes para segurar o teto que já se manifestava físico, com sua cúpula de vitral negro e púrpura. Paredes circundaram o enorme espaço, e, nelas, tapeçarias

deslizaram para fins de decoração e lembrança. A mobília estofada, revestida de couro negro e adornada com finas linhas de prata e ouro, além de alguns poucos ônix, foi desenhada no ar com modesta maestria, lembrando claramente os móveis ingleses de onde acabávamos de sair. Focos de luz tremeluzente de velas que jamais se apagariam foram espalhados pela sala no mesmo instante em que outros detalhes eram acrescentados. Em poucos minutos, o vazio do Limbo se transformou num dos mais belos palacetes góticos que alguém já teve o prazer de apreciar. Fui aplaudida suavemente, sem muito esforço ou empolgação.

– Estas palmas são para seu poder e para a velocidade de seu aprendizado. Quanto à criatividade, não esperava menos de você. Ficou muito bonito, claro, mas acredito que não fez mais que sua obrigação. Só penso que alguns móveis poderiam estar mais espalhados ou serem mais rústicos. Porém até nós entidades temos nosso próprio gosto.

– Você tinha razão. Eu realmente me sinto muito bem aqui. Sinto-me mais forte, mais segura, mais calma.

– Sim, eu sei. Mas nunca se esqueça de que, por mais que você consiga controlar seus anjos daqui, o toque das emoções, a sensação das almas ainda é muito mais forte no mundo vivo. Por isso você se sente mais segura aqui. Você precisará ainda passar a maior parte de seu tempo entre os mortais se desejar continuar a ser a excelente Morte que já é. Use este lugar para, digamos, descansar.

– Excelente Morte? – indaguei, duvidando de minhas capacidades.

– Não faça essas brincadeiras, Vidhora. Todos nós sabemos que sou uma Morte, no máximo, razoável. Morte deveria ser sempre fria, segura, confiante... pelo menos a meu ver.

– Você não poderia estar mais enganada. – Olhei surpresa para ela. – Você é perfeita. Você é Morte e você sente e você se importa. Não digo se importar com alguns mortais patéticos e com aqueles que se julgam imortais. Refiro-me aos mortais que se destacam, que acreditam e que veem no mundo a real maravilha da Criação como você percebeu há tanto tempo. Não gosto de citar nomes, mas

Hrokel era horrível. Ele se julgava superior e imbatível, como o imperador do mundo. Ele enxergava a Criação como domínio seu, e esse foi um dos motivos que o fizeram ser subjugado e destruído por Destino.

– Então foi verdade mesmo? – perguntei curiosa. – Era também me disse que sou temida, que se eu descobrisse meus verdadeiros poderes ninguém poderia me parar. É real esse medo que entidades poderosas sentem de mim?

– Sim. Temo que sim. Temo pois acredito que isso ainda vai lhe trazer problemas. Mas fique tranquila. Provavelmente, após sua primeira noite aqui, você perceberá muito seus dons e você mesma. Durma. Voltarei a encontrá-la aqui amanhã pela manhã.

– Muito bem. Até amanhã então.

Caos se retirou. Não que eu me sentisse cansada, mas eu queria experimentar, absorver aquele novo ambiente, sentir-me bem ali. Fiz como ela sugeriu. Imediatamente após sua partida, estirei-me na confortável cama coberta de lençóis de seda negra e fingi ser uma mortal exausta do trabalho mundano. Deslizava as mãos pelos panos finos, sentindo sua textura macia e sua delicadeza. Brinquei com tal situação. Sentia-me muito bem ali. Percebia que meus poderes a cada minuto se ampliavam e pulsavam fortes dentro de mim. Sorri, provocando-me uma sonolência e entrando em um estado de transe parecido com o sono mortal. É como estar acordando ou no limiar da consciência sem chegar a dormir, mas relaxante assim mesmo.

Não tive sonhos. Mas acordei com a sensação estranha de ter ouvido vozes. Vozes dentro da minha mente. Será que eu havia escutado anjos ou outras entidades que estavam no Limbo? Afinal, meu novo santuário aumentava meus dons exponencialmente, a níveis que eu desconhecia! Eram vozes dispersas, vagas, talvez até pensamentos ocultos. Sensações.

Ignorei. Não estava mais com paciência para perder meu tempo com dúvidas. Eu tinha uma lição para dar à garota mimada. Enquanto eu imaginava o que fazer, aguardei a chegada de Caos. Juntamo-nos novamente algumas horas depois e trocamos o Limbo pelos campos franceses.

O cheiro pesado de sangue e morte imperava. A terra estava inundada com a podridão humana da guerra. A podridão de pessoas que davam a vida por desconhecidos, que lutavam por uma causa incoerente. Espadas, corpos e lágrimas derrubados e partidos por milhas e milhas, misturados a terra e sujeira.

O exército francês se punha próximo a Compiègne, aguardando a chegada da mensageira para criar uma estratégia de ataque. Naquela noite, Chaos olhou carinhosa para mim e disse:

– Interessante, não? Você sentiu um amor por ela muito mais forte do que já sentira por outro mortal em tanto tempo de existência, mas agora se sente compelida a traí-la.

– Não vou traí-la. Vou vingar-me.

– Vingar-se de quê? Ela nunca pediu sua ajuda. Foi você que prometeu a ela uma missão divina que não será cumprida.

– Não diga bobagens, Chaos. Tanto eu como você sabemos que a guerra mudou de lado. A França já está do lado vencedor e certamente sairá vitoriosa. Principalmente quando Jeanne morrer.

– Você vai transformá-la em mártir...

– Sim – interrompi. – Vou transformá-la em mártir. No último episódio de amor que vivi, percebi que isso realmente funciona. Mas não faço isso pela França, óbvio. Faço isso por mim. Dei-lhe minha palavra de que ela seria o instrumento santo que viraria a maré da luta, e isso eu fiz. E não pense que vou vingar-me dela. Tenho plena consciência de que jamais nenhum mortal seria assim, tão atraente, se não fosse pelo impecável trabalho de Destino. Ele se aproxima da perfeição a cada dia, e não possuo certeza alguma de que posso vencê-lo. Sentindo as coisas como sinto, olhando o mundo como olho, é impossível ignorar certas coisas. Esses amores que ele criou, esses humanos peculiares, de detalhes tão diferentes, estão cada dia mais apaixonantes. Não será consolo nenhum para mim fazer a garota sofrer, e nem sei se Destino se importa com isso. Sei que ele fica chateado quando perde suas exímias criações. O que me deixa duas escolhas: amá-la e ser uma humana novamente para viver uma vida curta e sem esperanças, ou matá-la e continuar existindo como

poderosa peça nas grandes engrenagens que giram o mundo. Acredito que nem todas as besteiras sejam justificáveis por amor.

– Você tem razão, Morte – disse ela olhando para longe, num tom baixo e calmo. – E, além de não ser de meu costume intrometer-me no trabalho de entidades, principalmente de uma entidade poderosa que gosta de se intrometer no curso natural das coisas, não posso esquecer que estou aqui por um pedido formal de Lúcifer para ajudá-la. Só aguardo seu sinal de comando, Senhora das Almas.

– Sinto-me lisonjeada, Caos. Agradecerei Estrela-da-Manhã assim que o vir novamente, antes de arrancar-lhe a garganta por ter distorcido meus anjos.

– Você deve estar se sentindo realmente espetacular. O que deu em você hoje? Lembre-se de que, acima de tudo, ele é um anjo treinado. Sua espada é mais afiada que as máquinas de Destino. Você deveria ao menos conseguir uma arma à altura se pretende lutar com ele.

– Caos, que tal deixarmos isso para depois e trabalharmos numa batalha que está para acontecer em alguns dias?

– Estou sob suas ordens, comandante! – disse ela séria. – Quais são as diretrizes?

– Não entendo como você o faz, mas tenho certeza de que você entenderá o que desejo. Assim que o combate for iniciado, cause desconforto para os ingleses para que Jeanne avance o quanto puder, de preferência até as escadarias do palacete governamental. Então, faça com que os franceses parem de se entender, faça-os se sentirem sós e desamparados. Quero desordem e dispersão no exército invasor. Quando abandonarem sua líder bem atrás das linhas inimigas, eu a abandonarei também. Ela estará solitária e será certamente capturada. Daí para frente cuidarei eu.

– Não tenho comentários a fazer – disse Vidhora, olhando para o céu como se esperasse por algo. – Vamos?

– Como você mesma disse, Caos, me sinto muito bem hoje – sorri de forma vil e sinistra. – Sinto-me poderosa. Gostaria que me contasse mais sobre os anjos que querem me destruir.

Ela olhou para mim assustada. Senti intenso um assombro, um medo emanando do interior de seu coração. Ela se controlou e tentou murmurar algo, porém, coloquei meu indicador sobre seus lábios e aproximei meu rosto do dela. Com minha boca a poucos centímetros da dela, falei, severa, segurando seu rosto delicado com as duas mãos:

– Eu amo você, Vidhora. Amo mesmo. Você me ensinou muito, e ler a mente de outras entidades sem que percebam foi um desses ensinamentos. Então, conte-me sempre o que sabe, pois estou começando a acreditar nessa história toda de eu ser uma entidade temida. Estou começando a descobrir que os limites de meu poder talvez se estendam ao infinito. Eu adoro você. Mas lembre-se sempre de que eu sou Morte. A Morte.

Soltei-a. Ela continuou a me observar aterrorizada com minha repentina frieza, com meu olhar sobrepujante sobre seu rosto. Sentiu-se insegura ao meu lado. Algo dentro de mim quis gritar de orgulho. Caos! Uma das mais antigas entidades agora se sentia insegura ao meu lado! Controlei-me para não perder a razão. Eu sempre a amei e com certeza sempre me lembrarei dela; no entanto, ela deveria parar de tratar-me como uma criança que não sabe o que faz, deveria perceber que todo meu sofrimento emocional era causado por Destino. Ela deveria lembrar-se daquele dia e notar, afinal, que eu havia crescido, não somente como Morte, mas também como pessoa. Como imortal. Aquela noite de descanso em meu santuário foi o que eu precisava para aprender a lidar com a insegurança – e controlá-la.

– Dominarei a garota quando ela chegar – continuei. – Liderarei as tropas sorrateiramente pelas sombras noturnas. Ficarei inconsciente do todo por uns instantes. Vamos resolver isso de uma vez e conversaremos sobre o segredo que você guarda em seguida. Assim que Jeanne for capturada, nós duas iremos para a cidade de Frankfurt, na praça central, onde nos sentaremos e conversaremos.

– Muito bem – respondeu ela –, faremos isso. Mas por que Frankfurt?

Olhei sorrindo egoísta para ela e, com a voz em tom soleno, respondi:

– Oras, pois eu gosto de lá!

Jeanne chegou algumas semanas depois, acompanhada de seu irmão, um pajem e alguns soldados. Murmurei sugestões em sua mente para convencê-la de que a melhor estratégia seria uma invasão noturna, e seus homens, com orgulho no coração e coragem fervilhando nos nervos, acreditaram em suas palavras.

Aquela invasão tornou-se uma curiosa diversão para mim, quando seu exército fora subjugado pelos homens do capitão John de Luxemburgo, responsável pela defesa da cidade. Com sua rota de fuga interrompida pela armada inglesa, combinado ao poder de Caos que semeava a desordem conforme planejado, e Jeanne então lutando descoordenada sem minha influência, sua captura foi óbvia. Uma grande vitória para o capitão e uma conquista exímia do exército inglês.

O corpo inconsciente de Jeanne foi arrastado para o cárcere de Compiègne. Então me ergui ao ar e flutuei suavemente, vindo a pousar sobre uma torre local. Vidhora veio ao meu encontro.

– Pois bem, você conseguiu o que queria. Agora você deseja suas explicações. Frankfurt?

Balancei a cabeça positivamente. Perfurei o tempo e o espaço, e a grama dos jardins da praça central de Frankfurt tocou meus pés. Sentei-me no chão. Minha companheira sentou-se ao meu lado e sem demoras me contou o que sabia:

– Não posso dar informações detalhadas, Morte – disse num tom suave e preocupado. – Apenas ouvi rumores.

– O que é ainda mais engraçado, Caos. Afinal, onde raios vocês escutam rumores? Quando falei com Era, ela disse que estavam falando que sou uma entidade a ser temida, agora você também vem com histórias sobre rumores. Por acaso existe um saguão social para entidades ou uma taverna divina onde os poderosos se reúnem? Como vocês podem ouvir rumores se, em teoria, suas existências estão ligadas ao mundo e mortais não têm esses conhecimentos.

– Quando pedi para que você descansasse em seu novo santuário, foi exatamente para isso. Para saber por conta própria sobre esses rumores.

– As vozes! Eu ouvi vozes durante o meu sono. O que eram elas?

– Na verdade, não eram vozes, e não era sono. Você não estava realmente dormindo. Quando você recupera suas energias em seu local de paz dentro do Limbo, você faz parte de uma comunidade entre nós. O que você ouviu foram apenas reflexos do inconsciente coletivo que reside no Limbo. Se eu estivesse lá naquele momento, também teria ouvido. Concentre-se mais nas vozes em seu próximo sono falso e você saberá o que a maioria pensa.

– Entendo – respondi. – Então, pode-se dizer que o Limbo irradia uma força de pensamento coletivo. O que cada frequentador de lá pensa é absorvido e dividido entre as partes.

– Não é dividido, apenas paira no ar. Você pode captá-los quando está em seu estado de sono astral.

– Isso não faz muito sentido. Será que eles não imaginam que eu possa estar lá dentro e ouvir quando falam mal de mim?

– Ninguém fala mal de você, Ahmnat! Ninguém fala nada. Eles apenas pensam. Sentem. Imaginam. E tudo isso é transformado numa espécie de eco que pode ser percebido por entidades de grande poder. É tudo muito sutil, como você mesma pôde notar.

– Entendo... – fiquei alguns segundos pensando sobre aquilo, de cabeça baixa, abraçando os joelhos junto ao corpo – ...mas diga-me: quem frequenta o Limbo então? Achei que os poderosos não pudessem entrar lá.

– Somente os poderosos não podem entrar lá. Somente ficam de fora aqueles que possuem sensações tão intensas, que são recusados no Limbo. Nós entidades, apesar de possuímos sensações, conseguimos atravessar as barreiras, pois temos como escondê-las e camuflá-las. Eles não. As emoções que possuem são por demais intensas para serem disfarçadas. Sendo assim, eles enviam seus servos. Anjos e demônios, por assim dizer. Seres que não possuem sentimentos, mas apenas ordens a serem cumpridas. Seres que carregam as intenções de seus senhores.

– E, como carregam essas intenções, deixam suas marcas no tal inconsciente coletivo do Limbo.

– Exatamente.

– Pois bem, Vidhora, minha querida. Agora me conte, por favor, sobre essa ameaça que vai me encontrar em breve. Sobre esses anjos que desejam me destruir.

– Você tem desviado demais a continuidade do mundo. Sua influência tão direta sobre a vida das pessoas tem causado certo abalo. Uma coisa é você envolver na vida de uma pessoa, outra é você se envolver no futuro de uma nação. Isso que você fez com Jeanne, ainda mais tendo mentido e fingido ser Ele, deixou-O irritado. Você está dirigindo o curso da história usando a garota, Morte. Acho até que Destino prestou queixas quanto a isso. Pior, você está forçando ao extremo o livre-arbítrio dos humanos, o que dá razão à tese de Lúcifer sobre Deus. Digamos que você se colocou em uma posição muito delicada, minha nobre pupila.

Olhei para ela espantada. Não consegui me controlar. Foi como uma força irreprimível, tão humana, tão natural, subindo pela minha garganta e explodindo deliciosa numa gargalhada fantástica. Ri como uma mulher idiota após o primeiro beijo. Um riso solto. Achei tudo aquilo uma grande piada.

Caos olhou para mim em assombro. Como eu podia rir de uma ameaça de Deus? Como eu podia me divertir com uma séria ameaça de destruição? Fiz questão de não explicar:

– Desculpe-me, Vidhora... – engoli o riso rapidamente, e falei sóbria. – Não consigo acreditar. Passei três mil anos num ofício que realizo impecavelmente, fui atacada, humilhada, traída, usada, e agora, quando começo a me divertir, eles querem me derrubar? Por que só eu não posso brincar com o mundo? E você ainda me diz que Destino reclamou que eu estava deturpando sua arte? Quero que ele morra! Por mim ele pode explodir em chamas! E pode acreditar que é isso o que vai acontecer da próxima vez que eu encontrá-lo! Eles não têm o direito! Quer dizer que ser Morte é simplesmente trabalhar e apanhar, sem momentos de diversão? Desculpe-me, Caos, mas não penso assim!

– Não é uma questão de pensar, Morte! – disse ela em voz alta, nervosa, levantando-se do chão. – A questão é que eles criaram você! Eles mandam em você e podem destruí-la a qualquer momento!

– Ah! Isso é o que eles pensam. Se o Todo-Poderoso não destruiu Lúcifer, não destruirá a mim. Principalmente a mim, já que Ele nunca vai se revelar pessoalmente. Nem sei se Ele pode fazer isso.

– Morte! Você não pode ser tão inocente! – gritou Caos. – Se Ele criou o mundo e a vida e todo o resto, o que faz você pensar que Ele não pode convocá-la? Que Ele não pode vir vê-la pessoalmente?

– Simples, minha caótica companheira: Lúcifer. Ele jamais deixaria o Paraíso desguardado. Ele sabe que Estrela-da-Manhã o ama e respeita; porém, só a Ele. Estrela-da-Manhã é inteligente e ardiloso. E mais, em toda minha existência eu nunca presenciei a Luz Divina. O grande Criador nunca me dirigiu a palavra. Sendo assim, como Ele não pode entrar no Limbo, acredito que Ele também não possa vir para o mundo. Talvez o mundo não suporte todo seu poder maravilhoso. Por isso ele fala por meio de seus anjos e arcanjos maiores.

– Ahmnat – disse ela preocupada e atônita –, desde quando você passou de entidade indefesa à conspiradora do cosmos? Quando a encontrei, você estava em um estado solitário, desamparada; estava péssima. Agora você parece acreditar que pode lutar contra o Paraíso e o Inferno juntos!

– Digamos que andei pensando – respondi calmamente. – Você, Vidhora, por ter tanto tempo de existência e tanta sabedoria alcançada nesses anos, sabe de seu trabalho e sabe de seus limites. Eu não. Talvez eu seja tão especial como Morte porque eu ainda sinto, penso e ajo como uma garota mortal. Talvez tenha sido isso o que despertou a curiosidade de muitos e me compele a fazer o que me passa na cabeça. Você, minha linda mentora, não percebe coisas sutis, maliciosas, no jogo Divino.

– Que coisas são essas que eu não percebo? – indagou, um tanto ofendida.

– Lúcifer não enviou você só para me fazer feliz. Perceba. Ele sabia que quando eu me sentisse bem, após passar uma noite com você e outra em meu novo santuário – e tenho certeza de que foi ele quem mandou você pedir que eu dormisse lá –, eu leria facilmente sua mente preocupada com minha integridade física e perceberia os detalhes. Anjos usam as espadas divinas, não? Como você mesmo me alertou. Basta imaginar onde eu poderia conseguir uma arma à altura.

– Você não quer dizer que...

– Sim, Caos – interrompi, lendo sua mente outra vez sem que ela sentisse. – É exatamente o que quero dizer. Estrela-da-Manhã não a enviou para me agradar. Ele me enviou um convite ao Inferno!

– Mas entidades não podem entrar lá! – disse indignada com minha ousadia. – Nem lá nem no Paraíso!

– Como você sabe? – perguntei arrogante. – Já tentou atravessar os portões de ambos? Sabe ao menos onde ficam? Sabe como chegar até eles?

– Não, mas fui instruída assim! Todos sabem disso!

– Exato – disse imperativa, apontando a mão para ela e descarregando nela um monte de questões sem resposta, que eu sabia que iam deixá-la à margem da loucura. – Será que você nunca questionou a veracidade dessa instrução? E se a mentira for uma simples forma de proteção. Será que todas as entidades têm uma mente servil e vazia de ideias? Será que não foi por eu fazer jus ao livre-arbítrio que foi me dado em minha criação que Lúcifer não me destruiu quando o desafiei? Por eu ser diferente de todas vocês e utilizar não somente a parte divina de meu poder, mas também a parte que me foi presenteada pelo Demônio? Por que eu sou talvez a mais forte entidade viva? Por não ser somente uma entidade escrava, e sim uma mulher que pensa? Responda-me, Vidhora!

Conforme eu falava, aumentando o volume de minha voz gradualmente, percebi que ela foi se sentindo desconfortável e traída. Ela havia me ajudado muito, e eu retribuía chamando-a de fraca e a tratando como uma entidade imatura e sem propósito. Quando bradei a pergunta final, pude sentir seu desprezo por mim,

pude sentir a mágoa quase sólida emanando de seu ventre. Imaginei uma lágrima formando-se multicolorida no canto de seu olho avermelhado, desprendendo-se de seu semblante rude e chocando-se contra o chão. Ela se virou de costas e, sem dizer nada, desapareceu.

Senti-me um pouco culpada. Talvez eu fora ríspida demais com alguém que eu adorava e que havia feito tanto por mim. Porém, mais do que ninguém, eu sabia o quanto se podia aprender com tombos e ferimentos. Havia muito a ser feito. Não ficaria me lamentando nem sairia pelo mundo a procurá-la. Estava certa de que ela viria novamente até mim quando a hora fosse certa. Além do mais, eu tinha de visitar uma prisioneira.

Quebrei a realidade e logo estava em meu novo e impecável santuário, lindamente mobiliado. Realmente há muitas vantagens de se poder tocar a mente dos mais brilhantes mortais. Por falar neles, passei algum tempo revirando as dúvidas infindáveis que eu possuía, pensando em considerar os mortais mais brilhantes e incríveis que o próprio Criador. Afinal, eles criaram artefatos fabulosos que talvez nem mesmo Deus tenha previsto. Poderia eu considerar a maravilha da Criação como obra mortal se os mortais fazem parte da Criação? Um dos meus devaneios que nunca teriam resposta.

Aconcheguei-me entre as almofadas que adornavam minha belíssima morada no Limbo e mergulhei fundo em meus pensamentos. Negligenciei minhas tarefas mundanas por dois dias, o suficiente para causar o impacto que desejava na alta casta de seres envolvidos com a Criação. Pensei muito sobre o que fazer com a garota e no quão linda seria minha vingança. Ao final... desisti. Ela era apenas uma mortal inocente, maculada pela pena do Destino, criada para sofrer e para fazer-me o mesmo. Resolvi dar a ela a chance de pedir perdão e se perdoar, em sua própria fé, com sua própria crença. Absorvi tudo o que podia das forças do Limbo e prestei atenção às vozes de meu desalento. Ergui-me invencível e fui ao mundo como Morte.

Ela estava jogada numa cela imunda e trajava trapos. Dois soldados guardavam-na, imóveis em suas posições de sentido, parados lado a lado da grade que a separava da liberdade. Passei pelos guardas e pela grade, cruzei em passos sóbrios e silenciosos até chegar perto da pobre menina. Numa rápida leitura mental, examinei suas rezas e dúvidas. Ela constantemente se perguntava que motivo Deus teria para ter feito aquilo com ela. Onde ela se encaixava nos planos divinos? O que estava reservado para ela? Sem respostas e beirando uma loucura sem retorno, Jeanne remoeu seus pensamentos sem descanso, sem pausas, até a madrugada, inerte no lugar que a deixaram. Quando tudo a seu redor era escuro e as sentinelas adormeceram, fiz-me presente num canto e sentei-me na única cadeira que existia lá dentro. Chamei-a pelo nome.

– Quem... – ela olhou para a origem da voz, sem conseguir enxergar direito, esfregando a sujeira dos olhos. – Há alguém aí? Alguém enviado pelo Divino para me resgatar?

– Não, minha linda camponesa. Não fui enviada pelo Divino. Vim por conta própria esclarecer algumas dúvidas suas – disse, da forma mais aconchegante possível. Acho até que eu tinha um leve sorriso nos lábios. – Vim ajudá-la a se conformar com seu fim.

– Vou morrer então? – ela pôs a mão sobre o peito, aflita. – Deus me usou e agora não precisa mais de mim?

– Frustrante, acredito, mas você nunca falou com Deus. Aquele dia, no castelo de seus sonhos, você falou comigo.

– E quem é você?! Como ousa se passar pelo Pai? É mentira! Mentira! Você deseja apenas corromper minha fé!

– Isso não é verdade – respondi com a voz que usei para convencê-la em sonho. – Você falou comigo, Jeanne.

Ela se pôs a chorar baixinho. Eu continuei, com minha voz normal, calma e pausadamente:

– Não chore, criança. Você fez apenas seu trabalho, o começo dele. Tenho certeza de que essa era a vontade Divina.

– Como?! – gritou ela. – Como você pode ter certeza?! Como você pode saber? E, ainda, se você diz que meu trabalho ainda não terminou, como posso fazer qualquer coisa de dentro de uma cela?!

– Acalme-se. Se os soldados acordarem, você terá mais problemas do que respostas. Deus não fala com mortais. Ele envia sinais, recados e anjos que carregam sua vontade. Eu fui aquela que passou a você a missão divina de libertar a França, pois essa era a vontade de Deus. Ele, o Pai Todo-Poderoso, pediu-me para que a instrísse e ajudasse.

*Se Deus realmente é onisciente, vou ter sérios problemas* – pensei e sorri por dentro.

– Você me ajudou? – perguntou curiosa. – Como?

– Eu a ajudei na batalha. Segurei sua espada, e, através dela, nós, juntas, dizíamos diversas vidas inglesas.

– Mas eu nunca matei ninguém! Eu somente liderava um exército! Meu propósito era inspirar, e não assassinar!

– E foi exatamente isso o que você fez! Você inspirava as pessoas com palavras. Eu as inspirava com sangue.

– Usando minhas mãos! Como pôde?! Quem é você, afinal?

– Você deseja terminar o que começou, Jeanne? – disse, imperativa, levantando-me e caminhando em direção a ela. – Acredita ainda na força de Deus, em sua fé e na missão divina que Ele lhe incumbiu? Você tem fé suficiente para terminar a libertação francesa como o Criador ordenou?

Ela baixou a cabeça, ainda cheia de dúvidas, pensando sobre o que eu dissera. Seu coração ainda palpitava com a força de sua fé, mas não era acompanhado pelo seu raciocínio de menina, que carregava o peso da rejeição, do problema e do medo do fim. Suprimiu um choro iminente quando respirou fundo, e olhou para mim, diretamente nos olhos.

– Desejo – suspirou a menina, cheia de fé e luz, dando ouvidos somente a seu coração. – Desejo ir até o fim. Desejo ir até os braços do Senhor meu Pai. Sua vontade não pode ser negada e deve ser maior que meu medo. O que devo fazer, misteriosa enviada do Senhor?

– Nada. Não deve fazer nada. Apenas siga seu curso, e mantenha sempre a fé em seu coração. Lembre-se de que o Senhor Todo-

Poderoso está sempre contigo, ao seu lado, dentro de você. Tenha fé Nele – na dor e na glória – e você O alcançará.

– Entendo. Vou ouvi-la sem mais dúvidas tolas ou perguntas inocentes.

– Muito bem, minha querida – disse, tornando-me translúcida e desaparecendo no ar –, prepare-se para o pior.

Filmes e livros podem descrever melhor os acontecimentos seguintes. Jeanne foi levada para o tribunal eclesiástico de Rouen, onde foi condenada por heresia. Ela sempre manteve fé absoluta em Deus e insistiu diversas vezes que Ele falava com ela dentro e fora da igreja. Isso não foi muito bem aceito pelos dirigentes da Igreja, como era de se imaginar. Foi presa novamente e, sob persuasão física dos guardas e soldados que queriam vê-la morta, foi encontrada trajando roupas masculinas novamente, o que acarretou em sua famosa sentença à morte na fogueira, na Praça do Mercado Vermelho. Poucas horas antes de virem buscá-la no cárcere para o ritual de incineração, fui vê-la uma última vez. Toda encolhida num canto como uma criança assustada, muito machucada pela brutalidade masculina, Jeanne suspirava e chorava baixinho, deixando que suas dúvidas a dominassem e temendo o fogo, temendo a dor e o sofrimento pelos quais seria obrigada a passar.

Apareci para ela, ao lado da cama suja, sorrindo suavemente. Ela se levantou e, correndo como uma criança assustada, veio me abraçar. Meu amor. Minha linda camponesa. Seu toque quente e apaixonado, como se eu fosse o anjo de sua salvação. Aquela luz divina que ela emanava era como o calor de uma manhã de primavera num campo florido. Nos abraçamos por vários minutos, parecia que o tempo era algo sem significado. Teria desmoronado junto com ela se não soubesse as consequências, se não existisse Destino, se eu não fosse Morte. Ela esfregou o rosto cheio de lágrimas em meu colo, olhou para mim e murmurou:

– Não aguento mais. Fiz o que me pediu, mas só o que tive em retorno foi dor e maldade. Falhei em minha missão. Vou queimar agora como uma louca sem consciência, como a mentirosa que

nunca fui. Nem mesmo sei por que me sinto tão desamparada, frágil. Nem sei quem você é, além de uma nobre seguidora de Deus.

– Não fique assim. Quem eu sou não é mais importante do que meu intuito. Estou aqui para levá-la até Ele. Vim para levá-la embora deste mundo de dor, sofrimento e morte. Para longe da desgraça, para longe da tristeza. Somente preciso que aceite seu propósito e se entregue a mim, totalmente.

– Eu sou sua, minha salvadora, meu anjo, meu...

– Não diga mais nada! – disse repentinamente, temendo que ela me chamasse de amor. Teria causado dano irreparável em meus planos. Não ousei ler sua mente. – Feche os olhos. Siga as imagens e não pare de me abraçar. Entregue-se por inteiro.

Assim ela o fez, como raros mortais conseguem fazer. Desvencilhou-se da vida por vontade própria, esquecendo toda a dor que lhe foi ofertada no mundo dos vivos. Entrou em um estado de sonho, recebendo de mim imagens e sensações harmoniosas. Seu corpo caiu ao chão, ainda vivo, porém inerte, sem emoção ou consciência. Com a alma de minha paixão imatura nos braços, atravessei a barreira astral, deslizando suavemente no nada e sumindo na névoa alva do Limbo; entreguei-a ao julgamento. Seu corpo sucumbiu em cinzas algumas horas depois, diante dos sádicos olhares do clero.

Jeanne tornou-se mártir, como eu havia desejado. Era o mínimo que eu poderia fazer pelo meu amor, e sem atrair a atenção de Destino, achando que eu havia fraquejado. Senti a falta do toque gracioso dela, claro, mas nada pior do que já havia sentido. Agora, era somente uma questão de esperar pela reação certa de todos. Destino certamente ia criar uma nova vida, um novo mortal. E do jeito que ele estava aprendendo e se aperfeiçoando, eu corria cada vez mais o risco de não conseguir conter meus sentimentos e o vazio que me consumia mais a cada dia.

Voltei ao mundo mortal cerca de dez horas depois de deixá-la, sem saber que eu também estaria sendo julgada em alguma parte do Paraíso. Assim que troquei o universo etéreo do Limbo pelo mundo criativo dos vivos, fui abordada. Estava sobre as rochas de

uma praia espanhola, quando ele veio, sutil, silencioso e macabro, com sua voz indiscutivelmente poderosa. Meu arcanjo preferido, o Maldito.

– O que fazer com você, Morte? – disse ele, às minhas costas. – Você implora para ser destruída a cada dia, influenciando no rumo do mundo vivo como se fosse um brinquedo. O Criador está irritado com seus atos.

– Se o grande arquiteto do mundo está irritado comigo, que venha me dizer isso pessoalmente, Maldito – disse, sem me virar para ele.

– Como ousa?! Quem é você para fazer-Lhe alguma exigência?

– Não é uma exigência, arcanjo. Só quero provas de que Ele realmente existe. Provas que talvez Jeanne possuísse e que nem eu, Morte, possuo. E se Ele não puder vir ao mundo, caso o mundo não suporte Sua presença, vou complacientemente até o Paraíso para escutar Seu sermão.

– Sua falta de fé e respeito são repugnantes, Morte. Dê-me uma razão para que eu não a destrua imediatamente.

– Ah! Posso dar mais de uma, Maldito – virei-me para ele, falando direto em sua mente, revolta com tudo aquilo. Sua silhueta negra moveu-se rapidamente, espantada. Ao que sei, fui a primeira a atingir sua mente, mesmo que superficialmente. Pelo visto, ninguém nunca havia ousado fazê-lo. – Posso lhe dar motivos que o farão compreender meus atos. Vocês não encontram outra alma mortal que seja tão vazia, fria e sem sentimentos como a minha! Do contrário, eu a sentiria. E se Destino forjar uma, acabo com ela antes da puberdade. Sei que Estrela-da-Manhã investiu seu poder em mim durante minha criação; sendo assim, vocês necessitam da permissão dele para me destruir. Por último, mas não menos importante, meu trabalho como Morte é impecável. Tenho total controle sobre meus anjos e sobre as almas deste mundo. Em frações ínfimas de segundo posso incitá-los ao massacre de cada mortal que encontrarem. Como seria a Criação se ela se tornasse um cemitério esférico? Imagine! Antes que você possa proferir meu nome, eu transformo o mundo numa obra de arte mórbida. Mas,

caso você realmente tenha a curiosidade de saber, ataque-me agora, Maldito.

– Sua arrogância é imperdoável, Morte. Eu deveria tê-la feito em pedacinhos quando tive a chance!

– Todos nós cometemos erros que nos fazem arrepender no futuro. Eu deveria ter mandado o Iluminado para o inferno.

– Meça suas palavras, Morte! – bradou raivoso. – Sua ousadia e sua prepotência serão sua destruição! Interfira mais uma vez no curso da humanidade, se fazendo valer de seu ímpeto jovem e de seu livre-arbítrio, que nem mesmo Estrela-da-Manhã em pessoa poderá poupá-la da aniquilação!

Fiz uma grande reverência e olhei-o diretamente nas órbitas brilhantes com um sorriso amargo no rosto. Meu semblante se tornou frio, e, sem expressar emoção alguma, falei:

– Vá cuidar de seus afazeres, Maldito. Você está atrapalhando os meus.

Num grito grave que reverberou pelas pedras e pela água do mar, atirou-se ao céu, exibindo um belo par de enormes asas negras envoltas em sombras. Desapareceu na noite quente da península espanhola.



O POETA

Minha mente estava ocupada demais naquele momento de solidão para pensar nas ameaças e no quão iminentes elas eram. Eu precisava alcançar Lúcifer de qualquer maneira. Obviamente ele poderia ter facilitado todo o processo vindo me encontrar, mas perderia a graça. Ele sempre gostou de jogos e provações e queria ver se eu era capaz de caminhar por entre os portões do Inferno. Bom, eu acreditava que fosse. Mas estava enganada.

Eu poderia ter começado pelas inúmeras e vastas bibliotecas europeias, onde certamente, com tempo, ia encontrar um texto sério no meio da baboseira criada por mentes férteis. Sabia que não acharia um mapa ou algo do tipo, mas pelo menos tinha a esperança de me deparar com algo que me fornecesse uma dica de por onde começar. Mas pesquisar textos quase intermináveis me tomava muito tempo. Entre as vantagens que eu possuía para encontrar rapidamente o caminho, a que mais me ajudou foi minha onisciência sensitiva. Fechei os olhos e prestei atenção em todas as almas que meu poder tocava. Vasculhei rapidamente o rio de sensações que atravessava meu corpo, procurando atentamente pelas almas devotas, cheias de fé e adoração. Eliminei aquelas que eram por demais puras e comecei a encontrar diversos tipos de crenças nos corações dos homens; pessoas que viviam entre a sociedade comum e se passavam por pessoas normais e mantinham escondidos seus reais propósitos. Não demorou mais de uma hora até que eu encontrasse toda uma seita fanática. Uma seita de adoração ao Diabo.

Eles se reuniam em segredo no porão do palacete de um homem do clero, um homem austero e público cujo nome prefiro omitir. Digo apenas que, durante o dia, ele era um bispo católico de grande prestígio. O local de adoração ritualística era uma grande sala de madeira com diversos bancos, já cheios de espectadores, dispostos em círculo ao redor de um imenso desenho, também circular, bem no centro da sala, com gravuras de runas e outras letras em todo seu perímetro. Na área norte da sala, em um altar de pedra que apontava para o círculo estavam dispostos os objetos e artefatos

sagrados que o culto usava para invocar Satã. Atrás do altar havia um quadro com a figura clássica de um demônio imenso – pele vermelha como sangue, chifres compridos e espiralados, pés de cabra e até garras negras compridas – surgindo do centro de um tornado de fogo. Para mim, que conhecia Estrela-da-Manhã, aquilo era quase cômico. Minha curiosidade não me permitiu agir antes que o ritual de invocação começasse. Havia cerca de quarenta pessoas – todas trajando robes vermelhos e negros – sentadas, esperando. O sacerdote pediu silêncio e começou a vociferar, com os braços estendidos ao ar, em latim:

– Senhor das Sombras e das Profundezas do Mundo! Atenta-te a nós mortais nesta noite! Iniciaremos vossas oferendas e imploramos por vossa sabedoria!

Senti vontade de gargalhar. “Senhor das Profundezas do Mundo” era demais para mim. Mesmo assim, mantive-me quieta por mais tempo. O sacerdote acendeu algumas velas, ajudado por seus acólitos, e as dispôs ao redor do círculo. Foi novamente para o altar e ordenou, ainda em latim, que trouxessem a primeira oferenda. Dois homens muito fortes, usando máscaras vermelhas, entraram na sala carregando uma garota jovem pelos braços. Não tinha mais que dezesseis anos. Seu corpo jovem e intocado estava coberto com desenhos e escrituras maldizendo de Deus e do resto dos homens. Colocaram-na nua no centro da sala, entre as velas, e cantaram juntos músicas antigas que glorificavam o demônio. Com um gesto, o sacerdote ordenou que a bela jovem de cabelos dourados fosse amarrada. Ela estava sob o efeito de algum alucinógeno e murmurava coisas sem sentido, palavras perdidas. Babava pelo canto da boca quando mexiam bruscamente em sua cabeça. Com a criança bem presa com correntes que lhe cortavam os pulsos, o grande mestre de cerimônias se aproximou dela, retirou de seu robe um punhal adornado com rubis e outras pedras preciosas, além de ouro e prata, e ergueu-o acima da cabeça.

– Beba, Senhor! Beba do sangue desta virgem pura em seu décimo sexto aniversário. Ela foi preparada para recebê-lo e está pronta para abraçar sua sombra e embriagar sua alma!

Ele baixou a faca até o peito da moça e foi abrindo, lentamente, um corte profundo em sua carne, por toda a extensão do tronco até suas partes íntimas. Ela se debatia, tentando gritar desesperada, mas apenas urros abafados corriam por sua boca. Pareceu-me que eles haviam ferido-lhe as cordas vocais ou até entupido sua garganta com pedaços de pano. Em pânico, a pobre garota sangrava cada vez mais e se cortava nas correntes apertadas. Seu algoz cortou-a mais vezes, em diversos ângulos, e terminou sua festa sangrenta e cruel retirando com as mãos o coração e as tripas da criança sacrificada. Mordeu o coração, espirrou sangue naqueles que estavam próximos, e seguiu com representações sexuais junto ao corpo inerte da vítima. Lambeu-lhe o seio mutilado e esfregou o pênis no rosto dela, enquanto todos cantavam e gesticulavam juntos aumentando o ritmo conforme progrediam no ritual. Ordenei que um anjo viesse buscá-la rapidamente, antes que sua alma pudesse ver seu corpo jogado ao chão inteiramente retalhado.

Pouco antes de eu intervir na diversão alheia, aconteceu algo que eu realmente não esperava. Uma figura humana comum, trajando roupas da época, surgiu do outro lado da sala. Meu poder imediatamente alertou-me de que não era um mortal, mas isso qualquer imortal poderia perceber. A sensação de sua presença ali era muito fraca, inúmeras vezes inferior à presença de Lúcifer, do Maldito ou até mesmo de Caos e Era. Talvez ele fosse um demônio menor, um anjo caído ou qualquer um dos diversos tipos de imortais que eu ainda não conhecia. Olhei diretamente para os olhos dele, forçando contato direto com os meus, sem enviar-lhe mensagens ou utilizar meus poderes. Ele sorriu e olhou para todos na sala, mas seu olhar cruzou meu corpo sem que despertasse reação alguma. Ele não podia me ver, não tinha poder para tal. Surpreendeu-me quando gesticulou com os braços e balançou a cabeça, fazendo com que seu corpo se tornasse outro. Sua imagem se distorceu, se deformou e se esticou de uma maneira totalmente insólita até fixar-se na mesma forma da do quadro – o diabo clássico das histórias medievais. Ele se fez valer de seus poderes de transporte que, assim como os meus, cortavam o espaço num rápido lampejo de luz e névoa, vindo a

aparecer sobre o corpo da garota. Sua capacidade de se tornar físico logo criou o efeito desejado sobre aqueles humanos de mente fraca.

O sacerdote deu um salto para trás, chocando-se contra o altar. Os outros se afastaram em assombro, murmurando interjeições, e alguns até fizeram o sinal da cruz.

– Quem desperta o Senhor das Trevas de seu descanso? – gritou o ser avermelhado no centro da sala, também em latim. – Quem ousa chamar a mim, Satã, para este mundo de carne e sangue? Quem procura a sabedoria infinita do Diabo?

– Nós invocamos a ti, Majestade da Escuridão! – gritou o sacerdote na mesma língua, dobrando-se no chão em reverência. – Desejamos de ti um décimo de tua infinita sabedoria para dar-nos poder! Poder para destruir nossos inimigos! Desejamos sentir na pele o calor de teu sangue e vomitar medo em nossos oponentes!

– Que assim seja! – disse o demônio. – Porém desejo mais sacrifícios! Eu os contemplarei com meu poder profano assim que me trouxerem mais três destas mulheres puras!

O sacerdote olhou diretamente para ele, visivelmente preocupado. Estendeu-lhe as mãos e disse:

– Mas... mas milorde... É por deveras raro encontrar espécimes como esta! Pedimos mais tempo! Mais tempo e as encontraremos!

– Zomba de mim, mortal? – gritou o adorador, rugindo como um monstro e fitando o sacerdote nos olhos. – Deseja poder imediato com apenas uma oferenda? Eu deveria cortar suas mãos para lembrá-lo de sua insolência!

Ouvi o máximo que pude suportar.

– Falando em insolência – disse vagorosamente, aparecendo para todos –,

o que você acha que Estrela-da-Manhã vai achar dessa sua personificação?

Mais ruídos e murmúrios de espanto ricochetaram pela sala. Os espectadores não estavam entendendo mais nada daquele ritual patético. O sacerdote achou que eu fosse uma mortal, e o demônio deu quatro ou cinco passos para trás, assustado e com medo, antes de me responder:

– Morte! O que faz aqui? Eu... eu não pretendia...

– Já chega de mentiras por hoje! Desejo informações e as desejo agora.

– Insolente! – gritou o sacerdote, agarrando seu punhal e balançando-o em minha direção. – Como se atreve a falar com o Príncipe das Trevas desta forma? Vai morrer em sofrimento por tal afronta! – e, apontando para os dois grandes homens mascarados, – Vocês dois! Peguem-na!

Foi difícil conter a vontade de sorrir. Não tenho certeza, mas acho que ouvi o demônio dizer baixinho: Não faça isso! Mas já era tarde demais, e os mascarados já estavam muito próximos. Estiquei os braços sutilmente, na direção deles, como era meu jeito de fazer vítimas, e entrei na mesma sintonia de sangue e bizarrices do ritual e explodi suas cabeças, fazendo questão de que os pedaços fossem espalhados em toda a atônita plateia. Arranquei o punhal da mão do líder usando a telecinesia, fiz com que ele girasse no ar, brilhando sob a luz das tochas e das velas. Devolvi-o, pontiagudo e veloz, direto em sua região abdominal, onde o introduzi quase até o cabo, fazendo-o percorrer seu corpo e, em seguida, retirando-o pela garganta. De cabeça erguida, olhando nos olhos do demônio, apontei para os lados, para a plateia que permanecia perplexa em um silêncio sepulcral, e ordenei para que saíssem se desejassem viver. Em alguns segundos estávamos a sós na sala.

– Volte à sua forma natural, demônio. E não se desculpe, por favor. Apenas responda às minhas perguntas. De acordo?

– Sim – disse ele, convertendo seu corpo à sua forma original.

– Você sabe quem sou e sabe, então, o que acontece com quem me desobedece. Vou perguntar uma vez apenas: como faço para chegar ao Inferno?

– Mas... mas entidades não podem entrar no Inferno! – respondeu ignorante.

Com um gesto simples, ergui no ar um dos candelabros metálicos e atravessei-o em seu estômago. Num grito contido, ele cambaleou e ajoelhou no chão. Perguntei uma vez mais:

– Resposta não satisfatória. Como faço para chegar ao Inferno?

Ele gemeu e me olhou com raiva. Seus olhos oblíquos queimavam com o ódio proveniente da sensação de impotência diante de mim. Eu era infinitamente superior em poder e experiência – uma certeza que o abalava e me fazia ainda mais orgulhosa.

– Não vou esperar muito pela resposta.

– Você não pode me atacar assim! Não faz sentido! Você é uma entidade. Deveria saber que seu trabalho é manter a neutralidade. Neutra! Entende?

– Deixe-me pensar um pouco... – disse, dirigindo meus olhos para o lado, pensativa por apenas um segundo. – Não! – concluí e forcei meu desejo contra ele, quebrando-lhe as duas pernas.

Seu corpo se envervou, e, soltando um grito estridente, ele se chocou contra o chão, apoiado sobre as mãos. Respondeu o que eu queria saber, porém ainda em tom de desgosto e revolta:

– Muito bem! Tente a sorte! Você deve cruzar o Espelho das Sombras e caminhar através do reflexo do Limbo. Todos nós sabemos como atravessar; não me pergunte como, apenas temos esse conhecimento desde sempre. É tudo o que posso dizer. Conforme-se e vá embora, mas lembre-se sempre de que esta audácia não passará impune!

– Concordo com você – respondi, na minha calma desconfortante.

– Pena que ela tenha de ser reportada primeiro.

Num movimento rápido demais para que ele acompanhasse, joguei-me contra ele, fincando os dedos em sua garganta e puxando-os para o lado, dilacerando-a. O demônio tombou inerte, sem nada pronunciar. Ergui a mão e fiquei admirando os traços vermelhos que escorriam contrastantes em minha palma alva. Ocorreu-me que talvez Estrela-da-Manhã ficasse interessado em vir até mim se eu destruísse um monte daqueles seres, mas deixei o pensamento para trás. Não por me importar com consequências ou com as vidas inocentes que eu carregaria pelo caminho, mas porque eu queria ir até ele para suprir a curiosidade que tinha de ver o Inferno.

Pensei em Vidhora e no quanto ela poderia me ajudar a encontrar esse tal Espelho das Sombras. Não sabia nem imaginava o que ele

poderia ser. Minha primeira tentativa foi rasgar o nada e atravessar o portal para meus domínios, já que como meu pobre informante disse, logo em seguida eu teria que caminhar através do reflexo do Limbo, ou seja, esse espelho deveria estar sempre o refletindo. Assim que me materializei dentro de meu santuário pessoal, tive uma surpresa desagradável, mas, ao mesmo tempo, interessante. Destino, sentado numa das aconchegantes cadeiras revestidas de tecido negro, esperando-me.

– Preciso falar com você, Morte – disse ele, sério como nunca havia sido.

– Quem morreu? – brinquei irônica.

– Poupe-me, Ahmnat. Não vim aqui discutir ou engalfinhar-me em brigas idiotas.

– Não me lembro de ter-lhe dado o direito de me chamar pelo nome.

– Muito bem, muito bem, Morte, como preferir. Isso está indo longe demais. Quero cancelar a aposta.

Ao final de uma gargalhada histérica, respondi:

– Você quer o quê?!

– Não é necessário repetir. Você me ouviu.

– Muito bem. Quando você retorna ao mundo como humano?

– Não retornarei ao mundo como humano! É por isso que estou aqui!

– Acho que, na verdade, você trama algo. Não é possível que tenha desistido assim. Você me parecia tão confiante no começo! Durante anos achei que eu não poderia vencê-lo, e, quando tenho a certeza de que posso, você vem e me frustra desta forma!

– Eu posso vencê-la, Morte! – disse ele, bravo, levantando da cadeira. – A questão não é essa! Estamos indo longe demais com essa brincadeira, e o curso natural da vida, dos vivos, está sendo desbalanceado! Tenho escrito histórias deturpadas e forçado ideias e sonhos para criar pessoas pelas quais você se apaixone, e você, por sua vez, tem ignorado o livre-arbítrio, influenciando diretamente no curso da história mundial. O que poderia ter ocorrido caso você não tivesse se intrometido nas vidas alheias? Jamais saberemos como

seria se, como o Criador desejou, os mortais pudessem fazer o que desejassem, sem influências externas.

– Você tem medo, Destino? Medo das consequências e sequelas da aposta que você criou?

– Não tenho medo. Não tenho sensações humanas. Apenas penso no que é certo. No que é para acontecer.

– Quantas entidades já foram destruídas por influenciar a vida mortal?

– Nenhuma. Mas algumas já foram dispensadas, jogadas no mundo dos vivos sem memória de quem foram.

– Entendo. E então é esse seu receio? Ser uma criaturinha mortal insignificante? Pois eu não vejo problema algum em fazer o que bem quero. Afinal, não tenho parâmetros. Ensinaram-me muito pouco quando me tornei Morte. Não me detalharam as regras do jogo.

– Não é possível que depois de tanto tempo você ainda se comporte como uma garotinha teimosa, Morte! – disse ele, voltando-se a sentar despojado na cadeira. – Faça como quiser. Apenas peço que tenha certa cautela. Tente apenas mexer com os seus, digo, os nossos lindos e apaixonados mortais. Não leve, por exemplo, toda uma nação junto com eles. Este é o conselho que lhe dou, assimile-o se desejar. Só espero que você não seja removida do cargo por alguém que não seja eu.

– Obrigada – disse sorrindo. Ele estranhou meu gesto de agradecimento cordial, erguendo uma sobrancelha. Eu continuei. – Sinceramente, obrigada. Mesmo sabendo que você deseja me ver derrotada, um conselho é sempre bem-vindo. Talvez até pudesse lhe perguntar algo que desejo muito saber. Algo que parece ser secreto e duvidoso. Posso?

– Bem... acredito que sim – respondeu ele, um tanto desconfortado. – O que quer saber?

– Quero saber o que é o Espelho das Sombras – indaguei direta, apoiando minhas mãos sobre os braços da mesma cadeira que ele sentava. Aproximando meu rosto ao dele e fitando-o nos olhos. – Descreva-o para mim.

– Uma pergunta... uma pergunta interessante. – respondeu, se encolhendo todo, totalmente sem jeito. – Por que quer saber? Digo, não são todos que querem saber sobre ele. O Espelho nem tem utilidade para você. Está além das suas necessidades como uma entidade responsável.

– Ora! Ouvi falar sobre ele e quero vê-lo – afastei-me.

Ele ficou em silêncio. Imediatamente guardei as memórias do ataque ao demônio e voltei a encará-lo, temerosa de que ele conseguisse captar algo em minha mente. Não tive dúvidas e invadi a dele, rapidamente, para uma leitura superficial, sem riscos. Para minha surpresa, ele estava tentando se lembrar de como alcançar tal artefato, como descrevê-lo. Recolheu-se para dentro de suas memórias por um momento, agia como um velho bibliotecário que se esforça para lembrar em que prateleira está o livro mais antigo. Sem olhar para meu rosto, estendeu a mão e fez sinal para que eu lhe estendesse a minha. Então continuou:

– Venha. Posso levá-la até o Espelho.

Fui atingida pelo receio óbvio de que ele tentaria algo contra mim. Ele era meu principal oponente, afinal de contas. Infelizmente esse receio ficou explícito em meu rosto. O primeiro gesto sincero dele, e eu receosa.

– Sei o que deve estar pensando – disse ele. – Não vou traí-la ou machucá-la. Estava realmente pensando em como chegar ao Espelho, e não em um plano maléfico contra você. Já esqueci nossas brigas e nossas discussões patéticas. Tenho facilidade para esquecer as coisas. Imagine quantas vidas eu escrevo? Para evitar confusão e desgosto, prefiro esquecer. Condicionei-me a esquecer. Na verdade, mal me lembro como foi sua vida mortal, por exemplo. Lembre-se do que vou dizer agora, Morte. Lembre-se sempre disto: não importa onde você for, eu sempre estarei do seu lado. Sempre que você se apaixonar por um mortal, serei eu o responsável. Mas essas vidas serão minha única tentativa de derrotá-la. Isso é uma promessa. Jamais vou atacá-la ou tentar trapacear, assim como espero o mesmo de você. Então, fora seus romances mortais, sejamos

entidades que se ajudam e podem conversar de quando em quando. Venha. Vou levá-la ao Espelho.

As palavras de Destino me pegaram de surpresa. Não sabia que seria tão difícil receber um gesto amigável de alguém que você repudia; ainda mais da forma como Destino colocou as coisas. Tudo o que eu sentia por ele me pareceu pequeno e mesquinho. Senti-me como uma menina boba. Ele tinha razão. Apesar do que passamos, eu deveria também esquecer meu passado, por mais que tenha sofrido tanto com ele. Deveria prestar mais atenção em mim, encarar minha solidão como uma aventura e me apaixonar pela única pessoa que certamente não me deixaria, a única pessoa pela qual valia muito a pena lutar: eu mesma. E nessa jornada de autodescoberta, por que não permitir a entrada de outras pessoas?

Estendi-lhe a mão. Ele a agarrou firme e dirigiu-se até a saída suavemente, comportando-se como um galante nobre inglês. Olhei para ele com outros olhos, pela primeira vez. Apesar do corpo magro e sem grandes atrativos, ele possuía um charme ímpar, em seus movimentos, em suas palavras, em seu jeito sutil. Ele me conduziu silenciosamente pela névoa prateada, movendo-se somente com a força do pensamento, fazendo-me flutuar no universo insólito do Limbo. Aliás, digo "universo" porque o Limbo não é um local finito. Talvez seja difícil imaginar um local sem fim, com tantos "cômodos" limitados. Não dá para comparar com o mundo dos vivos, mas sim com todo o espaço que o rodeia. Não existem fronteiras, bordas ou um grande muro que o cerque. Não existem caminhos, túneis ou marcações que descrevam vias entre os domínios das entidades e os locais para julgamento e transição. Você deve saber para onde você deseja ir e se concentrar para chegar lá. Às vezes, você simplesmente sabe. Outras, precisa dar a mão para seu pior inimigo e deixar que ele seja seu destino – isso foi literal demais no meu caso.



– *Espere só um minuto!* – interrompeu o rapaz. – Deixe-me entender as minúcias dessa sua última descrição! Você começou a ter sentimentos por Destino!?

– Não diria sentimentos, meu amor. Destino é, sim, uma figura charmosa e interessante; um misto de homem decidido e garoto divertido. Posso até dizer que, algumas décadas mais tarde, quando conheci a fundo meu primeiro poeta, me interessei mais pela criatividade de Destino do que pelas maravilhosas palavras de meu novo amor. Acredito que naquela época eu não mais enxergava os amores como um fardo a ser carregado – via-os como um presente de Destino para mim. Não sei ao certo como explicar essa mudança de atitude. Foi algo sublime, forte. Certamente algo que somente alguém fabuloso poderia ter me dado.

– Interessante. Uma pergunta rápida: Destino começou a agradá-la sem um propósito egoísta?

– Destino sabia que eu adorava me apaixonar. Quem não gosta? Por mais que um amor machuque muito, estamos sempre aptos ao próximo. Quem não se atira aos braços da liberdade com aquela sensação deliciosa de que alguém no mundo o adora? Veja quantas pessoas pagam para assistir a filmes de romance e experimentar superficialmente um amor fictício e alheio! Eles se põem nos lugares dos atores para imaginar que aquilo poderia acontecer com eles, para sentir o perfume da mulher, para abraçar os músculos do homem. Perceba quantos jovens, quando conhecem alguém e se apaixonam, fantasiam que ficarão juntas para sempre, sem mesmo imaginar que há no mundo mais uma infinidade de outras pessoas que estariam loucas para serem beijadas por elas. Sem contar o fato de que existe um tal Destino que escreve suas vidas e que, raramente, se contenta com apenas um grande amor na vida de cada um de vocês. Destino ama colocar complicações, perdas dolorosas, desgastes e brigas para que vocês possam entender o quanto é bom ser amado e dar valor duplicado ao próximo amor que aparecer.

Veja minha vida, por exemplo. Veja como tudo evoluiu até agora, e sempre para melhor. Meu primeiro amor mal conheci, o segundo se apaixonou por outra, o terceiro eu mesma fui obrigada a destruir por uma vingança manipulada, a quarta não me amava um décimo do que eu desejava... e assim por diante. E note que, desde Jeanne,

passei a realmente me apaixonar. Eu! Não foi nada forçado, imposto. Foram sensações reais, intoxicantes e inesquecíveis. Poderia dissertar horas sobre o amor, mas seria uma repetição do óbvio, e não temos muito mais tempo.

– Então eu sou um composto de tudo isso? – disse ele, um pouco chateado.

– Sou apenas um homem forjado por uma entidade de índole duvidosa.

– Não! Não pense assim ou vai enlouquecer. Você é um homem maravilhoso no qual foram, sim, incluídas diversas características que eu adoro; peculiaridades que me fazem querer você comigo mais do que qualquer outra coisa. Você possui o charme jovial de Destino, possui fé em sua força pessoal como Jeanne, escreve textos incríveis como George, tem um humor fantástico como Lilian e muito mais ainda que todos eles juntos. É por isso que estou aqui com você e é por isso que eu acredito que, talvez, desta vez Destino tenha acertado, mesmo antes de chegar nas dez vidas. Você é meu sétimo amor, ou melhor, a sétima pessoa pela qual eu me apaixono. Não quero que pense que você foi forjado, afinal você age quando e como deseja. Entenda um fato sobre o poder de Destino: ele apenas desenha uma linha-guia, um caminho. Inconscientemente você segue esse caminho e passa por eventos proporcionados por ele, mas atravessa-os da forma que deseja, entende? Por exemplo, você passou por um amargo fim de relacionamento, que lhe foi muito doloroso, correto?

– Sim. Na época, achei que fosse me consumir a alma. Mas tudo o que senti você já deve ter sentido, ou pode facilmente procurar alguém que esteja sentindo o mesmo.

– Exato – respondeu ela sorrindo. – Posso lhe afirmar que, de qualquer forma, você iria passar por esse fim de relacionamento, não importa o que você fizesse ou o quanto você se esforçasse para mantê-lo. Estava escrito. Estavam em seu destino. Mas o que conta é como você passou por isso. Claro, você chorou e se lamentou e ficou péssimo por um punhado de dias; no entanto, se reergueu e saiu da tristeza e mudou radicalmente seu jeito de encarar as coisas.

Você cresceu, se fortaleceu; ao contrário de muitas pessoas que não sabem lidar com isso. Ou seja, todos os mortais passam por situações predeterminadas. Como eles lidam com elas é o que os fazem vivos e livres.

– Entendi. Ou seja, a morte dos meus pais também foi algo planejado para minha vida. Algo escrito que não havia maneira de evitar.

– Talvez sim. E você tem que concordar que, apesar da dor inicial e da sua falta de forças para encarar a situação, o desenlace foi frutífero. Tudo ficou melhor do que era. Seus novos amigos, sua liberdade, seus sonhos que se realizaram.

– Realmente. E pelo visto você estudou um bocado sobre minha vida.

– Sim. Como eu disse antes, é estranho o fato de eu não conseguir ler sua mente por completo. Ela é muito forte e protegida. Mas isso não vem ao caso agora. Chegarei ainda na parte em que o conheci.

– Então, por favor, continue. Estou ansioso.



O enorme Espelho das Sombras era mantido em uma imensa sala circular de mármore polido; em torno dela, dezoito colunas altas a sustentavam. Nem o assoalho nem as paredes de pedra cinzenta possuíam adornos ou objetos de decoração. A pouca luz desse hall, magnífico em sua simplicidade, vinha de um lugar desconhecido – era como se existissem velas invisíveis espalhadas por lá. Uma corrente grossa e pesada descia do teto até o gigantesco espelho e se prendia na moldura metálica, cheia de desenhos em relevo. Aproximei-me vagarosamente, admirando a arquitetura do local, e então fixei meu olhar no tal artefato. Não havia imagem alguma, nenhum reflexo. Era como se o verdadeiro espelho tivesse sido substituído por um lago vertical feito de um gel espesso de cor vermelho-escura. Uma leve e quase invisível névoa negra pairava ao seu redor. Estendi a mão para tocar sua superfície, mas fui interrompida por Destino:

– Não lhe perguntei seu objetivo, pois respeito sua individualidade, apenas deixe-me dar um conselho sobre atravessar para o Reflexo.

– Sim, fale – disse, baixando a mão, sem virar para trás para olhá-lo. – Não mudarei de ideia quanto a atravessá-lo, porém você tem minha atenção.

– Quero que saiba que, ao cruzar para o outro lado, você deixará de ser Morte. Será apenas um reflexo seu, uma imagem invertida. E não somente seus poderes não funcionarão como serão usados contra você. Sua onisciência sensitiva se voltará para dentro de seu corpo, vasculhando suas sensações e trazendo-as à tona. Suas memórias mais antigas retornarão, seus segredos serão expostos, e você terá de enfrentar isso sem a ajuda de ninguém. Esteja muito bem preparada antes da jornada ou será invariavelmente destruída. Um risco que, a meu ver, é muito alto pelo simples prazer de ser mortal novamente. Deixarei você sozinha agora para fazer o que bem entender.

– Espere! – gritei, virando-me para olhá-lo. Ele mantinha suas mãos cruzadas nas costas e ergueu um pouco o rosto, exibindo-se mais sábio que eu. – Como assim voltar a ser mortal?

– Não é o que você deseja? Caminhar no mundo novamente como uma pessoa comum?

– Claro que não! Por que raios eu desejaria isso?

– Ora, Morte, pelo prazer que se tem de se sentir vivo novamente, sem as vozes, sem os sentimentos turbulentos, sem as obrigações. Eu já pensei em atravessar esse caminho. Ser mortal por um punhado de dias para lembrar-me de como era. Mas, sinceramente, não acredito que valha o esforço.

– Pensei que fosse o caminho para se chegar ao Inferno!

– Ao Inferno!? – perguntou ele surpreso. – Por que você deseja ir ao Inferno? Não podemos fazer isso.

– Estrela-da-Manhã me chamou, de uma forma ou de outra. Parece que ele tem algo importante para me dizer e quer novamente testar minhas habilidades. Quero surpreendê-lo.

– Sendo assim, você deveria ter me dito antes. Eu teria lhe explicado que entidades não podem ir nem ao Paraíso nem ao Inferno, pelo simples fato de não sabermos como. Podemos abrir um portal para o Limbo com a velocidade do pensamento, distorcer a realidade mundana com um gesto ou ainda criar algo do nada para modificarmos nossos santuários, mas não sabemos como atingir os dois Grandes Reinos, portanto, não podemos fazê-lo. Não é uma proibição, é uma limitação.

– Não faz sentido! O demônio... – calei-me.

– Demônio? Que demônio? – perguntou Destino intrigado.

– Muito bem – respondi, sincera e fria. – Eu lhe contarei como soube do Espelho das Sombras. Ficará entre nós. Quero que considere isso um voto de confiança meu para você. Eu encontrei um demônio menor, um metamorfo. Convenci-o a me dizer como chegar ao Inferno, e ele me disse que eu deveria atravessar este Espelho das Sombras.

– Ah! Estes demônios... Sempre tentando enganar e deturpar. Ele queria vê-la destruída, minha querida. Simples assim. Ele a traiu – disse rindo. – Conforme-se e volte aos seus afazeres. Nem pense em se vingar, no entanto, se não desejar saber o quanto Lúcifer se importa com seus seguidores.

Engoli a seco como uma mortal aflita. Respirei fundo silenciosamente, caminhando para fora dali.

– Obrigada pela ajuda, Destino – ao passar por ele, acariciei-lhe o rosto. – Continue assim e mudará meu conceito sobre você ser um desgraçado.

– Por nada, Morte. Conte sempre comigo, quando precisar.

Flutuei rapidamente para meu santuário. Atirei-me de costas na cama e lá permaneci, pensativa, por horas. Fiquei apreensiva com a ideia de ter eliminado um dos seguidores de Estrela-da-Manhã e sofrer por isso. Ele me presenteou com Vidhora quando eu mais precisava, e eu o retribuí como uma ignorante. Decidi não procurá-lo, mesmo que tal decisão fosse covarde. Se ele desejasse me ver, que viesse a mim. Escondi meus medos, ignorei minha ansiedade e voltei ao mundo.

Poucos dias vagando, novamente solitária, e a falta de Jeanne começou a machucar. Falta de sentir aquela fé cega e aconchegante, de ouvir sua voz doce e determinada uma vez mais antes de me distanciar para algum canto repulsivo da Terra. Fui até o vilarejo onde a conheci, para caminhar entre os campos por puro saudosismo... Mas algo interrompeu minhas memórias, minhas sensações de afeto pela bela e divina garota que eu jamais veria novamente. Fiquei extremamente chateada com aquela interrupção.

A noite começava a cobrir o território francês. O Sol, uma enorme esfera vermelha, vagorosamente se escondia atrás da linha do horizonte, dando licença à entrada da escuridão. Eu passava perto de um velho celeiro, cuidadosamente pintado e ainda em uso, que abrigava alguns animais e também um pobre homem que se escondia lá dentro à noite por não ter onde dormir. De repente, fui assolada pela sensação de iminente desconforto, como se alguém tivesse acendido uma chama de brilho incomparável no meio da penumbra. Como se o próprio Criador estivesse canalizando sua luz sobre mim. Bom, essa foi uma descrição quase precisa.

Virei-me para o lado, e o brilho intenso diminuiu e se apagou, revelando três homens maravilhosos, agachados sobre um dos joelhos, palmas estendidas no chão e as mais alvas e belas asas que anjos podem possuir. Eram três serafins. Anjos de Guerra. Ergueram-se imponentes, e o primeiro falou em voz alta, vibrante, olhando diretamente nos meus olhos negros:

– Morte! Em nome do Criador, foi condenada por interferir na continuidade mundana, personificar Sua voz e índole e interferir diretamente em vidas mortais! – fez uma breve pausa e continuou, em um tom mais baixo mas ainda severo. – Mas Sua misericórdia é imensa, e, sendo assim, você não será destruída. Será julgada perante Sua luz e todo Seu poder, no solo sagrado do Paraíso. Estamos aqui para levá-la a favor ou contra sua vontade.

– Anjo... – disse calmamente – ...por mais lisonjeada que eu esteja com o convite e a subsequente oportunidade de adentrar o lar divino, assim como com a ideia de finalmente conhecer o Todo-Poderoso e banhar-me em Sua luz, devo, infelizmente, informá-lo

sobre um curioso e irrefutável fato sobre mim: não sou estúpida. Portanto, retorne ao Divino e diga a Ele que, caso tenha algo a conversar comigo, venha me procurar. Obrigada.

– Pois bem, Morte. Então será contra sua vontade – disse ele com uma leve expressão de raiva no rosto, bem mais aparente nas íris azuis brilhantes de seus olhos.

Juntamente com seus irmãos, desembainhou admirável e prodigiosa espada, de empunhadura dourada, cravejada de preciosas pedras e cuja lâmina era adornada com desenhos abstratos que emitiam um fraco brilho dourado. Colocou-se na pose de um elegante general medieval, com a lâmina apontada para baixo, peito estufado e rosto levemente erguido, olhando-me com expressão de grande superioridade. Seus dois irmãos deram alguns passos para o lado, como se caminhando por um círculo centrado em mim.

Olhei para eles seriamente e então para trás, e vi algumas ferramentas humanas encostadas na parede externa do celeiro. Estiquei a mão e apanhei uma foice – a arma de uma camponesa. Nada seria mais perfeito, em face de meu saudosismo. Voltei a olhar os anjos, agora de arma em punho.

– Você deve estar fora de si, Morte, se pretende nos enfrentar com esse brinquedo – disse o anjo. – Nenhuma ferramenta mortal pode nos ferir.

Ouvindo aquilo, imediatamente ajoelhei perante ele. Baixei a cabeça e disse, em tom de lamento:

– Por favor, Senhor, me perdoe. Por sua bondade e sabedoria, me perdoe.

– É tarde demais para pedir perdão, Morte. Erga-se e venha conosco.

Continuei:

– Perdoe-me, Senhor, pelo que vou fazer agora.

Na velocidade de um pensamento, dei um salto em pé e arremessei a foice no guardião dos céus. Ela rodopiou e flutuou e pareceu parar no ar por um segundo antes de, precisamente, rasgar o forte pescoço do anjo, decepando sua cabeça. Seu sangue brilhou

prateado, jorrando incandescente para fora de seu corpo, que foi rapidamente consumido numa tórrida chama azulada.

– Impossível!! – gritou um dos outros anjos, atônito com o que acabara de presenciar. – Você não pode destruir um anjo!

O outro se manteve mais íntegro, gritou algo incompreensível e atacou meu flanco direito; demonstrava técnica e perícia em seu ofício de guardião. No entanto, ele deveria ter estudado sobre as inúmeras vezes que utilizei da perícia de guerra de meus mortais para um combate armado, lendo suas mentes, aprendendo suas lições. Como Estrela-da-Manhã disse: os mortais impressionam. Desviei do rápido ataque e de outro subsequente, agarrei com a mão esquerda seu braço que empunhava a espada e o parti como um graveto na altura do cotovelo. Os dedos de minha mão direita penetraram violentos o tórax do guardião, atravessaram sua malha prateada, tocando sua carne, sentido seu calor, e esmagaram o coração dentro de seu peito. Dessa vez nenhum grito ou gemido de dor precedeu a brilhante chama causada por sua destruição.

O último teve incertezas sobre me atacar ou não. Vacilou em sua insegurança por tempo demais, presenteando-me com o intervalo necessário para que eu o desarmasse com um forte impacto mental.

Talvez eles não soubessem que eu tinha um contato tão forte com as almas humanas e pudesse tocá-las conforme meu desejo, lendo suas mentes, manipulando seus sentidos, absorvendo suas emoções. Talvez não compreendessem como eu pude sorver uma emoção tão simples que muitas delas possuíam e transformar tudo aquilo em um golpe devastador. Uma emoção egoísta e poderosa: ódio. Um golpe cheio de ódio, desferido pela Morte em pessoa, pode causar danos mais severos que se possa imaginar.

– Não me destrua! – choramingou o sobrevivente. – Eu lhe imploro, Morte!

– Não seja patético! – respondi sarcástica. – Eu lhe imploro, Oraiel.

– Se sabe meu nome, sabe que só estou aqui sob ordens Dele! Jamais faria algo contra a senhora se não fosse a pedido Dele! Eu nunca...

Um estrondo abafado ecoou violentamente entre nós, fazendo minha pele tremer junto com tudo a nosso redor. Era como se o mundo fosse explodir em infinitos pedaços. Novamente a chama se fez brilhante, mas desta vez explodiu sobre o anjo e o queimou, enegreceu suas asas, distorceu sua pele perfeita, destruiu suas vestes. Ele gritava e se contorcia num espetáculo pirotécnico grotesco. Tão repentino como seu início, o fogo cessou e o silêncio imperou uma vez mais, incomodado somente pelo barulho do corpo de Orael caindo no chão.

E então senti o toque sutil, desamparado, triste e ansioso de uma nova alma mortal se juntando à minha coleção. Tossiu algumas vezes e tentou se pôr de pé sem sucesso, permanecendo ajoelhado. Caminhei até ele, me fazendo material. Estendi a mão e segurei seu queixo, dirigindo seu olhar para o meu.

– Orael, jamais duvide das ordens de Deus. Ele pode ficar magoado com você – dei as costas e já ia saindo, quando me lembrei. – Ah! A propósito, bem-vindo ao meu mundo.

Tornei-me invisível novamente, dissipei-me etérea para longe dali e deixei que a sensação de sua alma em minha onisciência se perdesse no meio das inúmeras outras que habitam a maravilha da Criação. Orgulhosa, tomei para mim a arma, a foice, como troféu e a pendurei em uma das paredes de pedra escura que cercavam meu santuário no Limbo. Um objeto mortal que me lembrava uma vitória e uma camponesa – ambos especiais.

Curiosamente não fiquei tão apreensiva com a ideia de uma possível represália do Criador. Talvez por ter quase certeza de que, se Ele realmente quisesse me destruir, eu já estaria em pedaços. Tive dúvidas, sim. Lembro-me

de ter passado alguns dias pensando em quais seriam Suas ideias e sobre o fato de que talvez Estrela-da-Manhã não permitiria minha destruição, no entanto não sabia ao certo o quanto ele era poderoso e qual era sua real influência perante Deus. Mas eu sabia, ao menos, que minha função era necessária e eu deveria cumpri-la enquanto ainda podia.

Nos anos seguintes, afundei novamente em solidão. Por mais que meu santuário me trouxesse certa paz e eu conseguisse relaxar um pouco, não era suficiente para me fazer esquecer a tristeza de estar sozinha. Eu já havia passado muitos períodos sem interação alguma com outros seres, claro, mas talvez eu estivesse, finalmente, cansada. Não sei dizer ao certo, mas o fato é que, nesses anos após a partida de Jeanne, voltei a trilhar o caminho da solidão de forma perturbadora. A cada dia eu me convenciamos mais de que talvez aquele fosse realmente meu destino, que talvez eu fosse obrigada a ser assim. Tentei me conformar de diversas formas, às vezes passava dias e dias vagando em pensamentos sobre o mundo, sobre as grandes forças e poderes que faziam tudo acontecer, sobre a imaginação dos mortais, seus sonhos e sensações e sobre o quanto eles podiam afetar a realidade. Obviamente, quanto mais eu filosofava e imaginava e criava ideias sobre tudo ao meu redor, mais dúvidas surgiam. Acredito que atingi o limite da minha sanidade; fiquei muito próxima da tênue linha que me separava da loucura.

Foi então que uma lembrança me trouxe de volta. A memória de Estrela-da-Manhã me dizendo que os mortais eram capazes de grandes feitos, de grandes obras. As imagens antes guardadas fundo em minha memória comprovaram essa afirmação. Recordei de tantos fatos, tantos objetivos alcançados e de tantas coisas feitas pelos mortais, que, naquele momento, despertei para os detalhes da maior criação divina: o homem. Sem dúvida alguma o mundo é um lugar maravilhoso, mas naquele momento eu vi com clareza o quão maravilhoso pode ser o que foi criado pela cria e como os mortais estavam, lentamente, lapidando o palco que lhes fora dado. Desde absurdos suntuosos como a Grande Muralha até a mais simples das cartas de saudade, escrita por um viajante longe de sua amada.

A partir de então, me acostumei a observar as criações mortais, a admirar seus feitos, suas metas sendo alcançadas. Comecei a admirar ativamente a arquitetura, a profundidade emocional de um livro, os mínimos detalhes das mais belas obras de arte, principalmente as religiosas, com suas diferentes visões sobre o Criador e seus anjos e suas teorias sobre o Paraíso. Os desenhos e

as pinturas mortais que representavam Deus e seu lar passaram a ser parte de minha memória e até de minha crença, a ponto de, quando eu pensava Nele, a imagem do desenho humano vir imediatamente à minha mente. Entre as mais marcantes, está a de Michelangelo, claro, no teto da Capela Sistina, na Cidade do Vaticano, mas já estou me adiantando.

Enfim, o tempo fluiu novamente. Eu era apenas parte dele, sem nenhuma influência direta, sem nenhum grande feito que possa ser narrado agora. Misturei-me aos mortais e assisti de camarote ao mundo ser lapidado, prestando muito mais atenção nos sucessos e nas realizações humanas. Fiquei maravilhada com a complexa e criativa vida de Leonardo da Vinci, Michelangelo, como citei, e os outros soberbos artistas da Renascença. Acompanhei ansiosa os resultados da formação da armada russa pelo príncipe de Moscou, Ivan, o grande, da invasão francesa na Itália, da chegada de Vasco da Gama à Índia, da fundação do presbiterianismo por John Knox, da caça às bruxas na Europa pela Inquisição. Encantei-me profundamente com os textos de William Shakespeare, cheios de profundidade filosófica e belíssimo uso da linguagem, com os conceitos de física e o telescópio de Galileu, com a lei da gravidade de Isaac Newton. Música! Beethoven, Mozart...

Foram anos e anos vagando pelo mundo, procurando mais o que absorver. Livros, quadros, esculturas, edifícios, enfim, tudo o que fora criado pelos meus mortais. Como exemplo, uma das lembranças que certamente não me esquecerei foi quando, no ano cristão de 1631, uma mulher morreu dando à luz seu décimo quarto filho. Não foi ela que me chamou a atenção, mas a tristeza avassaladora de seu marido, um rico príncipe, que atingiu violentamente minha onisciência. Sem vontade alguma de viver sem seu grande amor, desesperado e sofrendo cada dia mais, encontrou um propósito em vida que o manteve são por mais alguns anos: construir o mais belo e suntuoso mausoléu para sua amada. Nos vinte e dois anos seguintes os maiores artistas persas e mongóis trabalharam com os melhores mármore, as joias mais caras e os tecidos mais extravagantes e ergueram um dos mais deslumbrantes palácios do

planeta, o Taj Mahal. Construído graças à perda de um amor, o túmulo mais admirado do mundo.

Ao final de 1787, minha existência despercebida entre meus adorados mortais foi interrompida. Mais de duzentos anos depois do episódio com os anjos, recebi uma visita inesperada, mas não imprevista, de Estrela-da-Manhã. Eu presenciava o início da constituição do governo americano, pouco após o Reino Unido assumir sua derrota e, pelos termos do Tratado de Paris, reconhecer oficialmente a independência dos Estados Unidos da América. As águas da margem do rio Mississípi tocavam meus pés, quando ouvi a aveludada voz do Diabo:

– Acabei de ler um livro muito interessante – disse ele, num tom sereno e despojado. – Tenho certeza de que você iria gostar dele.

– Tenho minhas dúvidas – respondi, sem voltar o rosto para a direção de sua voz. – Afinal, não conheço seus gostos. Para mim você muda de ideia conforme seu estado de humor e não segue um padrão aceitável pelas mentes mais sãs.

– É sobre um mortal e sobre os grandes feitos que ele vai realizar. Sobre como seu nome ficará marcado na história mundial, sobre sua longa e próspera vida de mais de um século. Sem dúvida, será um mortal digno de sua atenção, Morte.

– Meu próximo amor, acredito – disse, baixando a cabeça um pouco, voltando a me preocupar com a aposta. – Mais um ser espetacular que vai brincar com meus sentimentos simplesmente para que Destino possa vencer a disputa. Minhas últimas décadas foram boas. Somente eu e os mortais. Parece que vivi muito mais intensamente esses últimos dois séculos do que todos os outros. Queria que isso continuasse, queria continuar em paz.

– E pode continuar! – disse ele em tom otimista. – Basta ignorar completamente o pobre mortal, e tudo ficará como está agora: com você brincando de tentar ser como eles.

– Não estou tentando ser como eles – falei em voz alta, virando-me para ele finalmente. Aquele rosto maravilhoso me deixou um pouco desconcertada, mas apenas por um breve momento. Então continuei. – Eu admiro suas obras, assim como você o faz!

– Eu admiro os mortais, Morte, suas obras, suas paixões, seu todo. Admiro a Criação Daquele idiota simplesmente por ser parte dela. Admiro o fato de os mortais terem sido feitos à Sua imagem e semelhança e por isso possuírem uma fração de Seu poder de criar, de se desenvolver, de ser algo melhor, de alterar a realidade a sua volta. Você parece que quer aprender para se acostumar a ser mortal novamente.

– Deixe-me em paz, Estrela-da-Manhã. Por favor. Sabe que não consigo simplesmente ignorar alguém que admiro. Cresce em mim um desejo selvagem de estar sempre ao lado daqueles que adoro. Passo muito tempo sozinha para poder deixar de lado quem me chama a atenção. Principalmente quando eles vêm carregados com os sentimentos anormais impostos por Destino.

– Exatamente – disse ele, e me pareceu que ele sorriu. – Portanto, mais uma vez, venho tentar ajudá-la a vencer Destino.

– Por que eu me preocupo quando você diz isso? Você não me inspira grande confiança. Você pune e ajuda e machuca e consola e...

– Morte, eu sei que você destruiu um dos meus. – Olhei para ele, fria, já esperando um ataque ou coisa parecida. Não tive tempo de dizer nada, e ele continuou. – Mas não tem importância. Quando descobri, achei que era contra mim sua rixa, uma tola vingança pelo que fiz com seus anjos. Mas quando soube que você assassinou violentamente dois Serafins e manipulou o terceiro para que o Criador em pessoa acabasse com ele... –

bateu palma por alguns instantes e me olhou diretamente nos olhos – ...adorei. Você é imparcial como Morte deve ser. Você destruiu um meu e três dele. Estou em vantagem numérica. Esqueça e não se preocupe comigo, pois estou mesmo aqui para ajudá-la.

Dei um leve sorriso, ainda desconfiada.

– Muito bem então, filho da Aurora. Conte-me sobre esse livro que leu.

– Não posso entrar em detalhes, por razões óbvias, mas, resumidamente, esse mortal será um grande escritor. Destino vive a observando, Morte. Não demorou muito para ele criar alguém que,

por sua vez, criará grandes obras como as que você vem admirando por anos. Ele será um artista, apaixonado por muito mais que preservar a santidade da palavra escrita. Dou-lhe uma certeza: não será fácil se livrar deste, se bem a conheço. Perceba que Destino está se aproximando da perfeição. Ele está chegando perto de criar alguém que vai cativar seu coração de uma forma que você não consiga se livrar.

– Entendo e concordo. Mas não é exatamente perder a aposta que me preocupa neste momento. É algo mais óbvio.

– Se você não se preocupa em voltar a ser mortal, Ahmnat, por que deveria eu me preocupar em ajudá-la? Sinto que foi perda de tempo vir pessoalmente vê-la, na melhor das intenções. E eu não aprecio perder tempo.

– Pare de se martirizar, Lúcifer. Caminhe comigo – comecei a caminhar, dando minhas costas para o Sol, que lentamente se erguia nos céus, e para o elegante anjo que me atormentava por diversão. – Venha, não seja tímido.

Ele não disse nada, mas percebi certa apreensão dele por ter recebido uma quase ordem de um ser inferior. Pôs-se ao meu lado, e caminhamos juntos enquanto conversávamos.

– Você poderia me dar uma resposta sincera? E faço questão de reiterar: sincera – disse a ele.

– Muito bem, desde que não seja uma pergunta sobre a Criação Divina ou sobre as razões do comportamento humano, pois esses assuntos me chateiam. Não sou uma enciclopédia ambulante.

– Não. Na verdade eu gostaria que você me desse sua opinião sobre um assunto.

– Não vejo problemas nisso. Pergunte – disse ele, piscando lentamente, com um ar um tanto esnobe.

– Você realmente acha que sou assim tão burra?

Ele parou um instante e olhou para mim como se espantado com a pergunta. Cruzou as mãos na frente da cintura, e eu continuei:

– Destino é uma entidade extremamente reservada e preza seus livros muito mais do que preza a própria existência. Ele jamais deixaria que você adentrasse sua biblioteca e displicentemente se

pusse a ler um livro cujas informações poderiam me ajudar a vencê-lo. Como se isso não bastasse, nenhuma das divergentes forças superiores, você ou o Criador, podem entrar no Limbo. Sendo assim, posso tirar algumas conclusões: ou você está mentindo sobre ler tal livro ou alguém o roubou de dentro da biblioteca de Destino, o que vai contra todas as leis divinas, se não me engano. Ou, ainda, Destino deliberadamente o entregou um livro com informações falsas, para me atingir. Ou seja, nada do que você falar eu vou levar a sério.

– Primeiramente, não sou mentiroso, Morte – disse, bastante sério. – Quero realmente ajudá-la, mas não vou contar como consegui o livro. Tenho meus métodos. Segundo, você pode acreditar no que quiser. Use seu discernimento para saber o que vai lhe fazer bem e o que lhe trará o desconforto de longa data. Então, já que minha presença não lhe agrada, vou partir agora e deixá-la somente com esta informação: preste atenção nos suicídios; tudo começará com uma morte autoinfligida. Se eu fosse você, iria pessoalmente atender a tal Transição.

– Pois bem, Lúcifer – disse eu num breve suspiro. – Vou acreditar em você e ficarei atenta sempre que perceber um escritor próximo a cometer suicídio. Não quero saber como você conseguiu essas informações, mesmo achando que mais criaturas do pós-vida podem estar tramando contra mim.

– Sábia decisão, Morte. Não gosto quando tenho a oportunidade de vir vê-la e você me trata como se eu fosse um...

Ele parou. Em sua frente, clara expressão de apreensão. Seus lábios se comprimiram quando ele voltou os olhos para mim; irado, cerrou os punhos se preparando para violência. Espalmei minhas mãos e, também alarmada, senti minhas sobancelhas deitarem sobre minhas pálpebras, quando olhei rapidamente à minha volta.

– Eu também senti! – olhei para ele e continuei. – Alguém nos observa! Ou pior...

– Como?! Eu senti minha mente sendo invadida! – gritou ele. – Não existe nada vivo ou morto neste mundo que ousaria tal manobra! Se você...

– Cale-se e concentre-se Lúcifer! – gritei com ele, olhando para baixo, tentando perceber meus arredores. – Foi sutil, mas eu também percebi. Não foi somente a sua cabeça que tentaram abrir! Então faça-nos um favor e concentre-se para saber de onde veio. E, não importa quem tenha sido, este alguém vai se arrepender.

Lúcifer fechou os olhos e lentamente se acalmou. Após alguns segundos de reflexão, respirou fundo e recompôs sua pompa angelical. Olhou diretamente para mim e disse em voz audível, quase suspirante:

– Quem quer que tenha sido já não está mais presente – virou o rosto para o horizonte. – Deve ter fugido assim que percebeu nossa reação.

– Não gostei disso. Nem um pouco. Essa falta de respeito não é costumeira de ninguém que eu já tenha ouvido falar.

– Concordo. Mas acredite em mim, vou descobrir quem é o autor dessa ousadia – olhou para mim novamente; no rosto, uma expressão que lembrava arrependimento. – Desculpe por pensar que foi você. Você não seria tão insolente, seria?

– Seria – respondi sinceramente. – Mas por razões justificadas, como desespero ou, ainda, instabilidade mental. Ainda prezo pela minha existência.

Balancei a cabeça negativamente e olhei para o Sol se pondo. Ele olhou mais uma vez para mim, desconfiado, mas creio que logo deixou esse pensamento para trás. Deve ter passado por um momento de fraqueza ou talvez de compaixão. Não sei. Não compreendi naquele momento e acho que nunca vou compreender, mas depois de três mil e setecentos anos, o Diabo encostou em mim.

– Eu realmente espero que você vença – disse ele num suspiro prolongado, pousando a mão sobre meu ombro direito. – Não sou quem você acredita ou ainda quem dizem que eu sou. Fique em paz.

Quando seus dedos deixaram o meu corpo, a sensação de sua presença também o fez. O Sol se pôs, e a noite abraçou o mundo. Eu fiquei ali parada, por horas, olhando para o nada e perdida em pensamentos, sentindo na ponta da língua a adrenalina que precede

a morte iminente. Senti o pânico passar depois de ter sido descoberta lendo a mente daquele que se opõe a Deus.



– *O quê?!? – perguntou o jovem, quase* saltando da cadeira. – Foi você quem leu a mente de Lúcifer? Mas e a sensação que você sentiu de também estar sendo observada ou de ter a mente invadida?!

Morte sorriu orgulhosa e fitou o rapaz nos olhos. Teve a intenção de se aproximar dele e de tocar seu rosto, mas não o fez. Apenas deixou que ele a observasse por um momento e se explicou:

– O que você queria que eu tivesse feito? Assumisse minha culpa e enfrentasse a ira dele? Claro que não. Mas também não invadi a mente dele como faço com as mentes mortais, obviamente. Fui atrás somente da origem do tal livro e acabei por descobrir que alguém havia tirado o livro da biblioteca de Destino para Estrela-da-Manhã. Para meu espanto, não foi um demônio menor ou um de seus servos. Foi um anjo. Um anjo chamado Uriel.

– Uriel? Uriel, o Anjo da Morte? Aquele que intercedeu pela humanidade perante Deus e que é encarregado da Orbe do Sol? Querubim frequentemente associado ao Norte, à Terra, o responsável por abrir as portas do Inferno no Fim dos Tempos?! De armadura verde e dourada, responsável por ceifar os primogênitos durante a décima praga do Egito? Esse Uriel?

– Você conhece bem a mitologia religiosa – respondeu ela, um tanto impressionada. – Onde aprendeu sobre a vida dos anjos?

– Er... bom, na verdade, isso veio de jogos de RPG e do Google, então... não posso dizer que sou PhD no assunto – disse ele, um tanto sem graça. – Mas eu tenho razão?

– Sim e não. Primeiro, as pragas do Egito são uma lenda, e a Orbe do Sol também. Afinal, eu conheço bem o Filho-da-Aurora, e, se não me engano, ele é o responsável por qualquer coisa relacionada à luz – ela sorriu brevemente e cruzou as pernas, apoiando as mãos sobre elas. – O tal Fim dos Tempos, não acho que um dia venha a acontecer.

– Por que não? Acho que todas as pessoas do mundo, independentemente de crença espiritual, acreditam que um dia tudo vai acabar. Que algum dia teremos o Armagedon e tudo chegará ao fim.

– Porque, meu querido, Deus morreria de tédio sem vocês.

– Entendo... – disse, rindo – ...mas então, me diga, acertei pelo menos a parte de Uriel ser o Anjo da Morte?

– Essa parte você acertou. Bom, talvez não “o” Anjo da Morte, pois Morte tem diversos anjos, mas quem sabe um dia você tenha a oportunidade exclusiva de perguntar para ela como exatamente Uriel se encaixa em sua vida e de onde surgiram essas interpretações sobre ele.

Ele abriu um largo sorriso, balançou a cabeça e perguntou:

– Morte, como exatamente Uriel se encaixa em sua vida e de onde surgiram estas interpretações sobre ele?



George nasceu em 22 de janeiro de 1788.

Mas não o conheci naquele dia. Na verdade só fui conhecê-lo três anos mais tarde, munida das informações que me foram passadas. Nos três anos após meu último encontro com Estrela-da-Manhã, estive presente em todas as situações em que um mortal tirou a própria vida. Todas, sem exceção. A sensação é fácil de localizar, seja qual for a causa – amor, ódio, desespero, medo ou até mesmo saudade. É como se fosse um pico de energia, um lampejo mais brilhante que os outros, um estalo sucedido por um curto-circuito, uma bomba sem a explosão; e o silêncio que vem logo na sequência. Não é perturbador, mas pode ser notado quando se presta atenção. E até hoje fico impressionada com a quantidade de pessoas que tiram a própria vida todos os dias.

Capitão John estava sozinho num quarto imundo, cercado apenas por ratos, garrafas vazias de bebida barata e sua autopiedade. Sem camisa, suado e melado pelo próprio vômito, balançava-se sem propósito para frente e para trás, apoiado no batente da janela, olhando para a rua lá embaixo. Intoxicado pela bebida e por outros entorpecentes, levou a trêmula mão ao cabo de uma faca

enferrujada que pousava sobre a cama. Segurou o mais firme que pôde e apontou a lâmina para o próprio peito. Porém, de repente, aquela sensação que eu comentei, desapareceu. O tal pico de energia veio, o suicídio, não. A faca escorreu por entre seus dedos e estalou no assoalho. Ele chorou, cobrindo o rosto com a mão esquerda. Alguém bateu na porta do quarto. Ele ignorou. Seus pensamentos eram extremamente confusos, rápidos, mudavam a cada par de segundos, sem sequência, sem sentido, até pararem no rosto de um bebê e ali ficarem. *George*, murmurou o capitão. Bateram na porta novamente:

– Onde está meu dinheiro, seu infeliz?

– Eu lhe pagarei hoje mesmo, Monsieur Lozère! – disse eu, com uma voz masculina.

John não se mexeu. Seu credor do outro lado da porta bradou um xingamento e foi embora. Tornei-me material.

– Você ainda não está morto, sabia? – perguntei diretamente ao capitão, com minha voz normal.

Ele ouviu. Isso não afetou sua concentração na imagem da criança. Eu continuei:

– Engraçado, você já teve o apelido de “O Louco”, mas não achei que fosse tão louco a ponto de não se matar e achar que já o fez. Geralmente as pessoas só percebem o que aconteceu quando estão nos braços de um anjo de asas negras.

– Meu filho – disse ele. – Meu filho está aqui. Eu quero ver meu filho. Nada me resta além dele. Ela também. Minha esposa. Onde está Catherine?

– Esposa? – perguntei, com todo o sarcasmo que consegui empregar. – Aquela que apanhava constantemente de você? Aquela que chorava cada vez que você arrumava uma amante nova? Ou aquela cuja fortuna você gastou até a última moeda? Talvez então a esposa cuja alma você consumiu para sustentar suas frívolas e lascivas vontades? Essa Catherine?

Ele riu. Baixou a cabeça num riso bêbado, olhou novamente para fora, admirando o céu francês, e fez um comentário imbecil sobre dinheiro. A imagem do bebê veio-lhe à mente de novo. Cuspiu pela

abertura estreita da janela e assistiu à gota espessa descer os quatro andares até se espalhar na calçada. *Morra, consciência!*, pensou ele.

– Não sou sua consciência, John. Muito longe disso.

Ele quase perdeu o equilíbrio quando virou o pescoço para tentar me enxergar. Tonteou e apoiou-se novamente com as mãos no batente da janela. Tossiu e tentou cuspir novamente, ao mesmo tempo. A saliva grossa escorreu pelo lábio inferior, deslizando pelo queixo, misturando-se ao resto da sujeira de seu corpo.

Eu imediatamente senti o desamparo, a adrenalina, a raiva, o impulso incontrolável de arrancar daquele pedaço de carne flácida o que ainda restava de vida. Num movimento brusco ele se jogou contra a janela. O barulho não foi o que deveria ter sido. O vidro apenas trincou, cortando seu rosto e atordoando-o um pouco mais. Com a face ainda encostada no vidro, sentindo o peso do corpo sobre um único ombro, balbuciou em francês: *Merde!* A sensação que antecipa a morte foi embora novamente.

Aquilo despertou um asco sem precedentes em mim. Ninguém no mundo podia ser tão fraco, tão patético, tão... absurdo. Como? Como ele se atrevia a execrar a imagem que eu tinha dos mortais daquele jeito? Eu quis... bater nele. Fisicamente. E por horas. Fechei o punho direito junto ao peito e por alguns segundos visualizei mentalmente todas as boas possibilidades. Carregá-lo para o Limbo ainda vivo, queimá-lo vagarosamente, atravessar sua carne com os próprios dedos, rasgar a vida daquele corpo ridículo com minhas próprias unhas.... Isso! Eu queria rasgá-lo com minhas unhas. Mas não o fiz.

Abri as mãos e o joguei através da vidraça. Etérea, afundei no chão do quarto, desci até o apertado hall principal da pocilga onde nos encontrávamos e caminhei para fora, até a balbúrdia na calçada. Pessoas correram para ver, grupos se juntaram ao redor do corpo ensanguentado na rua. E, sobre ele, lá estava a alma do capitão, em pé, olhando para o nada, ainda presa à imagem do bebê. Levei-o pessoalmente para o Limbo. Ele não disse nada, não resistiu, e me pergunto até hoje se ao menos teve ciência do que aconteceu.

Não voltei para o mundo imediatamente. Precisava saber quem diabos era a criança, o tal bebê no qual ele se fixou praticamente todo o fim de sua vontade. Já desconfiava que era seu filho, mas precisava ter certeza. Entrei em meu santuário e fiz surgir um espelho d'água, vertical, na minha frente. Um artefato para projetar tudo o que ia sair de mim mesma, para convergir e transformar sensações e pensamentos em imagens.

Lembrei da imagem do bebê, sorrindo, de bochechas rosadas. Enrolado em um cobertor macio, de material caro, olhava para cima e esticava os bracinhos. Fechei os olhos e deixei fluir a sensação ácida porém agradável de expandir minha completa onisciência pelo mundo mortal. A vibração na base da espinha, o ardor subindo até o crânio e explodindo através de meus olhos. Milhões de imagens. Milhões de sons. Milhões de mortais tendo milhões de sensações. Abri minhas pálpebras trêmulas vagarosamente. Fixei o olhar no redemoinho colorido que girava veloz na minha frente. Vi meu translúcido reflexo, os braços estendidos e os olhos brilhando em azul intenso, mas logo meu foco estava no espelho d'água que revolia à minha frente. Uma criança. Aquela criança. Onde? Com quem? Eu quis respostas, mas elas não vieram rápido. Encontrá-lo através da imagem de uma lembrança demorou mais de uma hora. Não sei até quando poderia ter aguentado vasculhar o mundo atrás dele; admito que quando o encontrei estava realmente cansada.

Aberdeen, Escócia, aqui vou eu.

George tinha três anos apenas, estava deitado em seu berço de madeira simples, acolchoado como podia. Sua mãe o rondava de quando em quando para certificar-se de que ele estava bem. O lugar não era exatamente um buraco sujo, mas como capitão John consumira toda a fortuna da mulher, também não chegava perto de ser luxuoso como um dia fora sua residência. Fiquei intrigada, mas nenhuma sensação especial invadiu meu corpo quando entrei naquele quarto fracamente iluminado por algumas velas. Não senti nada fora do comum. Um bebê com uma deformidade evidente no pé e uma mãe depressiva não eram o que eu esperava encontrar. Teria Lúcifer se enganado? Não era possível que essa criança fosse o

próximo a tentar minha sanidade. Talvez eu estivesse enganada, talvez tivesse dado atenção ao suicídio errado. Que perda de tempo!

Fiquei irritada, quase incontrolavelmente. Senti vontade de apertar o crânio da criança até sua cabeça estourar em minhas mãos, em um festival mórbido de sangue infantil. Poderia dominar facilmente a mãe, quando ela entrasse gritando no quarto, e despi-la, esfregar minha boca em seu belo corpo enquanto ela se debatesse, em vão, deixando-a suar seu desespero e então sorver a secreção salgada para...

– O que raios você está pensando?! – disse em voz audível para mim mesma. – Controle-se, garota!

Respirei fundo e fiquei estática, tentando notar dentro de mim qualquer coisa diferente. Quando finalmente percebi, era como se algo tivesse ampliado meus desejos mais ínfimos e distantes, como se eu voltasse a ser uma entidade nova, estúpida, que não sabe do que é capaz. Sem aviso, a tristeza do pensamento de estar perdendo o controle sobre minhas emoções me causou uma impulsiva e quase irrefreável vontade de chorar. Meus olhos negros lacrimejaram na mesma hora. *O que diabos é isso?!* Pensei assustada – e agora a sensação de medo acometia cada fibra do meu corpo. Parti dali na mesma hora para algum lugar, qualquer lugar que fosse longe.

Todas aquelas sensações estranhas cessaram no mesmo instante.

– Será?

Totalmente solitária sobre as dunas escaldantes de um deserto no leste da Líbia iniciei mais um monólogo. O som da minha voz parecia me trazer de volta à realidade, lembrava-me de quem eu era. Destrambelhei a falar.

– Então a vontade de agressão física que senti próximo ao capitão fora causada pela incessante imagem da criança em sua mente. Interessante. E quase perder o controle perante a criança... mais interessante ainda. É como se ela fosse uma alma incrivelmente forte e cheia de emoções, o que, obviamente, causa oneroso efeito em mim, por sentir mais do que qualquer outro ser vivente na Criação. Muito bem, e o que você vai fazer Morte?

– Como assim o que você vai fazer? – a resposta veio mais rápida do que eu gostaria. – Ainda não aprendeu a ficar quieta e deixar os outros viverem suas vidas? Que mania incontrollável é essa de se meter nas vidas humanas?

– Ah... mas como posso resistir a um humano que potencializa emoções ao seu redor? – lamentei, sentindo um sorriso tentar rasgar minha boca viciosamente. – Afinal de contas, ele é meu próximo amor.

– Você não tem certeza disso! – exasperou-se em ríspida voz.

– Só pode ser! Destino aprendeu com Jeanne que é mais fácil eu me interessar pelos mortais especiais. A fé cega de Jeanne foi... difícil mas agradável no geral.

– Novamente insisto, você não tem certeza disso.

– Discordo. Se não fosse tal criança, Estrela-da-Manhã não teria me dito para prestar atenção em suicídios. E perdoe-me, mas nunca senti um suicídio como aquele, em que a pessoa acredita se matar sem consumir o ato. Um suicida nada usual leva-me à uma criança ainda mais esquisita... Só pode ter ligação com minha aposta com Destino.

– Você já viu milhares de coisas estranhas neste mundo, Morte. Pessoas que retornavam do além, rituais bizarros, humanos que bebem sangue e que não estão vivos mas ainda andam por aí... nem todos estão ligados a sua aposta tola. Na verdade, a minoria está. A minoria.

– Não percebe? Foi exatamente por isso que o Diabo disse para eu prestar atenção! – respondi claramente, e tudo fazia sentido. – Dessa forma posso me preparar para quando o garoto crescer. Se ele já é assim quando criança, imagine se eu o conhecesse adulto, cheio de paixão ou, pior, amor? Eu perderia, certamente. Isso se a sensação não me sobrecarregasse os sentidos.

– Então esta aí outra razão para você ficar longe, o mais longe que puder, dessa criança – sua voz começava a beirar o desespero. – Se esse é um mortal que pode destruí-la ou fazer com que você tenha que voltar à Terra como reles humana, a decisão sensata é

afastar-se dele, e não se aproximar mais ou, ainda, interferir na vida dele.

– Quem disse qualquer coisa a respeito de interferir na vida dele? Só desejo sentir algo com a força que a criança proporciona, e não morrer com isso. Desculpe-me, mas não só já passei como passo muito tempo sozinha. Quando acontecem coisas assim, sou obrigada a me divertir um pouco. Vou, sim, prestar bastante atenção na vida desse garoto, e, se me sentir desconfortável, capturo o anjo que ajudou Lúcifer a pegar o livro sobre ele e faço-o trabalhar para mim também.

– Eu sei que você passa muito tempo sozinha, Morte. Não deve ser fácil. Tenho motivos para acreditar piamente que sua solidude a está deixando-a doida. Você já está achando que pode sair por aí caçando anjos... Você realmente acha que agora tem licença para atacar os que servem a Deus?

– Ora, cale-se! – respondi irritada, jogando as mãos para cima. – Não falei nada sobre atacar. Não sou estúpida. Vou achar Uriel e tentar descobrir como ele fez para conseguir o livro. Só isso. E então eu mesma vou pegá-lo.

– É... você realmente não vai chatear ninguém entrando pessoalmente na biblioteca de Destino e pegando um livro “emprestado”. O mesmo livro que ele criou para derrubar você. Pensando bem, você definitivamente perdeu o juízo.

– Como pode afirmar isso com tanta propriedade?!

– Você ainda está falando sozinha, Ahmnat.

– É... eu sei.

Os anos passaram como horas. Minutos de infindável excitação. O garoto cresceu. E como cresceu!

Cada dia que envelhecia, uma paixão comparável à fé de Jeanne crescia dentro dele. Eu o observava de longe, sentindo seu coração bater mais forte toda vez que pousava os olhos sobre uma garota, sobre uma mulher, sobre seus livros a respeito do Império Romano. Era intoxicante chegar perto dele. Raras vezes eu me aproximava um pouco mais, e em algumas delas cheguei a ter certeza de que ele era o mortal perfeito. Ficar próxima dele era estar mergulhada

em uma piscina de sensações intensas, era como respirar amor líquido.

Mesmo antes de completar a primeira década de vida, quando herdou o título nobiliárquico de um tio-avô e tornou-se Lorde, ele fora iniciado nos prazeres carnavais que eu tanto admiro nos mortais. Prazeres que nunca tive realmente e que então voltaram a me incomodar. Lembrava, claro, de quando eu e Vidhora possuímos as mortais, mas não era nada comparado àquilo. O que ele sentia com cada toque, cada beijo, cada explosão de prazer chegava a ser surreal em minha onisciência sensitiva. E isso piorou muito em sua adolescência, quanto teve real noção de seu poder. Um Lorde, belo, inteligente e carismático atraía muita atenção. Não é necessário dizer que, desde prostitutas até mulheres nobres com casamentos falidos, passando por colegas, empregadas e professores, todos tiveram seus corpos umedecidos pela saliva de George. Em todas essas incontáveis vezes que o "homem mais apaixonado do mundo" se esbaldava com seus amantes, sem exceção, eu estava próxima, o mais próxima que conseguia, para sorver tudo aquilo para mim. Foram vinte anos me esbanjando em suas sensações, engolindo sua vida como se fosse minha. *Qual seria a sensação do toque dele em mim?* Pensava, pela primeira vez, em tornar-me material e fazer amor com um humano. *Seria possível? E se ele morresse? E se eu morresse?*

Não preciso entrar em detalhes sobre sua história, pois ele viria a se tornar um famoso poeta por todo o mundo, deixando como legado uma legião de fãs apaixonados por sua obra. Ele era um escritor maravilhoso. Estrela-da-Manhã tinha absoluta razão quando disse que Destino percebera que eu andava admirando obras mortais e faria o possível para se aproveitar disso. Aproveitou-se. Um mortal espetacular, com uma paixão eterna fluindo nas veias, inteligência e ousadia de sobra, causava-me perigoso fascínio.

Quanto tempo eu ainda teria com ele? Deveria me entregar para Destino e dizer que ele vencera? Poderia assim retornar como mortal e me jogar nos braços de George, suplicando para que ele me possuísse com a mesma paixão ardente que dedicava às suas

vítimas? Eu precisava saber. Talvez por influência do rapaz, já não mais controlava minha ansiedade e minha curiosidade. Eu precisava do livro.

– Como eu encontro um anjo agora? – disse em voz alta e me calei imediatamente, antes que falar sozinha virasse um péssimo hábito.

E logo me lembrei de um livro escrito por Eliphas Westcott, no qual o pobre estudioso britânico tentava difundir conceitos místicos, conjurações e outras práticas que a enorme maioria da humanidade considerava baboseira. E, na maioria dos casos, era mesmo – tal qual o punhado de infelizes que acreditavam invocar o demônio, como narrei. Diversos escritores realmente tinham imaginação vívida e criatividade a florada; li diversos livros que sem dúvida eram um desperdício de tempo, tal a quantidade de asneiras em suas páginas. No entanto, o livro de Westcott me chamou a atenção, não tanto pelos rituais descritos nem pelo baixíssimo índice de vendas que teve, mas pela segurança com a qual ele escreveu. Usou conceitos que chegavam muito próximos da realidade, como o Julgamento e o Limbo – usou a palavra “Purgatório” para se referir a ele, mas a ideia era bem próxima da verdade. Sendo assim, resolvi fazer-lhe uma visita formal.

Obviamente, encontrá-lo foi fácil. Ele morava em uma residência até bem simples, na Rue de l’Eglise em Paris.

Assim que apareci, ainda etérea, esquadrinhei a área ao meu redor para ver o que os mortais vestiam naquela época. A cidade já era considerada capital da moda, e eu deveria me vestir como um deles. Uma bela jovem trajando um vestido púrpura me chamou a atenção. Examinei bem os detalhes do traje e fui até a porta do senhor Westcott.

Tornei-me material e olhei para baixo, para meu vestido negro. Particularmente, meu vestido sempre me pareceu moderno e muito bonito. Talvez ele até tenha mudado sua forma original, talvez eu, inconscientemente, tenha feito seu desenho nunca ficar antiquado, ou, ainda, ele simplesmente tivesse um corte atemporal. Uma

vantagem excelente de se ter um vestido “costurado” de fogo e sombra.

Um gesto de meu pulso acompanhado por uma dose de vontade foram o suficiente: meu vestido começou a ondular como se tivesse ganhado vida própria; se prendeu e se abriu em detalhes antes inexistentes, ganhou dobras e um forte tom púrpura como o do vestido da jovem que passara. Acertei a altura do busto e encurtei um pouco as mangas. Com outro gesto, estiquei veloz a mão esquerda para o lado do corpo e desejei uma pequena sombrinha da mesma cor, que imediatamente se fez concreta entre meus dedos. Só então parei para pensar que nunca havia feito surgir um objeto do nada. Mas não me impressionei muito com o fato; teria ficado assustada se não pudesse fazê-lo.

O sol de final de tarde causava um brilho rosado na porta da casa dele, e o aroma de orquídeas era bem evidente. Bati levemente na porta e, como se estivesse sendo aguardada, a voz áspera do senhor Westcott soou lá de dentro, perguntando quem era. Eu deveria ter pensado nisso antes...

– Monsieur Westcott? Tenho um assunto de grande interesse seu para tratar – disse em voz alta e em francês.

Ele não me respondeu imediatamente, mas escutei seus passos vagarosos e pesados vindo em direção à porta. Ajeitei-me nas vestes um tanto incômodas, quando me lembrei, num susto:

– Seus cabelos! Seus olhos! E pare de falar sozinha!

No intervalo de um suspiro meus cabelos se encaracolaram em densos cachos negros, e uma cintilante presilha os ajeitou sobre minha cabeça. O barulho do molho de chaves batendo contra a porta para abri-la veio segundos antes de eu decidir que queria a cor azul clara para meus olhos. Minha mãe teria aprovado o resultado.

– *Qui êtes-vous?* – perguntou ele sem delongas, deixando a porta entreaberta e colocando só o rosto para fora. – O que deseja comigo... – mas quando colocou os olhos em mim, mudou rapidamente de atitude. Eu estava, honestamente, belíssima. – ...err... *mademoiselle?*

– *Bonjour, monsieur* – Então passei a falar-lhe em inglês. – Gostaria de conversar com o senhor sobre seu trabalho.

– Bah! Deixe-me a sós, senhorita, não tenho tempo para mais insultos.

– Talvez alguns milhares de francos o façam mudar de ideia?

Ele me olhou apreensivo, balançou a cabeça baixando o olhar pensativo, e rapidamente subiu os olhos em direção aos meus, desconcertado por pousar a vista por alguns segundos em meu decote. Deu um grunhido incrédulo e esbravejou:

– Vocês nobres... acham que podem caçoar de um velho e ainda usar seu dinheiro para qualquer fim de diversão. Não vou permitir que faça isso comigo, senhorita. Vá embora e leve seu dinheiro com você. Recuso-me a ser objeto de suas brincadeiras.

Ele fez menção de fechar a porta na minha cara com força. Na verdade, ele chegou a bater a porta, mas ele a sentiu estancar em algum ponto antes de se chocar contra o batente. Olhou pela fresta que sobrava e viu minha mão de dedos finos segurando-a sem o menor esforço. Subiu vagorosamente os espantados olhos atrás dos óculos de grossas lentes em meia-lua e fitou-me em silêncio. Eu disse, com um sorriso soturno, direto em sua mente:

– Não estou brincando, senhor Westcott.

Sua sala era adornada por inúmeros quadros nas paredes de revestimento desbotado, com cores pastéis que há muito foram ali colocadas. Diversas estantes entupidas de livros velhos me trouxeram uma lembrança translúcida da biblioteca de Destino, com papéis soltos entre os grossos volumes sobre assuntos que não prestei atenção. Um sofá de couro cáqui, com manchas aparentes de bebida derramada, encostava-se na parede, frente a uma mesinha de centro em pinho, que servia de suporte para pequenas estatuetas e outras quinquilharias que o velho Westcott gostava de acumular. Do outro lado, duas confortáveis poltronas cobertas por uma fina camada de poeira acomodavam a mim e ao senhor Westcott, que agora se servia de uma xícara de chá de ervas e ainda franzia a testa após minha recusa em ser servida. Mudei de ideia e

aceitei. Dobrando-se sobre a mesa, serviu-me e esticou-me a xícara, equilibrada sobre um pequeno pires.

Agora sob a luz amarelada das velas do candelabro ao nosso lado, observei o escritor com mais interesse. Seus olhos eram de um castanho esmaecido, revelando seus sessenta e três anos. Seu corpo era forte, apesar da idade, escondia os músculos sob uma camisa branca de bom tecido. Os óculos pendiam de seu rosto sem barba ou bigode. Os cabelos grisalhos jogados para trás e presos por uma fita negra não viam um sabonete fazia dias.

Ele olhou para mim com assustada curiosidade. Depois de tomar em silêncio uma xícara inteira de seu chá favorito, apoiou-a sobre a mesa e serviu-se novamente. Queria uma desculpa para não ter de pronunciar nenhuma palavra e esperava que eu começasse o assunto. Não o fiz. Apenas sorria para ele quando me olhava de esguelha, como se tudo aquilo fosse inteiramente normal. Ele tomou mais um gole e finalmente dispôs-se a quebrar o silêncio.

– Bom, senhorita... comecemos pelo princípio. Posso saber seu nome?

– *Mademoiselle* Charlotte Patrice. Lady Patrice para alguns, apenas Charlotte para poucos – disse com um sorrisinho amigável.

– Charlotte variante francesa d’Aquela-que-é-Forte; Patrice, do egípcio antigo, lembrando o templo de Ísis... Então a senhorita é “A mulher forte, seguidora de Ísis, que veio do Egito”? – disse ele, com os lábios entortados num sorriso irônico, esforçando-se para mostrar-se literato. – Ou estou indo longe demais?

– De forma alguma, *monsieur!* Vejo que vim ao lugar certo. Para mim, meu nome fora inteiramente casual – mentira, obviamente –, escolhido por meu pai. Mas o senhor sabia que sempre senti uma vontade intrínseca de conhecer o Egito? As terras exóticas e o eterno lar dos grandes faraós.

– Já estive no Egito! É realmente muito bonito. O conjunto das pirâmides é particularmente belo. Uma visão que certamente guardarei para o resto da vida – olhou para o teto lembrando-se dos momentos passados lá, com tenra saudade. Após uma rápida

erguida de sobancelhas, voltou-se

para mim. – Faz muito calor, infelizmente. Quase tive uma insolação.

– O senhor me parece uma pessoa que já viajou muito, por todos os cantos do mundo. Sabe? O senhor tem aquele ar de sabedoria que eu procuro em uma pessoa tão importante no meio acadêmico.

– Não diga isso, senhorita. Se *mademoiselle* me conhecesse bem saberia que sou uma piada no mundo acadêmico. Ninguém leva a sério minhas divagações infundáveis sobre as coisas que essas pessoas de mente fechada não conseguem enxergar.. O que me desperta a curiosidade de perguntar: quantos anos tem a senhorita? Pois me parece bem jovem para andar sozinha procurando por velhos desacreditados.

– Às vezes, senhor Westcott, me sinto com três mil, setecentos e noventa e quatro anos, cento e vinte e cinco dias, dezenove horas e exatos quarenta minutos.

Ele arregalou os olhos, espantado com a precisão de minha “brincadeira”. Porém continuou com o rosto sóbrio.

– Entendo o que diz, senhorita. Às vezes eu também me sinto bem velho. Mas, verdadeiramente, quantos anos a senhorita tem? Pois me intriga seu corpo jovem possuir olhos tão marcantes e aparentemente tão cheios de conhecimento.

– Tenho vinte e dois anos. Mas posso afirmar que já vi muitas coisas nesse mundo nas quais, creio eu, nem o senhor acreditaria.

– Pois então me conte – disse ele, esticando a mão aberta em gesto cordial para que eu prosseguisse.

No entanto, sua mente procurava desesperadamente um jeito de me perguntar o que eu estava fazendo ali e, mais ainda, como eu lhe falara diretamente por telepatia. Ou estaria ele imaginando coisas? Não tinha dormido direito, afinal. Eu o ajudei:

– Nós podemos dispensar certas cordialidades triviais, senhor Westcott. Não é para isso que eu estou aqui, e o senhor provavelmente está imaginando qual é o verdadeiro motivo de minha presença. Principalmente porque...

– Você disse coisas diretamente em minha cabeça – interrompeu ele, jogando seu modo cortês pela janela.

Apoiei a mão direita, aberta, no peito, tentando representar toda a falsa indignação que conseguia. Minha voz acompanhou a intenção.

– Eu? Como assim? Você se refere ao dinheiro? Eu falei sério quando disse que poderia pagá-lo muito bem.

Ele se conformou momentaneamente de que deveria ter imaginado coisas.

– Muito bem, então o que a senhorita deseja de mim? E já aviso que dependendo da extensão do serviço, ele pode ser bem caro.

– Ah... senhor Westcott, para um acadêmico desacreditado que praticamente não tem nada na despensa para matar a fome, o senhor não vai abusar do preço simplesmente porque lhe pareço uma jovem estúpida que deseja se aventurar pelo mundo do misticismo, não é? – ele me olhou assustado, engasgando com o chá, mas se recompôs no mesmo instante. – Afinal, eu posso estar sendo extremamente gentil, mas meu temperamento é tão intermitente quanto...

– Está bem! – interrompeu novamente. – Entendi o recado. Você está me ameaçando agora. Isso realmente é uma ameaça, não é?

– O senhor deseja que seja?

– De forma alguma. Mas a senhorita tem de me perdoar. Estou realmente confuso, para não dizer apreensivo, com sua presença aqui – disse ele, levantando-se da cadeira e dando passos curtos ao redor da mesinha de centro, com as mãos no bolso. – Muito bem, preciso do dinheiro realmente. Não vou ser orgulhoso ou hipócrita. O que a senhorita deseja?

– Preciso encontrar um anjo – disse sem delongas, sem sorrir.

Ele me olhou aturdido, como se um piano tivesse caído sobre sua cabeça. Engoliu o desejo iminente de mandar-me para fora dali quando percebeu que eu o olhava séria. Mesmo assim, perguntou-me, com o choque claramente transparecendo em sua voz.

– Que... que anjo a senhora deseja convocar? Pois já aviso que convocar anjos, como eu bem descrevi em meu último volume de *Invocações Práticas de Espíritos, Anjos e Demônios*, não é tarefa fácil e necessita de artefatos e objetos de inestimado valor.

Sinceramente, objetos que talvez nem a senhora possua riquezas suficientes para obtê-los.

– Dinheiro não é uma objeção, desde que o senhor não tenha descrito materiais impossíveis de se obter para ninguém tentar as invocações.

– Eu lhe asseguro, senhorita, que após incontáveis anos de estudo, estou praticamente certo de que funcionará. Não posso garantir com irrefutável certeza, pois claramente eu mesmo não tenho dinheiro para obter tais itens.

– Dê-me a lista do que o senhor necessita e comece os preparativos.

Ele retirou as mãos dos bolsos de supetão e aumentou o tom de voz.

– Senhorita, não é algo como sair na rua e comprar um doce! É um processo demorado e bem complexo! E não é que exista uma lista imensa de materiais, na verdade mesmo eu consigo adquirir boa parte deles.

– Então o que o senhor precisa que eu adquira?

Ele balançou a cabeça desacreditado, como se conversasse com uma mulher louca. Foi até uma escrivaninha, que estava servindo também de banquete para cupins, e mergulhou a pena na tinta, escrevendo o que precisava num pequeno pedaço de papel de carta. Então me entregou a lista, virando-se de costas, já esperando que eu reclamasse de seu conteúdo absurdo. Pousei os olhos sobre os itens e ignorei os de valor alto, parando apenas em um deles, achando mais engraçado do que difícil.

– Secreção de uma mulher amada?

– Sim, pois a emoção envolvida para que ela secrete a... substância agirá como um veículo emocional para trazer o anjo à Terra – explicou, como se fosse óbvio.

– Um frasco de alegria? O senhor deve estar brincando comigo.

– Na verdade é um jeito que eu encontrei de descrever qualquer substância, sólida, líquida ou gasosa, que traga tal sensação incorporada. Eu imagino que um frasco de lágrimas de felicidade

servam, pois o sentimento tem de ser real, mas não faço ideia de como obtê-las.

– Entendo, só mais uma pergunta então: algo criado pelo Divino?

– Sim, algo que tenha sido criado por... bem... Deus.

Arregalei os olhos. Qualquer planta foi criada por Deus! Parecia-me simples. Ele pareceu ler meus pensamentos:

– Mas não pode ser qualquer coisa, se você acredita que foi realmente Deus que fez o mundo. Porque, na verdade, uma planta foi criada por outra planta, um ser humano foi criado por outro ser humano, então o problema é que, se você não encontrar vestígios da *primeira planta* do mundo, ou os próprios Adão e Eva, nós temos um problema.

Eu pensaria nisso mais tarde. Acenei com a cabeça e guardei o papel com a lista dentro do vestido, no colo. Levantei-me.

– Quanto tempo demora para o senhor arrumar tudo e conseguir os itens triviais?

– Se eu tiver... dinheiro suficiente – olhou para mim encabulado –, creio que em uma semana podemos fazer o ritual de invocação.

– Isto é suficiente? – joguei em cima da mesa uma quantidade de dinheiro que ele não acreditou ter saído de dentro de minha sombrinha. – Caso negativo, posso arrumar mais.

– Não... – tossiu embasbacado –, de forma alguma. Isso me parece... bem... bem mais que o suficiente.

– Sendo assim, adeus, *monsieur* Westcott... nos veremos em uma semana, e pessoas que trabalham para mim trarão os outros itens durante esse intervalo.

Ele me acompanhou até a porta, que rangeu ao abrir. Passei pelo portal sem olhar para trás, quando ele perguntou:

– Senhorita Charlotte, como vou saber que eles trabalham para a senhorita?

– *Monsieur*, acredite, o senhor saberá.

Desapareci assim que a porta se fechou.

Naquela semana fui procurar os itens de que o escritor precisava. Alguns, apesar de muito caros, eram ridículos de se adquirir para uma entidade como eu. Não pensei em roubo enquanto tirava certos

objetos de cofres e residências luxuosas – sinceramente, sempre tive uma mentalidade completamente diferente sobre o que é certo e o que é errado. As instruções dadas aos meus anjos foram cumpridas à risca: quando levavam os tais itens até a porta do senhor Westcott, batiam na porta e desapareciam logo em seguida. Imagino o rosto dele abrindo a porta e encontrando coisas como “um trio de castiçais de ouro maciço portando símbolos sagrados da igreja católica”.

Foi uma jornada divertida por diversos lugares belíssimos, de arquitetura memorável e decoração suntuosa. Imaginei o que outras entidades, e mesmo Estrela-da-Manhã, pensariam sobre mim, Morte, me aliando a um mortal para tentar encontrar um anjo. Era excitante e ao mesmo tempo um tanto engraçado.

Para os itens sobre os quais indaguei apreensiva, tive de usar minha criatividade.

Voltei até George. Encontrei-o em uma taverna mal iluminada, mas bem frequentada pelos jovens afeitos à melancolia, ou *spleen*, como chamavam. Ele fazia amor com uma mulher e um rapaz, já de vista embaçada pela bebida forte que tomavam. Estava me sentindo tão bem, que resolvi tentar um movimento arriscado. Entrei na taverna pela porta da frente. Diversos rostos se voltaram para mim, uma estranha de feições exóticas, trajando um vestido cinza-avermelhado, incompatível com o padrão usado pelas moças da época. Na verdade, acho que eu era a única mulher ali que não era prostituta.

– Posso servi-la uma bebida, senhorita? – perguntou galante o horroroso atendente, apoiando o umbigo nu e peludo em minha mesa e ajeitando o colete barato que envolvia seu tórax sem camisa. – Quem sabe um pouco de vinho?

Consenti com a cabeça, mas o chamei de volta quando se virou e insisti que fosse o melhor vinho da casa. Ele confirmou e desapareceu atrás da porta da despensa.

As pessoas ainda me olhavam. Um grupo de jovens em uma outra mesa se amontoava próximo a um par de velas para ler *Hours of Idleness*, um livro de poesias que muitos consideravam chocantes

demais. Escrito por George, meu mortal favorito, que se deliciava com os jovens no quarto acima e exalava paixão em tudo o que fazia. Guardo seus poemas em meu coração até hoje.

Próxima de terminar minha demorada taça de vinho, um ousado jovem sentou-se em minha mesa. Tinha compridos cabelos castanhos, amarrados atrás da nuca por uma fita, lábios bem vermelhos e carnudos, o rosto maquiado como era a moda e trajava uma bonita vestimenta cobrindo o corpo sensual. Seus movimentos eram precisos, ágeis e cheios de charme. Apoiou sua taça sobre a mesa, falando sem pedir licença.

*Se eu pudesse, como se possível fosse,  
Tentá-la como perverso anjo maculado  
Estaria eu entregue, de braço dado,  
Ao último amor, antes da morte doce;  
Se eu pudesse, neste momento,  
Mostrar-lhe quem sou e o que anseio  
Tirá-la daqui, bela dama, e ao relento  
Fazer as pontas encontrarem o meio;  
Pois andei entre bebidas sufocadas,  
Entre olhares e almas jogadas,  
Li livros que ninguém lê  
E tentei diversos tipos de ofício,  
Mas nunca encontrei um vício,  
Que fosse maior que você.*

– Muito bonito – disse, abrindo os olhos vagorosamente. Não percebi que os fechara, mas acho que sou suscetível a belos textos.

– Mas estou aqui com outro propósito, meu jovem. Algo que não envolve seus lábios, seu corpo ou, ainda, seu galanteio.

– Deixe-me tentar uma outra vez, senhorita. Eu lhe imploro.

*Bom, se você implora, quem sou eu para dizer não?* Pensei. Tive a sensação de que a jovem já desmaiara exausta ao lado de George, e o outro rapaz estava indo pelo mesmo caminho. Só sentia em meu peito sua respiração ofegante enquanto as carícias de meu mortal pareciam lhe perfurar a pele e explodir de dentro para fora em seu

crânio. Logo, George deixaria o quarto, e eu subiria para colher a tal secreção da jovem. Não conseguia distinguir precisamente onde George estava; a sensação de estar perto dele era avassaladora, mesmo estando a um andar de distância. Fiz um sinal com a mão para que o belo garoto ao meu lado continuasse.

Ele sorriu como se tivesse ganhado um prêmio havia muito aguardado.

Ansioso, deu uma olhada rápida para trás, buscando a desnecessária afirmação de seus dois amigos ao fundo, sentados num recanto. Limpou a garganta com uma tosse rápida e continuou, olhando para mim.

*Que olhar alveja este corpo cansado  
Dos teus olhos raios de ternura  
E lágrimas do amor que segura  
No antro de um coração silenciado;  
Esqueça que sofri enclausurado  
Minha triste e querida figura  
Depois da dor sempre vem a ventura  
Não para este homem que jaz ao lado;  
Ajoelhas perante uma alma esquecida  
Deste mundo por demais pequeno  
Ajoelhas perante minha vida;  
Levo comigo o remorso sereno  
Angelical mulher dos céus parida  
Foste o teu beijo meu mortal veneno.*

Sorri, sinceramente. Ergui as mãos e aplaudi discreta.

– Você é sem dúvida um romântico. Porém reitero que não procuro o que você procura. Mas, novamente, agradeço o esforço. Sim, se desejar pode beijar-me o rosto – disse, lendo suas mínimas intenções.

Ele já dobrava o corpo, em pé, agradecendo cordialmente, quando me ouviu dizer. Ficou um pouco atrapalhado, quase tropeçou quando chegou mais próximo de mim. Gentilmente tocou seus lábios em minha bochecha. Estremeceu brevemente. Uma sensação ao mesmo

tempo pavorosa e incrivelmente excitante lhe bombardeou as veias com adrenalina. Afastou-se, temeroso, sem dizer nada, juntando-se a seus amigos pouco depois.

Levantei-me, decidida. Infelizmente, ao passar pelo arco de madeira que separava o salão das escadas que permitiam acesso ao segundo andar, a sensação piorou. Quanto mais próxima de George eu chegava, mais minhas próprias emoções aumentavam e rugiam descontroladas. A mais forte delas, claro, a paixão física e o desejo imoral. Forcei-me alguns degraus acima.

O mundo desapareceu.

Ele sussurrava em meu ouvido frases de pura luxúria, passando levemente os dedos por meu corpo, fazendo meus alvos pelos eriçarem. Sentia nas mãos meu contorno, respirava meu perfume. Sua boca percorria o perigoso caminho até a minha, trilhando, exploradora, a linha descrita pelo contorno de meu queixo. Senti seu tórax encostar em minhas costas, quando me abraçou firme, envolvendo-me ébria em sua volúpia. Apalpou meus seios com todos os dedos, arranhando-me suavemente. Suspirei. Minhas coxas estremeciam. Algo dentro de mim suplicava para se libertar. Meu ventre esquentava e minha intimidade chorava por amor. *Toma-me. Agora. Sou sua. Não espere mais. Não me acaricie. Não me chame de senhorita. Não me corteje. Não fui feita para ser galanteada. Fui feita para morrer em seus braços.* Uma de suas mãos subiu e agarrou meu pescoço, a outra, em movimento oposto, apertou-me onde eu desejava – beirei o delírio. Todo o ar se esvaiu de meu corpo, acompanhando o que restava da minha voz.

– Madame, você está bem? – perguntou o rapaz romântico que declamara poesias para mim.

Ele tocava meu ombro. George desaparecera. Eu arfava, descontrolada, apoiada na parede do corredor. Olhei para o jovem. Seu rosto ficou pálido, como se tivesse visto um fantasma. Provavelmente viu. No reflexo de um escudo prateado muito bem polido atrás dele, meus olhos denunciavam minha sobrenaturalidade, minhas íris completamente negras, desprovidas de reflexo. Baixei a cabeça. Afastei-me e voltei até minha mesa com

uma mão no rosto e a outra segurando o vestido. Mas não conseguia respirar, tive de deixar o lugar. Fui para a rua.

Eu não deveria ter tentado me aproximar mais. Na verdade, o que eu fazia ali, afinal? Não sabia responder. Senti raiva de mim mesma por estar desejando um mortal como eu o desejava. Não tinha certeza se era amor. Mas também não tinha certeza mais da aposta que eu fizera com Destino. Eu não poderia me apaixonar, seja por que motivo fosse, por amor à qualquer atributo do mortal, qualquer qualidade. Jeanne tinha graça e fé. Tsun, coragem e honra. Ahatza, poder e glória. Este, enfim, tinha inteligência e luxúria de sobra. Eu só conseguia sentir a última. Tive uma vontade súbita de expandir meu poder para me lembrar de quem eu era. Matar todos num raio de quilômetros. Gritar o mais alto que minha voz sobrenatural chegasse. Beijar o primeiro homem que me dirigisse a palavra. Fazer sexo com todos os homens nos quais eu pousasse o olhar...

– Se... senhorita? – disse novamente o rapaz, que havia me seguido para fora. – Posso fazer algo pela senhorita? A senhorita está bem?

– Não... não é necessário. Não se preocupe.

Ele não sabia o que dizer, mas tenho que admitir que teve coragem para me seguir depois de ter-me olhado nos olhos. Meus verdadeiros olhos. Ora, pensando bem, ele acabara de beijar a morte. Ele era corajoso.

– Se eu puder fazer algo pela senhorita, é só pedir – prontificouse. – Quando você correu para fora eu deixei algumas moedas em cima de sua mesa. Não queria que causasse confusão, sabe?

Ergui-me, inspirando profundamente todo o ar que eu conseguia. Expirei devagar e virei-me para o jovem, já de olhos azuis.

– Meu rapaz, você gostaria de fazer-me um favor?

– Sem dúvida, senhorita, o que quiser – assentiu com a cabeça.

– Pagarei dez libras a você para que retire uma pessoa deste lugar e leve-a para longe daqui. Digamos que a presença dele me é desconfortável, e não poderei dormir em meu quarto sabendo que ele se encontra no mesmo ambiente.

– Ele fez algo de errado para a senhorita? – perguntou um tanto acanhado. – Pois eu e meus amigos podemos ensinar uma valiosa lição a...

– Não. Isso não será necessário. – *Se você tocar nele eu decepo sua cabeça, desgraçado.* – Somente suba, procure por um rapaz, jovem como você, chamado George Gordon. Invente uma desculpa, qualquer que seja, mas retire-o do prédio. Se precisar, ofereça-lhe dinheiro. Eu o recompensarei.

– Jovem como eu, senhorita? – riu baixinho. – Mas sou provavelmente mais velho que você.

– Que seja – curvei a cabeça para o lado, desdenhando o comentário. – Você pode fazer isso por mim? Estarei esperando do outro lado da rua, naquele beco entre os prédios marrons.

O rapaz acenou com a cabeça e correu para dentro do bar. Eu atravessei a rua. Mergulhada nas sombras para não chamar a atenção de transeuntes, aguardei, ouvindo tudo o que se passava ali dentro. Ouvi George dizer que não ia sair e o rapaz oferecer a ele cinco libras para acompanhá-lo. George recusou, acreditando que era alguma emboscada criada por algum marido ciumento de uma de suas amantes. Mas o rapaz, astuto, olhou pela fresta para a cama atrás dele e, sendo realmente convincente, disse que, na verdade, um marido ciumento estava a caminho naquele momento. Que uma amiga tinha mandado avisá-lo. George se vestiu apressadamente.

Atrás de mim, um homem se aproximava, fazendo seu melhor para não ser ouvido. O cheiro de suor que emanava de seu corpo era insuportável. A alguns metros de mim, ele puxou silenciosamente um punhal de dentro do bolso do casaco. Apertou os próprios testículos e passou a língua nos lábios, suspirando com a própria sorte de encontrar uma bela dama perdida em seu beco preferido. Atrás dele, a lua cheia já se mostrava dona do céu. Quando se preparou para dar o bote, escutou um estalo abafado e encarou a lua de frente, mesmo que seu corpo continuasse virado para o outro lado. Seus pensamentos deixaram sua mente na mesma velocidade que a adentraram. Caiu inerte sobre uma pilha de

lixo e foi resgatado por uma bela criatura alada, que respondia a minha vontade.

Voltei para a taverna após George passar correndo pela rua, olhando para trás e rindo como um adolescente que acabara de fazer algo errado mas delicioso. Subi as escadas e encontrei meu prestativo poeta espiando para dentro do quarto onde havia conversado com George. Lá dentro, o rapaz e a moça dormiam nus sobre a cama. Passei pelo curioso jovem frente à porta e entrei no quarto. Ele me acompanhou com os olhos, curioso com o que eu faria. *De onde mais o senhor Westcott esperava que eu removesse "secreção de uma mulher amada"?* Fiz materializar um frasco delicado e procedi à coleta da secreção que ainda escorria pelas pernas da garota.

Sem que eu me virasse, a porta do quarto se fechou a um comendo meu, assustando o rapaz. Ele desceu as escadas e passou a noite fixado nelas, esperando que eu aparecesse. Mas eu já estava bem longe dali.

O "algo criado pelo Divino" foi fácil. Raspei os resíduos do sangue angelical que manchava a lâmina afiada da foice que tomei como troféu e coloquei em outro frasco. Se aquilo não funcionasse como "algo criado por Deus", nada funcionaria.

Nos dois últimos dias antes de voltar para a residência do ocultista inglês, pensei incessantemente sobre o último ingrediente. Não conseguia descobrir como obter um "frasco de alegria". Claro que eu podia localizar em um piscar de olhos uma pessoa que estivesse chorando de alegria, mas o pensamento de aparecer do nada e pedir para a pessoa chorar num frasquinho era ridículo. Podia tomar as lágrimas à força, claro, mas a sensação da pessoa certamente mudaria para desespero. Eu precisava de alegria pura.

Já era hora de encontrar Westcott. Sem o último ingrediente, resolvi tentar algo que me parecia uma boa ideia.

– Achei que a senhorita não fosse aparecer – disse ele, abrindo a porta, solícito. – Entre, entre. Vamos lá para baixo.

– Depois de tudo o que passei para obter os itens necessários, *monsieur*, seria tolice minha não comparecer – disse, seguindo-o

pela escada de madeira que havia indicado. A cada degrau a madeira rangia mais e ia ficando mais e mais empoeirada conforme descíamos.

Dei de frente com uma pesada porta, onde símbolos desenhados com giz branco cobriam toda sua extensão. Utilizando uma chave de ferro, grande e enferrujada, ele a destrancou, e ela gemeu barulhenta. Usou boa parte de sua força para empurrá-la para dentro e apressou-se a fechá-la depois que eu passei. Mergulhamos em escuridão absoluta por um breve período, e ele não parecia se importar, movia-se pelo quarto como se enxergasse no escuro, tamanha sua familiaridade com o ambiente. Cada vela que acendia revelava mais objetos meticulosamente arrumados: os castiçais de ouro dispostos em pirâmide ao redor do pentagrama desenhado no chão, a mesinha de madeira que apoiava vários frascos aninhados sobre um grosso pano de algodão, um athame dourado em sua bainha – uma adaga comprida, usada em rituais ou encantamentos como direcionador de energia, por vezes representando o princípio masculino –, um tapete com desenhos geométricos em outro canto ao redor do círculo, um espelho de moldura dourada em cada canto da sala, incenso, óleos especiais, um cálice de prata com água, entre outros itens.

Aliás, sempre me intrigou o uso do pentagrama para rituais. O grupo que conjurara o demônio anos atrás também utilizava o mesmo símbolo. O símbolo era originalmente associado à deusa romana Vênus, só depois passou a ser usado em magia cerimonial por representar os quatro elementos e o espírito. Para mim, sempre foi apenas uma estrela no chão. Acho que quando já se olhou o Diabo nos olhos, símbolos perdem um pouco o sentido.

Após toda a preparação, Westcott parecia um garoto de colégio. Visivelmente empolgado em realizar, pela primeira vez, a prática de suas teorias. Não utilizou nenhuma roupa especial, mas pediu que eu fechasse a sombrinha e a pousasse em um canto, pois de alguma forma poderia interferir no resultado. Ajoelhou-se sobre o pequeno tapete estampado, à frente do círculo com o pentagrama e ao lado

da mesinha com os variados ingredientes. Apoiou as mãos nos joelhos e olhou severo para mim.

– Agora, senhorita, está pronta para o que pode acontecer? A senhorita tem os nervos necessários para vislumbrar o além-vida e o desconhecido?

*Ah, se ele soubesse com quem está falando...*

– Creio que sim, *monsieur*, apesar de estar um pouco preocupada com minha própria saúde. O que devo fazer?

– Pois bem, ajoelhe-se e faça o que eu fizer. Movimente-se exatamente como eu. Quando eu utilizar os ingredientes, a senhorita somente repete o movimento anterior. E... – parou por um instante olhando-me ainda mais severo – ...faça o que eu mandar. Não se preocupe. Juro que tomarei conta de você. Mas se eu disser “saia da sala”, por exemplo, a senhorita sai. Estamos entendidos?

– Sim, senhor! – consenti sorrindo curiosa, acompanhando o clima.

O ritual começou. Ele fazia gestos, eu acompanhava. Ele entoava cânticos, eu repetia. Ele reverenciava o nada, eu o fazia. Ele fingia estar sentindo espíritos, eu fingia acreditar. Ele pronunciava algumas frases em latim cada vez que jogava um ingrediente novo dentro do círculo. Havia marcado seus frascos com letras e pequenas saliências, assim não precisava abrir os olhos para identificá-los. “*A magnis proprio vivitur arbitrio!*” – Lá vão as leis onde as querem os reis! – gritou, jogando um dos elementos. “*Praetext fides supplementum sensuum defectui!*” – À fraqueza dos sentidos, sirva a fé de suplemento! – mais uma vez, jogando outra coisa. “*Dubium sapientiae initium!*” – A dúvida é o começo da sabedoria! – novamente, espalhando pó de alguma coisa malcheirosa no círculo.

Assim ele continuou. Cada minuto que passava eu me desgostava mais com o resultado. Uma gosma disforme e fedorenta no meio do círculo era tudo o que aquele ritual tinha gerado. Eu não sentia nada de diferente, e isso era mau sinal: sentir as coisas era efetivamente a raiz de meu principal poder.

– E agora, para os ingredientes finais – disse ele fazendo uma reverência ao pentagrama. – Senhorita, despeje o gozo feminino!

*Ah... então quando ele disse "secreção" ele estava sendo educado. Ainda bem que peguei do lugar certo.* Pensei ao jogar o frasco no meio do círculo.

– Respire fundo, sinta em seu âmago o calor do Paraíso. Crie a esfera de luz protetora à sua volta, atirando em oferenda algo criado pelo Divino.

Eu estava quase pronta para atirá-lo pela janela em oferenda. Mas fiz o que me pediu e depusitei as minúsculas raspas do sangue do anjo. Continuei sem sentir nada.

– E agora – disse ele ainda de olhos fechados –, pronuncie em voz alta o nome do anjo que deseja invocar e preencha seu espaço com a alegria que nos trouxe dentro do frasco.

– Uriel – era hora da minha ideia funcionar. – Anjo Uriel.

Fechei os olhos, inspirei fundo como fazia para expandir o foco de minha concentração para a maior distância que eu conseguia. Pessoas felizes, alegria. Uma, duas, dez, quatrocentas, cinco mil. Todas sentindo emoções exageradas, sorrindo, gritando, arfando, pulando, chorando. Alegria. Sua alegria, passando pelo meu corpo. Meus braços abriram quase inconscientemente enquanto eu absorvia toda aquela emoção que crescia exponencialmente dentro de mim. Minha boca se entreabriu sozinha. Mal reparei que perdera momentaneamente o controle sobre meu estado físico. Meu vestido derreteu-se no negro opaco costumeiro, meus cabelos escorreram pelos ombros, meus olhos voltaram a ser os assustadores globos com manchas de piche ao centro. Então baixei uma das mãos para dentro do círculo, despejando aquela emoção sobrecarregada.

Um estampido seguido imediatamente por um clarão luminoso preencheu a sala. Uma onda de choque jogou tudo o que estava próximo para os lados; era como se uma diminuta bomba tivesse explodido no centro da sala. Tudo o que era feito de vidro ou outro material frágil se partiu em milhares de pedaços. O senhor Westcott foi jogado contra a parede, e impressionou-me o fato de não ter ficado desacordado com o doloroso impacto. A sensação de estar próxima a uma criatura de grande poder tomou meus sentidos. Pus-

me de pé a tempo de observar o anjo, muito descontente, erguendo-se sobre o pentagrama.

Ele olhou em volta com desdém e repulsa. Fitou o ocultista nos olhos. Westcott, porém, mantinha os seus muito bem fechados e balbuciou, em pânico:

– Charlotte! Não olhe para ele! Não temos a capacidade de admirar os anjos! Faça o que fizer, não olhe para ele!

Então o anjo percebeu que o velho não estava sozinho na sala. Deu-lhe

as costas, agora encarando Morte de frente.

– Por que não, *monsieur*? – disse, frisando cada palavra. – Eles são tão belos. Este então, humm... forte, cabelo cor de ouro com leve tom esverdeado, penetrantes olhos verde-escuros, maxilar quadrado, alto...

– Você cometeu um grave engano me trazendo aqui, Morte – reclamou o anjo. – Eu não sou a criatura indefesa que você imagina – seu olhar fulminante fixo no meu rosto.

– Ora, Uriel, por que a defensiva? Só quero conversar um pouco. Infelizmente precisei recorrer a métodos antiquados e, posso dizer, bem sujos para encontrá-lo. Achei que se eu simplesmente gritasse seu nome em voz alta você não atenderia.

– E por um bom motivo, Morte. Não sou o seguidor involuntário do Divino – sua voz era calma, extremamente controlada. Precisa.

Westcott se encolheu em um canto, sem ousar, nem por uma fração de segundo, abrir os olhos. Ele percebeu que, mesmo com a voz levemente alterada, ainda era a moça que havia conhecido que estava conversando com o anjo. E este a chamara de Morte. Por nada no mundo abriria aqueles olhos.

– Uriel... O último anjo que duvidou das ordens de Deus foi reduzido a cinzas perante meus olhos – provoquei-o desdenhosa. – Não creio que você ouse se referir a Ele nesse tom.

– Você me vê ser despedaçado em cinzas, Morte? Lúcifer tem razão quando afirma que Ele não faz a menor ideia do que está fazendo. Ele comete erros irreparáveis. Você também. Eu sou a tempestade, o relâmpago destruidor, o Anjo do Arrependimento.

Acredite quando digo que você vai se arrepender de ter me trazido aqui.

– Você tem uma língua bem impertinente para alguém que possui asas e não é o Filho-da-Aurora – respondi atrevida. – Eu preciso de informações, anjo, por isso o trouxe aqui. Você já deve saber o que fiz com os últimos três que tentaram encostar em mim, então acho bom que me deixe muito contente ou vai pelo mesmo caminho que eles.

Seu riso sinistro ecoou no quartinho apertado. Não me movi. Meus olhos semicerrados demonstravam minha visível irritação. Westcott rastejava furtivo pelo canto da sala, em direção à porta. Tudo o que ele sentia era medo, acreditava que seu coração não fosse aguentar e se xingava de todos os nomes possíveis, em mais de uma língua, por estar certo quando escrevera o ritual.

– Morte, vou repetir – suspirou o anjo. – Não sirvo a Deus. Sirvo a mim mesmo. Assim como Lúcifer. No entanto, ele eu respeito, você não. Após ouvir diversas histórias sobre seus feitos e desventuras, só posso concluir que você é uma das mais inaptas, imaturas e ignorantes entidades de que já tive notícia. Hrokel era muito melhor que você. Ele sim era Morte, e não uma entidade perturbada querendo brincar de ser humana, de sentir-se poderosa, de usar seus poderes por pura diversão.

– Você realmente não espera que seus insultos me façam mudar de ideia, espera? – resmunguei, já preparada para arrancar-lhe a cabeça.

– Não, não espero. Então vou direto ao ponto. Estrela-da-Manhã gosta de você, e por isso não vou destruí-la. Mas você deve ser castigada. Não sei por quanto tempo, talvez alguns séculos, talvez mais. Sua insolência definitivamente despertou em mim vontade de feri-la. Agora você entenderá quando dizem que sou desprovido de piedade.

– Não vai me destruir? – então, quem riu fui eu. – Você não vai me destruir porque Estrela-da-Manhã gosta de mim? Você não vai fazê-lo por medo dele, covarde! Por ele ser mais poderoso que você!

E você realmente acha que ninguém iria perceber se me destruísse? Só existe uma criatura no mundo para fazer meu trabalho: eu!

– Agora quem está na defensiva é você, criança – sorriu maldoso, cruzando os braços frente ao peito nu e extremamente musculoso. – Você errou em diversos pontos, e o principal deles é acreditar só existir você para fazer o seu trabalho. Vou gostar de deturpar seus preciosos anjos... Como seria a vida de George Gordon se fosse assolado por pesadelos infundáveis, imagens as mais macabras possíveis e uma diária tormenta emocional? Será que ele perderia toda aquela paixão? Será que a chama do poeta maravilhoso que Destino lhe criou se apagará de vez? Sim... acho que vou me divertir torturando-o.

– Muito bem, anjo, você conseguiu.

Joguei com força os braços para trás, a parede atrás de mim trincou de cima a baixo num estrondo, o chão a meus pés afundou em círculo, como se eu explodisse enraivecida. Atirei os braços para frente em direção ao anjo, descarregando meu ódio sobre ele. A parede do outro lado da sala estilhaçou-se em pesados fragmentos de rocha. Ele estava ileso, sibilando uma risadinha maliciosa. Nem dei atenção para Westcott, que àquela altura já havia saído da sala e agora empurrava de volta a porta para fechá-la.

– Isso é o melhor que você pode fazer? – perguntou Uriel.

Se poderes não funcionavam, eu usaria minhas próprias mãos.

Avancei para ele e agarrei-o pelo pescoço. Senti meus dedos envolverem firmes sua garganta. Girei meu corpo, arrastando-o comigo. Bati suas costas na parede de pedra o mais forte que pude, afundando-o quase meio metro para dentro. Girei o corpo novamente, com as unhas então cravadas em sua traqueia, e a arranquei. Seu sangue jorrou em minha mão, no meu vestido, lavou o chão de pedra. Não era prateado como o sangue dos Serafins, mas bem vermelho e humano.

Então virei-me para ele e o que vi quase me tirou a força das pernas.

George estava lá, enterrado na pedra, com a garganta dilacerada, olhando-me em choque silencioso. Sua mão trêmula subiu até o

buraco que eu abrira em seu pescoço, seu sangue escorreu viscoso pelos vãos dos dedos. Ajoelhou-se e tombou para frente. *Não... o que eu fiz? George...*

Meu coração queria abrir caminho para fora do peito. A sensação de puro pavor, havia muito esquecida, assaltou meu corpo. Ajoelhei ao lado do corpo caído e o tomei nos braços. Apertei-o contra meu colo, encaixei sua cabeça em meu braço e passei a mão por seus cabelos. Sentia seu perfume, sua pele, mas não mais sua presença. Uma lágrima desceu impertinente pelo meu rosto, saltou no ar, aterrissou no dele, bem entre os olhos ainda arregalados de terror, agora vítreos e sem vida. Murmurei seu nome mais uma vez.

– Ah! Querida! Não fique triste! Achei que necrofilia fosse sua especialidade! – gritou o corpo em meus braços, com um enorme e macabro sorriso no rosto. Seus olhos apontados diretamente para os meus.

Não gritei, apesar do susto. Uma inspiração rápida seguida pelo aprisionamento total da respiração fez o mesmo efeito. Atirei-o para frente, saltando na direção oposta. Bati as costas em alguma coisa sólida, mas não era rocha. Uma mão enorme agarrou-me pelo rosto e puxou-me para trás. Senti uma língua quente, cheia de saliva, lambe-me a orelha esquerda e parte do meu pescoço.

– Você tem sabor humano, Morte. Humm.... – suspirou Uriel, agarrando-me contra ele.

Tentei virar-me imediatamente, mas sua mão apertou ainda mais meu rosto, e seu outro braço envolveu minha cintura, comprimindo meus ossos contra seu corpo escultural. Enquanto lutava para me desvencilhar dele, notei claramente as unhas de sua mão direita crescendo, tornando-se afiadas. Sentindo sua mão escorregar, ele resolveu cravar os dedos em minha face. A dor lancinante desafiou meus sentidos imediatamente. Ele então enfiou suas garras em meu crânio, cegou-me de um olho, atravessou minha gengiva e parte de meu nariz, adornando minha frente com um buraco circular. Gritei em agonia. *Por que não posso me desvencilhar? Quem raios é esse anjo?* Fiz força para libertar o resto do corpo mas era em vão, me senti como uma mocinha indefesa perante um titã. Sacudi o corpo

para frente, em desespero, e ele aproveitou o movimento: se jogou por cima de mim. A pedra fria do chão enlameado, com restos de tudo o que ali fora jogado, recebeu meu rosto de braços abertos. Senti meu maxilar trincar na mesma hora. Minhas mãos mal conseguiram aparar a queda, totalmente imprevista. Dois dedos estavam dobrados na hora do impacto, partindo-se em mais de dois lugares. Algo perfurou minha perna esquerda na altura do joelho.

Ele me apertou contra o assoalho imundo, e, quando tentei erguer a cabeça, senti seu punho fechado, firme e pesado como chumbo, atingir minha nuca com vontade. Minha boca terminou de despedaçar com o segundo impacto contra o chão. Tontura instantânea. Meu corpo passou a formigar, aturdido. Cada fibra do meu ser latejava, implorando para que aquilo cessasse. Achei que já tivesse sentido o ápice da dor, mas era como se o anjo me desse novos sentidos para apreciar novo sofrimento. Sentia os fragmentos de meus dentes arranharem a língua, o ar gélido da sala cobrir minhas costas quando ele rasgou meu vestido com as próprias mãos, as gotas amargas de saliva pingarem de sua boca no meu rosto inchado e partido, quando ele se aproximou.

– Não é luxúria o que você quer? Pois luxúria eu vou lhe dar – rosnou.

Agarrou-me pelo cabelo, passando o braço por baixo do meu, que agora estava flácido, caído no chão. Foi quando senti algo enorme invadindo minhas entranhas, então, com um grito de dor, o mundo apagou.

Não sei ao certo quantas horas se passaram, dias talvez, pois a sala já exibia sinais da passagem do tempo. Ocorreu-me que Era poderia estar próxima, poderia me ajudar. *Ela não estava usando seu poder por aqui?* Mas algo não estava certo. A sala parecia maior, mais escura. Mais fria. O frio. Percebi que estava nua, apenas envolta em alguns trapos pretos, que outrora foram meu vestido. Tentei me levantar. Cambaleei para o lado, quase voltando ao chão. Apoiei-me num dos espelhos de moldura dourada no canto da sala. Curvei o rosto para ver melhor. Intrigante. Eu estava intacta! Levantei, olhei para meu corpo no reflexo – também estava perfeito,

sem marcas ou hematomas. No entanto, um nó selvagem embrulhou meu estômago quando me lembrei do que havia acontecido. Cuspi. Recordei rapidamente da sensação bem humana de enjoo, ao pensar no anjo me... invadindo. *Será que... não... não é possível.*

– Ora, mas é claro que é possível, fêmea... – uma voz retumbante, como um rugido pavoroso, soou de um canto coberto de escuridão. – Uriel possuiu seu sexo, deleitou-se em seu corpo, devastou sua intimidade.

Virei-me de costas, na direção da voz, já tomada pelo asco dessa possibilidade. Ordenei que meu vestido se refizesse, mas nada aconteceu. Encostei as costas no espelho oposto, olhando estarecida para o canto escuro.

– Q-quem está aí? – soluzei, permitindo que o pânico entrasse em largas passadas.

Não sabia por que me sentia daquele jeito, mas não conseguia controlar minhas emoções. Eu estava fraca, como se todo meu poder tivesse sido sugado de mim, como se minha vontade tivesse sido partida irreparavelmente.

– Sou sua companhia pelos próximos... – sua voz era muito grave, parecia ser um indivíduo imenso – ...vejamos... pelos próximos séculos. Uriel não queria que você se sentisse sozinha. Você sempre reclama de sua solidão, não reclama? Pois bem, que tal começarmos a nos conhecer melhor?

– Fique longe de... – meus olhos se ergueram para o homem colossal que surgiu das sombras. Boquiaberta, nada além de terror puro corria minhas veias.

Ele se avolumou para dentro da sala, saindo de seu esconderijo em breu, como um imperador. Media quase dois metros de altura. Sua pele negra reluzia na pouca luz que ainda oscilava em um solitário castiçal tombado na parede leste. Estava trajando apenas dois braceletes grossos e dourados e um pano escuro ao redor da cintura, preso por um cinturão igualmente dourado. Mesmo desacreditada de que pudesse realizar tal feito, usei meu poder contra ele. Em vão. Nada aconteceu. Ele se aproximou. Sua boca

exibia um sorriso enorme, sádico. Estalou os dedos do punho com a outra mão e investiu contra mim. Minha tentativa de liberdade foi patética. Saltei para o lado, mas ele agarrou violentamente meu tornozelo e jogou-me de volta para o canto como uma boneca de pano.

Bati a cabeça na parede e quase desmaiei de dor. Pus as mãos sobre a cabeça. Senti meu cabelo embeber-se em sangue quente. Não entendia o porquê de tanta dor! Eu costumava ser invulnerável a ela... por tanto tempo... Um punho gigantesco agarrou-me pelo cabelo e ergueu-me do chão. Gritei. Chutei sua barriga, seu peito, para que me largasse. Isso só o irritou ainda mais. Sua mão livre voou em cheio em meu rosto, que inchou na mesma hora. Meus braços amoleceram. Trouxe-me para perto de seu rosto e inspirou fundo meu aroma.

– Você ainda não está suja o suficiente – reclamou, pouco antes de me atirar no chão.

Caí de costas. Senti claramente algo estalar. Fiz um movimento para o lado e urrei de dor. Parecia lava derretida em minhas veias. Ele pisou em mim, em meus seios, meu rosto... Quando já tinha se divertido o suficiente, cessou a pancadaria momentaneamente. Suspirei aliviada, com o fiapo de consciência que ainda tinha. Infelizmente, aquele alívio durou muito pouco.

– Agora sim, você está como eu desejo – acenou com a cabeça e fez um gesto obsceno com os braços. Segurou o pano negro que o cobria e jogou-o para trás. Pegou-me do chão pela cintura com uma facilidade absurda – uma boneca quebrada. Lambeu minha boca com prazer e forçou minhas pernas para os lados. Contra todos os meus desejos mais profundos, não desfaleci. Seu suor fétido pingava em mim enquanto ele arfava, movimentando-se para frente e para trás.

– Grite! Quero ouvir você gritar – dizia ele, perverso, sorrindo.

Quanto mais eu me debatia e chorava, mais ele sentia prazer. Quanto mais ele sentia prazer, mais ele atravessava minha intimidade furiosamente. Vez ou outra, voltava a me bater.

Aquele pesadelo durou horas. O gigante negro era incansável. Eu queria fingir que não estava ali, mas era impossível ficar inerte perante ele. Quando ele finalmente acabou, jorrou glorioso sobre meu rosto retorcido. Voltou para seu canto escuro, desaparecendo nas sombras. A realidade ao meu redor também desapareceu.

Acordei com meu próprio grito no segundo dia, arrastando-me para a parede. A vela ainda queimava como se não tivesse se passado nem um minuto. Uma fraca luminosidade vinha de uma janela gradeada que levava a um estreito túnel, ascendendo para a luz do dia em algum ponto que eu não conseguia enxergar. Olhei-me no espelho. Novamente, meu corpo estava imaculado. Na ponta dos pés, fui até a porta e tentei puxá-la. Nem sequer rangeu. Silêncio absoluto. Não ouvia nada, nem ao menos uma respiração. Talvez ele não estivesse ali. Seu canto de sombras estava quieto. Aproximei-me sorrateira e parei a uns dois metros do cobertor negro que mascarava aquele cantinho horroroso. Cheguei um pouco mais perto. Ergui a mão esperando tocar a parede através da penumbra, mas não tive tanta sorte.

Algo prendeu meus dedos e torceu-os para trás, quebrando-os imediatamente. Meus joelhos foram cortados na pedra áspera quando me dobrei sobre o meu corpo, berrando de dor. Ele me agarrou então pela nuca e me jogou contra a grade. Forçou minha cabeça contra o vão das barras até que ela ficasse ensanguentada e, mais importante, presa. Apertou seus dedos contra minha cintura. Mordeu-me as costas. Violou-me até exaurir suas forças, ferindo meu pescoço entre as barras a cada investida. As horas infinitas tiveram um fim. Ele me largou lá, dependurada pelo crânio, tossindo e escarrando sangue escuro.

Veio o terceiro dia. O quinto. O décimo.

Cada dia que passava ele ficava mais violento, mais agressivo, inventava novos meios de satisfazer sua volúpia cruel. Chorei, gritei, tentei me defender. Ele adorava. Toda vez era a mesma coisa: eu despertava, ele se erguia logo depois, fazia o que lhe dava prazer e voltava para a escuridão, deixando-me desfalecida, exausta, partida, aterrorizada. Por que raios isso está acontecendo comigo? Por que

ele me violenta desse jeito? O que eu fiz para merecer isso? O que eu fiz para ser trancada nesta sala?

Tive meu corpo molestado de todas as formas possíveis. Acredite quando digo que ele tinha uma imaginação muito fértil para inventar novas formas de acabar comigo. Eu era seu brinquedo diário. Perdi a noção do tempo, senti-me esquecida do fluxo da vida. Havia dias em que eu não mais reunia a vontade necessária para me defender. Eu existia apenas para saciar sua devassidão interminável. Reitero: de todas as formas imagináveis, sua libidinosa vontade foi realizada. Mesmo quando, em momentos de devaneio, eu tentava extrair alguma coisa prazerosa daquela situação, ele descobria um jeito de fazer-me esquecer. Tive praticamente todos os ossos do corpo quebrados, litros de sangue derramados, e até mesmo objetos foram enfiados à força em mim. Mesmo assim, eu não morria, eu não perdia a consciência.

Depois de tanto tempo naquela repetição diária de sadismo sexual, eu já nem sentia nada. Não existia mais raiva, ódio ou vontade de me vingar. Eu não era mais eu mesma, era apenas uma casca vazia usada para satisfazer um monstro surgido do nada. Um monstro meu.

Tomei consciência uma dessas vezes. Sentei-me sisuda em meu canto. Agarrei meus joelhos, encolhida, com frio. Esperando o gigante se levantar. Eu não sentia mais medo do inevitável. Ele era meu mestre, e eu tinha de obedecê-lo. Mas, naquele momento, uma fagulha de esperança acendeu, brilhante, dentro de meu peito. Uma fragrância, um perfume diferente pairava no ar. Dama-da-noite. De onde estaria vindo aquele cheiro? Não soube. Mas me lembro bem de ter respirado fundo, procurando absorver dele o máximo que podia. Era tão gostoso! Ele se levantou.

– Mestre? – perguntei. – Você está sentindo isso?

– Sentindo o que, fêmea? – disse ele lambendo os lábios. – Sentindo que desejo seu corpo em pé hoje? Sinto que quero ferir você por dentro, tocar fundo em seu...

– Não, seu imbecil – respondi sem querer, quase automática, sem pensar nas palavras que proferia. – O perfume.

Ele soltou um grunhido animalesco, raivoso. Em menos de um segundo já me erguia no ar, segurando-me pela cintura. Quando ergueu o punho para me atingir, eu o beijei, rindo. Sua mão voltou a agarrar-me, enquanto sua língua vagava sem rumo dentro da minha boca. Empurrei-o para longe. Ao olhar-me atônito, deitei sobre o tapete. Sorri. Abri minhas pernas e perguntei impaciente:

– O que você está esperando? Ou agora precisa de convite?

Recebi seu peso subitamente. Apertou-me o pescoço e colocou seu membro para dentro do meu corpo no mesmo instante. Ele sentia algo diferente. Sim. Ele sentia raiva, eu tinha certeza – eu podia senti-lo. Ri novamente. Ele me bateu com força, apoiando o cotovelo sobre meu ombro, atingindo-me com o punho livre. O sangue preencheu minha boca. Cuspi de volta nele.

Então fechei o punho e quebrei-lhe o nariz.

Ele agarrou o próprio rosto, tirando as mãos de mim. Joguei meu corpo para cima do dele, fazendo-o cair de costas. Montei sobre ele, voltando a encaixar nossos corpos. Mordi seu lábio com força. Suspirei.

– O que aconteceu? Desistiu das preliminares?

Ele foi selvagem. Eu fui mais.

Nosso sexo durou horas. Diversas horas. Com a única e exclusiva diferença que, daquela vez, quem estava se divertindo era eu. Quase exaurido de força física, ele caiu para trás e balbuciou:

– O... o que diabos aconteceu?

Não respondi. Chutei sua boca, tombando-o inconsciente. Olhei-o de cima a baixo, sorrindo, e fui recolher-me em *meu* canto de sombras. Senti-me bem, como não mais lembrava que podia sentir. Apaguei.

Ao perceber consciência novamente, fiquei em pé e notei de imediato que eu não mais estava nua. Ele estava. Jogado em um canto, trêmulo, olhando para mim.

– Qual é seu desejo hoje, senhora? – perguntou solícito. – A senhora está muito bela hoje, se me permite dizer.

– Obrigada – respondi.

Aproximei-me dele e acariciei seu rosto. Depois de tanto tempo, era uma bênção ver meus braços cobertos pelo pano negro novamente, ter o corpo envolto no vestido eterno que fora criado somente para Morte. A única diferença era um anel prateado, adornado com uma brilhante safira, no meu dedo médio. Sob a fraca iluminação da sala, ele brilhava azulado, tentando explicar algo que eu não conseguia entender.

– Você me parece preocupado – murmurei para o gigante alquebrado encolhido em seu cantinho sujo. – Não vou matá-lo.

– Eu sei que não, minha senhora – choramingou. – Eu sei que estarei sempre contigo. Afinal, existo apenas em sua alma. Sou apenas sua própria luxúria, presa em você.

Dei-lhe as costas, pensativa por um instante. Retornei para o centro da sala e voltei os olhos para ele uma última vez.

– Adeus, Luxúria. Foi divertido.

Um vazio tomou conta meu corpo, uma sensação bem parecida com sentir muita fome. Ele saiu de foco, desaparecendo perante meus olhos.

O mundo girou, a sala mudou sutilmente. Um tecido macio me envolveu. Em meio a um leve e persistente zumbido, as paredes encolheram sem sair do lugar. Fechei os olhos para sentir o cheiro de dama-da-noite, que foi mesclado com incenso, angélica e algo mais que eu não consegui identificar. Eu estava deitada. Vagarosamente, abri os olhos. A imagem de um homem muito velho, de barba volumosa e desgrenhados cabelos brancos apareceu diante de mim. Ele sorria entre suaves tossidas. Lágrimas brotavam de seus olhos descolorados, protegidos atrás dos óculos de meia-lua com lentes grossas.

Eu não sabia o que dizer nem o que tinha acontecido, mas eu sabia quem eu era. Desta vez, ele quebrou o silêncio. Não ousei invadir sua mente à procura de informações, por respeito. Por honra? Por estar estupefata de ter sido resgatada por um mortal que mal conhecia?

– Bem vinda de volta, senhorita Charlotte – murmurou ele, mal conseguindo falar. Emocionado como jamais estivera antes. – Eu não

prometi que cuidaria de você?

– E cumpriu sua promessa à risca, senhor Westcott. Obrigada.

Ficamos alguns segundos em silêncio. Senti uma leve vontade de chorar com ele, de abraçá-lo, mas dentro de mim a curiosidade imperou.

– O que houve? Como o senhor me trouxe de volta?

– Minha querida, quando vocês começaram a discutir, eu peguei minhas coisas e corri o mais rápido que pude para longe daqui – disse ele, apoiando-se sobre as pernas doloridas. – Mas minha consciência não me permitiu ficar...

Ele parou de falar para tossir forte. Seu pulmão não estava bem. O sangue na palma de sua mão era prova disso. Estava com tuberculose. Era um milagre ainda estar vivo.

– Não fale... permita-me ver o que o senhor fez por mim – disse em sua mente.

Ele não estranhou. Acenou com a cabeça e fechou os olhos, deixando claro que já esperava por aquilo.

Ele correu dali para longe. Retornou para sua chuvosa Londres, onde passou quase dois anos em pânico paranoico. Cada dia que passava esperava encontrar o anjo. Cada dia temia por sua vida, aterrorizado todas as noites pelos sons que ouvira ao completar o ritual. Sua paranoia o levou a morar em diversos lugares, como a cidade do Cairo, no Egito, e Rabat, no Marrocos. Até o dia em que, tão repentinamente quanto o surgimento de sua agorafobia, decidiu dar um basta na terrível sensação, usando seus conhecimentos de ocultismo para criar uma Runa de Oclusão. Algo que, ele assim esperava, o tornaria indetectável para o anjo. Funcionou, aparentemente.

Honrando sua promessa de proteger a jovem que jamais vira novamente, retornou a Paris, e qual não foi sua surpresa quando a encontrou jogada no chão da sala do ritual. Por vezes sólida, outras translúcida ao ponto de quase desaparecer, mas sempre gemendo, gritando coisas sem sentido, presa num pesadelo interminável. Nem que levasse o resto de seus dias tentando, ele ia protegê-la. Não poderia estar mais certo.

O acadêmico estudou, viajou, embrenhou-se em bibliotecas cobertas de poeira. Gastou tudo o que tinha e o que não tinha para descobrir o que afligia a moça. Tentou inúmeras vezes acordá-la de seu tormento, mas sem sucesso. Sempre que descobria uma possibilidade, retornava à capital francesa para nova experiência. Runas de proteção, símbolos sagrados, receitas antigas, cânticos obscuros. Isso lhe tomou tempo. Muito tempo. Eliphas Westcott dedicou seus últimos vinte e oito anos de vida para me tirar dali! Agora, com noventa e um anos, ele morreria feliz.

Sentei-me na cama. Segurei suas mãos enrugadas, frágeis.

– *Sabotágika* – disse ele sem erguer o rosto. – Magia de pesadelo. “Sua mente se vira contra você e corrói você por dentro.” Muito perigoso soltar a *sabotágika*... Muito perigoso.

– Eu percebi – sorri. – Mas o senhor fez um trabalho impecável.

– Muito tempo. Demorei muito tempo. Desculpe-me, senhorita Charlotte – chorou baixinho. – Não sei o que a senhora passou, mas... mas fiz o possível para deixá-la confortável quando finalmente descobri o que era. Eu tentei. Desculpe-me.

– Sim, eu posso ver – olhei em volta. – O mesmo círculo de oclusão que você se tatuou desenhado no chão, o saquinho de tecido azul com angélica para proteção sobre meu travesseiro, o incenso de ervas, o ramo de dama-da-noite... enfim... tudo o que o senhor podia imaginar que funcionasse. Mas achei que *Anethum graveolens* fosse usado para encantamentos de amor.

– Ah! – disse ele, dando uma risadinha. – Poucos sabem que antigamente era utilizado para proteção contra bruxarias. Amadores... todos amadores...

Ergui seu rosto delicadamente. Empurrei para o lado os cabelos que caíam caóticos e escondiam seu rosto enrugado.

– Obrigada. Principalmente por usar o anel de sua falecida esposa como ligação entre você e eu. Acredito que tenha sido o elemento que faltava para trazer-me de volta à realidade.

– Cuide bem dele, senhorita Charlotte. Pertenceu a uma mulher extraordinária.

– Meu nome é Ahmnat. Mas pode me chamar de Charlotte se preferir.

– Senhorita Char... Ahmnat, eu não sei o que a senhorita é, mas gostaria que me fizesse um favor, se for possível.

– Pode pedir o que quiser, senhor Westcott – respondi sincera. – Não importa o que seja, usarei de todo o meu poder para realizar seu desejo.

– Eu gostaria de partir agora. Sou um velho doente, e partir em paz seria um fechamento magistral para uma vida completa. Eu tive amor, tive conhecimento e, graças à senhorita, tive aventura. Só desejo partir sem dor, sem remorso.

– Eliphaz, você acaba de me pedir a única coisa que me recuso a realizar.

Ele me olhou aturdido, como se acabasse de ser traído. Uma raiva sem propósito brotou em seu ventre, espalhando-se rapidamente por seu corpo. Levantou-se nas pernas bambas e apoiou na cama para se equilibrar. Fez com a mão seu gesto pessoal para expressar desdém e disse áspero:

– Então me deixe. Não fiz o que fiz esperando recompensa, entenda. Mas em minha cabeça seria um bom final. Adeus, Ahmnat. Vou agora viver minhas últimas horas de vida.

Abracei-o pelas costas, gentilmente. Apertei seu corpo contra o meu, tocando levemente sua nuca com os lábios.

– Engana-se, Eliphaz – sussurrei em seu ouvido. – Você agora vai viver as primeiras horas do resto da sua vida.

Irrompeu de mim uma onda de calor como havia muito eu não sentia. Meu poder saltou de cada extremidade de meu corpo e atravessou-o com violência. Uma névoa verde clara, brilhante, rodopiou à nossa volta, entrelaçando-nos, preenchendo nossos poros, inundando as veias dele. Seu coração enrijeceu, bombeando sangue com a força já esquecida. Seus olhos tornaram-se castanhos uma vez mais, trazendo a seu rosto o brilho dos vitrais das catedrais mais suntuosas. Seu corpo arqueou para trás quando seus músculos ganharam a energia que fora perdida. Ele agarrou a lateral da cama para sorver o ar que seus pulmões, agora intactos, não lembravam

mais como fazer. O laço espiralado a nossa volta tornou-se alaranjado e invadiu seu corpo, agora no auge de seus vinte e cinco anos.

Ele parou para respirar. Agora só existia silêncio. Olhou embasbacado para a própria mão jovem e forte, e riu incrédulo. Correu para o espelho próximo e tirou a camisa para admirar sua forma. Virou-se para trás, ainda sorrindo, somente para me ver por um último momento.

– Não desapareça, meu querido. Acho que ainda vamos ter muito o que conversar – disse sorridente, e desapareci diante de seus olhos vidrados para acertar as contas com um anjo malcriado.



A FILHA  
DE LÚCIFER

*Capitis diminutio...* não esperava vê-la tão cedo, Morte – disse Uriel, surpreso ao sentir minha presença ao seu lado. Acredito que ele sabia, de uma forma ou de outra, que eu o encontraria. Mas talvez, em sua arrogância, não da forma que aconteceu. Senti o medo transparecer em sua voz quando continuou. – Presumo que almeje uma vingança contra mim.

– O que você fez, Uriel? – perguntei, sóbria. – Não sinto a presença de George. Não sinto meus anjos como costumava sentir. Não sinto dor, nem tristeza, nem... nada. O que você fez?

– Meu poder, Morte, é especial – continuou, como se me devesse uma explicação. – Ele usa os desejos de uma pessoa contra ela mesma. Você tinha desejos bem claros cobrindo toda sua alma. Ilusão tão real que pode matar.

Mantive-me em silêncio para ouvi-lo.

– Mas eu não poderia destruí-la, poderia? – balançou a cabeça. – Não, não. Por isso tomei parte de sua consciência para fazer seu trabalho. E admito, me diverti com seu poder enquanto durou. Enquanto você estava perdida em seu sonho interminável, úmida com seu pecado. E sim, dei uma nova forma para seus anjos. Afinal, eu sou um anjo. Meus vassalos não poderiam ser iguais. Sou o Anjo da Morte agora.

– Passei muito tempo encarcerada dentro dos meus sentimentos, Uriel. – resolvi dialogar. – Mas certamente não foram quase trinta anos.

– O tempo, Morte, é relativo quando se sonha. Você deveria saber disso. Os mortais às vezes acham que sonharam a noite inteira, e na verdade foram somente alguns minutos. Você sonhou, com o que quer que tenha sido, por alguns dias, meses talvez. Quase trinta anos na vida real. Seu especial mortal, George, já está morto – disse ele sem nenhuma emoção, como se comentasse um acontecimento trivial. – Foi acometido por, como descrevem, uma misteriosa febre.

– Misteriosa febre... entendo – disse eu, nutrindo assim um ódio crescente. – Espero que você não o tenha torturado como prometeu.

– Fiz o que tive de fazer, Morte. Mas não. Sua personalidade romântica ainda estava presente mesmo enquanto sua vida se exauria, mesmo quando ele estava perdido em pensamentos incoerentes. Os mortais não têm a mesma resiliência que nós.

– Não sinto mais a presença dele. A presença deliciosamente insuportável que ele me causava. Mas sei que sentirei sua falta depois que terminar meu assunto com você.

– Quero que saiba... todos os insultos que trocamos foram propositais. Como eu disse, seus sentimentos abastecem meu poder. Sua vontade de me ferir serviu de catalisador para que eu a envolvesse em ilusão. Sua luxúria foi misturada com sua ira num pesadelo que, teoricamente, deveria ter durado muito mais tempo. Mas já não faz diferença.

– Você fala como se esperasse que aquilo acontecesse... – disse, encaixando as peças. – Como se Lúcifer tivesse mandado você fazer isso caso eu o encontrasse.

Ele me olhou por um longo período. Mantive-me passiva, e ele voltou seu olhar para o horizonte.

– Lúcifer é meu protetor. Eu sou o instrumento de sua vontade. Ele me presenteou com uma nova existência. Uma existência em que não tenho de obedecer às vontades de Deus, em que eu posso ser poderoso, posso ter as coisas que desejo. Em que eu posso sentir prazer, sentir que não sou apenas um peão que obedece sem questionar.

– E onde está Lúcifer agora para protegê-lo de mim?

– Por que você acha que foi tão fácil me encontrar, Morte? Mais cedo ou mais tarde você o faria. Mas, nesse meio tempo, ele poderia me encontrar primeiro e fazer muito pior do que você fará, ao descobrir que falhei. Entre enfrentar Morte e Aquele-que-Acusou-Deus, preferi você.

– Ou seja, você trocou um comandante por outro. Entendo. E você não vai dizer que tudo o que fez foi para me proteger? Para que eu sobrevivesse à aposta?

– Isso é entre você e o Filho-da-Aurora, Morte. Fiz somente o que me foi requisitado. Desconheço as razões dele para utilizar seu

melhor soldado. Sei apenas que parte de seu sofrimento se deveu ao fato de ter destruído um dos seguidores dele. Por isso ele pediu para abordá-la de forma rude. Ele sabia que sua violência contra mim se viraria contra você. Ninguém ataca o Diabo e sai impune.

Ele respirou fundo, abrindo os braços como se espreguiçasse uma última vez. Então continuou:

– Você não sabe o que é ser independente novamente, depois de incontáveis séculos, viver entre os mortais e usufruir de suas criações, sem sofrer suas fraquezas. Eu não tinha como negar um pedido de...

– Muito bem, Uriel. Acho que já ouvi o suficiente – interrompi, balançando os dedos no ar, impaciente.

– Não tenho como me defender agora, Morte. Sua mente está claramente bloqueada para qualquer tipo de controle que eu possa exercer. Depois de sobrecarregar seus sentidos com o meu poder, a maior emoção terrena parecerá uma sensação qualquer. Toda a alegria do mundo talvez mal lhe cause um sorriso. E, sem dúvida, seu poder supera o meu em um combate físico. Mas saiba que, quando me destruir, toda a tristeza voltará para você. Sua solidão, seu dever. Toda a sua parte consciente, que por mim foi tomada, voltará para seu controle.

– Eu imagino. Porém não posso deixar que você continue sendo o Anjo do Arrependimento nem o Anjo da Morte ou qualquer outro título autoimposto que você queira ter. Finalmente, depois dessa sua longa existência livre de comandantes e fidalgos mandões, chegou a hora.

– E que hora seria esta, Morte? – perguntou, em estranha curiosidade.

– Ora, Uriel. Está na hora de você morrer.



– *Então eu fiz o que devia ser feito com Uriel.* Certamente o fato de Lúcifer ter usado o poder dele para se vingar de mim ainda ficou atravessado na minha garganta, mas eu

resolveria isso mais tarde... ou nunca. Até hoje minha moralidade é bem volátil.

– E como você encontrou Uriel tão rápido? – perguntou o rapaz. – Você sabia onde encontrá-lo?

Morte levantou-se da cadeira. Pareceu apreensiva em contar-lhe o que de certo estaria omitindo, mesmo que ele não encontrasse razão para ela fazê-lo. Ela se afastou um pouco de onde estavam acomodados, andando lentamente em círculos.

– Eu matei... – disse ela. O tom de arrependimento em sua voz era claro. O rapaz, depois de tudo o que já ouvira, não teria ficado constrangido pelo fato de ela aniquilar inocentes somente para achar Uriel. Mesmo assim, ela se explicou. – Eu matei inocentes e esperei os anjos virem buscá-los. Mas eles não apareceram. No lugar deles, criaturas horríveis baixaram. Seres decrepitos, esqueletos enegrecidos cobertos por um manto negro esvoaçante e portando foices. Provavelmente veio daí essa imagem popular, essa associação da Morte com a foice e o manto negro. Uriel deve ter deixado que eles fossem vistos por breves momentos enquanto controlava meu poder. Além de ele não ser cuidadoso quanto a isso, gostava de inspirar o terror nas pessoas.

– Mas você os trouxe de volta, não? – perguntou ele curioso. – Não acredito que você tenha deixado seus preciosos anjos parecidos com personagens de um filme “B” de terror.

– Não, não os deixei assim – sorriu Morte, voltando-se a sentar.

Ela se sentia um pouco insegura, mas não quis deixar transparecer para o garoto. Pensava em coisas que não tinham relação alguma com a história que queria terminar de contar. Preocupava-se com o tempo que ainda tinha, com o quanto ela ainda aguentaria.

– Logo que terminei com Uriel, convoquei meus anjos. Todos eles. Mas, dessa vez, quando usei meu poder para torná-los novamente belíssimos seres alados, com penas negras e pele branca, devolvi-lhes também seus antigos rostos impecáveis. Não sei se meu poder foi de alguma forma ampliado depois do que aconteceu ou se ele sempre fora imensurável, mas foi muito mais fácil do que imaginei.

– Não passou pela sua cabeça, na época, que Lúcifer poderia ficar puto? Quero dizer, foi ele que entortou os rostos dos seus anjos em represália...

– Não – respondeu ela. – Não passou. Nem por um segundo me preocupei com o que Estrela-da-Manhã pensaria do fato de eu dar de volta aos meus anjos as características que sempre adorei neles. E deixei isso bem claro para ele quando nos encontramos novamente.

Ela ficou calada por uns instantes e apoiou a mão levemente na cadeira, como se estivesse zonzona. De repente, inspirou e sorriu, olhando para o rapaz. Antes que ele perguntasse se ela se sentia bem, ela respondeu.

– Não se preocupe, o que eu sinto neste momento me causa a sensação de não pertencer... de que algo esteja me puxando para longe.

– Mas isso não acontece somente no Limbo? – perguntou intrigado.

– Eu nem ousaria chegar perto do Limbo agora! – riu Morte. – Mas isso é exatamente o que eu vou ter de fazer quando terminar de contar minha história para você. Terei de encarar Destino, dizer que ele venceu e, obviamente, sofrer as consequências.

– Quando você fala assim, me sinto culpado. Talvez até usado.

– Não pense assim. A culpa não é de ninguém. E acho que nem ao menos posso culpar Destino; afinal, desde a última vez que conversamos sobre o Espelho das Sombras, nunca mais o vi. Nunca mais recebi uma ameaça ou intimação. Quer dizer... o vi uma vez mais sim, mas foi extremamente breve. E isso foi bem recente. Desde George e até pouquíssimo tempo atrás, ele se ateu ao seu trabalho e ao fato de me vencer somente criando as vidas que prometeu. E agora ele conseguiu. Estará sorrindo em sua biblioteca, me olhará de cima a baixo e esperará que eu assumo que ele venceu. Então, provavelmente pedirá desculpas por ter tornado minha vida um caos completo. Pegará um livro com páginas em branco e escreverá a vida da mais nova garota humana, que um dia

foi invencível, que um dia foi Morte, mas que então será somente mais uma menina no planeta.

Morte sentou-se novamente diante do rapaz. Apoiou as mãos nos braços da cadeira e deixou um suspiro bem humano escapar. Sorriu complacente.

– Pense no melhor. Você me ama, eu o amo. Amanhã estaremos abraçados. Estaremos juntos, sem nos preocupar sobre que jogo doentio alguém estará fazendo com nossas vidas.

– Você tem razão. E, falando em amor, você nunca chegou a falar com George, certo? Digo, ele nunca soube que você existia.

– Exato. Perdoe-me se resumi demais minha história sobre ele – disse Morte, com sua voz um pouco mais acelerada que de costume. O rapaz percebeu sua sutil aflição, como se ela não quisesse comentar sobre aquilo ou como se estivesse apressada para voltar à sua narrativa, mas não disse nada. – A vida de George você pode encontrar em uma enciclopédia, eu só narrei o que passei enquanto sua presença marcava minha vida. E não, nunca cheguei a conversar com ele, e ele nunca soube que influenciava minha existência. Só posso afirmar que, apenas pelo fato de ele existir, eu me sentia completamente... “mudada” – disse, fazendo sinal de aspas no ar. – Eu mesma tive pouquíssima interferência na vida dele. Muito menos do que ele teve na minha, como eu disse. Então basta você fazer uma breve pesquisa em qualquer biblioteca que saberá mais sobre ele. Apenas comentei a parte sobrenatural por trás de sua história.

– Você sabe que hoje, geralmente, as pessoas usam a internet, né? – disse o rapaz com um sorriso maldoso no rosto, olhando para ela com graça. – Ninguém mais precisa ir em bibliotecas ou folhear enciclopédias na enorme maioria dos casos.

– Você está me chamando de velha? – perguntou Morte, fingindo estar brava com ele, apoiando as mãos na cintura. – Não sou velha, sou experiente.

– Experiente... bom, falando nisso, não posso deixar de pensar que sua primeira... er... vez foi possuindo um corpo alheio, e a segunda foi um pesadelo macabro, mas não foi real. Ou seja,

teoricamente você ainda é virgem, certo? – ele deu um sorrisinho, tentando aliviar o tom da conversa.

– Meu amor, me recuso responder essa pergunta. E lembre-se de que eu ainda sou Morte – ela sorriu também, quando ele ergueu as mãos fingindo se proteger, dando risada.

– Só acho que deve ser bem difícil para uma mulher conter quatro mil anos de tesão acumulado, só isso – disse ele, em meio a uma gostosa risada.

Ela riu também, e então continuou a contar, sem saber que terminar a história seria bem mais difícil que imaginava.



Uma fraca garoa umedecia a grama do cemitério em Nottinghamshire. Sem causar alarde em meu poder sensorial, deitado solitário em seu berço eterno havia muito, George dormia atrás de uma parede de mármore. Fiz-me então material para tocar a pedra fria que envolvia tal maravilhoso ser, que um dia fora meu, mesmo que eu não o tenha possuído. Mesmo que todas as noites que sua paixão incandescente tomava meu corpo tenham sido apenas produto da minha imaginação. Ele fora feito para mim. Ele era meu.

Uriel tinha completa razão quando disse que a tristeza retornaria quando ele devolvesse meu poder. Realmente eu a sentia, rastejando sob minha pele, penetrando meus poros, preenchendo minhas veias com seu suco gélido. No entanto, não foi o retorno de minha tristeza querida que me tocou naquele momento, mas sim o quanto ela me pareceu insignificante. A brisa fria que balançava meus cabelos, a garoa que tocava minha fronte e deslizava feliz em meu rosto, a sensação de pertencer a um mundo abarrotado de coisas incompreensíveis e a certeza de que eu ainda existia nele eram muito mais persistentes em minha mente desde então. E, a cada passo que eu dava para longe de onde meu amor descansava, eu percebia que, talvez, eu não havia sido criada para ser somente Morte. Que talvez eu fora criada para ser *Ahmnat*, a Morte, para ocupar um cargo sem me esquecer de quem eu realmente era. Talvez essa fosse realmente a maravilha da Criação. Eu fui humana.

Eu fui divina. Eu fui ninguém. E mesmo assim meu nome ainda me precedia. Eu ainda tinha sentimentos, eu ainda era alguém. Eu gostava de ler e de apreciar belas paisagens. Cada passo para longe de George me mostrava que nada era trivial, nada no mundo era supérfluo, que tudo e todos tinham algo a mostrar. Aprendi também a acreditar que não existe o certo e o errado, não existe o bem e o mal. E eu não precisava ser somente a entidade sobrenatural que leva as pessoas para julgamento no Limbo – eu poderia ser eu mesma também. E me senti real-mente tola por ter percebido isso somente depois de três milênios e meio.

E até hoje me orgulho de minha decisão.

O final do século dezenove foi glorioso. Assisti ao vivo ao batismo suntuoso da futura Princesa Real do Reino Unido, Vitória, na sala do trono do Palácio de Buckingham; influenciei a vida de um jogador e aventureiro delegado do Oeste americano, nunca permitindo que ele fosse ferido em combate – o que o tornou numa lenda viva, principalmente depois do tiroteio no OK Corral; vivi o início da literatura moderna no Japão, então com as primeiras influências ocidentais; caminhei entre os mortais, me diverti com suas diversas culturas, saboreei a culinária de inúmeras regiões, li incontáveis obras, e, ainda assim, cada pessoa que deixava de respirar era conduzida graciosamente ao Limbo.

Então veio o século vinte! Tenho de admitir: parece-me hoje que o mundo foi colocado em um estado de aceleração desenfreada, que toda minha existência antes disso foi um sonho distante, outra vida. Poderia perder dias descrevendo as incríveis experiências que vivi e tudo o que tive a oportunidade de presenciar. O mundo passou por um turbilhão de milhares de invenções tecnológicas e políticas, conceitos ideológicos se ergueram e tombaram em apenas alguns anos – era como se alguém tivesse soltado as rédeas da humanidade. A criação dos automóveis, a magia do cinema, a lei seca americana, as Guerras Mundiais, o desenvolvimento dos computadores, o primeiro homem no espaço, o crescimento do feminismo, a liberdade de expressão...

Olhando para trás, afirmo que é impossível me lembrar detalhadamente de tudo o que fiz. No entanto, ficarei feliz de contar tudo o que lembro em outro momento. Passei oitenta anos brincando de observar os mortais, de ser como eles; e esses anos me pareceram séculos. Para alguém que passara séculos sozinha, sem qualquer tipo de interação, tudo o que acontecia ao meu redor parecia uma recompensa. Parecia uma compensação pelo resto de minha existência. Depois da partida de George, nunca mais me senti sozinha. Solitária talvez, mas sozinha nunca mais.

Eu adorava me passar por humana e conversar com pessoas, de todas as classes, de todas as cores, de todos os gêneros e preferências sexuais, de todas as idades. Eu andava entre elas, agia como elas, sentia como elas e, mesmo assim, eu era Morte. E ninguém reclamava.

Até um dia, no começo de 1979, quando recebi uma visita. Eu acompanhava a Revolução Iraniana e a ascensão de Khomeini ao poder, quando uma sensação bem peculiar me fez sair de onde eu estava e seguir em direção a um parque próximo. A noite já se debruçava sobre a cidade, deixando o parque com uma aparência mórbida, mas, ao mesmo tempo, envolvido em um silêncio que trazia paz e conforto. Ali, no centro de uma clareira, agachado no topo de um chafariz antigo, de pedra rachada, sem uma gota d'água, um altivo ser olhava para mim. Os olhos brilhando no meio das sombras que envolviam seu rosto.

– Percebo que você tem apreciado bastante tudo o que Ele criou.  
– disse o Maldito, diretamente em minha cabeça, com sua voz inigualável.

– Se você está se referindo aos mortais, querido arcanjo, sim, tenho apreciado bastante. Mas, se estiver se referindo a todo o resto, devo discordar. Não foi Ele que criou, foram os próprios mortais. E pelo que entendo, a criação da cria não pertence ao criador desta.

– Você é insolente, Morte. Se dependesse de mim, você não existiria há tempos.

– Sim, é verdade. Eu sou. E tenho sorte de essa decisão caber a alguém muito mais sábio que você. – Ele ia dizer algo, mas interrompi. Não ansiava por uma discussão. – Mas o que o traz ao mundo mortal, Voz de Deus? Qual é a mensagem que Ele me envia? Certamente não é uma ameaça, pois creio que nunca fui tão competente em meu trabalho como Morte e nunca tão imparcial quanto às vidas mortais.

– Realmente, não é uma ameaça. – Não podia vê-lo, mas tinha quase certeza de que ele sorria. – Talvez até seja uma mensagem boa: seu tempo acabou. O Pai deseja que você encontre e treine alguém para substituí-la. Assim como Morte antes de você o fez.

A notícia me pegou de surpresa. Um calafrio estranho me subiu pela espinha, mas logo se acalmou. Havia algo de errado naquela estória.

– Se não me engano, arcanjo, Hrokel não teve escolha. Você não soube previamente sobre minha decisão de tornar-me Morte. Ela foi muito espontânea. E foi a realização de um desejo meu, por você. Sendo assim, por que não vai  *você*  procurar alguém e me avisa quando encontrar?

– É isso o que você deseja que eu diga ao Criador? – ele fez uma breve pausa, mas continuou com a voz serena. – Tem certeza?

– Sim, por favor. Afinal, arcanjo, ainda não tenho a menor pretensão de deixar meu posto. Existem muitas coisas no mundo as quais ainda quero fazer. Não vou parar agora que finalmente começou a ficar interessante.

– Muito bem, Ele ficará sabendo. Mas já aviso: prepare-se para as consequências. Agradeço, ao menos, seus modos terem finalmente melhorado.

Tudo me dizia para ficar de boca fechada, mas não resisti.

– Quando vocês vão parar de fazer ameaças vãs? – falei em voz bem audível. – Ninguém pode colocar um pé fora da linha, ou sofrerá coisas horríveis. Por mais imbecil que seja essa afirmação, às vezes acho que Lúcifer tem razão. – Ele se pôs em pé rapidamente, irritado. – Não sobre discordar de Deus nem nada disso. Na verdade, não me importo nem um pouco com essa suposta discussão milenar;

tenho meus próprios problemas. Mas sobre o quanto todos vocês deveriam ser mais calmos com relação ao destino do mundo. Os mortais são fantásticos! Talvez você mesmo, Maldito, devesse arrumar uma namorada.

Ele permaneceu em silêncio, e eu nunca soube se ele queria rir ou me arrancar a cabeça ali mesmo. Ou talvez, ainda, estivesse pensando no que eu acabara de dizer. Olhou-me por longos segundos. Eu apenas cruzei os braços e encarei-o de volta, esperando qualquer esboço de reação. Ao contrário do que eu imaginava, porém, ele voltou a falar, dessa vez também com sua voz própria.

– Você está avisada, Morte – e, saltando para o ar, concluiu, antes de desaparecer na escuridão noturna. – Meu trabalho está feito.

Sinceramente, não pensei a respeito desse encontro. Continuei minha vida. Como diriam os mortais, voltei para a festa. Mas a festa durou pouco. Apenas alguns meses depois tive uma sensação muito esquisita em minha onisciência. Algo de muito errado com uma dançarina na cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

Naquela mesma noite, fui em direção à sensação incômoda. Não conseguia discernir exatamente o que me incomodava. Eram emoções aparentemente normais – o toque de uma alma como qualquer outra. Mas meu instinto dizia que alguma coisa estava fora de lugar. Prestando bastante atenção, era como se essa alma estivesse tentando se dividir, como se alguma coisa estivesse sendo forçada em minha onisciência. Entretanto, um redemoinho de sensações e emoções as mais variadas a envolvia em particular. Eu precisava chegar mais perto.

Assim que coloquei meus pés na rua, identifiquei automaticamente o porquê de tantas sensações misturadas. Milhares de pessoas se acotovelavam nas calçadas em frente a um clube noturno, aparentemente muito popular. Abri minha mente sobre as pessoas a meu redor, não precisei nem escolher alguém em específico para obter informações. Era um clube famoso, onde as celebridades se misturavam com pessoas comuns, onde não existiam etiquetas sociais ou ainda repressão por raça ou cor ou

vontades físicas. Um lugar onde sexo, drogas, álcool e praticamente qualquer prazer humano viviam lado a lado, ao som das músicas mais empolgantes. Um lugar onde as pessoas mais belas da cidade se encontravam, sem os limites ridículos impostos pela sociedade. Não preciso nem dizer quem eu encontrei lá dentro.

Dessa vez não quis me fazer de humana ali fora. Principalmente porque demoraria demais para conseguir atravessar a multidão. Ainda por cima, o próprio dono do lugar ficava do lado de fora, escolhendo a dedo quem poderia ou não entrar em seu clube. Um vento gélido passou por entre as pessoas quando atravessei a rua, etérea.

Passei por um largo corredor que dava para um enorme salão, onde centenas de mortais viviam um sonho dionisíaco. Os padrões morais da sociedade não se aplicavam ali. Inúmeras luzes de cores diferentes piscavam intermitentes, tornando o ambiente escuro como uma noite sem estrelas e, numa fração de segundos, um pedaço do que muitos acreditavam ser o paraíso: colorido, brilhante e sensual.

Próximo ao bar, um flash de luz revelou uma mesa com meia dúzia de garrafas de cerveja, algumas taças de champanhe pela metade e um lenço vermelho com as iniciais AW. As duas cadeiras em volta da mesa estavam vazias quando as luzes piscaram novamente. No flash seguinte, havia uma bela garota, de vestido negro, curto. Sandálias de salto alto, combinando com o vestido, adornavam a base de suas pernas bem feitas. Os braços nus estavam envolvidos por mais de dez pulseiras diferentes, feitas de prata, e suas mãos exibiam anéis discretos mas elegantes. Sua boca, maquiada com um tom escuro, dava ainda mais destaque para seus olhos azuis cintilantes. Eu, Morte.

Quase no mesmo instante que me levantei da mesa, um rapaz de corpo escultural, trajando apenas uma calça jeans e sapatos da moda, segurou-me pelo braço. Ele elogiou minha aparência e comentou que nunca me vira ali. Não cedi ao óbvio desejo de ver aonde aquela oportunidade ia me levar. Eu precisava me concentrar para encontrar a pessoa de alma incômoda. Ela estava próxima, eu

podia sentir. E não estava sozinha; eu sentia que mais alguém “diferente” estava ali. *O que ele estaria fazendo ali?* Enfim, ignorei as frases que saltaram da boca do rapaz quando ele tirou a mão de mim. Apenas olhei para ele daquele jeito que deixa os mortais desconfortáveis.

– Janice sabe que você está bebendo e flertando com estranhas, Michael? – perguntei, criando uma nota de cinquenta dólares na palma de minha mão esquerda, deixando-a escorregar entre os dedos. – Ou ela está ocupada demais cuidando de sua filha diabética? – Ele arregalou os olhos, fingindo que não ouvira direito a pergunta.

– O quê? Eu a conheço? Quem é você?

– Faça um favor para nós dois, rapaz – ergui a nota no ar, com o semblante mais arrogante que ele já vira. – Pegue-me uma taça de champanhe e esqueça que tivemos esta conversa. Eu esquecerei também.

Ele fez cara de desdém, como se estivesse sendo caçoado. Meus olhos provaram o contrário, e então ele tomou a nota de meus dedos. Em menos de um minuto eu tinha uma taça de bebida gelada nas mãos, e ele já não se encontrava na minha linha de visão.

Atravessei o salão, desviando-me das figuras mais estranhas e esnobes que somente a alta sociedade é capaz de produzir. Passei ao lado do palco e avancei por uma pequena escada de metal que levava a uma área reservada para a verdadeira nata da sociedade, os mais ricos e famosos entre os ricos e famosos. Era uma espécie de camarote, separado do resto do clube por uma cortina semitransparente de tecido raro. Um enorme segurança esticou o braço na minha frente e perguntou se eu tinha acesso àquela área. Não preciso comentar que um pueril comando mental foi suficiente para que ele retirasse o braço e fosse ao banheiro verificar a dor lancinante que acometia seu intestino.

Meu olhar não percorreu a sala procurando a criatura que despontara em minha onisciência – eu sabia exatamente onde estava. Meus olhos fitaram aquele rosto espetacular, através do salão, através das pessoas que cruzavam em minha frente. Assim

que pousaram nele, ele se virou imediatamente e me olhou também. Curiosamente, em questão de ínfimos instantes, a outra sensação, a da alma querendo se dividir, desapareceu por completo. *O que ele estaria aprontando?*

Caminhei vagorosamente, deixando que as pessoas abastadas a minha volta admirassem cada linha de meu corpo e olhassem bem para meu rosto, focado inteiramente no dele. Ele estava acompanhado por duas mulheres estonteantes, que trajavam roupas mínimas, criadas pelos estilistas mais famosos da época. Sobre a mesa, muito mais limpa do que a maioria das mesas ao redor, se encontravam apenas uma garrafa de uísque, ao lado de um copo preenchido até a metade, e outros dois copos contendo bebidas coloridas.

Ele ficou calado, observando-me aproximar.

Foi somente quando, sem pedir licença, puxei uma cadeira e sentei-me a sua mesa, fazendo com que as mulheres que o acompanhavam olhassem espantadas, que ele resolveu se manifestar, abrindo os braços, falando alto como um fanfarrão.

– Ah! Minha querida! Você deve ser a nova cantora de que Cynthia falou! Muito prazer! – fez uma reverência, puxou minha mão direita e a beijou. – Pode me chamar de Louis, todos meus amigos mais íntimos o fazem. E a senhorita é...?

– Charlotte – disse, com um sorriso tão falso quanto o dele. – Mas o senhor está enganado. Não sou cantora e não conheço nenhuma Cynthia. Na verdade, as más línguas dizem que sou apenas uma artista fracassada. Afinal, meu trabalho não é apreciado por ninguém que respire neste mundo.

– Querida, isso é impossível! – disse uma das mulheres. Belíssima, de cabelos ruivo-escuros e um pequenino piercing de brilhante no nariz. – Primeiro porque ninguém tem uma língua tão má quanto Louis e segundo porque todos os artistas são apenas mal-entendidos por esta nossa sociedade destrambelhada. Admiro todos vocês.

– Lili – disse a outra, uma altiva loira de cabelos cacheados e lábios carnudos muito bem maquiados –, você apenas diz isso por ser cantora, dançarina e atriz. Arte é o seu mundo!

– Perdoe minha falta de tato, Charlotte – disse ele, apontando delicadamente para suas companheiras de mesa. – Estas são minha namorada Lilian e nossa parceira romântica Lorna.

– Por parceira romântica ele quer dizer amante mesmo – brincou Lilian, ajeitando seus cabelos ruivos atrás das costas. Pousou sua mão magra no meu pulso direito, curvando-se e sorrindo para fingir sussurrar algo só para mim. – Afinal, eu não aguento esse homem sozinho!

– Modos, meu amor – disse Louis esboçando um sorriso. – Charlotte não precisa saber de todos os meus segredos ainda.

– Seu charme, Lou, não é segredo para ninguém. Nem sua fama de ser... muito bom naquilo que faz. E, convenhamos, você é muito bom naquilo que faz.

Lorna acenou com a cabeça enquanto sorvia mais um gole de sua bebida. Deu um suspiro olhando para cima, como se lembrasse dos momentos mais íntimos do trio. Lilian ia continuar a falar, mas controlou seu ímpeto quando viu o olhar sério de Louis apontado para mim. Um silêncio desconfortável abraçou-nos. Ele o quebrou.

– Diga-me, senhorita Charlotte, já perdoando minha pergunta se lhe parecer rude, mas o que a traz aqui? Afinal, este é um camarote reservado, e estou em meu momento de lazer com minhas companheiras. Não me parece que você deseja juntar-se a nós.

– Mas se você quiser, é mais que bem-vinda, querida – disse Lorna, totalmente desconfortável, desembestando a falar nervosa. – O que Lili falou é mais que sério: este homem é difícil de cansar! Quando ele bebe um pouquinho então, fica impossível! Uma energia que não acaba nunca! Semana passada nós passamos mais de setenta e duas horas trancados num quarto de hotel fazendo coisas que eu jamais imaginei que seria capaz de fazer. Achei que ia precisar passar um mês tomando soro no hospital para me recuperar. Mas quando é bom, a gente sempre volta, não? Eu não acredito em coincidências, e fazer parte de um trio desses para mim é um ato do destino. Percebe? Um homem rico e charmoso chamado Louis, uma dançarina maravilhosa chamada Lilian e eu, uma pessoa que começou simples, mas sempre soube que se daria bem,

chamada Lorna! Somos o Trio L! Ou L-Trio? Ou Triplo L? Não sei, mas na minha opinião seria muito mais interessante se fôssemos um quarteto. Nunca estive com tantas outras pessoas assim e seria... COF!

Lorna tossiu forte, dobrando seu corpo sobre a mesa. Uma segunda convulsão acometeu seu corpo, fazendo-a engasgar e tossir novamente. Sua cadeira tombou ruidosa para trás, o que chamou a atenção de algumas pessoas ao redor. O ar deixou seus pulmões de repente, conduzindo-a a subseqüentes tossidas. Na última delas, respingos de sangue sobre a mesa mostraram a todos que ela estava sofrendo de verdade. Reclinou-se para trás e ajoelhou-se no chão, segurando a mesa. Inspirou todo o ar que conseguia, como se emergisse de um naufrágio. Apertou o peito, desesperada, e soluçou, espremendo a borda da mesa com seus dedos frágeis. Eu baixei a cabeça para disfarçar um incontrolável sorriso.

– Você está bem, querida? – disse Louis, amparando-a com a mão em seu ombro. – O que houve? Exagerou na bebida ou na *Branca de Neve*? Lilian, meu amor, faça-me um favor e acompanhe Lorna até o banheiro para ajudá-la a se recompor.

Lilian, que olhava assustada para Lorna, fez que sim com a cabeça ao se levantar da mesa. Segurou sua amiga pelo braço, ajudando-a a se erguer. Caminharam juntas em direção ao banheiro. Quando ficamos a sós à mesa, ele perdeu o tato carismático e voltou a ser aquele que eu conhecia.

– Muito bem, o que você está fazendo aqui? E que sua explicação seja boa – disse, num tom áspero porém educado. Tomou seu uísque em um só gole e voltou a encher o copo até a borda.

– Louis? Louis? O trio L? – não me contive e cuspi uma risada. – Onde está sua criatividade, anjo? Não poderia ter escolhido um nome mais... forte? Afinal de contas, até onde me lembro, você é o Diabo. E outra: você não precisava ter machucado a pobre moça tagarela. Ela só estava expressando seu desconforto com o silêncio horrível que você causou. Por que espremer os pulmões da coitada daquele jeito?

– Morte... – disse Lúcifer, seus olhos cada vez mais avermelhados –, o que você está fazendo aqui? Quem lhe deu o direito de interromper...

– Cale a boca, Estrela-da-Manhã! – Ele me encarou, desacreditado. – Você foi um mau menino ao usar Uriel para me atacar. Eu não gostei.

– Você mereceu sua punição e sabe disso. Sabe que não gosto de atacá-la, mas foi para seu próprio bem. Parte de seu aprendizado, por assim dizer.

– Achei que já tínhamos passado da fase de vinganças medíocres. Afinal, você mesmo disse que gostava de mim.

– Eu nunca disse isso! – exclamou, apontando firme para mim. – E mesmo que o tenha dito, isso está mais que provado. Se eu não gostasse de você, você já teria sido destruída. Já tive de intervir várias vezes em seu nome. Então vou ser bem claro, e desta vez não vou me repetir: o que você está fazendo aqui?

– Pois bem. Eu estou aqui para lhe dar um aviso.

– Um aviso? Morte, por favor... o que você pode dizer que eu ainda não saiba? Você esquece que, além do fato inegável de que sou muito mais poderoso que você, minha onisciência faz a sua parecer amadora? – ele respirou pausadamente e fez um gesto de desdém, reclinando-se na cadeira. – Mas... vamos lá. Qual aviso você veio me trazer?

– Se você ousar erguer mais um dos seus dedos maquiavélicos contra mim ou contra qualquer coisa que aprecio ou venha a apreciar, incluindo meus anjos ou um mortal que esteja nas minhas graças, juro que acabo com sua vi...

– Não me faça rir, Ahmnat!! – esbravejou o Diabo. – Ah! Você interrompe minha noite para fazer uma ameaça contra mim!? Perdeu finalmente o que restava da sua sanidade? O que deu em você para vir falar comigo desse jeito? Depois de tudo o que passamos! *Tsc, tsc*, vá cuidar de seus mortais, Morte. E que isso não se...

– ...tória – conclui, séria.

Lúcifer ficou lívido.

Olhou-me com uma expressão de horror como eu jamais imaginara. Apoiou o cotovelo na mesa e cobriu a boca, esfregando os lábios, pensativo por um instante. Então continuou, num tom de voz bem complacente.

– O que você disse?

– Resumindo, eu disse que se você me atacar novamente, ou fizer qualquer coisa que eu não goste, eu acabo com a sua vitória.

– Eu não sou surdo. Quero saber o que você quis dizer com isso?

Sorri, maldosa.

– Primeiro, acho interessante informar que você está enganado quanto a minha onisciência. Ela funciona muito bem. Bem o suficiente para que, sem que você percebesse, oh! ser poderoso, eu absorvesse tudo o que passa pela cabecinha de sua bem-humorada companheira ruiva. E quando eu digo “tudo”, não estou exagerando. Estou falando sobre vocês terem se conhecido “casualmente” naquele restaurante, seus feitos amorosos, toda a confiança que ela tem depositado em você, como ela se sente a mulher mais sortuda do mundo por ter encontrado seu príncipe encantado, como vocês já se relacionam deliciosamente há um ano e, principalmente, o quanto vocês tem conversado ultimamente sobre ter um filho. Johan se for menino, Victoria se for menina. E, ironicamente, esta seria mesmo a sua vitória, não seria?

Ele me encarou incrédulo. Certamente não esperava por um golpe tão certo. Aproveitei seu silêncio incomodado para continuar.

– Mas, até onde eu sei, anjos não podem simplesmente ter filhos com qualquer mortal. Tal pessoa precisa ter uma alma muito forte e tremenda força de vontade para suportar a gestação de uma criança tão especial. E não são todos os anjos que possuem poder para isso, não estou certa? Mas você, ah! você é o mais poderoso deles, não é? Você é o Primeiro Filho. E é exatamente por isso que você está tentando dividir a alma da pobre garota. Para que você possa literalmente criar vida. Se eu bem sei com quem estou falando, você já tentou isso antes, mas, por alguma razão que desconheço, falhou. Provavelmente por, apesar de você ser tão poderoso, ser um processo delicado e demorado criar vida sem que Deus perceba.

Tenho que admitir que é uma causa nobre; afinal, você só quer um filho seu. Só que você não contava que, mesmo sendo algo tão discreto, você precisa tanto da vontade inerente dela de ser mãe como do aval daquela que cuida de cada alma neste planetinha.

– Você está certa em alguns pontos. Errada em outros – disse ele, totalmente recomposto em sua retórica sóbria.

– Imagino que pontos acertei. Principalmente quando eu disse que você jamais pensaria que a menina tola que é Morte perceberia algo tão sutil quanto uma única alma, num mundo de bilhões, se dividindo de forma peculiar. Mas é claro que você não vai me dizer em quais pontos errei, vai?

– Claro que não.

– Mas...?

– Mas eu lhe proponho um acordo.

– Essa conversa começa a ficar interessante. Que tipo de acordo?

– Assumo que seria bem mais fácil criar minha filha com seu aval. Com sua ajuda, por assim dizer. Ela será muito importante para mim. É ela que vai carregar meu poder pelo mundo. Tenho planos muito importantes para sua existência na Terra.

– Você já até sabe que vai ser menina, que pai curioso você é.

– Isso não vem ao caso. Vai me ajudar ou não?

– Espere um pouco... você estava me ameaçando até dez segundos atrás e agora quer que eu o ajude a dar à luz o anticristo? Aquela que vai iniciar o apocalipse?

– Bah! Quem disse isso? – franziu as sobrancelhas. – Isso é uma crença idiota criada por mortais. Por que raios eu ia querer destruir o mundo? Já disse mil vezes: adoro os mortais. Essa criança vai trazer grande... emoção para a humanidade. Vai provar para todos que o mundo é, literalmente, divino. Vai ensinar sobre a Criação através do prazer, não através da dor e do sofrimento. Ainda não entendo como existem pessoas que pensam ser necessário sofrer para ter algo, para dar valor a algo, que acham que aqueles que conseguiram felicidade sem esforço não a merecem ou que isso não tem valor ou, ainda, que foi pura sorte.

– E quando você diz que ela vai provar para todos, você está incluindo Ele também? – aponte para cima, sem tirar os olhos dele.

– Sim, principalmente Ele. Não vou negar. E por que raios todo mundo aponta pra cima quando fala Dele? Não suporto essa figuração estúpida.

– Que seja! – disse, entediada com as peculiaridades do Diabo. – Enfim, me dê uma única razão para eu ajudá-lo.

– Primeiro, sem mim você não seria o que é hoje. Eu ajudei a criá-la, lembra-se? E talvez você até já tivesse perdido a aposta, talvez tivesse se afundado em sua loucura solitária. Segundo, porque sem mim você não teria o prazer de brincar com todos esses lindos mortais.

– Vou precisar de mais do que isso. Gosto de você, Lúcifer. Por alguma razão que nem eu mesma entendo, mas gosto. Infelizmente, você já me decepcionou o suficiente. Então, esforce-se para me agradar – gesticulei em círculos para que ele continuasse a oferecer-me algo mais.

– Primeiramente, dou minha palavra de que não voltarei a atacá-la. De forma alguma. Nem a você nem àqueles com quem você se importa.

– Continue – disse intrigada.

– Também vou sair de seu caminho para que faça o que quiser, com qualquer mortal, sem influenciar os resultados, como, por exemplo, o que ocorreu com George.

Ele tomou outro gole de seu copo.

– E, por último, eu consigo para você, no mínimo, mais quatro ou cinco séculos de existência como Morte.

Ergui uma sobrancelha, claramente espantada com sua afirmação.

– Você não é a única aqui boa em ler mentes, Ahmnat – sorriu discretamente. – Seu tempo está acabando.

– E o que você precisa que eu faça, Estrela-da-Manhã?

– Preciso que você cuide, digamos, da segurança da criança. Afinal, durante sua gestação, durante a formação da alma, você é a única que pode fazer isso. Você é aquela que domina toda vida

nesse mundo. Garanta que ela nasça sem problemas. Melhor ainda, garanta que sua vida seja protegida até que ela complete seis anos.

– Por que seis anos?

– Isso não vem ao caso – esnobou o Diabo.

– Lúcifer... você não pode se dar ao luxo de não me dar um voto de confiança.

– Que seja! – suspirou desgostoso. – Vou confiar em você. Preciso que a alma dessa criança se desenvolva o suficiente para acomodar o poder que vou infundir nela. Assim que ela nascer, grande parte de meu poder lhe será transmitida, porém ela será uma criança normal. Somente ao completar seis anos terá capacidade para entendê-lo. Ela então terá consciência desse poder e passará a utilizá-lo para... fazer o que deve ser feito.

– E você precisa de seis anos exatamente? Por que não seis anos, seis meses e seis dias, como era de se esperar?

– Como assim “era de se esperar”? – estranhou.

– “E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.” Apocalipse 13:16-18, se não me engano.

– Ahmnat, pare de ler a Bíblia! – balançou a cabeça, olhando-me como se eu fosse uma menina crédula. – Você já tem experiência suficiente para saber no que acreditar, em vez de ficar lendo essas asneiras humanas.

– Hehe... estou brincando com você. E eu não leio a Bíblia. Li uma vez apenas. Achei interessante. Principalmente o jeito bondoso como falam sobre você – disse com todo o sarcasmo possível.

– Ora, ora, senhor Louis... – disse um homem já bem embriagado que se aproximara da mesa sem que percebêssemos, entretidos como estávamos. – ...quem é essa nova beldade que o acompanha? Não me lembro de tê-la visto entrar – afagou minha mão com a sua.

– Meu caro, esta é... Charlotte. Uma amiga. Uma amiga muito querida – disse Lúçifer, estendendo a mão para mim. – Charlotte, este é meu caro companheiro Steve. Ele é o comandante deste navio.

– Seu clube é maravilhoso, Steve – eu disse, com o mesmo sorriso opaco do meu “amigo querido” atrás da garrafa de uísque.

– Stevie! – Lorna gritou empolgada, juntando-se novamente a nós como se nada tivesse acontecido e apertando o traseiro do dono da boate como se fosse seu pertence mais íntimo.

Os dois trocaram um leve beijo nos lábios, e ela se sentou em seu lugar, reerguendo a cadeira. Lilian, que vinha logo atrás, apenas o abraçou com uma expressão alegre, sentando-se também.

– Bem, já interrompi demais a noite de vocês – disse, e me pus em pé para ir embora. – Monsieur Louis, temos um acordo então, acredito?

– Sem dúvida, senhorita – ele também se levantou e apertou minha mão para selar o acordo.

Steve juntou as mãos na frente do peito e suspirou:

– Ah! Você já vai embora? Não quer conhecer o resto do clube? Posso lhe dar um *tour* pessoal... temos um monte de gente famosa em nossa sala VIP lá embaixo. Ou talvez você queira conhecer nossas partes mais “impessoais”, como o mezanino?

– Steve, quando Charlotte diz que se vai, ninguém a segura – disse Lúçifer. – E eu o aconselho a não tentar. Essa mulher é de matar!

– Nossa, Louis, você deveria ser coveiro, enterrando meu clima desse jeito! – reclamou Steve.

– Vestido a caráter você já está, amor – brincou Lilian, falando sobre os trajes bem escuros que Lúçifer vestia. Ajeitou a gravata em seu pescoço e beijou-lhe a fronte, deslizando a mão por seu rosto ao voltar para uma posição mais confortável.

Não saí imediatamente do clube naquela noite.

Depois de embrenhar-me na multidão e desaparecer dos olhos mortais entre os *flashes* da luz estroboscópica, fitei Lúçifer uma vez mais. Talvez por curiosidade, talvez por simples desejo físico, subi

até o mezanino. Etérea, estática em um canto onde a escuridão era maior, eu os observei. Todos aqueles mortais aos beijos; todos aqueles seres humanos engajados em experiências lascivas. As pessoas mais belas da sociedade se comprimindo entre as pernas umas das outras. Casais, trios e até quartetos, divertindo-se entre drogas, sexo e álcool. Observei-os por mais de uma hora, atentamente.

Então, algo que eu jamais esperaria aconteceu. Uma sensação súbita de repulsa por tudo aquilo me subiu pela garganta. Mas não me refiro ao que é certo ou errado, ao que é imoral ou a qualquer outro conceito social. Não senti meu estômago se retorcer por causa das orgias, dos corpos remexendo-se na penumbra, mas sim por perceber que uma energia, uma aura, algo sublime mas mesmo assim palpável pairava no ar. Era como se eu precisasse de um novo sentido para percebê-la. Mas uma vibração densa envolvia aquele lugar. Algo que só consigo descrever como impuro. As pessoas não pareciam estar fazendo aquilo por vontade própria, mas porque forças além de suas compreensões as compeliavam a tal. Suas sensações e emoções eram, claramente, positivas. E não quero parecer pessimista, mas eram positivas demais. Suas vontades não eram inteiramente próprias.

Foi quando me dei conta de que minhas mãos esfregavam meu corpo. Apertavam minha carne. Minha língua cruzava meus lábios vagarosamente, umedecendo-os. Algo dentro de mim queria tudo aquilo. *Lúcifer, seu demente... eu vou cuidar da sua prole. Ah, vou.* Levei minha mão à boca, assoprei um beijinho para aquele lugar e desapareci.

Os dez meses e alguns dias que passaram entre nosso encontro na boate

nova-iorquina e o nascimento da filha de Lúcifer foram interessantes. Apenas um par de conversas entre mim e o Filho-da-Aurora foi o necessário para que todos os detalhes ficassem esclarecidos e, surpreendentemente, ele passasse a confiar completamente em mim. Cheguei a acreditar que talvez uma esquizofrenia sobrenatural tivesse acometido o Diabo, pois quando

me dei conta do que estava acontecendo, éramos como bons amigos. Claro que ele ainda me atacava com comentários ferinos e o constante cinismo de sempre, mas – acredite, isto também me pegou de surpresa – sentia-o feliz. Parecia um mortal brincando de casinha, vivendo numa luxuosa mansão no subúrbio, com sua mulher e seus comentários sonhadores sobre casamento, lua de mel e filhos. Se até eu mesma por vezes esquecia quem ele realmente era, nenhum mortal que os visitava ou passava pelo portão enquanto o casal tomava café da manhã na varanda saberia que estava olhando para o Diabo em pessoa. O Diabo lendo jornal sob a luz do Sol nascente; o diabo dando um beijinho discreto em sua futura esposa antes de dormir; o Diabo cumprimentando o dono do mercadinho onde costumava comprar legumes. Sorridente, simpático, honesto e cheio de princípios nobres.

Quando Lilian deu a notícia de que estava grávida, acho que percebi uma lágrima sincera brotar nos olhos do demônio. Uma grande festa comemorativa foi organizada naquela noite, e dezenas de pessoas, todas consideradas “amigos íntimos”, compareceram. Se não me engano, até o prefeito estava lá. Quando me aproximei dos mortais e vi todos aqueles pobres seres abraçando-o, ri comigo mesma: Se eles soubessem quem estão abraçando, tenho certeza de que esta festa acabaria bem rápido, pensei.

– E é exatamente por isso, minha querida e pálida amiga, que eles não vão saber – escutei a voz dele em minha mente. Mesmo sem olhar para mim, entretido em cumprimentar pessoas e sorrir seu charmoso sorriso, ele conversava comigo.

– Mas você tem de admitir que é um conceito engraçado, Lúcifer – respondi em telepatia. – Afinal de contas, você é o Diabo. Mesmo. E como tenho acompanhado de perto o desenvolvimento da alma de sua delicada filha já faz mais de um mês, não consigo ignorar a cômica ironia disso tudo.

– Concordo plenamente – respondeu enquanto ouvia uma piada sem graça de um recém-chegado à festa e ria sutil, sem deixar de lado seu charme inigualável. – Mas tente por um instante parar de pensar como Morte e entregue-se à fé. Tente pensar que posso

estar realmente contente, depois de anos sem saber exatamente como agir ou o que fazer com meus sentimentos.

– Pelo Criador, Lúcifer! – respondi com irreverência. – Algum dia de sua vida você não soube o que fazer ou como agir?

– Claro que não, Morte. Afinal, sou o Diabo. Mas é por isso que peço a você que aja sob fé. Talvez eu realmente esteja... contente.

– Você ia dizer feliz, não? – disse junto com uma risadinha. – O diabo ia dizer que está feliz!

– Ahmnat, cale-se e faça-se apresentável. Venha beber comigo e apreciar a companhia de meus mortais, como você gosta de fazer.

– Como eu negaria um pedido desses, Estrela-da-Manhã? – já me preparava para tornar-me material e criar a ilusão de ser uma mortal quando ele interrompeu.

– Ah! Morte, só mais uma coisa.

– Sim, o quê?

– Use a campainha e a porta da frente como uma pessoa normal.

Desde aquela festa, passei a frequentar a residência do Diabo. Sim, até para mim isso soa idiota. Sempre tive em mente que a residência do Diabo fosse o Inferno, e, devo admitir, se o Inferno tivesse todo aquele luxo e as regalias daquela casa, nem queria saber como era o Paraíso. *Duvido que no Paraíso eu teria uma dúzia de empregados para me servir do bom e do melhor que os mortais podem criar.*

Lilian era tratada como uma rainha, mas nem por isso perdeu seu jeito simples e bem-humorado. Todas as vezes que visitei o casal em forma humana para fazer a vontade de Lúcifer, que insistia que Lilian tivesse uma companheira mulher – em quem ele confiasse – presente em sua vida, eu era muito bem tratada. Depois do triste bilhete que Lorna deixou para Lilian, dizendo que havia voltado para casa de seu pai na Flórida, mas que desejava tudo de bom para ela e Louis, a futura mãe sentia-se constantemente sozinha no quesito “amizade feminina”. Obviamente que, quando Lorna se tornou um tanto obsessiva sobre querer morar com eles e passar o resto da vida como um trio, a ponto de aconselhar Lilian a não ter um bebê tão cedo, Lúcifer teve de fazê-la “ir morar na casa do pai”. O pai

nesse caso era provavelmente o Criador, e ela certamente não foi para a Flórida. Bom, não foi bonito, mas foi indolor.

Então, oito meses depois da festa, Morte tinha uma amiga mortal que se considerava uma mulher de sorte, mas estava grávida do Diabo e ia se casar com ele numa cerimônia católica.

Monte Carlo não era exatamente o ambiente mais sereno e apropriado para uma mulher dar à luz. Lilian também pensava assim, mas seu casamento devia ser o mais luxuoso possível, de acordo com seu sorridente noivo. Não fui convidada formalmente, mas acho que minha presença lá já estava implícita. Não me daria ao trabalho de aparecer para todos, pois Lúcifer saberia com certeza que eu estaria ali, e, para mim, era isso o que importava. Eu queria mais tempo e tinha que cumprir com minha parte do acordo; no entanto, não conseguia resistir à vontade de interagir com o mundo.

Os momentos que apenas observava e cuidava da formação da alma que Lilian carregava no ventre haviam sido tediosos, pois exigiam de mim concentração extra, e existe um limite para a quantidade de tarefas que consigo realizar ao mesmo tempo. Era uma pena ela não saber que seu noivo jamais poderia lhe dar uma criança naturalmente e, por isso, precisava usar uma parte da alma dela. Não é à toa que Lilian já sentia um amor quase incoerente pelo bebê dentro de si: ele era mesmo uma parte dela. Mas isso não vem ao caso. *Quem sou eu para julgar?* Sim, ela estava prestes a se casar com o Diabo. Um casamento católico, quem diria! O principal opositor de Deus se casando com uma mortal numa cerimônia religiosa cujo foco era a união sob as graças Dele. Hilário e um tanto perturbador. *Cínico? Hipócrita? Ele é o Diabo! O que mais eu poderia esperar?*

Vestida como uma mortal, adornada com joias caras, me fiz material na Praça do Cassino, em frente ao Hotel-de-Paris, onde a cerimônia aconteceria. *Pelo menos ele não resolveu se casar em uma igreja.* Cercada pelos carros mais caros, pelas pessoas mais elegantes e pela agradável brisa marítima que acompanhava a luz vespertina do Sol poente, me dirigi graciosamente, atraindo alguns olhares interessados, para a recepção do hotel. Em seu magnífico

hall de entrada, pessoas se amontoavam em direção ao salão onde aconteceria o evento, portando taças do champanhe mais refinado que o homem poderia produzir. Um segurança verificava educadamente as identidades dos convidados, e uma imponente mulher negra, esguia e de queixo empinado, apontava seus lugares. Não precisei me identificar. Bastaram alguns passos em direção às pesadas portas de madeira do salão para que o próprio noivo viesse me receber.

– Charlotte, minha querida! – disse ele, de braços tão abertos quanto seu sorriso. Beijou-me as costas da mão e gentilmente passou o braço ao redor de minha cintura. Ouso dizer que ele sabia, com experiência, como envolver uma mulher. – Estávamos esperando por você. Acompanhe-me.

Entramos por uma porta lateral que levava a um cômodo separado, mobiliado com requinte, onde poucas pessoas tomavam brandy e fumavam charutos. Curiosamente, todos ali eram humanos. Estrela-da-Manhã pediu licença a um casal que se aninhava num sofá de couro e sentou-se em outro, no canto norte da sala. Perguntou-me o que eu gostaria de beber. Respondi. Fez um gesto para o engomado rapaz que estava próximo ao balcão do bar particular e fomos servidos. Ele saboreou um longo gole de seu conhaque, baixou o copo na mesa e ergueu os olhos de encontro aos meus.

– Não sabia que você tinha amigos – eu disse, passando um dedo delicadamente ao redor da borda de cristal da taça de vinho tinto cabernet, que segurava com cuidado.

– Quando se tem dinheiro, Morte, se tem amigos – respondeu, esboçando um traço de felicidade. – Mas o que me importa é ela. Somente ela. Tudo isso é por ela.

– Charlotte – corrija-o –, por favor. Vamos manter as aparências. Diga... esse “por ela” é pela criança, certo?

– De certa forma. Na verdade preciso que Lilian se sinta desejada, se sinta feliz, se sinta o melhor possível durante todo esse processo. Então, sim, é pela criança, mas também por Lilian. Como você deve ter percebido, passamos muito tempo juntos nesses oito meses.

– Você poderia ter me pedido. Eu poderia colocar tamanha felicidade dentro do corpo dela, que ela choraria ao ver uma borboleta na televisão.

– Eu sei, mas não seria real, seria? – perguntou ele, erguendo as sobrancelhas como se a resposta fosse óbvia.

– Ela não saberia a diferença. E seria bem real. Não seria exatamente a felicidade dela, mas seria real.

– Não. Não é assim que eu quero. Quero que ela tenha razões lógicas para se sentir feliz. Não posso arriscar um momento de reflexão no qual ela perceba que não existem motivos para se sentir bem. Você mais do que ninguém sabe o quanto emoções podem mudar radicalmente de uma hora para outra.

– Louis – disse surpresa –, parece até que você está genuinamente apaixonado.

– Se você considera isso uma fraqueza, saiba que é somente um meio para um fim. Acredite quando eu digo que preferia...

– Não diga isso. Jamais consideraria uma fraqueza. Até parece que você não me conhece o suficiente. Eu mesma amei diversos mortais em minha existência. E a paixão dela por você é claramente sensível em minha onisciência. Isso é algo gostoso de sentir. Mesmo sabendo que ela se apaixonou pelo Diabo.

– Ei! Eu sou um anjo, esqueceu? – exasperou-se, apontando para si próprio. – Quem não gostaria de se casar com um anjo?

– Ah! Estrela-da-Manhã possui senso de humor... é bom descobrir isso depois de tanto tempo. Não me diga que só está usando Lilian como um meio para um fim. Você gosta dela de verdade, não gosta?

– Não conte muito com isso, Ahmnat – baixou o olhar por um instante, pensativo. – Existem diversos seres neste universo que não compartilham da sua opinião sobre meu senso de humor. E não posso me dar ao luxo de entregar-me a apenas uma mortal, como você bem sabe.

– Por falar nisso, e perdoe-me se é um assunto delicado, mas me passou pela cabeça uma pergunta interessante: você não poderia ter possuído um mortal e usado ele para enamorar a moça? Não entendo a razão de você fazer isso pessoalmente.

– Não sei o quanto você conhece sobre anjos, Charlotte, mas nós não podemos fazer isso. Só podemos “vestir” um mortal quando ele nos permite fazê-lo.

– Mas demônios podem?

– Livre-arbítrio, querida. Eles fazem o que desejam.

– Bom, falaremos sobre isso um outro dia. Mais uma coisa... achei que mortais não tivessem a capacidade de olhar para um anjo – disse, lembrando das palavras de Westcott, sobre não olhar para Uriel.

– Sim, é verdade – respondeu Lúcifer paciente. – Mortais não têm a capacidade emocional ou mesmo intelectual de contemplar um anjo. Antes que você pergunte, eu sou diferente. Arcanjos como eu podem tomar forma humana, o que anula nossa aura divina e grande parte de nossos poderes, mas pelo menos nos proporciona meios para interagir com os mortais. Arcanjos têm esta autorização... de interagir... – ficou pensativo por um instante e continuou – ...claro que provavelmente estou violando um monte de regras divinas com o que estou fazendo, mas isso não vem ao caso agora. Digo isso só para que entenda que para um anjo usar todo seu potencial ele deve estar em sua forma natural, como criado pelo Divino. Em forma humana somos apenas pessoas bem especiais.

– Interessante. Eu percebi mesmo, em todas as vezes que você veio me visitar, que sua forma angelical é algo memorável, radiante. A humana nem tanto... – fiquei um punhado de segundos em silêncio, saboreando meu cabernet, e voltei a perguntar – Ah! Eu gostaria de saber, se você está conscientemente violando um monte de regras divinas, por que...

– Por que Deus não fez nada para impedir? – interrompeu Estrelada-Manhã. – Por que ainda não fui atacado? Por que parece que nenhuma criatura sobrenatural está olhando para esta festa?

– Sim. Tudo isso – sorri, piscando demoradamente.

– Sinceramente? Não sei. Isso chega a me preocupar um pouco – suspirou, apoiando-se no braço do sofá. – Obviamente estou usando boa parte do meu poder para permanecer incógnito, mas no fundo espero uma invasão divina ou algo do gênero. Por isso, aprecio sua

ajuda. Não minto. Aprecio mesmo. Se existe algo que você tem, Mor... Charlotte, é caráter. Fizemos um acordo, e sei que você não vai rompê-lo.

– Bom, eu realmente não estou preparada para deixar de ser o que sou. Se é você que vai me dar mais alguns séculos, não tenho muita escolha. E todo esse tempo que passamos juntos, tirando certas ocasiões bem específicas, foram... bons. Mas, ainda assim, me incomoda o fato de não ter sido convidada.

– Você não foi convidada? – olhou-me espantado. – Que absurdo! Tenho certeza de que enviei pelo Correio Divino uma carta com o exato endereço: “Algum lugar no Limbo, provavelmente escuro e deprimente”.

– Esse seu senso de humor já começa a me irritar, Estrela-da-Manhã – brinquei. – Vá se reunir com seus supostos amigos. Eu vou ficar pronta, concentrada, caso algo tente estragar sua brincadeira. Eu lhe aviso, não importa o quão ínfima seja minha sensação.

– Dúzias de seguranças armados e devo confiar toda minha salvaguarda nas mãos de uma menina. Mimada ainda – deu um sorriso discreto enquanto se levantava e abotoava um dos botões do elegante smoking que trajava.

– E eu que estou prestes a defender a união católica do Diabo com uma mortal? Acontecem coisas que ninguém poderia esperar... ou entender.

– Ah! Por falar nisso, tenho mais um favor a lhe pedir – disse, voltando a se sentar. – Mas acho que você não vai gostar.

– Louis, se isso continuar vou começar a cobrar por favores. O que é?

– Gostaria que você se mantivesse visível... material durante a cerimônia.

– Bom, eu gostaria de usar toda minha concentração para o que acontece a nosso redor, em vez de destinar parte de meu poder para manter uma aparência mortal. Não acho que seus convidados iam gostar se, de repente, por um deslize, eu ficasse pálida como a lua, meus olhos se tornassem fossos sem fundo e minhas roupas escorressem em preto opaco.

– Ahmnat... – disse ele baixinho, olhando sério para mim. – Desde quando isso lhe toma concentração? Fazer isso é ridículo para seu poder. Não é possível que parecer humana lhe tome tanta energia assim.

– Eu sei, não toma energia alguma, e posso fazer isso até dormindo. Mas eu gosto de ser bajulada – pisquei para ele.

– Pfff... não é só o meu senso de humor que irrita os outros então. Então aí vai a segunda parte do meu pedido: você vai subir no altar junto com Lilian. Ela não tem amigas íntimas e...

– Claro que não, você assassinou a última – sorri.

– Fale baixo, Morte! – disse ele numa risadinha. – A última coisa que preciso é que ela saiba que Lorna está mais longe do que imagina. Enfim, você pode fazer isso por mim?

– Deixe-me ver se entendi: *você*, Lúcifer, Filho-da-Aurora, Estrela-da-Manhã, quer que eu seja madrinha do seu casamento?

– Na verdade, foi Lilian que sugeriu e...

Olhei para ele torcendo os lábios. Cruzei as mãos na frente do peito e recostei na cadeira, esperando uma resposta melhor que aquela. Pelo menos uma que fosse verdade.

– Está bem. Eu prefiro. Eu quero. Quero você perto de mim caso aconteça alguma coisa.

– Muito bem. Que assim seja então. Ficarei junto de Lilian no altar. Mas sinceramente... Louis... você é Lúcifer. Eu sou Morte. O que raios pode acontecer?

Eu estava muito enganada em achar que seria um casamento tranquilo.

A cerimônia começou de forma tradicional. Todos os convidados sentados, aguardando ansiosos, os amigos mais próximos – se é que Estrela-da-Manhã tinha amigos próximos – enfileirados lado a lado no altar, o pessoal do buffet já trabalhando exaustivamente para que tudo desse certo na cozinha, e até um padre sorrindo atrás da mesa de cerimônia. Lúcifer aguardou paciente a entrada de sua noiva, com as mãos cruzadas na frente do corpo. Olhava para a frente e às vezes para mim, como se quisesse perguntar se eu acreditava

mesmo que tudo aquilo estava acontecendo. Acho que naquela época ele gostava de se passar por mortal tanto quanto eu.

A música clássica soou nos alto-falantes. Todos se viraram para as portas duplas de madeira nobre quando estas se abriram e revelaram a maravilhosa mulher trajando branco e sorrindo por trás do véu. Lilian estava realmente linda. Acompanhada pelo pai, caminhou vagarosamente pelo corredor para ser entregue ao noivo. Lúcifer tomou sua mão, cumprimentou o pai da moça – e por alguns segundos eu realmente esqueci que aquilo tudo era apenas uma representação para um dos esquemas do Diabo. Parecia mesmo um casamento mortal.

Todos ficaram em silêncio quando o padre começou a proferir palavras fortes sobre amor e devoção eterna, sobre o quanto é importante o amor entre duas pessoas e toda aquela retórica sobre unir o casal aos olhos de Deus. A cada pausa do homem da igreja, Lilian olhava para mim e sorria, tentando ao máximo conter as lágrimas para não borrar a maquiagem.

Entre os soluços de felicidade dos convidados, entre as alegres batidas do coração da noiva, sem aviso prévio, minha onisciência disparou enlouquecida, e um monte de coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Fui tomada por uma sensação de poder que jamais havia experimentado. Era muito próxima à experimentada na presença do Maldito, ou mesmo de Lúcifer, mas superior em quantidade. Concentrei-me naquela sensação a ponto de não perceber logo que as pessoas que assistiam à cerimônia começaram a cair desfalecidas, atingidas por profundo e repentino sono. Desmaios em cadeia. Uma sequência de dominós humanos. Aqueles que estavam de pé tiveram as piores quedas. O barulho de taças se quebrando quando dois garçons caíram no fundo do salão teria assustado Lilian, se ela já não tivesse os próprios problemas com que se preocupar.

Uma dor pontiaguda atropelou sua felicidade, e ela quase se dobrou no chão, segurando com força o próprio ventre. O líquido materno lhe escorreu pelas pernas, deixando claro que sua filha queria nascer, naquele exato momento. Ela deu um gemido de dor,

sem acreditar que aquilo fosse possível. Ainda era muito cedo, mas a vida em seu ventre não aguardaria um momento mais oportuno. Aquele bebê queria nascer, como se compelido por uma força maior. Outra forte pontada levou Lilian a ajoelhar-se de dor, apoiando-se no chão sobre a mão esquerda, enquanto a direita ainda tentava, inutilmente, suportar o ventre nas dores do parto.

E, como esperado, na primeira centelha de vida da criança, grande parte do poder de Lúcifer lhe foi transferida. Porém ninguém podia imaginar que isso custaria tanto a ele.

Seu mundo embaçou, sua mente rodopiou, e o Diabo foi ao chão, acometido por uma sensação de fraqueza que nunca experimentara. Era como se tivessem arrancado dele sua alma à força. Um mal-estar irrefreável lhe tomou os sentidos quando sua filha deu o primeiro sinal de vontade própria, desejando sair do corpo da mãe. Ele balbuciou o nome de sua amada, esticando o braço para alcançá-la. Quis explicar tudo para ela, mas era tarde demais. Ambos perceberam as pessoas tombando a sua volta, o padre batendo com o rosto no altar antes de desfalecer, bandejas caindo, a música cessando e apenas uma pessoa de pé em meio a tudo isso: eu.

– Morte... o que você fez? – soluçou o Diabo, observando sua amada com os olhos apertados, tentando apaziguar a dor. Ergueu o olhar para mim como se suplicasse por piedade.

Mas eu não havia feito nada. Eles o fizeram.

Como gotas espessas de nanquim pingando em um pano branco, borrões enegrecidos de fumaça desceram ao fundo do salão. Minha onisciência me dizia para sair dali, informando alarmada que eram seres de enorme poder. Mas eu não era tão esperta assim para não me meter naquele impasse. E, além disso, eu tinha prometido que cuidaria da segurança deles.

Em instantes os indefinidos fragmentos de fumaça negra pairaram no ar e então tomaram forma. As luzes ao nosso redor perderam força, como se tais seres sugassem para si a energia do local. À meia luz, eles surgiram. Cinco deles. Com armaduras maravilhosas, corpos impenetráveis e olhares inesquecíveis. E, claro, as asas mais

belas, que somente arcanjos podem possuir. Num lampejo, suas asas desapareceram de suas costas e suas armaduras moldaram-se em roupas humanas, de aparência medieval e corte exótico, dando a eles a imagem de príncipes antigos.

Eles se juntaram em silêncio, no centro, e caminharam pelo corredor em nossa direção.

Rapidamente, tomei Lilian pelo braço e a ergui, abraçando-a pela cintura. Ela se agarrou ao meu corpo, abriu os olhos com esforço e correu os olhos espantados pelo salão, tentando entender tudo aquilo. E repetia, em pânico:

– Charlotte, o que está acontecendo? Meu Deus, o que está acontecendo? O que está... o que está acontecendo? Quem são eles? Quem são eles?

– Fique calma, Lilian. Tudo vai acabar bem – menti.

Ao se aproximar do altar, o arcanjo que vinha na frente parou, e os outros ficaram a seu lado. Eu sabia que eram arcanjos pela postura deles – eram muito mais imponentes que os anjos com que eu havia tido contato e portavam espadas que falavam por si. Os cabelos estavam impecavelmente arrumados e no rosto sua determinação angelical.

Abraçada com Lilian, cercada por arcanjos, ao lado de Lúcifer que tentava se pôr de pé, eu não sabia o que dizer. Eu talvez pudesse enfrentar um deles, quem sabe até dois. Cinco de uma vez seria minha sentença de morte.

O primeiro nos olhou fixamente, sem expressão no rosto. Seu semblante então foi tomado por pura repulsa, e o desdém em seus olhos era prova disso. Suas palavras, ao se voltar para Lúcifer, não foram nada cordiais:

– Você realmente achou que permitiríamos uma aberração dessas, irmão? – disse em tom áspero mas controlado. Muito controlado.

– Vocês não têm o direito de... – balbuciou Estrela-da-Manhã, finalmente sobre os próprios pés, mas ainda com as mãos apoiadas nos joelhos.

– Direito de quê!? – berrou o arcanjo, deixando o ódio transparecer. – Você é um traidor! UM TRAIADOR DA PRÓPRIA RAÇA

E DO PRÓPRIO PAI! Você é a escória que faz com que eu sinta nojo de ser o que sou! Você é a imagem que assola como uma mancha sangrenta a minha família!

Fez uma pausa breve e respirou fundo, tentando conter a vontade absurda de esfaquear seu irmão. Apoiou as mãos na cintura por um instante e então voltou a apontar diretamente para ele.

– Fico embasbacado com a ousadia, com a falta de respeito, com a falta de honra que você exibe dia a dia por todo esse tempo, tentando provar, como uma criança mimada, que é você quem tem razão, e não o Pai. Ele colocou sobre você a dádiva da vida, e o que você fez? Corrompeu e deturpou todos aqueles que se aproximaram de você. Suas palavras são veneno espesso que permeia a mente daqueles que caem no infortúnio de ouvi-lo. E agora espera que fiquemos alheios enquanto você defeca no mundo uma criança mortal que iria chamá-lo de pai? É isso o que você espera? Ser chamado de pai? VOCÊ NÃO É E NUNCA SERÁ PAI DE NADA NESTE MUNDO, LÚCIFER!!

Lilian olhava para seu amor, aos prantos, rezando para que aquilo não fosse verdade. Nada fazia sentido, mas algo nas palavras do arcanjo exercia poder sobre ela. A resolução divina. Ela sabia que ele não mentia, mesmo que aquilo tudo fosse absurdo. Foi então que ela fez a besteira de se dirigir ao acusador:

– Eu não entendo... o que é isso? Quem são vocês? O que querem conosco...

Apesar de estar a três metros dela, um gesto do arcanjo foi suficiente para quase deslocar o maxilar de Lilian. Num estalo, seu rosto foi torcido para o lado e suas pernas bambearam. Ela se agarrou a mim, soluçando aterrorizada, e calou-se.

– Não encoste nela! – bradou Lúcifer, se colocando em pé como se tivesse recebido uma renovada carga de energia.

Seus olhos se tornaram vermelhos como carvão em brasa, mas este fogo logo foi apagado por um dos companheiros do arcanjo. Um deles sacou um reluzente punhal da bainha e enterrou-o no ventre do Diabo, numa investida célere. Lúcifer gritou, alta e claramente. Caiu de joelhos olhando para baixo, admirando o cabo

prateado que saía de seu corpo. Sangue escorria vagarosamente de seu ferimento... Ele então reconheceu a arma.

– Raphael... – resmungou Lúcifer – ...covardia não costumava ser seu modo de agir.

– Mas sempre foi o seu, não? – respondeu o arcanjo. – Você manipula os outros. Você acredita até ter manipulado o Pai para lhe conceder mais poder do que deveria, para que você pudesse provar seu ponto de vista sobre a Criação. Esse poder não é seu para compartilhar, irmão. Então não me acuse de covardia por me aproximar de você agora que está fraco. Você não está. Você agora é um arcanjo normal, seu poder é como o meu. Como o nosso. Agora somos iguais. Com a única diferença de que não sou a criatura imunda que você se tornou, Estrela-da-Manhã. E, claro, não tenho um pedaço de metal profano – uma relíquia profana, se preferir – perfurando meu corpo.

– Se é assim que você imagina, retire o punhal, e vou provar que sou mais forte que você, mesmo em meu momento de agonia – desafiou o Diabo.

– Ora, ora... Por que eu faria isso? Você gosta tanto desse punhal. Lembra-se dele? Lembra-se de um mortal que invejou o irmão mais novo quando a oferenda deste foi mais bem aceita pelo Pai? Ele o derrubou com uma pedrada no crânio, possuído por um ódio que não era totalmente dele. Nem teve tempo de se arrepender, teve? Pois foi a SUA voz que o fez continuar. Foi o seu veneno. Foi a sua mão que entregou a ele o punhal para que terminasse o serviço. E, se bem me recordo, ele o fez. Ele usou seu punhal para executar o irmão moribundo. O Punhal de Caim... faz tanto tempo... E qual foi a razão para que você influenciasse tal mortal a assassinar o próprio irmão? Para provar para o Pai que o livre-arbítrio tornava os mortais criaturas negras? Para provar que a Criação era imperfeita? Não. Creio que não. Creio que foi para provar que o sofrimento não justificava nada, que era apenas um veículo sem propósito da fé. Mas você estava errado. Aquilo não foi sofrimento, irmão. Aquilo foi um ato randômico de violência causado por um mortal idiota sob a

influência de um anjo perdido. Um anjo que ainda hoje não entende a maravilha da Criação.

– Mentira! – tossiu Lúcifer, tentando corrigir a dicção distorcida pela dor. – Somente deixei que as paixões mortais se revelassem! Eu amo os...

Raphael esticou os dedos para frente e cerrou-os vagarosamente em punho, comprimindo à distância a garganta de Lúcifer com seu poder. Sua raiva era tanta, que gotas gélidas brotaram em sua fronte cerrada. Seus músculos contraídos tornaram-se visíveis sob as vestes.

– Você não ama nada a não ser a si mesmo. E por isso vai pagar da pior forma possível. Encerrarei sua existência no tecido da criação em hora tardia.

Lúcifer entendeu o que ele queria dizer. O punhal em seu ventre, maculado por sangue humano, funcionava como uma relíquia divina, um artefato que, praticamente, o tornava mortal. Ele não tinha forças para tocá-lo, muito menos retirá-lo do corpo. Eu, no entanto, senti que os arcanjos tinham medo dele. No fundo de suas almas a sensação de medo ainda imperava. Um deles olhava fixamente para o punhal, como que rezando para que ele aguentasse a ira do Demônio. Se Lúcifer não tivesse sido enfraquecido, eles jamais teriam ousado atacá-lo. Pensei que, talvez, se eu conseguisse puxar o punhal para mim, arrancá-lo de dentro dele, eu pudesse restaurar seus poderes. Mas se eu não conseguisse seria condenada também. E, mesmo que eu tivesse sucesso, ele ainda estaria fraco por causa do poder transferido à garota. Não podia correr esse risco.

Raphael libertou Lúcifer. O Diabo caiu de volta no chão. Ergueu vagarosamente o olhar para Lilian, e seus lábios moveram-se sem pronunciar nada: Desculpe-me.

– Ezriel, faça-o chorar – comandou Raphael para outro arcanjo.

O arcanjo Ezriel era mais moreno do que os outros. Seu rosto era adornado por uma fina linha de barba muito bem feita. Seu semblante era sério, sisudo, com o cenho constantemente franzido. Sua boca parecia feita de cera. O rosto de um assassino.

Sem questionar e sem proferir qualquer som, Ezriel foi na direção de Lilian. Lúcifer tentou balbuciar algo. Raphael cruzou os braços. Um terceiro arcanjo interrompeu a investida de seu irmão:

– Esperem! – disse abrindo a mão diante deles. – A garota não sabia de nada. Devemos deixá-la ir.

– Miguel – disse Raphael –, ela é a mãe da criança mais impura que este infeliz poderia produzir. Ela é cúmplice da aberração que carrega no ventre. Além disso, ele a ama. Ninguém será poupado, pela vontade divina.

Miguel tinha cabelos compridos, castanho-claros, a mesma cor de seus olhos, que esbanjavam experiência e sabedoria, fixos num rosto fino e jovial. Alguém jamais diria que ele era o mais velho dos cinco.

– Sua proteção deve ser garantida, Raphael. Não devemos tornar isto pior do que já é. Ela é apenas o veículo. Aconselho deixá-la fora disso, irmão.

– Concordo com Raphael, Miguel – disse o quarto arcanjo. – Ela deixou de ser parte da Criação quando se envolveu com ele. Foi maculada, está além de qualquer reparação. Creio que Sariel possa sentir isso – fez um gesto para o último deles, esperando confirmação.

– Sim, Gabriel – disse o último. – Posso sentir sua alma dividida. Ela e a criança são o mesmo. São parte da influência de Lúcifer sobre a humanidade. Enquanto ela viver, a cria do Diabo ainda estará presente. Ela deve partir.

Sariel e Gabriel eram parecidos. Ambos loiros, altos e fortes. Porém o semblante de Gabriel parecia um pouco menos carregado, um pouco menos cansado. Os olhos azuis-claros de Gabriel também deixavam sua aparência mais jovem do que a de Sariel, cujos olhos eram verde-escuros, tal qual um mar sem ondas.

Raphael contemplou Miguel, balançando a cabeça para provar sua vontade. Miguel calou-se e fez um gesto para que Ezriel continuasse. Lilian gemeu baixinho, implorando por piedade. Ela ainda não entendia o que estava acontecendo, mas ela sabia que aquilo ia lhe custar a vida.

Ezriel desembainhou sua espada. Deu mais dois passos em direção à moça, que se agarrou mais forte em mim. Eles pareciam nem se importar com minha presença. Talvez seu golpe fosse atravessar nós duas sem piedade. Eu não podia deixar aquilo acontecer.

– Vocês não vão destruir a cria de Lúcifer – disse, o mais fria que pude.

– Morte – disse Raphael –, o que temos aqui é uma doença. Um câncer crescendo e se alimentando da Criação, putrificando tudo o que toca. Eu, proclamado pelo Pai Todo-Poderoso como seu instrumento de cura, vou remover esta mancha do mundo. Depois que lidarmos com a pequena aberração e sua mãe suja – continuou o arcanjo, após uma breve pausa –, faremos o que tem de ser feito com nosso irmão. Aí então teremos uma pequena reunião com você. Não pense que sairá impune disso. Você também é culpada de conspirar contra a vontade de Deus. Você faz parte deste malefício. Então não se intrometa em nossos assuntos. Solte a garota.

– Com todo o respeito, Raphael. Dirijo-me também a todos vocês: Ezriel, Miguel, Gabriel e Sariel. Quando digo que vocês não vão destruir a cria de Lúcifer, não significa que vocês não podem, mas que não conseguirão.

– Explique-se, Morte – disse Gabriel exasperado, entendendo que eu duvidava do poder dos arcanjos.

– Se vocês a matarem, sua alma, como qualquer outra alma mortal, será levada ao Limbo. Essa é a regra divina pela qual vivo há tanto tempo. Mais do que qualquer ser nesta sala eu sei disso. Toda alma mortal vai ao Limbo. E, por diversas vezes, volta ao mundo. Não creio que vocês possam contrariar tal lei.

Eles se entreolharam, duvidosos. Porém não tinham muitas razões para duvidar de mim. Afinal, eu era de fato a responsável por tal tarefa.

– O que você tem em mente, Senhora das Almas? – perguntou educadamente Sariel. – E saiba que qualquer ajuda oferecida será levada em consideração em prol da continuidade de sua existência.

– Eu não sabia dos planos de Lúcifer – menti descaradamente. – Na verdade, como ele também é um arcanjo, achei que estava fazendo a vontade Divina ao ficar ao lado dele durante essa união. Sariel pode confirmar minhas emoções quando afirmo que não nutro sentimentos por Lúcifer nem por sua cria ou mesmo por esta mulher – blefei.

– Não posso sentir sua alma, Morte – respondeu prontamente Sariel. – Mas sinto que suas palavras são verdadeiras – balançou a cabeça positivamente para Raphael. – Ela diz a verdade, irmão. Talvez possa nos ajudar de forma legítima.

– Muito bem – tomou a palavra Raphael. – O que podemos então fazer para erradicar do mundo este equívoco absurdo?

– Vocês? Nada – respondi. – Eu posso. Está em meu poder obliterar qualquer alma neste mundo, destruí-la para todo o sempre.

– Então o faça. E terá nosso perdão imediato.

– Ahmnat... não – balbuciou Lúcifer.

Não tive escolha.

Lilian tentou continuar agarrada em mim, olhando-me lívida. Afastei-a um pouco, deslizando minha mão por seu corpo, passando por seu colo, seus seios e estacionando em seu ventre. Segurei-a com a outra mão pela nuca. Quando firmei os dedos ao redor de seu pescoço ela suspirou Por favor..., e eu respondi:

– Perdoe-me, meu amor.

Meu corpo vibrou quando minha onisciência buscou sua alma, atravessando suas entranhas. Sua força vital estremeceu quando a dor lancinante tomou seus sentidos. A palma de minha mão reluziu em verde-claro, brilhante, quando alcancei sua essência e a agarrei com meu poder. Meu vestido pareceu se mover por conta própria, remexendo-se e esvoaçando em direções diversas. Envolvi as almas de mãe e filha na névoa fulgente ao meu redor, direcionando seu fluxo para minha mão espalmada. Fechei os dedos. Os olhos de Lilian, estarecidos, lentamente foram tornando-se opacos, esbranquiçados. Sem respirar, ainda lutando por sua vida, gemeu baixinho uma palavra de súplica. Então arranquei à força sua alma.

Aquela força resplandecente iluminou a sala como se o Sol tivesse surgido. Todo aquele poder, aquela energia intensa em minhas mãos chispava em pequenas explosões. Fiz o que tinha de ser feito. Num estouro cegante, o salão escureceu novamente, e o corpo sem vida de Lilian tombou no chão.

Pior que assistir àquele receptáculo humano escorrer por meus dedos e espalhar-se inerte pelo assoalho, foi fitar o ódio rubro no semblante do Diabo.

Virei o rosto. Fechei os olhos. Abracei meu próprio corpo, como uma pessoa inocente acusada de fazer algo terrível.

Um silêncio sepulcral envolveu-nos.

Os arcanjos resmungaram palavras em um dialeto que não compreendi.

Raphael voltou a falar:

– Agora, por atos julgados pela vontade Divina, chegamos à conclusão de que você, irmão Lúcifer, Estrela-da-Manhã, Filho-da-Aurora, é considerado traidor e por isso é sentenciado a morrer. Que Deus seja testemunha e perdoe-o por seus erros. Talvez em um ato de extrema misericórdia sua essência seja poupada pelo Pai. Ezriel, Gabriel, Sariel, Miguel e em memória de nosso irmão Uriel, cuja alma também foi destruída por este irmão proscrito, que a sentença seja executada.

Os arcanjos ergueram suas espadas e dispuseram-se em círculo ao redor do anjo caído. Lúcifer continuou de olhos abertos, sem implorar perdão. Seu rosto estava vermelho como o fogo do ódio em seu coração. Seus punhos cerrados tentavam lutar contra o poder do punhal atravessado em seu ventre. Ergueu o rosto e fitou seus irmãos com juras silenciosas de vingança.

Segundos antes de golpear o Diabo, Sariel baixou repentinamente a arma.

– Existe outra criança!

– O QUÊ!? – bradamos eu e Raphael em uníssono.

– Ainda sinto uma alma maculada! – gritou Sariel. – Em algum lugar do mundo ainda existe uma alma maculada!

– Morte! – berrou Raphael. – O que você fez?!

– Destruí a alma da criança como você ordenou, arcanjo! – respondi no mesmo tom. – Como disse, não conheço os planos de Lúcifer! Mas é bem do feitio dele ter um plano de contingência. Ele deve ter criado outra criança sem que eu percebesse.

– Então a encontre! Você toca todas as almas deste mundo! Onde está essa outra criança?!

– Perdoe-me, arcanjo. Mas meu poder não é tão sutil quanto o de Sariel. Eu sinto, sim, todas as almas, mas não posso saber qual é a que foi tocada por Estrela-da-Manhã! Talvez se eu me concentrar em cada uma delas... mas isso pode levar dias!

Raphael soltou um urro enraivecido. Cerrou o punho e agrediu Lúcifer no rosto, derrubando-o no chão. Andou para um lado e para o outro e voltou a atingir seu irmão tombado com a sola de sua bota. Apontou o dedo para mim e gritou:

– Morte! Encontre a criança! Finalize seu trabalho se quiser sobreviver! Ninguém desafia minha vontade! Ninguém me fará de fantoche nesta ridícula empreitada! NINGUÉM OUSA CONTRARIAR MEU DESEJO!

Todo aquele ódio não pôde ser contido na forma mortal. Em seu último descontrole, Raphael cintilou dourado enquanto sombras negras correram ao redor de seu corpo, trazendo sua forma original. Suas asas explodiram para fora, abrindo-se em completa envergadura. Em seu peito, linhas douradas brilharam, redesenhando a armadura original de arcanjo. Aquela força suprema, a energia resultante de sua libertação, espalhou-se fúlgida pelo salão. Acompanhando seu grito, destruiu móveis, estourou vidros em mil cacos, queimou e enegreceu todos os seres mortais do local, como uma diminuta bomba nuclear – centenas de pessoas reduzidas a ossos e cinzas em segundos.

– Levem-no daqui! – gritou Raphael, apontando para os outros. – Ele vai nos dizer onde está a outra criança ou morrerá em absoluto sofrimento. Você ouviu? – foi em passos rápidos até Lúcifer e agarrou seu queixo, encarando-o a menos de dez centímetros. – Você vai morrer. Seus pecados são imperdoáveis. Tenha a decência de se redimir antes de sua partida. Peça perdão e conte-nos onde

está a criança. Se o fizer, sua destruição será rápida e indolor. Do contrário, você vai sentir dia após dia a seriedade do meu descontentamento.

– E o que deseja que eu faça, arcanjo? – perguntei submissa.

– Quanto a você, Morte, quero que se concentre em encontrar a criança. Levaremos Lúcifer para um lugar seguro, onde ele eventualmente vai confessar. acredite, não terei prazer em torturar meu irmão... – *Não é o que parece*, pensei. – ...então, quanto mais cedo você encontrar a resposta, mais cedo podemos pôr um fim neste doloroso impasse.

Fiz que “sim” com a cabeça e esperei quieta que eles se fossem. Gabriel e Ezriel agarraram Lúcifer pelos braços, e, ao mesmo tempo, todos se tornaram borrões de fumaça negra e desapareceram no ar.



### *Morte parou a narrativa por um instante.*

Tombou levemente a cabeça para o lado e perguntou ao rapaz:

– O que houve, querido? Você está me olhando de um jeito estranho.

– Não foi nada. Por favor, continue.

– Ah... você está se perguntando por que fui tão covarde.

– Não, isso nem passou pela minha cabeça – defendeu-se o rapaz.

– Posso ler sua mente e descobrir a resposta exata, meu amor. Mas não é preciso. Não se esqueça de que tenho, literalmente, milênios de experiência em lidar com pessoas e perceber reações. Você está, sim, julgando minhas ações na presença dos arcanjos.

– Não... não estou julgando. Só acho que... sabe?

– Pode falar abertamente. Nada que disser vai diminuir o que sinto por você. Quero saber mesmo o que você sentiu de diferente desta vez, pois já lhe contei diversas outras passagens em que agi de forma insensível e até cruel e você não me olhou desse jeito.

O rapaz ficou pensativo por um tempo, temendo uma reação explosiva. Durante aqueles últimos instantes, Morte narrava sua história de forma mais apreensiva, como se estivesse fazendo esforço extra para continuar. Havia algo errado com ela, e ele

percebia isso. Ela estava ficando mais agressiva, e ele não sabia dizer por quê. Lembrou imediatamente que, apesar de adorá-la, ela era a Morte. Mesmo assim, fez o que ela pediu, com certa relutância, e perguntou:

– Pois bem, acho que você poderia ter agido de outra forma. Entendo perfeitamente que você estava correndo perigo e que os arcanjos eram muito mais poderosos que você, mas me parece que você negou tudo aquilo e me soa como se você tivesse destruído a alma de Lilian por prazer. Parece que você queria mesmo ter feito aquilo.

– Tenho de admitir, eu queria. Tive vontade de derrubá-la com minhas próprias mãos. Queria ver Lúcifer sofrer. Queria ver o olhar dela perdendo a vida nas mãos de alguém em quem ela confiava. Isso o incomoda?

– Er... sim, um pouco. Você não tinha motivo suficiente para agir assim.

– Eu não tinha motivo?! – Morte levantou a voz e franziu áspera a testa. Ergueu-se da cadeira de repente e deu as costas para o rapaz.

Uma súbita sensação de medo tomou o corpo esbelto do jovem. Um arrepio gelado escalou sua espinha, e ele quase fez a besteira de pedir para ela ir embora, para que ela não estivesse ali. Morte continuou a falar alto, sua voz perturbada por algo além da pergunta do garoto:

– Ele pisou em mim todos esses anos. Já era hora de alguém fazer algo contra ele. Ele deformou meus anjos! Ele me aprisionou para ser estuprada constantemente dentro de minha própria cabeça em um pesadelo sem fim! Isso não é motivo? Fora as ameaças constantes e alfinetadas sobre orgulho e poder. Eu tinha motivo de sobra!

O rapaz se encolheu na cadeira. Resistiu à tentação de se levantar e sair pela porta. Não sabia se queria fugir ou abraçá-la. Morte, no seu ponto de vista, estava há tempo demais se passando por mortal e que talvez estivesse finalmente perdendo o controle sobre suas emoções. Ou então fosse ele mesmo o culpado por aquele descontrole. O que ela dizia sentir por ele talvez a estivesse

influenciando mais do que ela quisesse admitir. Com a voz mais suave que ele conseguiu proferir, pediu desculpas. No entanto, ele ouviu algo que não esperava. Morte começou a rir.

– Não precisa se desculpar, querido – disse ela ainda de costas e ainda sorrindo. – Sou eu quem precisa pedir desculpas. Não devia ter levantado a voz para você. Mas, como você deve imaginar, meu tempo entre os mortais e sua presença nessa sala causam uma incessante turbulência de emoções dentro de mim. Não deveria ser assim. Nunca achei que um dia fosse acontecer, mas esse dia chegou.

Morte virou-se para o rapaz. Seu rosto exibia a mesma graça de quando se conheceram. Seus olhos estavam azuis, sua pele um pouco mais corada. Os lábios que envolviam aquele sorriso estavam rosados, quase humanos. Só então ele reparou que, antes de voltar a se sentar, ela se apoiou firme na cadeira; parecia precisar disso para não desabar no chão. Ele ficou em silêncio enquanto ela se ajeitava. Quando levantou o rosto novamente, com os olhos negros opacos e a pele branca sobrenatural, ela disse:

– Eu tinha motivos para maltratar Lúcifer. Mas não o fiz. Tudo o que fiz foi ganhar tempo. Prometi para o Diabo que o protegeria e não costumo quebrar promessas. Porém não existia a possibilidade de salvar a pele daquele bastardo sem passar por cima de cinco arcanjos dispostos a matar. Por isso, criei a sensação de uma alma idêntica à de Lilian em outro lugar do mundo. Quando Sariel afirmou que não conseguia sentir meus pensamentos, percebi que ele também não poderia sentir ao certo a extensão de meu poder. Um pouco de pirotecnia a mais ao remover a alma da garota foi o suficiente para mascarar a criação de outra alma; essa que o arcanjo sentiu como sendo uma segunda criança.

– Mas você tem o poder de criar almas? – indagou o rapaz, tentando esquecer e fazê-la esquecer do incidente emocional anterior. – Achei que só pudesse manipulá-las.

– Você é um humano perspicaz, meu querido. Realmente eu não criei outra alma. Mas, como você mesmo disse, manipulei uma já existente para que se parecesse muito com a de Lilian, para que

ressoasse como ela e vibrasse na mesma intensidade, tivesse as mesmas emoções. Minha ideia funcionou, e Sariel sentiu-a como Lilian. Eu tinha certeza de que eles iam interrogar Lúcifer para saber seu paradeiro, me dando o tempo necessário para descobrir como encontrá-los e, ainda, derrotá-los. Você me conhece. Odeio perder uma disputa.

– Entendo... mas... – hesitou o rapaz.

– Pode falar. Não pretendo me exaltar novamente – disse Morte com um sorriso suave.

– Entenda, não duvido de nada do que você contou... – explicou-se antes de continuar. – Mas pelo que ouvi até agora, todos os seus outros amores foram bem intensos. Porra, mesmo o nosso, o jeito que a gente se conheceu, o quanto eu adorei você depois da nossa primeira conversa, até aquela primeira garrafa de vinho que dividimos num estacionamento de balada... foi tudo intenso, cheio de significado. Digo, até num estacionamento de balada, que está longe de ser um dos dez lugares mais românticos do mundo, nossa conversa foi... marcante. Foi surreal. Queria agarrá-la pelos cabelos e beijar sua boca ali mesmo. Claro que eu não sabia quem você era, senão teria ido embora bem antes, apavorado – deu uma risadinha. – Por isso me parece que Lilian não foi uma das pessoas criadas por Destino para fazer parte da aposta entre vocês. Por mais que você diga que viveu bastante tempo do lado dela, você não comentou sobre sensação alguma ou entrou em detalhe sobre seu tempo com ela. Talvez então eu não seja seu sétimo amor. Talvez eu seja o sexto, pois não acredito que você se apaixonou por Lilian.

– Você não poderia estar mais correto, meu amor. É exatamente por essa e outras razões que o adoro. Não fui mesmo apaixonada por Lilian. Primeiro por ela ser, ao meu olhar, somente a “boneca-do-Diabo” e, segundo, por não ter aquela paixão inconsequente que todos os outros tiveram. Ahatza e seu reino, sua responsabilidade para com os deuses. Tsun com sua honra e sua força dirigida aos seus objetivos. Mesmo Judas e seu amor para servir o Filho de Deus. A fé cega porém inabalável de Jeanne. A paixão e a luxúria

infindáveis de George. A mente sonhadora e a inteligência apaixonante que você possui. Lilian não tinha isso.

– Ou seja, ela não significava nada para você. Então por que você comentou que ela tinha um bom humor memorável um tempo atrás? Não me pareceu que ela tivesse um bom humor tão fabuloso a ponto de ser marcante em sua vida.

– Você está enganado, queri...

Morte tonteou. Fechou os olhos, segurando o rosto com as mãos. Respirou fundo, pausadamente. O rapaz inclinou-se para frente e tocou seu joelho, perguntando se ela estava bem. Ela apenas fez um sinal com a mão e levantou-se da cadeira.

Ele ficou em silêncio enquanto ela andava com as mãos na cintura, de um lado para o outro da sala, concentrando-se em algo que ele não conseguia discernir. Respirava cada vez mais fundo. Passou pela cabeça do rapaz que ela podia estar se sentindo mal por causa de algo que tinha comido, mas tirou logo aquela ideia idiota da cabeça. Ela se apoiou na parede e ergueu o rosto. Olhou então para frente, permanecendo em silêncio.

– Ahmnat, o que você tem?

– A questão, querido, é o que eu não tenho. E a resposta é “tempo”. Estou sendo convocada à força. Preciso terminar de contar.

Ela voltou em passos rápidos para a cadeira e sentou-se despojada, como se nada tivesse acontecido. No entanto, falou mais rápido do que de costume:

–Muito bem, onde parei?

– Ahmnat – disse o rapaz –, por que você precisa tanto assim de terminar de me contar sua história? Não é melhor você ir antes que venham buscá-la?

– Não se preocupe, meu amor. Ninguém virá aqui me buscar enquanto você estiver aqui. Ainda tenho força para aguentar mais algumas horas se necessário. Mas não acredito que eu vá precisar de tanto tempo, estamos chegando ao final. E, respondendo sua questão, preciso contar porque, ao final de tudo isto, quero lhe fazer uma pergunta e quero que a resposta seja sincera, embasada em

tudo o que contei. Quero que você tenha uma resposta informada. Acredite em mim, é importante.

– Tudo bem. Então continue.

– Como eu ia dizendo, você está enganado quanto à Lilian. Eu a adorava, talvez não tanto quanto adorei os outros ou mesmo você, mas meu sentimento por ela era real, legítimo. Ela dizia coisas ótimas e parecia que nada tirava seu bom humor. Mas ela fez a besteira de se apaixonar pelo Diabo – e o Diabo fez uma filha nela. Poderia ter sido fantástico se eu a tivesse conhecido em outra ocasião, na qual Lúcifer não estivesse envolvido, mas não foi esse o caso. Quem sabe numa outra vida eu a reencontre e possamos viver o que deveríamos ter vivido? Mas nesta vida isso não aconteceu, e tenho certeza de que não acontecerá.

– Você costuma sonhar com esse tipo de coisa? Sobre o que poderia ter sido ou sobre como teriam se desenvolvido situações se você tivesse agido diferente?

– Não. Nunca. Para mim, o que passou passou. Vivo meus dias com base em decisões espontâneas e, assim, não me preocupo com o que poderia ter acontecido. Não me arrependo de nada que fiz. Por que eu me arrependeria de algo que fiz por vontade própria? Com o perdão da comparação, sonhar com eventos que poderiam ter acontecido é algo muito... humano. Não sou humana faz tempo, por mais que goste de fingir o contrário. Mas é claro que eu digo isso agora. Afinal, fiz exatamente isso um pouco antes de encontrar Lúcifer novamente.

– Mas você deu a entender que Lúcifer tinha esse tipo de sonho. Digo, de ter uma filha, de ter planos e esquemas para o futuro, etc.

– Não posso afirmar se tinha mesmo ou se era apenas uma estratégia para pensarem que ele era fraco. As ideias de Lúcifer nunca foram claras para mim nem para ninguém. E, falando sobre ele, voltando à história, eu ainda tinha de salvá-lo.



Sozinha, a apenas algumas quadras do funeral que o casamento de Lilian e Louis se tornara, ainda escutava as sirenes policiais que ecoavam pelo céu de Monte Carlo. Sentei-me na areia da praia,

molhando os pés no mar que refresca a costa de Mônaco. Eles iam matar Lúcifer mais cedo ou mais tarde. Deus não faria nada para impedir, mas algo me dizia que Ele não estava feliz em ter seu primogênito assassinado por sua própria Criação. Chame de instinto feminino, chame de momento de Luz Divina, mas eu tinha de fazer alguma coisa. E, para encontrar anjos, eu só conhecia um jeito.

Rue de l'Église, Paris. Ao me deparar com uma fachada do prédio toda reformada, sorri. Alguém havia arrumado uma boa maneira de ganhar dinheiro. Desta vez, nem me dei ao trabalho de maquiagem minha aparência. Simplesmente me fiz material e, por educação, toquei a campainha.

Após alguns segundos, uma voz jovem e decidida soou lá de dentro:

– Pois não? Não dou mais aulas; se é sobre isso, passar bem!

– *Monsieur* Westcott? Tenho um assunto de grande interesse meu para tratar – disse em voz alta, em inglês, usando um tom jocoso.

– Desculpe-me, mas não mora ninguém aqui com este nome. A senhorita tocou na casa errada – respondeu a voz.

– Aposto um anel de safira que toquei na casa certa – disse confiante.

A voz não disse mais nada. Ouvi apenas o barulho de passos rápidos e coisas sendo remexidas. A porta se abriu, e um belo rapaz, de corpo sadio, me recepcionava. Olhou-me com um pouco de receio ao colocar os olhos nos meus, um tanto chocado pela minha aparência mórbida. Mas logo vívidas lembranças fluíram em sua mente, e ele sorriu calorosamente. Fingiu uma expressão séria no rosto ao perguntar:

– O que posso fazer por você, senhorita...

– Ahmnat. Meu nome é Ahmnat.

– Engraçado, você possui um rosto de... Charlotte – sorriu novamente. – Mas o que posso fazer por você, senhorita Ahmnat?

– Infelizmente, meu querido ocultista secular, eu preciso...

– ...encontrar um anjo – completou ele. – Entre, madame. Devo ter um catálogo de endereços sobrenatural em algum lugar por aqui.

Entrei como se estivesse dentro de minha própria casa. Toda ela havia sido reformada, havia móveis novos e a pintura era condizente com a idade do morador. A única coisa que estava exatamente a mesma era a porta de madeira antiga que levava ao porão. Ao mesmo porão onde fiquei presa por muitos anos. Apesar dos móveis diferentes, sentei-me no mesmo lugar onde me sentei a primeira vez. Westcott perguntou se eu gostaria de beber alguma coisa: vinho, cerveja, suco de laranja...

– O que aconteceu com a boa xícara de chá? – perguntei.

– Chá é para pessoas de idade. Eu tenho uns trinta anos apenas. Vinho?

– Cerveja. Gelada, de preferência – ele foi imediatamente para a cozinha. – Achei que você se tornaria uma pessoa sensata e reclusa, Eliphaz. Não um moleque sem o menor respeito pela própria saúde.

– Senhorita, por mais que eu tenha certeza de que minha recompensa foi com a melhor das intenções, sou apenas humano. E quando nos descobrimos imortais, nos damos direito a certos abusos – gritou lá de dentro, em tom brincalhão.

– Ainda bem que você não tentou se matar, senão ia descobrir que você somente tem muito mais força vital do que o resto da humanidade. Não é exatamente imortal.

– Sim, sim. Percebi. E meus alunos também perceberam. Acho que é por isso que ganhei certa fama nos círculos ocultistas. Tive vários alunos, entre eles até acadêmicos interessados nos mistérios do mundo. Depois de seu exímio presente, não tive mais um momento de sossego – ele voltou da cozinha e entregou-me um copo cheio de cerveja alemã, bem gelada, com uma grossa espuma branca. – Mas não posso reclamar; afinal, daí que veio boa parte de meu dinheiro.

– Que bom que você aproveitou todos esses anos a mais, meu caro. Só acho que deveria ter se mudado para outro lugar. Admito que fiquei um tanto espantada quando o procurei e percebi que você ainda mora na mesma casa.

– Sim – respondeu, enquanto eu saboreava a cerveja –, resolvi mantê-la.

Aconteceram tantas coisas aqui que me fizeram o que eu sou hoje! Aprendi muito aqui. E aprendi muito por sua causa.

– O que você está dizendo, Eliphas? Você perdeu um terço de sua vida e correu o risco de perdê-la totalmente por minha causa!

– Ah! – riu. – É verdade. Mas foi exatamente por sua causa que me tornei realmente um homem, que encarei de frente meu compromisso mais difícil. Foi por sua causa, senhorita, que me reergui. E mesmo sem saber se seu presente seria temporário ou não, decidi passar meus conhecimentos adiante. Foi a senhorita que criou em mim esse desejo. Foi por você ter me dado a oportunidade de provar que minhas teorias estavam corretas. Até nosso infeliz ritual, eu não tinha certeza de nada do que escrevia.

– E seus alunos deveriam adorar aprender com alguém que não envelhece. Alguém que esteve em primeira mão em contato com o sobrenatural.

– Ah, eles adoravam. Principalmente os mais velhos e mais céticos, que a princípio duvidavam das capacidades de um garoto de 25 anos. Pagavam fortunas para me ouvir falar e conjurar espíritos e testemunharem ao vivo aparições do além-vida. Aprendi muito durante o tempo que cuidei de você. Aprendi a ter cuidado. Aprendi que as forças ocultas não são um brinquedo e que não se deve tratá-las de forma leviana, como eu fazia antes.

– Fico feliz por você, Eliphas. Espero que não tenha se deixado levar pela vaidade e aparecido em algum livro ou fotografia.

– De forma alguma. Sempre fui muito cuidadoso quanto a isso. Aliás, uma de minhas diversas exigências para ensinar era que jamais falassem ou escrevessem sobre mim. Dizia que eles podiam aparecer e doutrinar o quanto quisessem, eu não me importava. Só não deveriam dizer absolutamente nada sobre quem os ensinou. Como disse, tive diversos alunos, e alguns deles ficaram realmente famosos: Edward Crowley, Franz Bardon, Anton LaVey, entre outros.

– Bom, espero então que sua proeminência em ocultismo esteja tão jovem quanto suas memórias, meu caro, pois realmente preciso encontrar um anjo. E dessa vez não é um anjo qualquer.

– Você chama o último de “um anjo qualquer”? A senhorita ficou presa em um pesadelo por diversos anos por causa desse “anjo qualquer”.

– Está bem, eu assumo. Não era um anjo qualquer. Era mais poderoso do que eu imaginava que seria. Mas acredite quando digo que esse anjo que preciso achar faz aquele parecer uma criança.

– Falando assim, você provavelmente quer encontrar algum arcanjo superior, como Miguel, Gabriel ou mesmo Raphael; se é que eles realmente existem no seu plano...

– Oh sim, dou minha palavra de que existem. Aliás, o anjo que quero é prisioneiro deles. E cabe a mim a tarefa árdua de salvá-lo. Na verdade, cabe a nós, ou em no máximo três dias ele morrerá nas mãos de seus irmãos.

– Vejo que a senhorita está envolvida em algo bem sério, seja lá o que for. Posso saber o nome desse anjo?

– Claro. Eu o chamo de Estrela-da-Manhã. Alguns o conhecem como Filho-da-Aurora. Mas é bem mais comum ele ser chamado de Lúcifer.

Eliphaz sorriu por um rápido instante. Então baixou lentamente seu copo de cerveja na mesinha de centro e juntou os dedos diante do rosto. Tentou extrair alguma informação contraditória de meu olhar, sem sucesso.

– Você só pode estar brincando.

– Não brinco com esse tipo de coisas, Westcott – respondi rígida.

– Você quer salvar o Diabo em pessoa? – perguntou ainda incrédulo.

– Ele mesmo.

– Por quê? Por que alguém iria querer salvar o Demônio? Se chegou finalmente a hora de ele ser julgado, que seja! Talvez o mundo se torne um lugar melhor!

– Não é exatamente assim que o além-vida funciona, Eliphaz. Na verdade, pouquíssimas coisas que são atribuídas a Lúcifer foram realmente obra dele. Ele não é de todo mau. Assim como está longe de ser todo bom. Mas posso afirmar que os anjos também caem no

mesmo equilíbrio de bem ou mal. Você mais do que ninguém sabe disso.

– Sim, mas...

– Eliphaz, não tenho tempo de sobra para papear. E também não vim aqui colocar sua vida em risco. Não precisa temer nada. Não quero convocá-lo ou conjurá-lo ou seja lá qual termo vocês usam. Quero simplesmente saber onde ele está, pois tenho certeza de que está em algum lugar deste mundo.

– Mas se ele é prisioneiro dos outros arcanjos, como você mesma disse, o que a leva a crer que ele está no mundo físico? Por que não no Paraíso ou mesmo no Inferno? Ou, ainda, no Purgatório?

– Do jeito que os arcanjos o levaram, certamente não iam arrastá-lo para o Paraíso. Afinal de contas, ele é o Acusador de Deus. O próprio Satã. E é por isso também que ele não pode adentrar no Lim... no Purgatório, como você diz. Nem preciso comentar que também não o levariam para dentro de seu próprio reino infernal, onde ele certamente poderia dar conta de todos juntos. Ele está neste mundo. Só preciso saber onde.

– Muito bem, quanto tempo eu tenho?

– Dez minutos? Quinze?

– Ahmnat – disse ele sinceramente, fazendo pausas para pensar –, não sou tão bom assim. Mesmo usando os conceitos da Thelema eu não poderia fazer... sinceramente, nem sei se posso lhe dar a localização de um ser tão poderoso. Seria... talvez se eu... na verdade, pode levar dias, meses, anos até. Nem sei por onde começar.

– Eliphaz, meu querido Eliphaz... – disse com a voz macia, para trazê-lo

de volta à realidade. – Eu confio em você. Faça o seu melhor. Voltarei amanhã neste mesmo horário, pontualmente. E, assim como vou sair agora, não espere a campainha tocar.

Coloquei-me de pé e desapareci perante seus olhos. Com um gesto bem familiar, rasguei o mundo físico e atravessei o portal para o Limbo.

– Depois de todos esses anos, depois de tantas vidas passadas, finalmente você aparece para matar a saudade. Devo admitir que, de certa forma, senti sua falta. Esse seu rosto complacente e duro... Olá, dona Morte.

– Olá, Destino. É um prazer revê-lo. O que tem feito de bom com sua criatividade inesgotável?

– Tudo aquilo que você tem enorme prazer em desfrutar, minha querida e pálida entidade. Todos aqueles mortais de que você gosta de se cercar. O mundo está cada vez mais superpopuloso, afinal. Muitas opções de interação. Muitas opções de conexão entre uma vida e outra. Tem certeza de que está fazendo seu trabalho direito? Tem muita gente no mundo.

– Não comece, Destino. Não vim aqui para discutir, ou para falar da aposta. Vim porque temos uma certa emergência.

– Defina “temos” – disse ele em tom esnobe, juntando os dedos da mão.

A biblioteca de Destino era fascinante. Milhões e milhões de livros amontoados em prateleiras infinitas. Pensei se tinha sido mesmo uma boa ideia ir falar com ele. Quase me virei para ir embora, mas resolvi continuar.

– Estrela-da-Manhã vai ser executado. Isso pode complicar as coisas entre nós entidades. Preciso encontrar uma forma de saber onde ele está.

Destino encarou-me como um adulto severo. Prestou bastante atenção em mim e balançou a pena que segurava na mão direita. Baixou-a sobre a mesa e desceu de seu palanque com as mãos nas costas, pensativo. Aproximou-se de mim, circundando meu corpo.

– Desculpe, Morte, mas não consigo entender como isso é “nosso” problema.

– Colocando de forma resumida: sem ele para fazer o balanço das coisas, provavelmente seremos destituídos de nossos cargos ou pior.

– Ah! Você acha que sem Estrela-da-Manhã, para colocar em xeque os asseclas do Divino, entraremos em uma espécie de ditadura angelical? Hahaha! Você me diverte, Morte. Essa foi a coisa mais estúpida que ouvi nos últimos séculos.

– Acho que você deveria levar a coisa mais a sério, Destino. Imagine ser obrigado a criar pessoas para servir somente a Deus, ser obrigado a criar suas vidas com base em um conjunto de leis preestabelecidas, sem o livre-arbítrio de criar o que tem vontade. Adeus para os mortais pecadores, adeus para a diversão que você sente em fazê-los passar pelo que você quer. Eu, inevitavelmente, vou continuar a levá-los para julgamento, mas posso muito bem ser expressamente proibida de “brincar” com eles. Nem eu nem você temos algo a ganhar com isso. Sendo assim, é “nosso” problema.

Destino esfregou a mão no queixo algumas vezes, contemplando suas prateleiras. Andou de um lado para o outro, entre seu palanque entupido de papéis e a primeira das inúmeras estantes abarrotadas. Até que se virou para mim balançando a cabeça:

– Não. Perdoe-me, mas não concordo com sua teoria. Primeiro porque não acredito que Lúcifer esteja mesmo em perigo. Se o Criador o quisesse destruído, já o teria feito há muito tempo. Não, não. Deus quer seu filho pródigo bem vivo. Talvez ele sofra um pouco, ou fique encarcerado por alguns anos, mas não creio que ele será... você sabe... – e passou a mão pela garganta.

– Destino, então me ajude com uma questão apenas.

– Morte, não é por que eu a ajudei uma vez que estou apto a fazer isso sempre que você desejar. E se eu disse um dia que você poderia fazer isso, me enganei. Considere que estava num dia de extremo bom humor. E esse bom humor foi estragado por você.

– O que quer dizer com isso? – perguntei séria.

– George era um humano espetacular. Não posso considerar trapaça o que você fez, pois você não fez nada. Foi sua ignorância plena que a livrou dele. Sua completa inaptidão não só a desviou de meu mortal, como também causou o sofrimento e a morte dele muito antes do que eu desejava. E você sabe o quanto me irrita quando mortais não fazem o que escrevi para eles.

– Como você pode...

– Não é somente George! São todos, Ahmnat. Todos os mortais que você tanto adora, mas que quando chegam perto de você são execrados e destruídos da pior forma possível. Lilian, por exemplo.

Você chegou a conhecê-la direito? Claro que não. Pois em vez de reportar o que Lúcifer estava fazendo, você decidiu brincar junto com ele, e ainda arrancou a alma da garota. *Tsc, tsc...* isso é quase tão doloroso e cruel quanto trazer alguém vivo para o Limbo.

Olhei estupefata para ele. Não sabia o que dizer. Nunca imaginei que ele soubesse de tudo. Mesmo assim, mantive meu orgulho.

– Peço então desculpas por ser tão ignorante quanto imagina e por tomar seu precioso tempo. Posso ver que você está com trabalho acumulado, então o deixarei em paz. Voltarei a visitá-lo somente quando eu realmente me apaixonar por um dos seus forjados mortais para dizer que perdi. Está bom assim para você?

– Está perfeito. Adeus, Morte – respondeu, de costas para mim, com um gesto vulgar.

Acariciei as tapeçarias de veludo do meu santuário. Estava me sentindo perdida, impotente perante uma situação fora do meu controle. Questionei-me

mais de uma vez sobre fazer ou não algo a respeito. Olhei-me no espelho em silêncio. Talvez fosse bom meu tempo ter acabado. Talvez fosse mesmo hora de deixar de ser quem eu era. Imaginei rugas no meu rosto. Imaginei como eu seria se tivesse oitenta anos. Na verdade, me imaginei com trinta, com quarenta... Com qualquer idade que transformasse aquele rosto imutável no rosto de uma pessoa normal. Uma pessoa com um trabalho, com um namorado, com a rotina que tantos mortais tentam evitar. Uma rotina sem solidão, sem violência, sem as constantes ameaças e riscos. Pensei na aposta. Seriamente. Será que Destino acreditaria se eu simplesmente dissesse: *Perdi! Envie-me para o mundo mortal. Estou pronta para ser humana novamente.* Será que eu renasceria como um bebê? Sem memória do que fui? Ou, pior, voltaria a ser humana com idade avançada, sem tempo para aproveitar a vida?

Tentei deixar esses pensamentos de lado. Tentei me concentrar na missão que tinha pela frente. Mas pensar na missão era pensar em Westcott, e isso me trouxe uma nova onda de dúvidas. Ele era um homem sábio, viveu uma vida mortal completa, e então eu lhe dei jovialidade novamente. Mesmo assim, continuou a ser um homem

sábio. Eu deveria ser mais capaz de lidar com meus problemas, deveria ter a postura de uma mulher idosa, que já viveu tudo, que já experimentou a vida. *Olho-me no espelho e só vejo uma garota de vinte anos, não vejo uma mulher. Não vejo a hora de ser mulher, de ter o conceito moral feminino. Entrar num clube noturno e flertar com os homens sem saber o que eles estão pensando, sem ter plena ciência de que um movimento de minha mão é suficiente para cortá-los ao meio. Eu deveria ter escolhido outra coisa quando o Maldito me deu a opção. Ser Morte não é tão bom assim.*

Passei a mão no espelho desejando que a imagem mudasse. Ela mudou. Contemplei um rosto mais velho, mais maduro, mais sério, um rosto sem as dúvidas adolescentes que me perseguiam. Mas aquilo era apenas uma casca, um efeito do meu poder. Assim que deixei de pensar nisso, minha imagem voltou a ser o que era. A menina vestida de preto, com olhos assombrosos. Eu costumava gostar do meu visual. *O que aconteceu com essa pessoa? Você não é uma pessoa, Ahmnat. Você é Morte.*

Senti vontade de chorar, queria desaparecer sem deixar vestígio. Parecia estar num cruzamento onde existiam três caminhos: covardia, destino e vida real. Quando o destino é negro e a vida real dura demais, o outro caminho fica cada vez mais sedutor. *Seria ótimo se todos os meus problemas desaparecessem e eu encontrasse paz.* Pensei novamente em ser humana de verdade. Em acordar de manhã numa cama confortável, de lençol branco de seda, com a cabeça apoiada num travesseiro macio. Ao fundo estaria tocando Beethoven, bem baixinho. *Como estou cansada da escuridão, deixaria as janelas abertas, para ser acordada com o Sol.* O cheiro de frutas frescas perfumaria o ar e me faria sorrir, lembrando-me de que no andar de baixo a banca de frutas estaria abrindo para os primeiros clientes da manhã. Eu espreguiçaria melosa. *Tomaria um banho frio, pois o chuveiro me faz lembrar das vezes que fiquei sob a chuva deliciosa de uma floresta tropical.* Um bom jeito de começar o dia!

Mesmo imaginando, sonhando acordada com outra vida, só consegui extrair dos meus olhos foi uma única lágrima. Duvido que

mulheres em crise não estariam chorando agora. *Só você não chora de verdade, Ahmnat. Porque você não é humana.* Cerrei o punho perante o espelho, e ele se partiu em cacos reluzentes. Abri a mão, e ele foi recuperado instantaneamente, como se nada tivesse acontecido. *E esse tipo de coisa só prova que você já não é humana faz tempo.*

Engatinhei para cima da cama. Estirei-me no centro dela, cruzando os braços sobre o corpo. Queria dormir por meses e só acordar quando tudo aquilo tivesse acabado. Ou mesmo acordar com um anjo sombrio me dizendo que eu não pertencia mais àquele lugar, que eu devia voltar para o mundo para renascer. Fechei os olhos. Esvaziei minha mente. Deixei que a textura branda da cama envolvesse meu corpo e que o silêncio tomasse conta de mim. *Chega de silêncio, você já teve o suficiente!* Estalei os dedos e pude ouvir um suave barulho de chuva. À distância. Entrei em transe – o mais próximo que consegui de um sono real. Para fugir dos problemas ou para descansar um corpo incansável? Nenhum dos dois. Para morrer um pouquinho.

*...ndo eu pedi para que você desc... or conta própria sobre esses rumores...*

*...se dizer que o Limbo irradia uma força... nsamento coletiva...*

*...ensa é absorvido e dividido entre as part...*

*...isso é transformado numa espécie de eco que pode... poder...*

*...omo carregam essas intenções... marcas... inconsciente coletivo...*

*...eunidos como a Irmandade da Luz Verdadeira dur...*

*...nalmente terá o que merece... traidor... traição...*

*...outrina espiritual iluminada pelo Divino em pess... retorno do messias puro...*

*...púdio da tecnologia humana, que escala sold... uerra final entre o céu e o inf...*

*...emetério ao redor... ilha... Escócia...*

*...strela-da-Manhã... Irmandade da Luz Ver... dia do pecado final...*

*...cado final... morte do demônio... vitória divina... traidor... Verdadeira...*

*...ntido sob o Punhal de Caim... morte d... seguidores da divindade...*

*...njos caídos e jamais serão perdoad... nas primeiras horas do dia de...*

*...nde o pecado será aniquilado perante tod... comparecerão aqueles de fé inabal...*

*...tual sob o poder do olhar de Deus... Islay... onde os homens serão...!*

– Lúcifer! Eu sei onde você está! – levantei de supetão, me jogando da cama. Girei o corpo em semicírculo, criando uma pequena tormenta e alterando a realidade. E reapareci, sem pedir licença, dentro da sala de Eliphas Westcott.

Mal apoiei os pés no chão já avistei meu caro ocultista de costas, dobrado sobre livros em sua escrivaninha. Era tarde da noite. O cheiro de chá fresco invadiu minhas narinas. Tive uma sensação nostálgica, como se tudo fosse como um século atrás, com o cheiro da bebida e a lareira acesa. Mas não havia tempo para divagações, voltei-me para ele e disse sem delongas:

– Acho que encontrei Lúcifer, está em...

– Islay – respondeu Westcott com uma voz profunda e áspera, esticando o indicador para trás, sem olhar para mim – Eu sei. Só estou tentando agora determinar exatamente onde em Islay.

– Eliphas? – perguntei solícita. – O que houve com você?

Ele retirou os óculos que usava, colocou-os mesa e virou-se para mim. Sua pele enrugada fez com que um arrepio vibrante rastejasse sob minha pele. Só então notei a bengala apoiada na escrivaninha. Com um sorriso desdentado, aquele velho que fitava meus olhos pronunciou:

– O que foi, senhorita? Parece que viu um fantasma.

– O que aconteceu com você?! – indaguei aflita. – Diga agora quem foi o responsável por isso!

– Nha... – desdenhou ele – ...estou mais preocupado em achar logo esse diabo, pois minhas costas estão me matando. Não se

preocupe, querida, estou bem. Vamos, vamos! Agora... onde em Islay?

Eliphaz se voltou para os livros. Eu não o deixei continuar.

– Eliphaz, não estou brincando. Quem fez isso com você?

– Ninguém fez nada, senhorita – disse ele sem tirar os olhos do que estava lendo. – Foi uma troca justa. Dei minha força vital, a outra parte deu-me uma informação.

– Você fez um pacto!?! O que aconteceu com toda aquela conversa sobre ser cuidadoso? Tenho certeza de que foi um demônio menor. Criaturas mesquinhas e egocêntricas! Diga-me o nome dele que vou buscá-lo nem que seja no Inferno.

– A senhorita não vai fazer nada disso. A senhorita vai até a cozinha buscar mais chá para um velho cansado que está acordado faz muitas horas e quer ir dormir antes de amanhecer.

– Por que você está jogando fora sua vida?

– Simples, senhorita: já tive umas três vidas. Quando o demônio que convoquei sugeriu a troca, eu achei bem justa. Sinceramente, já estou de saco cheio deste mundo. As coisas andam muito sujas, o romantismo que existia antigamente já morreu. Não sou fã de invenções e descobertas tecnológicas. E eu até já sei o que me espera do outro lado. Não tenho medo. Na verdade, anseio! Sim! Anseio por ir embora.

– Mas por que não me falou nada antes? Achei que estivesse aproveitando sua energia.

– Eu menti, senhorita. Menti. Desculpe-me, mas não tive coragem de dizer para você que um homem só aguenta certo tempo de vida. Depois, tudo perde a graça. Não me entenda mal, amei sua dádiva. Não tenho palavras para agradecê-la por ter me dado tantos anos de experiência e conhecimento. Mas já chega. E, como diriam os guerreiros antigos, se é para morrer, vou morrer lutando – riu bem-humorado.

– Admiro sua resolução, senhor Westcott. E nunca esquecerei o homem que você foi. É uma pena não existir nada que eu possa fazer pelo senhor.

– Como não existe nada? – resmungou. – Quero mais chá!

Sorri. Fiz o que ele me pediu.

Westcott trabalhou por mais duas horas. Pesquisou inúmeros livros que me pedia para buscar em sua biblioteca particular. Até chegou a pedir alguns outros que não possuía, mas essa é a vantagem de se ter a Morte como ajudante. Eu me teletransportava dali para os lugares indicados e roubava para ele os livros que desejava. Ele não dizia nada sobre trivialidades, concentrado na tarefa do jeito que estava. Depois de um longo período de silêncio, ele bradou alto:

– Bowmore!! A Igreja Redonda de Bowmore! – riu alto, tossiu um pouco e riu ainda mais. – Meu Deus! Como eu sou bom nisso!

– O senhor tem certeza? Onde fica essa igreja? – perguntei insegura.

– Se eu tenho certeza? Ora, tenha modos, senhorita. Claro que tenho certeza. Não entreguei toda minha vida por uma informação errada – disse ele ranzinza. – E não acabei de dizer que a igreja fica em Bowmore? Bowmore, Escócia?

– Muito bem, então é para lá que eu vou. Deseje-me sorte.

– Espere um minuto, senhorita! – disse alto, depois resmungou. – Essa juventude impaciente...

– Juventude impaciente? Você tinha trinta anos até dez horas atrás!

– Quieta. Tenho mais de um século de vida. Tenho direito de ser resmungão.

– E eu tenho quase quatro milênios de existência!

– Ainda assim age como uma menina. Tenha modos e me escute.

Eu não sabia se ele estava brincando ou falando sério. Resolvi encarar a situação como se a primeira hipótese fosse a verdadeira.

– Pois bem, fale.

– A Igreja Redonda é redonda por um motivo – disse ele, como se estivesse começando uma palestra. Sua voz tinha um tom acadêmico. – Obviamente você já ouviu falar sobre Círculos de Contenção, sim?

– Sim, claro. Círculos cheios de desenhos de runas e outros blá-blá-blás que prendem anjos e demônios.

– Essa é uma descrição amadora, mas chega próximo do que quero explicar. Esses círculos fazem mais do que simplesmente prender um anjo ou demônio. E, para sua informação, os que prendem anjos são diferentes dos que prendem demônios. Mas isso não vem ao caso agora. Onde estava?

– A igreja é redonda por um motivo.

– Oh! Sim. Pois dentro dela, nos próprios tijolos com que foi construída, foram desenhados símbolos e runas de... bom, não vou entrar em termos técnicos com você. Mas foram desenhados esses símbolos que, juntos, formam um grande Círculo de Contenção. Não prendem ninguém, claro, ou quem entrasse lá não sairia mais. Mas a ideia de tal encantamento era simples: todos os que entrassem na igreja seriam iguais perante os olhos de Deus. Ou seja...

– ...eles são mortais lá dentro – disse em voz baixa.

– Pfff... se não sabe, não diga nada, senhorita. Nada disso. Não são mortais, mas não possuem poderes divinos. Ou demoníacos ou o que quer que seja.

– Por isso estão torturando Lúcifer lá dentro. Pois não existe a menor chance de ele usar seus poderes. Mas os arcanjos também não podem, podem?

– Não. Nenhum anjo pode. Mas não pense em entrar lá e fazer um escarcéu. Seus poderes também não vão funcionar.

– Por que não? Não sou um demônio. Muito menos um anjo – perguntei intrigada.

– Os círculos são muito antigos e foram criados por membros de uma irmandade chamada...

– Irmandade da Luz Verdadeira – interrompi.

– Você quer parar com isso? – disse ele severo.

– Perdoe-me. Continue.

– Pelo menos dessa vez você tem razão. A Irmandade da Luz Verdadeira é uma espécie de sociedade guiada por anjos verdadeiros. São anjos menores, claro. Nenhum deles chega aos pés de um arcanjo ou de um anjo guardião, mas, para meros mortais, contemplar as palavras de um anjo é ter certeza da verdade. Eles consideram que o maior orgulho que alguém pode ter, a maior honra

oferecida, é ser selecionado por um anjo para ser seu veículo. E então entregam seus corpos para serem tomados por anjos. A fé deles é cega. Eles matarão para proteger seu segredo, como já fizeram em inúmeras ocasiões. Provavelmente a igreja estará guardada por diversos deles.

– Incluindo os anjos menores?

– Sim, numa situação dessas, com certeza.

– Espere um pouco. Se nenhum tipo de poder sobrenatural funciona lá dentro, como Lúcifer ainda tem seu poder drenado pelo punhal atravessado em seu corpo?

– Relíquias Divinas. Provavelmente o círculo bloqueará itens profanos, mas itens angelicais como armas, armaduras, artefatos raros divinos, etc. funcionam perfeitamente. Então trate de arrumar para si algum desses itens. Tome-o de um anjo, sei lá. Você é bem crescida e sabe o que deve fazer.

– Não posso sair por aí executando anjos sem deixar alguém *bem* chateado – disse apontando para cima.

– Provavelmente não. Mas seus poderes pelo menos funcionarão até você adentrar a igreja. A partir daí, a partir do momento em que pisar dentro do círculo, você será praticamente uma garota comum.

– Entendo – afastei-me de sua mesa em silêncio, pensativa. Como muitas coisas na vida, a escolha a ser feita era fácil. A decisão para tomá-la, nem tanto. Mas não me restavam melhores opções, restavam?

– Então é isso. Vamos ver o que acontece.

– Boa sorte, senhorita. Só me prometa uma coisa antes de partir.

– Claro, senhor Westcott. O que desejar.

– Quando tudo isso estiver terminado, venha buscar um humilde velho.

– O senhor pode contar com isso – olhei fixamente para ele, com certa piedade. – Pelo menos o demônio que levou sua vida nos deu uma informação precisa.

– Nhá! Ele só revelou a ilha. O resto eu achei por conta própria.

– Usando seu poder de ocultismo, imagino.

– Não, senhorita. Usando um atlas.

– O senhor é cheio de surpresas, Westcott. Nos veremos em breve.

Lá estava ela. A Igreja Redonda. Construída em 1767, em meio a um jardim belíssimo, de grama muito verde. Diversas cruzes e lápides estavam dispostas sobre ele – um cemitério centenário, ladeando o estreito caminho de terra que levava à porta de entrada. As paredes brancas da igreja, perfuradas apenas por janelas retangulares, seguravam o telhado cônico. Olhando para aquela singela construção, senti vontade de dar as costas para tudo aquilo. Era realmente arriscado, e eu só tinha a perder se qualquer coisa saísse errado. Eu não tinha um plano. Tive consciência disso principalmente quando avistei as mais de trezentas figuras de branco ao redor da igreja.

Humanos. Mortais. Armados com espadas curtas, punhais, adagas. Liderados por pelo menos trinta outros mortais que haviam permitido que anjos tomassem seus corpos como veículo de suas palavras. Anjos que perceberam claramente a minha presença quando me aproximei. Eles se avolumaram em formação de batalha, muito organizados para uma horda fanática. Os anjos na frente, utilizando os corpos humanos. Os mortais atrás. A infantaria de segurança dos cinco arcanjos lá dentro. Eu não poderia matá-los, apesar da vontade, da sede de sangue abastecida por um ódio que eu não sabia de onde vinha – talvez fomentado pela hipocrisia divina. Nunca soube ao certo.

Eu também não tinha certeza se poderia fazer aquilo. Afinal, eram trinta anjos. Com minha visão sobrenatural, eu conseguia ver claramente a silhueta divina por cima dos corpos possuídos, suas armaduras metálicas e espadas angelicais. E por mais que os mortais fossem como insetos para mim, eliminar tantos seguidores fiéis do Divino era algo que eu queria evitar. Se eu massacrasse a todos ali, poderia comprar uma briga feia com o Criador.

Desfiz meu estado etéreo quando cheguei próximo da metade do caminho. Os anjos já olhavam diretamente para mim, atentos e alertas. Mas os mortais só me viram quando apareci fisicamente; todos espantados e com muito medo, mas disfarçando bem.

Um dos anjos ergueu a mão para os outros e se aproximou um pouco, ficando a uns dez metros de mim. Fitou-me em silêncio.

– Nathanael – disse, lendo sua mente. – Você não precisa fazer isso. Leve seus irmãos, leve seus discípulos. Esta batalha não é sua.

– Morte! Não sou tolo o suficiente para desobedecer às ordens do Criador. Volte para seus domínios, ou serei obrigado a usar de força contra você – disse o anjo em voz alta.

Seus irmãos estavam bem atentos, apertando firme os punhos de suas espadas. Os mortais cochicharam incertezas quando ouviram o anjo gritar meu nome.

Todos os mortais, em suas túnicas brancas, seguiam lealmente aquele que os liderava. Dariam a vida por ele, pois conheciam o homem que estava sendo usado como canal entre o Paraíso e o mundo material. Ele fora um líder religioso, mesmo com tão pouca idade. E sua possessão pelo anjo Nathanael ocorreu diante de todos eles. As mais de trezentas pessoas que estavam ali por vontade própria, apesar de receosas, prestaram atenção redobrada quando eu falei, em voz alta:

– Foi então o Criador que lhe deu essa ordem? Foi o Criador em pessoa que apareceu para você e disse o que fazer?

– Sigo as ordens dos arcanjos, que seguem as ordens do Criador. É o mesmo que ouvir de Sua figura. O arcanjo Gabriel é a Voz de Deus. Sua palavra é ordem. Ao contrário de vocês entidades, nós obedecemos porque sabemos o que é melhor para o mundo.

Passou rapidamente pela minha cabeça que o Maldito poderia ser o próprio Gabriel. Mas não quis acreditar nisso, pois o arcanjo negro que me visitou diversas vezes parecia ter uma índole diferente, uma força verdadeira nas palavras quando dizia carregar a vontade do Divino.

– Os arcanjos estão lá dentro agora, seguindo suas próprias ordens, anjo! Eles sabem o que é melhor para o mundo ou estão fazendo o que é melhor para eles mesmos? Pense! Tente agir sob o que *você* acha que é certo em vez de seguir ordens sem sentido!

– Minha obediência é minha paixão, Morte. O Criador sabe o que é melhor para nós.

– Eles vão matar seu irmão, Nathanael! – gritei, apontando para a igreja.

– Se você se refere ao arcanjo Lúcifer, ele não é meu irmão. Ele abdicou de sua família para se juntar aos proscritos do Paraíso. Se ele está sendo julgado por seus atos infiéis, e se este julgamento resultar em sua destruição, esta é a vontade do Senhor.

– É isso o que estou tentando dizer! *Não* é a vontade do Criador. Os arcanjos mentiram para vocês! Estão usando vocês como obstáculos descartáveis!

– O que a leva crer, Morte, que suas palavras são absorvidas por mim com mais confiança do que as de meus irmãos? Não foi você mesma que destruiu três deles? E por qual motivo? Nenhum. Simplesmente porque eles se colocaram no seu caminho.

– Nathanael, você não me deixa outra opção senão fazer isso de novo.

– Morte, olhe em volta. Você é apenas uma. Como pretende passar por nós? Assassinando a sangue frio os soldados do firmamento?

– Não pretendo matar ninguém, anjo. Não quero começar uma guerra que sei que não posso vencer. Basta que vocês abram caminho. Ou eu o farei.

– Você precisaria de um exército para passar por todos nós, Morte!

Um terrível grito de pavor chamou a atenção das centenas de pessoas que estavam ali, logo após um dos mortais ser abduzido rumo aos céus. A turba humana destrambelhou a falar alto e a revirar o rosto procurando pela origem daquela ocorrência. Os anjos tiraram os olhos de mim por alguns segundos, mas voltaram a ficar alertas, empunhando suas espadas afiadas. A princípio começou suave, ganhando força e volume conforme chegava mais perto da massa – um grito humano, vindo dos céus e espatifando-se no solo. O mortal tinha as pernas quebradas, mas ainda estava vivo para continuar sua adoração sagrada. Então todos olharam para cima, para a sombra negra que pairava sobre eles, para as centenas de anjos fortes, com rostos belíssimos e as mais maravilhosas asas de

penas negras que *eu* pude conceber. Apontei para eles, que aguardavam um sinal meu, sem tirar os olhos de Nathanael, que olhava para mim boquiaberto.

– Este é suficiente?

O anjo berrou um comando. Os outros anjos acataram, respondendo em uníssono. Deixaram instantaneamente os corpos humanos que ocupavam e, enquanto os mortais tentavam entender onde estavam e o que estava ocorrendo, se engajaram em batalha. Suas asas ganharam vida, abrindo-se por completo, fornecendo o impulso necessário para alçá-los ao céu. Somente eu podia vê-los. E vi os primeiros seis que se jogaram sobre mim.

Então gritei:

– Levem-nos daqui, meus queridos. Levem todos eles! Voem o mais rápido que puderem. Quero que eles sejam feridos, mas não terminem suas vidas. Eles devem se lembrar do preço que se paga por ficar no meu caminho! Voem!

Meus anjos mergulharam sobre a descontrolada horda de pessoas de branco que tentava se defender em vão de ataques invisíveis a seus olhos humanos. O barulho de um campo de guerra invadiu meus ouvidos. Mortais eram agarrados pelo pescoço, pelos braços, pelos pés e até pelos cabelos, erguidos até uma boa altura e então largados para a própria sorte, sujeitos à força da gravidade. Assim que um mortal atingia o solo, geralmente aos berros, outro anjo o prendia novamente e alçava voo no mesmo instante. Trouxe um anjo para cada um daqueles humanos fanáticos. Centenas de anjos com asas negras. Logo percebi que poderia ter trazido apenas uma ou duas dúzias e o efeito moral seria o mesmo. Mas eu não era conhecida por ser comedida.

A primeira espada que veio de encontro ao meu rosto não era empunhada por um mortal. Parsiel, anjo menor, era apenas uma criança aos meus olhos. Um desvio rápido para a esquerda permitiu-me agarrar a mão armada e quebrar-lhe todos os dedos. Girei o corpo para o outro lado, tombando o anjo de costas no chão. Desarme-o com um outro giro do corpo e quebrei seu cotovelo em duas partes. Mais três deles se colocaram na minha frente.

Nathanael estava parado no mesmo lugar, admirando em ódio mudo minha proficiência em batalha.

– Agora tenho uma espada – disse, fixa em seus olhos, apontando a arma para ele.

Ao fundo, admirei a obediência de meus fantásticos servos, que baixavam ao chão aprisionando mortais em seus braços firmes e jogando-os em algum lugar longe dali. Eles não tinham consciência do que era certo ou errado nem sobre valores morais. Faziam o que eram ordenados a fazer. E faziam muito bem.

Dois anjos atacaram sem pensar, deixando que o calor em seus ventres falasse mais alto do que seus sentidos de autopreservação. Um golpe passou longe de mim, o segundo quase me acertou. Pude aparar facilmente os seguintes. Ergui a mão e deixei meu poder fluir, arremessando um deles para cima. Antes que ele começasse a voar foi apanhado por um de meus anjos, que passou veloz como uma ave de rapina, agarrou-o pela cintura e enterrou-o quase dois metros no chão. Aquele que ainda estava em pé tentou atingir-me mais uma vez. Para mim foi uma tentativa quase amadora. Abaixei a cabeça, girei para o lado e abri um corte profundo em suas costas. Abriu os braços quando caiu de joelhos e sentiu o sangue prateado deixar seu corpo. Foi a oportunidade perfeita para que eu desse um golpe com minha espada e separasse sua mão armada do pulso. A espada que ele empunhava rodopiou no ar, e eu a agarrei antes que tocasse o solo.

– Agora tenho duas – disse para Nathanael.

O terceiro entrou em combate de forma mais cautelosa, analisando meus movimentos. Ele golpeava precisa e constantemente, procurando uma brecha em minha defesa. Três outros aproveitaram nossa luta para avançar sobre mim. Sob um comando mental, dois de meus anjos voaram rasantes e atingiram os agressores no peito, tombando-os para trás. Um deles, infelizmente, teve sua asa cortada pelo terceiro anjo que nos atacava. Contudo, a dor que eu sentia antes quando meus anjos eram feridos não mais me afligia. Se afligia, eu não a sentia. Dobrei meu corpo para trás, encontrando uma falha na defesa do anjo

cauteloso. Enterrei minha lâmina em sua coxa, fazendo-o gritar. Com a mão livre, apontei para o outro anjo que investia contra mim e espremi, por telecinesia, sua armadura com ele dentro, o que o fez parar imediatamente. A outra espada em minha mão cortou o ar, assobiando célere e decependo o pé do anjo caído. Saquei a espada de sua perna e apontei-a para Nathanael, em ordem de comando:

– Quantos outros irmãos você vai querer perder? Ainda não matei ninguém. Está em tempo de você recolher seus feridos, anjo!

– Isso é insanidade, Morte! Recolha seus servos imediatamente!

Joguei-me para o lado, evitando um ataque certeiro pela direção posterior. As costas de minha mão direita arremeteram contra o maxilar do agressor, partindo-lhe alguns dentes. Um golpe de espada o desarmou, e as duas espadas juntas atravessaram sua carne na altura do peito. Virei-me para trás rapidamente, desviando ainda de outro golpe, de mais um oponente. Apoiei o braço sob o seu e joguei meu corpo sobre o dele, usando o efeito de alavanca para tirá-lo do chão e arremessá-lo a vários metros de distância. Atirei uma de minhas espadas ar, e ela espiralou elegantemente, fixando o anjo na pedra na altura de seu ombro. Passei a espada que me restava da mão esquerda para a direita. Comecei a andar na direção do líder daquela tropa.

Nathanael era um anjo obediente. Cabelos negros, opacos, mas muito bem arrumados. Sua face exibia uma resolução objetiva, emoldurada por linhas duras e um queixo quadrado. Mesmo em face do extermínio certo, ele ainda cumpria ordens. Quisera eu que todos os anjos fossem realmente leais ao Criador – eu já não tinha mais certeza. Ele inspirou e expirou rapidamente, como um soldado suicida, encarando meu rosto semicoberto por meus cabelos negros. E então correu em minha direção. Investiu em sua carga de ataque, segurando a espada ao alto, com as duas mãos. Sua voz foi ouvida por todos, mortais e imortais. Arremeteu contra mim tomado pela fidelidade cega que sua fé compelia.

Fechei os olhos e ergui minha espada. Ele chegou. Meu poder fluiu.

Uma redoma impenetrável expandiu-se de mim, como uma explosão. Uma esfera de força invisível cobriu meu corpo e se alastrou por quase quinze metros, levando consigo pedra, grama, terra e carne. Por um momento, tudo ficou em silêncio. O tempo pareceu parar quando a força chocou-se contra Nathanael violentamente, como se um mortal corresse de encontro a uma parede de concreto. O chão tremeu. Lápides, solo e carne foram partidos. O anjo tombou desnordeado.

Flutuei até seu corpo. Ao meu redor, a batalha se dissipava. Obedecendo minhas ordens, meus anjos levaram os mortais dali; minha ordem foi que eles fossem espalhados pelos quatro cantos da Terra. Os poucos anjos que restavam olhavam em pânico para os lados, sem saber como agir. Alguns fugiram, outros se renderam, deixando as armas no chão e alçando voo para longe dali. E, ao contrário do que Nathanael pensava, nenhum deles foi consumido na cega chama prateada do Divino. Ele esfregou os olhos e tentou se levantar, mas caiu para trás sobre os cotovelos. Olhou à sua volta. Os últimos mortais já estavam nos braços de meus maravilhosos servos, sendo carregados para algum destino incerto. Seus irmãos, dispersos ou feridos.

Coloquei a ponta da espada em seu queixo. Ele prestou atenção.

– Você vê alguém ser consumido pela ira divina? Você vê alguém ser punido pelo Criador? Não. Pois não há nada aqui que seja a vontade Dele. Vá para casa, Nathanael. Seu trabalho aqui terminou.

– Se o Pai não nos confiou esta missão – soluçou o anjo, refreando a vontade de derramar lágrimas –, por que ele permite o que está acontecendo? Por que ele deixa seus filhos se envolverem em discórdia, mentira e sofrimento?

– Isso é pauta para uma discussão filosófica interminável, meu caro. E talvez para o seu terapeuta. Mas minha suposição é que Deus esteja cansado de seus esquemas, de suas ideologias mesquinhas, de seu fanatismo sem propósito. A meu ver, tudo o que Ele sempre quis é que todos, mortais e imortais, apreciassem a Criação. Mais nada. Desculpe minha linguagem, chula, mas Ele deve estar de saco cheio de todos vocês.

– Como você ousa...

– Percebe? Você já está se exaltando por uma pequena blasfêmia. No entanto, sendo eu prova viva de que blasfemar não acarreta morte súbita, o que você está esperando para ir para casa? Fui criada por Ele também, anjo. Tenho certeza de que seu poder é suficiente para me destruir na velocidade de um pensamento. Contudo ainda estou aqui, em pé, equilibrando sua existência na ponta da minha espada.

Ele titubeou, deixando a cabeça pender para trás. Seus pensamentos afundaram em questões existenciais pela primeira vez em sua longa vida. Teria passado horas ali, imerso em dúvidas, se eu não estivesse com pressa. Afastei a arma de seu rosto, agachei e peguei para mim sua espada. Belíssima, forjada da Luz da Criação, com cabo de madeira escura, circundado por sulcos entalhados, lâmina prateada e adornada com detalhes e relevos dourados e runas angelicais. Uma peça maravilhosa do arsenal divino.

Ainda ao lado dele, eu disse reconfortante:

– Anjo, o Pai ainda preza por vocês. Até mesmo eu ainda prezo por vocês. Faça o que é certo. Vá para casa e permita-me salvar seu irmão.

– Meu Senhor... – balbuciou o anjo – Lúcifer tem razão. O Senhor não sabe o que faz... o Senhor não sabe o que faz.

– Péssima escolha de palavras – disse, afastando-me dele em direção à igreja.

Não olhei diretamente, mas pude perceber o clarão que nascia atrás de mim. O urro sofrido do anjo; o barulho de seu corpo se incinerando espontaneamente; o metal de sua armadura se retorcendo, partindo e estalando em pedaços; suas lindas asas brancas, consumidas no fogo sagrado. O som desgastado de sua voz nos últimos segundos de sua existência.

Enquanto me aproximava de meu objetivo, pensei nas palavras de Nathanael. Por que Lúcifer podia duvidar do Criador? Por que os mortais tinham direito ao livre-arbítrio? Por que os arcanjos ali dentro podiam, aparentemente, fazer o que quisessem? Acho que, na verdade, todos têm o livre-arbítrio, pelo menos em certa

extensão. A meu ver, o problema dos anjos menores é a falta de fé. Eles acatavam ordens, diziam estar maravilhados com a Criação, mas agiam como se não sentissem a dádiva que lhes foi dada. Lúcifer, por mais que fosse o antagonista desse impasse celestial, discordava do *modo* como Deus fazia as coisas. Por isso foi expulso do Paraíso, condenado a viver entre os mortais e ganhou o poder para provar o contrário, provar que os mortais podem, sim, aprender por algo que não o sofrimento. Lúcifer, na verdade, é um grande devoto da Criação. Sua intenção é melhorar o mundo, a humanidade. E ele fazia isso com total fé no Pai e em sua magnífica Criação. Já os arcanjos queriam consertar os erros cometidos e deferidos contra ela. Por mais que seus métodos fossem um tanto bárbaros, a fé que eles possuíam era fascinante. E mesmo os mortais: sejam eles de que religião for, noventa e nove por cento da humanidade tinha medo de morrer; e não por medo do desconhecido, mas por paixão pelo que existia no mundo, por vontade de ficar ali mais um pouco. Então o problema não é discordar de Deus, mas sim duvidar de suas intenções e ações enquanto se “trabalha” para ele.

Claro que eu estava apenas divagando. Não tinha e ainda não tenho ideia sobre como a coisa toda funciona realmente.

A porta de madeira maciça da igreja rangeu incomodada quando a empurrei para dentro. Os bancos haviam sido jogados para os lados, formando uma clareira bem no centro da construção. Lá fora erguida uma pesada cruz de madeira, onde Lúcifer havia sido crucificado. Sem camisa, descalço, apenas com as calças rasgadas como vestimenta, o Diabo pendia fixado à cruz. Com os punhos e pés atravessados por estacas metálicas, ele lembrava muito a imagem de Cristo, exceto pelo cabelo louro e pelo punhal enterrado na barriga.

Ao redor dele, cinco arcanjos dispostos em “V” olhavam a mulher que caminhava pelo corredor central portando uma espada angelical em cada mão, em cada lado de seu corpo esbelto.

O teatral líder dirigiu a palavra a mim:

– Imagino que você tenha a resposta... – fez um gesto com as mãos e as apoiou na cintura.

– Sim, claro – respondi irônica. – Vim até aqui para lhe dizer onde está a criança e massacrei os trezentos seguranças lá fora só por diversão.

Ele entendeu o recado.

– Morte, você está prestes a cometer um erro sem reparação. Enfrentar-nos

em combate direto é suicídio. Eu permito que saia, e relevaremos tal afronta.

– Raphael... você é tão nobre. Bondoso. O instrumento de cura. Agradeço sua proposta, mas infelizmente terei de declinar. Aproveito também para dizer que, depois de quase quatro mil anos sentindo e observando a mente de incontáveis mortais em batalha, além de, literalmente, fazer parte delas, não preciso mais de meus poderes para saber o que fazer num conflito. Posso dizer sem modéstia que vocês nunca enfrentaram alguém como eu. – Eles se entreolharam. Ezriel apoiou a mão no cabo da espada. – Sim, eu sei sobre as runas entalhadas nos tijolos da igreja. Ou seja, meus poderes não funcionam. Assim como os seus.

– Morte, esta é sua última chance de partir – proferiu Raphael, desembainhando a espada.

Os outros fizeram o mesmo, mas suas armas se transformaram ao serem retiradas de seus suportes. Com rápidos estalos luminosos, as armas de Ezriel, Sariel, Miguel e Gabriel se converteram, respectivamente, em um machado de duas lâminas serrilhadas, um gládio com a ponta curvada, um mangual de corrente grossa e uma enorme espada de duas mãos.

Tal efeito visual me chamou a atenção por um breve momento. O machado de Ezriel tinha o cabo feito da mesma madeira escura e avermelhada de minhas espadas; as lâminas eram de um metal polido, com runas desenhadas em todo o dorso, e uma espiral dourada vinha da base do cabo e se abria como os galhos de uma sequoia nas lâminas sobrepostas, formando uma serra letal. O gládio de Sariel – arma de haste comprida, de quase dois metros, com uma

grande lâmina presa na ponta, muito usada no Oriente Antigo – tinha o cabo feito do mesmo material, e também espiralando ao seu redor estava o grosso fio dourado, que se espalhava pela lâmina. O mangual do arcanjo Miguel – arma medieval que consiste em uma haste presa a uma corrente com um peso de metal na ponta, que, por vezes, possuía protuberâncias pontiagudas – inspirava medo naqueles que estivessem na extremidade oposta de seu manipulador; e os mesmos detalhes adornavam a fabulosa arma, assim como a que portava o arcanjo Gabriel, uma espada longa, de cabo grosso e lâmina com cerca de vinte centímetros de largura e um metro e meio de comprimento.

Cruzei as duas espadas que possuía perante meu corpo e fiz uma reverência. Abri os braços e coloquei-me em posição de combate.

– Você deveria ter trazido ajuda – provocou Raphael.

– Você deveria ter trazido um escudo – respondi de imediato.

Mesmo sem poderes sobrenaturais, Miguel era muito rápido, manipulava sua arma com incrível precisão. Ainda não estava próximo de mim quando sua corrente se retesou e a bola de ferro com espetos veio fulminante de encontro ao meu rosto. Defleti o ataque com um golpe certo de espada, saltando para o lado. O segundo golpe atingiu o chão onde estavam minhas pernas. Pelo modo como a pedra partiu-se com o impacto, me senti com sorte de ter desviado. Saltei novamente, por cima de um banco tombado, para desviar do terceiro golpe, que partiu o banco de madeira firme ao meio.

O glaive de Sariel rasgou meu vestido na altura da perna, levando parte da minha carne junto com ele. O corte não foi profundo, mas a ausência de boa parte de meus dons sobrenaturais o tornava bem doloroso. Movi o corpo para frente, dobrando-me sobre ele para evitar ter a cabeça decepada pelo ameaçador machado de Ezriel. Gabriel aproveitou a oportunidade para, mesmo sem atingir meu braço com sua gigantesca espada, desferir o joelho contra meu rosto. O baque me deixou tonta por menos de dois segundos, mas foi tempo suficiente para Raphael saltar por cima dos irmãos, mudar

de direção no ar e abrir um belo corte de quase dois palmos em minhas costas.

Suas armas eram adornadas em toda sua extensão por gravuras e relevos dourados, cravejadas de pedras preciosas e mais reluzentes do que qualquer metal existente na Terra. O barulho que reverberava pela igreja quando elas se chocavam contra outros objetos, contra as minhas espadas, contra o chão, era diferente do som causado por metais comuns. Era um estalo estridente, vibrante, prolongado; um aviso agudo de perigo iminente. Felizmente, minhas armas também não eram comuns.

Bati o pé no cabo do gládio de Sariel quando ele me cortou, novamente, a coxa esquerda. Num impulso, espiralei o corpo no ar, quase atingindo Raphael atrás de mim, mas minha investida foi aparada com maestria. Ainda não tinha recuperado o equilíbrio quando tive de saltar novamente, para evitar, sem sucesso, que a lâmina de Ezriel cortasse meu rosto. Golpeei novamente, em direções opostas, girando meu quadril sobre um dos bancos caídos, evitando, assim, que continuasse cercada. Caí em pé de frente para eles, erguendo as espadas diante de meu corpo.

– Ela não está sangrando – disse Sariel. – Como é possível? Ela não está sangrando!

Meus ferimentos, apesar de profundos e dolorosos, não sangravam. Foi então que percebi que nem todos os meus poderes eram anulados pelo Círculo de Contenção. Usei isso como vantagem psicológica ao notar o traço dourado no braço de Raphael.

– Se é sangue o que você quer ver, olhe para seu irmão.

Foi necessária grande concentração para arremessar o largo banco de madeira maciça contra eles, quando Sariel, sucumbindo à curiosidade, tirou os olhos de mim para testemunhar estupefato o ferimento no outro arcanjo. Numa situação normal eu teria mandado o banco em pedaços a mais de um quilômetro de distância. Naquela hora, foi apenas com força suficiente para ir de encontro ao desavisado arcanjo, atingindo-o em cheio no peito e jogando-o contra a parede. Ezriel e Gabriel desviaram do ataque pelos lados, tentando novamente me flanquear. Miguel jogou-se de costas ao

chão, como um acrobata experiente. Raphael saltou, expandindo as asas e pairando no ar por um instante. Dois golpes de Gabriel eu pude evitar, com uma pirueta para trás e um movimento rápido de espada, mas Ezriel sentiu-se vitorioso ao rasgar minha cintura com um pesado impacto de machado, jogando-me para o lado, de encontro ao assoalho. Veio selvagem sobre mim, erguendo o machado acima da cabeça para um golpe de misericórdia, enquanto Raphael mergulhava sobre meu corpo com a espada em punho.

Girei as pernas abertas na direção do primeiro ataque. Deixei que a espada em minha mão direita propiciasse o balanço necessário para a outra fazer sua parte e dilacerar o tornozelo do arcanjo, freando seu ataque imediatamente. Usei tudo o que conseguia espremer de meu poder para jogar-me ao ar e pairar por alguns segundos, assistindo ao metal frio da espada de Raphael perfurar o chão. Girei para trás, deixando a ponta do meu pé dizer para Raphael que ele não era invencível ao acertá-lo em cheio o queixo. Aterrissei sobre o altar da igreja, na parte de trás, desviando-me da enorme cruz que acomodava Lúcifer em seu dorso.

– Raphael! – bradou Miguel inseguro. – Você disse que o círculo anularia poderes! O que está havendo!?

– Cale-se! Isso são apenas truques baratos, não poderes! Concentre-se e destrua-a! – gritou o arcanjo, recuperando-se do golpe, mas sentindo o sangue umedecer-lhe a língua.

– Ora, ora, senhores... – disse em voz provocante – ...não briguem por minha causa.

Ezriel não disse nada. Era o único que não parecia se preocupar com o fato de eu estar utilizando ou não poderes especiais. Ele tinha apenas um objetivo e se esforçava para cumpri-lo. Saltou do chão, batendo as asas uma ou duas vezes, ganhando velocidade para chegar até mim. Pulei por cima dele. Seu machado atravessou o altar como se este fosse feito de papel, dividindo-o em duas partes desiguais. Ataquei-o pelo flanco assim que firmei os pés, mas ele desviou de meu golpe com sua arma, atingiu-me o rosto com o punho cerrado e golpeou-me uma vez mais, de cima para baixo. Cruzei as espadas para cima, na infeliz tentativa de

aparar o impacto, demasiadamente forte. Não fui gravemente ferida por sorte – uma de minhas espadas foi partida em três pedaços com a força do choque, mas a outra conseguiu interromper o movimento do machado, desviando-o para a parede. Gabriel, posicionado ao meu lado, investiu contra mim sua monstruosa lâmina, apontada para minha clavícula. A fim de não ser cortada ao meio, deslizei sob o golpe, trazendo comigo a perna de Ezriel, que recebeu o fio da espada de Gabriel com vontade. Ele olhou amedrontado para o irmão quando um gemido de dor espalhou seu sofrimento pelo lugar.

E ele não deixou de ser punido por seu lapso de atenção: o que restava de espada em minha mão ficou contente ao penetrar as costas dele; projetou-se

para fora de seu peito, atravessando sua armadura, rasgando sua carne, violando seus pulmões. Gabriel foi ao chão imediatamente. Nem tentei puxar minha espada de volta, me armei com sua espada abandonada. A gigante arma, cravejada de rubis e esmeraldas, dançou no ar e removeu o machado das mãos do arcanjo ferido na perna. Ezriel ergueu as mãos, tentando proteger o corpo; entretanto, não foi o suficiente para impedir que a espada atravessasse-as e continuasse o trajeto até seu tórax, perfurando-o gravemente.

Sariel finalmente se recobrou do impacto do banco. E não acreditou no que viu quando se pôs de pé: Raphael levantava-se com a boca ensanguentada; Miguel, ao seu lado, hesitava em investir; Gabriel e Ezriel jaziam no chão com espadas atravessando-lhes o corpo.

Cada mínima parte de minha figura sobrenatural doía. Muito. Mas é claro que eu não deixava transparecer:

– Dois a menos. Quem é o próximo?

O medo faz coisas engraçadas – e não só com a mente humana. Miguel sussurrou algo contra Lúcifer, algo sobre colocar um ponto final naquela batalha inconsequente. Seus dedos trêmulos apertavam o cabo da arma com tanta força, que quase sangravam. Pareceu-me que Estrela-da-Manhã abriu os olhos vagarosamente, testemunhando em primeira pessoa o fim de sua existência. Miguel

voltou sua atenção para o ataque, brandindo o mangual sobre a cabeça. Girou e girou e girou. A pesada e espinhenta bola de ferro teria atingido a cabeça do Diabo em cheio, não fosse pelo enorme pedaço de madeira que arremessei do altar e atingiu o anjo no pescoço, partindo sua traqueia. Raphael e Sariel me atacaram juntos, acelerados, saltando sobre o corpo de Miguel, que estava caído com as mãos na garganta.

Desviei, me defendi como podia, bloqueando os braços musculosos dos arcanjos antes que suas armas me atingissem. Porém não há muito o que fazer quando se está desarmada. Minha carne foi separada do osso do braço por um ataque de Raphael, desferido com destreza. Sariel fez questão de inutilizar minha perna esquerda com mais um ataque preciso nos ferimentos já existentes. Intensamente concentrada em manter-me em pé, agarrei o cabo do gládio de Sariel com a mão esquerda e fixei os dedos da direita em seu rosto, com toda a força que consegui angariar, propositalmente dando as costas para Raphael. Ele agiu de modo previsível: ergueu raivoso sua espada, virou sua ponta para baixo, mirando em meu coração. Sua espada mergulhou, silenciosa.

Metal contra carne não foi uma luta justa. A lâmina atravessou de um lado para o outro, como um ferro em brasa atravessa manteiga. Um gemido de dor profusa ressoou naquele espaço empoeirado. Mãos estremeceram e afrouxaram. Os feixes vermelho, verde e amarelo dos primeiros raios de sol da aurora, coloridos pelo vitral que atravessavam, chegaram à igreja e iluminaram os integrantes daquela luta sem sentido, dando renovada energia ao ambiente. Por um instante, eu era humana, numa manhã de domingo. A luz branda e confortável da manhã abraçou-nos, iluminando o rosto desconsolado de Raphael, meu rosto severo e o trêmulo rosto boquiaberto de Sariel, enquanto uma fina linha de sangue escorria pela lateral de sua boca. Seu corpo ainda sentia a espada de Raphael, que se intrometeu entre suas costelas quando o girei no lugar, numa fração de segundo antes que ela me atingisse. Abri minhas mãos e sussurrei perdão em seu ouvido antes de vê-lo desabar.

Raphael arquejou, balançou a cabeça e afastou-se de mim. O vibrante barulho do metal de sua arma ecoou no assoalho diversas vezes, atingindo o chão sem dono. Ele ergueu as mãos à cabeça, cerrando os olhos. Então senti.

Minha onisciência sensitiva não funcionava ali dentro. Mas eu senti.

Ódio. Raiva. Ira.

Nasciam como uma semente de brilho infinito em seu peito, fervilhando radiante, mortal. Os músculos contraídos foram destacados por veias negras, latejantes, quando ele fechou os punhos com os braços estendidos. Seus dentes comprimiram-se, seus olhos tornaram-se negros como os meus, como poças imóveis de piche, seus dedos espremiavam suas mãos. A impureza irradiada de seu corpo tomou proporções assustadoras. Seu rosto escureceu como se uma nuvem tempestuosa cobrisse seu cenho. Uma fumaça negra o rodeou, enquanto ao redor de seu corpo uma brilhante linha roxa delineou sua figura – uma aura profana emanava daquele arcanjo. Senti medo. Medo destilado escorrendo em minhas entranhas. Aquele nó na boca do estômago. *Então anjos também perdem o controle* – pensei. Ele grunhiu, lutando exaustivamente contra o poder do Círculo de Contenção:

– Chega desta palhaçada.

Não pude ver em detalhe o cometa púrpura que me atingiu.

Raphael jogou-se para frente, com toda a potência de sua forma angelical, em velocidade incompreensível, fazendo com que o ar a nossa volta pegasse fogo. O estouro ensurdecador causado pelo deslocamento de ar fez com que meu mundo se tornasse longínquo e abafado. Seu ombro, rígido como mármore, chocou-se violentamente contra mim, e ele me carregou consigo pelo ar. Estilhaçou diversos de meus ossos e me fez atravessar com ele a parede. Enverguei para frente, sentindo minha coluna torcer e partir quando bateu contra os tijolos seculares do prédio. Não enxergava nada, apenas um borrão repentino, que escureceu quando caímos do lado de fora, abrindo uma enorme cratera no solo gramado que rodeava a igreja.

De repente, a dor cessou; ou a maior parte dela. Senti meu corpo se recompor, os ossos se encaixarem, os músculos se regenerarem. Meu sangue voltou a ser bombeado com força. Estava perfeita? Não. Afinal, ferimentos abertos por armas angelicais eram difíceis de curar. Mas não para arcanjos.

Quando o foco retornou aos meus olhos, ergui o rosto e avistei Raphael. Imponente, cercado pelo brilho púrpura criado por sua raiva, olhava para mim com as asas abertas e o maxilar erguido. Logo Gabriel apareceu a seu lado, retirando a espada do próprio corpo. Seu ferimento se fechou na hora. Do outro lado, Sariel surgiu, sem o peitoral protetor, destruído na batalha. Por fim, Miguel, apontou em minha visão turva, junto com Ezriel. Seu olhar era de uma calma assustadora. Eu ainda recuperava minhas forças e inspirava o poder que voltava ao meu corpo depois que saí do Círculo de Contenção. Mas algo me dizia que eu não teria muito tempo.

– Adeus, Morte – disse Raphael. – Gabriel?

O berro estridente que ouvi, direto em minha mente, quase me dominou todos os sentidos. Uma dor pungente e aguda tomou minha cabeça, como se alguém espremesse meu cérebro dentro do crânio. Virei-me para Gabriel. Seu poder transpassava minha vontade, afligia-me violentamente. Era como se estivessem rasgando minha alma.

– Próximo disso, Morte – disse Raphael. – Ele não está rasgando sua alma, mas suas memórias. Você merece esta punição. Não terá memória alguma sobre nada. Não saberá nada. E quando você se afundar num mar de dúvida, num lago de esquecimento e medo, será destruída, sem saber por quê. Sariel?

Dedos pontiagudos surgiram da terra ao meu redor. Esguios, brancos e afiados. Várias mãos macabras irromperam do chão e trespassaram minha pele, agarrando minha carne, forçando-me contra o chão. Tentei reagir, mas o poder de alteração da realidade do arcanjo Sariel era forte demais. Muito mais forte que o meu. A telepatia de Gabriel, que comprimia e rasgava minha mente, também não ajudava. Comecei a ficar confusa, a perder a noção da

realidade, do que estava acontecendo. Raphael pronunciou os nomes de Miguel e de Ezriel, e senti algo que não posso descrever. Uma sensação oblíqua, abstrata, de pavor e dor e agonia misturadas. Eu estava a momentos de desfalecer, encerrar minha existência sob o calor do Sol nascente, quando estiquei a mão, com muito custo, na direção de Raphael.

– Mesmo em seu momento final você ainda quer rebelar-se, Morte – disse o arcanjo, olhando para meu gesto em sua direção. – Infelizmente, não há mais nada que você possa fazer contra nós.

– Raphael... – sussurrei com o que restava de força em minhas cordas vocais – ...desta vez você tem razão.

A telecinesia fez o restante, envolvendo o objeto com a potência necessária. Puxei-o na minha direção, exaurindo minhas forças no processo. Ele resistiu, mas eventualmente cedeu ao meu comando, deslocando-se pelo ar, rodopiando sibilante, aterrissando em minha mão.

Quando Raphael percebeu o que estava acontecendo, era tarde demais. Seu semblante assombrado, admirando estarecido o que eu tinha na mão, quase me fez rir. Gabriel viu também, e se desconcentrou da tortura mental que me infligia. Arregalou os olhos para o objeto em minha mão e seus lábios moveram-se, mudos: Não...

O teto da Igreja Redonda da paróquia de Kilarrow em Bowmore, Escócia, explodiu numa bola flamejante, como se atingido de dentro para fora por um míssil. Raphael, Ezriel e Miguel imediatamente olharam para cima. Um arrepio fúnebre escalou suas vísceras quando avistaram a linha de fogo que subia de dentro da igreja além da fumaça flamejante. A criatura radiante de asas abertas pairava na manhã escocesa: Lúcifer, o Filho-da-Aurora.

– Impossível – murmurou Gabriel, ainda observando a peça metálica em minha mão, o objeto que mantinha Estrela-da-Manhã em seu estado de fraqueza, absorvia sua força de vontade, drenava seu ímpeto angelical. Um simples e antigo punhal. O Punhal de Caim.

Cessada a tortura mental imposta sobre mim pelo arcanjo, consegui me concentrar o suficiente. Se Sariel apreciava o controle sobre a realidade, ele ia gostar daquilo. Num grito seco, ergui o braço, desvencilhando-me das garras que me prendiam e distorciam o mundo a meu redor. Uma grossa lança de ferro, de quinze centímetros de diâmetro, irrompeu do chão em direção ao céu, encontrando um arcanjo no caminho – e assim Sariel foi empalado. A lança ergueu-o do chão a quase dois metros de altura e saiu de seu corpo na altura do pescoço. Ele urrou, estremecendo em choque. Seu poder vacilou, dando a mim o tempo de que precisava.

Alcei voo, partindo as garras e os braços esqueléticos que me seguravam. Pousei ao lado de Sariel, espiralando enquanto sorvia as milhares de emoções humanas e me abastecia do poder do sentimento mortal. Toquei a maior quantidade de almas que consegui em tão pouco tempo, e passei a procurar e absorver uma emoção específica. O mundo deve ter ficado pacífico por alguns segundos, pois toda a ira fervente da humanidade atravessou meus braços e despontou em um golpe preciso na garganta exposta do arcanjo, penetrando sua pele imortal. Agarrei tudo o que consegui dentro dele e puxei para fora. O jorro dourado de sua garganta o fez gorgolejar; com os braços chacoalhando, seu corpo entrou em convulsão. Eu não sabia o que era necessário para matar um arcanjo, então resolvi me certificar.

Gabriel não conseguiu reagir quando testemunhou meu braço envolver a cabeça pensa de Sariel, comprimi-la em meu corpo e girá-la para o lado. Num gemido de esforço, girei rapidamente para o outro lado, arrancando-a do corpo do arcanjo. Imediatamente, sua figura decepada incandesceu, num brilho ainda mais intenso do que aquele que ocorre durante a aniquilação de um anjo comum, acompanhado por um zumbido agudo gradualmente mais intenso, até culminar em uma explosão dourada. Um cheiro forte de terra queimada preencheu o ar.

Enquanto isso, os três que observavam Lúcifer pareciam não se importar com o que acontecia atrás deles. Ezriel e Miguel permaneceram calados, com os olhos fixos na figura do arcanjo

renegado. Lúcifer fez com que seu poder se tornasse aparente. Suas calças rasgadas logo se transformaram em uma saia branca, a mais alva que se pode imaginar, presa à sua cintura por um cinturão dourado, entalhado com desenhos abstratos. Seus pés descalços foram protegidos por sandálias de estilo romano douradas com detalhes em prata. A armadura utilizada pelos arcanjos não surgiu em seu peito delineado; em vez disso, sua própria pele ao redor do tórax se tornou metálica, como se feita de ouro puro – refletia luminosa os raios da aurora. Um brasão com o rosto de uma criança sobreposta a asas abertas desenhou-se em seu centro e diversas camadas de metal nasceram ao seu redor. Seus braços foram adornados com longas manoplas, também douradas, dando àquela figura flutuante um perfeito contraste com as asas mais claras que um anjo pode ter. Em sua testa, uma tiara de metal branco, com detalhes em ouro e um belíssimo citrino cravejado, formou-se num clarão.

Raphael não se conteve. O ódio que sentia fugia de seu controle.

– Não fique aí parado com esse ar insolente! Venha! Venha saciar sua vingança! Venha, irmão! Venha se banhar no meu sangue em revolta aos verdadeiros filhos de Deus!

Mas Lúcifer não o fez. O Sol que galgava os ares da manhã fazia sua figura alada brilhar em uma aura dourada. Seu semblante era sério, calmo, controlado. Por saber quem ele era, aquele olhar era o pior que alguém poderia desejar. Ele parecia o epítome da criação divina, o melhor exemplo de que Deus era perfeito. Se este era o caso, Deus devia estar bem chateado.

– O que está esperando? – berrou Raphael, completamente descontrolado, caminhando em sua direção. – O que está esperando, desgraçado?! Vamos acabar logo com isso!

Gabriel olhou para seus irmãos. Seu olhar expressava a indagação sobre o que acontecera com seu irmão. Tudo aquilo havia começado como um ato de justiça, um ato de fé. Mas observar Lúcifer brilhar radiante no céu, enquanto a figura de Raphael estava enegrecida e revolta, trouxe-lhe ao coração a mesma dúvida que atormentava seus outros compatriotas.

Ezriel balançou a cabeça, olhando para baixo em reprovação ao descontrole de Raphael. Pude perceber, mesmo que superficialmente, que sua mente compreendia que aquilo já tinha ido longe demais, que o que era para ser um julgamento tinha virado uma batalha pessoal, emocional, egocêntrica. Não era para isso que ele estava ali. Miguel virou o rosto para ele e então olhou para Gabriel. Algo em seu olhar acalmou o arcanjo e o fez compreender que nada daquilo era correto, que em algum ponto no caminho Raphael tinha se perdido por completo, que eles julgavam aquilo que então era perfeito, e o que era perfeito havia se perdido.

Eles caminharam na direção oposta de seu irmão, saboreando sua revolta com desgosto, lado a lado. Pude sentir facilmente que remorso, culpa e tristeza corriam por suas almas. Ao passarem por mim, Ezriel foi o único que se deteve. Seus olhos cruzaram os meus, apenas por um instante, e ele disse baixinho:

– Raphael se perdeu em sua causa. Perdeu seu propósito em algum ponto ao longo desta jornada que nunca deveria ter tido início. Por isso eu lhe peço desculpas. Contudo, entristece-me sua atitude perante Sariel. Ele foi errado ao atacá-la, mas você não deveria tê-lo destruído. Nós, arcanjos, vamos nos lembrar disso para semp...

Não consegui manter um linguajar honrado perante tamanha hipocrisia. Admito que tive um lapso de emoção humana quando interrompi o arcanjo:

– Ezriel, vá se foder! – disse em alto e bom som, dando-lhe o dedo médio, o gesto universal dos mortais quando desejam expressar profundo descontentamento.

Dei-lhe as costas. Claro, ainda prestando muita atenção em uma possível retaliação, mas ao ver seu rosto totalmente perplexo, imaginei que ele não reagiria. Ouvi a voz de Gabriel dizendo para ele Vamos, venha irmão, e então o suave som da transportação astral. Virei-me para frente a tempo de ver Lúcifer baixando vagarosamente ao solo, perante Raphael. Eu jamais o havia visto naquela forma exuberante, mais maravilhoso que nunca. Ao se aproximar do solo, flores multicoloridas brotaram do chão e uma sutil coluna de luz

ocupou seu lugar. O ódio de Raphael cresceu, e ele aproximou o rosto enegrecido do Diabo, aos berros, como uma criança desesperada, absorvido em arrependimento que a raiva tentava mascarar:

– Você é perfeito, não é? Você é o primogênito! Feito à Sua imagem e semelhança! Então invista a ira sobre mim! Faça o que eu não tive coragem de fazer! Acabe com isso! Acabe com minha revolta, com meu desgosto sobre o mundo! Por favor, proteja-me do que meu coração deseja ardentemente!

Ao me aproximar o suficiente, notei as lágrimas escuras no rosto distorcido de Raphael. Respirei o odor de sua culpa. A influência de Lúcifer em seus pensamentos, em seus sentimentos, era clara. Eu já tinha sentido aquela vibração estranha antes. Lúcifer estava fazendo uso de seu principal poder: expor os desejos mais profundos dos seres sencientes. Raphael desejava sangue, vingança. Desejava poder viver entre os mortais e ser feliz – uma felicidade que acreditava que Estrela-da-Manhã possuía. A liberdade, não ter a tamanha responsabilidade de carregar sobre os ombros a vontade divina. Ele invejava Lúcifer com todas as fibras de seu ser. Ao colocar os olhos sobre seu irmão livre novamente, embebido em graça divina, e reparar que ele próprio estava deformado por suas emoções impuras, toda essa revolta explodiu. Assim, o arcanjo Raphael percebeu que ele havia se corrompido. Ajoelhado diante da imponente figura de Estrela-da-Manhã, que se avolumava brilhante sob o Sol matinal, começou a chorar.

– Mesmo indiretamente, percebo que é você. Sim. Você é o responsável pelo que sinto. Se você tivesse obedecido, como todos nós, essa semente perversa não teria nascido em meu coração. Sua influência é um peso oneroso em mim. Olho para você e quero morrer, pois minha fé foi estilhaçada, minha honra, corroída. Você, irmão, é o único que pode me redimir.

– Não há do que ser redimido, Raphael – disse Lúcifer calmamente. Seu olhar era de complacência e misericórdia. – Eu mesmo cometi um erro irreparável.

Ele parou, pensativo, inerte e absorto em conclusões implausíveis e então continuou:

– Desafiei o Pai e hoje me arrependo. Fui obrigado a dar as costas a todos vocês, minha família, por motivos dos quais já nem me lembro mais. Se tem inveja de mim, da existência de alguém que discordou Daquele que nos deu a graça da vida, não a tenha. Olhe para a luz do Sol que nasce no horizonte e lembre-se de mim. Lembre-se de quem fui.

– Não consigo enxergar razão em suas palavras, irmão – disse Raphael, sentindo as lágrimas escuras e viscosas escorrerem pelo rosto, saboreando o amargo gosto daquela sensação. – Mais visceral que meu desejo de amar o Criador pelo que ele representa é minha vontade insana de ter o que você teve. Eu o odeio, às vezes. Como você me odeia.

– Engana-se, irmão. Nunca o odiei. Assumo invejar vocês, que têm a oportunidade de banharem-se em Sua luz a cada lua que surge reclusa no céu. Eu não tenho um lugar para chamar de lar há muitos e muitos anos. Penso que talvez ele sempre tenha tido razão.

– Suas palavras não me atingem como deveriam, Lúcifer. Minha existência perdeu o sentido desde que você O julgou e saiu impune. Como posso ser Seu instrumento de cura, Sua ferramenta para reparar o mundo, se você O prova errado a cada manhã?

– Acreditei que Seus modos fossem dispersos e não pudessem ser confirmados, irmão – disse Estrela-da-Manhã, correndo os dedos pela bochecha marcada de Raphael. – Mas as últimas horas me provaram que eu estava errado. Pois eu amei neste mundo. Amei uma pessoa real. Amei uma das bilhares de almas que cobrem a Terra como um tapete macio. E infelizmente só percebi isso no tempo que tive para refletir durante meu sofrimento. Ela foi tirada de mim. Só pela minha dor, que veio desse sofrimento, é que percebo como ela era maravilhosa. E nunca mais vou tê-la para mim. Pesarosamente sou obrigado a admitir que Ele venceu. Talvez Ele tenha mesmo um plano para todos nós.

Um grunhido de desdém escapou da garganta de Raphael. Ele inspirou profundamente, suas entranhas tornaram a flamejar em

ódio. Colocou-se de pé como se fosse agarrar Estrela-da-Manhã pela garganta.

– Você tem tudo o que queríamos e agora resolve voltar atrás?! Sua arrogância não tem limites, Lúcifer! Você acha que pode simplesmente pedir desculpas e voltar para casa com o rabo entre as pernas?! Você perdeu a coerência de suas faculdades mentais! Oh, Príncipe das Trevas... permita-me... permita-me provar-lhe o contrário! Você não estava errado. Ele não merece seu remorso! – disse em tom desafiador.

Lúcifer lembrou-se de sua última conversa com o Criador, na qual ele disse exatamente a mesma coisa, sobre provar o contrário. Ele entendeu o que o arcanjo a seus pés queria dizer. E eu estava adorando ler a mente deles sem que percebessem.

– Isso se encaixa com minhas intenções, irmão – disse Lúcifer. – Pretendo agora vagar entre os mortais para tentar entender a intenção do Todo-Poderoso quanto a eles e considerar se realmente Ele não merece meu remorso. Alguém precisa ficar em meu lugar e tentar provar o contrário. Estou cansado. Mas você me parece ansioso para fazê-lo. Entretanto, assim como ocorreu comigo, para isso você necessita se libertar de seu invólucro celestial.

– Então me liberte, irmão – suplicou Raphael, sorrindo de modo macabro e sentindo aquela semente maligna criar raízes em seu coração. – Continuarei seu árduo trabalho.

– Jamais começaria a trilhar meu caminho da redenção com a cadência voluntária de um de meus irmãos, Raphael. Não posso obedecer sua súplica.

– Lúcifer, eu...

– Mas sei quem pode.

Não foi preciso nem olhar para os olhos de Estrela-da-Manhã para entender o que ele quis dizer. *Esse é o diabo que eu conheço.*

Ajoelhei e abracei Raphael pelas costas. Minhas mãos envolveram seu corpo, carinhosamente. Beije sua nuca e sussurrei em seu ouvido:

– Verei você no Inferno, arcanjo.

E com o Punhal de Caim em mãos, dilacerei sua garganta.

Ele gorgolejou e tombou para trás; a vida esvaiu-se de seu corpo. Lúcifer fechou os olhos. Eu não.

Assisti de perto toda a estrutura do arcanjo se desfazer na intensa chama dourada, como acontecera com Sariel. Mas o espetáculo não terminou como eu imaginava: sua silhueta, ainda incandescente, pôs-se de pé, fazendo uma reverência a Estrela-da-Manhã. O solo em volta dele enegreceu. Aquele brilho dourado também, e um manto de sombra e fogo, num redemoinho infernal, subiu por suas pernas, alastrando-se por seu corpo. O chão se partiu com um forte tremor. O clarão púrpura que saiu dele cobriu Raphael. Uma gargalhada louca foi cuspidada de sua boca, e ele desapareceu, como se tragado por uma força invisível.

Tive vontade de questionar Lúcifer – *Isso significa que agora eu não posso mais chamar você de Diabo, Demônio ou algo do gênero?* –, mas sua figura reluzente com um rosto inabalável fez com que me contivesse.

Olhei para ele, que se dispôs a falar:

– Agradeço, Morte, por salvar minha vida. Esse malfadado julgamento proposto por meus irmãos realmente teve um desenlace frutífero.

– Ouvi vocês conversando. Você vai ser bonzinho agora? – disse sorrindo, estendendo-lhe o Punhal para que guardasse. – Vai se comportar como deveria?

Ele também sorriu, mas não como costumava. Seu sorriso foi brando, quase sem vontade. Era como se ele fosse muito mais sábio agora e se aquele jocoso comentário não tivesse graça nenhuma. Negou receber o Punhal; guardei-o comigo.

– Não vamos entrar na discussão sobre bem e mal, vamos?

– Não. Espero que não.

Ele olhou para o céu, calado. Pensou sobre seu lar, aquele que não via há tanto tempo. Divagou em memórias e esperanças, como um andarilho de sonhos, imaginando se um dia ainda voltaria para casa. Talvez ele estivesse permitindo, mas ler sua mente nunca fora tão fácil.

– Você se importa em me responder uma pergunta sinceramente?  
– disse ele, cheio de emoção e culpa.

– Eu tive de fazer uma escolha, Estrela-da-Manhã – respondi, já sabendo o que ele ia perguntar. – Era ela ou você. Naquele momento imaginei que você poderia tentar de novo; encontrar outra pessoa, fazer outro filho. Mas hoje percebo que você não vai fazer isso. Não por ser arriscado ou por ser contra as leis divinas, mas porque agora você sabe o que isso lhe tornaria.

– Sim. Eu sei. Mas não posso dizer que aprecio sua decisão.

– Eu também não posso afirmar que gostei do que fiz.

Ele permaneceu calado por mais um instante. Então inspirou o ar fresco matinal e seu corpo brilhou, fazendo com que toda aquela aparência divina se esvaísse em uma silhueta luminosa. Ao voltar ao normal, vestia roupas simples: uma calça jeans clara, camisa preta de linho e um casaco de couro também preto até o joelho. Ele teve vontade de continuar a conversar, mas talvez fosse doloroso para ele. Percebi sua intenção, e então coloquei um ponto final naquela história por ele.

– Adeus, Lúcifer. Que seus dias sejam mais alegres.

– Adeus, Ahmnat. Foi um prazer conhecê-la.

Ele me deu as costas e desceu a rua da igreja rumo à vila de Bowmore, material, caminhando calmamente como um mortal. Tornando-me etérea, apenas o observei dar seus primeiros passos para um novo tipo de existência. Quando ele desapareceu em meio aos edifícios da pequena comunidade, senti vontade de tomar um banho de chuva.

E nunca mais vi o Filho-da-Aurora.



# A APOSTA

Minha existência continuou, desde então, como sempre quis que ela fosse: cheia de mortais interessantes, sem pressões sobrenaturais – tudo ocorrendo conforme esperado. Posso dizer que eu estava alegre.

Alguns dias depois do evento da Igreja Redonda, numa noite bem escura, fui acordar uma pessoa especial. Apareci em seu quarto, sem produzir som algum, tornando-me material apenas quando me sentei na beirada de sua cama, ao lado de seu corpo em sono profundo. Afastei seus cabelos da testa, carinhosamente. Passei a mão por seu rosto e beijei-lhe a testa. Ele acordou. Abriu os olhos e focou-os nos meus, sem se assustar, como se já soubesse que eu estaria ali naquele momento. Afagou minha mão fria com a sua, esticou a mão para a mesa lateral e pegou seus óculos, colocando-os no rosto. Então perguntou baixinho:

– Já está na hora?

Apenas fiz que sim com a cabeça.

– Já não era sem tempo – resmungou em tom de brincadeira.

Ajudei-o a se levantar da cama. Quando tirou de cima de si as cobertas, percebi que estava vestido com roupas sociais. Achei graça. Ele realmente sabia que aquele seria o dia. Ficamos em pé, lado a lado. Dei-lhe o braço, para que se apoiasse. De braços dados, ele ajeitou o paletó no corpo e arrumou os cabelos grisalhos.

– Bom, então... e agora? O que eu faço? Preciso me concentrar em alguma coisa? O quanto isso vai doer?

– Não precisa se concentrar em nada, meu caro. E não, não vai doer nada. Vamos?

– Mas... – relutou. – Achei que eu tivesse que... sabe... morrer primeiro antes de partir. Pelo que eu sei, atravessar para o Purgatório ainda vivo é... bem doloroso.

– Eliphaz – disse com um leve sorriso nos lábios –, você passou desta vida para uma melhor, como vocês gostam de dizer, há exatos dois minutos e meio.

Ele olhou para trás e percebeu que seu corpo ainda estava deitado na cama. Deu uma risadinha marota e voltou-se para mim.

– Ah! Ainda bem que eu fui dormir de terno! Acordar ao lado de uma linda senhorita e ir para um lugar melhor exige uma boa postura!

Sorri para ele. Estiquei o braço para a frente, fazendo um movimento circular. A realidade perante nós afundou líquida, desenhando no ar o vítreo portal para o Limbo.

– Muito sorrateira você, matando um velho em seu sono, a sangue frio, sem que ele percebesse. Tsc, tsc... isso não se faz – apontou para a passagem astral, segurou firme em meu braço e continuou. – Primeiro as damas.

Caminhamos vagorosamente através do portal. O olhar dele, maravilhado e curioso, admirava a paisagem do mundo além do mundo. Despedimo-nos

do mesmo modo como nos conhecemos, de forma gentil e cordial.

Assim partiu o ocultista Eliphas Westcott.

Como era de se esperar, em menos de um mês fui agraciada com uma visita previsível. Numa belíssima noite egípcia, eu estava sentada sobre uma das pirâmides, material, porém longe demais para que algum mortal me enxergasse, admirando as luzes da cidade ao longe, quando ele surgiu nos céus, num redemoinho de sombras, e flutuou de asas envergadas até parar do meu lado. Dirigiu-se a mim, delicado como sempre. Aquela voz retumbante ecoando em minha mente.

– Morte, o Criador está satisfeito.

– Mesmo? – perguntei irônica. – Tudo o que fiz foi seguir uma ordem. Achei que meu sucesso já era esperado. Sinto por Raphael, no entanto. Pensei que vocês, ou mesmo o Criador, fariam algo a respeito. Aliás, houve certos momentos em que uma ajudinha teria sido muito bem-vinda.

– Você bem sabe, conforme conversamos, que isso não seria possível. E você não foi ordenada, foi aconselhada.

– Maldito, você, bem... perdoe-me, mas ainda não consigo tirar da cabeça tal apelido. Não sinto mais o asco que sentia por você. Já faz

tempo que não. Então vou chamá-lo de arcanjo, já que você não tem um nome público. Querido arcanjo, você bem sabe que um “conselho” de Deus é uma ordem disfarçada.

– Foi uma troca justa. A vida do primogênito por sua continuidade como Morte, mesmo depois de tudo o que você fez com os dons que lhe foram dados.

– É... foi. Mas agora penso que talvez tenha sido uma escolha idiota. Você é poderoso, deveria sentir. Acho que já estou cansada, sabe? Fazer o mesmo trabalho todo dia por quatro milênios acaba se tornando tedioso. Acho que já estou farta da responsabilidade.

– A escolha, Morte, foi sua, como sempre.

– Sim, eu sei. Na verdade estou apenas pensando alto. Ah! Estou usando você como terapeuta. Não me entenda mal, mas acho que insistir no mesmo erro é a forma mais ignorante de masoquismo.

– Você considera sua escolha de se tornar Morte um erro?

– Não. Sim! Não sei... Talvez. Pode ser. Quem sabe?

– Seja mais clara, Morte.

– Vocês reclamam que me misturo muito com os humanos... – disse rindo –, mas deveriam fazer um pouco disso, descer aqui e dar uma olhada. Qualquer mulher da Criação me entenderia agora, mas o arcanjo superpoderoso não faz ideia do que passa pela minha cabeça – olhei para aquele rosto negro, que tinha feixes de luz no lugar dos olhos, e sorri. – Não se preocupe, não estou ficando louca. Só estou brincando com você. E agora imagino um risco brilhando no seu rosto, formando um *smiley* macabro – ri. – Pode dizer ao Criador que o trabalho foi executado e que agradeço pelo tempo extra. Agora tenho mais alguns anos para pensar no que fazer sobre Destino.

– Quanto a isso – disse ele, ignorando meu humor –, devemos conversar. Vim até você hoje para informá-la sobre seu tempo. Pela conclusão de sua tarefa, a continuação da vida do primogênito, Deus vai lhe conceder mais quinhentos anos de existência, e então você vai ensinar e treinar uma nova alma para ocupar seu cargo.

– Obrigada. Agradeça a Ele por mim.

– Por você ter também mantido o balanço das forças universais, o Criador lhe oferece a reposição de Destino.

Voltei novamente o rosto para ele, para a enorme criatura alada ao meu lado, encarando duvidosa seus olhos luminosos.

– Como assim?

– Se desejar, Destino será destituído do cargo e repostado por outra alma apta a fazer seu trabalho.

– Nossa, Deus deve estar realmente impressionado comigo! Mas primeiro me diga o que fiz quanto ao balanço das forças? Não entendi...

– É importante para o Criador que exista uma oposição a Sua Luz Divina. O Inferno deve ser regido por um arcanjo. E assim a continuidade da esperança humana pode ser mantida.

– Ah! Ou seja, se não houvesse Inferno, ninguém teria escolha. Não haveria a esperança. Então Lúcifer tem razão em propor o livre-arbítrio e a liberdade de expressão, de crença, de vida?

– Não tenho vontade de discutir isso com você, Morte. A decisão do Criador é apenas para retirar-lhe o peso de um possível fechamento infeliz dessa sua empreitada com Destino.

– Claro que você não tem vontade de discutir isso... por razões um tanto óbvias. Mas, como disse, não se preocupe. E eu jamais usaria um favor divino para fugir de um compromisso. Sou orgulhosa demais para isso.

– Orgulhosa? Você é Morte! Não deveria sentir...

– Maldito! – interrompi, chamando-o por aquele nome sem perceber. – Não me diga que ninguém do além-vida pode ter sentimentos, pois isso é só o que está escrito em algum livreto de regras que vocês escondem por aí. Todo mundo tem todo tipo de sentimento neste jogo. Até mesmo você! – ele se mexeu desconfortável. – Então, sem sermões hoje, nesta nostálgica noite. Milênios se passaram, e aqui estamos, no berço de minha vida humana, nos falando novamente. Vá buscar um champanhe e duas taças, e beberemos em comemoração aos quatro milênios que vocês me aturam e vice-versa.

– Que novamente sua vontade seja feita, Morte. – disse e flutuou ao ar.

– Sério? – perguntei sarcástica. – Você vai mesmo buscar o champanhe?

– Seu impasse com Destino fica então por sua conta. – disse ele, ignorando por completo meu comentário. – Desejo-lhe um futuro em paz.

– Obrigada, arcanjo. Desejo-lhe um futuro menos chato.

Ele balançou as asas sombrias, e, antes que se perdesse no céu noturno, ouvi sua voz reverberar estrondosa pelo ar uma última vez:

– O Criador também sabe de seu novo segredo.



### *O rapaz olhava para ela atônito, sem*

entender muito bem o que acabara de escutar. Ela percebeu e fez uma pausa, juntamente com um gesto para que ele falasse.

– Desculpe-me, mas como assim sua “tarefa” estava completa? Desde quando você recebera uma missão divina? E que raio de segredo é esse?

– Eu ia chegar lá, meu querido – explicou Morte. – Não sobre o segredo, pois... bem, é segredo. É entre mim e o Criador. Mas, quanto ao resto, lembra-se de quando o Maldito veio me visitar para avisar que meu tempo tinha acabado?

– Sim, claro. Era para você treinar outra pessoa para ser Morte...

– Então, como eu disse, havia mesmo algo de errado naquela visita. Eu percebi, mesmo que sutilmente, que o Maldito estava apreensivo. Sua mensagem de que meu tempo acabara foi rápida, como se ele quisesse sair logo dali, como se estivesse preocupado.

– Mas como você sentiu isso? Ele não é muito mais poderoso que você?

– Meu querido, sentimentos são exatamente minha área de *expertise*, por assim dizer. Eu literalmente *trabalho* com isso. Perceber a mais sutil das mudanças de atitude foi algo que aprendi a fazer muito bem. Não usei meu poder; usei, digamos, minha intuição feminina. Então, a conversa não terminou quando ele disse que eu

estava avisada. Só não lhe contei isso no momento porque queria que você entendesse como Lúcifer, que não sabia disso, encarou a situação de eu ter escondido dele que ele corria perigo. Eu chamei o Maldito de volta e questionei-o sobre aquela situação.



– Espere, arcanjo! – ele planou por um instante e fez a volta, tornando a olhar para mim. – O que posso fazer para ganhar mais tempo? Percebo que algo o incomoda. Talvez eu possa ajudar.

Ele me encarou em silêncio. Deixei transparecer para ele que minhas intenções eram genuínas. Deixei que sentisse minha mente dizendo a verdade. Lentamente, ele voltou. Ficou calado por um tempo, como se estivesse se comunicando com alguém.

– Lúcifer é o problema – disse finalmente, após longos três minutos.

Não respondi. Apenas aguardei que continuasse.

– A vida dele corre perigo. Estrela-da-Manhã está tentando gerar uma criança, meio mortal, meio anjo. Os arcanjos sabem disso e não estão nada contentes. Eles vão julgar o primogênito se essa criança chegar a nascer.

– E o que o Criador pensa sobre isso?

– O Pai não está contente em ver seus filhos primordiais digladiar-se. Lúcifer pode tê-Lo desafiado, mas ainda assim é Seu filho. É o desejo do Pai que seu filho seja poupado.

– E se eu acompanhar Lúcifer, ganhar sua confiança e assegurar-me de que ele não seja executado... perdão, julgado. Eu ganho o que além da gratidão do Criador?

O arcanjo não pareceu contente com minha pergunta, como se eu devesse fazer aquilo *somente* pela gratidão de Deus. Mas concordou em me oferecer o que eu desejava.

– Você terá então seu tempo extra, Morte. Seja a salvaguarda de Estrela-da-Manhã, e o Pai lhe concederá o que pede. Caso você desista da tarefa, é seu dever procurar alguém para substituí-la. Aconselho você a não desistir.

– A vontade, ou melhor, a sugestão de Deus será ouvida, arcanjo. Não é um dos meus *hobbies* favoritos enganar o Diabo, mas eu o farei, para seu próprio bem.

E assim me separei do Maldito, carregando comigo uma responsabilidade sem ter certeza de que seria executada com sucesso. O desfecho disso já narrei. E não só salvei Lúcifer, como também o trouxe de volta ao caminho da luz. Ou assim gosto de acreditar...

Enfim, depois de tudo isso, continuei minha existência brincando de ser humana. Atravessei o restante da musical década de oitenta – adoro as roupas, as bandas, o estilo pop adotado pelos jovens – e os tecnológicos anos noventa, que em seu todo não me impressionaram muito, já que se comunicar com pessoas do outro lado do mundo e pesquisar algo sobre alguém é para mim muito fácil, mas admirei o fato de os mortais se tornarem mais próximos a seres divinos. Claro que guardadas as devidas proporções, mas achei muito interessante a ideia de obter conhecimento apertando alguns botões e comunicar-se com outros em questão de segundos. A difusão da informação foi algo muito interessante de se ver. E aconteceram coisas muito boas para mim, conheci pessoas muito interessantes, mas isso não é importante agora.

Então começou esta década. E por mais que eu estivesse adorando me passar por mortal, a ideia de voltar a ser humana me agradava cada vez mais. Não ter de me *passar* por mortal, mas de *ser* mortal, ter sono, dormir de verdade, sentir somente as minhas emoções, viver em sua conotação literal, aproveitar a magia da Criação como não pude ou não tinha capacidade para fazer quando era viva.

A diferença é que aquilo não era mais um sonho, uma ilusão. Era uma vontade real.



– *Como você pode imaginar, nosso caro* amigo em comum não me desapontou. Eu sabia que Destino jamais desistiria. E eu estava certa. Quando vi você pela primeira vez,

percebi de imediato que estava diante de um problema: eu não ia vencer a aposta.

– Como assim? – perguntou o rapaz sorrindo. – Não me diga que foi paixão à primeira vista. Eu não sou o Brad Pitt. E não gosto de imaginar Destino como amigo.

Morte sorriu para ele.

– O resto você já sabe. Toda nossa recente história juntos.

– Ah! Mas quero ouvir a sua versão! O que você sentiu, o que você pensou... Quero ouvir você falar sobre mim com a mesma paixão que narrou toda sua história. Também quero fazer parte dela. Isso, é claro, se você ainda tiver tempo.

– Sim, ainda tenho. Mas acho sua ideia um tanto constrangedora. Afinal, você está aqui na minha frente.

– Por favor, eu insisto – disse o garoto sorrindo.

– Está bem, mas não gosto de falar de você na terceira pessoa – respondeu Morte, apertando os braços da cadeira sem que ele notasse.

Ela estava prestes a ser arrancada dali por uma força vigorosa, a mesma que lhe trazia uma dor incompreensível, mas ainda havia o que dizer. Sua concentração era algo extraordinário.

– Estava eu recém-saída de uma sessão de cinema, na Avenida Paulista, em São Paulo, escondendo minha forma real com uma maquiagem mortal, pele rosada, olhos azuis-claros, um vestido curto estampado e sandálias de tiras longas, amarradas na canela. Havia acabado de assistir a Encontros e Desencontros, de Sofia Coppola, num ensolarado sábado à tarde. Decidi entrar numa livraria próxima ao cinema e comprei um romance policial muito interessante, sobre mistérios e segredos políticos. Saí com ele sob o braço, andando pela bonita avenida, procurando um lugar para me sentar e absorver o conteúdo daquelas páginas.

– Curiosidade: por que no Brasil? – comentou o rapaz. – Existem tantos cinemas pelo mundo! E provavelmente bem melhores que os que temos aqui.

– Por que não no Brasil? Não procuro o conforto e a qualidade que vocês humanos tanto anseiam. Gosto do clima daqui, gosto das

peçoas, gosto da diversidade infinita de raças, crenças e gostos que se pode encontrar aqui, principalmente nesta cidade. E como não tenho nenhum problema com línguas, poderia ter sido em qualquer lugar do mundo. Faz parte de meu poder entender toda língua escrita ou falada.

– Se eu pudesse escolher qualquer lugar do mundo para passar um sábado à tarde, certamente não seria nesta cidade.

– Claro, você sempre viveu aqui, você mora aqui, e você não pode visitar o mundo num estalar de dedos. Eu posso. Então é como se você estivesse em casa e se perguntasse o que fazer: ir para a sala assistir TV ou para a cozinha fazer algo gostoso para comer ou ainda tirar um cochilo no quarto. O mundo todo é minha casa, meu querido. Só preciso escolher o cômodo que quero utilizar.

– Acho fenomenal a ideia da Morte em pessoa assistindo a um filme. Você comprou pipoca e refrigerante também?

Morte riu, comentando que não havia feito tais coisas. Passou a falar sobre culinária mundial com o rapaz, antes de retornar a narrar a breve porém marcante história dos dois. Infelizmente para ela, aquilo estava se tornando muito difícil de suportar; a presença dele e a dor lancinante que essa presença começava a causar na base de seu crânio. Ela tentou ignorar a força sobrenatural que crescia dentro dela, ameaçando parti-la ao meio, como a angústia intensa que surge nos mortais, de repente, quando percebem que sua vida está para ser encerrada.

– Então lá estava eu – continuou Morte –, mergulhada em meu livro, sentada confortavelmente no vão livre do Museu de Arte de São Paulo, quando um garoto intrometido tirou minha concentração com um comentário idiota sobre minha integridade física.

– Desculpa, linda, mas é perigoso se sentar na beirada. Desce daí – disse o rapaz, repetindo o que havia dito no dia.

– Exato. Achei absurdo tal comentário. Desci de onde estava sentada, de costas para a paisagem composta pelos prédios e árvores que ladeavam a Avenida 9 de Julho, com a intenção de mandar o garoto cuidar da própria vida e talvez ensiná-lo a não se meter com mulheres solitárias, quando ele disse...

– Pronto, agora que você já está de pé, que tal tomar um café comigo? – completou o rapaz, fazendo os mesmos gestos que havia feito antes, sorrindo.

– Sim. Isso mesmo. E eu já havia lido inúmeros romances e assistido a inúmeros filmes. Por Deus! Eu estava praticamente viva quando inventaram a escrita! – exagerou Morte, sorrindo de volta para ele. – Eu estava presente na invenção do cinema! E mesmo assim nunca havia ouvido um flerte como aquele. Na mesma hora analisei o rapaz, sem pedir licença, como estava acostumada a fazer com qualquer mortal.

– Você usou seus poderes para ler minha mente? – exasperou-se alegre. – Juro para você que todos os pensamentos sexuais que corriam na minha cabeça tinham a melhor das intenções.

– Sim, um típico rapaz de vinte e um anos. Cheio de ideias geradas por seus hormônios enlouquecidos. Mas havia algo a mais nele, uma aura de mistério. Tinha perdido os pais recentemente e morava sozinho num apartamento apertado, com poucos móveis. Não tinha muitos amigos, e os que tinha preferiam outras pessoas. Passava muito tempo sozinho e gostava de literatura, cinema e videogame. Mas de seu coração emanava uma sensação interessante, a mesma que senti em George. Era um romântico inveterado, um pequeno poeta nas horas vagas. Trabalhava numa empresa grande somente para poder se sustentar, mas sua paixão era outra. Era apreciar a vida, sonhar e deliciar-se com as coisas que só o mundo mortal pode produzir.

– E você deve ter pensado: romântico, bonito, sexy, inteligente e bem-humorado? É esse mesmo que eu quero!

– Ah! – riu Morte, disfarçando seu terrível mal-estar com maestria. – Não foi nada disso! Bom, talvez a parte do romântico e do bem-humorado... Foi por isso que aceitei tomar um café com ele.

Como um choque elétrico de alta voltagem, uma vibração pontiaguda correu pelo corpo dela. Seus dedos quase partiram os braços da frágil cadeira onde se sentava. Mesmo assim, ela não se deixou abalar. Seu cérebro latejava, tamanha era a concentração que empregava para não deixar que ele percebesse que, a qualquer

minuto, ela poderia explodir em chamas ou se partir em pedaços ali mesmo.

– Então conversamos por horas no café. Essa foi a primeira de uma série de gostosas conversas que me levou a aceitar seu convite para um drinque noturno, ou, como ele mesmo disse, para sair e tomar alguma coisa. Adoro esses rituais modernos de sair e flertar e todo o jogo de olhares e sensações. Tive de aceitar. Saímos. Encontrei-o na porta do lugar que ele sugeriu. Apesar de o solícito mortal querer me cortejar indo me buscar em casa, por razões óbvias, ele não poderia. O lugar, próximo da avenida onde nos conhecemos, era simples, mas bonito. Não tinha decoração suntuosa, era apenas um bar banhado por fracas luzes indiretas e decorado com pôsteres de filmes antigos. Adorei! E fiquei sabendo que ele me seguia desde que saí do cinema, tomando coragem para dirigir-me a palavra. Conversamos, trocamos olhares, flertamos até certo ponto, dançamos... bom, ele dançava, eu me resumia a bater o pé no chão acompanhando o ritmo da música. Não sou nada boa em dançar. Foi muito gostoso. Saímos do clube noturno e...

– Casa noturna! Isso se você quiser ser educadinha. Senão pode chamar de balada, como já disse. Clube noturno parece uma seita ou uma casa de *swing*. Eu não a levaria para uma casa de *swing*.

– Por que não? – provocou, com um sorriso maligno desenhado no rosto.

– Bom... pelo menos não na primeira noite. – Respondeu o rapaz, sem graça ao olhar para ela, agindo como um macho em ritual de sedução.

– Hehe... Enfim, saímos da casa noturna, carregando conosco uma garrafa de vinho, que bebemos juntos antes de nos despedirmos. Admito: queria beijá-lo. E não precisava de poderes para ter a certeza de que ele queria fazer o mesmo. Pela primeira vez em minha existência tive vontade de contar para ele tudo, tudo o que eu era, tudo o que fui, quem era Ahmnat.

– E você fez tudo isso, esquecendo-se do seu trabalho como Morte, afinal era sábado e você descansa no fim de semana? – brincou o rapaz.

– Bem que eu gostaria, meu querido, mas morrem por volta de cento e quarenta e cinco mil pessoas por dia. E a média de nascimentos é ainda maior. Para você me entender, imagine um painel luminoso com bilhões de lâmpadas. Cada uma que apaga recebe um dos meus anjos para escoltá-la ao Limbo. Cada uma que acende é mais uma alma que se conecta à minha onisciência. Eu não descanso. Nunca. Agora mesmo, neste exato minuto, enquanto falo com você, enviei quarenta e seis anjos a diferentes partes do mundo. Morrem quase sete mil pessoas por hora. Acredite, quando eu descanso, eu não estou descansando.

– Nossa, e eu achei que meu trabalho como assistente de arte em uma mega agência de publicidade fosse estressante.

– Exato. Existem trabalhos difíceis neste mundo e no outro, mas alguém tem de fazê-los. – Morte deu uma longa piscada, forçando ainda mais sua concentração. – Continuando... Saí com ele outras vezes, mesmo que ele parecesse incapaz de pronunciar meu nome corretamente. *Am-Nat, com o "M" mudo. É simples!*, eu dizia. E ele ainda errava de vez em quando. Aliás, acho que ele até hoje não acredita que eu seja egípcia.

– Ah! – interveio o rapaz. – *Hoje* ele acredita piamente. Certeza absoluta.

Morte riu. Dobrou-se para frente em sua cadeira e alisou o rosto do rapaz. Ele sorriu cheio de emoção para ela, beijando de leve sua mão.

– E eu tenho certeza que adoro você. Depois de dois meses convivendo contigo, depois de lhe contar tudo sobre mim, quero que saiba disso, acima de tudo: eu adoro você. Você foi a melhor coisa que me aconteceu em todo esse tempo que existo.

– Não diga isso, você passou por coisas fenomenais e...

Morte colocou o indicador de leve em seus lábios. Ele se calou.

– É exatamente por ter passado por tudo isso que percebo que você foi a melhor de todas minhas experiências, meu amor. Não se diminua. Você merece todo o crédito que lhe dou.

– Não tenho palavras – respondeu baixinho. – Não sei o que dizer, mesmo.

– Não diga nada, então. Não é necessário estragar um momento de silêncio confortável com palavras aleatórias. Eu o conheci, você me compreendeu, eu vim visitá-lo em sonhos, em pessoa, nós conversamos, e agora tudo o que desejo é poder abraçar você, beijar você e viver contigo. Mas tenho que resolver algumas coisas primeiro.

– Entendo – disse o rapaz. – Você tem sensações, emoções demais para se manter como Morte, certo? Você tem de ser neutra para ser Morte.

Morte recolheu sua mão e voltou a fixar firme os dedos nos braços da cadeira, como se aquilo pudesse anestesiar a dor cortante que corria fluida por seu corpo.

– Não, meu querido. Tenho apenas uma emoção que não poderia ter. E esta, sim, preenche cada fibra do meu corpo calorosamente. Não posso mais ser Morte, já que eu perdi a aposta.

– Você se apaixonou por um mortal... – sussurrou o rapaz. Porém seu sorriso sugeria algo além de felicidade. Algo além da alegria associada ao encontrar um par perfeito.

– Sim. Eu o amo. E desta vez não quero me livrar deste sentimento difuso e incoerente. Quero senti-lo, mesmo que seja pela última vez. Minha mãe tinha razão quando disse que o amor é uma doença inerente às pessoas. Uma hora ou outra ela nos aflige, inevitavelmente. A diferença é que agora não quero ser curada.

– Foi por isso que você teve de sair repentinamente da última vez que veio aqui? Você já estava sentindo que não poderia mais vencer?

Morte se levantou da cadeira, lentamente, respirando com dificuldade. Seu coração bombeou adrenalina em seu sangue, e ela percebeu que não conseguiria mais continuar com aquilo por muito tempo. Andou pelo tapete de sisal que cobria o chão, passou a mão levemente sobre a mesa de vidro da pequena sala onde estavam. O garoto a seguiu com os olhos. Curiosamente, ele também tinha uma emoção muito forte dentro de si, pronta para explodir; todavia, não disse nada.

Ela observou os quadros abstratos na parede, pensativa, incerta de como dizer para ele o que tinha vontade. Incerta sobre qual seria a reação dele quando ouvisse a verdade. Porém se comportou como de costume: descartou as dúvidas e os receios e agiu inconsequentemente.

– Não, meu querido. Não foi por isso que interrompi nosso encontro na semana passada. Foi porque recebi de um de meus anjos uma informação extremamente perturbadora. Uma informação que confirmou, de forma inegável, o que eu já acreditava ser verdade.

– Que informação é essa? Sobre o tempo que você tinha? Sobre alguém que havia voltado do além-vida? – perguntou ele, em dissimulado tom preocupado, escondendo o nervosismo.

– Não, meu querido. Sobre você não existir.

O rapaz ficou lívido, imediatamente. Calou-se e olhou para ela firme num instante, preocupado e incrédulo no seguinte. Ela sorriu. Ele não.

– O que você quer dizer com “eu não existo”?

– Você, meu amor, não existe. Você nunca foi criado. De acordo com as regras da criação, você não é humano.

– Não estou entendendo! – disse ele, levantando a voz, tentando não deixar transparecer o pavor que brotara em seu peito e se espalhava rapidamente por toda a sala. Morte sentiu facilmente. – Como você sabe disso?

– A informação veio de um de meus anjos; do melhor deles, aliás – lendo sua mente, agora livre e sem bloqueios, seus pensamentos soltos por causa da súbita e frenética onda de pânico, Morte continuou. – E não, eles não são todos iguais. Nomeei um deles para ser o comandante da tropa. É por isso que de certo tempo para cá consigo me passar por mortal com tanta facilidade; tenho ajuda para cuidar de minhas obrigações com os mortais.

– Que diabo de informação é essa? – falou alto, levantando-se também. Seu rosto já exibia fortes traços de descontentamento, apesar de o rapaz acreditar que estivesse tudo sob controle.

– Esse anjo que me serve é bem furtivo. Ele conseguiu adentrar a biblioteca de Destino e procurar o livro sobre sua vida, meu amor, sem que Destino percebesse.

– COMO!? – indagou o rapaz num grito abafado. – Isso é impossível!

– Não, não é – disse Morte, calmamente. – Afinal, quando o enviei, eu estava quase certa de que Destino não estaria lá. Se estivesse, ele pediria cordialmente pelo livro, como um favor para mim. Mas, como eu já esperava, ele não estava mesmo em seu reduto no Limbo...

– Ah, é? – indagou severo o rapaz. – Achei que, depois do ocorrido com o servo de Lúcifer, Uriel, que roubou o livro sobre George e fez aquela merda toda, Destino não costumasse deixar seus livros à revelia para quem quisesse ler. Onde estava Destino então, a ponto de não perceber um de seus escravos alados roubar um livro?

– Ora, meu amor... ele estava tomando vinho comigo num estacionamento de balada.

O rapaz empalideceu. Sua tez descolorou para ficar quase como a de Morte. Ele engoliu seco, fitando-a seriamente. Seus pensamentos correram longe, passaram por vários momentos diferentes de seu passado, numa tentativa de imaginar onde teria errado, quando teria falhado em seu plano perfeito. Mas a única resposta que lhe vinha à cabeça era: desde o princípio.

– Não, não foi desde o princípio – respondeu Morte. – Quando coloquei os olhos sobre você, fiquei realmente interessada em sua companhia. Você tinha um ar de criatividade e eloquência ousada que poucos possuem. Ainda mais falando comigo daquele jeito! Achei sua abordagem simpática um ótimo começo.

O garoto rangeu os dentes ao perceber a facilidade com que Morte lia seus pensamentos. Concentrou-se em guardá-los bem fundo em sua mente, tentou pensar em outra coisa e expelir da mente qualquer coisa que ela não pudesse saber. Pensar no livro sobre sua vida foi um acidente casual.

– Exato. O livro. Todas as pessoas que nascem no mundo, assim que ganham um nome, ganham também um livro na imensa biblioteca daquele que tece os acontecimentos de sua vida. Porém, quando meu discreto anjo vasculhou por horas a biblioteca, procurando pelas vidas de jovens de vinte e um anos, ou seja, livros bem novos, ele não encontrou nenhum. Ora, que coincidência! É a primeira vez em tanto tempo que me interesse por um mortal que, na verdade, nem é mortal! Mas como então sua alma toca minha onisciência? Como então ele tem um histórico de vida tão vívido em sua mente? Cheio de imagens e lembranças de sons e cheiros...

O rapaz expirou fundo, com as costas apoiadas na parede oposta à porta do apartamento, onde Morte estava. Cruzou os braços na frente do corpo, ouvindo-a atentamente, sua apreensão transformando-se em raiva.

– Então só pude constatar que Destino havia errado ao criar um mortal tão perfeito, tão próximo ao que eu gostaria de ter a meu lado. Mesma idade, pelo menos aparentemente, mesmas ideologias, mesmo bom humor... Mas Destino pecou pelo exagero. Ninguém é tão perfeito – Morte levou a mão na boca e soluçou uma interjeição forçada. – Ops, perdoe-me. Eu disse que não gostava de falar sobre você na terceira pessoa. Como ia dizendo, *você* pecou pelo exagero ao tentar se passar pelo mortal perfeito.

– Não sei do que você está falando – disse o garoto, finalmente verbalizando sua raiva. – Mas me insulta ser comparado com o imbecil personagem de sua história, com aquele que a feriu, que a insultou, que pisou em você durante todo esse tempo.

– Por que o insulta? Que absurdo, meu querido! Você entendeu tudo errado. Por mais que *você* tenha me insultado e pisado em mim como diz, *você* me deu muito mais. Claro que eu ainda não tinha plena certeza de que era você mesmo, nem sabia se aquilo seria possível, então precisei me certificar.

Uma nova onda de pavor acometeu o garoto. E ele esperou silenciosamente, ansioso, que ela contasse, passo a passo, quando tudo o que ele imaginava certo teria saído pela janela.

– Após deixar você naquela primeira noite, me reuni com tal anjo. Ele me disse que não havia encontrado nenhum livro sobre você. E, acredite, se ele não encontrou, na velocidade que ele pode procurar, realmente não existia. Mas poderia estar escondido! Eu precisava ter certeza irrevogável, então ordenei que ele vasculhasse a biblioteca inteira.

– Não faz sentido! – gritou. – Vasculhar a biblioteca inteira levaria...

– Meses – interrompeu Morte, agora séria. – Dois meses para ser exata. Dois meses até procurar em todos os cantos, todas as brechas, todas as prateleiras, na velocidade de um anjo muito experiente. Dois meses que eu passei enamorando você, observando-o sem que você me visse. Mas não era necessário ver, era? Você sabia que eu estava ali. Você sabia que, após nossa última conversa sobre Lúcifer, pelo jeito que você me tratou, eu não ia procurá-lo tão cedo. Foi por isso que você me tratou daquele jeito, para afastar-me de você. Convenhamos – continuou –, eu falei com você tão poucas vezes nesses quatro mil anos... quais seriam as chances de eu procurá-lo depois de tão pouco tempo? Você, infelizmente, só não contava com sua própria competência em realizar seu tão maquiavélico plano infalível, contava? – perguntou ela.

O sarcasmo dela o irritou profundamente.

– Mas você precisa trabalhar, não precisa? Afinal, milhares de pessoas nascem no mundo e elas precisam que seus destinos lhes sejam traçados. Talvez seja por isso que da última vez você tivesse tanto a escrever, tantas páginas sobre seu palanque. Adiantando trabalho, eu imagino?

– Você perdeu a razão, Morte – disse ele, com a mesma entonação que costumava usar, chamando-a pelo cargo em vez do nome. Fechou os olhos rapidamente, percebendo que acabara de confirmar o que ela dizia.

Morte riu baixinho.

– Engana-se, Destino. Minha razão está intacta. Só não sei como você o fez. Imaginei a princípio que você tivesse atravessado o

Espelho das Sombras e se tornado mortal novamente. Mas isso não fez muito sentido, já que não conheço exatamente o que faz o tal espelho. A única informação que tenho veio... oh! é mesmo, veio de você! Porém tornar-se mortal de repente, se é isso o que o espelho faz, jamais lhe daria uma vida pronta, cheia de escolhas e decisões já tomadas, e eu perceberia isso na hora, perceberia um novo mortal encostando em minha onisciência. E você não podia correr esse risco. Então imaginei que você tivesse possuído um mortal já criado. Talvez até o tivesse criado exatamente para esse propósito, para servir-lhe de veículo, para ser seu fantoche de carne, sua vestimenta terrena. Mas novamente caí num impasse, porque eu mesma já tinha possuído mortais. E junto a mim estava Vidhora, que possuía outro. Era claramente notável que aquele corpo era somente um invólucro temporário. Mesmo que você tivesse possuindo o rapaz por meses para se acostumar, certamente não deixaria a possibilidade de eu sentir algo diferente estragar o que desejava fazer, ia?

Ele empurrou a parede para trás, pondo-se em pé. Deu um sorrisinho vencedor e começou a andar, bem devagar, em direção a ela, enquanto Morte concluía.

– Mas... Eu sou uma menina bem esperta. Então imaginei que o que você fez mistura os dois. É muito fácil simplesmente atravessar um espelho e acordar mortal. Afinal, nós temos corpos físicos e poderes sobrenaturais. Eles têm de ir para algum lugar, não? Então acho que foi um pouco dos dois. Acho sinceramente que você ainda está flutuando dentro do espelho, enquanto sua consciência e seus poderes se misturaram com a de um mortal criado para um fim específico. Creio que seja isto que o Espelho faz: a junção de almas. Ou melhor, a justaposição de almas. Ele coloca uma alma imortal dentro de um corpo humano. E aí está você, Destino, mortal. Com o único propósito de fazer-me apaixonar. É por isso que seu trabalho não foi interrompido, por isso eu não conseguia ler sua mente por completo, por isso você possui mesmo uma alma de vinte e um anos, tem todas essas qualidades incríveis e, enfim, por isso você é você mesmo, num corpo humano. Como dizem: Se quer bem feito, faça você mesmo. Não?

Destino aproximou-se dela. Seus rostos ficaram a pouco menos de dez centímetros um do outro. Ele sorriu.

– Você ainda não me explicou como posso ter memórias cheias de escolhas e decisões se não existe um livro a respeito, minha exímia detetive – disse balançando os dedos na frente do rosto, caçoando das teorias ouvidas.

– É porque você carrega esse livro com você, meu delicioso gênio da artimanha – respondeu ela, orgulhosa. – Você não correria o risco de alguém roubar esse livro, de eu descobrir que tal mortal tinha um destino... bom... fosse Destino. A propósito, esse livro está na terceira gaveta de cima para baixo da estante de seu quarto.

– Ótimo! – falou alto. Virou-se de costas, estalou os dedos e caminhou saltitante em direção à porta. Colocou as mãos nos bolsos, girando o corpo para trás, olhando-a nos olhos. Seus lábios pareciam sorrir um sorriso orgulhoso. – Assim sendo, vou libertar este mortal, se me permite, e voltar para casa. Não sei o que você gosta tanto neles, Morte. Dá um trabalho danado manter este corpo em pé – virou-se novamente para a porta.

– Você ainda não ouviu tudo – disse Morte, carinhosa. – Eu disse que após contar-lhe minha história eu tinha uma pergunta para lhe fazer e gostaria de uma resposta sincera.

– Não estou interessado, Morte! Você ganhou mais esta batalha, mas a guerra ainda não foi vencida! Eu tenho tempo para criar mais algum mortal que vai...

Quando Destino abriu a porta do apartamento, perdeu o fluxo de pensamento. Boquiaberto, não acreditava no que via. Se Morte fosse descrever o que ele sentia, provavelmente usaria a expressão “pavor absoluto”.

– O que você fez? – balbuciou Destino, totalmente incrédulo perante aquele cenário. Não fazia sentido algum o que seus olhos registravam.

– Ora, meu querido, nada que não tenha feito antes. Nada que você, eu ou Vidhora ou até mesmo anjos e demônios não tenham feito antes.

– Não pode ser! – bradou Destino. Sua revolta ignorante tomou conta de seu corpo – Impossível!! Eu teria percebido!! EU TERIA PERCEBIDO!! O QUE VOCÊ FEZ COMIGO!?

– Você não está vendo? A resposta está exatamente na sua frente – disse Morte, fazendo um gesto para o lugar que Destino observava além da porta.

– Impossível! – berrava ele, sentindo-se a criatura mais ignorante existente, como se a força de seus gritos revoltos fossem tornar o que estava acontecendo menos real. – Estou vendo, mas é impossível! Você não tem tanto poder assim!

– Aparentemente, tenho – disse ela, contendo a vontade de gargalhar diante do horror que Destino sentia.

Ele estava apavorado, embasbacado com sua ingenuidade. Depois de milênios de existência, ele estava, verdadeiramente, com medo. Ele a olhou com as sobrancelhas saltadas, franzindo a testa. Esticou os braços para o lado e gritou uma vez mais em consequência da dúvida que lhe roubava as palavras e rodopiava em sua mente como um ciclone incontrolável. Ele se sentia desamparado:

– COMO DIABOS NÓS ESTAMOS NA PORRA DO LIMBO!?

Morte agora estava com um ramo de dama-da-noite na mão, sentindo quieta seu perfume preferido, deixando-se perder por um instante naquele aroma inebriante. Ela agora não estava mais apoiada sobre uma mesa de vidro, mas sim sobre uma de mármore escuro, com detalhes de granito polido. Aos olhos do rapaz, metade da sala era ainda seu apartamento humano, a outra metade era uma pequena parte do salão palacial gótico, com as tapeçarias e decorações delicadas, que Morte chamava de seu santuário.

Destino arregalou mais ainda os olhos, certo de que eles o traíam, quase os fazendo saltar para fora de suas órbitas. Diante daquele olhar frenético, os móveis se derreteram, as paredes se enegreceram e o chão foi coberto por pedras lisas de mármore. A desconstrução mágica do ambiente logo tomou outro rumo, devolvendo o santuário de Morte ao seu estado original.

– Como comentei diversas vezes, e como você provavelmente já sabia, carregar um mortal vivo para o Limbo é um processo

extremamente doloroso, excruciante. Porém, como vim a descobrir, se você se concentrar bastante, absorvendo para você toda a dor que a alma viria a sentir, e fizer isso bem, bem lentamente mesmo, o processo é quase imperceptível – ela aproximou do nariz a planta que segurava e respirou fundo uma vez mais, antes de baixá-la na mesa. Deu um passo para frente de cabeça baixa. Abriu os dedos permitindo que toda aquela dor que sentia começasse a fluir para fora de seu corpo. Destino começou a sentir-se enjoado. Seu coração palpitava rápido, como um tambor num ritual antigo.

– A história... – disse ele, levando as mãos à cabeça, que começava a latejar. – Foi por isso... que... vo..!

– Sim, foi. Por isso demorei tanto e insisti para que me ouvisse falar. Como eu disse, é um processo demorado trazer alguém para cá.

– TRAPACEIRA!! – gritou, tentando ignorar a dor que escorria do corpo de Morte e se tornava cada vez mais forte em seu crânio e espalhava para seus ossos. – Trapaceira! Impossível... eu teria percebido...

– Talvez você tivesse mesmo percebido. Mas o anjo que me ajudou a descobrir quem você era também é muito bom em confundir as pessoas... criar cenários ilusórios... virar seu ego gigantesco contra você... esse tipo de coisa.

– O quê? – agitando os olhos, procurou por uma resposta, repetindo a mesma coisa diversas vezes. – Não pode ser... impossível... ele está morto! Você o matou... ele não pode... – então seus olhos encontraram os daquele ser, mudo, estático em um dos cantos sombrios do santuário de Morte, olhando fixamente para seu corpo bambo.

– Não sei se vocês já se conhecem – disse ela, apontando para seu ajudante –, mas este é o anjo que... perdoe-me, o arcanjo que também é conhecido como Anjo-da-Morte. Uriel, cumprimente meu amor.

– É um prazer conhecê-lo, Destino – disse Uriel, com as mãos postas na frente do corpo, fazendo uma reverência educada. Seu

rosto não exibia nenhum traço de expressão. Duro, rígido, como os músculos de seu tórax.

– Mas... você o matou! – balbuciou Destino.

– Nunca disse isso. E se por acaso dei a entender que o matei, o que posso dizer? – respondeu Morte, dando de ombros. – Menti. Eu apenas dei a ele a oportunidade de continuar livre, comandando meus anjos como ele apreciava e fazendo o que ele sempre desejou. A liberdade é uma espetacular moeda de barganha.

Destino sentiu uma desesperada vontade de chorar. Sua dor crescia exponencialmente. Abandonou a dúvida sobre o que tinha acontecido, sobre como Morte pôde trapaceá-lo daquela forma sem que ele notasse. Passou a pensar num plano de fuga.

– Não existe fuga, Destino. Você está em meu santuário, num corpo mortal. Aqui você é mais meu do que qualquer criatura viva na Terra.

– Morte!! Se você não se apaixonou, ótimo! – interveio, gritando como se seu tom ofensivo fosse causar alguma reação em Morte. – Eu ainda tenho o direito de tentar! Você não pode me manter prisioneiro!

– Mas você não entende, Destino? Eu me apaixonei. Você venceu, ganhou a aposta que fizemos tanto tempo atrás. Deveria estar feliz. Seu poder é muito maior que o meu, pois sua pena perdurou por séculos em meu coração. Foram exatamente suas criações, seus humanos, que influenciaram minha vida, tornaram-me mulher além de Morte!

Ele caiu de joelhos, suas pernas não suportavam mais o peso do próprio corpo.

– E não estou falando somente de seus humanos “especiais”, feitos sob medida para mim. Falo de todos os seis bilhões de humanos que preenchem o mundo mortal. E repito, Destino: Você foi a melhor coisa que me aconteceu em todo esse tempo que existo. Foi você que me fez conhecer, através das histórias que escreveu para os mortais, a dor, a paixão, a luxúria, o ciúme, a inveja e tudo aquilo que faz de mim o que eu sou hoje. Os nossos... os meus. Nesses últimos meses percebi o quanto você é

maravilhoso, o quanto você conseguiu despertar em mim a menina que morreu queimada naquela civilização antiga.

Morte chegou perto dele e fez um gesto com a mão. Seus dedos esguios dobraram-se para dentro da palma. Destino sentiu o poder dela envolver seu corpo, erguendo-o do chão, colocando seu rosto na altura do dela. Morte era infinitamente mais forte que ele agora que ele estava em um corpo mortal. Dentro de seu santuário então, ele não tinha a menor chance de reagir. E ter ciência disso o apavorava além da razão.

– Você, meu amor – disse com o rosto colado no dele, como ele mesmo o fizera antes; porém, seu olhar agora era ameaçador, não mais provocativo –, é tudo o que eu sempre quis num mortal. Criativo, ousado, belo, inteligente...

Destino sentiu de uma só vez a dor que deveria ter sentido durante sua delicada jornada ao Limbo. Sem poder se mexer, pendurado no ar, seu corpo tremeu violentamente quando ela deixou escorrer toda a dor que guardara em si, toda a torturante sensação de atravessar uma alma viva para o outro lado. Ele tentou gritar, mas a sensação devastadora tomou-lhe os sentidos. Sua pele esbranquiçou, enquanto seus músculos atrofiaram sob a pele. O ar parecia rarefeito quando tentava respirar, seu mundo estava embaçado, distante... As veias em seu corpo pareciam feitas de borracha, lacerando seu corpo conforme ele se mexia.

Estava prestes a desfalecer.

Morte o livrou de seu poder. Seu corpo caiu no chão desajeitado, trincando um ou dois ossos, fragilizados ao extremo pela lancinante agonia a que fora submetido.

– Mas não terminei ainda – disse Morte. – Só precisava me livrar da dor, não estava conseguindo pensar direito. Ah... agora está muito melhor.

Olhou-o de cima para baixo. Aquele corpo alquebrado, murcho, largado no chão, em espasmos soluçantes tentando respirar. Ela girou a mão aberta no ar, tecendo uma suave névoa verde-clara que se difundiu pelo santuário desenhando formas abstratas sob a luz

indireta de seu aposento. Bastou que ela apontasse seus dedos para ele para a névoa invadir arrebatadora as narinas e a boca do rapaz.

Ele engasgou, sem respirar, como se sorvesse metal líquido. Seu corpo ganhou forma novamente, preenchido com aquela força vital. Tossiu forte quando o processo acabou, inspirando todo o ar que conseguia, e tossiu mais uma vez.

– Muito bem, Morte... – disse ofegante, colocando-se de pé com dificuldade. Apoiou-se com as palmas no chão, dobrou os joelhos dormentes, firmou-se na parede. Forçou os braços, que formigavam, trêmulos, a erguer seu corpo. – Aprendi a lição. Você venceu. O que quer fazer?

Ela apenas o olhou, pendendo a cabeça para um lado. Seus lábios descreviam um leve arco, como a sombra de um sorriso. Sem falar nada, ela passou os braços ao redor dele. O ato provocou nele certa repulsa, como se nunca tivesse sentido um abraço. Como se sentisse algum tipo de ojeriza ao contato físico. Deixou suas mãos longe dela, até que Morte insistiu:

– Abrace-me. Por favor.

Ele o fez, relutante a princípio, mas logo entregou-se àquele confortável prazer. Pensou em trégua, em esquecer a aposta, em deixar o orgulho de lado. Encarou o quanto ela o tinha impressionado no decorrer dos anos. Percebeu que talvez, no fundo, ele também fosse apaixonado por ela e tudo o que ela representava. Sentiu no ventre algo que havia esquecido, algo que abandonara havia muitos séculos. Calor. Como ele poeticamente teria dito, foi tomado de susto por borboletas em seu estômago.

Sucumbiu à emoção. Apoiou o rosto no ombro dela, os braços entrelaçados. Suas pálpebras pesaram voluntárias, cobrindo seus olhos, fazendo-o apreciar o corpo dela com mais atenção. Destino sentia-se estranhamente bem, como se todo seu recente desespero tivesse ido embora, e agora experimentava a sensações exatamente opostas. Carinho, amor, saudade. Um momentâneo pensamento de estar sendo novamente manipulado cruzou-lhe a mente; no entanto, aquela sensação era deliciosa além de sua compreensão. Segurança. Estar protegido nos braços da pessoa amada. Confiança. Ser

acariciado pela imagem de uma deusa. Idolatrava-a, cada vez mais, a cada segundo que permaneciam abraçados.

Morte entregou-se também ao abraço apaixonado. Esfregou as mãos frias nas costas dele, recordando-se de tudo o que tinha passado, visitou memórias distantes, rostos perdidos no tempo, sensações de alguém que um dia fora, os detalhes de sua conversa com aquele rapaz em seus braços e a maneira como foi tendo a certeza de que era, na verdade, com seu oponente que ela falava. Afagou os cabelos dele com a mão, acariciou sua nuca. Admitiu para si mesma a paixão sensorial que aquele ser fantástico trouxera para ela... Ahatza, Tsun, Judas, Jeanne, George, Lilian... absorveu todo amor que um dia sentira, desenterrando aquelas lembranças e os abalos morais do fundo de seu coração. Canalizou para si a mais perigosa de todas as emoções humanas: o amor. Todo o amor do mundo era tragado para dentro dela.

Um condutor de todo o amor mortal.

Sua silhueta adotou um contorno branco incandescente, cercada por uma bruma densa, branca, faiscante, iluminando o espaço mórbido onde estavam.

Paixão, amor, saudade, esperança, carinho, alegria...

Uriel se mexeu desconfortável em seu canto, quando percebeu o que Morte estava fazendo. O arcanjo sentiu-se violado, influenciado por sentimentos que não eram dele. Decidiu inteligentemente que era hora de sair dali. Rodopiou no ar e desapareceu num estalo prateado.

Envoltos naquela aura entorpecente, como um casal de mortais perdidamente apaixonados, lágrimas cristalinas chegaram a verter dos olhos de Destino, agarrado ao corpo dela como se sua vida dependesse disso. Ele inspirava aquela sensação maravilhosa com vontade, seus braços cada vez mais firmes ao redor de Morte.

– Onde foi que erramos? – perguntou ele baixinho.

– Nós nunca erramos, querido.

Porém, em pouco tempo, aquele toque não era mais suficiente para saciar sua vontade de estar com ela. A sensação agradável tomava proporções incoerentes.

– Quero você para mim, por que não posso ter você para mim? Sinto um vazio inexplicável – disse ele, esforçando-se para coordenar as palavras.

– Isso, meu querido, é amor. Amor de verdade. Aquela emoção que para você era só uma palavra a mais no livro da vida de uma pessoa. Isso é o que senti. O que sinto. O que todos os mortais na Terra sentem.

– Faça... isso parar... eu não consigo mais... – balbuciou, sabendo que deveria largá-la, mas jamais teria a coragem de fazê-lo.

Ele a amava, era como se ela fosse sua alma gêmea. Mesmo em seus braços, já sentia sua falta como se não a visse há anos. Mesmo mais feliz do que jamais fora, caía em melancolia profunda só de imaginar perdê-la.

– Querido – sussurrou ela em seu ouvido –, não diga isso. Pois este amor que você sente, esta sensação tão deliciosa e ao mesmo tempo tão desesperadora que preenche seu corpo é somente o efeito daquilo que tenho em mim. Esta radiação em volta de mim, pálida em comparação ao que tenho aqui dentro, é somente a aura criada pelas emoções mortais que absorvi. É chegada a hora de fazer a pergunta que eu desejava.

– Eu... não... você pode... – a sensação de vazio em seu peito ampliava, como um buraco negro que não pudesse mais ser preenchido e que devorava tudo a seu redor. A sensação de querer uma pessoa além da sanidade, além da compreensão lógica, a devoção cega à pessoa amada, causando o tumulto inquietante no núcleo de sua alma.

– Você quer sentir meu verdadeiro amor? – sussurrou ela.

– Sim... eu... eu quero você – respondeu baixinho, melancólico, completamente absorto na intoxicante e assustadora cerração que envolvia sua alma. – Mais do que consigo compreender. Quero vestir você, ser o seu sorriso, envolver-me entre suas pernas e seus braços. Sentir seu corpo como se fosse o meu e saber que nada no mundo é impossível enquanto você respirar para mim.

Morte afastou um pouco o rosto e com uma das mãos segurou o queixo dele. Os olhos de Destino ainda vertiam lágrimas

desamparadas. Ela sorriu, depois de ouvir tudo o que sempre quis ouvir. Mas seus lábios não desenhavam uma expressão de alegria, e sim de uma intenção obscura, mascarada por todo aquele amor à sua volta.

– Então venha... venha provar todo meu amor – disse ela, instantes antes de agarrá-lo pelo pescoço com toda a força que conseguiu juntar nos dedos e quase deslocar seu maxilar com a própria boca.

O sabor da vingança em seus lábios.

O beijo da Morte.

O beijo serviu de condutor para toda a emoção que ela carregava consigo, a soma de todo o amor mortal, de todos os casais apaixonados, de todos os votos de saudade, das lembranças queridas do flerte na adolescência, dos fogosos relacionamentos de férias, da cumplicidade de um casamento de anos. Todos os mortais atravessaram um só corpo.

O vazio dentro dele atingiu uma dimensão assombrosa. Ele a apertou ainda mais forte, enquanto a beijava violentamente, por vezes mordendo seu lábio e gemendo em pânico. Ela o segurou firme, fazendo jorrar toda aquela inebriante emoção para dentro dele, acariciando seus lábios com a língua, bebendo de seu corpo, concluindo um desejo havia muito escondido.

Abraçados, com os lábios entrelaçados, eles flutuaram no ar, girando graciosamente ao redor das forças sobrenaturais, etéreas a sua volta. Eram entidades, eram mortais, eram deuses. Adão e Eva. Por incontáveis minutos, imersos em êxtase, suas mentes vagaram longe de seus corpos. Suas almas sobrepostas em um momento que pareceu eterno.

Pousaram juntos, leves, ao chão. Morte abriu os olhos, sem soltar o corpo inerte em seus braços, finalmente em paz. Correu os dedos por seus cabelos escuros, passou a mão em seu rosto. Os braços do rapaz penderam sem vida para os lados. Ela permaneceu abraçada com ele, perdida, tal como sua humanidade. Beijou-lhe a boca suavemente.

Nunca ficou claro se ela esperava que o pobre corpo mortal suportasse tamanha emoção, mesmo sabendo que era impossível; se ela realmente desejava vê-lo acordar para dizer que tudo ficaria bem; se ela sobrepôs sua raiva a seu amor inexplicável. Talvez Morte fosse mesmo insensível, fria. Ou a fonte de toda a graça do Limbo.

Morte se abaixou, estendendo o corpo do rapaz no mármore frio de seu santuário. Seu rosto era como uma bandeira em uma tarde sem vento. Inerte, sem um fio de expressão. Sentia vontade de chorar, mas não conseguia. Deitou ao seu lado, passando os dedos pelo rosto dele, fitando-o com atenção. Entoou sussurrante uma canção humana, vidrada em detalhes que só ela seria capaz de apreciar.

*Stars shining bright above you,  
Night breezes seem to whisper "I love you"  
Birds singin' in the sycamore trees  
Dream a little dream of me...  
Say nighty-night and kiss me  
Just hold me tight and tell me you'll miss me  
While I'm alone and blue as can be  
Dream a little dream of me...  
Stars fading but I linger on dear  
Still craving your kiss  
I'm longin' to linger till dawn dear  
Just saying this:  
Sweet dreams till sunbeams find you  
Sweet dreams that leave all worries behind you  
But in your dreams whatever they be  
Dream a little dream of me."*

Eles passaram horas juntos, o maior tempo que estiveram lado a lado desde que se conheceram. Tantas horas desperdiçadas, tantas discussões sem fundamento. Gestos ignorados à revelia do passado. E ninguém nunca soube se ela havia se arrependido ou se o que sentia era apenas uma sequela imprevista do uso descuidado de seu

poder. Deitou-se nos braços do rapaz, aconchegando o rosto entre eles.

No final de janeiro de 2004, enquanto Lúcifer conversava intrigado sobre a natureza humana com um dentista divorciado num *pub* londrino, Uriel, sentindo-se estranhamente desconfortável, comandava seus anjos aos quatro cantos do mundo para resgatar e escoltar as almas recém-chegadas a seu universo, focando-se para ignorar quaisquer emoções exteriores. Raphael sentia o gosto da discórdia, fomentava o ódio que sentia e idealizava seu retorno triunfal aos portões do Paraíso, quando levaria a resposta venenosa para os erros do Criador. Miguel assumira o posto de seu irmão caído, zelando pelos filhos angelicais em sua morada de luz, protegendo-os e ensinando-os, após ser perdoado pelo Pai, ao lado de seus irmãos Ezriel e Gabriel. Vidhora sentiu-se triste, repentinamente, numa noite tensa e trabalhosa em um país do Oriente Médio – admirou o céu sem estrelas, balançando a cabeça. Até mesmo Era permitiu que o planeta permanecesse intacto por alguns minutos, ao atravessar a súbita onda de melancolia que lhe percorreu o corpo. Victoria completava vinte e três anos.

Foi neste momento que, depois de três mil novecentos e setenta e seis anos, Ahmnat, a Morte, dormiu um sono profundo.





EPÍLOGO  
EXISTE VIDA  
ALÉM DA MORTE?

São Paulo, Brasil, 2 de fevereiro de 2004.

Mal passava das oito da manhã, e a Avenida Paulista já estava entupida de automóveis, reclamando a buzinas constantes do trânsito lento. Travessas abarrotadas de outros veículos que deixavam as casas prometiam que o engarrafamento perduraria por algumas horas ainda. Milhares de pessoas se amontoavam nos pontos de ônibus e nas plataformas do metrô, preparando-se para encarar uma segunda-feira de trabalho.

Os funcionários dos diversos cafés da avenida trabalhavam depressa. Atendiam os apressados clientes, lavavam pratos, verificavam se a segunda fornada de pães de queijo estava pronta. Restaurantes tinham suas cadeiras sobre as mesas – toda manhã é necessário lavar o chão e começar a preparar o cardápio do dia, esperando pelos clientes.

O céu estava bem claro, com poucas nuvens, colorido de azul, *dégradé*, como se pintado com lápis de cor. Um helicóptero pousou sobre um prédio de escritórios, trazendo uma pessoa importante.

*Merda, estou atrasada!*

Isabel Perloni era uma mulher alta, bonita, de quase um metro e oitenta, mesmo assim seu corpo esguio lhe permitia uma excelente coordenação de movimentos e destreza ímpares. De olhos verdes-claros, escondidos atrás de óculos Channel bem escuros, e cabelo louro, quase dourado, ficou preocupada do Aeroporto Internacional de Guarulhos até ali, pois o piloto da aeronave se recusava a olhar para frente. Ele se virava para ela a todo momento, fazendo algum comentário idiota, somente para observar mais uma vez o decote em seu *tailleur* negro, que exibia sua pele bronzeada e bem cuidada.

Ao final da noite do dia anterior, pouco antes das dez horas, ela recebera uma ligação urgente, vinda de um alto cargo da companhia para qual trabalhava. *Pare tudo o que está fazendo e dirija-se para o aeroporto imediatamente. O mesmo hangar de sempre.* Ela suspirou, olhando para o teto, já acostumada com aquele tipo de emergência. Queria ir para casa tomar um demorado banho e assistir à televisão até pegar no sono, mas pelo visto tinham outros

planos para seu dia. Fechou alguns documentos em seu laptop, guardou-o em sua larga bolsa Gucci e caminhou em direção ao elevador, sem avisar ninguém. Pensou sobre qual seria a dita emergência, provavelmente mais algum padre envolvido em caso de molestação infantil ou, pior, um cardeal famoso pego “com a boca na botija”. Em meio ao estresse comum do dia a dia, não havia percebido de imediato o código que recebera ao final da ligação. Quando se lembrou, notou que não se tratava de um código comum, com os quais ela estava acostumada a lidar. Assim que entrou no táxi, aflita, e disse para o motorista se dirigir ao Aeroporto Internacional de Miami, puxou da bolsa uma pasta de protocolos. Folheou rapidamente a seção de códigos e comparou a informação que tinha com a longa lista de mais de oito páginas. *Não pode ser. Devo ter ouvido errado. Merda! Será que ouvi errado?* Ela havia sido treinada para enfrentar aquele tipo de situação, mas nunca havia recebido uma missão daquelas.

O interior do jato particular Gulfstream G550 era para Isabel uma segunda casa. Ela se sentia muito confortável lá dentro e tinha como preferidas as poltronas de couro claro, próximas à janela. Ao entrar e acenar quieta para Henry, o piloto, jogou sua bolsa sobre uma poltrona vazia e sentou-se no lugar que se sentia mais à vontade, olhando fixa para a pasta vermelha que estava lacrada e marcada como “confidencial” sobre a mesa de madeira.

Os monitores de vídeo ao lado dela se acenderam e exibiam informações sobre clima e distância e condições de voo, mas ela não prestou atenção. Até perdeu seu momento preferido, a decolagem – adorava ver o chão passando veloz por ela, depois diminuir, se afastar ao fundo e se perder em meio às nuvens –, tão fascinada que estava pela pasta. Partiu o lacre com um abridor de cartas e leu curiosa os documentos que lá encontrou. *Meu Deus... essa merda é séria.* Deu uma risada incrédula, cobrindo os lábios com uma das mãos, ao analisar o conteúdo da pasta. Sentiu-se muito bem ao bater os olhos no bilhete anexo, assinado por seu superior direto, em que estava escrito: “Considere-se promovida. Não me decepcione”. E ela não tinha a menor intenção de fazê-lo. Esperava

por isso desde que ingressou na empresa, havia setenta e oito anos. Passou grande parte da viagem acordada, estudando sua tarefa; era simples, porém importante demais para cometer qualquer erro, por menor que fosse. Dormiu durante três horas apenas, com os fones do iPod no ouvido.

– Aqui estamos, bem-vinda a São Paulo – disse o piloto do helicóptero, mais uma vez focando os olhos pouco abaixo de seu queixo fino.

Isabel deu apenas um sorriso opaco, como se não compreendesse português, apesar de ser fluente na língua e em outras seis. Desceu para o heliporto segurando firme a bolsa contra o corpo, os olhos semicerrados atrás dos óculos por causa da ventania intensa. Seu contato na cidade, um homem grande chamado Marcos Torin, aproximou-se e deu-lhe a mão para auxiliá-la até a escada. Ele não era particularmente belo, mas Isabel sabia muito bem que o terno Ricardo Almeida que trajava escondia um corpo escultural. Saber que com ele ao seu lado ela estaria totalmente protegida dava-lhe ainda mais charme. Os olhos castanho-escuros de Marcos estavam alegres, felizes em revê-la.

Entraram às pressas no elevador, e Marcos apertou o botão do oitavo andar. Ela apertou o térreo, olhando para ele com um sorriso matreiro.

– Hoje não vou nem parar para um café – disse ela.

– Nossa... o que foi desta vez? Alguém traficando armas de destruição em massa na Catedral da Sé? – brincou, intrigado.

– *Baby*, não, mas é um peixe bem grande... pasta vermelha – seu sorriso escondia algo que ele não pôde decifrar.

– Jura? Ok, então vamos direto – apertou o botão do subsolo. – Estou com as chaves do carro aqui.

Ela pendeu a cabeça para o lado e refletiu por um instante.

– Marcos, sinceramente, acho que quero fazer isso sozinha.

– Ficou louca? – respondeu ele surpreso. – Não vou deixar você ir sozinha. Além de ser completamente contra as regras, eu me preocupo com você.

– Não é perigoso. É só importante.

– Mesmo assim. Pasta vermelha, Isabel! Não preciso saber o que tem dentro dela para ter certeza de que é assunto delicado.

O elevador parou no oitavo andar. As portas se abriram, e um par de homens jovens, muito bem vestidos e com sorrisos cordiais, fez menção de entrar. Marcos espalmou a mão na direção deles, pedindo desculpas, e dizendo que discutiam assunto particular. Seus sorrisos desapareceram enquanto as portas se fecharam.

– Está bem. Mas então você vai ter de me fazer um favor.

– Ih... lá vem – reclamou ele. – O que você quer?

– Não vamos precisar do carro. É aqui perto o endereço. Como você bem sabe, é muito mais rápido ir a pé do que pegar o trânsito insuportável desta cidade.

– Qual é o favor, Isabel? – perguntou impaciente, já esperando mais um dos famosos pedidos escalafobéticos de sua colega.

– Quando eu disser fique aqui, você fica.

– Não. Simples assim. Eu a conheço.

– Por favor, Marcos – implorou melosa, juntando as mãos na frente do rosto. – É importante para mim. Essa merda é séria.

Ele não gostou da ideia, mas concordou relutante.

– Bom, se eu achar que não existe a menor possibilidade de qualquer coisa dar errado, ok. Mas se eu ao menos suspeitar... já sabe né? – disse ele, abrindo de leve o paletó, mostrando para ela o objeto prateado escondido sob seu braço.

– Eu sei. Agradeço a preocupação, mas não será necessário.

Na curta jornada de elevador até o térreo, Marcos lembrou-se brevemente de sua história com Isabel e do quanto adorava trabalhar com ela. Mesmo que suportar seu gênio impulsivo e seu aparente vício em violar protocolos da empresa fosse estressante, sempre que recebia chamadas urgentes para escoltá-la ele se punha em prontidão. Como ele mesmo dizia aos amigos: trabalhar com Isabel é tomar uma ducha de adrenalina. Já haviam passado por diversos casos estranhos e outros até bem perigosos, mas todos em ambientes teoricamente controlados. Mesmo quando ela fazia alguma loucura e ele tinha de intervir, o resultado sempre fora favorável. Porém, todas essas missões vieram de pastas azuis, no

máximo de uma pasta púrpura. Uma missão de pasta vermelha com Isabel era um aviso para que ele estivesse preparado para, literalmente, qualquer coisa.

Passaram pelas gigantes portas de vidro da recepção, saíram para a rua ensolarada e congestionada. Conversaram trivialidades sobre o que tinham feito desde a última vez que se encontraram, seis meses antes. Marcos perguntou sobre a vida em Miami, uma questão que foi respondida por Isabel com um riso irônico, dizendo que vivia nos hotéis do mundo mais do que na casa dela. Caminharam por algumas quadras apenas, então viraram à esquerda, descendo a avenida Brigadeiro Luis Antonio. Cerca de trezentos e cinquenta metros depois, pararam em frente à portaria de um conjunto de apartamentos. Ambos olharam os prédios na frente deles e se entreolharam. Marcos não resistiu à pergunta:

– Tem certeza de que a pasta é vermelha?

– Sou daltônica, por acaso? – respondeu Isabel, áspera, abrindo a bolsa. – Deixe-me verificar o endereço. Tenho certeza de que é aqui, mas não custa checar novamente. Merda, onde foi que deixei a porra do papel? Desenhei um mapinha para... Ah! Aqui está.

– Até um “pasta azul” teria uma casa melhor – comentou Marcos.  
– Você deve ter anotado o endereço errado.

– *Nope. This is it* – Não, é esse mesmo. Respondeu ela, olhando novamente para os prédios. – Bom, como combinamos, esta é a hora: fique aqui!

– Você sabe que isso é completamente fora de protocolo, não sabe?

– Sei – respondeu Isabel sorrindo maliciosa. – E você sabe que tem de me obedecer, não sabe?

– Nossa, vai jogar status na minha cara assim? Mesmo você sendo uma das Perpétuas, eu não tenho que fazer tudo o que passa por essa sua cabecinha – respondeu ele, também sorrindo, fingindo estar ofendido.

– Não estou jogando nada na sua cara, *baby*. Eu sei me cuidar, Marcos. Não se preocupe. Eu realmente gostaria de fazer isso sozinha.

– Ok – respondeu num suspiro. – Mas, por favor, tome cuidado.

– Prometo – disse ela, passando a mão no braço dele, um pouco mais prolongadamente do que deveria, deixando transparecer um carinho além do profissional. – No máximo, teremos a iminência de um cataclismo terrível que vai dizimar a população do planeta, e você vai ter de resgatar a mocinha, matar o vilão e salvar o mundo.

Ele fez uma careta, aconselhando-a a não fazer aquele tipo de comentário.

Ela então se aproximou do interfone no portão, ao lado da entrada de visitantes, e pressionou o botão por um segundo. A voz eletrônica soou distorcida no alto-falante:

– Pois não?

– Desculpe-me, com quem eu falo? – perguntou Isabel, em um tom inocente e solícito. Ajeitou a roupa no corpo, fazendo questão de deixar seus belos seios um pouco mais à mostra.

– A senhora quer ver quem? – disse a outra voz, sem a menor paciência.

– Vim ver uma pessoa, mas não lembro o número do apartamento. Será que o senhor não poderia me ajudar? Como o senhor se chama?

– Reginaldo – respondeu, fazendo a vontade da mulher insistente do outro lado.

Isabel fechou os olhos por um momento, concentrando-se em suas próximas palavras. Então disse, com uma voz séria, quase metálica:

– Reginaldo, abra o portão.

Após um suave apito, o portão se destrancou, e ela empurrou as barras. Passou pela guarita de segurança sem dizer nada, atravessando os jardins do conjunto de prédios. Se mais tarde pedissem para Reginaldo descrever a mulher loura e bem vestida, de uns trinta e poucos anos, que atravessou aqueles portões pela manhã, ele não saberia de quem estariam falando.

A moça olhou ao redor, procurando o prédio correto. Quando confirmou, atravessou uma porta de vidro e subiu pelo elevador. Seu pulso acelerava. Ela tentava conter a excitação – respirava fundo e

dizia para si mesma que estava tudo bem, que ela sabia o que estava fazendo. Ia ser a primeira vez de muitas mais, ela tinha certeza disso. Tudo deveria correr perfeitamente. Era uma tarefa simples. Ela tinha de ser profissional, sucinta e precisa; falaria apenas o que lhe fora indicado, sem tagarelar como estava acostumada, dando especial atenção à mania que tinha de proferir palavras.

Deixou o elevador em passos firmes, no décimo andar, parando na frente da porta indicada no conteúdo da pasta confidencial. Ajeitou outra vez o *tailleur* no corpo, estufou o peito e bateu na porta três vezes. *É agora, não vá fazer merda.*

Quarenta minutos antes, os luminosos raios de sol da manhã paulistana despertaram a pessoa que dormia confortável dentro daquele apartamento.

Sua consciência foi tomando forma ao sentir-se abrigada, segura e, ao mesmo tempo, incomodada pelo calor que sentia em sua pele alva, levemente rosada. Esfregou os braços nos lençóis de algodão, apreciando o efeito a textura macia contra sua pele. Soltou um gemido preguiçoso, virando-se para o lado, abraçada ao travesseiro. Abriu os olhos vagorosamente, olhando através da janela aberta para o céu claro. Correu os dedos pelos cabelos negros, espreguiçou demoradamente e voltou a fechar os olhos, permitindo que sua mente se perdesse nas palavras de Cyndi Lauper que cantava "Time After Time" em algum aparelho de som ao longe.

Mas não por muito tempo.

A garota arregalou os olhos, saltando da cama imediatamente. Olhou assustada à sua volta, reconstruindo sua memória recente a largas passadas. Receosa, saiu do quarto para verificar os outros cômodos, tentando inutilmente encontrar alguma imagem que pudesse associar à memória. Não reconhecia aquele apartamento estranho mas muito bem acabado, mobiliado com móveis de bom gosto, cheio de itens de tecnologia avançada, como uma nova TV de plasma na sala e ar-condicionado de última geração. Ela caminhou atenta, prestando atenção nos mínimos detalhes, e nem assim conseguiu entender onde estava e como chegara ali. A cozinha era

apertada, mas a disposição e o *design* das bancadas dava um ar de amplitude e requinte ao ambiente. Eletrodomésticos de alta qualidade preenchiam os espaços reservados para eles. Sobre a mesa, uma jarra de suco de laranja estava disposta ao lado de um prato vazio, ladeado por talheres, e uma pequena bandeja cheia de pães, frios e um pote de manteiga. A sala era decorada com a mesma perícia: havia um sofá de couro preto sobre um tapete branco, com uma mesinha também preta no centro, criando um belo contraste com o chão de madeira e os quadros coloridos nas paredes, réplicas de grandes obras de pintores famosos.

Só então percebeu como estava vestida, ao reparar em seu reflexo num espelho largo na parede oposta. Espantou-se por trajar apenas uma camiseta branca muito grande para ela e uma calcinha de algodão igualmente branca. Sem pensar duas vezes, passou a mão no corpo, comandando seus trajes a se refazerem em algo apropriado. Eles a ignoraram por completo.

Ela franziu a testa e reservou um instante para pensar no que estava acontecendo. Então riu sozinha, correndo ao espelho da sala. Seu reflexo parecia saído de um sonho imaculado. Aquele rosto rosado, fitando-a de volta com olhos de um azul-claro marcante, sob os cabelos desarrumados após horas de sono, foi para ela como receber o ingresso de entrada para um universo do qual jamais imaginava que voltaria a fazer parte. Jogou os cabelos para trás e riu novamente. Foi até a sala saltitante e debruçou-se na janela, olhando o mundo através de seus novos olhos mortais. Voltou-se empolgada para dentro e, com um grito seco, teve a prova irrefutável de que havia se tornado o que desejava: uma dor aguda lhe subiu pela canela quando ela topou com o dedo do pé na quina da mesa de centro. Caiu de costas no sofá fofo, apertando o pé. Praguejou um pouco, mas logo voltou a rir daquela situação.

Incrédula, ouvia apenas o barulho de música pop que saía baixinho do aparelho de áudio sobre um aparador no canto da sala; o irritante mas, naquele momento, fabuloso som abafado de um aspirador de pó em algum lugar do prédio e o distante ruído dos

carros nas ruas próximas. Não ouvia nada além de sons de suas redondezas.

Sentia calor, um calor gostoso, apaziguado pela brisa suave que entrava desinibida pela janela e refrescava seu corpo. O dedo do pé ainda latejava, mas ela não prestou atenção. Sentia-se incomodada também por outra sensação, mas não sabia descrever exatamente o que era. Ao bater os olhos na cozinha, riu sozinha novamente ao sentir a boca salivar, acompanhando o ronronar do estômago. Mas aquilo poderia esperar mais alguns minutos; afinal sua pele não era mais lisa e seca, como estava acostumada, estava agora envolvida em uma fina camada de suor oleoso. Pulou do sofá e fechou a janela. Então encarou duvidosa o aparelho de ar-condicionado, tentando encontrar algum botão que o fizesse funcionar; entendeu depois que ele só funcionava com o controle remoto disposto na mesinha de centro. O ar frio que exalou juntamente com o leve zumbido do aparelho começou lentamente a preencher a sala. A garota deixou um leve e agudo gemido de alegria lhe escapar dos lábios e, após jogar o controle remoto no sofá, dirigiu-se para o banheiro.

Girou a torneira identificada por uma pequena letra F e ativou o chuveiro. Deu um gritinho assustado quando a água fria atingiu-lhe em cheio, estremecendo-lhe o corpo. Ela se afastou, arrepiada, olhando a água cair e abraçando o próprio corpo. Esticou a mão à outra torneira, abrindo um pouco a água quente para misturá-las. Definitivamente, seu corpo não era mais o que costumava ser.

Vinte minutos depois, secou-se com a macia toalha amarela de algodão que pendia de um pequeno gancho na parede. Empurrou para o lado as portas dos armários do quarto, espelhadas na parte de fora para causar a ilusão de ampliar o espaço do cômodo. Alguns vestidos coloridos e *blazers* femininos estavam dispostos cuidadosamente em cabides de plástico, sobre duas pequenas pilhas de calças. Logo abaixo, seis gavetas guardavam mais roupas, mas ela nem sequer as verificou para descobrir o que escondiam. Pegou um vestido longo, de estampa azul e branca, alças finas e tecido leve, para cobrir o corpo, pensando em praticidade antes de

conforto. Foi descalça até a cozinha. Encheu o copo de suco até a borda e bebeu seu conteúdo em longos goles. Com a ponta dos dedos, pegou uma fina fatia de presunto, e saboreou como se nunca tivesse provado coisa igual. Já segurava a faca na mão, pronta para abrir um pão e fazer um belo sanduíche, quando ouviu três toques em sua porta.

Não pensou em problemas. Dirigiu-se para lá e abriu-a otimista.

Uma mulher alta e loura, trajando roupas executivas, olhava para ela com um sorriso atencioso no rosto.

– Senhorita Ahmnat? É um enorme prazer conhecê-la – disse Isabel em português.

– Obrigada, mas... eu deveria saber quem é você? – perguntou Ahmnat, esboçando um sorriso.

*Merda. Tapada. Apresente-se!*

– Perdoe-me, senhorita. Meu nome é Isabel Perloni. Trago informações e documentos que serão necessários para a continuidade de sua vida mortal. Posso entrar?

– Claro, fique à vontade – respondeu, abrindo caminho e fazendo um gesto para que a mulher entrasse. Fechou a porta, completando a frase –, só me faça um favor, Isabel, não me chame de senhorita.

– Perfeitamente, Ahmnat – respondeu Isabel, acomodando-se no sofá e evitando olhar diretamente para ela. Retirou prontamente a pasta vermelha da bolsa, apoiando-a sobre o colo. – Não vou tomar muito de seu tempo, Ahmnat, apenas vou lhe entregar o que me foi pedido e esclarecer qualquer dúvida que você possa ter.

Ahmnat sentou-se perto dela, no outro sofá, dobrando-se sobre os joelhos para ver o que continha a pasta que Isabel apoiara sobre a mesa. Eram papéis diversos, incluindo uma certidão de nascimento e um pequeno envelope plástico que envolvia seu novo registro geral e um passaporte.

A loura separou alguns papéis e girou-os sobre a mesa em sua direção.

– Primeiro, como você se sente? Suas instalações estão confortáveis?

– Sim. Não posso afirmar que tive tempo para examinar detalhes, mas à primeira vista parece tudo bem. E o conforto é mais que suficiente – respondeu Ahmnat, voltando a se recostar no sofá. Apontou para a papelada sobre a mesa e continuou. – O que são todos esses papéis?

– Aqui estão os principais documentos necessários para que você seja reconhecida como uma mortal. Certidões, passaporte, atestados médicos... enfim... Você entende que a vida cotidiana requer esse tipo de identificação. Na prática, esta é uma coletânea de documentos que completam a sua vida mortal até agora – Isabel fez uma breve e educada pausa, dando espaço para que Ahmnat pudesse fazer alguma pergunta. Como ela permaneceu calada, olhando para os papéis, concluiu. – Fique à vontade para analisá-los, se desejar.

Ahmnat apenas balançou a cabeça positivamente. Pegou os papéis e recostou-se em sua poltrona, passando os olhos pelos documentos. Isabel aproveitou o desvio de sua atenção para observar o rosto, belo mas comum, e a forma física da garota aparentemente trivial com quem conversava, ali sentada despojada, trajando apenas um vestido azul, de pernas cruzadas. Havia imaginado uma figura imponente e sisuda, não aquela menina de um metro e setenta e rosto alegre, jovial. *Ela foi Morte! Puta que pariu! Tem mais de quatro milênios de existência!*

Ahmnat interrompeu seu breve devaneio com uma pergunta, pegando-a de surpresa.

– Alice? – ergueu os olhos para a moça.

– Não. Isabel – respondeu rápido, voltando para a realidade.

– Eu sei, Isabel. Estou falando sobre o nome nestas certidões e documentos – disse Ahmnat, achando graça no desconforto da mulher.

– Oh, desculpe – sorriu Isabel, querendo enfiar a cabeça num buraco no chão. – Sim, foi escolhido outro nome para você, facilmente identificável e um tanto internacional, para que você não tenha problemas em se misturar com a população. Um nome de fácil

pronúncia e de recepção ordinária, para que sua privacidade seja preservada.

– Tem certeza de que não sugeriram este nome por eu ter acabado de sair do “País das Maravilhas”? – brincou Ahmnat.

– O quê? Não! – desconsertou-se Isabel. – Bom, acredito que não. Não sei. Mas imagino que eles não fariam isso.

– Isabel, relaxe – disse calmamente para ela. Sua voz possuía um tom amistoso. – Não vou mordê-la. Sou apenas mais uma humana no mundo.

– Agradeço, Ahmnat. Devo admitir que estou, sim, apreensiva em estar aqui, falando com alguém tão... experiente. Tão antiga... – algo lhe dizia para calar a boca naquele momento, mas ela não ouviu. – Você deve ter passado por tanta coisa!

– Passei sim – disse ela, voltando os olhos para os documentos. – Mas perdoe-me se no momento a última coisa que quero fazer é relembrar minha história.

– Claro, claro. – *Porra, Isabel, cala a boca!*, pensou a loura.

– Alice Femi – disse Ahmnat, baixinho, lendo os documentos. – Até que gosto.

– Sim, Femi vem do egípcio “amor” e... – percebendo que Ahmnat deu apenas um risinho, sem tirar os olhos dos papéis, calou-se. *Ela nasceu lá, idiota!* Ficou muda, apenas aguardando paciente que ela terminasse de analisar os papéis.

Não demorou muito.

– Bom, Isabel, eu vejo isto outra hora. Sei que são documentos importantes, mas não vou me preocupar com isto neste momento.

– Muito bem, agora aqui está seu cartão bancário – esticou para Ahmnat um cartão plástico prateado –, usado para, bom você sabe, comprar coisas. Infelizmente, deve ter ocorrido algum erro, pois as informações que tenho são de que sua conta bancária tem somente cem mil reais. Mas não se preocupe com isso, farei o possível para que seja injetado mais dinhei...

– Isabel – interrompeu a garota, sorrindo –, não se preocupe com isso. Eu pretendo arrumar um emprego. Para ser sincera, eu quero arrumar um emprego. Jamais desejaria passar a vida aqui sem um

propósito. Não se preo-cupe comigo. Era exatamente essa a intenção que eu tinha ao vir para cá.

A loura estava começando a se sentir mais à vontade, não mais retesava os músculos e já parara de esfregar a mão livre na quina do sofá. Ela fez um sinal com a cabeça e abriu a oportunidade para Ahmnat esclarecer suas dúvidas, se preparando para responder exatamente o que decorara do dossiê, sem enrolar e, principalmente, sem falar besteira:

– Enfim, acho que é só isso. Agora pergunte o que desejar, e eu darei o meu melhor para responder.

– Muito bem – disse Ahmnat, apoiando os papéis na mesa de centro e recostando-se de volta no sofá. Cruzou os dedos na frente do corpo e perguntou séria. – Qual é a marca de seus sapatos?

A moça quase tossiu ao ouvir a pergunta. *Ela deve estar brincando comigo!* Olhou fixamente para a garota na sua frente, mas esta permaneceu séria. Seu rosto jovial carregava a expressão milenar. A voz saiu de sua boca como um sussurro.

– São Jimmy Choo, que comprei em...

– Que dia é hoje? – interrompeu Ahmnat de supetão.

– Hoje? Como ass... hoje é dia dois de fevereiro de dois mil e quatro.

– O que você comeu no café da manhã?

– Uma omelete de queijo, no avião – respondeu rápido, um sorriso se formando nos lábios.

– Quanto tempo faz que você bateu na minha porta?

Ela olhou rapidamente para o relógio dourado, fino, preso em seu pulso.

– Vinte e seis minutos.

– Qual sua fonte de cafeína preferida?

– Chocolates. Todos!

– Bebida alcoólica?

– Qualquer coisa com vodka – finalmente, Isabel abriu um largo sorriso.

Ahmnat também.

– Agora que tiramos as coisas importantes do caminho, diga-me: para quem você trabalha?

– Trabalho para uma companhia que cuida dos interesses do mundo além deste – incorporando o clima bem-humorado, continuou. – Até para mim é um tanto difícil explicar, na verdade. É uma longa hierarquia. Brincam que provavelmente o chefe é Deus em pessoa. Temos escritórios em diversos países e cuidamos de casos ligados à religião mundial, ou de qualquer um que venha de lá para cá, basicamente.

– Explique-me esse “qualquer um que venha de lá para cá”. Isso acontece com frequência?

– Bom, não posso afirmar sobre a frequência, mas sei que já aconteceu diversas vezes. Almas que retornam por razões diferentes, anjos caídos, etc. Infelizmente não costumo lidar com esse tipo de caso. Para falar a verdade, você é meu primeiro. A maioria das vezes lido com mistérios bem mais humanos, como fanáticos religiosos tentando provar algo, eventos supostamente milagrosos ou mesmo algumas poucas pessoas com habilidades especiais. Somos o que você poderia chamar de controladores da atividade paranormal no planeta.

– Desculpe, mas não tenho como não compará-los com os “caça-fantasmas” – riu Ahmnat. – Mas parece-me que seu trabalho é mais abrangente.

– Sim, é bem mais abrangente que isso – Isabel falou rindo.

– Quem ficou no meu lugar?

– Não disponho dessa informação, Ahmnat, mas posso tentar conseguir.

– Não, não se preocupe. Acho que nem quero saber. Já não é mais problema meu, e é muito gratificante não ter mais este tipo de preocupação. Vou deixar isso para vocês.

Isabel balançou a cabeça.

– É para isso que estamos aqui!

– E como vocês fabricam esses documentos, digo, como criam essas inúmeras certidões e atestados para situações como a minha?

– Ah! Essa pergunta estava prevista, e fui instruída a responder que não é só o Diabo que possui bons advogados.

Ahmnat riu, imaginando de onde aquilo teria vindo.

– Você comentou sobre pessoas com habilidades especiais. Que tipo de pessoas?

– Existem no mundo diversas pessoas com habilidades especiais e sobrenaturais que às vezes agem além do padrão aceitável por nossa empresa. Sendo assim, nós somos aqueles que as colocam de volta nos eixos.

– Ou eliminam o problema – afirmou Ahmnat.

– Sim. Por assim dizer. Mas não caçamos essas pessoas e, para ser sincera, são raros os casos que necessitam de nossa atenção. Somos instruídos a intervir somente quando algo foge muito ao nosso controle e ameaça a estabilidade do planeta. Do contrário, apenas deixamos acontecer.

– Você sabe se alguma outra entidade voltou além de mim? Digo, já fizeram isso com outra entidade?

– Sim. Sei que isso já aconteceu, mas esses eventos são tão raros, que não tenho a informação precisa sobre quem o fez ou com quem aconteceu. Mesmo assim, imagino que essa burocracia para inserir alguém de volta na sociedade seja algo bem recente. O que sei que acontece com mais frequência é o ocasional retorno de almas humanas normais. Infelizmente não tenho como informá-la das razões para tal reinsertão. Como disse, você é a primeira pessoa com quem tenho de lidar neste tipo de trabalho.

– Entendo... Isabel, pensando bem, eu tenho um monte de perguntas para fazer, mas não estou com vontade de fazê-las agora. Existe alguma forma de entrar em contato com vocês ou de agendarmos uma entrevista apropriada para outro dia?

– Claro, sem dúvida – já esperando por aquilo, a loura esticou-lhe um cartão de visita, previamente colocado em um bolso para rápido acesso. – Este é meu número, pode me ligar a qualquer momento. – *Merda, o telefone!* – Ah! Quase me esqueci! Perdoe-me. Aqui está um telefone celular para seu uso pessoal. Não se preocupe com a fatura. Ele é parte de um programa de nossa empresa.

Colocou o aparelho delicadamente sobre a mesa de centro.

– Ainda bem! – zombou Ahmnat. – Não quero pagar o custo de uma ligação para o Limbo se precisar fazer uma ligação para algum arcanjo.

Isabel não conteve uma risada gostosa.

– Permita-me dizer que você é bem diferente do que eu esperava, Ahmnat. Obrigada por me fazer sentir confortável. Espero sinceramente que você também esteja apreciando o que lhe foi dado e que se sinta à vontade para entrar em contato caso deseje alguma outra coisa. Resumindo, espero que você esteja se sentindo muito bem.

Ahmnat apenas sorriu.

Trocaram mais algumas frases e despediram-se.

Ahmnat voltou faminta para seu aguardado café da manhã, abusando dos recheios disponíveis. Para ela, comer daquele jeito – não somente para degustar uma iguaria, mas também para sustentar novamente um corpo mortal – acabara de se tornar um novo prazer. Passou mais de uma hora saboreando sua refeição.

Neste tempo, Isabel reencontrou-se com Marcos, orgulhosa e feliz. O homem muito bem vestido a aguardava paciente na calçada. Ele perguntou como havia sido o trabalho, ao que ela prontamente respondeu: Melhor, impossível! Marcos quis entrar em detalhes, mas ela não revelou nada do que acontecera no apartamento, frisando: pasta vermelha, boca fechada. Só cedeu à insistência de Marcos quando ele a chamou para tomar um drinque à noite. Ela recebera o resto do dia de folga e só retornaria para os Estados Unidos na manhã seguinte, então aceitou o convite para beber algo no luxuoso hotel em que se acomodara durante aquele período. Mesmo sabendo que, com Marcos, mais uma vez, não seria “só um drinque”.

Por volta das dez horas daquela manhã, Ahmnat saiu de seu pequeno e aconchegante apartamento. Protegeu os pés com sandálias finas, casuais, colocou os novos documentos dentro de uma pequena bolsa a tiracolo que encontrou num dos armários e achou cômico encontrar um par de óculos escuros sobre a

penteadeira. *É... agora a luz forte vai incomodar.* Colocou os óculos no rosto, saiu do prédio e foi caminhar.

Andou pela região. Adorou a sensação de estar viva novamente. Estava excitada com as infinitas possibilidades que se colocavam à sua frente e imaginava qual seria o trabalho que escolheria. *Tem de ser algo simples, sem muitas responsabilidades.* Tudo o que ela não queria era ter de lidar com situações complexas. *Psicologia? Recursos humanos? Apresentadora de TV? Agente de segurança? Guarda-costas do Diabo?* A cada hipótese que imaginava, sorria por dentro, divertindo-se solitária com sua situação.

Até que, em seu caminho, ela avistou o museu e suas colunas vermelhas que sustentavam o enorme prédio sob o qual ela conhecera a versão humana de Destino. Um arrepio lhe subiu pela nuca. Ela balançou a cabeça e prometeu não pensar mais naquilo tudo. Tinha uma vida nova agora.

*O que passou passou.*

Mais uma promessa que ela não ia cumprir.

Após quatro horas de caminhada, apreciando a dor nos músculos da perna como se nunca tivesse sentido aquilo, nem mesmo em sua infância perdida em séculos passados, sentiu fome novamente, mas, mais do que isso, sentiu no ventre uma pressão que a fez se lembrar de um fato fisiológico que ela não poderia mais ignorar. Seguiu para um banheiro público apressadamente.

Almoçou num restaurante confortável, cheio de pessoas de trajes e estilos bem diferentes, comprou três livros em línguas distintas, fez seu cadastro numa locadora de filmes só para usar sua nova identidade.

– Nome? – perguntou o rapaz atrás do balcão.

– Alice Femi – respondeu alegre.

Ela não esperava que seu dia ainda lhe reservasse uma visita especial.

Sentada no Parque Trianon – um belo parque público, cheio de árvores altas, no meio de uma das mais movimentadas regiões da cidade, como um oásis de paz cercado pelo caos –, num banco de madeira, rodeada pela flora acolhedora, protegida por troncos que

por vezes passavam de um metro de diâmetro, a nova Alice folheava as primeiras páginas de um romance.

Eu me aproximei, em passos lentos. Ela percebeu. Ergueu os olhos sem mover um músculo do rosto em minha direção e baixou-os novamente às páginas de seu livro. Sentei-me a seu lado. Estava usando roupas consideradas elegantes, um terno escuro de corte fino por cima de uma camisa branca e uma gravata azul-marinho, mas ela não voltou a tirar os olhos de seu livro em momento algum durante nossa breve conversa.

– Bem-vinda ao mundo real – disse, admirando a escultura Fauno, de Victor Brecheret, que se destacava do cenário à minha frente.

– Obrigada – respondeu, virando uma página, sem nenhum traço de agradecimento na voz –, estou apreciando muito. Seja lá quem tiver dado a ordem para me colocarem de volta no mundo, foi muito bem-vinda.

– Ninguém deu a ordem. Você fez uma aposta e perdeu. Está sofrendo as consequências.

– Se eu soubesse que sofreria tanto – disse ela com um risinho sarcástico –, já teria perdido faz tempo. Talvez essa história toda tivesse tido um final menos... trágico.

– Exato. Tenho de concordar que não foi bonito. Foi também um tanto exaustivo encontrar alguém para substituí-lo em um tempo tão curto. Espero que ele dê conta do trabalho e que não faça nenhuma aposta estúpida.

– Para vocês terem colocado ele lá, suponho que seja alguém muito criativo. Então tenho certeza de que fará um trabalho impecável. Toda entidade nova o faz. Isso, claro, se vocês não se meterem na vida dela.

– Morte, não culpe o resto do mundo por suas...

– Meu nome é Alice, e eu não sei do que você está falando – interrompeu Ahmnat.

– Perdoe-me. Força do hábito.

Ficamos em silêncio por um instante. Ela o quebrou.

– Imagino que Uriel seja oficialmente Morte agora?

– Correto.

– Dos males o menor, eu acho. Ele sempre quis isso... e me serviu decentemente por mais de cem anos. Não posso reclamar. Só acho ele meio... exagerado.

– Você tem razão, ele é. Porém, considerando sua origem não humana, acho que não teremos problemas. Você o ensinou bem como se comportar. E, além disso, ele está certamente satisfeito por ter um novo propósito.

– Eu realmente espero que você não esteja me incluindo quando diz “não teremos problemas”. E eu sei que era ótima como Morte, não precisa elogiar tanto. Mas não tenho a menor intenção de voltar a sê-lo.

– Não, não estou incluindo você – balancei a cabeça, deixando escapar um leve suspiro da boca. – Você tem agora seu descanso merecido. E sim, você foi muito valiosa para nós.

– Não suspire, por favor – disse ela. – Vai acabar com sua imagem de mistério e certeza inabalável. Não vou poder mais chamá-lo de Maldito.

– Achei que você já tivesse deixado esse apelido de lado.

– Perdoe-me. Força do hábito – disse ela, irônica.

– Foi uma decisão difícil aparecer para você assim. Considere como um voto de confiança e agradecimento.

– Sinceramente? Acho que você deveria ter vindo todo enrolado no seu cobertor de sombras, com aquela voz ameaçadora e retumbante.

– Por que acha isso? – perguntei.

– Porque agora não sei se o chamo de Maldito ou de Maldita – respondeu ela sorrindo.

– Não gosto de suposições e me sinto confortável em minha forma real. Porém isso não é um assunto que eu queira debater. Além disso, seus olhos mortais não suportariam a forma com a qual você se acostumou.

Ela virou mais uma página de seu livro. Então fez a pergunta que desejava fazer desde que me aproximei.

– Como eu ainda sinto a mesma sensação que sentia quando você chegava perto? Achei que o acordo descrevia que eu seria uma

humana normal.

– Você é uma humana normal, mas tudo é ainda muito recente. Você foi muito poderosa como Morte... parte desses poderes se ligaram à sua alma. Não se preocupe, essas sensações vão desaparecer com o tempo.

– Acho bom. Eu realmente não tenho o menor desejo de ser uma...

– Não vai ser. Não se preocupe – respondi o que ela teria perguntado.

– Ah é... vocês leem mentes mortais. Interessante.

– Ahmnat, posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

– Pode. Mas é mais fácil você entrar na minha cabeça e pescar a resposta.

– Já fiz isso – expliquei –, mas gostaria de ouvir da sua boca.

– Os mortais têm razão quando dizem que isso é falta de educação. Sinto-me insultada com você fuçando meu cérebro. Vamos lá, pergunte.

– Por que você se deu ao trabalho de salvá-las, arriscando-se daquele jeito?

– De quem você está falando?

– Você sabe muito bem de quem. Diga-me por quê?

– Sim, claro que sei – respondeu ela, sorrindo novamente –, mas queria ouvir esse tom autoritário de novo.

– Cresça, Morte. Alice! O que quer que seja – disse impaciente com o humor infantil dela perante uma pergunta séria.

– Pois eu achei que Ele fosse gostar da minha decisão. Afinal, era de fato a neta Dele, por assim dizer. E Lilian... ora, nunca é bom separar uma filha dos cintilantes olhos azuis de sua mãe; ela poderia crescer revoltada com o mundo. Por isso joguei as duas para corpos diferentes, em outro lugar do mundo. Havia percebido que os arcanjos não sabiam exatamente como meu poder funcionava, então improvisei. E depois soube que, do outro lado do mundo, disseram ter sido um milagre mãe e filha saírem com vida do acidente de carro que sofreram.

– Foi muita sorte você ter encontrado uma mulher grávida recém-falecida para pôr em prática sua ideia mirabolante.

– Bom, não foi *exatamente* sorte – respondeu ela, irônica.

– Ahmnat, o que você fez? – perguntei. Minha curiosidade transparecia.

– Nada. Juro! Ela que não deveria dirigir embriagada – respondeu rápido e mudou de assunto, claramente escondendo algo. Respeitei sua decisão e não investiguei seus pensamentos. – Enfim, isso já faz mais de vinte anos. Eu não era nem nascida ainda, de acordo com meus novos documentos.

– Que bom que você deixará os acontecimentos passados no passado.

– O que passou passou – disse meneando a cabeça.

– E você acertou ao imaginar que Ele gostaria de sua decisão. Digamos que ficou bem satisfeito. Sua ousadia finalmente serviu para algo de valor.

– Olha a hipocrisia Divina presente aí de novo! Juro que não vou sentir falta.

Ficamos em silêncio por um par de minutos. Então ela percebeu minha intenção de deixá-la e se precipitou:

– Vou sentir sua falta, arcanjo. É uma pena que, depois de hoje, você não poderá mais fazer suas visitinhas repentinas.

– Fique bem, Menina-que-foi-Morte. Que sua vida seja cheia de momentos prazerosos.

– Já está sendo. Isso eu garanto. Só o fato de voltar a sentir meu sono, minha fome, minha dor, e não o sono, a fome e a dor dos seis bilhões de mortais no planeta, já é um consolo. Posso me preocupar só comigo... não tenho de aguentar o jogo de egos do além-vida... a lista é extensa. Só me faça um favor, depois que partir... e se Ele permitir, claro...

– O que deseja?

– A próxima vez que encontrar Vidhora, diga a ela que eu sinto muito.

– Farei isso na primeira oportunidade.

– Mesmo se Ele não deixar?

– Sei usar de discreta persuasão – respondi, ao colocar-me de pé.

Caminhei para longe dela, sem dizer mais nada. Andei pelos belos caminhos de pedra do parque, aguardando pacientemente um momento apropriado para entrar em estado etéreo e reassumir a forma que ela conhecia. Mortais passavam por mim sem prestar atenção – pessoas corriam por esporte, com seus aparelhos sonoros presos no braço; homens de negócios desfrutavam seus poucos minutos de sossego entre o almoço e o retorno às suas salas banhadas por luzes fluorescentes; amantes do mesmo sexo riam ao encontrarem um instante mais solitário para trocarem um beijo sem serem alvo de olhares descontentes; um vendedor de sorvetes conversava amistosamente com um dos faxineiros do parque sobre um jogo de futebol que ia ocorrer. Andei entre eles, como eles. Pensei em Ahmnat, na garota que agraciou a Criação com seu ímpeto insolente e tão marcante. Inspirado por sua ousadia, comprei uma Coca-Cola e um cachorro-quente. Em todos os meus anos de existência, aqueles foram os primeiros produtos humanos que experimentei, sentado sozinho em um banco de pedra.

Joguei o plástico que envolvia o sanduíche no lixo, juntamente com a lata vazia e o guardanapo sujo. Caminhei. Disse “boa tarde” para um casal que passava abraçado e fui ignorado. Coloquei uma nota de cinquenta reais no copo de uma senhora de idade que pedia esmolas. Ela comprou comida para si e guardou o resto para o dia seguinte. Sem que ele soubesse, removi o princípio de câncer da garganta de um senhor que alimentava os pombos. Criei uma convulsão estomacal em um operário prestes a trair a mulher. Respirei a fumaça tóxica de um ônibus lotado.

Em dado momento, já a diversas quadras de onde encontrei a mais nova adição ao mundo mortal, me percebi só e parti. Joguei-me para cima, abrindo as asas com força e alçando aos céus. Permiti que o ar corresse rápido entre meus dedos, esforçando-me para sentir novamente o prazer da Criação – o prazer que ela sentiu, que ela sentia. Tentei lembrar o que tantos anos de conflito e problemáticas discussões apagaram de minha memória. Aquela

menina egípcia despertou em mim algo que eu não acreditei que pudesse sentir novamente: a lembrança do amor pelo mundo.

Eu não tinha o direito de traí-la daquele jeito. Mas isso tinha de ser feito.

Ahmnat, a Morte. Ela não fora simplesmente um perfeito instrumento no jogo do além-vida, mas sim a peça-chave entre o Paraíso e o Inferno. A força motriz que um dia causaria a compreensão entre nós. Ela não poderia simplesmente voltar a ser mortal, frágil e sem a devida importância. Não. Ela era valiosa demais para ser descartada. Era valiosa demais para ser perdida.

Pensei nela o resto do dia.

Não sabia quanto tempo ela ia demorar para notar que ainda conseguia entender as intenções mortais, para perceber que podia influenciar suas mentes e, sutilmente, ainda sentir suas almas. Quantos meses se passariam até ela entender que não adoecia, que seu corpo possuía uma resiliência muito além da humana. Imaginei o quão frustrada ela ficaria quando percebesse que não era, nem de longe, uma mortal comum, que alguns de seus poderes ainda permaneciam em seu corpo, dormindo latentes para quando fossem necessários novamente.

Ela era muito importante para ser descartada e, na verdade, seria um desperdício da energia e do extenso tempo utilizados para criá-la. Eu tive de fazer o que fiz.

Porém, sinceramente, não me importava. Ela havia tido sucesso em tantas ocasiões, fora um trunfo tão valioso entre as figuras marcadas do além-vida! Tinha de entender que não poderia simplesmente se perder entre os mortais e achar que tudo ficaria bem. E se ela não entendesse, isso seria um problema dela.

Um dia ela ia erguer os olhos para cima e praguejar contra mim.

Não adiantaria nada. Nunca adiantou. Pois eu desejei torná-la especial e assim o fiz. E eu faço tudo o que quero.

Até mesmo quando eu quis a Luz, a Luz se fez.



NÃO PERCA O SEGUNDO  
VOLUME DA SÉRIE

*Ahmnat*  
A MÃE DE TODOS OS PECADOS

Copyright © 2011 by Editora Gutenberg  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Copyright © 2011 Julien De Lucca  
Copyright © 2011 Editora Gutenberg

**LAIA**

**Luís De Lucca**

marco castro

**Diogo Droschi**

**EXTENSÃO ELETRÔNICA**

**Christiane Morais de Oliveira**

nação oratio

**Cecília Martins**

revista

**Lya Coróiova**

amem ramos

**Gabriela Mascarenha**

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

11-11029

02011-0206-7

**EDITORA GUTENBERG LTDA.**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, Horsa L, 115 andar, Conj. 1101  
Cerro do Caxup. São Paulo, SP, 01311-940  
Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Almeida, 981, 8º andar, Funcionários  
30140-071, Belo Horizonte, MG  
Tel.: (55 31) 3222 6819

Televendas: 0800 283 13 22  
[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

De Lucca, Julien

Ahmad - os amores da Mãe / Julien De Lucca.  
Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2011.

ISBN 978-85-8062-008-5

1. Ficção - Literatura juvenil 2. Romance histórico 3. Fantasia 4. Literatura brasileira I. Título.

11-11029

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

# Table of Contents

[Ahmnat](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[O Maldito](#)

[O faraó](#)

[O senhor do Oriente](#)

[O Messias](#)

[A mensageira](#)

[O poeta](#)

[A filha de Lúcifer](#)

[A aposta](#)

[Epílogo - Existe vida além da morte?](#)

[Créditos](#)